



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

A SOLIDÃO E A PESSOA IDOSA INSTITUCIONALIZADA

**Relatório de Estágio apresentado à Universidade Católica Portuguesa para
obtenção do grau de mestre em Serviço Social**

por

Inês Margarida Loisas Ribeiro André

Faculdade de Ciências Humanas

Outubro, 2013



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

A SOLIDÃO E A PESSOA IDOSA INSTITUCIONALIZADA

**Relatório de Estágio apresentado à Universidade Católica Portuguesa para
obtenção do grau de mestre em Serviço Social**

por

Inês Margarida Loisas Ribeiro André

Sob orientação de

Doutor Henrique Joaquim

Faculdade de Ciências Humanas

Outubro, 2013

RESUMO

Este relatório insere-se no âmbito de um estágio realizado na Lar Santa Catarina Labouré, nas Casas São Vivente de Paulo. Para além de proporcionar um contacto mais próximo com o trabalho dos Assistentes e com a realidade de uma institucionalização, este estágio, abriu espaço para uma reflexão aprofundada sobre a experiência de solidão dentro de uma instituição.

O sentimento de solidão, para além de derivar de múltiplos fatores, é subjetivo, uma vez que a perceção da pessoa idosa institucionalizada face à sua experiência com este sentimento, é singular. Desta forma, o contacto direto com os utentes do lar possibilitou perceber as complexidades e causas deste sentimento, bem como a definição de uma possível abordagem por parte da instituição face ao utente que se sente só.

No presente relatório encerram-se cinco capítulos. No primeiro capítulo justifica-se o estágio e descrevem-se os objetivos, a metodologia usada durante o processo do mesmo. No segundo faz-se uma caracterização da instituição e das suas valências e são apresentadas as atividades desenvolvidas. No terceiro tem como base a análise entre o conceito de solidão e a experiência da institucionalização. No penúltimo capítulo faz-se um balanço entre os objetivos traçados e os alcançados e apresentam-se também algumas propostas para uma intervenção direcionada para a problemática transversal a todo este relatório, a solidão. O quinto e último capítulo é fruto de uma reflexão sobre toda a experiência do estágio.

Conceitos-chave: Pessoa idosa, Institucionalização, Solidão

ABSTRACT

This report falls under an internship conducted in a long-term care facility, Santa Catarina Labouré, which belongs to Casas São Vivente de Paulo. This internship, in addition of providing a closer contact with the day-to-day work of the Social Workers, and with the reality of an institutionalization, opened space for a reflection on the experience of loneliness within an institution.

Although the experience of loneliness derives from multiple factors, it is also very subjective due to the fact that the perception and experiences of the older people who are institutionalized are very different and unique. There for, the direct contact with the older people in the institution allowed me to understand the complexities and causes of this feeling, as well as a definition of a possible approach from the institution in relation to the elder person, whom feels lonely.

This report contains five chapters. The first chapter justifies the internship and describes the objectives, the used methodology. The second one contains a characterization of the institution and its valences and activities pursued throughout the internship. The third chapter is an analysis between the concept of loneliness and the experience of institutionalization. The penultimate chapter is a balance between the goals that were set and the goals that were achieved. The same chapter also presents some proposals for a targeted intervention for the issue throughout this report, loneliness. The fifth, and last chapter, is the result of a reflection on the whole experience gained during the internship.

Key-concepts: Aged people, Institutionalization, Loneliness

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço aos utentes do Lar Santa Catarina Labouré, pelo carinho, pelas conversas e pela entrega. Obrigada por todos momentos que me fizeram crescer enquanto pessoa e enquanto profissional.

À equipa do Lar Santa Catarina Labouré, que me acolheu. Obrigada pela disponibilidade e por me terem proporcionado condições para a realização do estágio.

Ao meu orientador, Doutor Henrique Joaquim, pela atenção, pela dedicação. Obrigada pelo incentivo e pelas palavras amigas.

Um agradecimento especial, à minha mãe, ao meu pai, ao Tiago e à Diana por todo o amor, carinho, atenção e apoio. Obrigada por me fazerem olhar sempre em frente e acreditar.

ÍNDICE

Nota Introdutória

1. Justificação do Estágio, Objetivos e Metodologia	pp. 1
1.1. Justificação do estágio	pp. 1
1.2. Objetivos	pp. 1
1.3. A população idosa institucionalizada no lar Santa Catarina Labouré	pp. 3
1.4. Metodologia	pp. 4
1.4.1. Técnicas e instrumentos utilizados na recolha de dados	pp. 5
1.4.1.1. Observação participante	pp. 5
1.4.1.2. Entrevistas	pp. 6
1.4.1.3. Pesquisa Documental	pp. 8
 2. A Associação de Beneficência "Casas São Vicente Paulo"	pp. 9
2.1. O lar de Santa Catarina Labouré	pp. 10
2.1.1. Do processo de admissão à saída	pp. 11
2.1.2. Rotinas e Atividades no Lar	pp. 12
2.2. Actividades desenvolvidas	pp. 12
2.2.1. No Centro de dia	pp. 12
2.2.2. No Serviço de Apoio Domiciliário	pp. 14
2.2.3. No lar	pp. 15
2.2.3.1. Modelo de Intervenção	pp. 15
 3. A institucionalização e a solidão	pp. 18
3.1. Perceção sobre a solidão	pp. 24
3.2. Significados sobre a institucionalização	pp. 25
3.3. Estratégias para fazer face à solidão	pp. 32
 4. Perspetivas Futuras	pp. 39
 5. Considerações Finais	pp. 43
 Bibliografia	pp. 46
 Anexos	
Anexo A – Índice de Katz	pp. 50
Anexo B – Diário de Campo	pp. 52
Anexo C – Entrevistas aos Utentes	pp. 115
- Grelha das Características gerais dos utentes entrevistados	
- Guião da Entrevista	
- Transcrição, Tratamento e Pré-Categorização	

- Grelha de Análise de Conteúdo

Anexo D - Entrevista à Coordenação Técnica do Lar pp. 366

- Guião da Entrevista

- Transcrição, Tratamento e Pré-Categorização

- Grelha de Análise de Conteúdo

Anexo E – Ficha de Avaliação do Utente pp. 408

*Parado e atento à raiva do silêncio
de um relógio partido e gasto pelo tempo
estava um velho sentado no banco de um jardim
a recordar fragmentos do passado*

*na telefonia tocava uma velha canção
e um jovem cantor falava da solidão
que sabes tu do canto de estar só assim
só e abandonado como o velho do jardim?*

*o olhar triste e cansado procurando alguém
e a gente passa ao seu lado a olhá-lo com desdém
sabes eu acho que todos fogem de ti pra não ver
a imagem da solidão que irão viver
quando forem como tu
um velho sentado num jardim*

*passam os dias e sentes que és um perdedor
já não consegues saber o que tem ou não valor
o teu caminho parece estar mesmo a chegar ao fim
pra dares lugar a outro no teu banco do jardim*

*o olhar triste e cansado procurando alguém
e a gente passa ao seu lado a olhá-lo com desdém
sabes eu acho que todos fogem de ti pra não ver
a imagem da solidão que irão viver
quando forem como tu
um resto de tudo o que existiu
quando forem como tu
um velho sentado num jardim*

Mafalda Veiga – “Velho”(1987)

NOTA INTRODUTÓRIA

O presente relatório de estágio em Serviço Social tem como tema: *A solidão e a pessoa idosa institucionalizada*. Este tema nasce da necessidade de conhecer as perspectivas da pessoa idosa institucionalizada face ao conceito de solidão uma vez que este é transversal à maioria das pessoas, mas não é de todo um conceito linear. Cada indivíduo experiencia a solidão de uma forma pessoal e retrata a própria experiência à luz do seu percurso de vida. Simultaneamente, sendo a solidão um sentimento que está diretamente relacionado com a qualidade das relações sociais de uma pessoa, nasce o interesse em saber de que forma o mesmo é vivido dentro de um Lar, local onde a pessoa idosa institucionalizada, vê alterada a sua rede social, exigindo da mesma uma readaptação.

O estágio foi realizado no Lar de Santa Catarina Labouré, património da Associação de Beneficência “Casas de São Vicente de Paulo”, no âmbito do Mestrado em Serviço Social com especialização em Acompanhamento Social e Inserção.

O Mestrado em Serviço Social, tem como objetivo proporcionar aos profissionais uma reflexão sobre as transformações que a sociedade atual tem vindo a sofrer bem como o impacto que estas transformações têm nas instituições sociais que trabalham com um público vulnerável, cada vez maior, mais diferenciado e com problemáticas mais complexas.

Este estágio pautou-se pelos princípios da metodologia de Investigação-Ação. Segundo Guerra (2002), as dimensões da pesquisa ação são definidas por três polos, o primeiro é o da ação que visa a atingir uma mudança social num contexto concreto e que acaba por controlar os restantes; o da investigação, que se centra na procura das dinâmicas atuais e nas intencionalidades dos atores e por último o da formação, que diz respeito ao próprio processo de conhecimento e ação, mobilizando as capacidades cognitivas e relacionais dos atores em função de objetivos específicos. Assim, considera-se que o problema inicial da pesquisa nasce de uma prática concreta e que o ato de agir e o de investigar, acaba por funcionar como um processo de formação (cf. Guerra, 2002:57).

De um modo geral, com este estágio pretendeu-se refletir sobre os fatores de risco que potenciam um sentimento de solidão na pessoa idosa institucionalizada em Lar, a fim de encontrar as melhores estratégias a para os ultrapassar.

O relatório está estruturado em vários capítulos. O primeiro passa pela justificação

do estágio, apresentação dos objectivos propostos, e caracterização da população residente até ao mês de Abril de 2012. No fim deste capítulo descreve-se a metodologia utilizada, transversal a todo o processo de estágio. No segundo capítulo faz-se uma breve descrição da história da Casa São vicente de Paulo, bem como das suas valências. Já na descrição do lar, são dadas a conhecer as etapas que vão do processo de admissão até à baixa do processo do utente, os horários de funcionamento e as atividades desenvolvidas durante este percurso, que tiveram como fundamento, conhecer as perspetivas da pessoa idosa face à solidão.

No terceiro capítulo descrevem-se os objetivos do estágio, a metodologia usada. No quarto capítulo, sobre as perspetivas futuras, expõem-se os constrangimentos sentidos durante o período de estágio. Fazem-se também algumas propostas para uma intervenção de natureza preventiva e reabilitativa, que tenha como propósito atuar ao nível de situações de isolamento emocional. Estas propostas fazem-se com base na experiência do estágio e com base na análise dos dados recolhidos, contudo, para além de sugestões de intervenção, sugerem-se temas, que deveriam ser estudados mais profundamente, de forma a permitir uma intervenção mais direccionada para a realidade de uma institucionalização e das perturbações emocionais que daí poderão advir. No quinto e último capítulo, faz-se uma reflexão teórica sobre todo o percurso do estágio, tendo por referência as questões colocadas no início do estágio, e que serviram de vetor para a compreensão do fenómeno da solidão e as suas configurações.

1. JUSTIFICAÇÃO DO ESTÁGIO, OBJETIVOS, METODOLOGIA

1.1. Justificação do Estágio

O Mestrado em Serviço Social, na Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, para além da elaboração de uma tese ou de um projeto, oferece a possibilidade de integração numa instituição para a realização de um estágio. Assim, a opção de realizar um estágio, prendeu-se primeiramente com a pouca experiência profissional e também com uma dimensão mais experiencial, a necessidade de compreender mais aprofundadamente o papel dos profissionais num contexto de intervenção, neste caso, no Lar Santa Catarina Labouré, pertencente à Associação de Beneficência das Casas São Vicente de Paulo.

Para além da necessidade de entrar em contacto mais diretamente com o trabalho realizado pelos Assistentes Sociais, sentiu-se a necessidade de aprofundar e consolidar conhecimentos e de adquirir outros, acerca da vivência da pessoa idosa institucionalizada. Estar em contacto direto com as pessoas institucionalizadas é uma forma de observar em primeira mão, o seu dia-a-dia, bem como as interações existentes dentro da instituição, só assim, será possível compreender o fenómeno da solidão dentro da instituição, a partir da perceção das próprias pessoas idosas.

1.2. Objetivos

O projeto inicial, apresentado em Setembro de 2011, tinha como objetivos principais, para além da necessidade de estar em contacto mais direto com o trabalho realizado pelos profissionais de serviço social dentro da Instituição, tinha também o objetivo de perceber o fenómeno da depressão, na pessoa idosa institucionalizada bem como a complexidade e consequências desta doença na vida do utente. No entanto, após algum tempo de contacto com os próprios utentes, foi possível perceber que colocar o enfoque na questão da depressão, seria demasiado redutor. O contacto próximo com os utentes, com os profissionais do lar, a autonomia que foi concedida e todo o contacto que com as rotinas no lar, foi o ponto de partida para um estudo que não se limitava a um tema específico, mas para um estudo que tem o objetivo de compreender a dimensão da solidão e todas as suas componentes.

Foram acima de tudo as experiências, as confidências e toda abertura por parte dos utentes, que fez com que fosse necessário abrir horizontes e olhar para além do óbvio. Assim, pode dizer-se que os objetivos gerais do estágio, são, compreender como

é a experiência de vida num Lar, designadamente o sentimento de solidão e conhecer a percepção pessoas idosas face à solidão.

Para além deste objetivo, foram definidos outros, tanto práticos como científicos a realizar até à finalização do estágio e que se enunciam:

- Compreender os fatores de risco que potenciam sentimentos de solidão;
- Definir uma possível abordagem das instituições, perante as pessoas idosas que apresentem sentimentos de solidão.
- Perceber as causas dos sentimentos de solidão;
- Entender a complexidade de uma vivência em solidão e consequências poderão advir de uma intervenção desadequada;
- Contribuir para um aprofundamento científico das questões que envolvem a solidão na pessoa idosa institucionalizada; e perceber qual o papel dos diversos atores do lar na intervenção neste tipo de casos.

Desta forma, colocam-se algumas questões orientadoras da intervenção e para as quais se procurou resposta com a intervenção no estágio.

- 1) O contexto de internamento pode originar ou agudizar sentimentos de solidão?
Quais os fatores de risco?
- 2) Qual o papel dos diferentes atores do lar e que estratégias se adotam de forma a evitar que a pessoa idosa viva situações de solidão?
- 3) Como é assinalada e acompanhada a pessoa idosa que se sente sozinha?
Quais e como respondem os dispositivos de acompanhamento à pessoa idosa dentro da instituição?

O estágio decorreu no Lar Santa Catarina Labouré, como já referido, num período compreendido entre os dias 5 de Janeiro de 2012 e 20 de Abril do mesmo ano. Foram cumpridas as 375 horas de estágio, que implicaram uma distribuição de 25 horas por semana. A supervisão do estágio foi da responsabilidade da Dra. Vânia Ferreira, assistente social do lar. No entanto, dado que o horário da mesma, é quase na sua totalidade absorvido pelo serviço de SAD, onde também exerce funções, foram dadas orientações pela Irmã Fátima Veríssimo, diretora do Lar.

Com efeito, as dinâmicas internas do lar, não tornaram possível uma maior aproximação com o trabalho realizado pela Assistente Social do lar.

Outro dos fatores que acabou por limitar a intervenção, foi também a falta de experiência na área do Serviço Social

No entanto, apesar de não ter sido possível ir para além das atividades realizadas, estas limitações, permitiram ter mais tempo para refletir acerca da experiência, como proporcionaram mais tempo para estar em contacto com os utentes, desta forma estabeleceu-se uma ligação mais estreita e baseada na confiança e não uma relação meramente técnica, o que levou a uma abertura muito franca e livre de formalismos. O que permitiu a criação de condições para que as pessoas pudessem expressar-se mais acerca do modo como vivem e entendem a solidão. É de salientar a confiança que foi depositada, pela coordenação técnica, no acesso à documentação interna do Lar, e a disponibilidade no esclarecimento de qualquer dúvida.

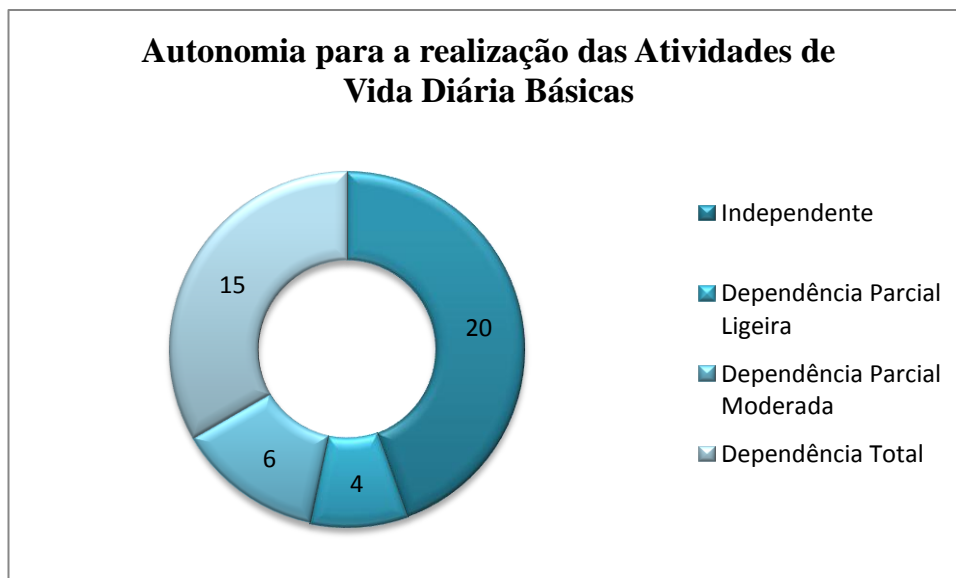
1.3. A população idosa institucionalizada no Lar Santa Catarina Labouré

Até à data de 30 de Abril de 2012, quarenta e cinco era o número de utentes internados no lar, dois dos quais, do sexo masculino, o que torna a população maioritariamente feminina. Um dos utentes do sexo masculino têm oitenta e três anos e o outro, oitenta e quatro, a média das idades das utentes do sexo feminino, é de aproximadamente oitenta e nove anos.

Relativamente ao estado civil, dos quarenta e cinco utentes, vinte e seis são viúvos, quinze são solteiros, três estão divorciados e apenas um se encontra separado.

No que concerne à autonomia dos utentes para a realização das atividades de vida diárias básicas (Banho, vestir, alimentação, etc.), após a utilização de um instrumento de avaliação funcional da pessoa idosa - Índice de Katz ¹(Anexo A) – elaborou-se um gráfico representativo da população residente no lar.

¹ O Índice de Katz é um instrumento, que tem por objetivo avaliar a capacidade funcional de uma pessoa idosa, e desta forma traçar um perfil e grau de dependência com base na execução das atividades quotidianas. Este instrumento foi criado por Sidney Katz, em 1963.



Com base na análise do gráfico e resultados obtidos no Índice de Katz, pode observar-se que vinte dos quarenta e cinco utentes, foram considerados independentes. Quatro utentes, têm uma dependência parcial ligeira. Seis utentes apresentam uma dependência parcial moderada. Por fim, os restantes quinze utentes, foram considerados totalmente dependentes.

1.4. Metodologia

A metodologia é inseparável dos grupos sociais com quem o Interventor Social trabalha, esta, varia, evolui e transforma-se segundo as condições políticas locais ou a correlação de forças sociais em conflito vedado ou aberto.

Desta forma, o decorrer do estágio situou-se no paradigma interpretativo dado que “o objecto de análise é formulado em termos de acção, acção essa que abrange o comportamento físico e os significados que lhe são atribuídos pelo actor e por aqueles com quem ele interage (...) do ponto de vista sociológico, o objecto da investigação social interpretativa é o significado dessa acção (*meaning in action*), e não o comportamento em si próprio” (Guerra, 2010:17) Assim, num nível interpretativo, é permitido “conceber novos conceitos e avançar com proposições teóricas potencialmente explicativas do fenómeno que estuda” (Idem, 83)

Face ao exposto, definiu-se como objeto de estudo, a percepção das pessoas idosas institucionalizadas relativamente à solidão.

É fundamental referir, que se procurou seguir uma estratégia de cariz fundamentalmente indutivo. Contudo, construiu-se um quadro conceptual de orientação que foi sendo enriquecido através do contacto direto com a realidade.

De acordo com Guerra (2010), o trabalho de análise indutiva tem como objetivo teorizar a partir dos dados do terreno e

“supõe, como em qualquer pesquisa, uma atenção particular e controlada às formas de recolha, escrita e apresentação de dados. (...) Os métodos indutivos teorizam-se a partir da comparação progressiva e permanente com outros dados diferentes mas semelhantes, distintos mas comparáveis” (Guerra, 2010:26).

A mesma autora diz-nos que numa postura de indução,

“(...) a prioridade é dada ao terreno e à estruturação de um campo de acção sempre contingente e particular ao desenvolvimento de modelos descritivos e interpretativos que colocam esse terreno às suas particularidades e contingências. Não se procura verificar hipóteses, desenvolvidas de forma genérica e fora do contexto, mas reconstruir do «interior» a lógica e as propriedades de uma ordem local” (Guerra, 2002:49).

É desta «prática-teórica» que podem derivar dois caminhos diferenciados, se por um lado pode converter-se num objeto de investigação e reflexão, que por sua vez retroalimentará a teoria construída pela prática, por outro pode dar origem a um conhecimento adquirido pela experiência de saber o que resulta ou não no campo de ação, «saber prático». Então, o desempenho profissional de cada Interventor Social pode ser orientado e guiado pelo conhecimento das teorias formais, mas cada profissional, articula-as com o seu estilo pessoal e profissional. (Viscarret, 2007)

Desta forma “a diversidade de posturas face à articulação entre teoria e prática mostra claramente que a relação entre a prática científica e a epistemologia do conhecimento é atravessada por opções éticas e ideológicas do investigador” (Guerra, 2002:46)

1.4.1. Técnicas e instrumentos utilizados na recolha de dados

1.4.1.1. Observação Participante

A utilização desta técnica, para além de ter sido transversal a todo o período de estágio no lar, foi fundamental, na medida que permite um contacto mais direto com os

utentes, e com as dinâmicas dentro do lar. A observação consistiu em acompanhar os utentes durante o seu dia-a-dia no lar. Não podendo acompanhar a todos individualmente, pontos como as salas de convívio, refeitório ou Centro de dia, tornaram-se locais privilegiados para a recolha de dados de alguns utentes em particular e das suas interações sociais de uma forma geral. Para o registo, elaborou-se um diário de campo descritivo (Anexo B), no qual constam trinta e três registos. Estes registos foram elaborados ao longo do período de estágio com o objetivo de recolher dados fundamentais para a compreensão da problemática da solidão bem como das diferentes formas de estar dos utentes no lar, a partir da perspectiva dos utentes institucionalizados. O conteúdo dos mesmos, centra-se nas rotinas dos utentes, que durante o dia se dividem entre o lar, propriamente dito, e o Centro de Dia. Em muitos destes registos, é possível perceber como funcionam as dinâmicas dentro do lar. Existiu ainda, a preocupação de recolher dados biográficos de muitos utentes, dados estes que foram relatados na primeira pessoa, estando assim, repletos de momentos significativos para os utentes. É de sublinhar que em todos os registos, a identidade dos utentes se encontra protegida.

1.4.1.2. Entrevistas

Antes de dar início ao estágio, foi preponderante a entrevista exploratória feita a uma especialista na matéria, psicóloga numa resposta social para pessoas idosas, que teve como o objetivo de conhecer e compreender melhor as lógicas de uma institucionalização e as consequências que dela advêm, na rotina da pessoa que é institucionalizada. Quivy e Campenhoudt (1995), afirmam que das três categorias de pessoas que podem ser interlocutores válidos, a segunda categoria, onde se inserem as «testemunhas privilegiadas», é uma categoria de interlocutores recomendados uma vez que se trata de um grupo de pessoas “que, pela sua posição, acção ou responsabilidades, têm um bom conhecimento do problema. Essas testemunhas podem pertencer ao público sobre que incide o estudo ou ser-lhe exteriores, mas muito relacionadas com esse público” (Quivy & Campenhoudt, 1995:71) Desta forma, as entrevistas exploratórias têm como principal função a de “revelar determinados aspectos do fenómeno estudado em que o investigador não teria espontaneamente pensado por si mesmo e, assim, completar as pistas de trabalho sugeridas pelas suas leituras (...) para encontrar pistas de reflexão, ideias e hipóteses de trabalho” (Idem, 69).

Já no decorrer do estágio, para a realização das entrevistas aos utentes (Anexo C), foi seleccionada uma amostra que não sendo representativa estatisticamente, é representativa da diversidade dos utentes que residiam no lar. Ao todo foram entrevistados doze dos quarenta e cinco utentes. Nesta seleção foram tidos em conta critérios, como o sexo, o estado civil, a autonomia, a participação da família e o tempo em lar. É importante referir também, que para esta seleção não foram tidos em conta os utentes que apresentavam qualquer tipo de demência, uma vez que os utentes não têm a plena capacidade de se exprimir ou organizar um pensamento lógico. No mesmo anexo, encontra-se uma grelha das características gerais dos utentes entrevistados, onde foram tidos em conta critérios como o género, estado civil, autonomia e a participação da família na vida do utente. Esta entrevista é composta por treze perguntas, que tiveram como objetivo principal compreender a perceção dos utentes em relação ao fenómeno da solidão e perceber também de que forma o fator “institucionalização” afeta a forma como as pessoas experienciam este sentimento.

Realizou-se também, uma entrevista à Coordenação técnica do lar (Anexo D), com o intuito de compreender como se articula o trabalho da Assistente Social com a coordenação e conhecer os modelos de intervenção utilizados com os utentes.

A posterior análise das entrevistas, tem como finalidade, segundo Glaser e Strauss (1967), a “de desenvolver novos conceitos susceptíveis de explicarem comportamentos de actores situados empiricamente, desenvolver relações entre diferentes conceitos e, simultaneamente, fornecer exemplos empíricos susceptíveis de fundamentarem a sua plausibilidade”. Numa análise qualitativa, durante todos os seus momentos de execução (desenho da investigação, recolha de dados, análise e redação) “articula-se três actividades cognitivas: a redução dos dados, a sua apresentação/organização para fins comparativos e a sua interpretação/verificação” (Glaser e Strauss, 1967 cit. por Maroy, 2005:122). A redução dos dados trata-se de uma simplificação em que são conservados ou excluídos dados, de forma a simplificar a sua leitura posterior. A apresentação/organização, tal como o nome indica, é a organização dos dados recolhidos e a sua disposição de forma a resumir as informações recolhidas, facilitando a sua leitura e a posterior interpretação dos dados, última fase. A interpretação/verificação trata-se de uma descodificação, de atribuir sentido aos dados já recolhidos e tratados e verificação da sua validade. (Miles & Huberman, 1984, cit. por Idem,123).

Assim, numa abordagem qualitativa em que se pretende sobretudo conhecer em profundidade as questões relacionadas com o tema proposto inicialmente, foram recolhidos dados que incluem a transcrição de entrevistas, notas de campo, análise de processos e de documentos institucionais. Concluindo, tal como defende Palmer (1928 cit. por Poupart, 2008:215), uma das grandes vantagens das ciências sociais, ciências que se interessam por objetos desprovidos de palavra, “é a possibilidade de interrogar os actores e utilizá-los enquanto recurso para a compreensão das realidades sociais”. Como aponta Poupart (2008), a compreensão das condutas sociais não é possível se não for tido em conta o ponto de vista dos atores sociais e se não o considerarmos como um meio para compreender e interpretar as realidades dos mesmos (Poupart, 2008).

1.4.1.3. Pesquisa Documental

Durante o estágio foi indispensável a pesquisa documental, tanto para a caracterização da instituição como para a caracterização da própria população. Após a assinatura de um documento de confidencialidade, houve a oportunidade de consultar os processos de todos os utentes residentes no lar, o que permitiu de certa forma ter acesso a dados confidenciais, tais como a situação familiar ou financeira do utente antes de entrar para o lar. Saber concretamente há quanto tempo os utentes estavam institucionalizados e acima de tudo tomar conhecimento dos motivos pelos quais o mesmos foram internados.

2. A ASSOCIAÇÃO DE BENEFICÊNCIA “CASAS SÃO VICENTE DE PAULO” E ATIVIDADES DESENVOLVIDAS

A associação de beneficência católica “Casas de São Vicente de Paulo” (adiante designada ABCSVP) é uma IPSS – Instituição Privada de Solidariedade Social – criada pela Província Portuguesa das Filhas da Caridade de S. Vicente de Paulo, que teve início (existência Jurídica) a 20 de Abril de 1939 e dedica-se a diversas atividades de cariz social que têm por objeto os mais desfavorecidos. A ABCSVP encontra-se localizada na Avenida Marechal Craveiro Lopes, freguesia do Campo Grande, município de Lisboa. Para além dos seus objetivos gerais, a ABCSVP possui várias valências, cada uma com os seus objetivos específicos.

Uma das primeiras valências é o Externato Liceal das Casas S. Vicente de Paulo, que abrange uma creche, um jardim-de-infância, Ensino Básico (1º e 2º Ciclos), Cantina e o ATL (Atividades de Tempos Livres). De acordo com o Ideário da Instituição, pretende-se que a escola como espaço de aprendizagem e de desenvolvimento intelectual, seja também uma escola católica que compreende uma dimensão ética e transcendente da Igreja Diocesana que cultiva os valores de liberdade justiça e paz e que seja, por último, uma escola Vicentina onde se incutem valores de respeito, caridade, solidariedade, confiança, alegria e realismo. A Escola proporciona atividades da área escolar (consoante o tema anual escolhido), atividades de complemento curricular (Visitas de estudo; Clubes: desporto, leitura, teatro, etc.), atividades extra-curriculares (Música, piano, judo, ballet, etc.) e atividades de animação comunitária (Festa de S.Vicente de Paulo, Festa de Natal, Carnaval, Magusto, etc.). Por fim, a escola oferece gabinetes de apoio à integração, tais como o gabinete de Serviço Social, o gabinete médico e o gabinete de psicologia.

O Lar Santa Catarina Labouré, é um edifício onde para além do lar, está sedeada uma segunda valência, o Centro de Dia “Santa Catarina Labouré” que recebe utentes que não sendo residentes, passam aqui algumas horas do dia, regressando ao final do dia às respetivas casas. Aqui, a pessoa idosa pode tomar as refeições diárias, podem conviver, fazer ginástica ou executar trabalhos manuais. Os utentes do Centro de Dia podem ainda participar em diversas atividades programadas pelo Centro (excursões, festas, jogos, etc.), devidamente acompanhados pelos Técnicos. O apoio financeiro do centro é suportado pelas cotas dos Utes (valores simbólicos), pelas receitas provenientes de atividades do Centro, pelo subsídio da Misericórdia de Lisboa e por

fim, pela comparticipação financeira dos Utentes nas Colónias de Férias (baseada no seu rendimento).

No mesmo edifício estão também os gabinetes do SAD (Serviço de Apoio Domiciliário). Esta valência nasceu em 1980 com o intuito dar uma resposta mais pontual e concreta às necessidades básicas da pessoa idosa. O Apoio Domiciliário presta vários serviços tais como a higiene pessoal e de casa, a aquisição de géneros, a confeção de refeições, acompanhamento a consultas e tratamentos, acompanhamento a passeios, visitas a familiares ou amigos. Os intervenientes deste processo participam mensalmente em ações de formação, que têm como propósito não só completar a formação das Ajudantes Familiares, como também dar resposta às necessidades sentidas pelas Ajudantes aquando a sua intervenção. Em Janeiro de 2011, o apoio domiciliário estava a abranger 170 pessoas idosas e contando com o trabalho de três assistentes Sociais.

2.1. O lar de Santa Catarina Labouré

Para todos os efeitos, segundo o Despacho normativo n.º 12/98, considera-se que um lar para pessoas idosas é um

“estabelecimento em que sejam desenvolvidas actividades de apoio social a pessoas idosas através do alojamento colectivo, de utilização temporária ou permanente, fornecimento de alimentação, cuidados de saúde, higiene e conforto, fomentando o convívio e propiciando a animação social e a ocupação dos tempos livres dos utentes”

O lar Santa Catarina Labouré nasceu pela adaptação das instalações do “Lar da Escola de Enfermagem” e com o apoio financeiro da Santa casa da Misericórdia de Lisboa, no dia 4 de Novembro de 1985. O lar surgiu de forma a responder eficazmente às pessoas idosas, para quem o Apoio ao Domicílio e o apoio do Centro de dia, já não eram suficientes. Em Janeiro de 2012 a equipa técnica existente no lar era composta por um médico de clínica geral, uma enfermeira, uma assistente social, uma psicóloga, uma fisioterapeuta, uma auxiliar de fisioterapia, um motorista com múltiplas funções de bricolage, uma animadora Sócio Cultural, dezanove auxiliares, quatro voluntários e um capelão.

De acordo com o seu regulamento interno, o Lar Santa Catarina Labouré tem por objetivos:

“Garantir o bem-estar, a qualidade de vida e a segurança dos utentes; Promover a autonomia individual e contribuir para a estabilização ou retardamento do processo de envelhecimento ou de dependência; Potenciar a integração social dos utentes, criando condições que permitam preservar, enriquecer ou restabelecer os respetivos relacionamentos pessoais, sejam no âmbito familiar ou de vizinhança, sejam de natureza intergeracional; Estimular o espírito de solidariedade e de entreaajuda dos utentes e dos seus agregados familiares.” (Artigo 6º, pág.4).

O lar tem a capacidade para acolher 50 utentes, aos quais, segundo o Artigo 5º do regulamento interno do lar, “fornece alimentação e alojamento, presta cuidados de higiene e conforto e desenvolve atividades fomentadoras do convívio, propiciando a animação social e a ocupação dos tempos livres dos seus utentes.”

O edifício é composto por três pisos, no piso 0, encontra-se a receção, o Centro de Dia, e encontram-se ainda os gabinetes da coordenação técnica, do Serviço Social, o de Psicologia e ainda a sala de fisioterapia. No primeiro piso, encontra-se apenas o auditório, onde se realizam as festas de comemorativas. No segundo e terceiro piso, é onde se encontra o lar efetivamente. O segundo piso, foi recentemente remodelado, e por isso os quartos, têm apenas duas camas e existe uma casa de banho em cada um deles. No segundo piso, está também o refeitório dos utentes, onde são servidas todas as refeições, a capela e um gabinete de enfermagem. No terceiro piso, ainda não se iniciaram as obras, e por essa razão existem quartos que acolhem mais que dois utentes. A casa de banho é de uso comum. Os quartos de casais, três na totalidade, estão também neste piso.

A deslocação dos utentes é feita através dos dois elevadores existentes no lar. A escadaria, é usada maioritariamente pelos serviços, sendo que existe o cuidado de não permitir que qualquer utente faça uso das mesmas, correndo o risco de acidente.

2.1.1. Do processo de admissão à saída

A primeira etapa é a inscrição do lar (feita conjuntamente com a Coordenação Técnica do Lar), e simultaneamente faz-se uma entrevista de triagem, em que se dá o primeiro contacto com a diretora do Lar. Na ficha de avaliação do utente (Anexo E) constam alguns critérios como a sua autonomia, critérios socioeconómicos, pessoais e

institucionais, critérios que são tidos em conta na escolha dos utentes a quem deve ser dada prioridade no momento de seleção.

Após a inscrição no lar, o candidato fica em lista de espera. Quando se dá a abertura de uma vaga para o lar, depois de avaliada a lista de espera, são selecionadas três a quatro pessoas que são submetidas à consideração da diretora. Estes candidatos são contactados, com o intuito de perceber se mantêm o interesse em ingressar no lar. É-lhes feita uma reavaliação da sua condição, é distribuído o regulamento interno, e faz-se uma simulação do cálculo da comparticipação, esta etapa faz-se acompanhar também por um momento de esclarecimento de dúvidas. Após a reavaliação, é selecionado o candidato a ingressar no lar, só aqui então, na altura da assinatura do contrato de alojamento é efetuada uma leitura mais detalhada do regulamento, à data de admissão.

Após o falecimento do utente, ou até mesmo a desistência, dá-se baixa dos processos (Psicossocial, Administrativo e Clínico), os mesmos são guardados durante cinco anos, após a baixa.

2.1.2. Rotinas e Atividades do lar

O dia começa cedo e às sete e meia da manhã já se fazem as higienes dos utentes, que se preparam para o pequeno-almoço que é servido entre as oito e meia e as nove e meia da manhã. Após o pequeno-almoço, os utentes dispersam-se no lar, uns recolhem-se para os seus quartos, outros vão fazer fisioterapia, outra parte desloca-se para o Centro de Dia para participar nas atividades e os restantes distribuem-se pelas salas de convívio. Ao meio dia, servem-se os almoços. Após a refeição, alguns dos utentes aguardam pela hora de rezar o terço, que oficialmente seria às dezasseis e trinta, mas os utentes optam por ir mais cedo, uma vez que têm a oportunidade de rezar juntamente com as Irmãs. À mesma hora, no Centro de dia, dá-se início à ginástica em grupo que é repartida por dois grupos distintos, que se intercalam durante a semana. Os utentes, a quem não corresponde o dia de ginástica ou não se deslocam ao Centro de Dia, optam por ficar no lar, nos quartos ou nas salas comuns. Durante uma hora, às quinze e trinta, parte dos utentes vai lanchar. O período a seguir ao lanche, é um período calmo, em que grande parte dos utentes, opta por ficar nas salas de convívio a assistir televisão ou a fazer outro tipo de atividade, como tricotar ou ler. O jantar serve-se pelas dezoito horas.

Às vinte e uma, é hora da ceia e para os utentes que querem, é-lhe servida uma bebida quente, como um copo de leite. A hora máxima do recolher, dá-se pelas vinte e duas.

As visitas, podem deslocar-se ao lar, todos os dias e permanecer entre as catorze e as dezoito horas.

2.2. Atividades Desenvolvidas

2.2.1. No Centro de Dia

O Centro de Dia, está aberto de segunda à sexta-feira, a partir das nove e meia da manhã e encerra às dezassete. É um espaço amplo, que para além do seu propósito, serve de espaço à realização de algumas atividades do lar, como por exemplo, a ginástica, com início às catorze e trinta, durante os dias úteis. É também aqui, que à terça-feira se reúne o grupo coral das Casa São Vicente de Paulo para ensaiar, no qual está integrada apenas um dos utentes do lar.

As atividades no centro, são planificadas mensalmente pela coordenação técnica do Centro de Dia. Este espaço é sobretudo, um espaço de lazer tanto para os utentes do centro, como para os próprios utentes do lar que aqui se deslocam à procura de atividades ocupacionais, outros deslocam-se, não com o propósito de participar nas atividades que se estão a desenvolver, mas sim com o objetivo de estar num local onde se sentem acompanhados pela presença dos outros utentes. Durante a permanência no centro, os utentes estão acompanhados pela Animadora Socio Cultural, que põe em prática as atividades previamente planificadas.

As atividades aqui, desenvolvidas, passaram essencialmente por um acompanhamento próximo dos utentes do lar que frequentam o mesmo. Este acompanhamento, levou a uma aproximação gradual dos utentes, não forçando a presença de alguém ainda estranho, para os mesmos. O auxílio das atividades realizadas no centro, foi o principal meio para iniciar naturalmente uma conversa com os mesmos.

A presença no Centro de Dia foi fundamental para conhecer alguns dos utentes e conhecer também as suas rotinas, tendo sido também muito importante para observar a interação entre os utentes, e através desta observação, recolher dados biográficos dos mesmos.

Foi também no decorrer do estágio que se percebiam e as dinâmicas de cada valência e consequentemente, abriu-se espaço para observar, analisar e questionar as

formas do fazer. O Centro de Dia, para além de um espaço de lazer, deve ser um espaço recreativo, um local onde as atividades propostas deverão ser estimulantes, quer a nível criativo, quer a nível intelectual. Se existe a iniciativa por parte dos utentes, de procurar este local, como espaço de lazer, poder-se-ia aproveitar esta mesma motivação, para oferecer atividades que são tanto prazerosas quanto estimulantes.

Os utentes que se deslocam a este espaço, vêm com o objetivo de preencher o tempo que sobra entre a própria rotina do lar, e outras atividades a que os utentes estão comprometidos. No entanto, muitos deles não se deslocam ao Centro de Dia, por sentirem que as atividades propostas não se direcionarem para a sua faixa etária, achando assim, que algumas das atividades são mais direcionadas para crianças.

Para além das atividades diárias, nasceu a possibilidade de participar na organização das atividades temáticas, como a celebração do Carnaval, Dia dos Namorados e Páscoa. Estas atividades temáticas, são importantes, na medida em que trazem para o centro de dia, utentes que não se deslocam aqui com regularidade, existindo deste modo uma quebra na rotina das atividades habituais.

2.2.2. No Serviço de Apoio Domiciliário

O SAD, é um serviço prestado pelo lar que pode ser definido como

“um programa de intervenção individualizado, de carácter preventivo e reabilitador, no qual se articulam um conjunto de serviços e técnicas de intervenção profissionais consistentes da atenção pessoal, doméstica, de apoio psicossocial e familiar e relações com o ambiente, prestados no domicílio de uma pessoa idosa.”

(Rodriguez, 1998 cit. por Martin et alii, 2007:148)

Neste departamento, houve a possibilidade de assistir a algumas das reuniões, onde foram discutidos os horários das auxiliares bem como e alguns dos problemas com que a equipa lida no dia-a-dia. Para além de assistir a estas reuniões, houve a oportunidade de acompanhar uma das Assistentes Sociais, na visita a alguns dos utentes do Serviço de Apoio Domiciliário. Esta visita a casa dos utentes, foi fundamental para perceber as dinâmicas do serviço e para perceber a importância desta resposta na vida dos mesmos. No diário de campo elaborado após estas visitas (Registo nº32 do diário de

campo, Anexo B), faz-se referência aos quatro domicílios visitados, e é posta em evidência a forma de atuar da Assistente Social.

Estas visitas, para além do contacto direto com os utentes, ofereceram a possibilidade de refletir sobre o agir dos profissionais do Serviço Social, que como já referido no Diário de Campo, vai para além de uma intervenção puramente profissional, acabando por existir espaço para o diálogo, onde o utente e o Assistente Social, estabelecem uma relação profissional mais humanizada. Torna-se evidente a importância desta resposta formal, para os beneficiários, que mais do que apoio nas tarefas domésticas, higiene pessoal ou alimentação, recebem um acompanhamento individualizado e personalizado permanente por parte das auxiliares de ação direta e Assistentes Sociais, o que possibilita a permanência na própria habitação e evita situações de isolamento social.

2.2.3. No Lar

Na fase inicial de estadia no lar, foram necessárias várias horas de observação e acompanhamento dos utentes. O primeiro contacto com grande parte dos utentes, deu-se no Centro de dia, local onde se deslocam diariamente. Nos espaços de lazer, foi possível fazer uma aproximação com os utentes, que se foram acostumando à presença de uma pessoa, até à altura desconhecida. No decorrer do estágio, a familiarização com os residentes foi aumentando, e naturalmente foram os próprios que se foram aproximando por iniciativa própria. Primeiramente, existiu de facto, uma aproximação intencional, com o objetivo de ir recolhendo dados mais pessoais sobre a população residente, mas, com o decorrer dos dias, o contacto permanente com os utentes e as suas rotinas, tornou-se natural. Esta proximidade foi imprescindível para uma compreensão mais profunda das vivências do lar, e do que se trata de facto a institucionalização. Paralelamente ao contacto direto com os residentes, existiu a possibilidade de consultar os processos de todos os utentes, com a finalidade de fazer uma caracterização mais aprofundada dos mesmos. A consulta destes processos, veio complementar toda a informação que foi sendo recolhida, e transferida posteriormente para o diário de campo.

Durante o processo de caracterização, foi criada uma tabela, onde foram sendo colocadas as informações recolhidas dos processos, tais como a idade, data de inscrição

e admissão, motivos de ingresso no lar e situação familiar do utente. Nesta tabela consta também o nível de autonomia dos utentes que foi analisado caso a caso, em conjunto com outras duas profissionais e recorrendo à tabela de avaliação das Atividades de Vida Diárias Básicas (AVD's) atrás mencionada. Esta tabela, fornece dados sobre as capacidades dos utentes, a nível da autonomia e mobilidade.

É de sublinhar que o propósito do estágio, para além da aquisição e consolidação de conhecimentos, é o de conhecer a perceção da pessoa idosa institucionalizada face ao conceito de solidão, por isso, a necessidade de conhecer mais detalhadamente os utentes bem como o seu percurso dentro do lar, desde a sua chegada

2.2.3.1. Modelo de Intervenção

Segundo Hill (1992), os princípios da prática dos diversos modelos estão fundamentados numa série de variáveis que os determinam tais como: o tipo de situações que se intervém; o quadro ideológico e conceptual de referência; a natureza da intervenção; o quadro institucional; a sociologia contida na prática do modelo; os valores e a ética subjacente; a concepção da pessoa que sofre o problema, e a natureza da relação significativa entre o interventor social e o utente. Os mesmos autores concluem que “cada modelo é uma forma de ver e actuar”. (Hill, 1992, cit. por Hernández e Juárez, 2005:62)

Caparros (1998), corrobora as ideias anteriores quando afirma que aquando da escolha do modelo de intervenção a aplicar, devemos ter em conta que o modelo leva implícito: elementos teóricos que o sustentam: elementos de análise que explicam a sua aplicação a uma realidade; elementos metodológicos: técnicas e elementos filosóficos, ideológicos e valores implícitos. Os modelos dirigem assim, os princípios de acção tanto na análise compreensiva, como na orientação da prática. (Caparrós, 1998:135-137)

De acordo com a entrevista realizada à coordenação técnica do lar, o modelo de intervenção adotado pelo mesmo, é o modelo Sistémico.

[Intervenção baseada num modelo do Serviço Social] Não foi propriamente uma situação combinada, mas acabamos por utilizar um Modelo Sistémico, preocupamo-nos com tudo o que diga respeito aos utentes, tudo o que envolva o utente, a família, o meio de onde veio, tentamos enquadrar muito bem as pessoas nesse sentido, portanto acabamos por utilizar um Modelo Sistémico todas nós, acho que é um modelo da instituição...não só nós, mas da instituição que tem esse cuidado de abordar os vários aspetos do utente... (...) (e[a], U.S. 17)

O modelo sistémico sustenta os seus princípios teóricos num paradigma totalizador e generalista dos acontecimentos sociais, passando do particular para o geral

mediante uma visão circular e holística, tudo se insere numa esfera apenas. (Caparrós, 1998:206)

O trabalho social sistémico tem como propósitos, melhorar a interação e comunicação entre as pessoas e os sistemas que as rodeiam; melhorar a capacidade das pessoas para solucionar os problemas; criar laços entre as pessoas e os sistemas que podem prestar-lhe serviços e oferecer-lhes recursos e oportunidades; fazer com que estes sistemas funcionem humana, harmoniosa e eficazmente e por último contribuir para o desenvolvimento e melhorias nas políticas sociais. (Viscarret, 2007:298)

A Intervenção social de ajuda à pessoa “designa a pessoa considerada no seu aspecto individual mas também na sua dimensão social e colectiva. O conceito de pessoa engloba o conceito do ser humano como sujeito de direitos mas também como ser social (Conseil Supérieur du Travail Social, 1998, cit. por Vieira, 2011b) Esta intervenção “engloba um compromisso entre o Interventor Social e a pessoa” e “visa promover o acesso a direitos e dinamizar uma acção cidadã.” E contém em si dois objectivos:

- Objectivo de reparação – encontrar soluções, melhorar as condições de vida, afirmar a dignidade e aumentar a auto-estima;
- Objectivo de promoção - criar laços significativos, fazer participar da vida colectiva, obter reconhecimento, fortalecer o sentimento de pertença e de utilidade social. (Robertis, 1992:69 cit. por Vieira, 2011b)

3. A INSTITUCIONALIZAÇÃO E A SOLIDÃO

Foi a partir da segunda metade do século XX, que a nossa sociedade se viu confrontada com um «duplo envelhecimento», na base e no topo da pirâmide etária. (Rosa 2012:26). Este duplo envelhecimento deu origem a uma revolução demográfica. A população está cada vez mais envelhecida, uma vez que a esperança média de vida aumentou, o número de nascimentos diminuiu e com isto, as estruturas familiares ficaram debilitadas. Aumentou a diversidade das formas familiares, normas e costumes. (Royo, 2000:242) Estes fatores são consequentes do expressivo progresso económico, social e médico, o qual oferece à população europeia a possibilidade de viver uma vida mais longa, com maior conforto e segurança. (Sousa, 2011:18)

Associada também à diminuição dos níveis de fecundidade está o retardar do projeto de maternidade. Estamos perante “uma mudança de perfil da sociedade, havendo já quem a caracterize como a sociedade «4-2-1» quatro avós, dois pais e um filho” (Rosa, 2012:32)

Num futuro próximo, com o envelhecimento, existirão mais vínculos familiares verticais do que vínculos horizontais. Com o tempo, diminuem os irmãos, tios e primos. Se antes era mais comum encontrarmos a residir na mesma casa famílias com três gerações, hoje é mais comum encontrarmos uma pessoa idosa a residir sozinha com o seu cônjuge, mas tal, não significa que os laços com a sua família não se mantenham estreitos. (Walker, Guillemard e Alber, 1993:30, cit. por Royo, 2000:243)

Paralelamente a esta realidade, estamos perante uma sociedade que, cada vez mais, “valoriza a juventude, a vitalidade e a aparência física, os idosos tendem a tornar-se invisíveis. Não obstante nos últimos anos assistiu-se a algumas mudanças em relação à velhice.” (Giddens, 2002:171)

Num contexto onde se desvaloriza a velhice, assiste-se ao fenómeno da «biomedicalização do envelhecimento», que se encara a velhice como uma doença e como um “processo básico, um fenómeno inevitável e relativamente imutável, ao qual a sociedade responde através de actos médicos e de atitudes proteccionistas (ou mesmo segregacionistas), determinando em grande medida o aumento da institucionalização” (Paúl & Fonseca, 2001 cit. por Fonseca, 2006:60-61)

No que diz respeito ao apoio e/ou cuidado ao idoso ou a sua família, o envolvimento de instituições pode adoptar “diferentes características, em função do tipo de equipamento, isto é, se ocorre com o idoso a viver na sua casa (apoio domiciliário,

centros de dia e convívio) ou se implica a institucionalização permanente (lar de idosos) ou temporária (hospitalização).” (Sousa, 2004:98)

Também com o aumento da longevidade humana, maior é o número de pessoas idosas com necessidade de cuidados médicos e/ou assistência nas actividades quotidianas fazendo emergir assim os lares e as respostas formais à questão da pessoa idosa de forma a fazer uma gestão pública da velhice. (Potter, 2006 e Fernandes, 1997 cit. por Sousa, 2011:21)

Com o cruzamento dos dados extraídos da observação e análise dos processos dos utentes e das entrevistas realizadas, é possível afirmar que a vinda dos utentes para o Lar Santa Catarina Labouré, prende-se na sua grande maioria com motivos de saúde, o que leva consequentemente a um aumento do grau de dependência, e por isso, à falta de apoio informal, nasce a necessidade de assistência permanente.

Quando as pessoas idosas necessitam de apoio social e cuidado, as pessoas idosas recebem-no em geral pela ordem seguinte: pelo cônjuge, pelo(s) filho(s), e por último, por outros familiares (INERSO, 1995^a:70, cit. por Royo, 2000:243) Os amigos e vizinhos proporcionam apoio afetivo e companhia e os filhos proporcionam um apoio mais instrumental como os cuidados e ajuda pessoal e doméstica. (Royo, 2000:243)

Noutros casos, o agravamento do estado de saúde, alia-se também a situações de isolamento, ou porque os familiares próximos não têm a capacidade de oferecer a assistência necessária, ou porque de facto, não existem sequer familiares próximos. Os seguintes excertos foram retirados das entrevistas e são o reflexo da situação anteriormente descrita.

[Os motivos que a trouxeram para o lar] Falta de saúde, por não poder andar e fazer a minha vida normal, porque eu estava só na minha casa, morreu o meu marido e eu fiquei só...os filhos estão cá em Lisboa e eu estava no Alentejo, de maneira que eu fiquei só...(...) – Entrevista nº2, U.S. 1

[Os motivos que a trouxeram para o lar] falta de saúde e saber que estava só (...) eu vim do hospital diretamente para aqui quando eu tive essa (...) crise urinária depois fui para o hospital e depois do hospital é que eu não podia ir para casa sozinha por isso tive na ideia de vir ficar aqui...já conhecia a casa (...) – Entrevista nº3, U.S.1

A prevenção aparece também como um elemento decisivo no que respeita à decisão de vir para o lar. No seguinte excerto, a falta de suporte familiar surge como fator preponderante para uma tomada de decisão de ação preventiva. Sendo a utente

solteira, a ausência de filhos, pesou na decisão de ir para o lar. Sobre esta questão, Royo (2000), afirma que o facto de estas pessoas terem permanecido solteiras, fez com que adquirissem habilidades que lhes permitiram viver de forma independente e sós, uma vez que não experimentaram o impacto negativo de uma viuvez ou de um divórcio, estas pessoas, têm uma melhor saúde física e mental que as divorciadas ou viúvas. (Royo, 2000:244)

[*Quais foram os motivos que a trouxeram para o lar*] Porque, olhe...só tinha sobrinhos, os filhos não tenho, os filhos também às vezes dão um pontapé no traseiro quando recebem as heranças e acabou-se! E também não tinha gente, se me desse alguma coisa de ficar na cama, eu não tinha ninguém! Os meus irmãos também não estavam assim com grande vontade (...) qualquer dia estão eles todos num lar! Era para ter quem me tratasse...enfim! Se eu tivesse uma coisa para ficar na cama...nem tinha dinheiro para (...) estar em casa e ter pessoal de enfermagem e pessoal...não tinha dinheiro para isso! De maneira que o mais cómodo era isto! – Entrevista nº7, U.S.1

Alguns utentes ingressaram no lar por já terem familiares na instituição. Uns entram juntamente com o cônjuge que necessita de suporte profissional, outros optam pelo lar por nele já estar institucionalizado um familiar. Em ambas as situações, a presença do familiar permite uma melhor adaptação. Os excertos seguintes são respetivamente, representativos das situações descritas atrás.

[*Veio com a sua esposa*] vim com a minha esposa pois, se não fosse assim, eu não vinha! Quando ela me disse que sim, ela primeiro ainda esteve aqui assim, mas acho que ela ainda gostava mais do lar do que eu, por isso eu estou satisfeito para onde a trouxe! (...) - Entrevista nº9, U.S.2

[*Motivos que a trouxeram para o lar*] Comecei a pensar que ficava muito longe no outro lar, e como estava cá a minha irmã, ainda estou no mesmo quarto (...) são três senhoras, faleceu uma lá, e depois a Irmã que estava cá mandou-me vir porque, eu já me tinha inscrito há três anos (...) e eu vim para a cama dessa senhora. (...) – Entrevista nº4, U.S.1

Com uma autonomia mais reduzida e uma necessidade de acompanhamento continuado, emergem sentimentos de sobrecarga por parte da pessoa idosa, em relação aos seus familiares. O lar surge assim, como uma resposta formal às suas necessidades, retirando à sua família o encargo de cuidador.

[*A decisão de vir para o lar foi sua*] Sim, eu comecei logo a pensar em vir para o lar, porque não tinha filhos e não queria ir para a casa de sobrinho nenhum, tinha que ir para o lar, os sobrinhos não tinham obrigação de me aturar (...) Não ía para casa dos sobrinhos para lhe dar trabalho a eles e (...) pensei sempre em ir para um lar...(...) – Entrevista nº4, U.S. 2

[*A decisão de vir para o lar foi sua*] Fui eu! Fui eu, pois a minha filha não queria que eu viesse, nem o meu genro! Mas eu quis vir! Eu tinha tido uma dor ciática, e tinha estado muito mal, e eu pensei: “Deixa estar, que eu hei-de inscrever-me lá, posso ter qualquer coisa assim e a minha filha não pode...” E eu, inscrevi-me sem ninguém saber! (...) – Entrevista nº12, U.S.4

Após a análise dos processos, a existência de fracos recursos financeiros aparece como um elemento de peso aquando a decisão de optar por um lar. A impossibilidade da família ou do próprio utente de suportar custos leva à procura de apoio formal.

Outro elemento que aparece como determinante na vinda do utente para o lar, prende-se com o facto do mesmo ter prestado serviços à instituição. Depois de alguns anos a prestar serviços à instituição, os utentes optam por ficar. A situação anterior é referenciada no seguinte excerto das entrevistas:

[*Quais foram os motivos que trouxeram a para o lar*] O que é que me trouxe para o lar foi eu gostar de experimentar, tive numa quinta aqui ao pé, perto e diziam-me tão bem deste que foi por isso que eu vim...(…) estava sozinha, era nova, eu vim com dezanove anos, tive ali, não chegou a meia dúzia de meses, talvez...e vim para aqui, depois aqui aconteceu-me tudo, trabalhei, trabalhei, trabalhei, depois...tenho uma perna inchada, tenho um ferro em cada perna...(…) – Entrevista nº6, U.S.1

Ainda no que concerne à participação do idoso na decisão de ir para um lar, Reed *et al.* (2003, cit. por Sousa, 2004:130) sugere quatro tipos: Preferencial, estratégica, relutante e passiva. A primeira, a decisão preferencial caracteriza-se por ser a própria pessoa a tomar a decisão de ir para um lar. Esta decisão é frequentemente tomada, após a morte do cônjuge e é fruto do receio de ficar sozinho(a) em caso de doença, queda, ou para evitar um sentimento de sobrecarga da família (Idem, 130). Os dados recolhidos através das entrevistas e através da análise dos processos, revelam que a decisão preferencial é a mais comum entre os utentes do lar.

[*A decisão de vir para o lar foi da própria*] Foi minha foi, a decisão foi minha! Ninguém me forçou nem ninguém se negou a tratar-me, eu é que decidi que não queria dar trabalho a ninguém e decidi vir para um lar. Eu tinha lá um lar! Mas eu quis vir para ao pé dos meus filhos, para eles me darem apoio... Além de ter cá mais família, porque tenho cá uma irmã, e tenho família, cá! E tenho os meus filhos! - Entrevista nº2, U.S. 6

A segunda, a decisão estratégica, advém de um planeamento antecipado da própria pessoa. A mesma opta por fazer a inscrição antecipada num lar previamente

selecionado ou visitado por si. É uma decisão maioritariamente adotada por pessoas solteiras, viúvas e/ou sem filhos, ou com filhos que por algum motivo não têm condições para as apoiar (Idem, 130). A seguir à decisão preferencial, o segundo tipo mais comum é a decisão estratégica.

[*Porque tomou essa decisão de se inscrever aqui no lar*] Porque eu pensei! ... Depois de me reformar comecei...eu vivo sozinha, elas estão no estrangeiro [Irmã e Sobrinha], a minha mãe, falecida, a minha comadre é uma pessoa que trabalha, naquela altura não estava reformada, estava a trabalhar... Se eu tiver doente, quem é que me trata? Quem é que me chega qualquer coisa que eu...que me lave, enfim, que trate de mim? (...) – Entrevista nº11, U.S.3

Na decisão relutante, a mais penosa, a pessoa resiste à ideia de ser institucionalizada. Esta decisão pode ser tomada por profissionais (geralmente quando a pessoa idosa se encontra num estado de pobreza, doente ou incapacitada e está só) ou pela própria família. A opção da família é fruto de duas situações diferentes, a primeira, por falta de condições para cuidar da pessoa idosa (ex. doença, dependência, questões financeiras, etc.), a segunda, por receio de assumir a posição de cuidador (Idem, 130). A situação anterior, em que a decisão de ingressar no lar é tomada à revelia do utente, não surge em nenhum dos processos analisados ou entrevistas.

Por último, na decisão passiva, a pessoa aceita ou não contesta a decisão de encaminhamento que geralmente é tomada por outras pessoas. É uma decisão que comumente sucede em caso da pessoa idosa estar em processo demencial ou resignada (Idem, 130). Este tipo de decisão é retratada no seguinte excerto, em que a utente, retornada de outro país, chegou a Portugal sem posses, e desde então tem residido em várias instituições de apoio social: “[*A decisão de vir para o lar foi sua*] Não foi minha, e foi, pois...eu não tinha para onde ir, vim para aqui, vim para o lar! (...) sou refugiada... (...)” – Entrevista nº10, U.S.2.

Posto isto, com presente relatório pretende-se encontrar uma relação entre a experiência de uma institucionalização e os sentimentos de solidão que advém de um processo que para a pessoa idosa é o início de uma nova fase. Com características próprias de qualquer instituição de apoio social, o Lar Santa Catarina Labouré, apresenta uma população diversificada e que por isso, estudar a perceção da pessoa idosa face à solidão e à sua própria institucionalização, é por si só um desafio.

A institucionalização é um processo individual e distinto e representa rutura com o quadro de vida anterior de quem se vê na necessidade de entrar para um lar, independentemente dos motivos que levaram a esta decisão. Este período, implica toda uma adaptação a um meio que lhe é estranho, a pessoas com quem não partilha quais quer laços afetivos e a uma rotina que lhe é imposta. Trata-se de um período de vulnerabilidade que traz consigo sentimentos de perda, despojamento e solidão.

A solidão, descrita por Weiss (1973) “é causada não por se estar só, mas por se estar sem alguma relação precisa de que se sente a necessidade ou conjunto de relações...A solidão aparece sempre como sendo uma resposta à ausência de algum tipo particular de relação ou, mais precisamente, uma resposta à ausência de alguma provisão relacional particular” (Weiss, 1973, cit. por Neto, 2000:322).

Anos mais tarde, a solidão, é descrita como uma “experiência desagradável que deriva de importantes deficiências nas redes de relações sociais de uma pessoa” (Perlman e Peplau, 1982, cit. por Neto & Barros, 2001:72). Os mesmos autores descrevem ainda a solidão como “um sentimento aflitivo que se tem quando há discrepância entre o tipo de relações sociais que desejamos e o tipo de relações sociais que temos” (Perlman e Peplau, 1982, cit. por Neto, 1989:66). Desta forma a solidão não se trata apenas do que se sente quando se está sozinho, mas também do que se sente na presença de outros.

Em 1984, Rook (1984), afirma que a solidão

“é uma condição estável de mal-estar emocional que surge quando uma pessoa se sente afastada, incompreendida ou rejeitada pelas outras pessoas e/ou lhe faltam parceiros sociais apropriados para as atividades desejadas, em particular atividades que lhe proporcionam uma fonte de integração social e oportunidades para intimidade emocional” (Rook, 1984 cit. por Neto, 2000:323).

Vários autores tentam definir solidão, mas de facto não existe nenhuma definição que seja universalmente aceite pelos especialistas. As diversas definições que os autores propõem, são fruto de “orientações teóricas que se relacionam com alguns aspetos importantes nos modos de conceptualizarmos a solidão” (Neto, 2000:321).

Nas diferentes definições de solidão, existe acordo em três aspetos gerais: “a solidão é uma experiência subjetiva que pode não estar relacionada com o isolamento objetivo; esta experiência subjetiva é psicologicamente desagradável para o indivíduo; e a solidão resulta de alguma forma de relacionamento deficiente” (Perlman e Peplau, 1982, cit. por Neto, 2000:321). As diferenças nos modos de conceptualização da solidão centram-se particularmente na origem na «deficiência social».

Desta forma, percebe-se que para além de não existir uma definição universal de solidão, este é um conceito multifatorial. Foi visível durante a experiência de estágio, principalmente durante as entrevistas feitas aos utentes, que a solidão é na realidade uma experiência subjetiva e por isso, cada pessoa vive este sentimento de uma forma muito pessoal e cada utente exprime-o de uma forma ainda mais particular.

3.1. Perceção sobre a Solidão

A perceção dos utentes relativamente ao conceito de solidão, não está desligada do meio onde os utentes se encontram, havendo uma associação direta à sua situação de institucionalização. As suas perceções não são unânimes, no entanto, parecem estar associadas a quatro fatores distintos. Primeiramente, como se pode verificar nos seguintes trechos, a solidão é descrita como um sentimento relacionado com a ausência de relações significativas, estar isolado, não ter uma palavra de conforto é sentir a solidão: “a solidão é uma coisa, muito, muito má... A solidão é uma pessoa sozinha, não é? É uma pessoa sozinha, não tem uma fala com ninguém (...) não é isso que é a solidão? (...) para mim a solidão é esta, solidão é uma pessoa estar sozinha, não ter ninguém.(...)”, excerto retirado da entrevista nº6, U.S.4. E “[*A solidão para si é não ter pessoas à volta*] Não (...) a solidão é uma pessoa que vive sozinha...em casa dela, sem ninguém... isso é que é a solidão! Agora uma pessoa que vive numa casa onde há pessoas, não estão na solidão... (...)”, excerto da entrevista nº10, U.S.6.

Mas se por um lado muito dos utentes fazem uma associação direta entre a solidão e a presença ou ausência de outrem, outros, remetem-nos para um segundo fator associado à solidão, o desajustamento do meio, que se prende com o facto de mesmo estando rodeados de outras pessoas, não se sentirem acompanhados. Guedes (2012), afirma que apesar do lar ser um espaço que acolhe muitas pessoas, “nem sempre se estabelecem relações de grupo mas simplesmente se congrega os residentes no mesmo lugar” (Barenys, 1990:98 cit. por Guedes, 2012:84)

Olhe, sabe que isso tudo é muito engraçado essa coisa da solidão...a solidão é tudo! Não é por estarmos acompanhados ou estarmos sozinhas que sentimos a solidão! Aí há imensas pessoas que são absolutamente solitárias! É uma questão de feitio das pessoas! (...) Eu no outro dia encontrei aqui uma pessoa, estive a falar com ela, e eu disse-lhe assim, “Mas ouça lá, precisa de alguma coisa minha?”, e ela diz-me assim, “Preciso que goste muito de mim!” (...) Há aí uma pessoa, que saio do quarto, ela vê-me porque tem o quarto do outro lado, eu passo pelo quarto dela e ela chama-me sempre, nem que seja só para lhe dar um Bom dia! (...) Portanto as pessoas sentem-se muitas vezes solitárias no meio de toda a gente! Depende do

feito das pessoas! Viverem em sociedade ou não viverem em sociedade (...) eu mesmo em casa conseguia estar sozinha no meio da família toda reunida, que eram 30 pessoas! Contanto com os avós, com este, com aquele, eu estava... eu consigo estar sozinha! (...) - Entrevista nº7, U.S.3

O terceiro fator associado ao conceito de solidão, está relacionado a acontecimentos marcantes na vida dos utentes. A solidão é fruto de episódios que marcam negativamente a vida do utente. Na entrevista nº9, U.S.5, o utente afirma: “[*O que é que é para si a solidão*] Solidão é o que a gente passa de triste na vida! Acho eu que é! Solidão é coisas que se passam na vida que não prestam, que acontecem de mal à gente! (...)”, na 13ª entrevista, U.S.14, retrata a mesma ideia de solidão: “[*Como define a solidão*] É eu sentir-me só e rodeado de problemas...”.

Por último, o conceito de solidão é percecionado como uma perda de motivação e consecutivamente, ausência de objetivos. Diz-nos Ramos (2012), que “a vida, quando desvinculada dos sonhos, mesmo que involuntariamente por vezes, perde-se num universo desesperançado e sombrio, donde a grande perspectiva é a morte” (Ramos, 2012:141)

[*O que é para si a solidão*] A solidão tem fases, há alturas em que a gente necessita dessa solidão, para viver dentro de nós, para nos encontrarmos a nós mesmos, mas depois durante a vida e durante a idade, já não temos projetos, a solidão é a coisa mais triste que há...(…) - Entrevista nº3, U.S.6

Como já referido anteriormente, a perceção dos utentes face à solidão não está dissociada do contexto, portanto, partindo deste pressuposto, deve-se perceber a influência da institucionalização na forma como os utentes experienciam a solidão.

3.2. Significados sobre a Institucionalização

Para Pais (2006), “a solidão em forma pura é uma transfiguração de fenómenos concretos com os seus conteúdos específicos. Quando tomada como uma mera «forma» a solidão passa ao lado dos seus substantivos, isto é, do pleno fluir das vivências que lhe dão forma” (Pais, 2006:349)

O ingresso no lar, na perspetiva da grande parte dos utentes, foi importante para a quebra da sensação de solidão. Entrar para o lar, fez com que alguns dos utentes saíssem de uma situação de isolamento. Muitos afirmam sentir-se mais acompanhados no lar, do que nas próprias habitações, tanto pelo acompanhamento de profissionais que os podem

auxiliar a qualquer momento, como pela presença de outros utentes, que com o passar do tempo vão estabelecendo laços de amizade.

[*Sente-se acompanhada*] Sinto! Sinto-me acompanhada (...) Sinto, não vim forçada! E como não vim forçada, sinto que é um lugar onde estou acompanhada, porque se estivesse em casa estava só, e sentia-me isolada, e aqui não sinto! (...) - Entrevista nº2, U.S. 32

[*A sua vinda para o lar, fez com que se sentisse mais acompanhada*] Ouça, na medida de estarmos mais acompanhadas, não quer dizer que eu não tenha crises de solidão! Mas estamos mais acompanhadas (...) eu por exemplo se quiser sair, até porque tenho problemas respiratórios, quem faz a cama sempre sou eu (...) Mas chego ali á empregadas e digo, “Hoje vou sair!”, já me tem acontecido estar a começar a fazer a cama e a certa altura (...) chamar as pessoas e dizer “Vocês vão acabar de me fazer a cama porque eu vou descansar por causa da respiração!”, e elas sabem que, quando eu lhes peço para fazer, por exemplo, a cama, é porque estou absolutamente de rastos... - Entrevista nº7, U.S. 12

O maior trauma das pessoas idosas que entram para uma instituição, está relacionado com as ruturas que esta etapa requer. Alterações da própria pessoa, das suas redes sociais, e afastamento da sua habitação, podem ser algumas das consequências negativas de uma institucionalização. (Ballesteros & Rodriguez, 2000:260)

Uma institucionalização poderá influenciar negativamente a perceção face à solidão, como o seguinte utente, que apesar de se encontrar numa situação de isolamento em casa, sente-se mais isolada no lar.

[*A sua vinda para o lar fez com que se sentisse mais acompanhada*] talvez não fizesse, como eu sou um bocado fechada...depois quero conversar com umas ou com outras e encontro só gente muito surda, tenho que gritar, não posso....também acham-me nova cá na casa...[*Sente-se mais retraída*] Sinto-me mais retraída... isolo-me mais... - Entrevista nº3, U.S.16

A situação do utente anterior poderá dever-se ao desenraizamento a que são sujeitas as pessoas que entram para uma instituição, o que produz ruturas na forma de vida habitual, e, segundo Sequeira (1970) torna “muito difícil recrutar novos agentes de troca, inventar novas atividades com os outros ou estabelecer novos laços sociais. Globalmente a vida social dentro de uma instituição tende a reduzir-se ao triste ambiente de uma camaradagem forçada, de coexistência pacífica” (Sequeira cit. por Fernandes, 1997:151).

A experiência da institucionalização, e a forma como os utentes lidam com a solidão dentro do lar é muito pessoal. A perda de saúde ou autonomia, faz com que muitas vezes os utentes se sintam confinados a este espaço. A impossibilidade de ir a/para casa, ou a própria perda de autonomia, potencia situações de isolamento, facto que se pode confirmar através da citação posterior.

(...) Agora estou aqui só, quando eu andava aqui à volta, todos os dias dava uma volta, dava umas voltas a isso, falava com toda a gente, brincava com os meus netos (...) bem, estava acompanhado e agora sinto-me só, estou rodeado da minha mulher e dos meus familiares [Refere-se às fotografias que tem no quarto], e praticamente passo aqui o dia, que não saio daqui...a pessoa sente-se isolada de tudo e estou sem poder fazer nada. Não posso ir a casa, tenho lá as minhas coisas que eu preciso, tenho lá livros bons, posso trazer os livros mas também aqui não tenho onde ponha, mas tenho aí alguns e leio e passo aqui o dia assim a pensar na morte da bezerra, como se costuma dizer... - Entrevista nº13, U.S.13

Outra situação que pode ter uma influência negativa na forma como os utentes experienciam a solidão dentro do lar poderá estar ligada à ausência de afinidade com os utentes ou profissionais ou, a um desajustamento do próprio utente com o ambiente em que está inserido. Seguindo a mesma linha, Pais (2006), refere que a “admissão dos idosos em lares significa, frequentemente, a ruptura de laços conviviais que se mantinham com familiares, amigos e vizinhos e a tentativa de inserção numa vida comunitária que lhes é estranha.” (Pais, 2006:164)

[*Já se sentiu só*] Eu já vivi só! Já! (...) Até aqui, de vez em quando sinto-me absolutamente sozinha, porque eu também não sou pessoa muito para estar...meto-me aqui no quarto! Agora não, porque estava a descansar, mas até podem estar pessoas, absolutamente sozinha, absolutamente só... Sim porque eu também não sou muito pessoa de relações, de estar assim, eu vou para uma sala e não estou acompanhada! (...) - Entrevista nº7, U.S. 8

No decorrer das entrevistas, percebe-se que associado ao desajustamento do utente no meio em que se insere, está o confronto com outros utentes que por várias razões, estão limitados fisicamente e/ou psicologicamente. Guedes (2012), refere que uma vez que

“nas instituições é impossível o isolamento total face aos outros, que muitas vezes personificam o fantasma da degradação e da decadência temida, os idosos evitam os espaços ameaçadores (...) evitam assistir á dependência e perda de domínio dos que necessitam de ajuda para ir á casa de banho, ao duche...” (Guedes, 2012:89)

Esta situação é referida nas seguintes trechos:

[*O que é que é para si a solidão*] A solidão é uma pessoa estar só! Só, e não ter ninguém de roda dela, a solidão...que se diz, “Ai, está na solidão! Está sozinha, está na solidão!”, mas aqui também acho que é uma solidão, porque só se lida com pessoas doentes! Porque não têm cabeça, dizem coisas que até amanhã também me pode acontecer, ou até já hoje me pode acontecer a mim! Agora sei o que digo e o que faço, mas amanhã, posso já não saber! (...) É uma solidão muito grande, não há como uma pessoa ter uma conversa, conversar, não há, é muito triste...(...) A solidão é triste! Muito triste! (...) - Entrevista nº8, U.S.18

(...) Já me disseram, que eu havia de ir ali para a televisão, que havia televisão, não foi as Irmãs, foi pessoa de fora! E eu disse: “Não!”, porque há lá muitas que estão em cadeiras de rodas mas estão chanfradas da cabeça, outras não estão, andam a pé e estão malucas da cabeça! E eu estou desgostoso assim, diante desses doentes, dessa qualidade! Também me pode vir a mim! Também tenho as carótidas, também é mal! Mas sinto-me melhor aqui um bocadinho do que na televisão acompanhado com companhias doentes! Se fosse com companhias saudáveis... (...) Mas ainda fico mais doente, a ver doentes mais doentes ainda do que eu! Que eu ao menos, tenho o temperamento de andar com estes ossinhos que está a ver aqui, são o diabo! Com oitenta e três anos, eu até me admiro a mim próprio! (...) - Entrevista nº9, U.S.20

Numa institucionalização, a falta de apoio emocional ao utente, tanto por parte da família como por parte dos profissionais que trabalham no lar, poderá contribuir para uma situação de isolamento (físico e/ou emocional). Berger e Mailloux (1995), referem que os idosos têm uma maior vulnerabilidade a problemas emocionais uma vez que “os seus recursos físicos e afectivos estão muitas vezes afectados pelas numerosas crises que afrontam” (Berger e Mailloux, 1995:168, cit. por Cardão, 2009:38) E uma vez, dada a consciência da falta destes recursos, esta constitui-se como um fator de desmotivação que acaba por fazer com que a pessoa idosa se isole e se sinta só. (Cardão, 2009:36)

(...) há aí pessoas, a D. Nelinha (...) Há aí uma outra senhora que eu não sei como é que ela se chama, que tem óculos, é muito surda (...) elas estão sozinhas e elas sentem-no (...) uma delas, a Nelinha é que me disse uma vez “Mas precisa de alguma coisa?” “Preciso que goste de mim!” (...) Já cá estávamos as duas em baixo, ela esteve aqui a dormir e depois eu sentia-a “Ai, Ai”, e eu “Precisa de alguma coisa, o que é que tem? O que é que não sei quê...”, “eu sou a pessoa que dorme aqui no quarto consigo”, foi quando ela me disse... (...) Ou com a outra, nunca falei, mas também deve ser do mesmo género de pessoa, absolutamente sozinha! E então com esta ninguém fala! Porque a D. Nelinha, raramente tem visitas, às vezes tem, da filha, e aquela D. Rosa nunca tem...vem aí uma senhora, que de boa vontade, que fala com ela (...) mas que não lhe é nada (...) Isso incomoda-me! - Entrevista nº7, U.S. 21

Porém, a institucionalização não pode ser considerada por si só, o motivo de um utente se sentir mais ou menos só. À medida que as pessoas vão envelhecendo, existem mudanças tanto a nível físico, como psíquico ou até mesmo a nível social, que também influenciam a forma como experienciamos a solidão.

A sensação de solidão descrita pelos utentes e registada também no diário de campo, advém em grande parte de uma diminuição da rede social, por falecimento ou afastamento das pessoas com quem os utentes mantinham relações mais ou menos significativas. No registo nº10 do Diário de Campo elaborado, uma utente faz referência a este facto afirmando: “A maior tristeza na minha idade é que vamos perdendo as pessoas mais próximas, a família, os amigos...alguns amigos não perdi, mas estão pior que eu”.

Durante a vida,

“as redes sociais dos indivíduos mudam de acordo com os contextos familiares, de trabalho e de vizinhança, entre outros; acontecimentos como a reforma, a morte dos pares, a mudança de casa, etc., são susceptíveis de alterar profundamente essas redes, desagregando-as e/ou reorganizando-as, em todo o caso modificando-as e, nessa medida, facilitando ou dificultando a manutenção da saúde mental dos idosos” (Fonseca, 2006:129).

Durante o exercício de estágio, percebeu-se que ao longo da vida de um indivíduo, de todas as alterações da rede social que podem existir, a morte do cônjuge parece ser a mais marcante. Diz-nos Patrício (2012) que “o que caracteriza a solidão é a consciência dolorosa da ausência do outro, da companhia, do parceiro da fala e do convívio, e da acção comum. A intimidade sem a reciprocidade da intimidade vinda da extimidade do outro é a tragédia da solidão.” (Patrício, 2012:192) É “na mediação da convicção íntima da existência do outro e da experiência da sua ausência que pode surgir o sentimento da solidão.” (Pais, 2006:163)

Num dos registos do diário de campo - Registo nº28 - uma das utentes confidenciou “Fomos únicos um para o outro! (...) Fui feliz, muito feliz com o meu marido, tive um marido extraordinário” e mais tarde em entrevista, a mesma utente deixa novamente em evidência a importância deste suporte emocional e o vazio que fica quando parte um do casal no seguinte excerto: “[*Sente-se mais só agora do que se sentia há uns anos atrás*] Não, porque eu nunca me senti só porque eu tinha um marido muito bom, enquanto tive marido sempre fui feliz!” - Entrevista nº2, U.S. 12

Após a partida do cônjuge ou de outras pessoas próximas com quem viveu durante muito tempo, existe uma «perda de si» que, “deriva da existência de

identificações recíprocas no curso de uma longa vida em comum, significando que, nessas identificações, o outro havia-se tornado numa parte de si próprio, e o próprio numa parte do outro” (Le Gouès, 2000, cit. por Cardão, 2009:35)

Outra alteração significativa na rede social de um indivíduo, experienciada por uma das utentes do lar, é a perda de um filho, que por ser um acontecimento que foge à ordem natural da vida, marca profundamente quem passa por esta adversidade.

[*Nunca se sentiu isolada ou sozinha*] Não...porque eu tenho a minha filha! Se não tivesse a minha filha, aí isso, com certeza sentia, mas eu tenho-a! É muito minha amiga e muito boa! Assim como o meu filho era! Depois de o meu filho morrer, é que eu estou pior! Mais desanimada, mais tudo, porque lembro-me dele e tenho muita pena! Que ele era também muito bom, muito bom! Muito meu amigo! E é por isso que eu tenho um grande desgosto dele! (...) - Entrevista nº12, U.S.9

Esta restrição de redes sociais, acaba por se coligar com uma diminuição da qualidade de vida da pessoa idosa, com um conseqüente aumento do *stress* e “do risco de dificuldades funcionais e de incidência de doenças, assim como à ocorrência de morte em períodos mais curtos após uma doença” (Sousa, 2004:44).

Para além destes sentimentos de perda, outro fator que poderá agudizar a sensação de solidão ao longo da vida de um indivíduo, pode estar ligado a questões de saúde ou à perda de autonomia, fazendo com que exista uma maior propensão para situações de isolamento.

[*Sente-se mais só agora do que se sentia há uns anos atrás*] Ah sinto! (...) Porque estou doente, e, eu quando tinha saúde andava aqui por aqui, por ali, conhecia isto tudo a passos! Eu regava o jardim, eu tratava dos periquitos, eu limpava a e lavava a capoeira, aquela casinha deles (...) Essa capoeirazinha, eu limpava-a, eu trabalhei muito, trabalhei no jardim e fora do jardim e em casa e, servia, enquanto a Irmã andava a servir, a pôr a comida nos pratos eu ia pôr lá às pessoas...(...) - Entrevista nº6, U.S.9

Quando se fala em autonomia, fala-se também de uma independência que à entrada para a instituição, se perde. Como refere Cardão (2009), a institucionalização

”marca encontro com um ambiente colectivo de regras que não têm em conta a sua individualidade, a sua história de vida, e que funcionam de igual modo para todos. [Dentro da instituição o utente perde] o exercício pleno da sua vontade, devido à normativização e observância da sua conduta dentro da instituição. (Cardão, 2009:12)

Devido à sua organização, a instituição “produz efeitos que apagam brutalmente à entrada ou subtilmente durante a estadia, qualquer aspecto individual ou singularização do sujeito, mostrando dificuldades em encontrar a distância ideal que permita uma boa integração” (Bayle, 2002:49)

No seguinte excerto de uma das entrevistas, a utente sente claramente que a sua saída do lar está limitada pelas regras da instituição.

[*Mas sente-se acompanhada*] (...) De uma maneira geral, também neste momento, não tenho grandes problemas! (...) só tenho problemas com a saída e tenho um problema que é não me deixarem ir para casa, mas eu também compreendo que (...) elas tenham medo, não é terem medo de que eu vá fazer alguma asneira ou que me vá atirar da janela abaixo, ou mais não sei quê, o que é, é.... Pois! Que piore a situação! Enquanto puder andar um bocadinho a pé e mexer-me, mas sou capaz de andar...(E7, U.S.30)

Deve salientar-se que, de acordo com Manoukian (2001), os utentes que ainda possuem a sua casa “vivem a mudança para o lar de forma mais serena e apaziguada, uma vez que a posse dos seus bens alimenta a vaga esperança de voltar um dia a casa e tem efeitos positivos em termos de identidade preservada.” (Manoukian, 2001, cit. por Guedes, 2012:76) Na mudança para o lar, o utente não pode levar consigo todos os objetos que lhe são familiares e que têm algum valor sentimental. E, de acordo com Delgado (2001), a familiaridade é considerada como uma fonte de conforto. Sem a referência de alguns dos objetos mais importantes que permitem ao utente recordar a sua vida, rotina ou costumes, a familiarização com este novo ambiente torna-se mais difícil. (Delgado, 2001 cit. por Guedes, 2012.132)

O último fator que se destacou, aquando a necessidade de perceber quais os desencadeadores de sentimentos de solidão ao longo da vida de um indivíduo foi, um fator ligado à perda de interesses, ou falta de ocupação. Deixar de fazer atividades que despertam o interesse e mantêm um indivíduo ativo, pode contribuir para o seu isolamento tal como é referido nos seguintes excertos:

[*Sente-se mais só agora do que se sentia há uns anos atrás*] ah...muito mais, agora sinto-me muito mais só do que há uns anos atrás, há uns anos atrás ocupava-me com várias coisas (...) uma das coisas com que eu me ocupava, frequentava (...) o Centro Social de Telheiras, onde temos muitas atividades, geralmente, Segunda, Quarta e Quinta ia para lá, desde a ginástica, a trabalhos manuais que nós fazíamos,

agora sinto que não posso fazer, é uma altura (...) na minha vida em que não faço... (...) - Entrevista nº3, U.S.11

[*Sente-se mais só agora do que se sentia há uns anos atrás*] quando eu estava na minha casa, sozinha?! Estive dezasseis anos sozinha! Dezasseis anos! (...) Sinto-me mais triste, mais só agora! Sabe, porque eu na minha casa fazia eu as coisinhas, ía comprar as minhas coisinhas, fazia, encontrava uma pessoa conhecida, encontrava outra, encontrava outra, vinha o Sábado, que era o bilhete mais económico não sei se sabe, que havia um passe de Sábados, Domingos e Feriados, eu ía com duas senhoras, íamos passear, sempre, dar a nossa voltinha e aqui estou isolada... (...) - Entrevista nº8, U.S.20

Desta forma, percebe-se que múltiplos fatores, tais como alterações nas redes sociais, alterações no estado de saúde e autonomia ou falta de metas, poderão contribuir para uma alteração na forma de estar do indivíduo bem como na forma como este vive o sentimento de solidão ao longo da sua vida. Reforçando a mesma ideia, Novo (2003), afirma que o bem-estar psicológico é a “qualidade de funcionamento psicológico, o que incluirá a autonomia, o domínio do meio, as relações positivas com os outros, os objectivos de vida, o crescimento pessoal e a aceitação de si mesmo” (Novo, 2003, cit. por Paúl, Fonseca, Martín & Amado, 2005:77)

3.3. Estratégias para fazer face à solidão

Durante o período de estágio, acompanhou-se de perto os utentes e as suas rotinas, o que possibilitou ter uma noção mais clara de como os utentes ocupam os dias dentro do lar. Fazer crochet, ler, ver televisão, ouvir rádio ou sair por momentos do lar para ir à rua, para quem tem ainda a possibilidade de o fazer, são atividades com que os utentes ocupam o seu tempo, e por este motivo, são também elas, escapes emocionais. Pais (2006) diz-nos que a televisão é a companhia predileta para combater a solidão uma vez que distrai os utentes “inclusivamente de si mesmos, fazendo-os desprender de olhar o mundo e de pensarem em si” (Pais, 2006:169)

[*Aqui dentro do lar, quando se sente sozinha, o que é que faz para fugir desse sentimento*] Eu poucas vezes me sinto só, eu pouco venho para o quarto para estar só, estou nos momentos em que venho, para rezar, enfim! Tenho momentos em que me meto aqui no quarto, ou para fazer qualquer coisa que precise de fazer aqui no quarto, mas não me sinto só, rezo, faço as minhas orações, e leio, faço um trabalhinho, estou a fazer uma toalha...em crochet! Enfim! Entretenho-me assim...Mas eu pouco me meto no quarto, tenho poucos momentos de...isolada! Estou pouco, não gosto me isolar! Gosto de conviver! (...) - Entrevista nº2, U.S. 27

(...) Rezo o terço! Ou estou a ouvir música, tenho o coiso [aponta para as orelhas, dando a indicação de que se tratavam de uns auscultadores], para não incomodar ninguém, um radiozinho barato daqueles dos chineses que eu comprei ali e pronto... e depois oiço alguma música, oiço noticiários (...) É uma companhia, para mim é uma companhia, não é? Eu quando estava em casa não ouvia tanto a rádio, mas ouvia mais a televisão, os programas que me interessavam na televisão... Agora aqui, no lar, até às nove e meia há às vezes assim um ou outro que aparece assim, uma reportagem ou assim até às nove e meia...a partir das nove e meia... (...) – Entrevista nº11, U.S.20

No entanto, para além destas atividades existem as aulas de ginástica, que se realizam duas a três vezes por semana, trazem uma nova dinâmica ao Centro de Dia, ainda que por breves momentos. Existem também, sessões grupais de estímulo psicológico (em fase experimental), que são organizadas pela psicóloga do lar, e até ao momento final de estágio abarcava apenas quatro utentes, no entanto, pretende-se que esta atividade se estenda a outros utentes. Estão também a prever-se sessões de cinema, e para tal, foi elaborado, pela psicóloga do lar, e preenchido pela estagiária em conjunto com o utente, um pequeno questionário, onde se procura conhecer a disponibilidade do horário dos utentes e tidos em conta os gostos pessoais dos utentes. Este tipo de atividades, altera a rotina diária de grande parte dos utentes e reporta para outra forma de escapar à solidão dentro do lar, o convívio entre os utentes e naturalmente a criação ou reforço de laços.

Todavia, nem todos os utentes se sentem motivados a participar nas atividades propostas pelo lar, portanto, parte dos profissionais estimular o interesse dos utentes. No vigésimo quinto registo do diário de campo, apresenta-se o retrato de uma situação em que o utente necessita de um estímulo contínuo por parte dos profissionais. Conjugada à falta de motivação, a fraca mobilidade do utente leva a que o utente se isole. A falta de motivação em participar ativamente nas atividades do lar, conduz a uma desistência por parte dos profissionais, que não persistem em estimular o utente. Porém, ao estimular do utente, deve ter-se em conta o seu espaço individual, de forma a não forçar uma situação que provoque o desconforto do utente. A escuta ativa e a explicação ao utente dos benefícios que a participação em determinada atividade pode trazer, poderão ser o primeiro passo, para conquistar a atenção do utente.

No contexto de lar, em que as redes de contacto sociais se estreitaram e as atividades/obrigações diárias quase não existem, surge a questão do isolamento, mais especificamente a questão do isolamento emocional. Isoladas, as pessoas idosas desenvolvem “uma vida escassa de estimulações afectivas e cognitivas, o que vai

interferir, significativamente, na homeostase psicológica e física do indivíduo” (Silva, 2005:148).

Estão a contribuir positivamente para uma homeostase psicológica e física do utente, as relações que o utente mantém dentro do lar, quer com outros utentes, quer com profissionais. A existência destas relações sociais significativas é considerada como protetora da saúde mental dos indivíduos atuando como «almofada» e/ou facilitadora da cura em situações de descompensação (Paúl, 2005:37). E na verdade, a qualidade destas relações acaba por ser muito mais importante, do que quantidade das mesmas.

(...) Já tenho pessoas amigas aqui no lar com quem convivo, as que estão melhores, não é? Com quem se pode conviver, porque há pessoas, coitadas, que já não têm condições (...) Mas tenho pessoas com quem convivo, de quem já sou amiga, que me ajudam bastante! (...) - Entrevista nº2, U.S. 22

SI falou-me também com saudade de uma utente que partiu neste mês. Eram amigas inseparáveis. “Se eu fosse a algum lado e demorasse mais um pouco ela perguntava-me logo, «onde foste?»” SI assumiu já para o fim um papel de cuidadora, dando a comida à boca da amiga há hora de comer. “Às vezes não ia com o meu sobrinho porque tinha pena dela”. – Diário de Campo, registo nº 8

A Procura de conforto espiritual é também uma forma de fugir à solidão. Ainda que no lar exista um local próprio, a capela, nem todos os utentes a frequentam, acabando por fazer as suas orações no próprio quarto. De acordo com Davie e Vincent (1998), as pessoas idosas são mais religiosas do que as pessoas mais novas, porque “Tomam a figura de Deus mais seriamente, normalmente em dois sentidos: ajuizador (*fonte de todos os problemas*) ou figura paternal (*uma rocha no vendaval da vida*)” (Davie & Vincent, 1998, cit. por Sousa, 2004:58) Os excertos seguintes, são prova da necessidade que os utentes têm de se apoiar na figura de Deus e de como este suporte é fundamental para o seu equilíbrio emocional: “[*Como o faz*] Rezo, peço a Nossa Senhora que me dê coragem para eu poder aguentar e que Deus me leve antes de perder o juízo... que Deus me leve antes de perder o juízo! (...)”, excerto retirado da entrevista nº8, U.S.22. “[*Alguma vez se sentiu isolada ou só*] Não! Não porque tenho muita fé e como tenho muita fé e enfim, sou muito religiosa, rezo!...E a coisa, passa! (...) É a minha maneira de encarar... (...)”, excerto retirado da entrevista nº11, U.S. 8.

Por conseguinte, ter conhecimento dos momentos em que os utentes poderão sentir-se mais vulneráveis, é o primeiro passo para precaver situações de isolamento. Dentro do lar, os períodos em que os utentes se sentem sós, estão ligados a diferentes

causas. Dias comemorativos, a lembrança de entes queridos, o simples horário do recolher ou a falta de interesses ou ideias em comum, podem desencadear sentimentos de solidão. Vários utentes referiram que o período após o jantar é uma das alturas em que se sentem sós, tanto pela diminuição dos profissionais, como pela ausência de utentes que já foram para os seus quartos.

[Quais são os momentos em que se sente mais só] Geralmente depois do jantar, o jantar é muito cedo, é cedo demais, e depois desaparece toda a gente, a partir das oito horas não há ninguém, acabo por me deitar, coisa que nunca faço, às nove, não se vê ninguém... (...) - Entrevista nº3, U.S.18

Como já mencionado, momentos marcantes ou dias comemorativos trazem recordações e consigo a sensação de solidão. Durante o período de estágio, tornou-se evidente, que à medida de envelhecemos, o número de recordações aumenta, e por isso, muitas das vezes, as recordações, boas ou más, estão presentes em grande parte do dia dos utentes. Afirmo Pais (2006) que o “acto de recordar pode acentuar um forte contraste entre os tempos recordados e o tempo em que a memória revive as recordações. Também frequentemente, por efeito desse contraste, a felicidade recordada é algo que sempre foi e jamais é.” (Pais, 2006:155). Ao fazer um reencontro com o passado, o utente procura um sentido de vida para o presente. Esta «narração retrospectiva», permite ao utente recuperar o sentimento de identificação com o passar do tempo. (Idem, 156, 168) Em vários registos do diário de campo, em momentos de interação entre os utentes, existem bastantes referências ao passado.

[Quais são os momentos em que se sente mais só] Por exemplo quando alguém faz anos, ou o meu pai, ou a minha mãe, ou as minhas irmãs...é quando eu me sinto pior... (...) Porque tinha uma palavrinha de carinho, e aqui não tenho! (...) – Entrevista nº8, U.S.25

[Quais são os momentos aqui dentro do lar em que se sente mais só] Quando (...) penso na minha mulher que era a minha grande companhia, sempre nos demos bem e que agora não tenho! Estou aqui e estou a pensar onde ela está... Estou a vê-la acolá... [Olha para a fotografia], e não me deito dia nenhum que não lhe dê um beijinho... - Entrevista nº13, U.S.30

Outro momento desencadeador de sentimentos de solidão está ligado à ausência de interesses e ideais que não são partilhados pelos restantes utentes. No seguinte excerto, a utente relata um episódio de discórdia com outras utentes, que se vendo

confrontadas com o comportamento de uma utente que sofre de epilepsia, expressaram o seu desconforto de uma maneira menos própria, o que para uma utente, que já foi Assistente Social, faz algum tipo de confusão.

[*Quais são os momentos em que se sente mais sozinha*] Olhe, quando há discussões e esse tipo de coisas...pois, não dá! Custa-me mais isso, do que por exemplo vir uma Irmã Florinda ou uma Irmã Marta, e descompor-me porque eu fiz isto, porque eu fiz aquilo, porque não fiz assim, porque não fiz assado, ou que me venha uma empregada chamar a atenção, “olhe, que aconteceu isto...”, porque às vezes chamam a atenção, o chamar a atenção, eu não ligo assim muito, mas então este tipo de coisas, as pessoas estar a ofender as outras, porque não querem ser incomodadas com a doença que os outros têm, confrontadas com elas, isso incomoda-me muito! (...) – Entrevista nº7, U.S. 16

[*São os momentos em que se sente mais só aqui dentro do lar*] (...) e não é contra mim, percebe? No dia em que for contra mim, levam duas parelhas, levam duas respostas tortas e acabou! (...) Se eu descomponho as pessoas, se as outras estão presentes, eu não posso fazer fitas! Posso fazer fitas, se falar baixo! “Vocês tenham cuidado porque isto não se pode fazer à frente, e não se pode dizer à frente de uma pessoa!”. Não se pode excluir, pôr uma pessoa sozinha ou então vai passar a vida na cama! Eu tive a explicar o que era o ataque epilético, porque isto nunca se sabe quando é que há um ataque epilético! Mas sobretudo, é quando é contra os outros...(...) fico muito magoada (...) Eu fico muito magoada! E depois digo eu assim “Esta gente não serve para conversas!” E no entanto, sou a rapariga mais extraordinária (...) eu sou quase o suprasumo, algumas, é claro que nem toda a gente gosta de mim! (...) – Entrevista nº7, U.S. 18

É de salientar, que um dos momentos descritos por uma das utentes, no qual se sente só estar ligado à forma como se sente tratada pelas funcionárias do lar. A mesma em entrevista afirmou,

[*Quais são os momentos em que se sente mais sozinha*] Ah, eu não me sinto bem sozinha em parte nenhuma... (...) Eu sinto-me sozinha quando elas me traem... quando atiram comigo, mas não é só comigo, à noite para nos deitar, atiram com a gente para a cama! E não é só comigo! Portanto não tenho nada contra isso e não vou dizer nada a ninguém! Digo-lhe a si, porque estamos nesta conversa (...) (E6, U.S. 14)

Por vezes “o receio de represálias ou de problemas desnecessários [é o que] torna alguns utentes resignados e não tanto a ausência de consciência de que estas situações ocorrem (Guedes, 2012:132)

Num lar, que acolhe pessoas idosas em situação de maior dependência, há que ter em conta que independentemente do grau de autonomia de alguns utentes, os mesmos continuam conscientes do meio que os rodeia. A entrada para a instituição, é

acompanhada do medo pelo desconhecido, medo de sofrer maus tratos ou receio que a pessoa idosa tem em sentir-se desrespeitada física ou psicologicamente. Estes medos persistem “quando os cuidados básicos oferecidos ressoam atitudes mais ou menos inconscientes de antipatia, repulsa, ou de hostilidade, perante os seus corpos envelhecidos, deteriorados, doentes.” Estas atitudes são interiorizadas negativamente pelo utente, podendo fazer com que se sinta mais frágil. (Cardão, 2009:42)

Pais (2006), alerta-nos ainda para a uma eventual deterioração da identidade da população institucionalizada que “oscila frequentemente entre a *infantilização* (tratamento do idoso como se fosse uma criança irresponsável) e a *despersonalização* (menosprezo por necessidades particulares” (Pais, 2006:162) Seguindo a mesma linha de pensamento, Marques (2011), refere que os próprios profissionais comparam muitas vezes as pessoas idosas a crianças, chegando mesmo a utilizar por vezes um tipo de discurso mais infantilizado, a mesma autora refere à frente que este “tipo de discurso paternalista afecta de forma negativa a auto-estima das pessoas idosas que residem nestas instituições” (Marques, 2011:77)

Saliente-se ainda que o respeito pelos espaços individuais deve ser levado muito em conta pelos funcionários do lar. Na sua grande maioria os quartos acolhem no mínimo, duas pessoas, e inconscientemente estes espaços transmitem às funcionárias uma sensação de coletivo e não de um espaço privado e por isso entram sem bater. E, de acordo com Guedes (2012:81), “quanto mais o idoso for dependente, mais o pessoal parece não respeitar esta regra, o que reflectirá, ainda que inconscientemente, a relação de domínio e poder exercida. Nestas situações, as pessoas são menos respeitadas no seu direito á intimidade corporal e à propriedade de um espaço pessoal. Não será difícil, poi, que as pessoas independentes possam associar aumento de problemas físicos e psíquicos à diminuição do respeito” (De Singly & Mallon, 2000 cit. por Guedes, 2012:81)

Não obstante, estar-se atento a situações de isolamento físico ou emocional, passa também em grande parte por um respeito do espaço individual. Num lar, com dezenas de utentes, é importante saber fazer a distinção entre a necessidade do próprio utente se afastar e procurar um espaço mais reservado e uma situação de isolamento. Nos seguintes excertos, fica expressa a necessidade de o utente se isolar, facto não pode ser encarado necessariamente como um indício de solidão: “[*Sente a necessidade de estar*

sozinha] Às vezes apetece-me ir para um sítio sozinha que ninguém me visse! E falar sozinha, desabafar à minha vontade...(…)” – Entrevista nº8, U.S.24

[*Quando está aqui dentro do lar sente necessidade de estar sozinha*] Sim, quando estou a ler! Se leio qualquer coisa assim e tal, subo sozinha! Porque eu tenho uma companheira de lar que vem para aqui e que está sempre a queixar-se de doenças, doenças, doenças e mais doenças, e eu fico maluca, de maneira que eu...coitada, a senhora já está com uma certa idade e agora está bastante atrapalhada, e já foi ontem ao médico de maneira que a senhora, quando ela está...Eu disse-lhe ”olhe que eu hoje vou ter aqui visita! oh, mas pode estar na mesma! (...) - Entrevista nº11, U.S.17

Em suma, a experiência de uma institucionalização é singular, pelo que, por exemplo, variáveis como a capacidade de integração, o nível de autonomia, a qualidade das relações humanas (internas ou externas ao lar) que o utente mantém, são determinantes na forma como o utente vive e percebe esta realidade. A percepção em relação ao sentimento de solidão, não se desvincula do meio em que os utentes estão inseridos. O ingresso do utente na instituição, não é em si, um catalisador da sensação de solidão. Cada utente ingressa no lar com uma história de vida, com mais ou menos adversidades, de onde irrompem sentimentos de solidão. Portanto, seria redutor afirmar que a situação da institucionalização é o motivo pelo qual os utentes se sentem mais ou menos sós. Contudo, inerente a uma institucionalização, elementos como a alteração das rotinas dos utentes, do meio onde estão inseridos ou alteração das redes sociais do utente, poderão despoletar sentimentos de solidão. A forma como cada utente se adapta e vive dentro da instituição é própria de cada pessoa. Sendo assim, é imprescindível ter em consideração a situação da cada utente, e acima de tudo zelar, não só pelo seu bem-estar físico, mas também pelo seu bem-estar psicológico e emocional.

4. PERSPETIVAS FUTURAS

Enquanto estudante, sem qualquer tipo de experiência ligada à população mais velha, entendo que a experiência de estágio foi bastante enriquecedora, uma vez que deu lugar à aquisição de novos conhecimentos e consequentemente, a uma nova perspetiva sobre o que é e como se vive uma institucionalização.

Ainda que as dinâmicas do lar, não tenham possibilitado uma maior aproximação com o trabalho da Assistente Social do lar, esta limitação obrigou a uma melhor gestão do tempo e com isso, a adotar uma atitude mais proactiva, na definição e delineação das prioridades e metas, portanto, estes constrangimentos, acabaram por se tornar numa mais-valia, contribuindo para um crescimento tanto a nível pessoal como a nível profissional. Não obstante, esta experiência exigiu uma gestão emocional, para a adaptação com esta realidade. Assim, num futuro acolhimento de um estagiário, propõe-se que seja dada a oportunidade de participar mais ativamente nas questões que se prendem com os serviços prestados pela coordenação técnica do lar aos utentes.

De uma forma geral, cumpriram-se os objetivos e sobretudo, obteve-se resposta às questões que conduziram o estágio. Se por um lado se procurou um contacto mais direto com a realidade de uma institucionalização, por outro, procurou-se compreender os fatores de risco que potenciam sentimentos de solidão, e mais importante, dar a conhecer as perspetiva dos próprios utentes face à sua experiência. Outro objetivo orientador do estágio, foi o de definir o papel dos profissionais na intervenção à pessoa idosa institucionalizada que se sente só e para tal, escutar os utentes e entender as suas reais necessidades, foi fundamental para definir uma possível abordagem, que vá ao encontro destas necessidades.

Perante a pessoa institucionalizada, todos os profissionais devem unir esforços para dar uma resposta a situações de isolamento. Antes de mais, a sensibilização para esta problemática não pode ser deixada de parte. Deve existir uma preocupação por parte de todos os profissionais do lar, em conhecer e comunicar com os utentes. A preocupação genuína com o bem-estar dos utentes, promove uma melhor integração na instituição. É importante incentivar a interação entre os utentes, criar momentos lúdicos que fujam à rotina habitual do lar, e que respondam às verdadeiras necessidades dos mais velhos. Decerto que as atividades já implementadas como a ginástica, ou as sessões de estímulo psicológico ou atividades ainda por implementar como as sessões de cinema são uma mais-valia, mas qualquer tipo de atividade que tenha como fim,

combater a solidão na pessoa idosa, deve ter um fundamento as questões teóricas que englobam a solidão, e só a partir daí, pensar em novas formas de agir.

Na entrevista à equipa da coordenação técnica do lar (Anexo D), percebe-se que o trabalho com os profissionais tem de ir para além da sensibilização. Deve ser feito um trabalho com as próprias auxiliares que prestam apoio aos utentes. O trabalho das auxiliares, acaba por ser ingrato, por ser mal remunerado e ao mesmo tempo, ser um trabalho que exige um esforço físico e mental para o qual muitas delas não estão preparadas. Esta insatisfação, reflete-se assim, numa indisponibilidade para dar tudo de si ao utente. O excerto seguinte foi retirado desta entrevista e ilustra alguns dos entraves desta profissão.

e[b]: E é uma pescadinha de rabo na boca, porque é uma profissão extremamente mal paga, muitíssimo mal paga para o trabalho físico, mental, além de que é por turnos, uma boa parte delas é por turnos, Sábados, Domingos, feriados, Natal, Páscoa, isto não fecha o lar, o salário desta categoria são 507€, fora os descontos, a alimentação nem sequer recebem subsídio, recebem a alimentação, se calhar algumas preferiam trazer uma sandes e receber mais qualquer coisa, pronto...têm filhos muitas delas, elas próprias precisam de ajuda, portanto colocamos sistematicamente pessoas que precisam de ajuda a cuidar de pessoas precisam de ajuda, logo aí... (...) – Entrevista nº 1, U.S. 37

Todos os fatores aqui invocados “acabam por afectar a qualidade do desempenho, uma vez que a desmotivação tem como consequência comportamentos e atitudes dos quais os sujeitos não estão conscientes, mas que afectam negativamente a vida dos idosos e a qualidade dos cuidados que lhes são prestados” (Sousa, 2011:25) A mesma autora fala-nos de uma síndrome, que afecta de modo particular os auxiliares de ação direta, que acontece a três níveis, o primeiro, a exaustão emocional, em que o cuidador pode experienciar uma sensação de esgotamento, falta de energia ou motivação pelo trabalho que consequentemente poderá fazer com que desenvolva uma insensibilidade emocional para com a instituição, colegas e até mesmo com os próprios idosos tratando-os como objetos «desprovidos de ser», este é o segundo nível, que a autora denomina «despersonalização» e por fim, o terceiro nível deve-se à baixa realização profissional, em que o cuidador apresenta uma baixa auto-estima, fazendo de si mesmo uma avaliação negativa. (Sousa, 2011:27)

Marques (2011), alerta-nos também para “a falta de profissionais qualificados [que] constitui uma lacuna grave quando se pretende garantir o adequado funcionamento dos serviços” (Marques, 2011:76)

Presentemente, considera-se que os maiores desafios para os lares passam primeiramente pela adequação entre necessidades específicas e os serviços que são prestados e segundo – a fim de aumentar a qualidade dos serviços – pelo aumento da formação de *staff* e promoção de melhores condições de trabalho; implementação de sistemas de avaliação de qualidade dos serviços prestados pelo lar; e promoção da participação das famílias dos utentes e da própria comunidade. (Martim et alii, 2007:143)

Outra medida a ser tomada no combate, pode também passar por dotar a família de estratégias que as ajudem a lidar com questões como a morte ou a perda de capacidades inerente ao processo de envelhecimento. A ideia do trabalho com as famílias aparece referenciado no seguinte excerto:

[Medidas ou estratégias a ser adotadas no combate à solidão dos utentes institucionalizados] e[b]: Há coisas muita giras que não combatem diretamente a solidão, não é tomar um Benurom para uma dor de cabeça, é ao contrário, é desligar o rádio para não doer a cabeça! Eu acho que passava muito por fazer uma coisa que nós temos um projeto, haja financiamento! Que tem a ver com trabalhar as famílias! (...) A ideia não é, eu não vejo as coisas assim, aquela sensibilizaçãozinha de explicar o que é um Alzheimer, não! Trabalhar emoções! Trabalhar sentimentos, frustrações, angustias, medos! (...) – Entrevista nº1, U.S.

26

Uma vez que a Intervenção feita com os utentes assenta sobre as teorias do modelo Sistémico, como referido atrás, a família é considerada ela mesma, um sistema. Este sistema é dinâmico e composto por sub-sistemas em constante interação e interdependentes. Assim, como sistema dinâmico que é qualquer unidade que seja afetada, repercute-se no sistema na sua totalidade. (Caparrós, 1998:212).

Sobre a importância da família na integração do idoso, Pais (2006), refere que “entre idosos e familiares há recorrentemente forças conflituantes entre apertar e afrouxar laços. Esta tensão produz nos idosos um sentimento de insegurança e desconforto ao darem-se conta de que a desejada proximidade afectiva é facilmente descartável” (Pais, 2006:164) Portanto, existe a necessidade de reestruturar as ligações

entre a família e o utente. Bayle (2002), diz-nos que a família é indispensável e complementar no processo de integração do idoso no lar, uma vez que “é desta colaboração que depende a integração do idoso na instituição, e a diminuição do sentimento de culpabilidade por parte dos filhos, que por vezes têm dificuldades em tomar esta decisão, que é sempre traumática” tanto para o idoso que se torna cada vez mais dependente, como para a família que sofre alterações organizacionais. (Bayle, 2002:51)

Por último, é de referir que a participação dos idosos nos processos de tomadas de decisão é fundamental para a promoção de práticas de qualidade. É imprescindível que, de acordo com Vallespir e Morey (2007), “os idosos se tornem nos principais gestores da sua própria vida, pelo que é necessário potenciar a sua participação em todos os aspectos e em todos os níveis em que sejam tomadas decisões que os afectem.” (Vallespir e Morey, 2007:236) Esta participação pode ser feita através de “instrumentos formais, como a colaboração activa dos idosos no regulamento, ou a escolha entre diversas modalidades de planos de cuidados, ou instrumentos informais, como a realização de pequenos inquéritos” (Martin et alii, 2007:160). Só uma mudança de dentro para fora, será benéfica para o bem-estar físico e psicológico do utente. O equilíbrio emocional de todos os que rodeiam o idoso, é também essencial para o seu próprio equilíbrio.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O envelhecimento demográfico, é hoje entendido por muitos como uma ameaça ao futuro de uma sociedade, no entanto, como nos alerta Rosa (2012), “é preciso ter a noção de que a população continuará a envelhecer e perceber que o problema da sociedade portuguesa não é o do envelhecimento da sua população mas antes o da incapacidade de pensarmos de modo diferente perante uma estrutura populacional que tem outros contornos, porque envelhece.” (Rosa, 2012:81) Portanto, as formas de agir e de olhar para esta população devem ser repensadas, para que se caminhe para uma sociedade cada vez mais inteligente e preparada para os desafios que o envelhecimento populacional traz consigo.

As instituições de apoio a pessoas idosas, padecem hoje de um estigma, que as reduz a meros depósitos dos mais velhos, no entanto, após a experiência de estágio, entendo que esta afirmação não se poderia afastar mais da realidade. Optar por uma institucionalização pode não ser fácil, mas o que se verifica, é que na sua grande parte, os utentes fazem esta escolha de livre vontade, por razões preventivas ou por incapacidade de permanecer na própria casa, que se prendem com questões de saúde ou isolamento.

Esta institucionalização traz consigo novos desafios, que a determinada idade poderão ser difíceis de ultrapassar, tais como a mudança de residência, de rotinas, de redes sociais. Perder algumas destas referências e ficar dependente das circunstâncias de uma instituição pode afetar profundamente a situação psicológica / emocional da pessoa idosa institucionalizada.

Para compreender como a pessoa institucionalizada lida com o sentimento de solidão dentro do lar, é necessário ter em conta todos estes fatores apontados anteriormente. Num espaço que é quase todo ele partilhado, facilmente se encontram pessoas que se sentem sozinhas, dando lugar à expressão «só no meio da multidão».

A solidão, para além de ser um sentimento multifatorial, é subjetivo, de maneira que quem experiencia a sensação de solidão, vive-a de uma forma muito particular. A perceção de cada utente relativamente à solidão é diferente. Se para alguns utentes sentir-se só se prende apenas com a questão de estar com ou sem pessoas em seu redor, outros percecionam a solidão como um desajustamento com o meio onde estão inseridas. Os utentes fazem ainda uma associação com acontecimentos marcantes da sua vida ou ainda associam este sentimento à perda de motivação ou objetivos.

Fica claro, que a sensação de solidão aumenta durante o ciclo de vida, por alterações na rede social que se devem muitas das vezes a perdas de amigos ou familiares, por questões de saúde que quebram também o seu bem-estar psicológico, por uma diminuição de autonomia que consequentemente leva a um maior isolamento e por fim, pela perda de motivação ou objetivos que dão sentido à vida. Medeiros (2012) sugere que “combater a solidão, não fazendo dela objecto de combate, pode ser a saída para novos projectos de vida. A vida da pessoa a ser e ser com... Um abraço talvez seja um bom ponto de partida e de chegada. O afecto mata a solidão.” (Medeiros, 2012:102)

Um dos motivos mais frequentes pelos quais os utentes procuram vir para o lar, é o de se encontrarem em situação de isolamento, por isso mesmo, grande parte dos utentes garante sentir-se menos só, independentemente de terem episódios em que se sintam mais solitários. A sensação de solidão que o utente experiencia durante a sua vida estende-se para dentro da instituição, e inerentes a esta nova realidade, outros elementos emergem como desencadeadores do sentimento de solidão. A gradual redução da autonomia, acaba por limitar os utentes, e por isso, a sensação de estarem confinados ao espaço do lar e dependentes do auxílio das funcionárias. O utente poderá não se sentir enquadrado na instituição ou ter alguma dificuldade em ambientar-se ao meio ou à população residente no lar. Em alguns casos, os utentes sentem dificuldade em lidar com a presença de outros utentes que estão incapacitados física e/ou psicologicamente e este confronto gera desconforto e a perceção de se estar só. A falta de apoio emocional por parte da família e/ou profissionais, dá origem a que muitas das vezes, a pessoa institucionalizada se sinta desamparada, e sem ninguém a quem recorrer. Posto isto, os utentes procuram formas de escapar à solidão, e por isso, atividades como a ginástica, fazer crochet, ler um livro ou ver televisão acabam por ocupar parte do dia.

A dimensão espiritual é crucial e é na figura de Deus que muitos utentes se apoiam quando se sentem sós. No entanto, a criação de laços dentro do lar, com utentes ou profissionais, parece ser a melhor forma do utente não se sentir só. Estabelecer relações de confiança

“surge, efectivamente, como o melhor antídoto para combater o sentimento de solidão que, independentemente do contexto onde se vive, espreita por detrás do isolamento físico ou geográfico, de um estilo de vida solitário, de uma doença grave ou incapacitante, de uma perda, da morte iminente ou, simplesmente, da

dificuldade em exprimir sentimentos acerca da respectiva condição de vida”
Fonseca (2005:300).

Em suma, uma visão integral e um entendimento geral do que é estar institucionalizado e das formas como esta institucionalização afetam a percepção do idoso face à sua situação e à forma como experiencia a solidão, é o ponto de partida para uma intervenção adequada, sustentada em princípios teóricos. Todos os dispositivos da instituição, devem estar sensibilizados para a problemática da solidão e as consequências que poderão advir de uma intervenção inadequada ou tardia. De natureza preventiva ou reabilitativa, as ações devem ser tomadas de acordo com as necessidades de cada utente, possibilitando uma intervenção direcionada, que evite e/ou reduza a incidência de sentimentos de solidão, contribuindo assim, para uma harmonia entre uma instituição que prima pelos seus princípios e valores, acolhe e apoia, e o idoso que se sente acolhido, respeitado e incentivado. Cardão (2009), afirma que “a preservação e a potencialização das capacidades individuais tornam-se fundamentais para a continuidade e bem-estar do idoso, por forma a evitar interações insatisfatórias e experiências de frustração intoleráveis ” (Cardão, 2009:40). Aos profissionais, cabe o papel de incluir os idosos na vida coletiva do lar.

BIBLIOGRAFIA

- Ballesteros, Rocío Fernández e Rodríguez, José Antonio Corraliza (2000), “Ambiente y vejez”, Ballesteros, Rocío Fernández (Directora), *Gerontología Social*, Madrid: Ediciones Pirámide, pp. 251-272
- Bayle, Filomena (2002), “O psicólogo e o idoso”, Bayle, Filomena (coord.), *O idoso em 2000 – Actualidades e Perspectivas na Intervenção Psicossocial*, Loulé: INUAF – Instituto Universitário Dom Afonso III, pp. 47-56
- Caparrós, Maria José Escartin (1998), *Manual de Trabajo Social – Modelos de práctica Profesional*, Alicante: Editorial Aguacilar
- Cardão, Sandra (2009), *O Idoso Institucionalizado*, Lisboa: Coisas de Ler
- Fernandes, Ana Alexandre (1997), *Velhice e sociedade: Demografia, Família e Políticas Sociais em Portugal*, Oeiras: Celta Editora
- Fonseca, António Manuel (2005), “O Envelhecimento Bem-Sucedido”, Paúl, Constança e Fonseca, António Manuel (coord.), *Envelhecer em Portugal. Psicologia, Saúde e Prestação de Cuidados*, Lisboa: Climepsi Editores, pp. 281-308
- Fonseca, António Manuel (2006). *O Envelhecimento: Uma abordagem psicológica* (2ª edição). Lisboa: Universidade Católica Editora
- Giddens, Anthony (2002), *Sociologia*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian
- Guedes, Joana (2012), *Viver num lar de idosos – identidade em risco ou identidade riscada?*, Lisboa: Coisas de Ler
- Guerra, Isabel Carvalho (2002), *Fundamentos e Processos de uma Sociologia de Acção. O planeamento em Ciências Sociais*, Lisboa: Principia Editora
- Guerra, Isabel Carvalho (2010), *Pesquisa Qualitativa e Análise de Conteúdo – Sentidos e formas de uso*, Lisboa: Principia Editora
- Hernández, Manuel e Juárez, Asunción (2005), “Teorías y modelos del Trabajo Social com casos, familiar y com otras unidades de convivencia”, García, Tomás (coord.), *Trabajo social com casos*, Madrid: Alianza Editorial, pp. 59 – 107
- Martin, I.; Gonçalves, D.; Silva, A.; Paul, C.; Cabral, F. Pinto (2007), “Políticas Sociais para a Terceira Idade”, Osório, Agustín Requejo e Pinto, Fernando Cabral (coord.), *As pessoas idosas – Contexto Social e Intervenção Educativa*, Lisboa: Piaget Editora, pp. 131-179
- Maroy, Christian (2005), “A análise qualitativa de entrevistas” in *Práticas e Métodos de Investigação em Ciências Sociais*. Viseu: Grádiva Publicações Lda.

- Marques, Sibila (2011), *Discriminação da Terceira Idade*, Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos
- Medeiros, Emanuel Oliveira (2012), “Partilhas de solidão: ausência, presença e convivência”, Carvalho, Adalberto Dias (Org.), *A Solidão nos limiares da Pessoa e da Solidariedade*, Porto: Edições Afrontamento, pp. 93-103
- Neto, Félix (1989), «Avaliação da Solidão», *Psicologia clínica*, 2, Lisboa: Escher, pp. 65-79
- Neto, Félix (2000), *Psicologia Social – Volume II*, Lisboa: Universidade Aberta
- Neto, Félix e Barros, José (2001), Solidão em diferentes níveis etários, *Estudos Interdisciplinares sobre o envelhecimento – V.3*, Porto: Centro de Cognição, Afetividade e Contexto Cultural – Faculdade de Psicologia de Ciências da Educação
- Pais, José Machado (2006), *Nos rastros da solidão: Deambulações Sociológicas*, Porto: Âmbar
- Patrício, Manuel Ferreira (2012), “A solidão como condição de realização e aprofundamento do processo antropológico e personológico”, Carvalho, Adalberto Dias (Org.), *A Solidão nos limiares da Pessoa e da Solidariedade*, Porto: Edições Afrontamento, pp. 191-206
- Paúl, Constança (2005), “A construção de um modelo de envelhecimento humano”, Paúl, Constança e Fonseca, António Manuel (coord.), *Envelhecer em Portugal. Psicologia, Saúde e Prestação de Cuidados*, Lisboa: Climepsi Editores, pp. 21-39
- Paúl, Constança; Fonseca, António Manuel; Martín, Ignacio e Amado, João (2005), “Satisfação e qualidade de vida em idosos portugueses”, Paúl, Constança e Fonseca, António Manuel (coord.), *Envelhecer em Portugal. Psicologia, Saúde e Prestação de Cuidados*, Lisboa: Climepsi Editores, pp. 75-94
- Poupart, Jean (2008), “A entrevista de tipo qualitativo: considerações epistemológicas, teóricas e metodológicas”, Poupart, Jean *et al*, *A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos*, Petrópolis: Editora Vozes
- Quivy, Raymond & Campenhoudt, LucVan (1995), *Manual de Investigação em Ciências Sociais*, Lisboa: Gradiva Editora
- Ramos, João Batista Santiago (2012), “Utopia possível – uma utopia da solidariedade a partir das vítimas: em torno da ética da libertação de Enrique Dussel”, Carvalho, Adalberto Dias (Org.), *A Solidão nos limiares da Pessoa e da Solidariedade*, Porto: Edições Afrontamento, pp. 139-157
- Rosa, Maria João Valente (2012), *O Envelhecimento da Sociedade Portuguesa*, Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos
- Royo, María Teresa Bazo (2000) “Sociedad y vejez: la familia y el trabajo”, Ballesteros, Rocío Fernández (Directora), *Gerontología Social*, Madrid: Ediciones Pirámide, pp. 241-248

- Silva, Maria Eugénia Duarte (2005), “Saúde Mental e Idade Avançada – Uma perspectiva abrangente”, Paúl, Constança e Fonseca, António Manuel (coord.), *Envelhecer em Portugal. Psicologia, Saúde e Prestação de Cuidados*, Lisboa: Climepsi Editores, pp. 137-154
- Sousa, Liliana (2004), “Ciclo (final) de vida familiar”, Sousa, Liliana; Figueiredo, Daniela e Cerqueira, Margarida, *Envelhecer em família – Os cuidados familiares na velhice*, Porto: Ambar
- Sousa, Maria Manuela (2011), *Formação para a Prestação de Cuidados a Pessoas Idosas*, Cascais: Príncípa Editora
- Vallespir, Jordi e Morey, Marcé (2007), “A participação dos idosos na sociedade: Integração vs. Segregação”, Osório, Agustín Requejo e Pinto, Fernando Cabral (coord.), *As pessoas idosas – Contexto Social e Intervenção Educativa*, Lisboa: Piaget Editora, pp. 225-251
- Vieira, Isabel (2011b), *As pessoas e a intervenção territorial - Intervenção em rede – Exposição em aula*
- Viscarret, Juan Jesus (2007), *Modelos y métodos de intervención en Trabajo Social*, Madrid: Alianza Editorial

Legislação

Diário da República – Despacho Normativo n.º 12/18

ANEXO A



ACTIVIDADES DE VIDA DIÁRIA BÁSICAS					
FUNÇÃO		INDEPENDÊNCIA <i>Faz sozinho, totalmente, habitualmente e correctamente a actividade considerada.</i> <div>0 PONTOS</div>	DEPENDÊNCIA		
			PARCIAL		COMPLETA <i>O idoso não faz a actividade considerada</i> <div>3 PONTOS</div>
			<i>Faz parcialmente ou não correctamente a actividade ou com pouca dificuldade</i>		
			<i>Ajuda não humana</i> <div>1 PONTO</div>	<i>Ajuda humana</i> <div>2 PONTOS</div>	
BANHO <i>Usa adequada/chuveiro e/ou esponja</i>		<input type="checkbox"/> <i>Independente para entrar e sair da banheira.</i>	<input type="checkbox"/> <i>Necessidade de ajuda técnica.</i>	<input type="checkbox"/> <i>Para lavar algumas partes do corpo (costas e/ou pernas) OU supervisão.</i>	<input type="checkbox"/> <i>Banho assistido ou na cama.</i>
VESTIR <i>Tira a roupa do armário ou gaveta, veste-se e despe-se.</i> <i>Exclui-se calçado.</i>		<input type="checkbox"/> <i>Independente para se vestir.</i>	<input type="checkbox"/> <i>Necessidade de ajuda técnica.</i>	<input type="checkbox"/> <i>Para apertar botões, soutien, meias, etc.</i>	<input type="checkbox"/> <i>Dependência total para se vestir.</i>
USO DO WC <i>Desloca-se ao wc, despe-se, limpa-se e arruma a roupa.</i>		<input type="checkbox"/> <i>Independente para ir ao WC e limpar-se.</i>	<input type="checkbox"/> <i>Necessidade de ajuda técnica.</i>	<input type="checkbox"/> <i>Para se deslocar ao wc OU para se limpar.</i>	<input type="checkbox"/> <i>Não vai ao wc para o processo de eliminação.</i>
TRANSFERÊNCIAS <i>Da cadeira para cama e inverso.</i>		<input type="checkbox"/> <i>Independente para entrar ou sair da cama, sentar e levantar da cadeira.</i>	<input type="checkbox"/> <i>Necessidade de ajuda técnica.</i>	<input type="checkbox"/> <i>Ajuda parcial para entrar ou sair da cama, sentar e levantar da cadeira.</i>	<input type="checkbox"/> <i>Não sai da cama. Restrito ao leito.</i>
CONTROLO ESFINCTERIANO	MICÇÃO	<input type="checkbox"/> <i>Independente para controlar a micção.</i>	<input type="checkbox"/> <i>Necessidade de ajuda técnica.</i>	<input type="checkbox"/> <i>Supervisão OU fralda nocturna.</i>	<input type="checkbox"/> <i>Cateter OU fralda.</i>
	EVACUAÇÃO	<input type="checkbox"/> <i>Independente para controlar os movimentos intestinais</i>	<input type="checkbox"/> <i>Necessidade de ajuda técnica.</i>	<input type="checkbox"/> <i>Supervisão OU fralda nocturna</i>	<input type="checkbox"/> <i>Fralda</i>
ALIMENTAÇÃO <i>Consegue apanhar a comida do prato ou equivalente e levar à boca.</i>		<input type="checkbox"/> <i>Independente para agarrar o alimento e levá-lo à boca</i>	<input type="checkbox"/> <i>Ajuda de adaptadores.</i>	<input type="checkbox"/> <i>Alimenta-se sozinho, excepto para cortar carne, espinhas, etc.</i>	<input type="checkbox"/> <i>Dependência total para alimentação.</i>
TOTAIS PARCIAIS					
TOTAL GLOBAL					

ANEXO B

Dia: 10 de Janeiro de 2012	Registo nº 1	Local: Centro de Dia
-----------------------------------	---------------------	-----------------------------

A manhã do dia de hoje foi passada no Centro de Dia com as utentes, uma vez que ainda não as conheço muito bem, aproveitei uma das atividades do centro para me aproximar mais das utentes e me dar a conhecer melhor de forma a ganhar a pouco e pouco a sua confiança. Algumas das utentes não se interessam pelos trabalhos manuais, mas acabam por ficar no Centro de Dia com as colegas.

Depois de ver alguns trabalhos, reparei numa das utentes (ME), que ainda não tinha começado a fazer o trabalho, e aproximei-me e acabei por lhe perguntar o porquê de ainda não ter começado a fazer, uma vez que algumas das suas colegas já tinham terminado, ME respondeu-me que não tinha jeito para nada, ofereci-me para ajudar pedindo a ME me dissesse quais eram as coisas que mais gostava na vida, ME respondeu “flores e amores”, e foi isso mesmo que acabámos por desenhar em conjunto, enquanto ME cantava. Enquanto ajudava ME acabou por adormecer, talvez por o trabalho não lhe interessar ou não lhe dar gosto.

Entretanto outra das utentes (IM), chegava com o seu trabalho, que haviam riscado enquanto se ausentara. Transtornada por não conhecer quem e o porquê de lhe terem riscado o trabalho já não quis continuar. Com calma acabei por a convencer que era muito fácil remendar os riscos e que não era necessário estar tão aborrecida por isso, e então com algum jeito, meti conversa com a senhora IM perguntando-lhe a idade. Pretexto para a conversa continuar por mais um bocado e para ir conhecendo melhor IM. É uma senhora que talvez não tenha muito apoio familiar, uma vez que não tem filhos e enviuvou há 18 anos. O apoio familiar que deverá receber, será, supondo eu, da parte dos seus irmãos. Durante a conversa IM começou a chorar, não sei se por estar ainda nervosa pelo sucedido ou mesmo porque as memórias lhe trazem saudades.

Dia: 12 de Janeiro de 2012	Registo nº 2	Local: Lar e Centro de Dia
-----------------------------------	---------------------	-----------------------------------

Pedi à coordenação técnica uma lista de todos os utentes residentes do lar e utentes do centro de dia. Ainda por não conhecer todos os utentes do lar, fiz a opção de me deslocar ao 2º andar da instituição para fazer algumas anotações, uma vez que nem todos se deslocam ao Centro de Dia e acabam por ficar no 2º piso, uns nos quartos e outros na sala de convívio desse mesmo andar. Tendo na minha posse a lista com o nome dos utentes do lar, anotei em que quarto as pessoas se encontravam e pedi a ajuda de duas auxiliares, que deram algumas informações a cerca dos utentes, bem como da sua situação. Parte dos utentes está acamada, outra parte necessita das auxiliares para se levantar da cama, e muito poucos utentes têm autonomia suficiente para se levantar sozinhos. Entretanto, encontrei uma utente do lar que passeava pelo corredor e pouco tempo bastou para a Sra. JC me contar um pouco mais a cerca da sua vida. Uma senhora com 86 anos com uma história de vida incrível. Veio para Portugal em 1976 com o estatuto de refugiada, diretamente da Moçambique com a filha. Desde que chegou a Portugal, tem vivido sempre em instituições.

A senhora JC, enquanto me contava a sua história, ainda que com episódios tristes, sorria sempre, não se focando nos aspetos negativos. JC sofreu nos últimos anos de AVC's e teve algumas complicações a nível cardíaco (usa agora *pacemaker*) e a nível abdominal (intestinos).

Alguns minutos depois convidou-me para visitar o quarto dela, e acabei por aproveitar esse momento para lhe fazer algumas perguntas de cariz mais pessoal, nomeadamente questões a cerca da sua autonomia no lar e por ir tirando anotações. JC é uma senhora que ainda institucionalizada, leva uma vida perfeitamente normal diria. Dizia-me JC: “eu tomo banho e depois passo creme no corpo todo...sabe que a pele com a idade seca muito”, em seguida perguntei: “toma banho sozinha?” ao que me respondeu: “Tomo sim, graças a Deus!” e apenas com estas afirmações apercebi-me que para além de ter noção dos problemas que a própria idade acarreta, tem cuidado consigo mesma valorizando muito a sua autonomia.

É uma senhora que faz questão de fazer com todo o cuidado e primor a própria cama e de usar o seu próprio enxoval, disse-me “gosto de ser eu a fazer porque acho que fica melhor feita”. Ao lado da cama, na mesa-de-cabeceira mantém a foto da filha aos 18 anos de idade, a foto do filho tirada dentro do navio (local onde trabalha) e a foto do bisneto. JC está em permanente contacto com os filhos que a veem buscar para passar o fim-de-semana fora. No desenrolar da conversa, JC falava-me dos seus dias no lar e de como os geria e aos pouco andava pelo quarto e mostrava-me as suas roupas, as que usava no lar, e as que fazia questão de guardar à parte para quando ía ter com os filhos.

À Saída, despedi-me de JC que me acompanhou à porta.

Registo nº 3		
Dia: 17 de Janeiro de 2012		Local: Centro de Dia

Na manhã de hoje, no Centro de Dia encontravam-se cerca de seis senhoras a fazer trabalhos manuais. Aos poucos a sala foi ficando preenchida com as senhoras que chegavam para o Centro de Dia e as senhoras que chegavam do lar depois do pequeno-almoço tomado. A animadora ía encarregando cada senhora de fazer um trabalho para passar o tempo. Enquanto umas se dedicam a pintar, outras passam o tempo a fazer uns jogos didáticos. Depois da mesa central estar preenchida, as restantes, vão-se sentando nas mesas mais pequenas. Depois de estar a conversar com algumas das senhoras da mesa central, ouvi uma senhora (AP) que se queixava à diretora do lar. Fui sentar-me ao pé de AP e perguntei-lhe pela razão de estar tão aborrecida e pouco bastou para a senhora me falar um pouco de si. AP é uma senhora de 82 anos, que veio para o lar há cerca de três meses mas entretanto já recebia apoio domiciliário por parte da equipa do SAD. O motivo pelo qual veio para o lar foi o facto de ter partido o colo do fémur, e depois de ter ficado internada no Hospital Santa Maria, acabou por vir para o lar por não poder ficar sozinha em sua casa (Alvalade).

Hoje a senhora desloca-se de cadeira de rodas e necessita de ajuda no levantar, deitar, no ir à casa de banho e ajuda no banho.

AP e os seus dois irmãos eram filhos de um Empregado Camareiro na Câmara de Lisboa e de uma dona de casa. Aos 12 anos começou a trabalhar como modista na casa da madrinha (modista também) e foi lá, já aos 22 anos de idade que conheceu o que viria a ser o seu esposo. AP casou-se aos 24 anos, com um construtor civil por conta própria. Sendo a primeira a casar dos três irmãos e desse casamento nasceu o seu único filho, hoje pai de dois filhos. Como foi a primeira dos três irmãos a casar-se, foi também a primeira a sair de casa dos pais, mas mais tarde, depois dos seus dois irmãos se terem eles casado também, acabou por voltar para a casa dos pais juntamente com o seu marido, uma vez que ambos (Mãe e Pai), tinham problemas de saúde e AP não os quis deixar sozinhos. AP acabou por perder os mais próximos, primeiro faleceu o pai, depois o seu marido (há 14 anos) e por fim a sua mãe (há 5 anos). Depois da morte do seu marido, foi diagnosticada a AP uma Depressão Nervosa Crónica.

Durante a conversa sobre a sua vida, AP perdia-se por alguns segundos e olhava para o vazio. Depois de já termos conversado um pouco perguntei-lhe em que pensava, ao que AP respondeu “estou sempre a pensar no passado, no presente e no que será o futuro...dói-me a cabeça porque estou sempre a pensar muito”. Enquanto se perdia nos pensamentos, voltava e desabafava mais um pouco. AP confidenciou-me “sinto-me muito infeliz...não vou para lado nenhum. As minhas amigas já faleceram todas, não tenho ninguém...Sinto-me desmoralizada, muito infeliz”. Enquanto a tentava consolar dizia-me “É muito triste a vida...tenho impressão que a minha vida está por pouco. Não tenho coragem, mas acabava com a vida”.

Acabei por perguntar a AP se sentia sozinha porque não vinha mais vezes para baixo, ao que me respondeu que não podia porque tinha de ficar lá em cima com as “pernas a descansar”, mas que tinha de começar a pensar nisso. AP disse-me que não tinha ninguém para conversar porque as senhoras que estavam no lar era mais velhas e pelas suas palavras “estão sempre de cabeça em baixo, não dá para termos uma conversa interessante”. Perguntei a AP se não gostava de pintar ou de fazer outras

coisas, mas AP não se mostrou muito interessada, “Não tenho jeito e vejo muito mal...Eu gostava muito de fazer tricot e agora não posso porque não vejo bem, só estou bem de olhos fechados”, mais à frente dizia-me “Não tenho força nas mãos, não tenho agilidade, faz-me falta a fisioterapia”. AP queixava-se que gostava de fazer uma coisa mais “elaborada”, enquanto olhava para os jogos que as suas colegas iam fazendo dizia. “Aquilo é uma brincadeira de criança, não acho graça nenhuma aquilo”. Chegada a hora de almoço, viram buscar AP para a levar para o refeitório.

Mais tarde, a Irmã V, informou-me sobre os horários de funcionamento do lar.

Pequeno-almoço – 8:30h – 9:30h

Hora de almoço – 12:00h – 13:00h

Hora do terço (das Irmãs) – 14:30h

Lanche – 15:30h – 16:30h

Hora do terço (oficial) – 16:30h

Jantar – 18:00h

Ceia (Leite quente) – 21:00h

Hora de deitar: 22:00h (máximo)

Registo nº 4		
Dia: 19 de Janeiro de 2012		Local: Centro de Dia

Pelas 9:30h a sala de convívio do Centro de Dia, estava com 6 senhoras. Duas delas utentes do Centro de Dia. A DE, utente do Centro de Dia (invisual), encontrava-se a preencher uma rede com pinos, IJ, CD e TS estavam a pintar, MC estava a fazer

palavras cruzadas e PL a fazer exercícios de associação de objetos e profissões. Sentei-me num dos lugares livres da mesa, entre MC e DE. As atividades corriam normalmente, mas acabei por reparar que MC não conseguia encontrar as palavras corretas e acabei por ficar a ajudá-la. MC, tinha-se esquecido de colocar a dentadura e inclusive onde a tinha colocado, este é um dos sintomas da doença de Alzheimer, esquecer-se do local onde guardou um objeto e não ter a capacidade de fazer um processo mental retractor para se lembrar onde o colocou. Enquanto fazia o exercício acabava por se ir perdendo já sem saber ao certo o que procurava. Cada palavra descoberta acabava por ser uma alegria. Entretanto, MC saiu para ir à casa de banho, mas quando voltou, a animadora do centro, apercebeu-se que MC tinha as calças molhadas e por isso era necessário ir troca-las. Ofereci-me para acompanhar MC ao terceiro andar, andar onde fica o seu quarto. Encontramos a auxiliar A, que de seguida foi auxiliar MC na sua muda de roupa. Chegadas ao quarto, perguntei a MC quem era a bebé que estava na fotografia, ao que me respondeu logo “É a minha bisneta! Não me esqueci, é a minha bisneta!”. A auxiliar enquanto ajudava MC, acabou por me explicar que algumas das senhoras têm de andar de fralda porque se esquecem de ir à casa de banho, porque não chegam a tempo ou mesmo por questões de incontinência. Alertei MC, de que a sua dentadura estava num copo, mesmo na sua cabeceira e depois de colocada dirigimo-nos de novo ao último piso.

Quando regressámos, a sala estava mais composta. Sentamo-nos de novo à mesa, mas desta vez fiquei entre MC e PL. MC voltou ao seu exercício das palavras cruzadas e eu fiquei a ajudar PL. PL, é uma senhora de 94 anos com graves problemas de audição o que dificulta um pouco a comunicação. Enquanto tentava ajudar PL num exercício mais complicado, dizia-me com um sorriso “A idade traz muita estupidez”, mais à frente, enquanto a motivava a continuar desabafava “a idade já não é nada...tem-se atravessado muita coisa na vida filhas”.

Os trabalhos continuavam e PL falava connosco da sua vida de costureira. E olhando para o seu exercício ainda incompleto afirmava “Ai as velhas já não estão a dar nada!”. E sorria. Chegada a hora do almoço, as auxiliares chamaram as utentes para cima e auxiliaram as com menos autonomia. Na sala ficou uma utente, GC que ainda não tinham levado para cima por não caber mais ninguém no elevador. Sentei-

me ao seu lado para lhe fazer companhia, uma vez que estava ali sozinha. Comecei por lhe perguntar o nome e porque estava com uma cara tão desanimada. Respondeu-me que ainda não tinha visto o filho hoje e como costuma vê-lo todos os dias, estava triste por ainda não o ter visto. Perguntando-lhe há quanto tempo estava no lar, respondeu-me de uma forma tão direta que acabou por me deixar sem resposta, “estou aqui há tempo demais” e o seu olhar caiu novamente. Continuamos a falar e disse-me GC durante a conversa, com um sorriso “O corpo morre, o espírito fica”. Baixou a cabeça novamente e o olhar perdeu-se no vazio. Passou pelo corredor uma das suas colegas (PL) e GC comentou que a colega não gostava que GC comungasse primeiro “Mesquinhices” rematou. “Eu gosto muito de ir á missa” e a conversa acabou quando uma das auxiliares veio buscar GC para cima.

Registo nº 5		
Dia: 25 de Janeiro de 2012		Local: Lar e Centro de Dia

Pelas 10:45h, o 3ºandar está calmo e na sala de convívio estão sete senhoras (5 nas respetivas cadeiras de rodas). Todas as senhoras que se encontram nas cadeiras de rodas estão a dormir, as outras duas, uma faz malha (SI) e a outra vê televisão. Sentei-me ao pé da senhora que via televisão e perguntei-lhe se não se importava que eu ficasse ali a fazer-lhe companhia. DC tomou de livre vontade, a opção de vir para um lar, após uma queda em casa que a obrigou a passar a noite deitada no chão. Optou por vir para este lar, pelo facto de, na altura, já ser utente do Centro de Dia.”Vi que já não podia ficar em casa...arranjei a minha roupa, meti-me num carro e vim para aqui”.

Aos 50 anos de idade ficou viúva do marido, que segundo as palavras da mesma “fiz-me muito sofrer” “Eu era tão alegre e divertida...quando era nova era levada da breca”, dizia-me. Do seu casamento nasceu um único filho, “Para mal dos meus pecados só tenho um filho...Naquele tempo era muito difícil, tive um parto muito mau”. Perguntei-lhe de seguida se o filho a vinha visitar, e DC respondeu-me “Vem

mas é um bocadinho despegado...ele é capaz de vir e estar cá durante 5 minutos...O meu filho vem às segundas mas não vem sempre”. DC justificou a ausência do filho partindo do pressuposto que a sua nora era o motivo das ausências do mesmo “Dá-me a impressão que ele faz a vontade à mulher primeiro”.

DC é uma senhora que não frequenta muitas vezes o lar porque lhe custa andar e precisa manter uma posição estável (consequência de uma operação à coluna, que a impediu por 10 meses de poder andar). Gosta de frequentar a missa do lar, mas por não ter lugar onde encostar a cabeça, acaba por não ir. Foi-lhe diagnosticada uma depressão nervosa.

Na conversa que mantivemos, muitas das vezes DC centrava-se nas questões da sua saúde e confidenciava-me “A gente quando é doente, custa tanto a viver...eu quando rezo, que sou católica, peço sempre a Deus que me leve...Vivo triste...estou cansada de sofrer” Acabei por perguntar a DC como passava o tempo: “Passo como estou agora [e apontou para as senhoras que ali estavam] acompanhada por outras pessoas mesmo que eu não fale”. DC aponta para uma senhora que acabava de entrar na sala e diz: “Aquela senhora e eu quase não falamos, mas ela faz-me companhia.” DC parou por um instante e desabafou “Se a morte se comprasse, já a tinha comprado há muito tempo” Porque diz isso, perguntei, “Porque sofro muito e já não vivo...olhe, eu nem sei bem explicar, o sofrimento é maior que eu, mas eu tenho um coração muito forte” Costuma falar com quem? Insisti mais uma vez “Falo muito pouco...há uma pessoa com quem eu falava, mas ela agora está mais doente que eu”. De seguida tentei perceber melhor se DC tinha algum tipo de passatempo, o que fazia para passar o tempo perguntei-lhe. “Não costumo fazer nada...faço o que me mandam fazer aqui, vou almoçar...” Mais à frente, apontou-me para uma mala que carrega consigo para todo o lado, com comprimidos e o pente, “olhe, esta é a minha companhia”. Sorri para DC, e despedi-me porque a hora de almoço de DC já se aproximava.

À tarde, pelas 15:30h, o subi ao segundo piso, onde se encontravam, na mesa do hall 4 senhoras, todas elas de cadeira de rodas. Não existia qualquer tipo de comunicação entre elas e assim, se mantiveram até às horas de as recolherem para a o lanche. Ao passar pelas escadas de acesso, cruzei-me com GC que me interpelou e me

disse que estava ali sozinha. Sentei-me ao seu lado para fazer um pouco de companhia enquanto a hora do lanche não chegava. GC é uma senhora muito recatada, que a pouco e pouco vai ganhando confiança para se abrir. Dizia-me que hoje estava bem, porque já tinha recebido a visita do filho, confidenciando-me “O meu filho quando ontem entrou na sala parece que entrou uma luz nova”. Os olhos brilharam, e GC voltou ao seu momento de introspeção. Durante o tempo que estivemos juntas, GC só se mostrava mais animada quando passava alguma irmã ou auxiliar conhecida de GC com quem brincava. Chegada a hora do lanche, as senhoras começaram a ser recolhidas, inclusive GC que foi acompanhada pela auxiliar AL.

No refeitório, pela hora do lanche, o número de pessoas é mais reduzido, não sendo necessário respeitar os nomes que se encontram a demarcar os lugares dos utentes. No refeitório, após cumprimentar as senhoras que já estavam sentadas, interpelei AM, uma vez que ainda não tinha tido contacto com o mesmo. AM, num ápice aproveitou o momento para conversar comigo. AM, é um senhor viúvo, que esteve no lar acompanhado da sua já falecida esposa. Sofreu de um AVC que o deixou AM, um pouco debilitado. Uma das partes mais afetadas foi a fala. A comunicação foi dificultada por este motivo, não me sendo possível perceber tudo o que AM dizia, contributo também do barulho que se fazia ouvir no refeitório. AM é um senhor, aparentemente inteligente e atencioso. Foi estudante num seminário, o qual acabou por deixar uns anos depois. AM convidou-me para ir visitá-lo ao quarto para me mostrar fotografias da altura e me contar um pouco mais sobre a sua vida.

Registo nº 6		
Dia: 26 de Janeiro de 2012		Local: Lar e Centro de Dia

Pelas 11:00h, no Centro de Dia estava DC sentada numa das poltronas, onde acabou por adormecer. Estavam mais 5 senhoras numa das mesas redondas, 8 sentadas na mesa central e mais duas sentadas nas poltronas da entrada. A manhã foi

passada a fazer trabalhos manuais, mas JV, AR não participam. A presença de AR não é muito usual no Centro de Dia até porque AR padece de Alzheimer já em estado muito avançado, e JV muito raramente participa nas atividades do centro. De forma a interagir e estar próxima das senhoras, sentei-me num dos lugares da mesa central, de forma a poder avaliar a interação entre as mesmas. Foi visível, durante o período da atividade que existe pouca interação entre as senhoras, por estarem concentradas no trabalho, ou até mesmo por falta de vínculos afetivos existentes entre as mesmas.

Depois de um tempo a auxiliar algumas das senhoras, chegou a hora de almoço (12:00h), e as senhoras foram para o refeitório. Fiquei á mesa com uma das senhoras que ficou para o fim (CA). Sentei-me ao seu lado e fiz-lhe algumas das perguntas que já tinha feito a outras senhoras com quem já conversei. Perguntei-lhe há quanto tempo se encontrava no lar, mas esta foi uma das perguntas que CA não me conseguiu responder, talvez por falta de memória ou consequência do anterior AVC. Não insisti na pergunta, por não querer fazer com que CA se sentisse frustrada por não se lembrar. Perguntei-lhe qual o motivo da sua estadia aqui no lar, ao que me respondeu “Estava noutro lar e estava muito bem, mas era caro...Estive lá ano e meio, tenho muita pena”. [O lar onde CA esteve ficava nos arredores de Lisboa (Sintra)]. E gostava de estar lá, perguntei, “Gostar não gostava, mas era melhor” E porque escolheu este? “Eu vim para cá porque tenho cá os meus filhos...Deixei a minha casa e essa foi uma das maiores asneiras que fiz”. Referiu-se mais à frente, em relação ao facto de se ter mudado para este lar: “Foi um choque...estas coisas traumatizam-nos um pouco”. Mas não gosta de estar cá? “As pessoas com quem convivo, não há problema...mas aqui o pessoal não são pessoas preparadas...De tudo o que mais sinto é o pessoal...lá eram pessoas preparadas, nada que se pareça com isto” confidenciava-me CA.

À parte desta conversa, CA contava-me alguns pormenores da sua vida, de como conheceu o seu falecido marido aos 13 anos e de como desde aí se tornaram inseparáveis “Tive um marido extraordinário”. Do seu casamento nasceram dois filhos (casal), um deles professor e o outro já reformado. O marido de CA faleceu há cerca de 11 anos.

À tarde, pelas 12:30h, enquanto me deslocava pelas escadas principais, encontrei GC, que esperava que a chamassem para a reza do terço, mas GC com tanta dificuldade acaba por necessitar de apoio para se levantar do sítio onde está.

Depois de a levar, fui buscar AM ao seu quarto (3º piso) com o objetivo de o levar ao rés-do-chão para fazer uma avaliação da sua condição física. No terceiro piso, encontram-se os antigos quartos dos casais. No corredor oposto aos outros quartos, estão os quartos de AM e VZ. Ainda que com privacidade, são quartos isolados do outro lado do lar. Poderá existir talvez algum tipo de isolamento físico destes quartos, uma vez que o seu acesso deve ser feito por um elevador que atravessa um corredor. Após entrar no quarto, AM pôs-me completamente à vontade. Reparei nas fotografias emolduradas que AM mantém no quarto. Em quase todas, aparece a falecida mulher de AM que veio para o lar mesmo antes do próprio vir. Entretanto, enquanto caminhámos e esperámos pela avaliação, AM foi-me contando mais alguns detalhes da sua vida.

AM e a sua falecida esposa casaram-se em 1963, e vieram da Madeira, para Portugal continental em 1965, juntamente com a filha de ambos, na altura com 7 meses de idade.

Nascido a 29 de Abril de 1929, AM é como já havia descrito num anterior diário de campo, um senhor com uma grande cultura geral e com uma capacidade intelectual muito boa, capacidade esta que foi infelizmente afetada por um AVC que sofreu antes de vir para o lar. Digo uma grande capacidade intelectual, porque AM se mostrou desde que começamos a falar, um senhor com uma história de vida muito rica. As suas recordações, alimentaram toda a nossa conversa, lugares por onde viajou ou pessoas que conheceu. Depois da avaliação acompanhei AM ao refeitório onde o esperavam para lanche.

Registo nº 7		
Dia: 27 de Janeiro de 2012		Local: Lar e Centro
de Dia		

Pelas 10:30h estavam 3 senhoras (EF, RS, UU) no hall de entrada do 2º piso do lar, duas delas a dormir e apenas uma acordada (EF). O resto do andar estava calmo e não havia utentes a circular pelos corredores. Subi ao terceiro piso, onde se encontrava JJ a ver televisão e a costurar. Na sala de convívio estavam 7 senhoras sentadas nas cadeiras e sofás da sala (IJ, DC, BA, VL, MC, PL e SI) e cinco nas cadeiras de rodas das próprias (PG, CN, CS, EM e GQ), três delas a dormir. A televisão, para as que ficam nesta sala, é a única companhia. Sentei-me entre DC e IJ. DC começou logo a falar comigo, uns minutos de conversa que bastaram para que DC me falasse mais um pouco da sua condição Física. Enquanto fazia algumas anotações, desabafou DC ainda relativamente à questão da sua saúde: “Isto tem de ter um fim, mas como será?”.

Por volta das 10:50h, uma das Irmãs, entra para acordar CN (uma das senhoras de cadeira de rodas), que tinha adormecido. Entretanto, entra também a Auxiliar AL, que tinha vindo para buscar algumas das senhoras presentes na sala, para o Centro de Dia. Saí com as senhoras e dirigi-me para as escadas, local onde estava ainda JJ a costurar.

Depois de lhe pedir permissão para me sentar, JJ respondeu-me “vem-me fazer perguntas?”, o que imediatamente neguei, sentei-me e JJ disse “É que eu não gosto de questionários”, sorri e disse-lhe que tivesse descansada porque só lhe vinha fazer um pouco de companhia. Esta pergunta de JJ, deveu-se certamente ao facto de já me ter visto por várias vezes pelos corredores do lar, com uma pasta mão. E talvez por isso, tivesse receio que fosse mais uma pessoa a incomodar. Aproveitei o facto de estar a costurar para lhe perguntar o que fazia e daí seguir com uma conversa para a frente que me possibilitasse conhecer melhor JJ. Daí para a frente, foi sempre JJ a guiar a conversa. JJ é uma senhora de 83 anos, transmontana (chaves). Disse-me que por ser de lá, era mais comunicativa, referindo-se às pessoas de Lisboa como pessoas mais retraídas. Foi durante 60 anos modista, começando a trabalhar entre os seus 16 e 17 anos. Trabalhou numa casa na Av. da Liberdade em Lisboa e no Hospital de São Luís, também em Lisboa, hospital este que ficava mesmo ao pé da sua casa. Disse-me ser nesse Hospital que conheceu parte das Irmãs deste lar, uma vez que era JJ que lhes tirava as medidas e fazia as provas das vestes das irmãs na altura.

JJ enviuvou há 30 anos, depois do seu marido ter sido vítima de um enfarte no miocárdio. Desse casamento nasceu uma única filha, também ela mãe do único neto de JJ. JJ veio para o lar há um ano e meio, depois de ter sofrido uma queda em casa que a impossibilitou de ficar sozinha. Esta queda deixou a perna de JJ, com muito sangue pisado, que por pouco, não gangrenou. Disse-me que depois desta queda achou ser melhor vir para o lar para recuperar, de forma a não incomodar a sua filha.

JJ é uma senhora que passa muitas vezes algum tempo com a sua filha, que a vem buscar para almoçar ou a leva a passar uns dias na sua casa. “A minha filha nunca me deixa faltar nada” disse-me JJ que já começava a arrumar a sua caixa de costura para se dirigir ao refeitório para almoçar.

Por voltas das 14:20h, já depois da hora do almoço, a maior parte dos utentes do lar, encontram-se nas salas de convívio tanto no 2º andar como no 3º. No segundo andar, estão as mesmas senhoras de cadeira de rodas, que estavam de manhã e mais duas. Está também GC, que espera pela hora do terço (14:30h). A sala do 3º andar, está quase cheia, com cada senhora na sua cadeira. As auxiliares sobem para ir buscar as senhoras que pretendem ir para o Centro de Dia e neste grupo vai FG, PL, IC e MC. Das senhoras que ficaram na sala, umas permanecem e outras deslocam-se ao andar de baixo para rezar o terço. Na chegada ao Centro de Dia, são entregues às senhoras que desceram, desenhos para colorirem.

Pelas 15:20h, no segundo andar do lar, nos sofás perto das escadas encontram-se ES, TS e JJ, a ver televisão. JV está sentada, mas não se interessa pela televisão, e VL encontra-se a rezar o terço. Pelas mesmas horas no 3º andar, estão no hall estão MR, SL, e SI (que se encontra a dormir), na sala, estão RQ, JP, DC, GQ(no centro da sala) e IJ. A sala está silenciosa. Às 15:30h, no hall do piso 2, encontram-se EF, PG, RS e UU, à volta da mesa redonda. E GC que está a conversar com uma das irmãs. Nota-se uma grande cumplicidade entre a irmã e GC. GC, uma senhora introvertida, mas que na presença da irmã, demonstra uma alegria muito grande. Sorri e toma a iniciativa para conversar, algo que não faz com outras pessoas.

Aproveitei o facto da irmã estar presente para lhe fazer uma pergunta sobre JJ. Perguntei à irmã se a ferida que JJ tem na perna tem alguma coisa a ver com o facto de JJ estar doente, ao que a irmã me respondeu positivamente.

JJ tem uma doença incurável, mas não fala sobre essa questão com pessoas estranhas. Disse-me a irmã que JJ neste momento encontra-se em fase de negação da doença, e que por isso não fala sobre a mesma. Há anos que JJ necessita de cuidados médicos. Em conversa, a irmã fez uma observação curiosa, quase todas as utentes deste lar apresentam algum tipo de doença, umas do foro psicológico, outras de foro psiquiátrico, outras neurológicas e algumas até oncológicas. Sendo assim, mais que um lar, a instituição torna-se num espaço de cuidados e reabilitação das utentes do mesmo.

Registo nº 8		
Dia: 30 de Janeiro de 2012		Local: Lar e
Centro de Dia		

Às 9:55h, PG encontra-se na sala de convívio do 2º andar. Está sozinha e adormeceu. No 3º piso, ER deambula pelos corredores do lar. Na sala, está SI a fazer malha, CN na sua cadeira, BA está a dormir e JJ está a fazer crochet. Aproximei-me de JJ para a cumprimentar e acabei por me sentar ao seu lado. Durante o tempo em que faço um pouco de companhia a JJ, uma das auxiliares trás CS para a sala também. Entra sozinha RQ, que sem cumprimentar nenhuma das utentes na sala, se senta numa das cadeiras a ver televisão. Entretanto, JJ queixava-se da qualidade da imagem na televisão e convida-me a ir ver consigo a qualidade das outras televisões para eu me verificar de que realmente a imagem está diferente. Passámos pelas 10:30h na sala de convívio do 2º andar onde já para além de PG, se encontrava também EF, RS.

De regresso à sala, JJ senta-se na poltrona onde estava antes, e conta-me mais alguns pormenores de como veio para Lisboa. Foi aos 15/16 anos que deixou Chaves, cidade onde nasceu, e veio com a sua mãe para Lisboa. O gosto à costura, disse-me JJ,

acabou por o adquirir com o seu avô (alfaiate) e a sua tia (também modista). JJ, disse-me também que gostava muito de ler, e que no quarto guardava as revistas que a filha lhe trás durante a semana. “Sempre gostei muito de ler...muito” afirmou JJ. Falando acerca das consequências da perda dos hábito de leitura, JJ disse “Uma pessoa depois nem sabe falar...há pessoas que passam o dia a dormir! Eu já tentei pôr uma revista nas mãos de algumas, mas elas folheiam página a página e não leem nada”

Enquanto me encontrava na sala, reparei que RQ retirou da mala um terço que começou a rezar poucos minutos antes da hora do almoço. Talvez para lhe fazer um pouco de companhia, ou até mesmo como forma de refúgio espiritual.

Pouco movimento que se fazia sentir naquela sala e o único barulho é mais uma vez o da televisão. Pelas 11:30h das 9 utentes que se encontravam na sala, 6 estavam a dormir, inclusive JJ que se deixou dormir uns minutos a seguir a termos deixado falar. Por volta das 14:30h, IC, ME, FG, CA, TS e PL estavam no Centro de Dia a fazer exercício Físico (atividade programada por uma estagiária de desporto). Sem sabendo avaliar a eficácia dos exercícios propostos, foquei-me apenas no facto de estas atividades, fazerem com que as utentes fujam um pouco da rotina a que estão habituadas quando se deslocam ao Centro de Dia. Ainda que tenha existido alguma apreensão por parte das utentes relativamente a esta atividade, o facto é que se mostraram bastante divertidas enquanto faziam as atividades. Para além disto, os exercícios propostos promoviam a interação entre as utentes. No 2º andar, pelas 14:50h, JV, GC e ES estavam no Hall das escadas com a televisão ligada, mas apenas ES está atenta à televisão. Na sala de convívio do mesmo piso estava EF, UU e RS, a televisão estava desligada.

Na sala do piso superior, 3º andar, estava GQ, IJ e DC a ver televisão, MC a dormir e CN, CS. Enquanto fazia apontamentos, SI aproximou-se de mim e cumprimentou-me com um beijo na testa. Fiquei surpresa com este gesto, uma vez que nos tínhamos falado uma única vez no refeitório, e SI não se mostrou muito recetiva, talvez por apenas me conhecer de vista. Percebi através desta conversa que SI faz malha com o objetivo de angariar fundos com a Venda do Natal, por isso a encontro sempre a fazer malha. Nasceu e cresceu numa casa na zona do Rato, em

Lisboa, casa de onde saiu apenas para vir para o lar. Tem 81 anos e vai fazer em Maio, 11 anos que está no lar. Começou por frequentar o Centro de Dia, e depois de aberta uma vaga, foi convidada a ficar. Disse-me que a sua antiga casa tinha falta de condições e que por isso, resolveu vir para aqui. Não tem filhos nem marido porque “não calhou”. Sempre foi muito ligada aos pais, e nunca suportou a ideia de os deixar sozinhos, deixando para segundo plano o casamento.

SI não frequenta o Centro de Dia, porque gostava mais do Centro de Dia quando ela e outras utentes iam para baixo fazer trabalhos em malha. Deixou de fazer uso do Centro de Dia porque, segundo as suas palavras “Estar a fazer aquilo não me diz nada”, referindo-se aos trabalhos manuais propostos pela animadora sociocultural do centro*.

SI falou-me também com saudade de uma utente que partiu neste mês. Eram amigas inseparáveis “Se eu fosse a algum lado e demorasse mais um pouco ela perguntava-me logo, «onde foste?»” SI assumiu já para o fim um papel de cuidadora, dando a comida à boca da amiga há hora de comer. “Às vezes não ía com o meu sobrinho porque tinha pena dela”. O sobrinho de que fala SI liga-lhe quase todos os dias, e leva-a para almoçar de vez em quando. Mas SI recusa-se por vezes a ir por se sentir indisposta durante a viagem (enjoa dentro do carro).

*Registo nº 3, AP faz referência ao mesmo facto.

Registo nº 9		
Dia: 31 de Janeiro de 2012		Local: Lar e Centro de Dia

De manhã, pelas 9:10h, o 2º piso estava calmo e a única utente que estava sentada no hall da entrada era JV. Por várias vezes encontro JV sentada e de cabeça baixa. Ainda que com pessoas à volta, JV “perde-se” no seu próprio mundo. No refeitório estavam algumas das utentes a tomar o pequeno-almoço (MR, ER, UU, CA, ME e ES), perto do elevador estavam VL, RQ, e MV sentadas a conversar.

No 3º piso às 9:20h, estavam FG, MC, PL, IC e IJ a ver televisão. DC, BA e SI estavam a dormir. E por último AR que brincava com um boneco de peluche (comportamento consequente do estado avançado de Alzheimer). Sentei-me ao lado de IJ, para a cumprimentar e perguntando-lhe como estava. IJ tem algumas dificuldades a falar, mas a sua conversa é perceptível ainda que algumas vezes não seja coerente. IJ está no lar, segundo a mesma há 9 anos, e ficou viúva há 3. IJ mantém contacto com a filha e com o genro.

Entretanto, a auxiliar AL veio buscar à sala MC, PL, FG e AR. O resto das utentes ficaram na sala. No 2º piso, no hall da entrada, pelas 10:15h, estavam nas respetivas cadeiras EF, ES e RS. Dirigi-me ao último piso (Centro de Dia), onde se encontravam as utentes que antes estavam no 3º piso. No centro estavam, CD, IN e DE, utentes do Centro de Dia, MC, FG, ME, UU, PL e AR. Todas estavam a pintar à exceção de IM, AR e de UU (problemas na visão). Entretanto chega GC, a quem a animadora pergunta “O que quer fazer?” e GC responde “Nada, o trabalho é bom para o preto” e assim ficou. Mais à frente chega a última utente do Centro de Dia, RM, cumprimentando toda a gente. Por momentos, existiu um conflito entre RM, IJ e EF. IJ foi indelicada para RM que se mostrou aborrecida. EF, repreendeu o comportamento de IJ dizendo-lhe que a IJ não tinha idade para ter esse tipo de comportamento com RM. Admirei-me com atitude de EF, uma senhora que costuma estar sempre tão reservada no seu canto. Desde que chegou, ia metendo conversa com algumas das utentes.

Nunca a tinha visto tão espertada. No entanto, depois de repreender IJ, acabou ela por ser também indelicada com RM, mas argumentando que tinham idades semelhantes e que por isso poderia dizer o que disse a RM. EF usou expressões como “Valha-me Deus RM...estás mesmo avariada hoje” ou “A sra. RM é favor de baixar a bolinha”. Este comportamento por parte de EF poderá ser fruto dos momentos de confusão de que sofre EF, depois de ter sofrido de um AVC. Retirando do contexto poderá parecer inofensivo, mas RM acabou por ficar de tal forma aborrecida que se foi sentar ao fundo da sala depois desta picardia.

Pelas 10:50h, chega o filho de GC, que a vem visitar todos os dias. Cumprimentou-a e depois de lhe deixar um saco, saiu novamente. Esta visita não

demorou 2 minutos, mas para GC, o que lhe valeu foi de facto ver o filho. Em anteriores diários de campo, GC refere a alegria que sente quando o filho a visita. Poderá ser importante para GC, saber apenas que o filho está bem, não importando o tempo que se demora pelo lar, mas o que ele a faz sentir quando está presente.

MC estava a fazer um exercício de completar com letras as palavras que se apresentam na folha. Fui ajudá-la e apercebi-me que MC perdia muito tempo a fazer os exercícios. Depois de estar com ela, e de observar a forma como resolvia o exercício reparei na falta de confiança que MC tem em si mesma. Uma vez que sofre de Alzheimer, MC apresenta algumas dificuldades de concentração. Reparei também que mesmo que acertasse todas as palavras á primeira tentativa, MC questionava-me sempre se seria essa a palavra. Experimentei dizer-lhe, “MC, experimente confiar no seu primeiro instinto e não duvide do que está a fazer” ao que me respondeu “Estou sempre com medo de errar!”. Desde esse momento, MC voltou a resolver os exercícios e fê-los mais rápido não me questionando se estava correta ou não. No fim disse-me que precisava de alguém que confiasse tanto em si, como eu estava a fazer naquele momento. Confidenciou-me que não confiava muito em si por ter a noção que por vezes era “uma cabeça de alho chocho” como me disse. Conversámos mais um pouco sobre a sua vida.

MC gostava de ser enfermeira, mas a mãe não a deixou. Ainda sobre a mãe, disse-me mais à frente “A minha mãe não era uma mulher como deve ser....queria era bailaricos e trabalhar, ‘tá quieto”. Afirmou ter sido criada pelo padrasto “Se ele fosse meu pai de sangue não era mais meu amigo do que foi” confidenciando. “Tenho pedido tanto a Deus por ele...foi um pai verdadeiro. Deu-me o amor que precisava, enfim...Deus deve-o ter lá no céu”. Na continuação da conversa dizia “Não sou de andar muito na igreja, mas cada vez que vou peço por ele...eu vejo pessoas que vão mais vezes que eu. Mas afinal não são melhores que eu! Levam a vida a bater com a mão no peito e afinal...” passados segundos desabafava “Hoje em dia duvido que haja céu! Dizem que se a gente se portar bem vamos para o céu, mas será que isto é uma chantagem para nos portarmos bem?” Falando da maldade de algumas pessoas

concluía “Se houvesse Céu, Deus não consentia que essas maldades fossem feitas...Se tiver que ir para o Céu...dizem que Deus tudo vê...então ele que veja... A gente não tem de mostrar aos outros que acredita...Eu rezo para mim, não preciso de ir à Igreja para rezar”

Às 15:30h, no hall das escadas do 2º piso encontram-se ES e GC, a ver televisão e a dormir respetivamente. No hall do terceiro piso, está MR ao lado de RQ, SI à mesa a fazer malha, e ER. Na sala do mesmo piso estão VL, IJ, DC, IM ao lado de JP e PL. Nas cadeiras de roda estão GQ, EM e CN. Estava na sala também uma das voluntárias do lar, que ia aos poucos dando um bocadinho de atenção a cada utente que se encontrava na sala. Em conversa IJ, quando me falou da sua família, começou a chorar “Eu não tenho família!” disse-me. Não servindo de grande consolo, tentei explicar a IJ que nenhuma das senhoras que ali estava tinha mãe ou pai e que a sua família era agora a sua filha, o seu genro e o seu neto e IJ deixou de chorar. “Há duas semanas que a minha filha não me vem ver”, tentei explicar-lhe que talvez fosse por motivos do trabalho, IJ concordou comigo. Não poderei afirmar, que aquele momento, apesar das limitações mentais de IJ, não terá sido um momento de lucidez em que por momentos a própria sentiu que realmente estava sozinha e sem ninguém para a apoiar.

Deixei IJ já mais animada, e desloquei-me para o lugar que JP tinha deixado livre mesmo ao pé de IM. Perguntei-lhe como estava e sem mais palavras respondeu-me “Estou muito aborrecida...Sempre gostei de fazer o bem e aqui não se pode fazer o bem”- Então? – “A ER hoje está muito murchinha e eu fui tentar animá-la...dizer-lhe que o médico não lhe vai fazer mal, porque ela está com medo e a Irmã M disse-me “Vá para ali, vá-se sentar...e ela fez mesmo assim o gesto com o braço....Fiquei sentida, sempre gostei de fazer o bem, aprendi com os meus pais.” Eram 8 filhos disse-me IM, o pai trabalhava na tesouraria e a mãe era professora oficial. Contou-me também a história de um rapaz a quem deu comida quando mais necessitou, e que mais tarde o mesmo a procurou para lhe agradecer. “Sempre gostei de fazer o bem, e o meu marido também!”. Era visível a tristeza que IM sentia naquele momento, talvez pela irmã não ter reconhecido o que IM estava a fazer por ER.

Pelas 16:20h o coro do Centro de Dia ensaia, coro ao qual pertence MC. MC não conseguia ler a letra das músicas que o coro cantava, mas penso que o facto de sentir que pertence a um grupo e que todas as 3^{as} feiras tem essa responsabilidade, a estimula intelectualmente e mesmo emocionalmente, uma vez que foge da rotina e acaba por confraternizar com pessoas exteriores ao lar.

Registo nº 10		
Dia: 1 de Fevereiro de 2012		Local: Lar e Centro de Dia

De manhã (9:30h) IB e CB conversavam no hall do 2º piso. Pela mesma hora no 3º andar, IC, IJ, DC e AR estavam na sala do 3º piso. Desloquei-me ao último piso (Centro de Dia), onde estavam as utentes do Centro de Dia (IN, DE e CD) e utentes do lar (FG, MC, PL, ES e TS). A cada uma das utentes foi dada uma atividade para fazerem na parte da manhã. Como me sentei perto de MC, TS e IC acabei por auxiliá-las no jogo/ exercício. O jogo consiste em preencher corretamente com números, os espaços deixados em vazio nas contas, fazendo com que o resultado final fique correto.

É um jogo didático recomendado para crianças, mas que tem apenas como propósito fazer com que as utentes se voltem a familiarizar com os números e as operações matemáticas básicas. IC para além de não ter colocado algumas das peças corretamente, perdeu-se durante o exercício, começando a organizar as peças consoante os números, alinhando-os lado a lado. TS durante a realização dos exercícios, teve algumas dificuldades na compreensão do exercício, facto que talvez tenha contribuído para não acertar no resultado. MC, por sua vez, todos os exercícios bem. Por esta razão, mais adiantada que IC e TS, seguiu para o exercício que consiste em formar palavras (de várias categorias como por exemplo: Desporto, profissões ou instrumentos musicais), e tem como objetivo fazer com que as utentes, se voltem a familiarizar com o alfabeto e a ortografia. Neste exercício MC teve mais dificuldade, porque ao contrário das operações matemáticas, o soletrar das letras para formar

palavras levava a que MC se perca, enquanto pensa nas letras que constituem a palavra a formar e a sua ordem.

No mesmo dia, conheci CP, uma senhora que possivelmente será utente do lar. CP recusa-se a pronunciar-se sobre a sua idade, referindo apenas que se encontra na casa dos 80. Licenciou-se em Serviço Social, tornando-se aos 27 anos diretora do Estabelecimento prisional feminino das Mónicas (Graça – Lisboa) onde esteve até aos 60 anos (idade de se reformar). Casou-se já aos 62 anos, com um Capitão de aviação, já na altura viúvo. Confidenciou CP que esteve ainda noiva de um rapaz durante 15 anos, mas que depois ele acabou por casar-se, “No fundo eu apaixonei-me e vivi para a cadeia”. Falou-me da saudade que sentia da irmã que perdeu, irmã que faleceu aos 56 anos vítima de Lúpus. “Era uma filha”, dizia-me. Cuidou da irmã como uma filha, porque a mãe de ambas, teve esta filha aos 52 anos, numa altura em que todos os filhos (oito), já frequentavam a faculdade. Depois de saber que tinha Lúpus, a irmã de CP foi abandonada pelo marido. CP, depois deste episódio ficou a cuidar da sua irmã até à altura da sua morte, há 6 anos atrás. “Agora acabou...já me sinto muito isolada e sozinha”. Mantém contacto com os familiares com quem se costuma reunir pela altura da Páscoa na sua terra natal, Favaios, concelho de Alijó, Distrito de Vila Real. Mantém contacto também com algumas amigas. Disse-me CP “Tenho muitas amigas que me ligam todos os dias, que passaram pela cadeia”. Enquanto conversávamos, CP expressou alguma melancolia quando me disse “A maior tristeza na minha idade é que vamos perdendo as pessoas mais próximas, a família, os amigos...alguns amigos não perdi, mas estão pior que eu”.

Conversámos também sobre como foi viver como diretora do estabelecimento prisional, CP falou-me de como era viver literalmente dentro deste estabelecimento, uma vez que a sua casa ficava mesmo dentro do mesmo, e a entrada para a sua casa era a mesma que as reclusas atravessavam quando iam para a cadeia. Relembra a relação afetuosa que a sua irmã (na altura criança) mantinha com as reclusas. Relembra os trabalhos em Arraiolos que mandava as reclusas fazerem para passar o tempo, e do quanto custava a uma delas que CP, como forma de castigo, a impedisse de trabalhar um dia inteiro “Era o maior castigo, não fazer nada o dia inteiro”, afirmava CP.

CP receberá a resposta no próximo dia.

Registo nº 11	
Dia: 2 de Fevereiro de 2012 Centro de Dia	Local: Lar e

Pelas 9:15h da manhã IB estava no hall do 2º piso. Como sabia que IB tinha regressado há pouco tempo do hospital por problemas respiratórios, perguntei-lhe com se sentia e como tinha dormido. Dormiu bem, só não dorme quando se enerva. Falou-me do motivo que a levou para o hospital, e dos problemas que tem de respiração. Estes problemas, são por vezes o que impede IB de sair nos dias mais frios que se têm sentido. “Eu sou uma galinha de campo, não sou de capoeira”, expressão que usou para manifestar a necessidade que sente em sair. “Eu entretenho-me com o ponto cruz, com essas coisas todas, mas depois, começa a dar-me uma comichão...tenho de sair daqui nem que seja ir lá abaixo e voltar”. IB confidenciou-me que a Irmã V, é das irmãs que a impede mais de sair e de fazer abusos em relação á sua saúde “Mas ainda bem que assim é”. IB já no fim da conversa, disse-me que ia descansar um pouco antes de ir fazer a cama.

Deixei o segundo piso, e dirigi-me ao Centro de Dia, onde já se encontravam as utentes do centro e para além delas, TS, FG, ES, SL e DC que acabou por adormecer sentada numa das cadeiras. DC desloca-se ao Centro de Dia, mas não participa nas atividades, acabando por não interagir com o resto das utentes. Durante o período de atividades presenciei um episódio de agressividade da parte de FG para ES, consequência do Alzheimer em último grau de FG. FG, por querer mexer nas peças do puzzle que ES estava completar, e por esta não o ter permitido, FG acabou por mandar as peças de forma brusca para a mesa, levantou-se de seguida para bater na mão de ES e abandonou a sala, batendo com a porta. De regresso à sala, a animadora entregou a FG uma revista com que se entretive a folhear e a riscar.

Na mesma manhã, no 3º piso, estavam IC, VL, MR, BA, PL, SI, ER, AR (a dormir), GQ, CS e CN. As últimas três mantêm-se sentadas nas próprias cadeiras. Fui falar com VL com o objetivo de perceber a razão para não ter comparecido aos exercícios de ginástica, programados para esta semana. VL disse-me que sentia que uma das auxiliares, não gostava de si bem como uma das Irmãs (Irmã M). Sente que existe uma proteção da parte da irmã em relação a esta auxiliar.

À tarde, dirigi-me à psicóloga para esclarecer o tipo de conversa que tive na parte da manhã com VL, e esclarecer o que tinha observado em relação a VL. Segundo a psicóloga do Lar, as pessoas do lar, tendem a centrar-se muito nos seus próprios problemas e por isso, levam algum tipo de comportamento como um ataque pessoal. De facto, o sentimento de VL é o mesmo de IM (diário de campo nº9), quando diz ter ficado magoada com a Irmã M. Esta perceção advém também do facto da Irmã M, ter uma forma de falar menos afável, e por isto, poder ser mal interpretada pelas utentes.

Dirigi-me ainda durante a tarde ao quarto de VZ, por ter alguma curiosidade em conhecer melhor a sua história. Bati à porta de VZ e percebi desde logo a sua abertura em receber-me. Estava sentado na cadeira, não tinha a televisão ligada nem estava a fazer nada em concreto. Perguntei-lhe se me podia sentar e começámos a conversar. Enquanto conversava com VZ, senti que existiam muitas falhas cronológicas em relação aos marcos da história de VZ. No entanto, foi-me possível perceber quais os aspetos mais marcantes na vida de VZ. Disse-me logo no início da conversa “Só não sei datas!”. VZ nasceu a 1 de Dezembro de 1928, em Salgueiro do Campo, Castelo Branco, filho de pessoas que viveram sempre do campo. Para além de VZ, nasceram antes dele 3 irmãos, um deles, uma rapariga, faleceu à nascença. Os irmãos têm hoje, 90 anos, o mais velho, o do meio 86 e o mais novo, VZ, tem 82. Até aos 23 anos de idade, VZ trabalhou no campo, depois esteve durante pouco tempo a trabalhar na construção e só então depois, começou a trabalhar como carteiro, profissão que exerceu durante 30 anos. Ao mesmo tempo que exercia a profissão de carteiro, VZ trabalhava num restaurante a servir às mesas. Segundo VZ, esteve ainda alistado na tropa durante 17 meses, estando entre Castelo Branco e Lisboa durante esse período. Regressado à sua terra, VZ sai de casa aos 25 anos, idade com que se casou. Esteve casado durante 57 anos, e deste casamento nasceu uma única filha, hoje com 55 anos, mãe dos dois

netos de VZ, uma rapariga de 18 e um rapaz de 23 anos. Quando se casou, VZ e a esposa, foram morar para a casa do padrinho da mesma, de lá saíram e vieram para Lisboa, à procura de trabalho. Viveram primeiro em Moscavide, depois foram para o Prior Velho e só depois, em 1962 vieram para o centro de Lisboa para a casa do casal, que VZ mantém até hoje. Já depois de se encontrar em Lisboa, o pai de VZ falece de cancro no cólon, em 1970. Alguns anos antes, VZ tinha já perdido a mãe. Em 2005 que VZ veio para o lar com a esposa, que faleceu a 29 de Setembro de 2011, com problemas de coração. Percebe-se a mágoa que VZ guarda pela morte da esposa. VZ, numa altura da conversa revela sentimentos de culpa em relação á morte da mesma, sentindo que podia ter feito alguma coisa. A alguns metros do Lar, reside a filha, genro e netos, mas por questões de trabalho, VZ diz ver poucas vezes a filha. Para além da filha e netos, VZ mantém contacto com um dos irmãos por telefone, com o outro (o mais velho) não contacta há algum tempo, uma vez que este sofre de Alzheimer. O contacto com os sobrinhos, disse-me VZ “Pouco...nada”.

Entretanto, no meio da conversa pude perceber que um dos momentos marcantes na vida de VZ, foi um incidente que aconteceu quando o mesmo tinha oito anos. A morte inesperada de um amigo que se afogou, numa brincadeira perto de uns tanques. O rapaz de se afogou não sabia nadar e VZ correu para buscar ajuda, mas não chegou a tempo. Desde essa altura, que a mãe do rapaz que faleceu, importunava VZ, considerando-o culpado do que se havia sucedido. Segundo VZ, a mãe do rapaz chegou mesmo a bater-lhe e só mais tarde lhe pediu desculpa pelo que lhe havia feito durante anos. VZ perdoou, mas não esqueceu. VZ falou com alguma mágoa destes episódios, mas a conversa acabou por seguir e VZ mostrou-se sempre muito aberto a falar comigo, dizendo que nem em quinze dias passados com ele seria possível contar toda a sua história.

Registo nº 12		
Dia: 3 de Fevereiro de 2012		Local: Lar e
Centro de Dia		

De manhã no Centro de Dia estavam PL, ES, ME, TS e uma utente do Centro de Dia, CD. Estas utentes passaram parte da manhã a colorir. Quando lhes foi feita a pergunta do que gostariam de fazer, todas demonstraram gosto em pintar, ao contrário de TS que diz não ter “jeito para nada”. Mais tarde chegou IC que também passou a manhã a pintar, e DC que por opção prefere ficar numa cadeira onde tenha a possibilidade de encostar a cabeça. DC mais tarde acabou por adormecer sentada. VL também veio para o centro, mas por não se estar a sentir com forças, regressou para o seu quarto a mando da Irmã V. Entre a manhã foram chegando o resto das utentes do Centro de Dia (IN, DE e RM), e do lar chegaram também MC, FG, IM.

Após a hora do almoço, no 2º piso estavam JV, GC, CA e JP no hall das escadas a ver televisão. No hall principal, encontravam-se UU, RS, ME, EF, PG, ES e MM.

No 3º piso, estavam no hall SI (a dormir), e IN (utente do centro de dia). Na sala estavam MC, PL, AR e CS a dormir, e IC, FG, CN, GQ, IM, IJ, EM, ER e DC a ver televisão. Sentei-me ao pé de IM e IJ.

IM fez um comentário acerca de AR, que caiu no passado dia 1. “Está a ver porque é que eu lhe digo para usar sempre as canadianas?” dirigindo-se a DC. IM comentou que o filho de AR vem ao lar praticamente todas as semanas “É um bom filho...não é como o filho de DC que nem fica 5 minutos. Chega a estar mais de duas horas, mete-a no carro e leva-a a dar uma volta”. Ainda referindo-se ao filho de AR “Ele é muito amigo da mãe...já o vi limpar as lágrimas”. Em jeito de conversa perguntei a IM se ela também tinha pessoas que a viessem visitar. Disse-me que sim, tem pelo menos dois a três amigos que a visitam sempre que podem. IM mantém também contacto com os 4 irmãos ainda vivos, ainda que três deles estejam no Brasil. “Telefonam-me muita vez”, disse-me também acerca da irmã mais nova dos 8 “a minha irmã do Norte telefona-me mesmo com oxigénio, não se esquece”.

IM contou-me também como veio para o lar. Em Março fazem três anos que veio para aqui. Esteve sozinha durante 16 anos em casa. Tinha vindo com DC, visitar uma das utentes do lar e acabou por comentar com a antiga diretora que se sentia muito sozinha, uma vez que o marido tinha falecido recentemente. Foi então convidada a inscrever-se e mais tarde, recebeu uma carta em casa convidando-a, se

ainda tivesse interessada, a vir para o lar. No primeiro ano, ainda ía visitar a antiga casa, mas por não conseguir suportar as despesas, acabou por doar o recheio da casa à instituição e deixou a casa.

Registo nº 13		
Dia: 6 de Fevereiro de 2012 de Dia		Local: Lar e Centro

Pelas 9:15h da manhã JG e DM vêm as notícias de manhã no hall das escadas, no hall da entrada encontra-se RS sozinha. JV passeia pelos corredores. No 3º piso, pela mesma hora estão ER, FG, CS, IJ, GQ e SI na sala de convívio. Sentei-me ao lado de SI que cortava as unhas das mãos, cumprimentei-a e perguntei-lhe como tinha corrido o fim-de-semana. “O fim-de-semana foi igual, estou sempre aqui, na segunda, na terça estou aqui.”. SI, limita-se a responder muito diretamente às perguntas que lhe faço. Não desenvolve e não mantém contacto visual. A perda da amiga e confidente do lar poderá ser o motivo que leva a que SI se mantenha tão introvertida.

No instante em que falava com SI, MC entrou na sala, com um ar desorientado. MC esqueceu-se para onde ía e por isso foi para a sala. Levei-a para o Centro de Dia, onde estavam já algumas utentes. Durante o caminho fiz um reparo no cabelo, que me parecia mais curto do que há uns dias atrás. Perguntei a MC se tinha cortado o cabelo, MC disse-me que não, que não tinha feito nada ao cabelo. Disse-me que nem se estava a sentir muito bem, porque tinha vestido umas calças apertadas e que tinha engordado sem se aperceber. “Até pensei que tinha sido uma partida de Carnaval”, disse-me, julgando que pudessem ter trocado as calças para lhe fazerem uma partida. O fim-de-semana de MC foi “O do costume...comer, dormir e mais nada”

Seguimos para o Centro de Dia onde já estavam IC, FG, TS, DC (sentada numa das poltronas) e por último DE e CD do Centro de Dia. Após algum tempo com as utentes que iniciavam um trabalho, fiz um reparo à unhas de MC, uma vez que estavam bem cuidadas, “Arranjei as unhas e cortei o cabelo” disse-me MC

contradizendo o que me havia dito há menos de uma hora atrás. Sorri apenas e não a confrontei, elogiando apenas o corte. Mais tarde ao centro chegou JV, e GC, EF trazidas pela auxiliar AL. Apareceu também no lar, CB, uma utente do lar, que quase sempre se encontra no 2º piso, e que raramente se desloca ao Centro de Dia salvo a exceção do dia de ginástica. Disse-me CB que já há alguns meses que não vinha para o centro, por causa de estar em tratamento. CB faz alguns tratamentos à zona lombar e aos joelhos.

Vieram para baixo para a ginástica também, MV, VL, IM, AM, CA, UU e JP.

Depois de feita a roda para a ginástica, sentei-me ao lado de DC que se manteve na poltrona onde estava para fazer ginástica, uma vez que necessita de manter a cabeça apoiada. Á conversa, num momento em que DC recordava os tempos de nova, surgiu o marido de DC, “Ele sempre foi muito leviano, não me dava satisfações”, disse-me ainda DC que por achar o seu marido bonito, sofria de ciúmes calada. DC e o seu marido, mesmo antes de se casarem já tinham relações e viviam juntos. Segundo a mesma, DC abortou por duas vezes de livre vontade. O casamento, foi mais tarde, após o conselho de uma amiga conjunta. A conversa mais á frente, acabou no mesmo sentido da conversa que havíamos tido antes. “Eu vivo muito triste...antes de me deitar rezo e deito-me a rezar, a pedir a Deus para dormir”. Os problemas de saúde que DC apresenta, são o motivo para que DC sinta que deve partir. DC já havia referido que queria morrer, a estar a sofrer. Não sei se por necessidade de atenção, ou mesmo, por se sentir presa e não ter a liberdade que desejaria. “Elas vão à rua passear e eu não posso ir a lado nenhum”, “Depois não estou na minha casa, estou num lar”, desabafava DC a respeito de se sentir presa.

Chegada a hora de almoçar, seguimos para cima. No refeitório, enquanto as utentes aguardavam pelo almoço, fui cumprimentar JC e perguntar-lhe pelo filho que foi recentemente operado. JC estava animada, o filho já tinha tido alta e estava agora em casa. Uma vez que tinha vindo para Portugal como refugiada, perguntei a JC se tinha casa própria em Portugal. Disse-me que não, que veio diretamente de Moçambique, e à chegada foi recebida pelo IARN (Instituto de Apoio ao Retorno de Nacionais, que montou estruturas e serviços para responder às necessidades dos que regressavam ao seu país. Recebia os regressados, fornecia alojamentos, subsídios de

família, bolsas de estudo, etc), que a acolheu durante 5 anos. Os primeiros 14 meses em Vila Xã de onde pediu transferência para Lisboa por motivos médicos. Depois destes 5 anos, foi acolhida pelo Lar da Bafureira, lar que pertence à Caritas Diocesana de Lisboa, onde JV se manteve por quase 20 anos. Enquanto JC me contava mais alguns pormenores do seu regresso a Portugal, CB que se senta ao lado de JC, fez um comentário que não foi bem recebido pela mesma, não deixando que CB se intrometesse na conversa.

No refeitório, dirigi-me a AM perguntando-lhe se gostaria que o fosse buscar ao quarto para o levar ao terço, o mesmo aceitou com muito agrado, uma vez que limitado pelas dificuldades na locomoção, vê-se de alguma forma preso, evitando descolar-se sem estar acompanhado.

Após a hora de almoço, 14:30h, ES e CB estavam no hall das escadas a ver televisão, no hall principal estavam UU, PG, GC e MM (a dormir) e EF, JV, RS, ME. Perto destas utentes estava uma auxiliar, a folhear uma revista.

No terceiro piso pela mesma hora, DC recebia a visita do filho e da nora que ficaram cerca de 15 minutos.

Depois da visita, disse-me DC “Fico feliz, mas é tão pouco tempo...Eu sei que ele tem sempre pressa”, referindo-se ao que sentia em relação à visita do filho. Falando ainda do filho desabafou “Ele não deve dar valor ao que sofro”, dizendo que o conhecia bem para fazer tal afirmação. Enquanto DC recebia as visitas, IM veio mostrar-me algumas fotos da sua família que foram recentemente impressas através de um arquivo na internet, sobre a terra natal de IM, Sernancelhe. Fotos que guarda religiosamente no quarto.

IM mostrava-me saudosa, as fotos da sua família e falava orgulhosamente do seu pai. Um ativista político, que lutou pela liberdade de expressão e deu voz ao povo da sua terra. IM mostrou-me também um artigo publicado numa das revistas locais onde se falava de um livro biográfico, escrito por uma investigadora, onde o pai de IM é o protagonista. IM falou-me das saudades que sentia da sua família e do seu marido.

Registo nº 14		
Dia: 7 de Fevereiro de 2012		Local: Lar e Centro de Dia

No Centro de Dia, na parte da manhã, encontravam-se na poltrona DC e JV. Estavam sentadas à mesa MC, PL, IC, IJ, TS, FG, IM, ME, ES, VL e as utentes do centro DE e CD. Mais tarde uma das voluntárias do centro, trouxe também para baixo RS e EF. A manhã foi preenchida com atividades manuais, com os motivos de S. Valentim. Durante as atividades pouca comunicação existe entre as utentes. PL, é uma utente que costuma falar e desabafar em voz alta o que leva a que exista uma resposta por parte das outras utentes. Dizia PL que “A idade trás tudo o que não presta”, referindo-se à dificuldade que sente em elaborar certos trabalhos. IM respondeu à afirmação de PL corroborando “Há uma idade em que Deus se devia lembrar de nós.” Entretanto FG, folheava algumas revistas do centro, FG falava do seu suposto casamento, a realizar-se no dia de amanhã. FG, como doente de Alzheimer que é, fantasia a ideia de casamento. Enquanto FG afirma que se vai casar amanhã, IJ, IM, EF e PL acabam por entrar na brincadeira, fazendo-lhe perguntas acerca do noivo, do vestido e da boda. Acabam todas por se ficar a rir, gerando um momento de descontração. FG no final diz “Vocês fazem-me rir” e por momentos todas entraram na brincadeira percebendo naturalmente que contrariar FG não adiantaria de nada. A manhã decorreu com normalidade até à hora do almoço.

Depois da hora de almoço, CA, GC, DM, CB e JG assistiam televisão no hall das escadas do 2º piso enquanto comentavam algumas notícias que apareciam.

No 3º andar à entrada na mesa estava SI e IN (utente do centro), e na sala haviam uma confusão de vozes. FG estava a ser levada por três auxiliares, para lhe mudarem a fralda, mas FG oferecia resistência insultando-as. Após este episódio, FG voltou para a sala onde continuou a folhear jornais. A auxiliar A, uma auxiliar que trabalho no lar há cerca de 13 anos, explicou-me que FG dorme sempre com aquela resma de jornais perto dela, mesmo quando vai dormir. FG tende a ter comportamentos mais bruscos quando lhe tentam tirar os jornais da mão. Pelos

comentários que as outras utentes fazem, é nítido que percebem que este tipo de comportamento é gerado por uma doença que nem elas mesmas sabem do que se trata.

A auxiliar A, nascida em África, falou-me da indignação que sentia pela forma como as pessoas idosas eram tratadas em Portugal, afirmando que em África, cada família assume o papel de cuidadora e assume a responsabilidade de cuidar do seu familiar. Não compreendia ainda como é que um filho poderia colocar uma mãe num lar. Sentindo ainda que os idosos em Portugal são tratados como se já tivessem mortos.

A auxiliar A, informo-me acerca das famílias de algumas das utentes. GQ tem sobrinhos e não tem filhos, costuma receber visitas de uma das sobrinhas. PL, MR também não têm filhos. FG, tem duas filhas que a visitam e recebe também visita de uma irmã. JP tem também ela uma filha que a visita regularmente. Outra das utentes, EM, é uma utente, que segundo a auxiliar A, não recebe visitas e não tem família. A mesma auxiliar, afirma que as auxiliares, acabavam por ser acolhidas pelas utentes como membros da sua família.

Já depois da hora do lanche, cruzei-me no corredor com a filha de JP, uma utente do lar com 98 anos. Vem visitar a mãe pelo menos uma vez por semana (3^{as} pelas 15 horas), fazendo questão de a levar sempre que a família se reúne. Falou-me também das dificuldades que sente em comunicar com a mãe, uma vez que JP tem uma grande dificuldade a ouvir, o que obriga as pessoas próximas a ter de comunicar-lhe ao ouvido.

À tarde, CA, recebeu a visita de uma irmã e de uma amiga. Estiveram cerca de uma hora com CA. Durante o tempo que estiveram juntas, conversaram sobretudo sobre a família. Apercebi-me também que CA iria ainda, no mesmo dia, receber a visita de uma das suas sobrinhas de um sobrinho (ainda bebé).

<p>Dia: 8 de Fevereiro de 2012 Centro de Dia</p>	<p>Registo nº 15</p>	<p>Local: Lar e</p>
---	-----------------------------	----------------------------

Pela manhã, o segundo piso do lar estava silencioso. Ninguém estava nos corredores nem a assistir televisão. No terceiro piso, estavam GQ, SI (a dormir), AR, SL e MR. Sentei-me perto de MR, que me interrogou à cerca do bloco de notas que trazia na mão, pensando que lhe pediria para assinar alguma coisa. Rimo-nos as duas, e acabei por lhe oferecer o bloco e uma caneta, onde MR escreveu o nome, como se de um autógrafo se tratasse. Fiquei a saber pela mesma, que MR viveu em Lourenço Marques, Moçambique durante 8 anos. Cidade onde viveu também JC. Foi para Moçambique aos 27 anos a pedido de um cunhado, marido da sua irmã na altura doente.

A conversa acabou por ser interrompida pela chegada de CB à sala. Não é usual a presença de CB no piso de cima e por isso interpelei-a. CB tinha vindo para cima, por causa do frio que se fazia sentir no piso de baixo. CB é uma utente de 82 anos, nascida a 1929 em Linda-a-Velha, Freguesia de Carnaxide, Lisboa. Encontra-se no lar há 15 meses (entrou a 18 de Outubro de 2010). Depois de uma queda em casa, CB tomou de livre vontade a decisão de vir para o lar, onde já se tinha inscrito há cerca de 13 anos. É uma utente, que mantém a sua autonomia dentro do lar.

CB, até 1960, viveu com os pais, ano em que se casou com, o seu ex-marido de hoje. O namoro durou 3 anos, mas o casamento durou apenas uns meses, disse-me CB. Desse casamento não nasceram filhos “E ainda bem, podiam sair ao pai...” confidenciou-me CB. O casamento foi marcado por alguns episódios de infidelidade por parte do seu marido, e por mentiras que o próprio marido lhe contava. “Fazia vida de solteiro”, mesmo depois de casado, disse-me CB “Era tudo perfeito durante o namoro”. Três meses após o casamento (em 1961), CB perdeu o pai, vítima de uma broncopneumonia, acontecimento que marcou negativamente os primeiros meses de casada. Nunca mais pensou em casar, disse-me. Depois da separação, regressou à casa dos pais, casa onde permaneceu mesmo após o falecimento da mãe (1990).

Em 1992, CB reformou-se, do cargo de administrativa no Sindicato dos Professores da Grande Lisboa, onde trabalhou durante 42 anos. Em 2000 começou a frequentar uma Academia para a terceira idade, como forma de ocupar os tempos livres.

CB, tem apenas uma irmã (dois anos mais nova), que vive em Hamburgo, Alemanha. Desta irmã, tem uma sobrinha também. Tanto a irmã como a sobrinha, a visitam sempre que vêm a Portugal. Vai cerca de uma vez por mês a casa. Em Lisboa, as pessoas com quem mantém um contacto mais próximo são a sua prima e a sua comadre (e vizinha no mesmo andar). A relação entre CB e a sua comadre é uma relação de irmãs “Somos como irmãs!” “Se eu morrer, ela trata-me do funeral!”. Com a prima confidenciou-me CB “Onde a gente se encontra mais vezes é em funerais, infelizmente”. CB vai mantendo contacto com outras primas, as quais as convidam para épocas festivas (aniversários, bodas de ouro). Disse-me CB, que há uns anos atrás, quando a família se reunia, eram mais de 70, e há alguns anos atrás, para juntar a família, organizavam jantares ou encontros em hotéis, de forma a poderem estar juntos, mas com o passar dos anos esse hábito foi-se perdendo e as pessoas envelhecendo.

Enquanto conversava com CB, JC apareceu na sala. Conversou comigo, mas, como já sucedido no Diário de Campo nº 13, não ligou aos comentários de CB que estava sentada ao meu lado. Os comentários de CB, mesmo dizendo respeito ao que JC me falava, não eram ignorados por JC. Antes de sair novamente, JC disse-me que me esperava para conversar no andar inferior antes da hora de almoço.

Quando me desloquei ao segundo piso, JC estava numa sala, com outra utente a conversar. Comentou que me esperava mais cedo, e acabei por lhe explicar que me tinha demorado mais do que esperava. JC prontamente me falou do desagrado que sente na companhia de CB “Ela fala, fala, fala... é muito chata”, dizia-me. “Eu prefiro estar sozinha a mal acompanhada”, enfatizando o facto de se sentir incomodada com as conversas que CB tem. Prefere estar sozinha a estar com CB, disse-me JC. Tentei explicar a CB que existem pessoas que necessitam de falar mais que outras, mas JC mostrou-se irredutível à possibilidade de aceitar CB tal e qual como é.

Seguimos para o refeitório, e JC ao sentar-se no seu lugar, notando que o seu saleiro estava aberto exclamou “Alguém mexeu no meu sal!” ao que MC, que já se encontrava á sua frente respondeu “Eu não fui”. JC retorquiu de novo “Eu não disse que foi a senhora, eu não estava a acusar ninguém”. MC sorriu e tentando explicar apenas que só lhe tinha dito que não tinha sido ela. Ao que JC respondeu “Eu não disse que foi a senhora, por isso não se acuse”. Surpreendeu-me a forma como JC respondeu a MC, uma vez que JC nunca havia mostrado sinais de impaciência, muito pelo contrário. Não me meti na conversa sorri para MC e deixei que JC continuasse o raciocínio.

Já à saída do refeitório, fui cumprimentar UU que começava a almoçar. UU reconheceu a minha voz do dia anterior em que me dirigi à mesma cumprimentando-a e apresentando-me. Percebi noutras oportunidades que tive para observar UU, que este período é um período de sofrimento para UU, uma vez que está a perder por completo a visão, e por isso, sente-se impotente para fazer o que quer que seja na condição em que se encontra.

Pelas 15:40h, ES estava no hall das escadas do 2º piso, onde assistia à televisão. Aproximei-me de ES, para lhe fazer um pouco de companhia. ES, veio para Lisboa aos 19 anos de idade, depois de sair da sua aldeia, Rego da Murta, freguesia de Areias, conselho de Tomar. Ainda não tinha cinco anos, quando a sua mãe faleceu. Depois da mãe falecer, ES não se recorda de ter mantido contacto com o pai. Veio trabalhar ao serviço de uma família, para uma quinta perto do Lumiar e daí, pelos seus 20 anos, começou a trabalhar precisamente neste lar, onde se encontra hoje, ajudava no que podia no lar. ES, teve quatro irmãos, duas irmãs e dois irmãos, dos cinco irmãos, apenas dois estão vivos, ES e um irmão com quem já não mantém contacto. “Vim para aqui e larguei tudo”, disse-me.

Não se casou, nem teve filhos, mas recebe visitas de uma prima em segundo grau. Enquanto ES me falava um pouco da sua vida, ao pé de nós juntavam-se RQ, JP, TS e SI que se sentou numa mesa à parte.

<p>Dia: 9 de Fevereiro de 2012 Centro de Dia</p>	<p>Registo nº 16</p>	<p>Local: Lar e</p>
---	-----------------------------	----------------------------

Pela manhã, IJ, PL e MC veem televisão na sala do 3º piso e no hall do mesmo piso, SI está sozinha. Por várias vezes, encontro SI no mesmo local. As horas passam, e SI mesmo rodeada de pessoas, acaba por ficar isolada não comunicando com ninguém. Se por vezes está na sala de convívio a fazer malha, noutras, está no hall sentada, onde acaba muitas vezes por adormecer. Não sei se esta apatia terá toda ela origem na perda da sua falecida companheira do lar.

No Centro de Dia, estão TS, IC, CA, FG, DC e a utente do centro, DE. A manhã foi passada, a fazer trabalhos manuais, que depois serão expostos nos cartazes do centro. Algum tempo depois, chegaram ES, RS e JP. RS não participa nas atividades do centro, e JP, não participa nas atividades porque, segundo a mesma, está impossibilitada, a falta de força nas mãos, não a deixa trabalhar.

Como a sala estava silenciosa, optei por ligar o rádio, uma forma de criar um ambiente mais familiar e fugir do silêncio que se faz sentir quando as utentes, estão concentradas nos seus trabalhos. FG, depois de colocada música, reagiu ao estímulo, relembrando os seus tempos de solteira, em que ia para o baile. Sentou-se ao pé do rádio e repetia “Que saudades que eu tenho disto...bons tempos”. Enquanto a música tocava, também IN, uma das utentes do centro cantava, “Gosto muito de cantar...lá em casa quando há musica também canto” e sorriu.

Mais tarde chegaram também ao centro, CN, GC, GQ e ME. Apenas ME participou nos trabalhos daquela manhã, GC e GQ fizeram um jogo didático que consiste em colocar peças de madeira nos respetivos locais.

À tarde, às 14:30h, RS, PG, EF, GC, MM e uma utente nova do lar (HH), estavam no hall do segundo piso. Não existia qualquer tipo de conversa entre as utentes. No 3º piso, pela mesma altura encontravam-se CN, CS, GQ, EM, DC, MC (a dormir), IN (utente do Centro de Dia), IC, PL, FG, AR e ER. As utentes acordadas estavam a ver televisão, à

exceção de ER que repetia em voz alta “Pai, mãe, mana”. Este estado de ER, é um estado traumático, que advém da perda da sua família num despiste automobilístico que provocou a morte dos pais e irmã.

A auxiliar AL, deslocou-se a este piso para vir buscar IC, PL, IN e FG para o Centro de Dia, onde já se encontravam DE e CD. À tarde no centro jogou-se bingo e durante o mesmo, IC recebeu a visita de uma sobrinha. Esta sobrinha, esteve com IC cerca de 30 minutos, acompanhando-a no jogo do Bingo. Antes de ir embora, IC foi confrontada pela sobrinha quando lhe perguntou “Então tu andas a dizer que eu estou morta?”, ao que IC negou. A sobrinha, a jeito de perceber o estado mental da tia, perguntou pelo outro sobrinho, o Tó (nome fictício). IC respondeu “morreu!”, a sobrinha de IC explicou-lhe então que Tó não faleceu, mas que apenas não tem podido ir visitá-la. Dizia a sobrinha à animadora “A primeira coisa que ela perguntava quando me via era «O Tó?»”, desanimada tentava puxar pela memória de IC, que já vai deixando de reconhecer as pessoas mais próximas de si “Até comigo...eu à vezes estou ali à porta, ela olha e não reconhece”. IC e a sua sobrinha eram muito chegadas, “Como nunca tiveram filhos, eu passava muito tempo com ela. Eu estava sempre a pedir para ir para ao pé dela...a minha mãe à vezes até tinha ciúmes”.

Percebeu-se pela conversa da sobrinha de IC, que em parte foi criada pela tia e tem por ela um sentimento maternal. Na despedida, voltou a perguntar à tia “E eu? Sabes quem eu sou não sabes? Espero bem que não te esqueças!”, abraçou-a e deu-lhe um beijo. Percebeu-se que o tempo da sobrinha de IC era limitado, mas que sempre que podia ía visitar a tia. “Com tanta coisa para fazer, nem sei para onde me virar!”, “Vira-te mais para aqui”, respondeu IC à sobrinha, que saiu da sala, prometendo voltar na semana que vem para a visitar novamente.

Registo nº 17		
Dia: 10 de Fevereiro de 2012		Local: Lar e
Centro de Dia		

Pela manhã, HH encontra-se sozinha no hall do segundo piso, não está mais ninguém nos corredores. No terceiro piso, após chegar à sala de convívio, fui interpelada por ER que me chamou ao quarto para me “mostrar uma coisa”. Acompanhei-a, e quando chegámos ao quarto ER, olhou fixamente para as fotos da sua família que tinha em cima da cabeceira, chamou-me e disse-me para olhar, sem me explicar quem eram as pessoas. Percebi que pelo retrato de família, se tratavam de ER e da sua mãe, pai e irmã já falecidos. Após ficar os retratos ER disse “Pronto, já está”, e veio-se embora. Regressámos à sala de convívio onde se encontravam ainda BA, AR, IJ, IC, CN, CS, EM, GQ e SI. Minutos depois, IC e SI adormeceram. As utentes estavam a ver televisão. Cerca de uns 15 minutos depois regresssei ao segundo piso, onde ainda se encontrava HH sozinha.

No Centro de Dia, estavam já as utentes do centro, CD, DE e IN e algumas utentes do lar, FG, ES, PL, TS, ME. DC está num dos cadeirões e GC encontra-se numa mesa sozinha, sem fazer qualquer tipo de atividade. As atividades decorreram normalmente na parte da manhã. Chegada a hora de almoço, depois de acompanhar IN (uma das utentes do Centro de Dia com mais dificuldade em andar) ao refeitório, e de a auxiliar à refeição, acompanhei também AM ao quarto. Convidei novamente AM a ir rezar o terço pelas 14:30h, convite que havia recusado anteriormente (diário de campo nº13), por estar demasiado cansado a seguir à fisioterapia. AM aceitou e ficou acordado ir buscá-lo por volta das 14:20h ao quarto. Quando estávamos ainda no quarto, AM falou-me mais um pouco da sua falecida mulher, que tanto parece estimar. AM falou-me do dia da morte da sua mulher e de como decorreu a manhã antes da sua morte. AM mencionou o facto da sua mulher sofrer de diabetes, e pela altura da sua morte, já ter uma perna amputada. A mesma, faleceu aos 86 anos de idade. Deixei o quarto de AM, ficando prometido também, que após o terço, continuaríamos a conversar.

Após a hora de almoço, CA, ES e CB estavam no Hall das escadas do segundo piso a ver o noticiário na televisão. No hall da entrada estavam HH, EF, RS, PG, GC e MM em silêncio.

No terceiro piso, na sala de convívio estavam DC, IM e VL (a dormir), MC, CN, EM, GQ e CS. As utentes estavam a ver televisão e sentei-me perto de DC. Após comentar com DC que teria de acordar IM para ir rezar o terço, DC comentou sobre a mesma “Nós éramos amicíssimas, como unha e carne, mas aqui não somos...Eu vim para aqui a pensar que tinha uma amiga. Ela liga muito a outras pessoas”, referiu ainda a possibilidade de isto acontecer, uma vez que DC com as dificuldades que sente em deslocar-se, levaram a que IM se afastasse um bocado mais também por querer conviver com pessoas que não tivessem aquele tipo de limitações.

Desloquei-me ao quarto de AM que me acompanhou ao segundo piso, à capela onde já se encontravam VL e VZ.

À tarde no Centro de Dia, IN, DE, CD, IC, PL, FG e ME estão a fazer ginástica enquanto JV está acompanhada pela animadora que a auxilia na conclusão de um puzzle. Entretanto, a filha de ME chegou à sala e ficou a observar a mãe enquanto fazia ginástica.

No segundo piso, no hall das escadas estava CA e o seu filho, que a tinha vindo visitar. “Temos uma família muito grande!”, comentou comigo CA depois de ter feito a observação de que CA havia recebia muitas visitas esta semana.

Entretanto AM, saiu do terço e acompanhei-o de novo ao quarto onde AM acabou por me mostrar alguns álbuns de família, bem como um jornal que escreveu para o Lar, um mês após o falecimento da sua mulher, onde constava uma homenagem à sua santa preferida e à sua pessoa.

A mulher de AM, nasceu em 1924 e faleceu a 5 de Julho de 2010. Casaram-se a 1 de Maio de 1963 e a 15 de Agosto do mesmo ano, regressaram a Portugal Continental. Primeiro foram viver para Queluz e posteriormente para Massamá, casa que só deixou quando veio para o lar. A família da sua falecida esposa, foi sempre ligada à igreja, a comprovar-se pelas suas duas irmãs que se tornaram freiras e um dos seus irmãos que se tornou padre. AM esteve também ele cerca de 8 anos num seminário, mas acabou por desistir. AM mostrou um álbum feito para si e para a sua mulher, prenda da sua filha, que organizou e datou fotos que remontam aos tempos

da bisavó materna da filha de AM. Confidenciou-me AM que me estava a mostrar e a contar pormenores da sua vida que não contava a muita gente e por isso deveriam permanecer segredo. Sorri e agradeci a confiança que me tinha depositado.

Registo nº 18		
Dia: 13 de Fevereiro de 2012		Local: Lar e
Centro de Dia		

No hall do segundo piso, pela manhã estão EF, PG e UU, cada uma sentada na respetiva cadeira, não mantêm qualquer tipo de conversa. No 3º piso, estavam SI, JP, BA, MC, CN e IJ a dormir, IC a ver televisão, e AR numa das cadeiras. O período após o pequeno-almoço, como já se tem vindo a observar, é o período mais calmo, onde a maior parte das utentes aproveita para dormir um pouco e para ver televisão.

No Centro de Dia, estão na mesa central IN, CD, TS, IM, ME, FG e VL a pintar, numa mesa á parte estão PL, ES e GC. DC está no cadeirão sentada a olhar para as colegas. A manhã foi passada a pintar. Às 11:00h, a animadora, chamou todas as senhoras ao espaço mais amplo da sala, para fazerem exercício físico, antes da hora do almoço. Todas as senhoras que estavam na sala fizeram a atividade bem como DC, que apesar de estar numa cadeira isolada, foi fazendo os exercícios à sua medida. A animadora em tom de brincadeira fez um comentário a DC, e IM, em voz baixa disse “Por tudo e por nada me descompõe”, fazendo-me perceber, que um dos motivos do afastamento de IM, poderá ter algo a ver com a forma como DC lhe fala. DC no diário de campo anterior, havia comentado o afastamento de IM. Durante os exercícios, acompanhei FG, auxiliando-a na execução dos mesmos.

Às 11:35h no segundo piso, estavam no hall, RS, MM, HH, PG e UU e não havia qualquer tipo de comunicação entre as mesmas. Pela mesma hora, no terceiro piso estavam na sala IC, CN, GC, MR, CB e BA a dormir e CS, EM no centro da sala, e a assistir televisão JP e MC.

No refeitório, pela hora do almoço, dirigi-me a AM, perguntando-lhe se gostaria que o fosse buscar ao quarto para rezar o terço, mas AM prefere ficar a rezar no quarto, mas acabou por me convidar a ir ver o álbum de fotos da Madeira. Ao seu lado estava JJ que regressou há cerca de dois dias ao lar, depois de 13 dias hospitalizada. Está um pouco debilitada e com algumas dores no fígado (talvez devido à medicação), e por isso passará o dia a descansar.

Depois da hora do almoço, pelas 13:30h, no hall do segundo piso estão RS, GC, EF, MM, ME, UU e PG, não estão acompanhadas por qualquer tipo de auxiliar e não existe comunicação entre as utentes. No terceiro piso, no hall estão SI e ER sozinhas, sentadas nas cadeiras, na sala estão JP, IJ, DC, IN, FG, AR, VL, GQ, CN. MC, IC, PL, EM e CS também se encontram na sala mas estão a dormir. Para Além das utentes, encontram-se ainda na sala quatro auxiliares, uma está a ver televisão, outra, as notícias do jornal e as outras duas descansam. Não existe qualquer tipo de comunicação entre os utentes e as auxiliares. Saí da sala e encontrei IM e MR que se dirigiam para a sala, reparei também em ER que por esta altura entrava e saía do quarto, sem qualquer razão aparente. Parei para observar ER, que olhava para o retrato da família, afastava-se uns passos do retrato e voltava para perto dele enquanto se inclinava novamente para o ver. Saiu do quarto fechou a porta e voltou a entrar repetindo o mesmo movimento.

De facto o comportamento é o mesmo que foi descrito anteriormente, o que poderá indicar um comportamento talvez obsessivo, entre ER e o retrato da sua família, única recordação materializada. Segui com IM e MR para a sala, que comentavam o comportamento de ER, dizendo que ER seria capaz de passar um dia inteiro assim. Sentámo-nos nas cadeiras da sala, e após IM observar o comportamento das auxiliares comentou “Patrão fora, dia santo na loja...sabem que a Irmã está segura...Ela sabem bem”, dizia-me, em tom de reprovação. Entretanto VL recebeu a visita de um primo, que lhe fez companhia até à hora do terço (14:30h).

Ainda sentada ao pé de IM, aproveitei para conversar com IM, e perceber os reais motivos do afastamento da mesma em relação a DC. Perguntei-lhe como se tinha iniciado a amizade entre as duas, ao que IM me respondeu que ficaram amigas no

Centro de Dia, onde estavam anteriormente, mas que se afastou porque, pelas suas palavras “Ela sempre teve a mania que era melhor que os outros...foi sempre mal criada”, referindo que por ter feito uma observação a DC, enquanto DC passeava pelos corredores sem roupa, com o propósito de ir tomar banho. “Você não tem respeito pelas outras pessoas?”, disse-lhe IM, ao que DC respondeu “Vá guardar porcos para o Alentejo!”. Desde então, confidenciou-me IM “As amizades acabaram-se. A amizade acabou....falo-lhe...mas amizade acabou”. Então aqui percebi que de facto o afastamento de IM, advém do comportamento de DC em relação a IM, e não pelo motivo que DC havia mencionado. IM em altura alguma referiu as limitações de DC como obstáculo à sua amizade, mas de facto o comportamento de DC para com IM.

Do terceiro piso, encaminhei VL, IM, MR e SI para a capela, onde já se encontravam CB e VZ.

No Centro de Dia, estavam DE e CD, acompanhadas pela voluntária CE. E parte das utentes, acompanhadas pelo novo fisioterapeuta, que acompanhará as utentes na parte da tarde, cinco dias por semana, três deles fazendo fisioterapia, e os outros dias a fazer terapia ocupacional. Ao final da tarde, iniciaram-se os preparativos para o dia 14 de Fevereiro (dia dos namorados) e dia também da festa de Carnaval organizada pelo coro do Centro de Dia.

Registo nº 19		
Dia: 14 de Fevereiro de 2012 e Auditório		Local: Lar, Centro de Dia

Da parte da manhã, fui convidada a participar no resto dos preparativos da festa de Carnaval, e a substituir o papel da Auxiliar AL, que por motivos de saúde não pôde comparecer. Na parte da manhã, DE, DC, IN, PL, IM, MC, CB e TS passaram o tempo a colorir umas máscaras que seriam depois expostas na sala, como ornamento decorativo da época. Fizeram-se desenhos alusivos ao dia de São Valentim e a cada

utente, foi pedida uma pessoal sobre o que para si era o amor. Grande parte das definições do amor, foi relacionada com a família e com os próximos.

Na parte da manhã, chegou também ao Centro de Dia um novo voluntário que veio ajudar nos preparativos para a festa e que estará presente cerca de três vezes por semana. Ao voluntário, foi sugerido pela Psicóloga (que também participou nos preparativos), que se iniciasse uma nova atividade a que se pudesse dar continuidade, tal como um ateliê de pintura em tela, uma vez que o voluntário tem capacidade artística de poder ensinar e auxiliar as utentes que se possam interessar por esta atividade. Esta sugestão é importante, porque para além de oferecer outro tipo de atividades às utentes, proporciona a interação com pessoas fora do centro, e juntando o útil ao agradável, é uma forma também de as utentes fazerem algo que possa ser levado para “a venda” do Natal.

A festa, com alguns minutos de atraso, iniciou-se pelas 15:00h da tarde, prolongando-se até às 16:20h. Depois de praticamente todas as utentes estarem presentes na festa, notei que AM e VZ não se encontravam presentes no auditório. Desloquei-me então aos seus quartos, onde estavam os dois utentes, sem estar a par da realização desta festa. VZ hesitou um pouco em acompanhar-me porque disse-me “Não estar para festas” e AM, que se encontrava por aquela altura a rezar, disse-me não ter sido informado com antecedência. Ambos me acompanharam assistindo à festa até ao fim. JJ também não assistiu à festa por ter tido a necessidade de regressar ao hospital.

Registo nº 20		
Dia: 15 de Fevereiro de 2012		Local: Lar e Dentro
de Dia		

A manhã no Centro de Dia, foi passada normalmente com a participação das utentes do Centro (DC, IN e DE) e com as utentes do Lar, PL, MC, ES, ME, CA, FG, TS e

IJ. A manhã foi passada a pintar desenhos alegóricos ao Carnaval. Mais tarde para o Centro de Dia, vieram também DC, IC e IM.

As atividades foram sendo distribuídas pela animadora do Centro. A meio da manhã, MR veio matar o tempo. Sentou-se ao pé de IM enquanto comentava os trabalhos das outras utentes. Perguntei-lhe porque não aparecia mais vezes no Centro, ao que me respondeu “Aborrece-me vir para aqui...acabou-se a paciência. Estou farta de trabalhar”. MR, não participa nas atividades do Centro, mas após as horas de refeição, fica a ajudar no refeitório, na organização e recolha da loiça usada. Acaba por ser uma distração e uma forma de se sentir útil e de se sentir também em companhia.

Após a hora de almoço, desloquei-me ao quarto de VZ, para o ir buscar para uma sessão de avaliação física por parte do novo fisioterapeuta. VZ, enquanto nos dirigíamos à sala, lamentava mais uma vez a morte da sua mulher e de quanto esse acontecimento o marcava. Na sala, a aguardar pela avaliação já se encontravam DE, CD, CB, PL, FG, IC, RQ, JP, IM, SI, IJ, VZ e TS.

Regressei ao terceiro piso, ao quarto de AM, uma vez que me havia comprometido a ver o álbum de fotografias da Madeira. Depois de recebida por AM, convidou-me a sentar. AM havia recebido um telefonema da sua filha. AM, encontra-se numa situação de irregularidade no pagamento da mensalidade. AM, encontra-se fragilizado, devido à situação familiar presente (divórcio da filha e separação do seu neto mais velho). Confidenciou-me AM, que deixaria de frequentar a fisioterapia, uma vez que é um custo adicional que não consegue suportar. Em relação à situação de irregularidade do pagamento da mensalidade, AM desabafou “Se eu pudesse ia para a casa da minha filha, mas não posso”.

AM, de alguma forma, sente que continuar no lar, é um peso muito grande que a filha não consegue suportar. Somado à irregularidade dos pagamentos, AM sente que precisa de apoiar a filha neste momento mais conturbado (consequência do anterior período em que esteve desempregada e a posterior separação). “Eu não posso morrer, porque faço falta à minha filha e aos meus netos” desabafou AM, enquanto abanava a cabeça. No fim da conversa reparei que AM, usa ainda na mão esquerda, a aliança de casado bem como a aliança da sua falecida esposa.

Registo nº 21	
Dia: 16 de Fevereiro de 2012 Centro de Dia	Local: Lar e

No Centro de Dia pela parte da manhã encontram-se ES, IC, CE, IM, FG, ME, TS e PL, utentes do Lar, e CD, DE, IN e RM, utentes do Centro. As atividades decorreram com normalidade, e como planeado, de acordo com o planeamento das atividades semanais, às 11:00h iniciaram-se jogos motores, que têm como propósito promover a atividade física dos utentes. O segundo piso pela manhã, encontrava-se vazio, mas uma das voluntárias, NA dirigiu-se ao quarto de JG que se encontrava doente, e por isso estava no quarto a descansar. A voluntária acabou por ficar durante uns minutos a fazer companhia a JG até à hora do almoço.

Na parte da tarde, após o horário do almoço, no 3º piso, encontra-se no hall PG, MR e JP, na sala estão ER, IC, PL, FG, IJ, MM, CN, CS, UU, AR, GQ, RS e MC (a dormir). Fora do habitual, acaba por ser a presença de algumas das utentes do lar que habitualmente estão no segundo piso tais como, MM, UU, RS e PG. A presença destas utentes, deve-se à ordem de uma das Irmãs, de colocar as utentes do segundo piso, no terceiro, uma vez que a sala deste piso é relativamente mais quente, e por isso, as utentes deverão permanecer neste espaço. A animadora do Centro, veio buscar PL, IC, FG e MC para o Centro de Dia, de forma a evitar a permanência na sala, sem qualquer tipo de atividade.

No segundo andar, pelas 16:15h, encontrava-se GC e JC que recebeu a visita do filho. Encontravam-se os dois a conversar nas poltronas do hall da entrada. No terceiro piso, SI e IB conversavam um pouco, IB regressava de casa, onde foi à hora do almoço. PG, UU e ER estavam no Hall, perto de IB e SI, mas não mantiveram qualquer tipo de interação. Na sala, estavam AR, VL, IC, MC (a dormir), PL, FG, CS, JP, JV, BA, DC e JJ. JJ, recebeu a visita de um casal amigo, que permaneceu na sala por volta de uma hora. Na sala, apareceu MR, que se sentou ao meu lado. Aproveitei a oportunidade para

perceber o porquê de MR permanecer no refeitório depois da hora das refeições. MR permanece no refeitório, ajudando no que consegue e fá-lo porque segundo a mesma: “Vou lá para me distrair, para não estar sempre a pensar no mesmo.”

MR, conversou comigo acerca dos motivos que a levaram a vir para o lar “Para que é que eu queria estar numa casa sozinha?”. Perto de casa, ao pé do Palácio da Ajuda, “Tinha as minhas amigas todas” disse-me MR, no entanto acrescentou “Não estou arrependida, sinto-me bem”.

MR acabou por me confidenciar um dos motivos pelos quais não se casou “Por respeito aos meus pais!”. MR, de facto já tinha mostrado que sempre manteve uma forte ligação com os pais, e que por isso, acabou por permanecer em casa com eles, exceto na altura em que se deslocou para Moçambique, onde permaneceu alguns anos com a irmã.

Registo nº 22		
Dia: 17 de Fevereiro de 2012		Local: Lar e
Centro de Dia		

Na parte da manhã, estavam no Centro de Dia, TS, IN, FG, CD, MC, IM, PL, IC e fora do habitual ER (a fazer malha). A ausência de ER no Centro de Dia, deve-se sobretudo ao facto de ER, ter tido que permanecer no piso correspondente, por necessidade de repouso e em parte porque no Centro de Dia, ER estabiliza o período de atividades, exigindo um redobrar de atenções.

No terceiro piso, encontrava-se JJ, IJ, DC, BA, ME, PG, GC, MR, RQ, SI, JP, VL, CN, UU, EM e CS. Não existe comunicação entre as utentes e a televisão acaba uma vez mais por ser a “Companhia” das utentes. No segundo piso, EF, HH, ES, RS e MM estão no hall da entrada, sem comunicarem entre elas e sem qualquer auxiliar perto de si.

Na mesma tarde, CP deu entrada no Lar, acompanhada pelos seus dois sobrinhos. Na parte da tarde, CP veio para o Centro de Dia, com o objetivo de se

começar a ambientar e também porque ainda teria que aguardar que fosse selecionado o quarto onde permanecerá. A casa de CP, ficará ao cuidado de uma pessoa de sua confiança “Deixei lá uma pessoa. Assim acho que não me vai custar, mas assim sinto que não estou sozinha.”. “Eu nunca gostei de viver sozinha!” acrescentou CP. Em jeito de piada, referindo-se à dificuldade que sentiria em decorar os nomes do resto das utentes disse “Eu faço como o outro, chamo a todas Maria!”.

Enquanto CP permanecia na sala. MC apareceu e de imediato reconheceu CP, cumprimentando-a. Sentou-se perto de nós, até à hora do lanche. Informei CP acerca dos horários do Lar (pequeno-almoço, lanche, terço, etc.). Acompanhei CP ao refeitório onde já se encontravam alguns dos utentes. CP sentou-se em frente a IM, que a reconheceu de imediato também, uma vez que frequentaram o mesmo Centro de Dia, São João de Brito e a colónia de Férias de Almoçagema. Por momentos recordaram esse período e de quão bem lhe faziam os passeios que davam.

À tarde, acompanhei também CP ao seu novo quarto, quarto que irá partilhar com HH, também ela nova utente do lar. Os pertences de CP foram na sua totalidade roupa, que posteriormente deverá ser marcada para não ser confundida com a roupa das restantes utentes. Ao deixar o quarto, CP sentou-se perto de HH, mostrando interesse em conhecer melhor a sua nova companheira de quarto.

Após o acompanhamento a CP, apercebi-me que não lhe havia sido entregue qualquer tipo de documentação, informando-a a cerca dos serviços, dos contactos telefónicos, horários do lar, ou organigrama onde esteja estabelecido quem faz o quê dentro do lar. A entrega de um documento deste tipo, seria útil para o utente e para a facilitação da sua integração dentro do lar.

Conversei com a Psicóloga do lar, a cerca desta possibilidade, e acabou por ser bem aceite, uma vez que segundo a mesma, aos utentes, à chegada, recebem apenas o regulamento interno da instituição. Aproveitei também a altura, para questioná-la do porquê de ser a mesma a fazer o acompanhamento do utente nos antes, durante e após da estadia no lar. De facto, esta função de acompanhamento dos utentes corresponderia à Assistente Social do lar, mas que este trabalho foi-lhe delegado, uma vez que a Assistente do Lar, está completamente absorvida pelo Serviço do Apoio

Domiciliário, assim, o seu papel, acaba por ser dividido entre a Assistência aos Utentes, e o Acompanhamento Psicológico dos mesmos.

Registo nº 23		
Dia: 22 de Fevereiro de 2012		Local: Lar e Centro de Dia

Hoje o Centro de Dia abriu, mas por falta da animadora do Centro de Dia, as utentes do lar não se descolaram ao mesmo. Para o Centro vieram apenas IN, CD e DE que permaneceram e ajudaram nos preparativos de uma próxima atividade do Centro de Dia.

Às 11:00h, iniciar-se-ia a missa na capela do segundo piso, Quarta-feira de Cinzas. Grande parte dos utentes do lar, participaram na eucaristia. Às 12:15h, no terceiro piso, enquanto decorria a hora de almoço habitual, CN, CS e EM eram transportadas para a sala. Com elas ficou a auxiliar L aguardando a sua hora de almoço.

Pelas 13:45h, a voluntária MA e a utente CB encontravam-se no hall das escadas do segundo piso, a ver televisão. A voluntária estava a dormir. No Hall do mesmo piso, RS e MM permaneciam nas suas cadeiras. Mais movimentada, estava a sala de estar do piso, onde se encontrava ES, GC, UU, ME, EF, CA (que acabou por ir para o quarto ler) e por último, CP. Aproximei-me de CP com o intuito de saber como haviam decorrido os quatro dias passados no lar. CP acabou por me informar que uma das noites foi passada em casa, os outros dias foram passados no lar. Teve mais isolada, porque sentir algumas dores no braço, mas acabou por passar os dias a ler, e segundo ela em companhia “Aqui vejo pessoas...acho graça quando elas se zangam e embirram umas com as outras”, disse-me CP, fazendo-me perceber que o importante para si, é não se sentir isolada, necessitando da presença de alguém. No entanto, CP confidenciou-me que a sua estadia no lar, ainda que tenha vindo com vontade de ficar “É uma experiência...estou a ver se me adapto”, disse-me. Por enquanto CP sente a necessidade de sentir que a sua casa é sempre um porto de abrigo, onde poderá

regressar sempre que quiser, e onde estará sempre alguém (auxiliar doméstica de CP) que a espere e lhe faça companhia, como é o caso.

Chegada a hora do Grupo 1 de ginástica, estiveram presentes, DE, CD, PL, FG, IC, RQ, JP, CP, IJ, IM, VZ, MC. Falou TS, que recebeu visita da irmã, CB que se ía ausentar para fora uns dias, e por último SI que se recusou mais uma vez a participar nesta atividade. Pela altura da atividade, no terceiro piso, encontram-se na sala MR, ER, DC, JV, AR, CS, CN, EM e GC. Não se encontra por perto nenhuma auxiliar, e a televisão é o único entretenimento. Dirigi-me ao quarto de AM que se encontrava a rezar o terço. Confidenciou-me que ir à missa, foi um momento um pouco doloroso, uma vez que se recordou dos seus parentes mais próximos que já partiram, tendo sentido mesmo necessidade de chorar. Deslocou-se sozinho à capela onde foi feita a celebração.

Registo nº 24		
Dia: 23 de Fevereiro de 2012		Local: Lar e
Centro de Dia		

Às 9:00h, na capela do lar estavam a rezar TS e CP. ES assistia televisão no hall das escadas sem qualquer utente ou auxiliar por perto. No hall da entrada, estava UU e na sala IB e ME. Na sala do terceiro piso, estava DC, CN, VL, CS, FG, MC, IM, RQ, PL, JP e BA. A televisão estava ligada, mas poucas utentes estavam realmente atentas à mesma.

Devido à ausência de mais um dia sem a animadora do Centro de Dia, fui convidada pela psicóloga do lar, a auxiliar nas atividades do dia. No Centro de Dia, estiveram DE, IJ, CA, CD, IN, MC, IC, FG, JP, CP, PL, DC e ER. A parte da manhã foi preenchida com jogos didáticos e com pinturas. ER, passou a manhã a fazer malha e DC, não participou nas atividades.

Depois da hora do almoço, às 14:30h, iniciou-se a sessão de ginástica com os utentes do segundo grupo (o segundo grupo, é constituído pelos utentes mais

dependentes e com menos capacidade de mobilidade). AM e GQ não participaram. AM, por sentir dores, não participou na atividade, e a hora da mesma foi passada na cama, a rezar, uma vez que coincide com o horário do terço. AM também não se deslocou para lanche.

À tarde, no lar apareceu também a “governanta” da casa de CP, à frente designada como RL. Veio com o propósito de entregar a CP documentação. Dirigi-me a RL, uma vez que procurava por CP, mas não conhecia o lar. Conduzi-a aos quartos onde CP se encontrava, e RL durante o caminho fez-me algumas questões, tais como o horário da visita ou mesmo se seria possível trazer comida. Após a conversa com RL, apercebi-me que quando os visitantes dos utentes entram no lar, não estão a par do funcionamento do mesmo. Assim, tal como havia ponderado a elaboração de um folheto de integração para o utente que vem para o lar (Registo nº22), fazer outro folheto com informação mais direcionada ao visitante, tal como o organograma da instituição, os serviços prestados, um pequeno mapa do lar, e informações a cerca dos horários das visitas ou contactos telefónicos que poderão ser utilizados em caso de se pretender recolher mais informação.

À tarde, RQ, IM, SI e MR receberam da parte da psicóloga do centro, apoio psicológico. Este grupo de apoio, é uma atividade com o propósito de estimular cognitivamente as utentes, proporcionando também um momento lúdico.

Registo nº 25		
Dia: 24 de Fevereiro de 2012		Local: Lar e Centro de Dia

Hoje, devido à ausência da Animadora do Centro de Dia, fui convidada a auxiliar no que fosse necessário. Para o Centro de Dia, na parte da manhã vieram MC, IC, ER, PL, UU, IM, ES e CA, e as utentes do centro, IN, CD e DE. A auxiliar AL, esteve também presente nas atividades da manhã. Em conversa com ES, apercebi-me de que gostava

de poesia, recitando-me algumas quadras de poemas que ainda se recorda. Poderia ser interessante, trabalhar com ES este gosto que a mesma tem por poesia. Incentivando-a a escrever, ou mesmo criar um espaço do dia, onde se lesse para ES um poema, e depois discutir com a mesma o poema. Uma vez que ES, é uma das utentes, em que o tempo que não passa no Centro dia Dia, é passado a ver televisão. Este espaço seria uma forma de fugir à rotina, bem como de criar um momento do dia dedicado a ES

A parte da tarde foi mais agitada, a Auxiliar AL ausentou-se, e a minha responsabilidade ficou função de ir buscar as utentes do grupo 1 de ginástica, para o Centro de Dia. Todos participaram à exceção de SI, que continua a não mostrar qualquer interesse em participar nesta atividade.

À tarde pelas 16:30h, realizou-se na capela a Via-sacra, momento muito apreciado pelas utentes, que de alguma forma vêm a religião como uma forma de dar sentido à sua vida. Para além de ter acompanhado parte das utentes, acompanhei AM que pelas 16:20h, ainda se encontrava no quarto. Tem vindo a ser cada vez mais evidente a necessidade de acompanhar AM nestas atividades, porque para além de necessitar de ser estimulado a sair do quarto, acaba por ser também ele “esquecido”, em parte pela localização do quarto e talvez por não existir por parte das auxiliares um interesse em perceber quais as reais necessidades de AM. AM, não sendo uma pessoa com muita iniciativa ou até mesmo com pouco gosto em sair da sua zona de conforto, acaba por ser alvo de uma certa desistência por parte das auxiliares que se encontram no piso e que são responsáveis pelo auxílio dos utentes nas atividades da vida diária, instrumentais ou não. (ADV e AIVD).

Registo nº 26		
Dia: 2 de Fevereiro de 2012		Local: Lar e Centro de Dia

Pela parte da manhã encontrei IB a bordar uma toalha na sala de estar do segundo piso, para além de IB estavam ainda ES, PG e EF voltadas para a televisão. Aproveitei a oportunidade para me sentar perto de IB e conversar um bocado com a utente. Poucas vezes encontro IB pelos corredores do lar e quando a encontro, a mesma costuma estar a fazer um dos seus trabalhos manuais. Talvez como forma de distração. Sentei-me ao seu lado e conversámos um bocado.

IB nasceu em 1940 em Lisboa, na maternidade Alfredo da Costa. No entanto, a sua infância e dos seus 4 irmãos (uma rapariga e 3 rapazes, um deles fruto de uma relação entre o pai de IB e outra mulher), foi passada em Cantanhede. A mãe era dona de casa e o pai era aviador naval, razão para passar a semana fora de casa. Em 1951, vieram todos para Lisboa, Alfeite, tinha IB onze anos. Depois da escola, esteve a trabalhar na Secretaria da Mocidade Portuguesa Feminina, durante um ano. Depois, veio para o externato da Escola de auxiliares Sociais de S. Vicente de Paulo, tirar o curso de Técnica de Serviço Social, com uma duração de 3 anos, fazendo o estágio na Santa Casa da Misericórdia de Lisboa. IB trabalhou durante 36 anos em alguns dos hospitais centrais de Lisboa. Durante todo este tempo, viveu com os pais, uma vez que o seu salário também não lhe permitia a independência total, nem a possibilidade de pagar uma casa sozinha. Os irmãos de IB saíram de casa quando se casaram. Interrogada a cerca do motivo de nunca se ter casado IB respondeu “Não tive para isso!”. IB, foi também dirigente dos escutas. Depois do pai de IB se reformar, os pais regressaram à Pucariça, local onde acabou por falecer com 88/89 anos, e a mãe de IB faleceu dez anos mais tarde. IB ficou na casa dos pais em Lisboa. Recordando os pais, IB disse “Eu tive muitos problemas de saúde, mas tive uns pai, graças a Deus, que me apoiaram, e hoje é como se não os tivesse tido!”.

Os irmãos de IB estão ainda hoje todos vivos, a irmã de IB está hoje internada num Hospital que lhe dá apoio clínico, uma vez que a mesma sofre de Alzheimer. Um dos irmãos vive nos Açores e os outros dois vivem na terra Natal, na Pucariça. “A gente telefona, eles vêm cá!”, disse IB em relação ao contacto que mantém com os irmãos. Mantém também contacto próximo com os sobrinhos de Lisboa e dos Açores, com os sobrinhos netos, já não mantém contacto quase contacto.

Mantém ainda contacto telefónico com um primo. Em relação a ter vindo para o lar, IB diz ter vindo porque estava sozinha. “Volta, meia volta, tinha amuecas!”, “Os meus sobrinhos não me podiam estar a aturar”

Registo nº 27		
Dia: 13 de Março de 2012 de Dia		Local: Lar e Centro

Na parte da manhã do dia de hoje, fui conversar com CP, com o objetivo de saber como se sentia após a notícia de que o irmão estaria muito debilitado. CP encontra-se abatida com toda esta situação, uma vez que foi inesperada. “Ele era o nosso menino”, disse-me com carinho. Outro assunto que parece mexer com CP, é o facto de não se estar a sentir tão confortável no Lar como á partida pensava que se iria sentir. “Eu vim para aqui para não estar sozinha, e sinto-me sozinha. Muita gente que não fala.” desabafou CP alguns dias antes, à cerca do que sentia. De facto CP veio com algumas expectativas que não correspondem à realidade nem respondem às reais necessidades de CP. A utente ponderou de facto pagar apenas o mês presente e deixar em aberto a possibilidade de regressar a casa, já com o objetivo de contratar alguém para a auxiliar permanentemente e fazer-lhe companhia também.

Acompanhei CP que se dirigia ao refeitório para almoçar, e encontramos JC. As duas utentes conversaram um pouco sobre os motivos que as levaram a vir para um lar, JC porque não teve outra alternativa, senão ser pelos lares e CP que tomou recentemente a decisão de vir para um porque não gostava de estar sozinha. CP admirou-se com a idade JC e com a vivacidade da mesma, comentando até já em privado que gostaria de ter uma pessoa como JC no quarto, com quem pudesse conversar. Esta necessidade poderá vir também dos últimos acontecimentos que se prenderam com a saída de HH, a antiga companheira de quarto de CP. HH saiu, do quarto uma vez que o seu estado mental, não permitia que descansasse durante a noite, nem deixasse CP descansar. Esta situação, deixou CP desconfortável e sem poder descansar durante algumas noites. CP, manteve-se no quarto, mas agora está sozinha, melhor do que estava anteriormente, mas de qualquer forma, não está

acompanhada como gostaria. Sente-se, pelo discurso de CP, que é uma mulher que sente a constante necessidade de estar acompanhada, nem que para isso precise se pagar a alguém.

Registo nº 28		
Dia: 14 de Março de 2012		Local: Lar e
Centro de Dia		

Pela parte da manhã encontrei CA, a ver televisão em sentei-me ao seu lado para conversarmos um pouco, uma vez que numa das conversas que havíamos tido, não tive a oportunidade de conhecer melhor CA. Sabia à partida algumas informações que a mesma me tinha dado, mas não interrompi em alguma altura CA. CA e os seus três irmãos mais novos (uma rapariga com 28 meses de diferença, outra rapariga com 12 anos de diferença e um rapaz com 9 anos de diferença) foram criados no Alentejo, em Safara, Concelho de Moura, pelos pais. Os seus três irmãos ainda estão vivos, o rapaz vive hoje em Elvas, mas está com graves problemas de saúde, uma das irmãs vive em Lisboa e a mais nova das irmãs vive em Elvas. Destes três irmãos, nasceram os 8 sobrinhos de CA.

CA e a sua irmã ajudavam em casa nas lides domésticas (cozinha, limpeza e costura). Estudou até à quarta classe, porque na sua aldeia não existiam nem escolas nem liceus e por isso viu-se obrigada a abandonar os estudos. Ficou em Safara até aos 18 anos, e a família mudou-se para Moura. CA já namorava com o seu marido desde os seus 13 anos. Aos 25 anos casou-se com o marido, e ambos regressaram a Safara. CA tinha 27 anos quando teve o primeiro filho, e por questões de trabalho, CA, o filho e o marido tiveram de ir para Santarém trabalhar, local onde CA acabou por ter a segunda filha. Permaneceram dois anos em Santarém e mais uma vez por questões de trabalho, mudaram-se para Almada. CA sempre trabalhou como doméstica, vivendo para a casa e família. Os filhos acabaram por ser criados em Almada e uns anos mais tarde, depois do marido se reformar, regressaram para Moura, para viver com a sua mãe. Lá, mesmo

depois de reformado, o marido montou um escritório de contabilidade, mas CA e o seu marido foram alternando sempre a sua estadia entre Moura e Almada, uma vez que em Almada poderiam estar mais próximos dos filhos. Foi há onze anos, na casa de Almada que o marido de CA acabou por falecer. Sofria de Diabetes, era hipertenso e tinha uma agina de peito. Quando CA se aproximou, o marido já tinha falecido. “Fomos únicos um para o outro!”, disse-me com as lágrimas nos olhos. Depois da morte do marido, regressou para a casa de Moura e vendeu a casa de Almada.

Em moura ainda tinha uma irmã, tentaram cuidar uma da outra, mas tornou-se impossível, uma vez que o estado de saúde de ambas se agravava. CA já tinha problemas nas articulações dos joelhos e o episódio que acabou por antecipar a sua vinda para Lisboa foi um enfarte do Miocárdio. Queria vir para Lisboa para receber assistência por parte dos filhos, mas optou por ir para um lar, uma vez que não queria ser uma sobrecarga para ambos. Esteve ainda um ano e meio num outro lar, mas acabou por sair por questões monetárias. Queria um lar que conseguisse pagar com a própria reforma (reforma esta que lhe é atribuída por ter sido sócia da empresa do falecido marido).

A filha vem visitá-la todas as semanas ao lar, e acaba por lhe levar a roupa para lavar e passar, o filho (por questões profissionais, está mais ausente, mas vem sempre que pode). Hoje CA tem dois netos (um deles na Alemanha) e uma bisneta. No final da conversa desabafava “Fui feliz, muito feliz com o meu marido, tive um marido extraordinário”. Frisou também na conversa que me contou os pormenores mais marcantes, salientando que também passou por alguns episódios mais tristes, mas que de uma forma geral foi feliz. “Éramos uma família muito unida e com muito amor!”, disse-me CA.

Registo nº 29				
Dia:	29	de	Março	de 2012
Local:	Lar			

Analisando a grelha dos possíveis utentes a serem entrevistados, MV surge como uma utente com características que a diferenciam dos outros utentes, é uma utente com algumas limitações na sua autonomia, não participa nas atividades do Centro de Dia, e para além destas características, MV passa grande parte do tempo, no seu quarto. Após a hora de almoço, dirigi-me ao quarto de MV, com o objetivo de me aproximar e de conversar um pouco. Já havia tentado conversar com MV, mas a presença constante de DM, a companheira de quarto de MV, limitava a aproximação.

Tomei a iniciativa de me dirigir ao quarto de MV onde a mesma, se encontrava fazer palavras cruzadas, aproximei-me de MV. MV estranhou a minha presença no quarto, uma vez que nos cruzamos apenas nos corredores, mas nunca surgiu naturalmente a oportunidade de conversar um pouco. Com um sorriso, convidou-me a sentar e a partir daí aproveitei para conhecer melhor MV. MV nasceu a 18 de Maio de 1922, em Monchique, localidade onde viveu até o marido falecer. É filha de uma mãe doméstica e de um pai que trabalhava em centrais elétricas. Para além de MV, nasceram ainda uma rapariga e um rapaz. Casou aos 20 anos, com o seu marido, já com mais de trinta anos e foram morar para uma casa juntos. MV era doméstica mas com o marido, mantinham uma loja de fazendas na localidade. Aos 21 teve o seu primeiro filho, um rapaz, entretanto teve um aborto espontâneo. Aos três anos de idade do seu filho, MV e o seu marido mudaram-se para a casa dos seus pais. Cinco anos após o nascimento do primeiro filho, teve uma filha.

Os filhos de MV cresceram e vieram para a Capital, ambos estudaram medicina, mas o filho de MV não concluiu o curso, tendo seguido o percurso militar (em Lagos), acabando mesmo por combater fora do país. “Ele sofreu muito, eu e ele”, dizia-me MV. Entretanto faleceu a mãe de MV e anos depois, o pai. Com a idade, MV e o marido, foram perdendo algumas capacidades e MV mais tarde assumiu o papel de cuidadora do marido “ele não tinha juízo nenhum, ele dava cabo de tudo”, possivelmente doente de alzheimer. Após a morte do marido de MV que faleceu com 88/89 anos, MV veio para Lisboa. “Vim quase morta para cá...a minha filha trouxe-me porque eu não estava capaz de nada”.

Para além da perda do marido, MV perdeu também os dois irmãos. A irmã que casou em Lisboa, deixou os três sobrinhos de MV, o irmão casou e faleceu já no Brasil, teve filhos, mas MV não conhece nenhum dos seus sobrinhos da parte do irmão. Dos três sobrinhos, filhos da sua irmã, faleceu uma rapariga. A sobrinha e o sobrinho estão em Lisboa e mantêm contacto com MV “São muito meus amigos”. Após a vinda para Lisboa, MV começou a frequentar todos os dias, após a hora de almoço, o Centro de Dia da instituição. Quando foi convidada a permanecer no lar (1997), MV ia todos os fins-de-semana a casa. Agora, vai com menos regularidade, mas por insistência da filha MV continua a sair do lar, “Eu não quero ir muito lá porque ela não pode, mas então ela quer assim...” Já depois de estar no lar, MV sofreu outra perda grande, a morte do seu filho, já com 60 anos (vítima de cancro do pulmão).

MV acabou por me falar de um sonho que teve, durante o luto do filho. No sonho, MV foi à janela e viu a sua roupa preta em volta de uma árvore, reconhecendo-a como sua, desceu e mexeu na roupa. Subiu para uma casa que se encontrava perto dessa árvore e lá encontrou uma senhora (mais alta que MV), que tinha nas mãos roupa de cor. MV após contar o sonho afirmou “O meu filho queria que eu tirasse o luto”, e disse ainda “De todos os sonhos que sonhei, só me lembro deste”.

MV enquanto falava da sua vida e da perda do filho que a marcou tanto desabafou “Estou desejando ir embora, não posso viver assim com tanta dor! Não posso dizer isto à frente da minha filha, a minha filha é muito minha amiga e o meu filho também era!”. Hoje, para além da filha e sobrinhos, MV mantém também contacto com os netos da parte do filho (uma rapariga e dois rapazes), mas por causa da distância não os vê. Um dos netos está em Lisboa, mas MV poucas vezes o vê. A filha de MV vem visitá-la cerca de duas vezes por semana, e quando não vem telefona, telefonema que MV todos os dias aguarda pela mesma hora.

Registo nº 30		
Dia: 3 de Abril de 2012		Local:
Lar		

Analisando a grelha dos possíveis utentes a entrevistar, DM aparece também como uma utente com características muito distintas dos restantes utentes. Mas, DM

durante os meses de estágio mostrou-se sempre uma pessoa muito reservada. DM tem uma forma particular de viver a vida no lar, veio com o seu falecido marido para o lar. Hoje é a companheira de quarto de MV. Já sabia à partida, por leitura do seu processo e por conversar com profissionais do lar que conhecem DM, que DM era uma pessoa que tinha tido uma história de vida complicada, facto que se agravou com a adoção de uma filha, com quem neste momento DM não mantém qualquer tipo de relação.

Grande parte do seu tempo é passado dentro do quarto. No entanto, DM mantém-se ativa dentro do lar, auxiliando no refeitório, tal como MR, que se refugiam no trabalho como forma de distração e talvez também, por uma necessidade de se sentirem úteis. Aproveitei o dia de hoje, após a hora de almoço, em que DM se encontra no refeitório, para me aproximar e perguntar-lhe se se importaria de conversar um bocado comigo, num espaço mais calmo. DM pareceu-me um bocado desconfiada ao início, ainda que já me tivesse visto no lar. No entanto, acabou por concordar e fomos para uma das salas do terceiro piso. Sentámo-nos no sofá e a partir daí tentei pôr DM o mais confortável possível. Não quis mostrar-me evasiva, mas deixei claro o objetivo da conversa e o porquê de a ter chamado para conversar um pouco comigo.

DM nasceu a 6 de Maio de 1922, na Cova da Piedade, Concelho de Almada, distrito de Setúbal. A mãe de DM casou-se aos 17 anos, ficando viúva aos 22 já com dois filhos. Aconselhada por uma amiga, a mãe de DM veio para Lisboa trabalhar para a casa de um casal com algumas posses, como Ama de Leite, ficando os filhos da mesma com a avó (bisavó de DM). Oito anos depois de estar viúva, voltou a casar e regressou à cova da Piedade. Oito anos após o casamento teve o terceiro filho, e cinco anos depois do nascimento do terceiro filho, nascia DM, a quarta e última filha, entretanto os outros dois filhos, foram viver também com o casal. Um mês e alguns dias depois de DM ter nascido, o pai (funcionário na companhia das águas), emigrou para o Brasil onde ficou alguns anos.

O pai regressou do Brasil perdendo os primeiros anos de vida de DM. “Para mim ele era uma pessoa estranha, ele vinha ter comigo e eu escondia-me, agora tenho

pena de ter feito isso, mas eu era uma criança, não sabia”. O pai voltou a trabalhar na Companhia das Águas e levou consigo o mais novo dos três rapazes para trabalhar consigo, o que obrigou a família a regressar de novo a Lisboa, DM tinha já 14 anos. Os dois Irmãos mais velhos já estavam por esta altura casados. DM que trabalhava como modista, aos 15 anos de idade perde o pai.

Após esta perda a mãe de DM colocou o primeiro piso da casa a arrendar, a um inclino que acabou por ser a razão pela qual DM veio a conhecer o seu marido. Aos 17 anos de DM, conheceram-se e namoraram até aos 22 anos de DM, idade em que se casou. O marido DM trabalhava como chofer. Estiveram casados 60 anos. A mãe de DM foi viver com o casal e permaneceu com os mesmos até ao dia do seu falecimento (DM tinha 38 anos). Por esta altura os irmãos mais velhos de DM já haviam falecido e o terceiro Irmão faleceu mais tarde em Moçambique, país para onde se tinha deslocado para trabalhar, e onde se casou também. DM não teve sobrinhos. DM nunca engravidou, mas após a morte da mãe, o casal tomou a decisão de adotar uma criança. Deslocaram-se à Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, já com a declaração de que eram pessoas com condições morais e materiais para adotar (Declaração preenchida por um Juiz, amigo do casal na altura).

A adoção que lhes foi concedida foi a adoção restrita, processo de adoção oposto à adoção plena (processo irreversível onde o adotado adquire a situação de filho, e onde é cortada na totalidade qualquer tipo de relação com os pais biológicos). Escolheram adotar uma menina “Se fosse meu tinha de me sujeitar, como era adotada, escolhi uma menina!”, “Se ela tivesse andado aqui [aponta para a barriga], não tinha sido tratada melhor do que foi”, “Ela só nos deu desgostos, até nos estudos, nós gostávamos que ela fosse médica, mas ela não gostava. Ela não passou do 7º ano.”, confidenciou-me DM. Pelo discurso de DM, percebi que os problemas mais graves começaram após o casamento da sua filha.

O casal foi viver para a casa de DM e do seu marido. “Ela não fazia nada em casa, nem o quarto dela arrumava, chegavam tarde a casa, íam para a vadiagem!”. Com o agravamento desta situação, DM e o marido convidaram o casal a sair de casa. DM e o marido estiveram ainda alguns anos a viver sozinhos e mudaram-se para uma

casa nova, mais pequena pois já não havia necessidade de manter uma casa tão grande. Depois de estarem realojados, receberam na casa nova uma carta da filha a dizer que estava grávida do primeiro neto de DM, e por isso necessitava de mantimentos para o bebé. DM comprou algumas coisas que enviou por correio. Este bebé veio a nascer no dia do aniversário do avô. Entretanto receberam também em casa um agente da polícia judiciária, que chamou o marido de DM a comparecer na esquadra para prestar um depoimento em como não dava dinheiro ao genro, que estava por esta altura a ser investigado por roubo no próprio local de trabalho. Acabou por ser despedido.

Após o nascimento do primeiro neto, DM e o marido deslocaram-se por algumas vezes à casa da filha (na Costa da Caparica). Para ajudar a filha (que estava na altura desempregada), o genro e o neto, DM e o marido, compraram um apartamento em Lisboa, para virem morar. O casal arranjou emprego de novo e tiveram o segundo filho. Passado algum tempo, a filha começou a frequentar a casa dos pais de novo, para comer, e dormir com os filhos, com o pretexto de que se iria divorciar. O genro ficou na outra casa (com escritura em nome), DM e o marido acabaram por comprar uma segunda casa (23.000 contos) para a filha e os netos, na mesma rua. Quando se mudaram para a nova casa, a filha de DM tinha já um novo companheiro. “Passavam-se quinze dias sem tocar à campainha para saber como estávamos!”.

Confidenciou-me DM que o novo companheiro da filha, quando se deslocava à casa de DM tocava sempre no assunto “testamento”, uma vez que o preocupava o facto da filha de DM ser adotada, mas por via da Adoção Restrita não tinha tanto direitos. Toda situação levou a que DM e o marido tomassem a decisão conjunta de vir para o lar, deixando a casa onde moravam. Desde então não mantiveram mais contacto com a filha. “Deus sabe tudo, Deus vê tudo, é a consolação que me resta”, desabafou DM.

Registo nº 31		
Dia: 6 de Abril de 2012		Local:
Lar		

A chegar o momento de realizar as entrevistas, houve a necessidade de conhecer melhor a história de vida da utente RQ. Desta forma, chegada ao lar, procurei por RQ que se encontrava a ver televisão com outras utentes. Aproximei-me e expliquei-lhe que necessitava de conversar a sós. Dirigimo-nos ao Hall do 3º piso, onde se encontra um sofá, para que pudéssemos estar a sós, sem distrações para conversar calmamente. Esta abordagem ainda que um pouco intrusiva, é necessária, na medida em que os utentes na sua grande maioria se encontram na presença de outros e por isso a necessidade de nos afastarmos. De outra forma, não haveria espaço para um diálogo mais aberto e descontraído, na presença de outras pessoas. RQ, nasceu a 9 de Abril de 1923, no concelho da Sertã, distrito de Castelo Branco. Eram 4 irmãos, três raparigas e um rapaz. RQ foi a segunda filha a nascer. Veio para Lisboa com 15 anos, com a irmã já casada. Mais tarde, a mãe separou-se e veio morar com os três. O pai de RQ faleceu, mas RQ e a irmã, optaram por não contar à mãe.

RQ viveu sempre com a Irmã em Lisboa. Trabalhou no hospital Santa Maria como auxiliar de limpezas durante 20 anos, tendo-se reformado por questões de saúde. Não se casou nem namorou “porque era muito complexada...tinha medo de namorar ou casar”, confidenciou-me. Era muito envergonhada, “já era o destino, sei lá... de toda a maneira eu agora estou doente, ele tinha de me estar a aturar” e riu-se. Após o falecimento do cunhado, ficou sozinha com a irmã. A irmã de RQ veio para o lar por questões de saúde, e três anos mais tarde, RQ ingressou também no lar.

De momento, os únicos familiares com quem RQ mantém contacto são os seus sobrinhos, principalmente as sobrinhas, que a visitam com alguma regularidade.

Durante a conversa RQ mostrou-se sempre muito aberta às questões colocadas e manteve sempre um sorriso na cara. Própria da sua personalidade, é a calma de RQ. Noutras circunstâncias tive a oportunidade de observar RQ e perceber que é uma utente sempre interessada em participar nas atividades propostas pelo lar, e sempre muito atenciosa com as pessoas que dela se aproximam. No fim, agradei a RQ a disponibilidade e sua atenção, deixando em aberto a possibilidade de um novo encontro.

Dia: 11 de Abril de 2012 Domicílio	Registo nº 32	Local: Serviço de Apoio ao
--	----------------------	-----------------------------------

Com o propósito de perceber como se processa o SAD, acompanhei durante a manhã de hoje, a Assistente Social do lar. As visitas ao apoio domiciliário, têm como propósito perceber as condições em que alguns utentes que recebem este apoio se encontram, e perceber o porquê desta resposta social ser a mais indicada para os referidos casos.

As visitas de SAD foram feitas dentro da Freguesia de Alvalade. A primeira visita foi feita à utente C. De acordo com a A.S., C, vive com o filho com quem tem uma relação muito complicada. Não existe comunicação entre os mesmos, ainda que partilhando o mesmo teto. O filho de C, ex-toxicodependente, é um senhor com 43 anos e encontra-se de momento desempregado. O mesmo não auxilia a mãe em nenhuma das tarefas de casa. Assim, C recebe apoio da instituição de forma a auxilia-la nas (AVD's) Atividades de Vida Diárias instrumentais (ex.compras). C, recebe ainda apoio da parte da Unidade de saúde da Santa Casa da Misericórdia, que organiza a medicação de C e do Programa Mais Voluntariado, Menos Solidão, também da Santa casa da Misericórdia.

A relação entre C e o seu filho, poderá ser um fator que contribui para o desgaste emocional de C. Ouvindo C a falar sobre o seu filho e a relação dos mesmos, foi-se tornando nítido que C sente-se só, na própria casa.

No segundo e terceiro domicílio aos quais nos dirigimos, não abriram a porta e por isso, dirigimo-nos a outra casa. Desta vez era a casa de A, uma utente com bipolaridade, que recebe apoio duas vezes por semana. A, é uma senhora que chegou recentemente do hospital. Em conversa connosco, percebi que A tem um grande suporte familiar “Eles são todos bons, são todos meus amigos”, disse A. A Mantém contacto muito frequente com a família, inclusive de um bisneto que a visita quase todos os dias por iniciativa própria “Ele é muito querido comigo”. Todos os Domingos o

filho de A, a leva à igreja. Percebe-se de facto que A é muito acarinhada pela família. Há 5 anos, faleceu um dos dois filhos de A, acontecimento que deixa A mais desanimada. Relembrando a morte do filho, A chorou, mas sorri quando fala do resto da família que lhe resta.

No domicílio a que nos dirigimos a seguir reside uma senhora idosa, com 95 anos, E. E, recebe apoio 7 dias por semana, encontrando-se totalmente dependente para todas as atividades. E, está numa situação financeira desfavorável, bem como os seus dois filhos. A relação entre os mesmos acaba também por prejudicar o apoio que é dado a E, uma vez que por vezes não existe consenso entre os mesmos no que diz respeito a decisões que dizem respeito a E. Observando a forma como E conversava com AS, percebe-se que E é uma senhora com um feitio especial, E necessita de apoio constantemente, mas de acordo com a mesma, não é o suficiente. Percebe-se também que E não se relaciona especialmente bem com as auxiliares de ação direta que acompanham o caso.

Depois de sairmos da casa de E, dirigimo-nos à segunda casa que tínhamos ido visitar. Foi o Sr. J que nos abriu a porta, estava de saída para ir buscar a comida que todos os dias vai buscar ao Centro Paroquial do Campo Grande. J e G, são um casal que necessita de apoio cinco dias por semana. Recebem também apoio da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa. G teve há cerca de 8 anos um problema neurológico que a deixou incapacitada. G sai apenas da cama para a cadeira de rodas que se encontra ao lado, necessitando de auxílio. Recebe apoio em todas as AVD's, e aos fins-de-semana o apoio é prestado pelo marido. Desabafou G, em relação ao marido "Ele já lhe custa muito, eu nem lhe peço certas coisas... Ele está saturado!". Nem G nem J recebem visitas em casa, "Não tenho ninguém que venha aqui...passei o domingo de Páscoa sozinha com ele". G desabafou também que se sentia muito só. O casal, tem um filho com 52 anos e com problemas de saúde, mas de momento, o mesmo está desempregado e também se encontra numa situação económica muito desfavorável, estando em risco a custódia dos filhos. Assim, G e J, auxiliam o filho nos que lhes é possível, restando-lhes muito pouco dinheiro para sobreviver. Desabafou G, depois de falar dos problemas pelos quais estão a passar, "Eu nem me importava de morrer". G, sente-se um fardo na vida do marido, e acaba por se sentir inútil, não o podendo

auxiliar quando ele precisa. Contou um episódio em que o marido caiu, e a mesma vendo a situação não o pôde socorrer. Esta sensação de impotência faz com que G se sintam mal, e sintam que é um fardo para as pessoas de quem mais gosta.

Observando, a relação que a Assistente Social mantém com os utentes, fiquei com a percepção de que é uma relação que para além de baseada no profissionalismo, é também uma relação de confidente e de amizade. Entre o espaço de avaliar os serviços que estão a ser prestados, existe espaço (menos do que seria desejável, devido ao cumprimento de horários), para uma palavra de apoio. Percebe-se o cuidado que a mesma tem com os utentes e o cuidado que tem em certificar-se que os utentes estão satisfeitos com o apoio que recebem bem como a qualidade dos mesmos.

Registo nº 33

Dia: 12, 13 e 16 de Abril de 2012

Local: Lar

Estes últimos três dias foram reservados para a realização das entrevistas com os utentes. Para além da realização das entrevistas, e a finalizar-se o período de estágio, procurei alguns dos utentes com quem mantive uma relação mais próxima, com o intuito, não de me despedir, mas de explicar que a minha permanência no lar, daqui por diante, seria menos pontual. Sendo que durante todo o estágio, à medida que me fui aproximando dos utentes, deixei sempre claro que o estágio tem um período limitado e por isso, a minha permanência no lar seria breve.

Aproveitei também, para esclarecer algumas dúvidas junto da coordenação quanto ao processo de inscrição e admissão no lar.

ANEXO C

Grelha das características gerais dos atores entrevistados

Entrevistados	Entrevista nº	Sexo	Idade	Estado Civil	Internamento no lar	Autonomia	Participação da Família
Ângela (CA)	2	Fem.	85	Viúva	Foi para o lar, há cerca de um ano e meio por uma questão de localização e também por um aumento do grau de dependência.	É uma utente independente, mas com limitações motoras ao nível das pernas.	Participação significativa
Paula (CP)	3	Fem.	91	Divorciada	Foi para o lar há dois meses, por motivos de saúde, o receio de estar só em casa fê-la procurar apoio.	É uma utente independente, mas com algumas limitações a nível do sistema respiratório.	Participação significativa
Henriqueta (RQ)	4	Fem.	89	Solteira	Foi para o lar por não ter familiares próximos que pudessem assumir o papel de cuidadores e também porque a sua irmã já lá se encontrava. Encontra-se no lar há 18 anos.	É uma utente independente, sem limitações passíveis de serem assinaladas.	Participação significativa
Inês (DM)	5	Fem.	90	Viúva	Ingressou no lar com o marido há cerca de 11 anos. Tomaram a decisão conjuntamente por não receberem assistência da filha.	É uma utente independente, sem limitações passíveis de serem assinaladas.	Sem relação
Salomé (ES)	6	Fem.	88	Solteira	Está internada no lar há 11 anos, viveu ao serviço de uma família que pediu uma vaga ao lar. Não tem familiares diretos, nem mantém contacto com os outros.	É uma utente com uma dependência moderada fruto das limitações a nível motor, movimentando-se através de uma cadeira de rodas.	Sem relação
Isaltina (IB)	7	Fem.	72	Solteira	Foi para o lar, há dois anos, por motivos de ausência de suporte familiar, o que levou a um consequente isolamento social e afetivo.	É uma utente independente, ainda que possua limitações ligeiras a nível da visão, a nível motor e nível do sistema respiratório.	Participação significativa

Ivete (IM)	8	Fem.	88	Viúva	Foi para o lar há três anos, por se encontrar numa situação total de isolamento.	É uma utente independente, sem limitações passíveis de serem assinaladas.	Participação ligeira
Vasco (VZ)	9	Masc.	84	Viúvo	Ingressou no lar com a respetiva esposa há cerca de quatro anos e meio.	É uma utente independente, sem limitações passíveis de serem assinaladas.	Participação significativa
Joana (JC)	10	Fem.	87	Divorciada	Veio para o lar há cerca de seis anos por não conseguir suportar a mensalidade do lar, onde esteve internada anteriormente. Veio para Portugal em 1976 com o estatuto de refugiada e por isso, desde sempre tem vivido em lares.	É uma utente independente, sem limitações passíveis de serem assinaladas.	Participação significativa
Rita (CB)	11	Fem.	83	Divorciada	Veio para o lar, há cerca de dois anos, por ausência de suporte familiar e por uma questão de prevenção.	É uma utente independente, com limitações visuais e auditivas ligeiras.	Participação ligeira
Ana (MV)	12	Fem.	90	Viúva	Ingressou no lar há cerca de 15 anos, por se encontrar numa situação de isolamento e dependência.	É uma utente com uma dependência parcial moderada, essencialmente a nível motor.	Participação significativa
Manuel (AM)	13	Masc.	83	Viúvo	Ingressou no lar há cerca de 8 anos com a respetiva esposa, após um episódio de AVC.	É considerado um utente independente, ainda que com algumas limitações a nível motor.	Participação significativa

Guião de Entrevista aos Utentes

Bloco s	Objectivos específicos	Tópicos	Questões	Questões de Ajuda
Legitimação do Estudo	<p>- Apresentação;</p> <p>- Informar os entrevistados dos objectivos desta entrevista.</p>	<p>-Mestranda em Serviço Social;</p> <p>-Procuro perceber a complexidade da sensação de solidão sentida dentro da instituição.</p>		
1. Ingresso no Lar			<p>P1- Quais foram os motivos que o/a trouxeram para o lar?</p> <p>P2- A decisão de vir para o lar foi sua?</p>	<p>Se não, foi de quem?</p>
2. Estadia no lar	<p>- Compreender a percepção da pessoa idosa em relação ao fenómeno da solidão e a forma como a experiencia.</p> <p>-Perceber o impacto da institucionalização, nas relações pessoais do utente.</p>		<p>P3- O que é para si a solidão?</p> <p>P4 - Já se sentiu só ou isolado alguma vez?</p> <p>P5 – Sente-se mais só agora do que há uns anos atrás?</p> <p>P6 – Sabe lidar com este sentimento?</p> <p>P7 - A sua vinda para o lar fez com que se sentisse mais acompanhado?</p>	<p>-É um sentimento bom ou mau?</p> <p>Quando?</p> <p>E agora?</p> <p>- Porquê?</p> <p>-Como o faz?</p> <p>-Ou pelo</p>

			<p>P8- Por vezes sente necessidade de estar sozinho(a)?</p> <p>P9 - Quais são os momentos em que se sente mais só?</p> <p>P10 - Quando se sente sozinho, o que faz para fugir desse sentimento?</p>	<p>contrário, fê-lo(a) sentir-se sozinho(a)?</p> <p>- Porquê?</p>
3. Relações pessoais	<p>-Perceber como o utente perceciona a sua integração no lar</p> <p>- Compreender o tipo de relação pessoal que o utente mantém, tanto com os profissionais do lar, como com os utentes.</p>		<p>P11- Dentro do lar, sente-se excluído de alguma forma?</p> <p>P12 - Sente que existem pessoas (utentes ou Profissionais) dentro do lar com quem pode falar ou desabafar?</p> <p>P13 - Com pessoas à sua volta, sente-se acompanhado(a)?</p>	<p>- De que forma?</p>

ENTREVISTA N°2

Transcrição da Entrevista nº 2

Duração: 16' 03''

E: Como a D. Ângela já sabe, eu sou a Inês, estou a fazer o mestrado em serviço social e a minha investigação tem a ver com a solidão e quero fazer algumas questões à D. Ângela e a primeira é, quais foram os motivos que a trouxeram para o lar? e: Falta de saúde, por não poder andar e fazer a minha vida normal, porque eu estava só na minha casa, morreu o meu marido e eu fiquei só...os filhos estão cá em Lisboa e eu estava no Alentejo, de maneira que eu fiquei só...Tenho lá uma irmã mas ela está mais doente que eu, porque já cortou um peito, enfim...tem mais problemas que eu, apesar de ser mais nova que eu, tem mais problemas ainda. E queríamos ajudar-nos uma á outra e não podíamos e isso era um sofrimento para ela e para mim e então eu resolvi vir para ao pé dos meus filhos. O que me trouxe para o lar foi eu perder o movimento das minhas pernas, ainda ando mas com muita dificuldade e não poder estar sozinha em casa... e como tinha cá os meus filhos, eram eles que tinham que me dar apoio, eu podia ter uma pessoa de fora em casa...eu tenho que pagar, pagava a uma pessoa que me tratasse mas estava longe dos meus filhos. Eles têm muita dificuldade para ir ter comigo, porque cada um tem a sua vida...Ela é professora, nas férias tem que aproveitar o tempo em casa porque as férias a não ser as grandes, nas férias grandes vai de férias com o marido e a filha, ela tem um marido e uma filha a tratar, tem de ir...quando está de férias precisa de descansar e precisa... e eu ia-lhe dar trabalho porque eu não a podia ajudar em casa, se fosse...não fosse a falta de força nas pernas, eu até lhe servia, porque ela ía trabalhar e eu ficava em casa e fazia aquilo que fosse preciso, mas eu não podia estar só, não resolvíamos o problema e então eu resolvi vir para um lar por falta de saúde! **E: Então a decisão foi sua, de vir para um lar?** e: Como? **E: Então a decisão foi sua, de vir para um lar?** e: Foi minha foi, a decisão foi minha! Ninguém me forçou nem ninguém se negou a tratar-me, eu é que decidi que não queria dar trabalho a ninguém e decidi vir para um lar. Eu tinha lá um lar! Mas eu quis vir para ao pé dos meus filhos, para eles me darem apoio... Além de ter cá mais família, porque tenho cá uma irmã, e tenho família, cá! E tenho os meus filhos! **E: tinha mais companhia aqui!** e: Tenho! E foi essa a razão por que vim para o lar e mudei para este porque a minha reforma não chegava para, para pagar o outro e tinha que sacrificar os meus filhos e aqui com a minha reforma, paga e não os sacrifico, porque o outro era muito bom, o que era, era caro... **E: E a D. Ângela não tinha...** e: E eu não chegava, a reforma não chegava para pagar, tudo o que era necessário para pagar ali e os meus filhos tinham que me ajudar e eu não queria sacrificá-los e então vim para este... **E: E então D. Ângela, o que é para si é a solidão?** e: É triste! Torna-nos ainda... Não ajuda ninguém! A solidão não ajuda ninguém...e é... É triste! É deprimente! **E: E o que é que é para si esse sentimento?** e: ãh? **E: O que é que é para si esse sentimento? A solidão?** e: a solidão torna as pessoas... **E: Como é que a D. Ângela definiria solidão?** e: Defino

como...Deixe-me ver...A falta de convívio....Prejudica as pessoas, a memória, a saúde, tudo! A falta, a Solidão torna-nos ainda mais doentes, nós não estamos bem e ainda ficamos pior... **E: A D. Ângela alguma vez se sentiu isolada?** e: Não! Eu sou uma pessoa que tinha amizades e que tinha...nunca senti isolamento, não queria era senti-lo! Se ficasse só...Porque eu ainda estive só muitos anos, o meu marido já morreu há onze anos! E Eu, há agora quê? Três anos?! Que estou fora de casa, que saí da minha casa, eu só saí da minha casa porque estava muito só e queria estar mais próxima dos meus filhos... **E: E a D. Ângela, sente-se mais só agora do que se sentia há uns anos atrás?** e: Não, porque eu nunca me senti só porque eu tinha um marido muito bom, enquanto tive marido sempre, fui feliz! **E: E depois de o perder?** e: Depois de o perder, sofri muito, a falta dele, ficou fazendo muita falta! Mas...fui suportando enquanto tive saúde...quando vi que já não podia trabalhar e que não podia fazer nada em casa, porque eu fazia tudo na minha casa e isso ajudava-me a vencer o meu desgosto e a minha solidão, ia trabalhar, fazia tudo na minha casa, ia lá uma senhora...Eu estava só em casa, fiquei só em casa, mas ia lá uma senhora trabalhar à minha casa quase todos os dias e tinha lá uma irmã que de vez em quando dava, ia à minha casa, a minha irmã ou eu ia à casa dela e amizades! Tinha pessoas amigas, com quem convivia, porque no Alentejo convive-se muito. Uma casa de rés-do-chão, convive-se com as pessoas amigas, as pessoas amigas iam ter comigo, eu saía pouco, mas as pessoas amigas iam ter comigo e eu estava sempre acompanhada, nunca senti...só senti depois quando deixei de poder trabalhar, e então nessa altura resolvi vir para ao pé dos meus filhos! Para não me sentir tão isolada e não sentir a solidão... **E: E a D. Ângela? Sabe lidar com esse sentimento?** e: Sei! Até agora tenho conseguido... **E: Como é que faz para lidar com esse sentimento?** e: Convivo com as pessoas que tenho próximo de mim, arranjo amizades... **E: Aqui dentro do lar?** e: Aqui dentro lar, convivo com todas as pessoas, não tenho ninguém com quem não consiga conviver... eu dou-me bem com todas as pessoas, consigo conviver com qualquer pessoa...**E: A sua vinda para o lar, fez com que se sentisse mais acompanhada?** e: Sim! Sinto! **E: sente-se mais acompanhada?** e: sinto-me acompanhada! **E: A D. Ângela, acha que a sua vinda para aqui não fez sentir de nenhuma forma isolada?** e: Não! Não estou isolada! Porque eu não me isolo! Tanto que veja, que eu não me meto no quarto, raramente estou no quarto, para conviver com as pessoas! Já tenho pessoas amigas aqui no lar com quem convivo, as que estão melhores, não é? Com quem se pode conviver, porque há pessoas, coitadas, que já não têm condições, não é? Você sabe tão bem ou melhor que eu! Porque conhece as pessoas e conhece o lar...Mas tenho pessoas com quem convivo, de quem já sou amiga, que me ajudam bastante! Olhe! Mesmo agora cheguei , ia sentar-me no meu lugar para lanchar, mas o lugar já estava ocupado e houve uma senhora que se ia sentar e me deu o lugar, logo ao pé do meu lugar porque eu já estava ali e ela tinha ido buscar uma cadeira, porque não havia ali cadeiras por causa das cadeiras de rodas, tiram as cadeiras, e então ela foi buscar uma cadeira para se sentar e deu-me a cadeira para eu me sentar na minha mesa, já é uma amiga! **E:**

A D. Ângela aqui dentro do lar, sente necessidade de estar sozinha? Às vezes quando está aqui dentro do lar, se sente necessidade de sozinha? e: Sim! Quando sinto necessidade, venho para o meu quarto um bocado, e estou no meu quarto, faço as minhas orações, tenho muita fé em Deus, e isso ajuda-me muito! **E: E quais são os momentos em que a D. Ângela se sente mais só aqui dentro do lar?** e: É à noite! Tenho que vir cedo para a cama, e a pessoa que tenho ao pé de mim, não é normal, de maneira que não posso conviver com ela, ainda tenho muitas vezes que me aborrecer, o que é muito chato não é? Mas ela não se pode, nem a posso tratar como eu queria trata-la porque ela chora por tudo e por nada! Ela não sabe porque chora, não sossega nem me deixa sossegar e enerva-me! Aquele choro é enervante, ela não chora, ela guincha! E parte das vezes sem lágrimas! É só para fazer barulho, e para meter pena! Ela quer que tenham pena dela! Ela até tem razão, porque ela não tem ninguém! Até tem razão, coitada para se sentir...e como se sente só...é assim a maneira de ela se expressar, porque ela não é uma pessoa normal... **E: a D. Ângela aqui dentro do lar, quando se sente sozinha, o que é que faz para fugir desse sentimento? Quando de sente só, o que é que faz?** e: Eu poucas vezes me sinto só, eu pouco venho para o quarto para estar só, estou nos momentos em que venho, para rezar, enfim! Tenho momentos em que me meto aqui no quarto, ou para fazer qualquer coisa que precise de fazer aqui no quarto, mas não me sinto só, rezo, faço as minhas orações, e leio, faço um trabalhinho, estou a fazer uma toalha...em crochet! Enfim! Entretenho-me assim... Mas eu pouco me meto no quarto, tenho poucos momentos de...isolada! Estou pouco, não gosto me isolar! Gosto de conviver! **E: Aqui dentro do lar, a D. Ângela sente-se excluída ou isolada de alguma forma?** e: Não! Não! Nunca fui mal tratada aqui nem me sinto excluída, não! **E: Sente que existem pessoas aqui dentro do lar, utentes ou profissionais com quem a D. Ângela pode falar ou desabafar?** e: Não! Para desabafar não é fácil, e eu gosto pouco de desabafar, assim, de falar da minha vida com pessoas desconhecidas, não...o tempo que aqui estou não dá, não é para estar a falar, mas eu falo normalmente mesmo na minha vida, gosto pouco de falar da vida dos outros! Falo da minha, com as pessoas com quem convivo! **E: mas quando a D. Ângela sente necessidade de desabafar, falar de assuntos mais pessoais, sente que existem alguém com quem a D. Ângela pode falar?** e: Tenho! Aqui dentro, às vezes falo! Com as pessoas amigas que aqui tenho! **E: utentes?** e: sim, utentes! **E: E tem profissionais, aqui dentro...** e: com os profissionais, há pouco convívio, andam ocupadas e há pouco convívio. Não tenho nada...não tenho queixas a fazer de ninguém, as pessoas tratam-se bem, mesmo os profissionais, não tenho queixas a fazer, só que...não, não há tempo para convívio com as pessoas que trabalham aqui... falo com todas da mesma maneira, e todas me têm tratado bem desde que aqui estou, não tenho que me queixar de ninguém... **E: E a D. Ângela aqui, sente que mesmo com pessoas à volta, sente-se acompanhada?** e: Sinto! Sinto-me acompanhada... **E: Aqui dentro do lar sente-se acompanhada?** e: Sinto, não vim forçada! E como não vim forçada, sinto que é um lugar onde estou acompanhada, porque se estivesse em

casa estava só, e sentia-me isolada, e aqui não sinto! E tenho a minha família, tenho a minha filha que vem todas as semanas ver-me, o meu filho vem quando pode, o meu filho tem uma vida ocupada, ontem liguei eu pensando que ele estivesse cá, como era Domingo, e ele estava em Nova Iorque, quando liguei ele estava fora... Ele está agora a fazer um curso, porque vai para um avião novo, ele é piloto da força aérea, e então vai... está a estudar, porque vai pegar num aparelho novo, num avião novo! **E: Então pronto D. Ângela, está terminada a entrevista, obrigada!**

1º Tratamento da Entrevista nº 2

[*Os motivos que a trouxeram para o lar*] Falta de saúde, por não poder andar e fazer a minha vida normal, porque eu estava só na minha casa, morreu o meu marido e eu fiquei só...os filhos estão cá em Lisboa e eu estava no Alentejo, de maneira que eu fiquei só...Tenho lá uma irmã mas ela está mais doente que eu, porque já cortou um peito (...) tem mais problemas que eu, apesar de ser mais nova que eu, tem mais problemas ainda. E queríamos ajudar-nos uma á outra e não podíamos e isso era um sofrimento para ela e para mim e então eu resolvi vir para ao pé dos meus filhos. O que me trouxe para o lar foi eu perder o movimento das minhas pernas, ainda ando mas com muita dificuldade e não poder estar sozinha em casa... e como tinha cá os meus filhos, eram eles que tinham que me dar apoio, eu podia ter uma pessoa de fora em casa (...) pagava a uma pessoa que me tratasse mas estava longe dos meus filhos. Eles têm muita dificuldade para ir ter comigo, porque cada um tem a sua vida...Ela é professora, nas férias tem que aproveitar o tempo em casa (...) nas férias grandes vai de férias com o marido e a filha, ela tem um marido e uma filha a tratar, tem de ir...quando está de férias precisa de descansar (...) e eu ia-lhe dar trabalho porque eu não a podia ajudar em casa, se (...) não fosse a falta de força nas pernas, eu até lhe servia, porque ela ía trabalhar e eu ficava em casa e fazia aquilo que fosse preciso, mas eu não podia estar só, não resolvíamos o problema e então eu resolvi vir para um lar por falta de saúde!

[*A decisão de vir para o lar foi da própria*] Foi minha foi, a decisão foi minha! Ninguém me forçou nem ninguém se negou a tratar-me, eu é que decidi que não queria dar trabalho a ninguém e decidi vir para um lar. Eu tinha lá um lar! Mas eu quis vir para ao pé dos meus filhos, para eles me darem apoio... Além de ter cá mais família, porque tenho cá uma irmã, e tenho família, cá! E tenho os meus filhos!

[*Tinha mais companhia aqui*] Tenho! E foi essa a razão por que vim para o lar e mudei para este porque a minha reforma não chegava (...) para pagar o outro e tinha que sacrificar os meus filhos e aqui com a minha reforma, paga e não os sacrifico, porque o outro era muito bom, o que era, era caro (...) a reforma não chegava para pagar, tudo o que era necessário para pagar ali e os meus filhos tinham que me ajudar e eu não queria sacrificá-los e então vim para este...

[*O que é para si é a solidão*] É triste! (...) Não ajuda ninguém! A solidão não ajuda ninguém (...) É triste! É deprimente!

[*O que é que é para si esse sentimento, como define esse sentimento*] Defino como (...) A falta de convívio (...) Prejudica as pessoas, a memória, a saúde, tudo! (...) a Solidão torna-nos ainda mais doentes, nós não estamos bem e ainda ficamos pior...

[*Alguma vez se sentiu isolada*] Não! Eu sou uma pessoa que tinha amizades e que tinha...nunca senti isolamento, não queria era senti-lo! Se ficasse só...Porque eu ainda estive só muitos anos, o meu marido já morreu há onze anos! E Eu, há agora quê? Três anos?! Que estou fora de casa (...) eu só saí da minha casa porque estava muito só e queria estar mais próxima dos meus filhos...

[*Sente-se mais só agora do que se sentia há uns anos atrás*] Não, porque eu nunca me senti só porque eu tinha um marido muito bom, enquanto tive marido sempre, fui feliz!

[*E depois de o perder*] Depois de o perder, sofri muito, a falta dele, ficou fazendo muita falta! Mas...fui suportando enquanto tive saúde...quando vi que já não podia trabalhar e que não podia fazer nada em casa, porque eu fazia tudo na minha casa e isso ajudava-me a vencer o meu desgosto e a minha solidão, ia trabalhar, fazia tudo na minha casa (...) Eu estava só em casa (...) mas ia lá uma senhora trabalhar à minha casa quase todos os dias e tinha lá uma irmã que de vez em quando (...) ia à minha casa, a minha irmã ou eu ia à casa dela e amizades! Tinha pessoas amigas, com quem convivia, porque no Alentejo convive-se muito (...) convive-se com as pessoas amigas, as pessoas amigas iam ter comigo, eu saía pouco, mas as pessoas amigas iam ter comigo e eu estava sempre acompanhada (...) só senti depois quando deixei de poder trabalhar, e então nessa altura resolvi vir para ao pé dos meus filhos! Para não me sentir tão isolada e não sentir a solidão...

[*Sabe lidar com esse sentimento*] Sei! Até agora tenho conseguido...

[*Como é que faz para lidar com esse sentimento*] Convivo com as pessoas que tenho próximo de mim, arranjo amizades...

[*Aqui dentro do lar*] Aqui dentro lar, convivo com todas as pessoas, não tenho ninguém com quem não consiga conviver... eu dou-me bem com todas as pessoas, consigo conviver com qualquer pessoa...

[*A sua vinda para o lar, fez com que se sentisse mais acompanhada*] Sim! Sinto! (...) Sinto-me acompanhada!

[*Acha que a sua vinda para aqui não fez sentir de nenhuma forma isolada*] Não! Não estou isolada! Porque eu não me isolo! Tanto que veja, que eu não me meto no quarto, raramente estou no quarto, para conviver com as pessoas! Já tenho pessoas amigas aqui no lar com quem convivo, as que estão melhores, não é? Com quem se pode conviver, porque há pessoas, coitadas, que já não têm condições (...) Mas tenho pessoas com quem convivo, de quem já sou amiga, que me ajudam bastante! (...) Mesmo agora cheguei , ia sentar-me no meu lugar para lanche, mas o lugar já estava ocupado e houve uma senhora que se ia sentar e me deu o lugar,

logo ao pé do meu lugar porque eu já estava ali e ela tinha ido buscar uma cadeira, porque não havia ali cadeiras por causa das cadeiras de rodas, tiram as cadeiras, e então ela foi buscar uma cadeira para se sentar e deu-me a cadeira para eu me sentar na minha mesa, já é uma amiga!

[*Sente necessidade de estar sozinha aqui dentro do lar*] Sim! Quando sinto necessidade, venho para o meu quarto um bocado, e estou no meu quarto, faço as minhas orações, tenho muita fé em Deus, e isso ajuda-me muito!

[*Quais são os momentos em que se sente mais só aqui dentro do lar*] É à noite! Tenho que vir cedo para a cama, e a pessoa que tenho ao pé de mim, não é normal, de maneira que não posso conviver com ela, ainda tenho muitas vezes que me aborrecer, o que é muito chato não é? Mas ela não se pode, nem a posso tratar como eu queria trata-la porque ela chora por tudo e por nada! Ela não sabe porque chora, não sossega nem me deixa sossegar e enerva-me! Aquele choro é enervante, ela não chora, ela guincha! E parte das vezes sem lágrimas! É só para fazer barulho, e para meter pena! Ela quer que tenham pena dela! Ela até tem razão, porque ela não tem ninguém! Até tem razão, coitada para se sentir (...) como se sente só...é assim a maneira de ela se expressar, porque ela não é uma pessoa normal...

[*Aqui dentro do lar, quando se sente sozinha, o que é que faz para fugir desse sentimento*] Eu poucas vezes me sinto só, eu pouco venho para o quarto para estar só, estou nos momentos em que venho, para rezar, enfim! Tenho momentos em que me meto aqui no quarto, ou para fazer qualquer coisa que precise de fazer aqui no quarto, mas não me sinto só, rezo, faço as minhas orações, e leio, faço um trabalhinho, estou a fazer uma toalha...em crochet! Enfim! Entretenho-me assim... Mas eu pouco me meto no quarto, tenho poucos momentos de...isolada! Estou pouco, não gosto me isolar! Gosto de conviver!

[*Aqui dentro do lar sente-se excluída ou isolada de alguma forma*] Não! Não! Nunca fui mal tratada aqui nem me sinto excluída, não!

[*Existem pessoas aqui dentro do lar, utentes ou profissionais com quem pode falar ou desabafar*] Não! Para desabafar não é fácil, e eu gosto pouco de desabafar (...) de falar da minha vida com pessoas desconhecidas (...) o tempo que aqui estou não dá, não é para estar a falar, mas eu falo normalmente mesmo na minha vida, gosto pouco de falar da vida dos outros! Falo da minha, com as pessoas com quem convivo!

[*Quando sente necessidade de desabafar, falar de assuntos mais pessoais, sente que existem alguém com quem pode falar*] Tenho! Aqui dentro, às vezes falo! Com as pessoas amigas que aqui tenho!

[*utentes*] sim, utentes!

[*Profissionais*] com os profissionais, há pouco convívio, andam ocupadas e há pouco convívio. (...) não tenho queixas a fazer de ninguém, as pessoas tratam-se bem, mesmo os profissionais, não tenho queixas a fazer, só que (...) não há tempo para convívio com as pessoas que trabalham aqui... falo com todas da mesma maneira, e todas me têm tratado bem desde que aqui estou, não tenho que me queixar de ninguém...

[*Sente-se acompanhada*] Sinto! Sinto-me acompanhada (...) Sinto, não vim forçada! E como não vim forçada, sinto que é um lugar onde estou acompanhada, porque se estivesse em casa estava só, e sentia-me isolada, e aqui não sinto! E tenho a minha família, tenho a minha filha que vem todas as semanas ver-me, o meu filho vem quando pode, o meu filho tem uma vida ocupada, ontem liguei eu pensando que ele estivesse cá, como era Domingo, e ele estava em Nova Iorque, quando liguei ele estava fora (...) está agora a fazer um curso, porque vai para um avião novo, ele é piloto da força aérea, e então vai... está a estudar, porque vai pegar num aparelho novo, num avião novo!

Pré-categorização da Entrevista nº 2

1. [*Os motivos que a trouxeram para o lar*] Falta de saúde, por não poder andar e fazer a minha vida normal, porque eu estava só na minha casa, morreu o meu marido e eu fiquei só...os filhos estão cá em Lisboa e eu estava no Alentejo, de maneira que eu fiquei só...(...)
2. (...) Tenho lá uma irmã mas ela está mais doente que eu, porque já cortou um peito (...) tem mais problemas que eu, apesar de ser mais nova que eu, tem mais problemas ainda. E queríamos ajudar-nos uma á outra e não podíamos e isso era um sofrimento para ela e para mim e então eu resolvi vir para ao pé dos meus filhos. (...)
3. (...) O que me trouxe para o lar foi eu perder o movimento das minhas pernas, ainda ando mas com muita dificuldade e não poder estar sozinha em casa... e como tinha cá os meus filhos, eram eles que tinham que me dar apoio, eu podia ter uma pessoa de fora em casa (...) pagava a uma pessoa que me tratasse mas estava longe dos meus filhos.(...)
4. (...) Eles têm muita dificuldade para ir ter comigo, porque cada um tem a sua vida...Ela é professora, nas férias tem que aproveitar o tempo em casa (...) nas férias grandes vai de férias com o marido e a filha, ela tem um marido e uma filha a tratar, tem de ir...quando está de férias precisa de descansar (...) e eu ia-lhe dar trabalho porque eu não a podia ajudar em casa, (...)
5. (...) se (...) não fosse a falta de força nas pernas, eu até lhe servia, porque ela ia trabalhar e eu ficava em casa e fazia aquilo que fosse preciso, mas eu não podia estar só, não resolvíamos o problema e então eu resolvi vir para um lar por falta de saúde!
6. [*A decisão de vir para o lar foi da própria*] Foi minha foi, a decisão foi minha! Ninguém me forçou nem ninguém se negou a tratar-me, eu é que decidi que não queria dar trabalho a ninguém e decidi vir para um lar. Eu tinha lá um lar! Mas eu quis vir para ao pé dos meus filhos, para eles me darem apoio... Além de ter cá mais família, porque tenho cá uma irmã, e tenho família, cá! E tenho os meus filhos!
7. [*Tinha mais companhia aqui*] Tenho! E foi essa a razão por que vim para o lar e mudei para este porque a minha reforma não chegava (...) para pagar o outro e tinha que sacrificar os meus filhos e aqui com a minha reforma, paga e não os sacrifico, porque o

outro era muito bom, o que era, era caro (...) a reforma não chegava para pagar, tudo o que era necessário para pagar ali e os meus filhos tinham que me ajudar e eu não queria sacrificá-los e então vim para este...

8. [*O que é para si é a solidão*] É triste! (...) Não ajuda ninguém! A solidão não ajuda ninguém (...) É triste! É deprimente!
9. [*O que é que é para si esse sentimento, como define esse sentimento*] Defino como (...) A falta de convívio (...) Prejudica as pessoas, a memória, a saúde, tudo! (...) a Solidão torna-nos ainda mais doentes, nós não estamos bem e ainda ficamos pior...
10. [*Alguma vez se sentiu isolada*] Não! Eu sou uma pessoa que tinha amizades e que tinha...nunca senti isolamento, não queria era senti-lo! Se ficasse só...(...)
11. (...) Porque eu ainda estive só muitos anos, o meu marido já morreu há onze anos! E Eu, há agora quê? Três anos?! Que estou fora de casa (...) eu só saí da minha casa porque estava muito só e queria estar mais próxima dos meus filhos...
12. [*Sente-se mais só agora do que se sentia há uns anos atrás*] Não, porque eu nunca me senti só porque eu tinha um marido muito bom, enquanto tive marido sempre, fui feliz!
13. [*E depois de o perder*] Depois de o perder, sofri muito, a falta dele, ficou fazendo muita falta! Mas...fui suportando enquanto tive saúde...(...)
14. (...) quando vi que já não podia trabalhar e que não podia fazer nada em casa, porque eu fazia tudo na minha casa e isso ajudava-me a vencer o meu desgosto e a minha solidão, ia trabalhar, fazia tudo na minha casa (...)
15. Eu estava só em casa (...) mas ia lá uma senhora trabalhar à minha casa quase todos os dias e tinha lá uma irmã que de vez em quando (...) ia à minha casa, a minha irmã ou eu ia à casa dela e amizades! Tinha pessoas amigas, com quem convivia, porque no Alentejo convive-se muito (...) convive-se com as pessoas amigas, as pessoas amigas iam ter comigo, eu saía pouco, mas as pessoas amigas iam ter comigo e eu estava sempre acompanhada (...)
16. (...) só senti depois quando deixei de poder trabalhar, e então nessa altura resolvi vir para ao pé dos meus filhos! Para não me sentir tão isolada e não sentir a solidão...

17. [*Sabe lidar com esse sentimento*] Sei! Até agora tenho conseguido...
18. [*Como é que faz para lidar com esse sentimento*] Convivo com as pessoas que tenho próximo de mim, arranjo amizades...
19. [*Aqui dentro do lar*] Aqui dentro lar, convivo com todas as pessoas, não tenho ninguém com quem não consiga conviver... eu dou-me bem com todas as pessoas, consigo conviver com qualquer pessoa...
20. [*A sua vinda para o lar, fez com que se sentisse mais acompanhada*] Sim! Sinto! (...) Sinto-me acompanhada!
21. [*Acha que a sua vinda para aqui não fez sentir de nenhuma forma isolada*] Não! Não estou isolada! Porque eu não me isolo! Tanto que veja, que eu não me meto no quarto, raramente estou no quarto, para conviver com as pessoas! (...)
22. (...) Já tenho pessoas amigas aqui no lar com quem convivo, as que estão melhores, não é? Com quem se pode conviver, porque há pessoas, coitadas, que já não têm condições (...) Mas tenho pessoas com quem convivo, de quem já sou amiga, que me ajudam bastante! (...)
23. (...) Mesmo agora cheguei, ia sentar-me no meu lugar para lanchar, mas o lugar já estava ocupado e houve uma senhora que se ia sentar e me deu o lugar, logo ao pé do meu lugar porque eu já estava ali e ela tinha ido buscar uma cadeira, porque não havia ali cadeiras por causa das cadeiras de rodas, tiram as cadeiras, e então ela foi buscar uma cadeira para se sentar e deu-me a cadeira para eu me sentar na minha mesa, já é uma amiga!
24. [*Sente necessidade de estar sozinha aqui dentro do lar*] Sim! Quando sinto necessidade, venho para o meu quarto um bocado, e estou no meu quarto, faço as minhas orações, tenho muita fé em Deus, e isso ajuda-me muito!
25. [*Quais são os momentos em que se sente mais só aqui dentro do lar*] É à noite! Tenho que vir cedo para a cama, e a pessoa que tenho ao pé de mim, não é normal, de maneira que não posso conviver com ela, ainda tenho muitas vezes que me aborrecer, o que é

muito chato não é? Mas ela não se pode, nem a posso tratar como eu queria trata-la porque ela chora por tudo e por nada! (...)

26. (...) Ela não sabe porque chora, não sossega nem me deixa sossegar e enerva-me! Aquele choro é enervante, ela não chora, ela guincha! E parte das vezes sem lágrimas! É só para fazer barulho, e para meter pena! Ela quer que tenham pena dela! Ela até tem razão, porque ela não tem ninguém! Até tem razão, coitada para se sentir (...) como se sente só...é assim a maneira de ela se expressar, porque ela não é uma pessoa normal...
27. [*Aqui dentro do lar, quando se sente sozinha, o que é que faz para fugir desse sentimento*] Eu poucas vezes me sinto só, eu pouco venho para o quarto para estar só, estou nos momentos em que venho, para rezar, enfim! Tenho momentos em que me meto aqui no quarto, ou para fazer qualquer coisa que precise de fazer aqui no quarto, mas não me sinto só, rezo, faço as minhas orações, e leio, faço um trabalhinho, estou a fazer uma toalha...em crochet! Enfim! Entretenho-me assim...Mas eu pouco me meto no quarto, tenho poucos momentos de...isolada! Estou pouco, não gosto me isolar! Gosto de conviver! (...)
28. [*Aqui dentro do lar sente-se excluída ou isolada de alguma forma*] Não! Não! Nunca fui mal tratada aqui nem me sinto excluída, não! (...)
29. [*Existem pessoas aqui dentro do lar, utentes ou profissionais com quem pode falar ou desabafar*] Não! Para desabafar não é fácil, e eu gosto pouco de desabafar (...) de falar da minha vida com pessoas desconhecidas (...) o tempo que aqui estou não dá, não é para estar a falar, mas eu falo normalmente mesmo na minha vida, gosto pouco de falar da vida dos outros! Falo da minha, com as pessoas com quem convivo! (...)
30. [*Quando sente necessidade de desabafar, falar de assuntos mais pessoais, sente que existem alguém com quem pode falar*] Tenho! Aqui dentro, às vezes falo! Com as pessoas amigas que aqui tenho! [*utentes*] sim, utentes! (...)
31. [*Profissionais*] com os profissionais, há pouco convívio, andam ocupadas e há pouco convívio. (...) não tenho queixas a fazer de ninguém, as pessoas tratam-se bem, mesmo os profissionais, não tenho queixas a fazer, só que não há tempo para convívio com as pessoas que trabalham aqui... falo com todas da mesma maneira, e todas me têm tratado bem desde que aqui estou, não tenho que me queixar de ninguém...(...)

32. [*Sente-se acompanhada*] Sinto! Sinto-me acompanhada (...) Sinto, não vim forçada! E como não vim forçada, sinto que é um lugar onde estou acompanhada, porque se estivesse em casa estava só, e sentia-me isolada, e aqui não sinto! (...)
33. (...) E tenho a minha família, tenho a minha filha que vem todas as semanas ver-me, o meu filho vem quando pode, o meu filho tem uma vida ocupada, ontem liguei eu pensando que ele estivesse cá, como era Domingo, e ele estava em Nova Iorque, quando liguei ele estava fora (...) está agora a fazer um curso, porque vai para um avião novo, ele é piloto da força aérea, e então vai... está a estudar, porque vai pegar num aparelho novo, num avião novo!

ENTREVISTA N°3

Transcrição da Entrevista nº 3

Duração: 9' 39''

E: Quais foram os motivos que a trouxeram para o lar? e: [o entrevistado fez uma pausa longa antes de responder] falta de saúde e saber que estava só. **E: falta de saúde?** e: eu vim do hospital diretamente para aqui quando eu tive essa crise...tive essa crise urinária depois fui para o hospital e depois do hospital é que eu não podia ir para casa sozinha por isso tive na ideia de vir ficar aqui...já conhecia a casa **E: e a opção de vir para o lar? Foi da D. Paula?** e: foi...foi minha foi, não tive ninguém a dizer que faça ou deixe de fazer...**E: E os seus sobrinhos? Concordaram com a sua vinda para aqui?** e: São indiferentes...o que a tia fizer para eles está bem...Acham que está bem só que agora um dos meus sobrinhos acha que isto é grande demais para mim e que continuo aqui sem convivência... **E: E a D. Paula, já tinha planeado a sua vinda para aqui, ou foi uma decisão...** e: há um tempo, depois da morte da minha irmã, quando fiquei sozinha, foi quando comecei a pensar em vir para um lar, mas enquanto me mexia bem, fui ficando em casa...agora sinto que já não me mexo bem, que preciso ser ajudada. Também precisava de alguém que me ajude a lavar-me a ajudar... **E: Agora vou fazer-lhe uma pergunta mais abrangente, o que é para si a solidão?** e: A solidão tem fases, há alturas em que a gente necessita dessa solidão, para viver dentro de nós, para nos encontrarmos a nós mesmos, mas depois durante a vida e durante a idade, já não temos projectos, a solidão é a coisa mais triste que há...**E: Para si, a solidão é um sentimento bom ou um sentimento mau?** e: Para mim a solidão é um sentimento mau... **E: Não encara a solidão como um sentimento bom?** e: Não na idade...agora...porque em jovem gostava da solidão, de ter a cabeça ocupada com os nossos trabalhos, com as nossas coisas...até gostava de estar sozinha. **E: E a D. Paula, alguma vez já se sentiu isolada ou sozinha?** e: [pausa prolongada] Pensando bem...houve alguns momentos, mas poucos...de resto tenho sempre convivido com, não sendo a família, com pessoas amigas, convivendo com os outros, fazendo algum voluntariado e assim evito a solidão... **E: e agora, sente-se...** e: Aqui senti-me mais... **E: Sozinha?** e: [Acenou com a cabeça] porque fiquei num quarto sozinha, com um corredor muito grande, toco à campainha, ninguém aparece, nunca vejo ninguém... **E: A D. Paula sente-se mais só agora do que se sentia há uns anos atrás?** e: ah...muito mais, agora sinto-me muito mais só do que há uns anos atrás, há uns anos atrás ocupava-me com várias coisas...**E: Com o quê?** e: por exemplo, uma das coisas com que eu me ocupava, frequentava o centro de Telheiras, o Centro Social de Telheiras, onde temos muitas atividades, geralmente, Segunda, Quarta e Quinta ía para lá, desde a ginástica, a trabalhos manuais que nós fazíamos, agora sinto que não posso fazer, é uma altura em que não faço **E: uma altura na sua vida?** e: uma altura na minha vida em que não faço... **E: A D. Paula, sabe lidar com a solidão?** e: que remédio é que eu tenho senão lidar com ela...**E: como é que a D. Paula faz? Como é que lida com a solidão?** e: olha, ponho-me a

pensar muitas vezes em coisas que não devo, outras vezes vou ler um bocadinho, mas canso-me de ler, porque se não encontro uma coisa que gosto, também não leio, se posso dou uma volta, dou um passeio, é assim que eu tento evitar... **E: E aqui dentro do lar?** e: ah, vou vendo a televisão... **E: É a sua forma...** e: é a minha forma aqui de evitar a solidão, é ver a televisão... **E: E não procura estar com outras pessoas?** e: Não vejo grande abertura da parte delas também, tirando agora uma ou duas que conheço à pouco, não vejo... uma que está ao meu lado na mesa... não vejo ninguém com quem posso comunicar... **E: Quem está ao seu lado na mesa?** e: Uma senhora que trabalha cá na costura... **E: A sua vinda para o lar, A D. Paula disse-me que veio para o lar para não se sentir tão só, mas a sua vinda para o lar fez com que se sentisse mais acompanhada?** e: talvez não fizesse, como eu sou um bocado fechada... depois quero conversar com umas ou com outras e encontro só gente muito surda, tenho que gritar, não posso... também acham-me nova cá na casa... **E: Sente-se mais retraída?** e: Sinto-me mais retraída... isolo-me mais... **E: A D. Paula, sente necessidade de estar sozinha aqui? Às vezes sente necessidade de estar sozinha?** e: Não, aqui não, não me importo de ter companhia, mas o que é que, não se encontra... está tudo muito deficiente... **E: E aqui dentro do lar? Quais são os momentos em que se sente mais só?** e: Geralmente depois do jantar, o jantar é muito cedo, é cedo demais, e depois desaparece toda a gente, a partir das oito horas não há ninguém, acabo por me deitar, coisa que nunca faço, às nove, não se vê ninguém... **E: E então, quando se sente sozinha o que é que faz para fugir desse sentimento?** e: olhe... vou-me deitar... **E: E aqui dentro do lar, sente-se excluída de alguma forma?** e: Não, talvez não inteiramente, mas também não me sinto aceite... **E: Por quem?** e: Pelas pessoas que estão cá... "Olha esta está cá há pouco!", "Olha esta veio agora", é os comentários que eu oiço, mas também não se aproximam, falam para os lados... **E: Sente-se excluída pelas pessoas a verem como uma pessoa nova dentro do lar?** e: É... **E: Aqui dentro do lar, sente que existem pessoas (utentes ou profissionais) com quem pode desabafar?** e: Não... não encontro cá ninguém... tirando a D. Lia, a única pessoa com quem posso falar, dizer que me sinto mal ou sinto-me bem... eu emagreci já cinco quilos, eu tenho passado sem comer quase nada... e se me perguntar se a comida é boa ou má, eu digo que até será boa, mas eu não a posso ver, uma falta de apetite terrível... **E: E aqui? com pessoas à sua volta, sente-se acompanhada? Mesmo tendo pessoas à sua volta, sente-se acompanhada?** e: Não... as pessoas ainda que eu gosto mais, é quem está à frente dos serviços, como vocês, como a Ana, como a senhora cá de baixo... **E: Ana, a enfermeira?** e: Não, a outra, a da, é as assistentes sociais, com este pessoal até gosto de falar, de resto, tudo se isola... **E: Sente que não consegue falar com ninguém sobre os seus sentimentos?** e: É... exactamente...

1º Tratamento da Entrevista nº 3

[*Os motivos que a trouxeram para o lar*] falta de saúde e saber que estava só (...) eu vim do hospital diretamente para aqui quando eu tive essa (...) crise urinária depois fui para o hospital e depois do hospital é que eu não podia ir para casa sozinha por isso tive na ideia de vir ficar aqui...já conhecia a casa

[*A opção de vir para o lar foi sua*] Foi...foi minha foi, não tive ninguém a dizer que faça ou deixe de fazer...

[*Os seus sobrinhos concordaram com a sua vinda para aqui*] São indiferentes...o que a tia fizer para eles está bem...Acham que está bem só que agora um dos meus sobrinhos acha que isto é grande demais para mim e que continuo aqui sem convivência.

[*Já tinha planeado a sua vinda para aqui*] Há um tempo, depois da morte da minha irmã, quando fiquei sozinha, foi quando comecei a pensar em vir para um lar, mas enquanto me mexia bem, fui ficando em casa...agora sinto que já não me mexo bem, que preciso ser ajudada. Também precisava de alguém que me ajude a lavar-me a ajudar.

[*O que é para si a solidão*] A solidão tem fases, há alturas em que a gente necessita dessa solidão, para viver dentro de nós, para nos encontrarmos a nós mesmos, mas depois durante a vida e durante a idade, já não temos projetos, a solidão é a coisa mais triste que há...(.)

[*Não encara a solidão como um sentimento bom*] Não na idade (...) porque em jovem gostava da solidão, de ter a cabeça ocupada com os nossos trabalhos, com as nossas coisas...até gostava de estar sozinha.

[*Alguma vez já se sentiu isolada ou sozinha*] Pensando bem...houve alguns momentos, mas poucos...de resto tenho sempre convivido (...) não sendo a família, com pessoas amigas, convivendo com os outros, fazendo algum voluntariado e assim evito a solidão...

[*E agora, sente-se sozinha*] Aqui senti-me mais (...) porque fiquei num quarto sozinha, com um corredor muito grande, toco à campainha, ninguém aparece, nunca vejo ninguém...

[*Sente-se mais só agora do que se sentia há uns anos atrás*] ah...muito mais, agora sinto-me muito mais só do que há uns anos atrás, há uns anos atrás ocupava-me com várias coisas (...) uma das coisas com que eu me ocupava, frequentava (...) o Centro Social de Telheiras, onde temos muitas atividades, geralmente, Segunda, Quarta e Quinta ia para lá, desde a ginástica, a

trabalhos manuais que nós fazíamos, agora sinto que não posso fazer, é uma altura (...) na minha vida em que não faço...

[*Sabe lidar com a solidão*] Que remédio é que eu tenho senão lidar com ela...

[*Como é que lida com a solidão*] olha, ponho-me a pensar muitas vezes em coisas que não devo, outras vezes vou ler um bocadinho, mas canso-me de ler, porque se não encontro uma coisa que gosto, também não leio, se posso dou uma volta, dou um passeio, é assim que eu tento evitar...

[*Aqui dentro do lar*] ah, vou vendo a televisão (...) é a minha forma aqui de evitar a solidão, é ver a televisão...

[*Procura estar com outras pessoas*] Não vejo grande abertura da parte delas também, tirando agora uma ou duas que conheço à pouco, não vejo...uma que está ao meu lado na mesa... não vejo ninguém com quem posso comunicar...

[*Quem está ao seu lado na mesa*] Uma senhora que trabalha cá na costura...

[*A sua vinda para o lar fez com que se sentisse mais acompanhada*] talvez não fizesse, como eu sou um bocado fechada...depois quero conversar com umas ou com outras e encontro só gente muito surda, tenho que gritar, não posso....também acham-me nova cá na casa...

[*Sente-se mais retraída*] Sinto-me mais retraída... isolo-me mais...

[*Sente necessidade de estar sozinha*] Não, aqui não, não me importo de ter companhia, mas o que é que, não se encontra...está tudo muito deficiente...

[*Quais são os momentos em que se sente mais só*] Geralmente depois do jantar, o jantar é muito cedo, é cedo demais, e depois desaparece toda a gente, a partir das oito horas não há ninguém, acabo por me deitar, coisa que nunca faço, às nove, não se vê ninguém...

[*Quando se sente sozinha o que é que faz para fugir desse sentimento*] olhe...vou-me deitar...

[*Aqui dentro do lar, sente-se excluída de alguma forma*] Não, talvez não inteiramente, mas também não me sinto aceite (...) Pelas pessoas que estão cá..."Olha esta está cá há pouco!", "Olha esta veio agora", é os comentários que eu oiço, mas também não se aproximam, falam para os lados...

[*Sente-se excluída pelas pessoas a verem como uma pessoa nova dentro do lar*] É...

[*Aqui dentro do lar, sente que existem pessoas, utentes ou profissionais com quem pode desabafar*] Não...não encontro cá ninguém...tirando a D. Lia, a única pessoa com quem posso falar, dizer que me sinto mal ou sinto-me bem...eu emagreci já cinco quilos, eu tenho passado

sem comer quase nada...e se me perguntar se a comida é boa ou má, eu digo que até será boa, mas eu não a posso ver, uma falta de apetite terrível...

[*Com pessoas à sua volta, sente-se acompanhada*] Não... as pessoas ainda que eu gosto mais, é quem está à frente dos serviços, como vocês, como a Ana, como a senhora cá de baixo (...) as assistentes sociais, com este pessoal até gosto de falar, de resto, tudo se isola...

[*Sente que não consegue falar com ninguém sobre os seus sentimentos*] É...exactamente...

Pré- categorização da Entrevista nº 3

1. [*Os motivos que a trouxeram para o lar*] falta de saúde e saber que estava só (...) eu vim do hospital diretamente para aqui quando eu tive essa (...) crise urinária depois fui para o hospital e depois do hospital é que eu não podia ir para casa sozinha por isso tive na ideia de vir ficar aqui...já conhecia a casa (...)
2. [*A opção de vir para o lar foi sua*] Foi...foi minha foi, não tive ninguém a dizer que faça ou deixe de fazer...(...)
3. [*Os seus sobrinhos concordaram com a sua vinda para aqui*] São indiferentes...o que a tia fizer para eles está bem...Acham que está bem só que agora um dos meus sobrinhos acha que isto é grande demais para mim e que continuo aqui sem convivência. (...)
4. [*Já tinha planeado a sua vinda para aqui*] Há um tempo, depois da morte da minha irmã, quando fiquei sozinha, foi quando comecei a pensar em vir para um lar (...)
5. (...) mas enquanto me mexia bem, fui ficando em casa...agora sinto que já não me mexo bem, que preciso ser ajudada. Também precisava de alguém que me ajude a lavar-me a ajudar. (...)
6. [*O que é para si a solidão*] A solidão tem fases, há alturas em que a gente necessita dessa solidão, para viver dentro de nós, para nos encontrarmos a nós mesmos, mas depois durante a vida e durante a idade, já não temos projetos, a solidão é a coisa mais triste que há...(...)
7. [*Não encara a solidão como um sentimento bom*] Não na idade (...) porque em jovem gostava da solidão, de ter a cabeça ocupada com os nossos trabalhos, com as nossas coisas...até gostava de estar sozinha.
8. [*Alguma vez já se sentiu isolada ou sozinha*] Pensando bem...houve alguns momentos, mas poucos...de resto tenho sempre convivido não sendo a família, com pessoas amigas, convivendo com os outros, fazendo algum voluntariado e assim evito a solidão...(...)

9. [*E agora, sente-se sozinha*] Aqui senti-me mais (...) porque fiquei num quarto sozinha, com um corredor muito grande, toco à campainha, ninguém aparece, nunca vejo ninguém...(...)
10. [*Sente-se mais só agora do que se sentia há uns anos atrás*] ah...muito mais, agora sinto-me muito mais só do que há uns anos atrás, há uns anos atrás ocupava-me com várias coisas (...) uma das coisas com que eu me ocupava, frequentava (...) o Centro Social de Telheiras, onde temos muitas atividades, geralmente, Segunda, Quarta e Quinta ia para lá, desde a ginástica, a trabalhos manuais que nós fazíamos, agora sinto que não posso fazer, é uma altura (...) na minha vida em que não faço...(...)
11. [*Sabe lidar com a solidão*] Que remédio é que eu tenho senão lidar com ela...(...)
12. [*Como é que lida com a solidão*] olha, ponho-me a pensar muitas vezes em coisas que não devo, outras vezes vou ler um bocadinho, mas canso-me de ler, porque se não encontro uma coisa que gosto, também não leio, se posso dou uma volta, dou um passeio, é assim que eu tento evitar...(...)
13. [*Aqui dentro do lar*] ah, vou vendo a televisão (...) é a minha forma aqui de evitar a solidão, é ver a televisão...(...)
14. [*Procura estar com outras pessoas*] Não vejo grande abertura da parte delas também, tirando agora uma ou duas que conheço à pouco, não vejo...uma que está ao meu lado na mesa... não vejo ninguém com quem posso comunicar...[*Quem está ao seu lado na mesa*] Uma senhora que trabalha cá na costura...(...)
15. [*A sua vinda para o lar fez com que se sentisse mais acompanhada*] talvez não fizesse, como eu sou um bocado fechada...depois quero conversar com umas ou com outras e encontro só gente muito surda, tenho que gritar, não posso....também acham-me nova cá na casa...[*Sente-se mais retraída*] Sinto-me mais retraída... isolo-me mais...
16. [*Sente necessidade de estar sozinha*] Não, aqui não, não me importo de ter companhia, mas o que é que, não se encontra...está tudo muito deficiente...(...)
17. [*Quais são os momentos em que se sente mais só*] Geralmente depois do jantar, o jantar é muito cedo, é cedo demais, e depois desaparece toda a gente, a partir das oito horas

não há ninguém, acabo por me deitar, coisa que nunca faço, às nove, não se vê ninguém...(…)

18. [*Quando se sente sozinha o que é que faz para fugir desse sentimento*] olhe...vou-me deitar...(…)

19. [*Aqui dentro do lar, sente-se excluída de alguma forma*] Não, talvez não inteiramente, mas também não me sinto aceite (...) Pelas pessoas que estão cá...”Olha esta está cá há pouco!”, “Olha esta veio agora”, é os comentários que eu oiço, mas também não se aproximam, falam para os lados...[*Sente-se excluída pelas pessoas a verem como uma pessoa nova dentro do lar*] É...

20. [*Aqui dentro do lar, sente que existem pessoas, utentes ou profissionais com quem pode desabafar*] Não...não encontro cá ninguém...tirando a D. Lia, a única pessoa com quem posso falar, dizer que me sinto mal ou sinto-me bem...(…)

21. (...) eu emagreci já cinco quilos, eu tenho passado sem comer quase nada...e se me perguntar se a comida é boa ou má, eu digo que até será boa, mas eu não a posso ver, uma falta de apetite terrível... (…)

22. [*Com pessoas à sua volta, sente-se acompanhada*] Não... (…)

23. (...) as pessoas ainda que eu gosto mais, é quem está à frente dos serviços, como vocês, como a Ana, como a senhora cá de baixo (...) as assistentes sociais, com este pessoal até gosto de falar, de resto, tudo se isola...(…) [*Sente que não consegue falar com ninguém sobre os seus sentimentos*] É...exactamente...

ENTREVISTA N°4

Transcrição da Entrevista nº 4

Duração: 13' 55''

E: que motivos é que a trouxeram para o lar? e: comecei a pensar que ficava muito longe no outro lar, e como estava cá a minha irmã, ainda estou no mesmo quarto, e depois faleceu-me, são três senhoras, faleceu uma lá, e depois a Irmã que estava cá mandou-me vir porque, eu já me tinha inscrito há três anos e depois faleceu lá uma senhora e eu vim para a cama dessa senhora.

E: A decisão de vir para o lar foi sua? e: Sim, eu comecei logo a pensar em vir para o lar, porque não tinha filhos e não queria ir para a casa de sobrinho nenhum, tinha que ir para o lar, os sobrinhos não tinham obrigação de me aturar... eu entendi, que pronto! Não ía para casa dos sobrinhos para lhe dar trabalho a eles e pensei em ir para um lar, pensei sempre em ir para um lar...

E: Gostava que a D. Henriqueta me dissesse o que é para si a solidão? e: A solidão? É muito má, a solidão muito má!

E: Como é que a D. Henriqueta me descreve a solidão? e: A solidão é uma pessoa estar muito só e pronto, estar muito só... e até há pessoas que, agora tem morrido tanta pessoa sozinha e que também não... estar sozinha também não é bom, não é? Penso eu!

E: A D. Henriqueta alguma vez se sentiu sozinha ou isolada? e: Não, eu não me importava de estar sozinha! Eh...

E: Nunca se sentiu sozinha? e: Não, nunca me senti sozinha...

E: A D. Henriqueta sente-se mais sozinha agora do que se sentiu há uns anos atrás? e: É diferente, a gente com a família podemos estar mais à vontade, mas... então estando só, a gente aqui tem muita companhia, não é? Não... Aqui temos muita companhia, não são pessoas da família, mas pronto... Também temos muita companhia, também não estamos nada sós!

E: A D. Henriqueta, sabe lidar com a solidão? e: ...Rezo muito! [risos] Nunca fui pessoa de andar com camaradagem assim muito de companhias, nunca fui... Também isso, lá está a tal coisa, também por causa de eu ter este feitio, se calhar também foi por causa disso que não me casei, sei lá, nem sei explicar... Não sei...

E: Então a sua maneira de lidar com a solidão é rezar? e: [Risos] Rezo agora muito! Mas eu agora sofro tanto das pernas, dói-me tanto as pernas que de noite não durmo, não, não consigo dormir... E então agora, não durmo e agora às vezes mal me sento, chega-me o sono quando estou sentada, mas na cama não durmo!

E. Mas sabe lidar com a solidão? e: Eu não sei...pois eu habituei-me a viver assim...

E: A sua vinda para o lar fez com que se sentisse mais acompanhada? e: [Pausa] Talvez sim, talvez...

E: de que forma a faz sentir acompanhada? e: Então eu, por exemplo vou ao refeitório, temos muita gente, no quarto também são mais duas senhoras, e vou, também vou à capela, também vou rezar, às vezes vou ali para a sala grande [3º piso], e às vezes sento-me lá, sento-me e depois quando estou lá chega-me o sono porque não durmo de noite, depois...d'antes não era nada assim! Agora é que estou assim...

E: A D. Henriqueta, sente às vezes necessidade de estar sozinha? e: Não, tanto me faz... não, é-me indiferente!

E: Quais são os momentos em que a D. Henriqueta se sente mais sozinha? e: Hum...não sei, mesmo que esteja sozinha no

quarto, não sinto falta... **E: Não sente falta de estar com pessoas?** e: Não sinto falta, ahh... A D. Adelaide, às vezes...olhe, hoje não almoça cá, acho que não almoça cá, porque vai almoçar com o irmão. A outra senhora, essa nunca sai, é muito raro sair... Agora a D. Adelaide uma vez por semana vai almoçar com o irmão... **E: Aqui dentro do lar, a D. Henriqueta sente-se excluída de alguma forma?** e: Excluída? Não acho que sou tal como outra qualquer, não sei... talvez seja [risos], talvez seja mas não faz mal... **E: Talvez seja como? Como é que se sente excluída?** e: Não sei... **E: Aqui dentro do lar, a D. Henriqueta sente que existem pessoas com quem a D. Henriqueta pode desabafar, utentes ou profissionais?** e: Não sei... **E: Quando precisa falar sobre os seus sentimentos, tem alguém aqui dentro com quem possa falar ou desabafar?** e: É com a D. Adelaide, mas ela já não está bem da cabeça, coitadinha...mas, só com ela... **E: A D. Henriqueta, com pessoas à sua volta sente-se acompanhada?** e: Sinto-me, sinto-me acompanhada sim! **E: A D. Henriqueta, quando se sente sozinha, o que faz para se distrair?** e: Não faço nada, eu às vezes convidam-me para vários passeios e tudo e eu não vou, não vou porque me sinto já a dar trabalho às pessoas, eu já não posso andar sozinha, quando vou ali à secretaria pagar a mensalidade tenho que ir encostada à parede com esta mão, com a bengala e com esta mão a segurar a parede! Não, eu não posso...às vezes há passeios que me convidam cá no lar e eu não vou! Digo sempre, sinto-me muito incapaz, a dar maçada às outras pessoas e é por isso que eu não me sinto bem, já estou muito velha! [risos] **E: E quando está sozinha, sem ser os passeios o que faz?** e: Eu dantes trabalhava muito em crochet, fazia rendas muito bonitas, agora não posso fazer nada por causa da vista! Não posso...é o que eu digo, rezo! Rezo, vou para a capela e agora tenho tido muitas coisas lá em baixo vou à fisioterapia... **E: Á ginástica...** e: Á ginástica **E: À Dra. Camila às quintas...** e: também, de maneira que tenho tempo, tenho o tempo mais ou menos sempre ocupado, a gente vai ao lanche, vai ao almoço, vai... estamos muito tempo dentro do refeitório, eu tenho o tempo mais ou menos ocupado nem preciso estar a pensar se estou sozinha, não costumo estar a pensar nisso, eu tenho o tempo muito ocupado, é verdade...

1º Tratamento da Entrevista nº 4

[*Motivos que a trouxeram para o lar*] Comecei a pensar que ficava muito longe no outro lar, e como estava cá a minha irmã, ainda estou no mesmo quarto (...) são três senhoras, faleceu uma lá, e depois a Irmã que estava cá mandou-me vir porque, eu já me tinha inscrito há três anos (...) e eu vim para a cama dessa senhora.

[*A decisão de vir para o lar foi sua*] Sim, eu comecei logo a pensar em vir para o lar, porque não tinha filhos e não queria ir para a casa de sobrinho nenhum, tinha que ir para o lar, os sobrinhos não tinham obrigação de me aturar (...) Não ía para casa dos sobrinhos para lhe dar trabalho a eles e (...) pensei sempre em ir para um lar...

[*Que é para si a solidão, como a descreve*] (...) É muito má, a solidão muito má! (...) A solidão é uma pessoa estar muito só (...) e até há pessoas que, agora tem morrido tanta pessoa sozinha (...) estar sozinha também não é bom, não é? Penso eu!

[*Alguma vez se sentiu sozinha ou isolada*] Não, eu não me importava de estar sozinha! (...) Não, nunca me senti sozinha...

[*Sente-se mais sozinha agora do que se senti há uns anos atrás*] É diferente, a gente com a família podemos estar mais à vontade (...) a gente aqui tem muita companhia (...) Aqui temos muita companhia, não são pessoas da família, mas pronto... Também temos muita companhia, também não estamos nada sós!

[*Sabe lidar com a solidão*] Rezo muito! [risos] Nunca fui pessoa de andar com camaradagem assim muito de companhias, nunca fui (...) lá está a tal coisa, também por causa de eu ter este feitio, se calhar também foi por causa disso que não me casei, sei lá, nem sei explicar (...)

[*A sua maneira de lidar com a solidão é rezar*] [Risos] Rezo agora muito! Mas eu agora sofro tanto das pernas, dói-me tanto as pernas que de noite não durmo (...) não consigo dormir (...) agora às vezes mal me sento, chega-me o sono quando estou sentada, mas na cama não durmo!

[*Sabe lidar com a solidão*] Eu não sei...pois eu habituei-me a viver assim...

[*A sua vinda para o lar fez com que se sentisse mais acompanhada*] Talvez sim, talvez...

[*De que forma a faz sentir acompanhada*] Então eu, por exemplo vou ao refeitório, temos muita gente, no quarto também são mais duas senhoras (...) também vou à capela (...) rezar, às vezes vou ali para a sala grande [3º piso], e às vezes sento-me lá (...) e depois quando estou lá chega-

me o sono porque não durmo de noite (...) d'antes não era nada assim! Agora é que estou assim...

[*Sente necessidade de estar sozinha*] Não, tanto me faz... não, é-me indiferente!

[*Quais são os momentos em que se sente mais sozinha*] Hum...não sei, mesmo que esteja sozinha no quarto, não sinto falta...

[*Não sente falta de estar com pessoas*] Não sinto falta (...) A D. Adelaide, às vezes (...) hoje não almoço cá, acho que não almoço cá, porque vai almoçar com o irmão. A outra senhora, essa nunca sai, é muito raro sair... Agora a D. Adelaide uma vez por semana vai almoçar com o irmão...

[*Aqui dentro do lar sente-se excluída de alguma forma*] Excluída? Não acho que sou tal como outra qualquer, não sei... talvez seja [risos] (...) mas não faz mal... (...)

[*Sente que existem pessoas com quem pode desabafar, utentes ou profissionais*] Não sei...

[*Quando precisa falar sobre os seu sentimentos, tem alguém aqui dentro com quem possa falar ou desabafar*] É com a D. Adelaide, mas ela já não está bem da cabeça, coitadinha...mas, só com ela...

[*Com pessoas à sua volta sente-se acompanhada*] Sinto-me, sinto-me acompanhada sim!

[*Quando se sente sozinha, o que faz para se distrair*] Não faço nada, eu às vezes convidam-me para vários passeios e tudo e eu não vou (...) porque me sinto já a dar trabalho às pessoas, eu já não posso andar sozinha, quando vou ali à secretaria pagar a mensalidade tenho que ir encostada à parede com esta mão, com a bengala e com esta mão a segurar a parede! Não, eu não posso...às vezes há passeios que me convidam cá no lar e eu não vou! (...) sinto-me muito incapaz, a dar maçada às outras pessoas e é por isso que eu não me sinto bem, já estou muito velha! [risos]

[*Quando está sozinha, sem ser os passeios o que faz*] Eu dantes trabalhava muito em crochet, fazia rendas muito bonitas, agora não posso fazer nada por causa da vista! Não posso...é o que eu digo, rezo! Rezo, vou para a capela e agora tenho tido muitas coisas lá em baixo vou à fisioterapia...

[*Á ginástica*] Á ginástica

[*À Dra. Camila às quintas*] também, de maneira que (...) tenho o tempo mais ou menos sempre ocupado, a gente vai ao lanche, vai ao almoço (...) estamos muito tempo dentro do refeitório, eu

tenho o tempo mais ou menos ocupado nem preciso estar a pensar se estou sozinha, não costumo estar a pensar nisso, eu tenho o tempo muito ocupado, é verdade...

Pré-categorização da Entrevista nº 4

1. [*Motivos que a trouxeram para o lar*] Comecei a pensar que ficava muito longe no outro lar, e como estava cá a minha irmã, ainda estou no mesmo quarto (...) são três senhoras, faleceu uma lá, e depois a Irmã que estava cá mandou-me vir porque, eu já me tinha inscrito há três anos (...) e eu vim para a cama dessa senhora. (...)
2. [*A decisão de vir para o lar foi sua*] Sim, eu comecei logo a pensar em vir para o lar, porque não tinha filhos e não queria ir para a casa de sobrinho nenhum, tinha que ir para o lar, os sobrinhos não tinham obrigação de me aturar (...) Não ia para casa dos sobrinhos para lhe dar trabalho a eles e (...) pensei sempre em ir para um lar...(.)
3. [*Que é para si a solidão, como a descreve*] (...) É muito má, a solidão muito má! (...) A solidão é uma pessoa estar muito só (...) e até há pessoas que, agora tem morrido tanta pessoa sozinha (...) estar sozinha também não é bom, não é? Penso eu!
4. [*Alguma vez se sentiu sozinha ou isolada*] Não, eu não me importava de estar sozinha! (...) Não, nunca me senti sozinha...(.)
5. [*Sente-se mais sozinha agora do que se senti há uns anos atrás*] É diferente, a gente com a família podemos estar mais à vontade (...)
6. (...) a gente aqui tem muita companhia (...) Aqui temos muita companhia, não são pessoas da família, mas pronto... Também temos muita companhia, também não estamos nada sós! (...)
7. [*Sabe lidar com a solidão*] Rezo muito! [risos]
8. (...) Nunca fui pessoa de andar com camaradagem assim muito de companhias, nunca fui (...) lá está a tal coisa, também por causa de eu ter este feitio, se calhar também foi por causa disso que não me casei, sei lá, nem sei explicar (...)
9. [*A sua maneira de lidar com a solidão é rezar*] [Risos] Rezo agora muito! (...) Mas eu agora sofro tanto das pernas, dói-me tanto as pernas que de noite não durmo (...) não consigo dormir (...) agora às vezes mal me sento, chega-me o sono quando estou sentada, mas na cama não durmo! (...)

10. [*Sabe lidar com a solidão*] Eu não sei...pois eu habituei-me a viver assim...(...)
11. [*A sua vinda para o lar fez com que se sentisse mais acompanhada*] Talvez sim, talvez... (...)
12. [*De que forma a faz sentir acompanhada*] Então eu, por exemplo vou ao refeitório, temos muita gente, no quarto também são mais duas senhoras (...) também vou à capela (...) rezar, às vezes vou ali para a sala grande [3º piso], e às vezes sento-me lá (...) e depois quando estou lá chega-me o sono porque não durmo de noite (...) d'antes não era nada assim! Agora é que estou assim...(...)
13. [*Sente necessidade de estar sozinha*] Não, tanto me faz... não, é-me indiferente! (...)
14. [*Quais são os momentos em que se sente mais sozinha*] Hum...não sei, mesmo que esteja sozinha no quarto, não sinto falta... (...)
15. [*Não sente falta de estar com pessoas*] Não sinto falta (...) A D. Adelaide, às vezes (...) hoje não almoço cá, acho que não almoço cá, porque vai almoçar com o irmão. A outra senhora, essa nunca sai, é muito raro sair... Agora a D. Adelaide uma vez por semana vai almoçar com o irmão...(...)
16. [*Aqui dentro do lar sente-se excluída de alguma forma*] Excluída? Não acho que sou tal como outra qualquer, não sei... talvez seja [risos] (...) mas não faz mal...
17. [*Sente que existem pessoas com quem pode desabafar, utentes ou profissionais*] Não sei... (...)
18. [*Quando precisa falar sobre os seu sentimentos, tem alguém aqui dentro com quem possa falar ou desabafar*] É com a D. Adelaide, mas ela já não está bem da cabeça, coitadinha...mas, só com ela...(...)
19. [*Com pessoas à sua volta sente-se acompanhada*] Sinto-me, sinto-me acompanhada sim! (...)
20. [*Quando se sente sozinha, o que faz para se distrair*] Não faço nada, eu às vezes convidam-me para vários passeios e tudo e eu não vou porque me sinto já a dar trabalho às pessoas, eu já não posso andar sozinha, quando vou ali à secretaria pagar a

mensalidade tenho que ir encostada à parede com esta mão, com a bengala e com esta mão a segurar a parede! Não, eu não posso...às vezes há passeios que me convidam cá no lar e eu não vou! (...) sinto-me muito incapaz, a dar maçada às outras pessoas e é por isso que eu não me sinto bem, já estou muito velha! [risos]

21. [*Quando está sozinha, sem ser os passeios o que faz*] Eu dantes trabalhava muito em crochet, fazia rendas muito bonitas, agora não posso fazer nada por causa da vista! Não posso...é o que eu digo, rezo! Rezo, vou para a capela e agora tenho tido muitas coisas lá em baixo vou à fisioterapia...[*Á ginástica*] Á ginástica (...) [*À Dra. Camila às quintas*] também, de maneira que tenho o tempo mais ou menos sempre ocupado, a gente vai ao lanche, vai ao almoço (...) estamos muito tempo dentro do refeitório, eu tenho o tempo mais ou menos ocupado nem preciso estar a pensar se estou sozinha, não costumo estar a pensar nisso, eu tenho o tempo muito ocupado, é verdade...

ENTREVISTA N°5

Transcrição da Entrevista nº 5

Duração: 3' 11''

E: a decisão de vir para o lar foi da D. Inês? e: Foi minha e do meu marido, como já disse... foi a situação, ver o procedimento dela [filha] essa coisa toda, dá-me qualquer coisa, não posso fazer nada, não tenho quem me dê um prato de sopa e aqui ao menos sempre tenho quem me dê de comer... **E: D. Inês, o que é que é para si a solidão?** e: olhe, a solidão para mim até é bom! Ao menos não estamos com barulhentos e barulhos e essa coisa toda, não tenho nada a ver com isso...Gosto mais de estar sozinha do que mal acompanhada [Risos] **E: Mas consegue explicar-me o que é para si a solidão?** e: Não, não sei explicar... **E: não sabe?** e: Eu não... **E: E a D. Inês, alguma vez de sentiu sozinha ou isolada?** e: Não, não, eu não estou sozinha, Deus está comigo! **E: A D. Inês sabe lidar com a solidão?** e: Eh, não sei se sei lidar se não, isso é que eu não lhe sei dizer... **E: Quando se sente sozinha sabe lidar com isso?** e: Eu não, eu sinto-me bem sozinha! **E: sente-se bem sozinha?** e: Sinto! **E: A sua vinda para o lar fez com que se sentisse mais acompanhada?** e: ah, sinto, sinto, sinto! Estou acompanhada, pois estou...Não se compara nada! **E: Como é que se sente mais acompanhada?** e: Pois, estou com as pessoas, convivo com elas, pois, sinto-me mais acompanhada! Sinto-me melhor! **E: Quais são os momentos em que se sente mais sozinha?** e: Não, eu nunca me sinto sozinha! Não, não tenho esses problemas... **E: Aqui dentro do lar, a D. Inês sente-se excluída de alguma forma?** e: Excluída?! Não, eu acho que não, eu penso que não... **E: E aqui dentro do lar, a D. Inês sente que existem utentes ou profissionais com quem a D. Inês pode desabafar?** e: desabafar, o que é que eu tenho para desabafar? Não desabafo, não sou assim pessoa de desabafar, as pessoas estão a conversar, estão na conversa mas eu não, não sou dessas coisas... **E: E a D. Inês com pessoas à sua volta sente-se acompanhada?** e: Sinto-me, sinto! [Pausa breve] solidão, é estar sozinho!

1º Tratamento da Entrevista nº 5

[*A decisão de vir para o lar foi sua*] Foi minha e do meu marido, como já disse... foi a situação, ver o procedimento dela [filha], essa coisa toda, dá-me qualquer coisa, não posso fazer nada, não tenho quem me dê um prato de sopa e aqui ao menos sempre tenho quem me dê de comer...

[*O que é que é para si a solidão*] olhe, a solidão para mim até é bom! Ao menos não estamos com barulhentos e barulhos e essa coisa toda, não tenho nada a ver com isso...Gosto mais de estar sozinha do que mal acompanhada [Risos]

[*Consegue explicar-me o que é para si a solidão*] Não, não sei explicar...

[*Alguma vez de sentiu sozinha ou isolada*] Não, não, eu não estou sozinha, Deus está comigo!

[*Sabe lidar com a solidão*] Eh, não sei se sei lidar se não, isso é que eu não lhe sei dizer...

[*Quando se sente sozinha sabe lidar com isso*] Eu não, eu sinto-me bem sozinha!

[*Sente-se bem sozinha*] Sinto!

[*A sua vinda para o lar fez com que se sentisse mais acompanhada*] ah, sinto, sinto, sinto! Estou acompanhada, pois estou...Não se compara nada! (...) estou com as pessoas, convivo com elas, pois, sinto-me mais acompanhada! Sinto-me melhor!

[*Quais são os momentos em que se sente mais sozinha*] Não, eu nunca me sinto sozinha! Não, não tenho esses problemas...

[*Aqui dentro do lar sente-se excluída de alguma forma*] Excluída?! Não, eu acho que não, eu penso que não...

[*Dentro do lar sente que existem utentes ou profissionais com quem pode desabafar*] desabafar, o que é que eu tenho para desabafar? Não desabafo, não sou assim pessoa de desabafar, as pessoas estão a conversar, estão na conversa mas eu não, não sou dessas coisas...

[*Com pessoas à sua volta sente-se acompanhada*] Sinto-me, sinto! [Pausa breve] solidão, é estar sozinho!

Pré-categorização da Entrevista nº 5

1. [*A decisão de vir para o lar foi sua*] Foi minha e do meu marido, como já disse... foi a situação, ver o procedimento dela [filha], essa coisa toda, dá-me qualquer coisa, não posso fazer nada, não tenho quem me dê um prato de sopa e aqui ao menos sempre tenho quem me dê de comer...(…)
2. [*O que é que é para si a solidão*] olhe, a solidão para mim até é bom! Ao menos não estamos com barulhentos e barulhos e essa coisa toda, não tenho nada a ver com isso...Gosto mais de estar sozinha do que mal acompanhada [Risos](…)
3. [*Consegue explicar-me o que é para si a solidão*] Não, não sei explicar...(…)
4. [*Alguma vez de sentiu sozinha ou isolada*] Não, não, eu não estou sozinha, Deus está comigo! (…)
5. [*Sabe lidar com a solidão*] Eh, não sei se sei lidar se não, isso é que eu não lhe sei dizer...(…)
6. [*Quando se sente sozinha sabe lidar com isso*] Eu não, eu sinto-me bem sozinha! [*Sente-se bem sozinha*] Sinto! (…)
7. [*A sua vinda para o lar fez com que se sentisse mais acompanhada*] ah, sinto, sinto, sinto! Estou acompanhada, pois estou...Não se compara nada! (…)
8. [*Quais são os momentos em que se sente mais sozinha*] Não, eu nunca me sinto sozinha! Não, não tenho esses problemas... (…)
9. [*Aqui dentro do lar sente-se excluída de alguma forma*] Excluída?! Não, eu acho que não, eu penso que não... (…)
10. [*Dentro do lar sente que existem utentes ou profissionais com quem pode desabafar*] desabafar, o que é que eu tenho para desabafar? Não desabafo, não sou assim pessoa de desabafar, as pessoas estão a conversar, estão na conversa mas eu não, não sou dessas coisas... (…)

- 11.** [*Com pessoas à sua volta sente-se acompanhada*] Sinto-me, sinto! [Pausa breve]
solidão, é estar sozinho!

ENTREVISTA N°6

Transcrição da Entrevista nº 6

Duração: 16' 56''

E: Quais foram os motivos que trouxeram a D. Salomé para o lar? e: O que é que me trouxe para o lar foi eu gostar de experimentar, tive numa quinta aqui ao pé, perto e diziam-me tão bem deste que foi por isso que eu vim... **E: A D. Salomé estava sozinha na altura aqui em Lisboa...** e: Pois estava sozinha, era nova, eu vim com dezanove anos, tive ali, não chegou a meia dúzia de meses, talvez...e vim para aqui, depois aqui aconteceu-me tudo, trabalhei, trabalhei, trabalhei, depois...tenho uma perna inchada, tenho um ferro em cada perna...**E: A D. Salomé veio aqui para o lar trabalhar?** e: trabalhar. **E: Veio para aqui trabalhar e depois ficou aqui...** e: E depois fiquei aqui, fiquei aqui e mesmo que adoecesse trabalhava à mesma, estava aqui...até ser, como há aí algumas... **E: Então a decisão de vir para o lar, foi da D. Salomé?** e: Fui, fui! **E: ninguém tomou a decisão por si...** e: Ninguém tomou a decisão. **E: O que é para a D. Salomé, a solidão?** e: a solidão é uma coisa, muito, muito má... A solidão é uma pessoa sozinha, não é? É uma pessoa sozinha, não tem uma fala com ninguém, não, não é isso que é a solidão? **E: É o que a D. Salomé me disser...** e: para mim a solidão é esta, solidão é uma pessoa estar sozinha, não ter ninguém. **E: A D. Salomé alguma vez se sentiu só ou isolada?** e: Não, não, não senti... Não senti, mas quando sinto, choro! Quando sinto, choro e pronto...e às vezes dá-me vontade é de não sei de quê... por exemplo, elas, as empregadas, para mim algumas são boas, outras são más... mas são assim mesmo. **E: Quando é que a D. Salomé se sente só?** e: Eu sinto-me só quando elas me fazem mal ou assim... eu choro, choro, choro... **E: E sente-se só nessas alturas...** e: sim... **E: Porque é que se sente só nessas alturas?** e: Porque me sinto só nessas alturas? Porque quando a gente fala bem com uma pessoa e a pessoa para nós também é boa, a gente somos boas umas para as outras... não é? Agora, a solidão para mim é muito má... uma pessoa isolada, a solidão, não é? É isso que eu às vezes, choro, choro, e agora chorei, mas não é por isso, é por falar na minha mãe...[chora] **E: Então?** e: mal a conheci, e 'tou aqui, tenho um ferro em cada perna, e tenho esta perna inchada aqui em cima, e sinto-me não sei...não me sinto bem, bem, e elas às vezes são más, as empregadas são más, são más para mim! Eu não...pelo menos aaa... A Irmã Florinda, se eu lhe dissesse, ela castigava-as, mas eu não quero fazer mal, eu não quero castigá-las, mas... Pois, se eu me dou bem com as superiores, para que é que as que são menos, do que elas...fazem isso á gente? Não é verdade? **E: e a D. Salomé, sente-se só porque elas não a tratam bem?** e: Eu pedi umas meias de manhã, não mas deram, depois pedi-as mais tarde deram-mas, mas não foi a que eu pedi de manhã... foi outra! Eu sou boa para elas, eu não falo mal, eu não digo às irmãs, porque se eu dissesse às Irmãs, as Irmãs castigavam-nas... **E: A D. Salomé sente-se mais só agora do que se sentia há uns anos atrás?** e: Ah sinto!... **E: Porquê D. Salomé?** e: Porque estou doente, e, eu quando tinha saúde andava aqui por aqui, por ali, conhecia isto tudo a passos! Eu

regava o jardim, eu tratava dos periquitos, eu limpava a e lavava a capoeira, aquela casinha deles...conhece? **E: Sim..** e: Essa capoeirazinha, eu limpava-a, eu trabalhei muito, trabalhei no jardim e fora do jardim e em casa ee, servia, enquanto a Irmã andava a servir, a pôr a comida nos pratos eu ía pôr lá às pessoas... **E: E isso fazia senti-la menos sozinha?** e: Sim! Agora, agora ‘tou ali, só conheço as pessoas que estão ao pé de mim! Não é? As outras conheço por estar há muito tempo, eu sou a mais antiga aqui da casa! **E: E a D. Salomé, sabe lidar com este sentimento? Sabe lidar com a solidão?** e: Eu não sei lidar com a solidão, eu só sei, é por exemplo, eu sei lidar com a solidão nessa coisa...eu estou aqui, tenho solidão, mas não dou a mostrar isso, portanto não me importo da solidão, não é? **E: Não se importa?** e: Não, não me importa, porque não vou dizer à menina que tenho solidão, porque não, não tenho! Porque não tenho, porque não quero! Porque não, não digo nada! **E: Mesmo que sinta, acaba por não dizer...** e: pois... **E: E quando a D. Salomé veio aqui para o lar, a D. Salomé sentiu-se mais acompanhada?** e: Ah, isso eu corria aqui a casa toda, eu corria o jardim, eu lavava a capoeira como já disse, varria o jardim, regava o jardim...quando eu fui para, para, agora não me lembra... quando eu fui para a, ai!! [bate com a mão na cadeira e fica em silêncio] **E: Pronto, mas a D. Salomé, acabava por trabalhar aqui e sentia-se acompanhada...** e: Sim, sim, sim... **E: E a D. Salomé aqui dentro do lar, sente necessidade de estar sozinha?** e: Não, não, não! Quando estou sozinha choro, e não sei quê... e às vezes “Estás aborrecida?”, “Não...” **E: esconde sempre?** E: Escondo sempre, não digo nada, porque se eu dissesse às Irmãs, pelo menos à Irmã Florinda, e antes da Irmã Florinda, umas que cá estavam, elas castigavam-nas... mas eu não quero fazer mal a ninguém. **E: Quais são os momentos em que a D. Salomé se sente mais sozinha?** e: Ah, eu não me sinto bem sozinha em parte nenhuma... **E: Mas quando é que se sente sozinha?** e: Eu sinto-me sozinha quando elas me traem... quando atiram comigo, mas não é só comigo, à noite para nos deitar, atiram com a gente para a cama! E não é só comigo! Portanto não tenho nada contra isso e não vou dizer nada a ninguém! Digo-lhe a si, porque estamos nesta conversa, que esta conversa é... **E: Então a D. Salomé sente-se mais só nessas alturas...** e: É... **E: E durante o dia?** e: Durante o dia, não! **E: Não se sente só?** e: Não, porque eu falo com esta, falo com aquela e eu tenho muita família em Colares... **E: E mantém contacto com essa família?** e: tenho contacto com elas... mas agora quero castigá-las! **E: Quer castigar quem?** e: A elas, as de Colares...elas não vêm cá! **E: e elas são o quê a si, D. Salomé?** e: São sobrinhas... **E: E quer castigá-las?** e: Quero, agora pela Páscoa não digo nada... **E: E mantém contacto com essas sobrinhas?** e: mantinha, agora já há muito tempo que não... **E: A D. Salomé quando se sente sozinha, o que é que faz para não se sentir sozinha?** e: Eu não me sinto sozinha, sozinha, nunca! Por exemplo, agora quero ir a um lado qualquer e tenho de pedir! Vão-me levar! Mas quando andava, andei de canadianas aí muito tempo, andava de canadianas, corria tudo de canadianas, agora tenho que pedir... **E: A D. Salomé estava a dizer-me que às vezes se sente sozinha à noite...** e: Ah, á noite! Á noite,

olhe, sabe quem é que eu tenho no quarto? Como companheira? É a D. Mena, a gente as duas dá-se bem! **E: Fazem companhia uma à outra?** e: Uma á outra, e falamos... **E: E aqui dentro do lar, a D. Salomé sente-se excluída?** e: Não, sinto-me excluída é delas, das auxiliares, das empregadas... **E: Porquê D. Salomé?** e: Porque elas são, algumas são más! Há aí uma ou duas que...mas eu faço que não...não digo nada... por exemplo, aquela forte, diz uma frase, quando eu passo por ela digo-lhe assim, a gente ri-se as duas! **E: A D. Salomé, aqui dentro do lar, sente que existem pessoas com quem a D. Salomé pode desabafar?** e: Isso acho que não! Acho que não porque, por exemplo, eu pedi as meias hoje, pedi umas meias que não mas davam, tinha os pés gelados pedi, tive que pedir segunda vez, e terceira vez, mas não digo quem foi nem, nem nada... **E: Mas quando a D. Salomé precisa de desabafar, falar de sentimentos mais pessoais...** e: Ai não! **E: Nem profissionais aqui dentro?** e: Profissionais, não... Porque eu não vou dizer às superiores o que é! **E: Não fala com ninguém?** e: [Acena com a cabeça] **E: E então a D. Salomé, mesmo estando com pessoas à volta, aqui dentro do lar, a D. Salomé, sente-se acompanhada?** e: Sinto! Se não sentisse também não dizia às superiores... **E: E a mim?** e: A si dizia, e estou-lhe a dizer... **E: Está com outras pessoas e sente-se acompanhada?** e: Sinto acompanhada, mas não sinto aquele acompanhamento de beleza! **E: de beleza?** e: Pois! **E: Está acompanhada, mas consegue falar com essas pessoas á sua volta?** e: Consigo! Consigo porque não quero fazer mal a ninguém...

1º Tratamento da Entrevista nº 6

[*Quais foram os motivos que trouxeram a para o lar*] O que é que me trouxe para o lar foi eu gostar de experimentar, tive numa quinta aqui ao pé, perto e diziam-me tão bem deste que foi por isso que eu vim...(…) estava sozinha, era nova, eu vim com dezanove anos, tive ali, não chegou a meia dúzia de meses, talvez...e vim para aqui, depois aqui aconteceu-me tudo, trabalhei, trabalhei, trabalhei, depois...tenho uma perna inchada, tenho um ferro em cada perna...

[*Veio aqui para o lar trabalhar*] Trabalhar (...) E depois fiquei aqui (...) e mesmo que adoecesse trabalhava à mesma, estava aqui (...) como há aí algumas...

[*A decisão de vir para o lar foi sua*] Fui, fui... (...) Ninguém tomou a decisão.

[*O que é para si a solidão*] a solidão é uma coisa, muito, muito má... A solidão é uma pessoa sozinha, não é? É uma pessoa sozinha, não tem uma fala com ninguém (...) não é isso que é a solidão? (...) para mim a solidão é esta, solidão é uma pessoa estar sozinha, não ter ninguém.

[*Alguma vez se sentiu só ou isolada*] Não, não, não senti (...) mas quando sinto, choro! Quando sinto, choro e pronto...e às vezes dá-me vontade é de não sei de quê... por exemplo, elas, as empregadas, para mim algumas são boas, outras são más... mas são assim mesmo.

[*Quando é que se sente só*] Eu sinto-me só quando elas me fazem mal ou assim... eu choro, choro, choro...(…) Porque quando a gente fala bem com uma pessoa e a pessoa para nós também é boa, a gente somos boas umas para as outras... não é? Agora, a solidão para mim é muito má... uma pessoa isolada, a solidão, não é? É isso que eu às vezes, choro, choro, e agora chorei, mas não é por isso, é por falar na minha mãe (...) mal a conheci, e ‘tou aqui, tenho um ferro em cada perna, e tenho esta perna inchada aqui em cima, e (...) não me sinto bem (...) e elas às vezes são más, as empregadas são más, são más para mim! (...) A Irmã Florinda, se eu lhe dissesse, ela castigava-as, mas eu não quero fazer mal, eu não quero castigá-las (...) se eu me dou bem com as superiores, para que é que as que são menos, do que elas...fazem isso à gente? Não é verdade?

[*Sente-se só porque elas não a tratam bem*] Eu pedi umas meias de manhã, não mas deram, depois pedi-as mais tarde deram-mas, mas não foi a que eu pedi de manhã... foi outra! Eu sou boa para elas, eu não falo mal, eu não digo às irmãs, porque se eu dissesse às Irmãs, as Irmãs castigavam-nas...

[*Sente-se mais só agora do que se sentia há uns anos atrás*] Ah sinto! (...) Porque estou doente, e, eu quando tinha saúde andava aqui por aqui, por ali, conhecia isto tudo a passos! Eu regava o jardim, eu tratava dos periquitos, eu limpava a e lavava a capoeira, aquela casinha deles (...) Essa capoeirazinha, eu limpava-a, eu trabalhei muito, trabalhei no jardim e fora do jardim e em casa ee, servia, enquanto a Irmã andava a servir, a pôr a comida nos pratos eu ía pôr lá às pessoas...

[*Isso fazia senti-la menos sozinha*] Sim! Agora, agora ‘tou ali, só conheço as pessoas que estão ao pé de mim! Não é? As outras conheço por estar há muito tempo, eu sou a mais antiga aqui da casa!

[*Sabe lidar com este sentimento*] Eu não sei lidar com a solidão, eu só sei, é por exemplo, eu sei lidar com a solidão nessa coisa...eu estou aqui, tenho solidão, mas não dou a mostrar isso, portanto não me importo da solidão, não é? (...) porque não vou dizer à menina que tenho solidão, porque não, não tenho! Porque não tenho, porque não quero! Porque não, não digo nada!

[*Quando veio aqui para o lar sentiu-se mais acompanhada*] Ah, isso eu corria aqui a casa toda, eu corria o jardim, eu lavava a capoeira como já disse, varria o jardim, regava o jardim (...)

[*Aqui dentro do lar, sente necessidade de estar sozinha*] Não, não, não! Quando estou sozinha choro, e não sei quê... e às vezes “Estás aborrecida?”, “Não...”

[*Esconde*] Escondo sempre, não digo nada, porque se eu dissesse às Irmãs, pelo menos à Irmã Florinda, e antes da Irmã Florinda, umas que cá estavam, elas castigavam-nas... mas eu não quero fazer mal a ninguém.

[*Quais são os momentos em que se sente mais sozinha*] Ah, eu não me sinto bem sozinha em parte nenhuma... (...) Eu sinto-me sozinha quando elas me traem... quando atiram comigo, mas não é só comigo, à noite para nos deitar, atiram com a gente para a cama! E não é só comigo! Portanto não tenho nada contra isso e não vou dizer nada a ninguém! Digo-lhe a si, porque estamos nesta conversa (...)

[*Não se sente só*] Não, porque eu falo com esta, falo com aquela e eu tenho muita família em Colares...

[*Mantém contacto com essa família*] tenho contacto com elas... mas agora quero castigá-las! (...) as de Colares...elas não vêm cá! (...) São sobrinhas... (...) agora pela Páscoa não digo nada... [*Mantém contacto com essas sobrinhas*] Mantinha, agora já há muito tempo que não...

[*Quando se sente sozinha, o que é que faz para não se sentir sozinha*] Eu não me sinto sozinha, sozinha, nunca! Por exemplo, agora quero ir a um lado qualquer e tenho de pedir! Vão-me levar! Mas quando andava (...) de canadianas, corria tudo de canadianas, agora tenho que pedir...

[*Às vezes se sente sozinha à noite*] Ah, á noite! Á noite, olhe, sabe quem é que eu tenho no quarto? Como companheira? É a D. Mena, a gente as duas dá-se bem! (...) e falamos...

[*Dentro do lar sente-se excluída*] Não, sinto-me excluída é delas, das auxiliares, das empregadas (...) Porque elas são, algumas são más! Há aí uma ou duas que...mas eu faço que não...não digo nada (...) aquela forte, diz uma frase, quando eu passo por ela digo-lhe assim, a gente ri-se as duas!

[*Aqui dentro do lar, sente que existem pessoas com quem pode desabafar*] Isso acho que não! Acho que não porque, por exemplo, eu pedi as meias hoje, pedi umas meias que não mas davam, tinha os pés gelados pedi, tive que pedir segunda vez, e terceira vez, mas não digo quem foi nem, nem nada...

[*Quando precisa de desabafar, falar de sentimentos mais pessoais*] Ai não!

[*Profissionais aqui dentro*] Profissionais, não... Porque eu não vou dizer às superiores o que é! (...)

[*Com pessoas à volta, aqui dentro do lar sente-se acompanhada*] Sinto! Se não sentisse também não dizia às superiores (...) Sinto acompanhada, mas não sinto aquele acompanhamento de beleza!

[*Mas consegue falar com essas pessoas á sua volta*] Consigo! Consigo porque não quero fazer mal a ninguém...

Pré-categorização da Entrevista nº 6

1. [*Quais foram os motivos que trouxeram a para o lar*] O que é que me trouxe para o lar foi eu gostar de experimentar, tive numa quinta aqui ao pé, perto e diziam-me tão bem deste que foi por isso que eu vim...(…) estava sozinha, era nova, eu vim com dezanove anos, tive ali, não chegou a meia dúzia de meses, talvez...e vim para aqui, depois aqui aconteceu-me tudo, trabalhei, trabalhei, trabalhei, depois...tenho uma perna inchada, tenho um ferro em cada perna...(…)
2. [*Veio aqui para o lar trabalhar*] Trabalhar (...) E depois fiquei aqui (...) e mesmo que adoecesse trabalhava à mesma, estava aqui (...) como há aí algumas...(…)
3. [*A decisão de vir para o lar foi sua*] Fui, fui! (...) Ninguém tomou a decisão...(…)
4. [*O que é para si a solidão*] a solidão é uma coisa, muito, muito má... A solidão é uma pessoa sozinha, não é? É uma pessoa sozinha, não tem uma fala com ninguém (...) não é isso que é a solidão? (...) para mim a solidão é esta, solidão é uma pessoa estar sozinha, não ter ninguém...(…)
5. [*Alguma vez se sentiu só ou isolada*] Não, não, não senti (...) mas quando sinto, choro! Quando sinto, choro e pronto...e às vezes dá-me vontade é de não sei de quê... por exemplo, elas, as empregadas, para mim algumas são boas, outras são más... mas são assim mesmo. (...)
6. [*Quando é que se sente só*] Eu sinto-me só quando elas me fazem mal ou assim... eu choro, choro, choro...(…) Porque quando a gente fala bem com uma pessoa e a pessoa para nós também é boa, a gente somos boas umas para as outras... não é? (...)
7. (...) Agora, a solidão para mim é muito má... uma pessoa isolada, a solidão, não é? É isso que eu às vezes, choro, choro, e agora chorei, mas não é por isso, é por falar na minha mãe (...) mal a conheci, e ‘tou aqui, tenho um ferro em cada perna, e tenho esta perna inchada aqui em cima, e (...) não me sinto bem e elas às vezes são más, as empregadas são más, são más para mim! (...) A Irmã Florinda, se eu lhe dissesse, ela castigava-as, mas eu não quero fazer mal, eu não quero castigá-las (...) se eu me dou bem com as superiores, para que é que as que são menos, do que elas...fazem isso à gente? Não é verdade? (...)

8. [*Sente-se só porque elas não a tratam bem*] Eu pedi umas meias de manhã, não mas deram, depois pedi-as mais tarde deram-mas, mas não foi a que eu pedi de manhã... foi outra! Eu sou boa para elas, eu não falo mal, eu não digo às irmãs, porque se eu dissesse às Irmãs, as Irmãs castigavam-nas...(...)
9. [*Sente-se mais só agora do que se sentia há uns anos atrás*] Ah sinto! (...) Porque estou doente, e, eu quando tinha saúde andava aqui por aqui, por ali, conhecia isto tudo a passos! Eu regava o jardim, eu tratava dos periquitos, eu limpava a e lavava a capoeira, aquela casinha deles (...) Essa capoeirazinha, eu limpava-a, eu trabalhei muito, trabalhei no jardim e fora do jardim e em casa ee, servia, enquanto a Irmã andava a servir, a pôr a comida nos pratos eu ía pôr lá às pessoas...(...)
10. [*Isso fazia senti-la menos sozinha*] Sim! Agora, agora ‘tou ali, só conheço as pessoas que estão ao pé de mim! Não é? As outras conheço por estar há muito tempo, eu sou a mais antiga aqui da casa! (...)
11. [*Sabe lidar com este sentimento*] Eu não sei lidar com a solidão, eu só sei, é por exemplo, eu sei lidar com a solidão nessa coisa...eu estou aqui, tenho solidão, mas não dou a mostrar isso, portanto não me importo da solidão, não é? (...) porque não vou dizer à menina que tenho solidão, porque não, não tenho! Porque não tenho, porque não quero! Porque não, não digo nada! (...)
12. [*Quando veio aqui para o lar sentiu-se mais acompanhada*] Ah, isso eu corria aqui a casa toda, eu corria o jardim, eu lavava a capoeira como já disse, varria o jardim, regava o jardim (...)
13. [*Aqui dentro do lar, sente necessidade de estar sozinha*] Não, não, não! Quando estou sozinha choro, e não sei quê... e às vezes “Estás aborrecida?”, “Não...” (...) [*Esconde*] Escondo sempre, não digo nada, porque se eu dissesse às Irmãs, pelo menos à Irmã Florinda, e antes da Irmã Florinda, umas que cá estavam, elas castigavam-nas... mas eu não quero fazer mal a ninguém. (...)
14. [*Quais são os momentos em que se sente mais sozinha*] Ah, eu não me sinto bem sozinha em parte nenhuma... (...) Eu sinto-me sozinha quando elas me traem... quando atiram comigo, mas não é só comigo, à noite para nos deitar, atiram com a gente para a cama! E não é só comigo! Portanto não tenho nada contra isso e não vou dizer nada a ninguém! Digo-lhe a si, porque estamos nesta conversa (...)

15. [*Não se sente só*] Não, porque eu falo com esta, falo com aquela e eu tenho muita família em Colares...(…)
16. [*Mantém contacto com essa família*] tenho contacto com elas... mas agora quero castigá-las! (...) as de Colares...elas não vêm cá! (...) São sobrinhas... (...) agora pela Páscoa não digo nada... [*Mantém contacto com essas sobrinhas*] Mantinha, agora já há muito tempo que não...
17. [*Quando se sente sozinha, o que é que faz para não se sentir sozinha*] Eu não me sinto sozinha, sozinha, nunca! Por exemplo, agora quero ir a um lado qualquer e tenho de pedir! Vão-me levar! Mas quando andava (...) de canadianas, corria tudo de canadianas, agora tenho que pedir... (...)
18. [*Às vezes sente-se sozinha à noite*] Ah, á noite! Á noite, olhe, sabe quem é que eu tenho no quarto? Como companheira? É a D. Mena, a gente as duas dá-se bem! (...) e falamos... (...)
19. [*Dentro do lar sente-se excluída*] Não, sinto-me excluída é delas, das auxiliares, das empregadas (...) Porque elas são, algumas são más! Há aí uma ou duas que...mas eu faço que não...não digo nada (...) aquela forte, diz uma frase, quando eu passo por ela digo-lhe assim, a gente ri-se as duas! (...)
20. [*Aqui dentro do lar, sente que existem pessoas com quem pode desabafar*] Isso acho que não! (...) Acho que não porque, por exemplo, eu pedi as meias hoje, pedi umas meias que não mas davam, tinha os pés gelados pedi, tive que pedir segunda vez, e terceira vez, mas não digo quem foi nem, nem nada...(…) [*Quando precisa de desabafar, falar de sentimentos mais pessoais*] Ai não! (...) [*Profissionais aqui dentro*] Profissionais, não... Porque eu não vou dizer às superiores o que é! (...)
21. [*Com pessoas à volta, aqui dentro do lar sente-se acompanhada*] Sinto! Se não sentisse também não dizia às superiores (...) Sinto acompanhada, mas não sinto aquele acompanhamento de beleza! (...)
22. [*Mas consegue falar com essas pessoas à sua volta*] Consigo! Consigo porque não quero fazer mal a ninguém...

ENTREVISTA N°7

Transcrição da Entrevista nº 7

Duração: 45' 36''

E: Quais foram os motivos que a trouxeram para o lar? e: Porque, olhe...só tinha sobrinhos, os filhos não tenho, os filhos também às vezes dão um pontapé no traseiro quando recebem as heranças e acabou-se! E também não tinha gente, se me desse alguma coisa de ficar na cama, eu não tinha ninguém! Os meus irmãos também não estavam assim com grande vontade, porque também não... qualquer dia estão eles todos num lar! Era para ter quem me tratasse...enfim! Se eu tivesse uma coisa para ficar na cama...nem tinha dinheiro para ter, portanto, estar em casa e ter pessoal de enfermagem e pessoal...não tinha dinheiro para isso! De maneira que o mais cómodo era isto! **E: Foi a D. Isaltina que optou por vir para o lar? A Decisão foi sua?** e: A decisão foi minha, embora um dos meus irmãos, ajudava a empurrar um bocadinho e queria que eu fosse para outro sítio que ele conhecia, porque havia lá pessoas conhecidas e não sei quê... E eu neguei-me! Ou vou para ali ou não vou para parte nenhuma! Até porque eu já conhecia...Eu, coisas com gente conhecida, dá sempre asneira! De maneira que vim para aqui, até porque aqui eu conhecia as pessoas, mas quer dizer, eu quando vim para aqui, quando cheguei aqui, só vim encontrar duas pessoas conhecidas do tempo em que eu era estudante! Uma era a Irmã Conceição Andrade, que está aí no outro lado e outra era a Irmã Adélia, que agora coitadinha, não é nada daquilo que era! Há uma freira que agora está em Moçambique que foi minha colega de curso... tirou o curso e depois foi para aa, foi para Moçambique! E agora veio cá fazer uma fazer uma operação! Não sei se já foi embora, se não foi embora, porque também não tenho ido àquele lado! De maneira que foi por causa disso que eu vim para aqui! Mais por prever o futuro do que propriamente por uma questão de solidão! **E: Agora que tocou nesse ponto, queria que a D. Isaltina me dissesse o que é que é para si a solidão? Como a Definiria?** e: Olhe, sabe que isso tudo é muito engraçado essa coisa da solidão...a solidão é tudo! Não é por estarmos acompanhados ou estarmos sozinhas que sentimos a solidão! Aí há imensas pessoas que são absolutamente solitárias! É uma questão de feitio das pessoas! 'tá a perceber?... Eu no outro dia encontrei aqui uma pessoa, estive a falar com ela, e eu disse-lhe assim, "Mas ouça lá, precisa de alguma coisa minha?", e ela diz-me assim, "Preciso que goste muito de mim!", percebe? Há aí uma pessoa, que saio do quarto, ela vê-me porque tem o quarto do outro lado, eu passo pelo quarto dela e ela chama-me sempre, nem que seja só para lhe dar um Bom dia! 'tá a perceber? Portanto as pessoas sentem-se muitas vezes solitárias no meio de toda a gente! Depende do feitio das pessoas! Viverem em sociedade ou não viverem em sociedade...eu sou capaz de estar, eu mesmo em casa conseguia estar sozinha no meio da família toda reunida, que eram 30 pessoas! Contanto com os avós, com este, com aquele, eu estava... eu consigo estar sozinha! **E: A D. Isaltina alguma vez se sentiu isolada ou só?** e: Até aqui me sinto muitas vezes isso! Falo com as pessoas mas estou absolutamente a léguas de distância... e umas das razões porque eu

saía um bocado era por causa dos Sábados e dos Domingos em que está tudo fechado! Eu não sou pessoa para ir para um café, já fui! Quando era rapariguinha nova ía para os cafés! Agora, eu ir para um café, passar uma tarde num café, dá-me a sensação de que estou á espera de algum homem para casar! [risos] É! É! Você observe as pessoas... é a coisa mais gira desta vida! Agente às tantas farta-se dessa vida de café, e acha muito giro! Aquela fase em que íamos...e enquanto tive nos escuteiros, muitas vezes era num café que a gente resolvia, eu e mais duas pessoas ou assim, resolvíamos os problemas e fazíamos o programa das reuniões e tudo nos cafés! Aqueles cafés de bairro! E quando era aos sábados e aos Domingos absolutamente, porque cada um vai para a sua vida, têm os respetivos maridos e tudo e a gente sente-se a mais quando estão com os maridos! **E: A D. Isaltina sentia isso quando estava fora do lar com as suas amigas?** e: eu normalmente ao Sábado e ao Domingo não ía para a casa de ninguém, a maior parte das vezes estava na minha casa! Portanto a gente chega...uma vez, duas vezes, três vezes, a gente chega a uma certa altura, então se está a chover e não posso sair e que não posso fazer não sei quê e não posso fazer não sei que mais, é de estoirar! **E: era quando estava em casa que sentia que não podia fazer nada aos Domingos e Sábados?** e: Não! Porque estava tudo fechado! Ía ver, como é que se chama aquilo? Eu já estou a falar um bocadinho no antigamente... Eu cá, eu não sou pessoa, eu não conheço quase nenhuns centros comerciais e mais não sei quê! Eu não sou capaz de ir para um centro comercial ver montras, normalmente, ainda por cima nesses...tudo o que é ver montras, tudo o que é ver essas coisas todas, além de ser caríssimo, além de serem caras, não me servem!! Não sou muito elegante! Portanto, roupas, nem pensar nisso, e roupas nem pensar nisso! E livros, a gente chega a certa altura também que os livros são um bocado pó caros! Quando tinha, nos escuteiros e são sei quê, era capaz de ir ver e procurar coisas, assim... Quando deixei os escuteiros e deixei ter essas coisas e não sei quê, muitas vezes...por exemplo, até deixei de ter, humm... como é que se chama isto?? Prendas para os miúdos! Acabava muitas vezes por fazer isso, dar “X”, que era para não sei quê... dava aos pais, e eles optavam ou por dar mesmo o dinheiro, ou por comprar uma coisa com o dinheiro todo junto! E a partir de uma certa idade, eles começaram a fazer mesmo isso, davam o dinheiro para comprar as prendas. Vamos comprar as prendas... íam para os sítios, eles escolhiam e habituavam-se também a ver aquela coisa e a tomar a opção! Quero isto, quero aquilo com o dinheiro que tinham, e depois os pais diziam, o dinheiro que tens é este! **E: A D. Isaltina, quando diz miúdos está a referir-se aos seus sobrinhos?** e: Sobrinhos netos! Já na categoria de sobrinhos netos! Porque os outros sobrinhos, a gente...são crescidos! Está tudo casado...ou querem coisas para casa e dá-se uma coisa para o casal, ou se é para cada um, a gente dá um dinheirinho, porque eles é que sabem os gostos... quando são pequenos, os pequenos, por exemplo, os pais querem roupas, mas ainda não são capazes de dizer, quero isto, quero aquilo, quero assim, quero assado. Juntam, compram um brinquedo ou dois e depois o resto, por exemplo, precisam de roupa, compram dois brinquedos ou três, um brinquedo para

cada um, e depois na altura dos saldos... Miúdos pequenos com dois, três anos, às tantas deixam de servir, compra-se no Verão, no Verão seguinte já não lhes serve, a maior parte das vezes! Está a perceber? Portanto, eu por exemplo para comprar roupas, eu sei que é bonito, eu sei...eu tenho gosto, depois não sei é comprar, ver as medidas para as coisas...depois o que é que acontece? Ou compro ou coisas muito grandes ou compro muito pequenas...estar a gastar dinheiro em coisas de crianças que são muito mais caras, do que seriam para mim...uma peça de ganga é muito mais cara, estar a gastar o dinheiro só porque... Oh senhora, os pais que compreem tudo! Nem é por eu não querer ir, eu não sei mesmo comprar as medidas, depois às vezes a gente não os vê, passa assim uma temporada sem os ver e depois dão um pontapé porque...depois dizem assim, “ai isto é para seis anos!”, às vezes há crianças que aos seis anos que estão a vestir roupa de 8 e 7, sabe perfeitamente como é, eu também sei não é? Sabemos todos! Embora brinquedos, e tudo, depois saiba...por exemplo, eu tenho uma sobrinha, que tem um piadão, damos os dinheiros aos pais, e depois por exemplo, levei um pacote de bombons, e a melhor prenda que ela teve foi aquele pacote de bombons! Mas também não se pode passar a vida toda a gastar um dinheirão em, depois estava uma tia dela, que era minha sobrinha também, casou com um dos meus sobrinhos, “A Matilde recebeu agora a melhor prenda que podia ter!”, foi aquilo que eu dei, ‘tá a perceber? Nisto não me sinto sozinha, é uma opção, os pais e as coisas, às vezes preferem que a gente dê uma coisa pequenina, assim... **E: Mas a questão aqui, é se a D. Isaltina já se sentiu só? E Quando é que se sentiu só?** e: Eu já vivi só! já! **E: Quando?** e: Isso agora, quer dizer...Até aqui, de vez em quando sinto-me absolutamente sozinha, porque eu também não sou pessoa muito para estar...meto-me aqui no quarto! Agora não, porque estava a descansar, mas até podem estar pessoas, absolutamente sozinha, absolutamente só... Sim porque eu também não sou muito pessoa de relações, de estar assim, eu vou para uma sala e não estou acompanhada! **E: Não se sente acompanhada... A D. Isaltina, sente-se mais só agora do que se sentia há uns anos atrás?** e: Não! Não, há uns anos atrás também tinha...mesmo com a família tinha muito...eu conseguia isolar-me de tudo... **E: Mas o sentir-se só?** E: Eu conseguia sentir-me só e absolutamente isolada! Aliás, isso, tenho impressão que é um bocado genético, do meu pai, o meu se pudesse estar sempre num canto e não falar nisso, ele estava... **E: Mas a questão D. Isaltina, é, A D. Isaltina pode querer estar sozinha, mas quando se sente sozinha, sente que está mais sozinha agora do que estava há uns anos atrás?** e: Não, é mais ou menos a mesma coisa! Isso é mais ou menos a mesma coisa! **E: A D. Isaltina sabe lidar com a solidão?** e: Relativamente! Relativamente... porque eu quando começo a ver que é demais, e mais não sei o quê, eu consigo ultrapassar essa coisa da solidão, a fazer trabalhos! **E: É assim que ultrapassa?** e: É! Eu se estiver a fazer aquela coisa, estou a fazer uma coisa para poder dar a alguém, para poder fazer isto, para poder fazer aquilo, para, para estar... isso dá-me suficiente... ainda agora, uma das coisas que eu estive a fazer hoje e não sei quê, foi arranjar duas casas que, e ninguém percebeu, para medir o oxigénio no

sangue, e encontrei duas casas, e não eram capazes de encontrar e fui eu que encontrei duas, para irem comprar esse aparelho! Não quer dizer que depois a gente diga “Olha valeu a pena! Sim senhora, há duas casas, vão comprar!”, e mais não sei quê... sou capaz de me sentir absolutamente sozinha depois disso, não tenho mais nada para fazer, já está tudo feito! Não era o caso de hoje, já está feito, mas não era o caso de hoje, porque eu sabia que mais tarde ou mais cedo você aparecia! [sorriu] **E: A sua vinda para o lar, fez com que se sentisse mais acompanhada?** e: Ouça, na medida de estarmos mais acompanhadas, não quer dizer que eu não tenha crises de solidão! Mas estamos mais acompanhadas porque a gente vê sempre... eu por exemplo se quiser sair, até porque tenho problemas respiratórios, quem faz a cama sempre sou eu, e mais não sei quê... Mas chego ali á empregadas e digo, “Hoje vou sair!”, já me tem acontecido estar a começar a fazer a cama e a certa altura estar absolutamente...chamar as pessoas e dizer “Vocês vão acabar de me fazer a cama porque eu vou descansar por causa da respiração!”, e elas sabem que, quando eu lhes peço para fazer, por exemplo, a cama, é porque estou absolutamente de rastos... **E: A D. Isaltina, aqui dentro do lar sente necessidade de estar sozinha?** e: Ouça, sinto, eu sinto, sinto até porque, repare, às vezes há aí discussões e conversas, e eu vou-me embora porque as pessoas estão todas engalfinhadas, ainda no outro dia, aconteceu aí com a D. Esmeralda... **E: Sim, a D. Isaltina...** e: Eu já lhe contei aquela história do pescoço e mais não sei quê... acabei por dar descompostura a duas, há coisas que não se dizem... Ouve uma que ficou... “Está-me a chamar a atenção?”, e eu disse assim, “Olhe, esta senhora tem epilepsia, é preciso ter cuidado! E Ela quando tem epilepsia, isto pode ser um processo!” apareceu passado um bocado a Irmã Florinda, e mando-a deitar! E ela quando eu lhe disse da epilepsia, é preciso ter cuidado, ficou um bocado... Opah! Mas a gente incomoda-se! E depois ainda à frente daquela gente toda, isto, ultrapassa... E então quem trabalhou, o meu irmão era médico, a minha irmã era médica, portanto já...e eu também trabalhei durante trinta anos num hospital como assistente social, portanto, a gente acabava por fazer a mesma coisa! Mas isso não, por amor de Deus! Eu não me importava nada de ir dar um passeio sozinha, só aqui nos hospitais! Eu tenho imensas saudades! Tenho muita pena de não poder ir a casa, mas agora com este frio a casa está fechada! Admito que digam “Você não vá porque...” Eu percebo que tenham, por exemplo no outro dia, uma das ultimas vezes que lá fui, eram três horas da manhã, tive eu que chamar a ambulância para ir para o hospital porque já não conseguia respirar! **E: Pois, é complicado estar sozinha...** e: É complicado estar sozinha, portanto, percebo, mas... Aqui a gente sempre a hipótese de chamar alguém! Mas, mas é muito complicado! **E: Quais são os momentos em que a D. Isaltina se sente mais sozinha?** e: Olhe, quando há discussões e esse tipo de coisas...pois, não dá! Custa-me mais isso, do que por exemplo vir uma Irmã Florinda ou uma Irmã Marta, e descompor-me porque eu fiz isto, porque eu fiz aquilo, porque não fiz assim, porque não fiz assado, ou que me venha uma empregada chamar a atenção, “olhe, que aconteceu isto...”, porque às vezes chamam a atenção, o chamar a

atenção, eu não ligo assim muito, mas então este tipo de coisas, as pessoas estar a ofender as outras, porque não querem ser incomodadas com a doença que os outros têm, confrontadas com elas, isso incomoda-me muito! Incomoda-me, porque eu sei o que passei, quando tive aos onze, doze anos, se não fosse o meu pai, que enfim, apoiou-me muito, quando tive a psoríase! Percebe? Porque foi nos anos cinquenta, as pessoas estavam muito menos educadas a nível da psoríase, a psoríase vinha-me assim à testa, e as pessoas olhavam, por exemplo no Verão, a gente tínhamos que atravessar o Terreiro do Passo, com o calor, eu ficava muito vermelha, e as pessoas ficavam com medo e eu tinha absolutamente a sensação que estavam com medo que eu tivesse Lepra! Tá a perceber? **E: esses são os momentos em que a D. Isaltina se sente mais só aqui dentro do lar?** e: ah...Ouça, e não é contra mim, percebe? No dia em que for contra mim, levam duas parselhas, levam duas respostas tortas e acabou! Há aí...Se eu descomponho as pessoas, se as outras estão presentes, eu não posso fazer fitas! Posso fazer fitas, se falar baixo! “Vocês tenham cuidado porque isto não se pode fazer à frente, e não se pode dizer à frente de uma pessoa!”. Não se pode excluir, pôr uma pessoa sozinha ou então vai passar a vida na cama! Eu tive a explicar o que era o ataque epilético, porque isto nunca se sabe quando é que há um ataque epilético! Mas sobretudo, é quando é contra os outros... **E: É quando se sente mais só?** e: Mais só, e porque fico muito magoada, tá a perceber? Eu fico muito magoada! E depois digo eu assim “Esta gente não serve para conversas!” E no entanto, sou a rapariga mais extraordinária, estas pessoas de idade, é isto... eu sou quase o suprasumo, algumas, é claro que nem toda a gente gosta de mim! Mas há muita gente que acha que eu sou o o... [gesticula com as mãos] **E: A D. Isaltina, o que é que faz para fugir desse sentimento? O que é que a ajuda a fugir desse sentimento?** e: Ouça, também não tenho muito tempo...olhe, quando é à noite, adormeço num estante e nunca mais penso nisso! Também não deixo de dormir, para coiso... Depois olhe, começo a arrumar as coisas, a mexer nisto e não sei quê, agora tenho uma série de contas para fazer, porque tenho coisas para pagar e tenho coisas que não sei quê... e os trabalhos, aqueles trabalhos manuais...pronto, muitas vezes vou até lá a cima [3º piso do Lar], e a gente sempre dá dois dedos de conversa, muda-se de ambiente do segundo para o terceiro, que são absolutamente diferentes, não é? Ai isso são, até as pessoas, até as pessoas são absolutamente diferentes e estamos todas juntas! Não conheço todas lá de cima, nem conheço todas cá de baixo, embora lá em cima, não tenha confiança com toda a gente, porque também não...faz-me muita impressão, isso é uma das coisas que me faz muita impressão... há aí pessoas, a D. Nelinha, sabe qual é? Há aí uma outra senhora que eu não sei como é que ela se chama, que tem óculos, é muito surda... **E: D. Rosa?** e: Deve ser a Rosa, elas estão sozinhas e elas sentem-no... **E: Elas sentem-no?** e: uma delas, a Nelinha é que me disse uma vez “Mas precisa de alguma coisa?” “Preciso que goste de mim!”, tá a perceber? A outra... **E: Foi recente?** e: Relativamente recente! Já cá estávamos as duas em baixo, ela esteve aqui a dormir e depois eu sentia-a “Ai, Ai”, e eu “Precisa de alguma coisa, o que é que tem? O que é que não sei

quê...”, “eu sou a pessoa que dorme aqui no quarto consigo”, foi quando ela me disse... Ou com a outra, nunca falei, mas também deve ser do mesmo género de pessoa, absolutamente sozinha! e então com esta ninguém fala! Porque a D. Nelinha, raramente tem visitas, às vezes tem, da filha, e aquela D. Rosa nunca tem...vem aí uma senhora, que de boa vontade, que fala com ela, que fala não sei quê mas que não lhe é nada... Aaa, mas pronto! Isso incomoda-me! **E: A D. Isaltina aqui dentro do lar, sente-se excluída de alguma forma?** e: Excluída não! Excluída, excluída, não! Só me sinto excluída quando não me deixam sair lá para fora! [Risos] É verdade! Ouça, os cuidados são tantos, para não me constipar, para não sei quê...Eu disse à Irmã Florinda, “Oh senhora, olhe que galinha de campo não quer capoeira!”, e nós fomos sempre habituadas, estava chover não estava? A gente tinha aulas, “El-rei manda marchar, não manda chover!” **E: A D. Isaltina, sente que existem pessoas aqui dentro do lar, utentes ou profissionais, com quem a D. Isaltina pode falar ou desabafar?** e: Ouça, ouça, eu não sou muito de desabafar! Isso, não sou muito de desabafar, agora conversar, eu converso com quase toda a gente! Ai isso eu converso com quase toda a gente! Também, como é que lhe digo? É uma conversa que fica assim a um nível, muito parado...porque se eu conhecer bem as pessoas, depois até vou sendo capaz de falar, assim de uma maneira geral... sou capaz de falar absolutamente à vontade, fico... Mas não deixo de falar com as pessoas, de facto depois a uma certa altura, começo a fazer as perguntas, mas as pessoas “Isso não é nada consigo! Não é nada consigo! Quando houver algumas novidades a gente diz!”, ‘tá a perceber? Porque a gente vinha habituada de um hospital em que chegávamos às enfermarias e a gente tinha que saber a vida quase deles e o que é que se passava a nível clínico... **E: Mas a D. Isaltina sente isso quando vai fazer algumas perguntas?** e: Agora não vou fazer perguntas, às vezes calha em conversa, calha em conversa e não sei quê... No outro dia, houve aqui há tempos aí uma senhora, em que diziam assim “tinha um sinalzinho e afinal é um cancro!”, mas diziam “O problema dela não é esse, é muito mais grave que isso!”, e eu perguntei logo “Qual é o problema de saúde que ela tem?”, opah, repare..quer dizer, nós para resolver o problema daquela pessoa, tínhamos que saber qual era, a nível hospitalar, qual era o problema e quais eram as soluções médicas que eles apontavam... Desde falar com a família, e ver quais eram as melhores maneiras e as possibilidades que tinham, não é? Não estava nada habituada a dizerem “Você não tem nada com isso! A gente não diz!”, aqui, eu não tenho que resolver os problemas graves das pessoas, porque há a diretora, a enfermeira cá do lar e depois há todo o resto do pessoal, pessoal técnico que tem obrigações e que... Por exemplo, um dia perguntaram à filha que vem aí, “Então a sua mãe, como é que está?”, “Com uma situação, mas é muito complicada!”, e ninguém sabe que doença é que ela tem! Porque embora ela tenha começado com um cancro, não quer dizer que o problema dela fosse aquele cancro, ‘tá a perceber? Portanto, isso, pode haver outras complicações mais graves que essa e mais não sei quê... Acho muito bem que não digam, a pessoa se quiser que diga! **E: ainda em relação a esta pergunta, a D. Isaltina quando sente**

ou precisa de desabafar, qualquer coisa mais pessoal, sente que tem aqui pessoas que a possam ouvir? e: Oiça, oiça, oiça, a Irmã Marta, para certas coisas é capaz de ouvir e ajudar a resolver, mas anda sempre... é preciso escolher as alturas e a Irmã Florinda também é pessoa para ajudar a resolver. Há algumas coisas, desde que não sejam assim muito complicadas, a gente vai ouvindo daqui e d'acoli, porque há muito pouca gente de bom senso... não é que não tenham bom senso, mas que resolvam as coisas... há muito pouca gente! Pois, cada um tem a sua vivência e a gente sabe muito pouco umas das outras... a vida que tiveram... lá vão havendo umas ou outras que vão contando coisas e não sei quê, mas por exemplo falam muito pouco, muito pouco, muito pouco das coisas que acontecem... e há pessoas que falam demais e quando falam demais o melhor é... [não perceptível] **E: Com pessoas à sua volta, sente-se acompanhada?** e: Posso sentir e posso não sentir, quer dizer... também depende das pessoas! Também depende das pessoas... há pessoas que, enfim, para ter uma conversa e para estar aí bem disposta e não sei quê... Mas as pessoas ou se dão todas umas com as outras, ou não vale a pena ter grandes conversas! Não vale a pena ter grandes conversas, porque as pessoas andam todas à batatada... até à mesa isso se nota!... 'Tá a perceber? As pessoas são todas muito diplomáticas! E é giríssimo... eu, acho giríssimo as pessoas conversarem umas com as outras muito bem, e depois quando as pessoas não estão fazem os comentários! É das pessoas mais esquisitas cá da casa, a nível de comida, fala dos outros e ela é das pessoas mais... os comentários que depois fazem... Não vale a pena ter grandes conversas não é? A gente conversa, ouve, não repete! Porque põe aí as pessoas todas à zaragata! **E: Mas sente-se acompanhada aqui dentro D. Isaltina?** e: Oh senhora! De uma maneira geral, também neste momento, não tenho grandes problemas! Não tenho grandes problemas, só tenho problemas com a saída e tenho um problema que é não me deixarem ir para casa, mas eu também compreendo que a situação seja... que elas tenham medo, não é terem medo de que eu vá fazer alguma asneira ou que me vá atirar da janela abaixo, ou mais não sei quê, o que é, é... Pois! Que piore a situação! Enquanto puder andar um bocadinho a pé e mexer-me, mas sou capaz de andar.... Por exemplo, a Irmã Marta e a Irmã Florinda, a Irmã Florinda é preciso..."Olhe, hoje não saia porque está muito frio!", por causa dos problemas de saúde! E a isso nunca fui habituada, nós lá em casa nunca fomos habituados assim a ter muito cuidado com as coisas! Mas, quando foi daquela ulcera, "Vê lá se tens juízo, se ficas em casa! Quem é que te trata? quem é que faz as ligaduras?", isso o meu pai a esse nível... E depois, está a correr tudo bem, não vale a pena! 'Tá a perceber? Aaa, cuidados demais, nunca tivemos de ter... A comida enfim... também já estou farta da comida, mas lá fora ainda era pior! Por exemplo, uma das coisas que eu acho graça, é que elas têm muito medo que eu vá a casa, esteja lá dois dias ou três, não faça refeições e não coma! 'Tá a perceber? E às vezes não faço comida porque não estou para isso! O que é, é que a gente ali tem uma série de casas onde pode ir buscar, pode ir buscar e resolve o problema e fica com comida em casa! Naquela zona só não come quem não quiser,

porque há lá sítios onde a comida fica barata! Se a gente souber, for capaz de fazer uma sopa, ou ferver não sei quê, não se gasta muito dinheiro, e as pessoas também, o que fica caro é ter duas casas! Porque eu aqui já tenho tudo pago, e o que gasto em casa é tudo a dobrar! E às vezes tem de se fazer contas! Enfim, é das coisas que me chateia é ter de pagar, é não ter dinheiro suficiente para poder dar aos outros, para poder fazer isto, para poder fazer macacadas, para fazer...isso chateia-me! E chateia-me mais isso que outras coisas! **E: Não ter dinheiro para as suas coisinhas...** e: Oiça! Tenho! Tenho algum dinheiro, mas eu gostava de poder chegar a certa altura, e dizer assim “Olha aquela instituição...”, dar mil euros, para a outra mil e quinhentos, para a outra dar não sei quanto! Estas coisas também não posso fazer, ‘tá a perceber? Isso não posso fazer, ainda no outro dia... não chega! As reformas, depois você vai ver quando se reformar, ou ter um pé-de-meia! Eu nunca fui capaz de fazer, a minha mãe dizia-me muita vez, eu vinha para Lisboa, e a minha mãe dizia-me, “Olha, levas isto assim, assim”, na altura em que vínhamos a Lisboa, tínhamos que vir a Lisboa e depois voltar, a minha mãe dizia-me “Levas estas coisas e depois vais à rua dos retroseiros”, era a Rua da Conceição, a rua dos retroseiros, comprar botões, comprar fechos, os fechos não, mas por exemplo botões, carros de linha e não sei quê, e depois dizia-me assim “Olha são cinco botões deste tamanho e são dois mais pequeninos!”, para por exemplo pôr aqui assim como efeito, ou pôr no bolso e eu levava sete botões daqui, e levava logo quatro daqui que era quando caísse algum, já estava o suplente, e dizia a minha mãe “Lá vem a mulher das faturas!”, ‘tá a perceber? Porque depois a minha mãe, se caía um botão, de uma camisa, de uma blusa, de uma saia, de uma não sei quê, “Pois, já está estragado, não tenho blusa!”, vai-se comprar outros botões que ficam muito mais caros! Eu levava para casa coisas, café e tudo e mais não sei quê e nunca lá ía pedir...olhe, ainda ontem estava a trabalhar, nunca estava pedir, a não ser que fosse coisas muito extraordinárias, nunca pedi! **E: Mas a D. Isaltina, quando está dentro do lar, com pessoas à volta, sente que está acompanhada?** e: Às vezes estou! Porque às vezes há uma pessoa ou outra com quem se pode falar! Eu por exemplo há pouco, foi de manhã, quando entrei, fui-me meter com uma das senhoras que lá estava em cima e lá estive a brincar com ela! E ela ficou toda contente e digo eu assim, “Olha, esta já ficou hoje bem disposta!”, ‘tá a perceber? Há uma ou duas com quem a gente conversa e depois apareceram mais duas, uma vinha com uma revista ou com um jornal ou não sei quê, tivemos um bocadinho a conversar! Metade das coisas não ouvi, porque já não sei o que é que estava a fazer, e tinha coisas para fazer, e estava a fazer e estava entretida...estava acompanhada porque sabia que estavam ali pessoas que se eu quisesse, depois podia conversar com elas, ou se eu deixasse, elas conversavam comigo, ‘tá a perceber? Nisso sou capaz de me sentir com gente! Por exemplo, há sempre uma senhora que está ali sozinha, que se eu fosse para ao pé dela um bocadinho, ela era capaz de conversar e de se abrir e tudo, que é a D. Carminho, está sempre sozinha e mais não sei quê, mas se a gente for para lá e puxar pela conversa e puxar pela língua, ela também conversa! Portanto, é estar atenta também às

outras pessoas que estão sozinhas, que gostam de falar, que gostam que as oiçam, que gostam de... portanto não há grandes problemas! É mais fácil ir aqui acima ao lar aqui em cima, do que ir lá para baixo para o Centro de Dia, porque estão sempre a fazer coisas que não interessam à maior parte das pessoas, mas também depois nesse aspeto, o nível de interesse é muito diferente, as necessidades das pessoas são muito diferentes, e elas não têm imaginação muitas vezes para fazer as coisas! Eu por exemplo ainda era capaz de me pôr, mas depois há trabalhos manuais que eu não sou capaz de fazer, eu não sou capaz de fazer uma linha reta! Faço uma linha torta! Torta mesmo com régua! Fica assim, Fica assim... [Gesticula com as mãos] Eu para fazer uma linha reta, tenho aqui o cabeçalho, tenho que ir aqui, depois marcar! Eu não consigo fazer uma linha direita ou duas linhas paralelas! E por exemplo, a nível de trabalhos manuais, a nível de outros trabalhos não vale a pena a gente estar aí a fazer! Depois eu vou fazendo assim umas brincadeirinhas, umas toalhas, umas coisas, para depois...olhe, depois ficam cá, quem as quiser depois que fique com elas!

1º Tratamento da Entrevista nº 7

[*Quais foram os motivos que a trouxeram para o lar*] Porque, olhe...só tinha sobrinhos, os filhos não tenho, os filhos também às vezes dão um pontapé no traseiro quando recebem as heranças e acabou-se! E também não tinha gente, se me desse alguma coisa de ficar na cama, eu não tinha ninguém! Os meus irmãos também não estavam assim com grande vontade (...) qualquer dia estão eles todos num lar! Era para ter quem me tratasse...enfim! Se eu tivesse uma coisa para ficar na cama...nem tinha dinheiro para (...) estar em casa e ter pessoal de enfermagem e pessoal...não tinha dinheiro para isso! De maneira que o mais cómodo era isto! (...)

[*A Decisão foi sua*] A decisão foi minha, embora um dos meus irmãos, ajudava a empurrar um bocadinho e queria que eu fosse para outro sítio que ele conhecia, porque havia lá pessoas conhecidas (...) E eu neguei-me! Ou vou para ali ou não vou para parte nenhuma! (...) Eu, coisas com gente conhecida, dá sempre asneira! De maneira que vim para aqui, até porque aqui eu conhecia as pessoas, mas quer dizer, eu quando vim para aqui (...) só vim encontrar duas pessoas conhecidas do tempo em que eu era estudante! (...) De maneira que foi por causa disso que eu vim para aqui! Mais por prever o futuro do que propriamente por uma questão de solidão!

[*O que é que é para si a solidão*] Olhe, sabe que isso tudo é muito engraçado essa coisa da solidão...a solidão é tudo! Não é por estarmos acompanhados ou estarmos sozinhas que sentimos a solidão! Aí há imensas pessoas que são absolutamente solitárias! É uma questão de feitio das pessoas! (...) Eu no outro dia encontrei aqui uma pessoa, estive a falar com ela, e eu disse-lhe assim, “Mas ouça lá, precisa de alguma coisa minha?”, e ela diz-me assim, “Preciso que goste muito de mim!” (...) Há aí uma pessoa, que saio do quarto, ela vê-me porque tem o quarto do outro lado, eu passo pelo quarto dela e ela chama-me sempre, nem que seja só para lhe dar um Bom dia! (...) Portanto as pessoas sentem-se muitas vezes solitárias no meio de toda a gente! Depende do feitio das pessoas! Viverem em sociedade ou não viverem em sociedade (...) eu mesmo em casa conseguia estar sozinha no meio da família toda reunida, que eram 30 pessoas! Contanto com os avós, com este, com aquele, eu estava... eu consigo estar sozinha!

[*Alguma vez se sentiu isolada ou só*] Até aqui me sinto muitas vezes isso! Falo com as pessoas mas estou absolutamente a léguas de distância... e umas das razões porque eu saía um bocado era por causa dos Sábados e dos Domingos em que está tudo fechado! Eu não sou pessoa para ir para um café, já fui! Quando era rapariguinha nova ia para os cafés! Agora, eu ir para um café, passar uma tarde num café, dá-me a sensação de que estou á espera de algum homem para casar! [risos] É! É! Você observe as pessoas... é a coisa mais gira desta vida! Agente às tantas

farta-se dessa vida de café, e acha muito giro! (...) enquanto tive nos escuteiros, muitas vezes era num café que a gente resolvia, eu e mais duas pessoas ou assim, resolvíamos os problemas e fazíamos o programa das reuniões e tudo nos cafés! Aqueles cafés de bairro! E quando era aos sábados e aos Domingos absolutamente, porque cada um vai para a sua vida, têm os respetivos maridos e tudo e a gente sente-se a mais quando estão com os maridos! (...) eu normalmente ao Sábado e ao Domingo não ía para a casa de ninguém, a maior parte das vezes estava na minha casa! Portanto (...) a gente chega a uma certa altura, então se está a chover e não posso sair e que não posso fazer não sei quê e não posso fazer não sei que mais, é de estoirar!

[*Era quando estava em casa que sentia que não podia fazer nada aos Domingos e Sábados*] Não! Porque estava tudo fechado! (...) Eu cá, eu não sou pessoa, eu não conheço quase nenhuns centros comerciais (...) Eu não sou capaz de ir para um centro comercial ver montras (...) tudo o que é ver montras, tudo o que é ver essas coisas todas, além de ser caríssimo, além de serem caras, não me servem!! Não sou muito elegante! Portanto (...) roupas nem pensar nisso! E livros, a gente chega a certa altura também que os livros são um bocado pó caros! (...) nos escuteiros (...) era capaz de ir ver e procurar coisas (...) Quando deixei os escuteiros e deixei ter essas coisas (...) por exemplo (...) Prendas para os miúdos! Acabava muitas vezes por fazer isso, dar “X” (...) dava aos pais, e eles optavam ou por dar mesmo o dinheiro, ou por comprar uma coisa com o dinheiro todo junto! (...) davam o dinheiro para comprar as prendas. (...) eu tenho uma sobrinha, que tem um piadão, damos os dinheiros aos pais, e depois por exemplo, levei um pacote de bombons, e a melhor prenda que ela teve foi aquele pacote de bombons! Mas também não se pode passar a vida toda a gastar um dinheirão (...) depois estava uma tia dela, que era minha sobrinha também, casou com um dos meus sobrinhos, “A Matilde recebeu agora a melhor prenda que podia ter!”, foi aquilo que eu dei (...) Nisto não me sinto sozinha, é uma opção, os pais e as coisas, às vezes preferem que a gente dê uma coisa pequenina, assim...

[*Já se sentiu só*] Eu já vivi só! já! (...) Até aqui, de vez em quando sinto-me absolutamente sozinha, porque eu também não sou pessoa muito para estar...meto-me aqui no quarto! Agora não, porque estava a descansar, mas até podem estar pessoas, absolutamente sozinha, absolutamente só... Sim porque eu também não sou muito pessoa de relações, de estar assim, eu vou para uma sala e não estou acompanhada!

[*Sente-se mais só agora do que se sentia há uns anos atrás*] Não! Não, há uns anos atrás também tinha...mesmo com a família tinha muito...eu conseguia isolar-me de tudo (...) Eu conseguia sentir-me só e absolutamente isolada! Aliás, isso, tenho impressão que é um bocado genético, do meu pai, o meu se pudesse estar sempre num canto e não falar nisso, ele estava... (...) é mais ou menos a mesma coisa! Isso é mais ou menos a mesma coisa!

[*Sabe lidar com a solidão*] Relativamente! Relativamente... porque eu quando começo a ver que é demais (...) eu consigo ultrapassar essa coisa da solidão, a fazer trabalhos! (...) se estiver a fazer aquela coisa, estou a fazer uma coisa para poder dar a alguém, para poder fazer isto, para poder fazer aquilo (...) ainda agora, uma das coisas que eu estive a fazer hoje (...) foi arranjar duas casas que, e ninguém percebeu, para medir o oxigénio no sangue, e encontrei duas casas, e não eram capazes de encontrar e fui eu que encontrei duas, para irem comprar esse aparelho! Não quer dizer que depois a gente diga “Olha valeu a pena! Sim senhora, há duas casas, vão comprar!” (...) sou capaz de me sentir absolutamente sozinha depois disso, não tenho mais nada para fazer, já está tudo feito! Não era o caso de hoje, já está feito, mas não era o caso de hoje, porque eu sabia que mais tarde ou mais cedo você aparecia! [sorriu]

[*A sua vinda para o lar, fez com que se sentisse mais acompanhada*] Ouça, na medida de estarmos mais acompanhadas, não quer dizer que eu não tenha crises de solidão! Mas estamos mais acompanhadas (...) eu por exemplo se quiser sair, até porque tenho problemas respiratórios, quem faz a cama sempre sou eu (...) Mas chego ali á empregadas e digo, “Hoje vou sair!”, já me tem acontecido estar a começar a fazer a cama e a certa altura (...) chamar as pessoas e dizer “Vocês vão acabar de me fazer a cama porque eu vou descansar por causa da respiração!”, e elas sabem que, quando eu lhes peço para fazer, por exemplo, a cama, é porque estou absolutamente de rastos...

[*Dentro do lar sente necessidade de estar sozinha*] Ouça, sinto, eu sinto, sinto até porque, repare, às vezes há aí discussões e conversas, e eu vou-me embora porque as pessoas estão todas engalfinhadas, ainda no outro dia, aconteceu aí com a D. Esmeralda (...) aquela história do pescoço (...) acabei por dar descompostura a duas, há coisas que não se dizem... Ouve uma que ficou... “Está-me a chamar a atenção?”, e eu disse assim, “Olhe, esta senhora tem epilepsia, é preciso ter cuidado! E Ela quando tem epilepsia, isto pode ser um processo!” apareceu passado um bocado a Irmã Florinda, e mando-a deitar! E ela quando eu lhe disse da epilepsia, é preciso ter cuidado, ficou um bocado... Opah! Mas a gente incomoda-se! E depois ainda à frente daquela gente toda (...) o meu irmão era médico, a minha irmã era médica (...) e eu também trabalhei durante trinta anos num hospital como assistente social, portanto, a gente acabava por fazer a mesma coisa! Mas isso não, por amor de Deus! Eu não me importava nada de ir dar um passeio sozinha, só aqui nos hospitais! Eu tenho imensas saudades! Tenho muita pena de não poder ir a casa, mas agora com este frio a casa está fechada! Admito que digam “Você não vá porque...” (...) no outro dia, uma das ultimas vezes que lá fui, eram três horas da manhã, tive eu que chamar a ambulância para ir para o hospital porque já não conseguia respirar!

[*É complicado estar sozinha*] É complicado estar sozinha, portanto, percebo, mas... Aqui a gente sempre a hipótese de chamar alguém! Mas (...) é muito complicado!

[*Quais são os momentos em que se sente mais sozinha*] Olhe, quando há discussões e esse tipo de coisas...pois, não dá! Custa-me mais isso, do que por exemplo vir uma Irmã Florinda ou uma Irmã Marta, e descompor-me porque eu fiz isto, porque eu fiz aquilo, porque não fiz assim, porque não fiz assado, ou que me venha uma empregada chamar a atenção, “olhe, que aconteceu isto...”, porque às vezes chamam a atenção, o chamar a atenção, eu não ligo assim muito, mas então este tipo de coisas, as pessoas estar a ofender as outras, porque não querem ser incomodadas com a doença que os outros têm, confrontadas com elas, isso incomoda-me muito! Incomoda-me, porque eu sei o que passei, quando tive aos onze, doze anos, se não fosse o meu pai, que enfim, apoiou-me muito, quando tive a psoríase! (...) Porque foi nos anos cinquenta, as pessoas estavam muito menos educadas a nível da psoríase, a psoríase vinha-me assim à testa, e as pessoas olhavam (...) no Verão, a gente tínhamos que atravessar o Terreiro do Passo, com o calor, eu ficava muito vermelha, e as pessoas ficavam com medo e eu tinha absolutamente a sensação que estavam com medo que eu tivesse Lepra! Tá a perceber?

[*São os momentos em que se sente mais só aqui dentro do lar*] (...) e não é contra mim, percebe? No dia em que for contra mim, levam duas parelhas, levam duas respostas tortas e acabou! (...) Se eu descomponho as pessoas, se as outras estão presentes, eu não posso fazer fitas! Posso fazer fitas, se falar baixo! “Vocês tenham cuidado porque isto não se pode fazer à frente, e não se pode dizer à frente de uma pessoa!”. Não se pode excluir, pôr uma pessoa sozinha ou então vai passar a vida na cama! Eu tive a explicar o que era o ataque epilético, porque isto nunca se sabe quando é que há um ataque epilético! Mas sobretudo, é quando é contra os outros... (...) fico muito magoada (...) Eu fico muito magoada! E depois digo eu assim “Esta gente não serve para conversas!” E no entanto, sou a rapariga mais extraordinária (...) eu sou quase o supprassumo, algumas, é claro que nem toda a gente gosta de mim! (...)

[*O que é que faz para fugir desse sentimento*] Ouça, também não tenho muito tempo...olhe, quando é à noite, adormeço num estante e nunca mais penso nisso! Também não deixo de dormir (...) começo a arrumar as coisas, a mexer nisto e não sei quê, agora tenho uma série de contas para fazer, porque tenho coisas para pagar e tenho (...) os trabalhos, aqueles trabalhos manuais...pronto, muitas vezes vou até lá a cima [3º piso do Lar], e a gente sempre dá dois dedos de conversa, muda-se de ambiente do segundo para o terceiro, que são absolutamente diferentes (...) Ai isso são, até as pessoas, até as pessoas são absolutamente diferentes e estamos todas juntas! Não conheço todas lá de cima, nem conheço todas cá de baixo, embora lá em cima, não tenha confiança com toda a gente (...) faz-me muita impressão, isso é uma das coisas que me faz muita impressão... há aí pessoas, a D. Nelinha (...) Há aí uma outra senhora que eu não sei como é que ela se chama, que tem óculos, é muito surda (...) elas estão sozinhas e elas sentem-no (...) uma delas, a Nelinha é que me disse uma vez “Mas precisa de alguma coisa?” “Preciso que goste de mim!” (...) Já cá estávamos as duas em baixo, ela esteve aqui a dormir e

depois eu sentia-a “Ai, Ai”, e eu “Precisa de alguma coisa, o que é que tem? O que é que não sei quê...”, “eu sou a pessoa que dorme aqui no quarto consigo”, foi quando ela me disse... Ou com a outra, nunca falei, mas também deve ser do mesmo género de pessoa, absolutamente sozinha! E então com esta ninguém fala! Porque a D. Nelinha, raramente tem visitas, às vezes tem, da filha, e aquela D. Rosa nunca tem...vem aí uma senhora, que de boa vontade, que fala com ela (...) mas que não lhe é nada (...) Isso incomoda-me!

[*Aqui dentro do lar, sente-se excluída de alguma forma*] Excluída não! Excluída, excluída, não! Só me sinto excluída quando não me deixam sair lá para fora! [Risos] É verdade! (...) os cuidados são tantos, para não me constipar (...) Eu disse à Irmã Florinda, “Oh senhora, olhe que galinha de campo não quer capoeira!”, e nós fomos sempre habituadas, estava chover não estava? A gente tinha aulas, “El-rei manda marchar, não manda chover!”

[*Sente que existem pessoas aqui dentro do lar, utentes ou profissionais, com quem pode falar ou desabafar*] (...) eu não sou muito de desabafar! Isso, não sou muito de desabafar, agora conversar, eu converso com quase toda a gente! Ai isso eu converso com quase toda a gente! Também, como é que lhe digo? É uma conversa que fica assim a um nível, muito parado...porque se eu conhecer bem as pessoas, depois até vou sendo capaz de falar, assim de uma maneira geral... sou capaz de falar absolutamente à vontade (...) Mas não deixo de falar com as pessoas, de facto depois a uma certa altura, começo a fazer as perguntas, mas as pessoas “Isso não é nada consigo! Não é nada consigo! Quando houver algumas novidades a gente diz!”, ‘tá a perceber? Porque a gente vinha habituada de um hospital em que chegávamos às enfermarias e a gente tinha que saber a vida quase deles e o que é que se passava a nível clínico... (...) No outro dia, houve aqui há tempos aí uma senhora, em que diziam assim “tinha um sinalzinho e afinal é um cancro!”, mas diziam “O problema dela não é esse, é muito mais grave que isso!”, e eu perguntei logo “Qual é o problema de saúde que ela tem?” (...) nós para resolver o problema daquela pessoa, tínhamos que saber qual era, a nível hospitalar, qual era o problema e quais eram as soluções médicas que eles apontavam... Desde falar com a família, e ver quais eram as melhores maneiras e as possibilidades que tinham, não é? Não estava nada habituada a dizerem “Você não tem nada com isso! A gente não diz!”, aqui, eu não tenho que resolver os problemas graves das pessoas, porque há a diretora, a enfermeira cá do lar e depois há todo o resto do pessoal, pessoal técnico que tem obrigações (...)

[*Quando sente ou precisa de desabafar, qualquer coisa mais pessoal, sente que tem aqui pessoas que a possam ouvir*] (...) a Irmã Marta, para certas coisas é capaz de ouvir e ajudar a resolver, mas (...) é preciso escolher as alturas e a Irmã Florinda também é pessoa para ajudar a resolver. Há algumas coisas, desde que não sejam assim muito complicadas, a gente vai ouvindo daqui e d’acoli, porque há muito pouca gente de bom senso... não é que não tenham bom senso,

mas que resolvam as coisas... há muito pouca gente! Pois, cada um tem a sua vivência e a gente sabe muito pouco umas das outras... a vida que tiveram... lá vão havendo umas ou outras que vão contando coisas (...) mas por exemplo falam muito pouco, muito pouco, muito pouco das coisas que acontecem...e há pessoas que falam demais (...)

[*Sente-se acompanhada*] Posso sentir e posso não sentir (...) depende das pessoas! (...) há pessoas que, enfim, para ter uma conversa e para estar aí bem disposta e não sei quê... Mas as pessoas ou se dão todas umas com as outras, ou não vale a pena ter grandes conversas! Não vale a pena ter grandes conversas, porque as pessoas andam todas à batatada...até à mesa isso se nota! (...) As pessoas são todas muito diplomáticas! E é giríssimo...eu, acho giríssimo as pessoas conversarem umas com as outras muito bem, e depois quando as pessoas não estão fazem os comentários! É das pessoas mais esquisitas cá da casa, a nível de comida, fala dos outros e ela é das pessoas mais... os comentários que depois fazem... Não vale a pena ter grandes conversas não é? A gente conversa, ouve, não repete! Porque põe aí as pessoas todas à zaragata!

[*Mas sente-se acompanhada*] (...) De uma maneira geral, também neste momento, não tenho grandes problemas! (...) só tenho problemas com a saída e tenho um problema que é não me deixarem ir para casa, mas eu também compreendo que (...) elas tenham medo, não é terem medo de que eu vá fazer alguma asneira ou que me vá atirar da janela abaixo, ou mais não sei quê, o que é, é.... Pois! Que piore a situação! Enquanto puder andar um bocadinho a pé e mexer-me, mas sou capaz de andar.... Por exemplo, a Irmã Marta e a Irmã Florinda, a Irmã Florinda é preciso..."Olhe, hoje não saia porque está muito frio!", por causa dos problemas de saúde! E a isso nunca fui habituada, nós lá em casa nunca fomos habituados assim a ter muito cuidado com as coisas! Mas, quando foi daquela ulcera, "Vê lá se tens juízo, se ficas em casa! Quem é que te trata? quem é que faz as ligaduras?", isso o meu pai a esse nível...E depois, está a correr tudo bem, não vale a pena! (...) cuidados demais, nunca tivemos de ter... A comida enfim...também já estou farta da comida, mas lá fora ainda era pior! Por exemplo, uma das coisas que eu acho graça, é que elas têm muito medo que eu vá a casa, esteja lá dois dias ou três, não faça refeições e não coma! (...) E às vezes não faço comida porque não estou para isso! O que é, é que a gente ali tem uma série de casas onde (...) pode ir buscar e resolve o problema e fica com comida em casa! Naquela zona só não come quem não quiser, porque há lá sítios onde a comida fica barata! Se a gente souber, for capaz de fazer uma sopa, ou ferver não sei quê, não se gasta muito dinheiro, e as pessoas também, o que fica caro é ter duas casas! Porque eu aqui já tenho tudo pago, e o que gasto em casa é tudo a dobrar! E às vezes tem de se fazer contas! Enfim, é das coisas que me chateia é ter de pagar, é não ter dinheiro suficiente para poder dar aos outros, para poder fazer isto, para poder fazer macacadas, para fazer...isso chateia-me! E chateia-me mais isso que outras coisas! (...) Tenho algum dinheiro, mas eu gostava de poder

chegar a certa altura, e dizer assim “Olha aquela instituição...”, dar mil euros, para a outra mil e quinhentos, para a outra dar não sei quanto! Estas coisas também não posso fazer, (...) não chega! As reformas, depois você vai ver quando se reformar, aaa, ou ter um pé-de-meia! Eu nunca fui capaz de fazer, a minha mãe dizia-me muita vez, eu vinha para Lisboa, e a minha mãe dizia-me, “Olha, levas isto assim assim”, na altura em que vínhamos a Lisboa, tínhamos que vir a Lisboa e depois voltar, a minha mãe dizia-me “Levas estas coisas e depois vais à rua dos retroseiros”, era a Rua da Conceição, a rua dos retroseiros, comprar botões, comprar fechos, os fechos não, mas por exemplo botões, carros de linha e não sei quê, e depois dizia-me assim “Olha são cinco botões deste tamanho e são dois mais pequeninos!”, para por exemplo pôr aqui assim como efeito, ou pôr no bolso e eu levava sete botões daqui, e levava logo quatro daqui que era quando caísse algum, já estava o suplente, e dizia a minha mãe “Lá vem a mulher das faturas!”, ‘tá a perceber? Porque depois a minha mãe, se caía um botão, de uma camisa, de uma blusa, de uma saia (...) “Pois, já está estragado, não tenho blusa!”, vai-se comprar outros botões que ficam muito mais caros! Eu levava para casa coisas, café e tudo e mais não sei quê e nunca lá ia pedir (...) ainda ontem estava a trabalhar, nunca estava pedir, a não ser que fosse coisas muito extraordinárias, nunca pedi!

[*Mas quando está dentro do lar, com pessoas à volta, sente que está acompanhada*] Às vezes estou! Porque às vezes há uma pessoa ou outra com quem se pode falar! Eu por exemplo há pouco, foi de manhã, quando entrei, fui-me meter com uma das senhoras que lá estava em cima e lá estive a brincar com ela! E ela ficou toda contente e digo eu assim, “Olha, esta já ficou hoje bem disposta!” (...) Há uma ou duas com quem a gente conversa e depois apareceram mais duas, uma vinha com uma revista ou com um jornal ou não sei quê, tivemos um bocadinho a conversar! Metade das coisas não ouvi, porque já não sei o que é que estava a fazer, e tinha coisas para fazer, e estava a fazer e estava entretida...estava acompanhada porque sabia que estavam ali pessoas que se eu quisesse, depois podia conversar com elas, ou se eu deixasse, elas conversavam comigo (...) Nisso sou capaz de me sentir com gente! (...) há sempre uma senhora que está ali sozinha, que se eu fosse para ao pé dela um bocadinho, ela era capaz de conversar e de se abrir e tudo, que é a D. Carminho, está sempre sozinha (...) mas se a gente for para lá e puxar pela conversa e puxar pela língua, ela também conversa! Portanto, é estar atenta também às outras pessoas que estão sozinhas, que gostam de falar, que gostam que as oiçam (...) portanto não há grandes problemas! É mais fácil ir aqui acima ao lar aqui em cima, do que ir lá para baixo para o Centro de Dia, porque estão sempre a fazer coisas que não interessam à maior parte das pessoas, mas também depois nesse aspeto, o nível de interesse é muito diferente, as necessidades das pessoas são muito diferentes, e elas não têm imaginação muitas vezes para fazer as coisas! Eu por exemplo ainda era capaz de me pôr, mas depois há trabalhos manuais que eu não sou capaz de fazer, eu não sou capaz de fazer uma linha reta! Faço uma linha torta!

Torta mesmo com régua! Fica assim, Fica assim... [Gesticula com as mãos] Eu para fazer uma linha reta, tenho aqui o cabeçalho, tenho que ir aqui, depois marcar! Eu não consigo fazer uma linha direita ou duas linhas paralelas! E por exemplo, a nível de trabalhos manuais, a nível de outros trabalhos não vale a pena a gente estar aí a fazer! Depois eu vou fazendo assim umas brincadeirinhas, umas toalhas, umas coisas (...) depois ficam cá, quem as quiser depois que fique com elas!

Pré-categorização da Entrevista nº 7

1. [*Quais foram os motivos que a trouxeram para o lar*] Porque, olhe...só tinha sobrinhos, os filhos não tenho, os filhos também às vezes dão um pontapé no traseiro quando recebem as heranças e acabou-se! E também não tinha gente, se me desse alguma coisa de ficar na cama, eu não tinha ninguém! Os meus irmãos também não estavam assim com grande vontade (...) qualquer dia estão eles todos num lar! Era para ter quem me tratasse...enfim! Se eu tivesse uma coisa para ficar na cama...nem tinha dinheiro para (...) estar em casa e ter pessoal de enfermagem e pessoal...não tinha dinheiro para isso! De maneira que o mais cómodo era isto!
2. [*A Decisão foi sua*] A decisão foi minha, embora um dos meus irmãos, ajudava a empurrar um bocadinho e queria que eu fosse para outro sítio que ele conhecia, porque havia lá pessoas conhecidas (...) E eu neguei-me! Ou vou para ali ou não vou para parte nenhuma! (...) Eu, coisas com gente conhecida, dá sempre asneira! De maneira que vim para aqui, até porque aqui eu conhecia as pessoas, mas quer dizer, eu quando vim para aqui (...) só vim encontrar duas pessoas conhecidas do tempo em que eu era estudante! (...) De maneira que foi por causa disso que eu vim para aqui! Mais por prever o futuro do que propriamente por uma questão de solidão! (...)
3. [*O que é que é para si a solidão*] Olhe, sabe que isso tudo é muito engraçado essa coisa da solidão...a solidão é tudo! Não é por estarmos acompanhados ou estarmos sozinhas que sentimos a solidão! Aí há imensas pessoas que são absolutamente solitárias! É uma questão de feitio das pessoas! (...) Eu no outro dia encontrei aqui uma pessoa, estive a falar com ela, e eu disse-lhe assim, “Mas ouça lá, precisa de alguma coisa minha?”, e ela diz-me assim, “Preciso que goste muito de mim!” (...) Há aí uma pessoa, que saio do quarto, ela vê-me porque tem o quarto do outro lado, eu passo pelo quarto dela e ela chama-me sempre, nem que seja só para lhe dar um Bom dia! (...) Portanto as pessoas sentem-se muitas vezes solitárias no meio de toda a gente! Depende do feitio das pessoas! Viverem em sociedade ou não viverem em sociedade (...) eu mesmo em casa conseguia estar sozinha no meio da família toda reunida, que eram 30 pessoas! Contanto com os avós, com este, com aquele, eu estava... eu consigo estar sozinha! (...)
4. [*Alguma vez se sentiu isolada ou só*] Até aqui me sinto muitas vezes isso! Falo com as pessoas mas estou absolutamente a léguas de distância...e umas das razões porque eu

saía um bocado era por causa dos Sábados e dos Domingos em que está tudo fechado! Eu não sou pessoa para ir para um café, já fui! Quando era rapariguinha nova ia para os cafés! Agora, eu ir para um café, passar uma tarde num café, dá-me a sensação de que estou á espera de algum homem para casar! [risos] É! É! Você observe as pessoas... é a coisa mais gira desta vida! (...)

5. (...) Agente às tantas farta-se dessa vida de café, e acha muito giro! (...) enquanto tive nos escuteiros, muitas vezes era num café que a gente resolvia, eu e mais duas pessoas ou assim, resolvíamos os problemas e fazíamos o programa das reuniões e tudo nos cafés! Aqueles cafés de bairro! E quando era aos sábados e aos Domingos absolutamente, porque cada um vai para a sua vida, têm os respetivos maridos e tudo e a gente sente-se a mais quando estão com os maridos! (...) eu normalmente ao Sábado e ao Domingo não ia para a casa de ninguém, a maior parte das vezes estava na minha casa! (...) Portanto (...) a gente chega a uma certa altura, então se está a chover e não posso sair e que não posso fazer não sei quê e não posso fazer não sei que mais, é de estostrar! (...)
6. [*Era quando estava em casa que sentia que não podia fazer nada aos Domingos e Sábados*] Não! Porque estava tudo fechado! (...) Eu cá, eu não sou pessoa, eu não conheço quase nenhuns centros comerciais (...) Eu não sou capaz de ir para um centro comercial ver montras (...) tudo o que é ver montras, tudo o que é ver essas coisas todas, além de ser caríssimo, além de serem caras, não me servem!! Não sou muito elegante! Portanto (...) roupas nem pensar nisso! E livros, a gente chega a uma certa altura também que os livros são um bocado pó caros! (...) nos escuteiros (...) era capaz de ir ver e procurar coisas (...) Quando deixei os escuteiros e deixei ter essas coisas (...)
7. (...) por exemplo (...) Prendas para os miúdos! Acabava muitas vezes por fazer isso, dar “X” (...) dava aos pais, e eles optavam ou por dar mesmo o dinheiro, ou por comprar uma coisa com o dinheiro todo junto! (...) davam o dinheiro para comprar as prendas (...) eu tenho uma sobrinha, que tem um piadão, damos os dinheiros aos pais, e depois por exemplo, levei um pacote de bombons, e a melhor prenda que ela teve foi aquele pacote de bombons! Mas também não se pode passar a vida toda a gastar um dinheirão (...) depois estava uma tia dela, que era minha sobrinha também, casou com um dos meus sobrinhos, “A Matilde recebeu agora a melhor prenda que podia ter!”, foi aquilo que eu dei (...) Nisto não me sinto sozinha, é uma opção, os pais e as coisas, às vezes preferem que a gente dê uma coisa pequenina, assim...(...)

8. [*Já se sentiu só*] Eu já vivi só! Já! (...) Até aqui, de vez em quando sinto-me absolutamente sozinha, porque eu também não sou pessoa muito para estar...meto-me aqui no quarto! Agora não, porque estava a descansar, mas até podem estar pessoas, absolutamente sozinha, absolutamente só... Sim porque eu também não sou muito pessoa de relações, de estar assim, eu vou para uma sala e não estou acompanhada! (...)
9. [*Sente-se mais só agora do que se sentia há uns anos atrás*] Não! Não, há uns anos atrás também tinha...mesmo com a família tinha muito...eu conseguia isolar-me de tudo (...) Eu conseguia sentir-me só e absolutamente isolada! Aliás, isso, tenho impressão que é um bocado genético, do meu pai, o meu se pudesse estar sempre num canto e não falar nisso, ele estava...(...) é mais ou menos a mesma coisa! Isso é mais ou menos a mesma coisa! (...)
10. [*Sabe lidar com a solidão*] Relativamente! Relativamente... porque eu quando começo a ver que é demais (...) eu consigo ultrapassar essa coisa da solidão, a fazer trabalhos! (...) se estiver a fazer aquela coisa, estou a fazer uma coisa para poder dar a alguém, para poder fazer isto, para poder fazer aquilo (...)
11. (...) ainda agora, uma das coisas que eu estive a fazer hoje (...) foi arranjar duas casas que, e ninguém percebeu, para medir o oxigénio no sangue, e encontrei duas casas, e não eram capazes de encontrar e fui eu que encontrei duas, para irem comprar esse aparelho! Não quer dizer que depois a gente diga “Olha valeu a pena! Sim senhora, há duas casas, vão comprar!” (...) sou capaz de me sentir absolutamente sozinha depois disso, não tenho mais nada para fazer, já está tudo feito! Não era o caso de hoje, já está feito, mas não era o caso de hoje, porque eu sabia que mais tarde ou mais cedo você aparecia! [sorriu] (...)
12. [*A sua vinda para o lar, fez com que se sentisse mais acompanhada*] Ouça, na medida de estarmos mais acompanhadas, não quer dizer que eu não tenha crises de solidão! Mas estamos mais acompanhadas (...) eu por exemplo se quiser sair, até porque tenho problemas respiratórios, quem faz a cama sempre sou eu (...) Mas chego ali á empregadas e digo, “Hoje vou sair!”, já me tem acontecido estar a começar a fazer a cama e a certa altura (...) chamar as pessoas e dizer “Vocês vão acabar de me fazer a cama porque eu vou descansar por causa da respiração!”, e elas sabem que, quando eu lhes peço para fazer, por exemplo, a cama, é porque estou absolutamente de rastos...

13. [*Dentro do lar sente necessidade de estar sozinha*] Ouça, sinto, eu sinto, sinto até porque, repare, às vezes há aí discussões e conversas, e eu vou-me embora porque as pessoas estão todas engalfinhadas, ainda no outro dia, aconteceu aí com a D. Esmeralda (...) aquela história do pescoço (...) acabei por dar descompostura a duas, há coisas que não se dizem... Ouve uma que ficou... “Está-me a chamar a atenção?”, e eu disse assim, “Olhe, esta senhora tem epilepsia, é preciso ter cuidado! E Ela quando tem epilepsia, isto pode ser um processo!” apareceu passado um bocado a Irmã Florinda, e mando-a deitar! E ela quando eu lhe disse da epilepsia, é preciso ter cuidado, ficou um bocado... (...) Opah! Mas a gente incomoda-se! E depois ainda à frente daquela gente toda (...)
14. (...) o meu irmão era médico, a minha irmã era médica (...) e eu também trabalhei durante trinta anos num hospital como assistente social, portanto, a gente acabava por fazer a mesma coisa! Mas isso não, por amor de Deus! (...)
15. (...) Eu não me importava nada de ir dar um passeio sozinha, só aqui nos hospitais! Eu tenho imensas saudades! Tenho muita pena de não poder ir a casa, mas agora com este frio a casa está fechada! Admito que digam “Você não vá porque...” (...) no outro dia, uma das ultimas vezes que lá fui, eram três horas da manhã, tive eu que chamar a ambulância para ir para o hospital porque já não conseguia respirar! (...) [*É complicado estar sozinha*] É complicado estar sozinha, portanto, percebo, mas... Aqui a gente sempre a hipótese de chamar alguém! Mas (...) é muito complicado!
16. [*Quais são os momentos em que se sente mais sozinha*] Olhe, quando há discussões e esse tipo de coisas...pois, não dá! Custa-me mais isso, do que por exemplo vir uma Irmã Florinda ou uma Irmã Marta, e descompor-me porque eu fiz isto, porque eu fiz aquilo, porque não fiz assim, porque não fiz assado, ou que me venha uma empregada chamar a atenção, “olhe, que aconteceu isto...”, porque às vezes chamam a atenção, o chamar a atenção, eu não ligo assim muito, mas então este tipo de coisas, as pessoas estar a ofender as outras, porque não querem ser incomodadas com a doença que os outros têm, confrontadas com elas, isso incomoda-me muito! (...)
17. (...) Incomoda-me, porque eu sei o que passei, quando tive aos onze, doze anos, se não fosse o meu pai, que enfim, apoiou-me muito, quando tive a psoríase! (...) Porque foi nos anos cinquenta, as pessoas estavam muito menos educadas a nível da psoríase, a psoríase vinha-me assim à testa, e as pessoas olhavam (...) no Verão, a gente tínhamos que atravessar o Terreiro do Passo, com o calor, eu ficava muito vermelha, e as pessoas

ficavam com medo e eu tinha absolutamente a sensação que estavam com medo que eu tivesse Lepra! Tá a perceber? (...)

18. [*São os momentos em que se sente mais só aqui dentro do lar*] (...) e não é contra mim, percebe? No dia em que for contra mim, levam duas parelhas, levam duas respostas tortas e acabou! (...) Se eu descomponho as pessoas, se as outras estão presentes, eu não posso fazer fitas! Posso fazer fitas, se falar baixo! “Vocês tenham cuidado porque isto não se pode fazer à frente, e não se pode dizer à frente de uma pessoa!”. Não se pode excluir, pôr uma pessoa sozinha ou então vai passar a vida na cama! Eu tive a explicar o que era o ataque epilético, porque isto nunca se sabe quando é que há um ataque epilético! Mas sobretudo, é quando é contra os outros... (...) fico muito magoada (...) Eu fico muito magoada! E depois digo eu assim “Esta gente não serve para conversas!” E no entanto, sou a rapariga mais extraordinária (...) eu sou quase o suprasumo, algumas, é claro que nem toda a gente gosta de mim! (...)
19. [*O que é que faz para fugir desse sentimento*] Ouça, também não tenho muito tempo...olhe, quando é à noite, adormeço num estante e nunca mais penso nisso! Também não deixo de dormir (...) começo a arrumar as coisas, a mexer nisto e não sei quê, agora tenho uma série de contas para fazer, porque tenho coisas para pagar e tenho (...) os trabalhos, aqueles trabalhos manuais... (...)
20. (...) pronto, muitas vezes vou até lá a cima [3º piso do Lar], e a gente sempre dá dois dedos de conversa, muda-se de ambiente do segundo para o terceiro, que são absolutamente diferentes (...) Ai isso são, até as pessoas, até as pessoas são absolutamente diferentes e estamos todas juntas! Não conheço todas lá de cima, nem conheço todas cá de baixo, embora lá em cima, não tenha confiança com toda a gente (...) faz-me muita impressão, isso é uma das coisas que me faz muita impressão... (...)
21. (...) há aí pessoas, a D. Nelinha (...) Há aí uma outra senhora que eu não sei como é que ela se chama, que tem óculos, é muito surda (...) elas estão sozinhas e elas sentem-no (...) uma delas, a Nelinha é que me disse uma vez “Mas precisa de alguma coisa?” “Preciso que goste de mim!” (...) Já cá estávamos as duas em baixo, ela esteve aqui a dormir e depois eu sentia-a “Ai, Ai”, e eu “Precisa de alguma coisa, o que é que tem? O que é que não sei quê...”, “eu sou a pessoa que dorme aqui no quarto consigo”, foi quando ela me disse... (...) Ou com a outra, nunca falei, mas também deve ser do mesmo género de pessoa, absolutamente sozinha! E então com esta ninguém fala! Porque a D. Nelinha, raramente tem visitas, às vezes tem, da filha, e aquela D. Rosa

nunca tem...vem aí uma senhora, que de boa vontade, que fala com ela (...) mas que não lhe é nada (...) Isso incomoda-me!

22. [*Aqui dentro do lar, sente-se excluída de alguma forma*] Excluída não! Excluída, excluída, não! (...) Só me sinto excluída quando não me deixam sair lá para fora! [Risos] É verdade! (...) os cuidados são tantos, para não me constipar (...) Eu disse à Irmã Florinda, “Oh senhora, olhe que galinha de campo não quer capoeira!”, e nós fomos sempre habituadas, estava chover não estava? A gente tinha aulas, “El-rei manda marchar, não manda chover!”(...)
23. [*Sente que existem pessoas aqui dentro do lar, utentes ou profissionais, com quem pode falar ou desabafar*] (...) eu não sou muito de desabafar! Isso, não sou muito de desabafar, agora conversar, eu converso com quase toda a gente! Ai isso eu converso com quase toda a gente! Também, como é que lhe digo? É uma conversa que fica assim a um nível, muito parado...porque se eu conhecer bem as pessoas, depois até vou sendo capaz de falar, assim de uma maneira geral... sou capaz de falar absolutamente à vontade (...) Mas não deixo de falar com as pessoas, de facto depois a uma certa altura, começo a fazer as perguntas, mas as pessoas “Isso não é nada consigo! Não é nada consigo! Quando houver algumas novidades a gente diz!”, ‘tá a perceber? (...)
24. (...) Porque a gente vinha habituada de um hospital em que chegávamos às enfermarias e a gente tinha que saber a vida quase deles e o que é que se passava a nível clínico...(...) No outro dia, houve aqui há tempos aí uma senhora, em que diziam assim “tinha um sinalzinho e afinal é um cancro!”, mas diziam “O problema dela não é esse, é muito mais grave que isso!”, e eu perguntei logo “Qual é o problema de saúde que ela tem?” (...)
25. (...) nós para resolver o problema daquela pessoa, tínhamos que saber qual era, a nível hospitalar, qual era o problema e quais eram as soluções médicas que eles apontavam... Desde falar com a família, e ver quais eram as melhores maneiras e as possibilidades que tinham, não é? Não estava nada habituada a dizerem “Você não tem nada com isso! A gente não diz!”, aqui, eu não tenho que resolver os problemas graves das pessoas, porque há a diretora, a enfermeira cá do lar e depois há todo o resto do pessoal, pessoal técnico que tem obrigações (...)
26. [*Quando sente ou precisa de desabafar, qualquer coisa mais pessoal, sente que tem aqui pessoas que a possam ouvir*] (...) a Irmã Marta, para certas coisas é capaz de ouvir

e ajudar a resolver, mas (...) é preciso escolher as alturas e a Irmã Florinda também é pessoa para ajudar a resolver. (...)

27. (...) Há algumas coisas, desde que não sejam assim muito complicadas, a gente vai ouvindo daqui e d'acoli, porque há muito pouca gente de bom senso... não é que não tenham bom senso, mas que resolvam as coisas... há muito pouca gente! Pois, cada um tem a sua vivência e a gente sabe muito pouco umas das outras... a vida que tiveram... lá vão havendo umas ou outras que vão contando coisas (...) mas por exemplo falam muito pouco, muito pouco, muito pouco das coisas que acontecem...e há pessoas que falam demais (...)
28. [*Sente-se acompanhada*] Posso sentir e posso não sentir (...) depende das pessoas! (...) há pessoas que, enfim, para ter uma conversa e para estar aí bem disposta e não sei quê... Mas as pessoas ou se dão todas umas com as outras, ou não vale a pena ter grandes conversas! Não vale a pena ter grandes conversas, porque as pessoas andam todas à batatada...até à mesa isso se nota! (...) As pessoas são todas muito diplomáticas! E é giríssimo...eu, acho giríssimo as pessoas conversarem umas com as outras muito bem, e depois quando as pessoas não estão fazem os comentários! (...)
29. (...) É das pessoas mais esquisitas cá da casa, a nível de comida, fala dos outros e ela é das pessoas mais... os comentários que depois fazem... Não vale a pena ter grandes conversas não é? A gente conversa, ouve, não repete! Porque põe aí as pessoas todas à zaragata! (...)
30. [*Mas sente-se acompanhada*] (...) De uma maneira geral, também neste momento, não tenho grandes problemas! (...) só tenho problemas com a saída e tenho um problema que é não me deixarem ir para casa, mas eu também compreendo que (...) elas tenham medo, não é terem medo de que eu vá fazer alguma asneira ou que me vá atirar da janela abaixo, ou mais não sei quê, o que é, é.... Pois! Que piore a situação! Enquanto puder andar um bocadinho a pé e mexer-me, mas sou capaz de andar...(..)
31. (...) Por exemplo, a Irmã Marta e a Irmã Florinda, a Irmã Florinda é preciso...”Olhe, hoje não saia porque está muito frio!”, por causa dos problemas de saúde! E a isso nunca fui habituada, nós lá em casa nunca fomos habituados assim a ter muito cuidado com as coisas! Mas, quando foi daquela ulcera, “Vê lá se tens juízo, se ficas em casa! Quem é que te trata? quem é que faz as ligaduras?”, isso o meu pai a esse nível...E

depois, está a correr tudo bem, não vale a pena! (...) cuidados demais, nunca tivemos de ter... (...)

32. (...) A comida enfim...também já estou farta da comida, mas lá fora ainda era pior! (...)

33. (...) Por exemplo, uma das coisas que eu acho graça, é que elas têm muito medo que eu vá a casa, esteja lá dois dias ou três, não faça refeições e não coma! (...) E às vezes não faço comida porque não estou para isso! O que é, é que a gente ali tem uma série de casas onde (...) pode ir buscar e resolve o problema e fica com comida em casa! Naquela zona só não come quem não quiser, porque há lá sítios onde a comida fica barata! Se a gente souber, for capaz de fazer uma sopa, ou ferver não sei quê, não se gasta muito dinheiro, e as pessoas também, o que fica caro é ter duas casas! Porque eu aqui já tenho tudo pago, e o que gasto em casa é tudo a dobrar! E às vezes tem de se fazer contas! Enfim, é das coisas que me chateia é ter de pagar, é não ter dinheiro suficiente para poder dar aos outros, para poder fazer isto, para poder fazer macacadas, para fazer...isso chateia-me! E chateia-me mais isso que outras coisas! (...)

34. (...) Tenho algum dinheiro, mas eu gostava de poder chegar a certa altura, e dizer assim “Olha aquela instituição...”, dar mil euros, para a outra mil e quinhentos, para a outra dar não sei quanto! Estas coisas também não posso fazer, (...) não chega! As reformas, depois você vai ver quando se reformar, ou ter um pé-de-meia! (...)

35. (...) Eu nunca fui capaz de fazer, a minha mãe dizia-me muita vez, eu vinha para Lisboa, e a minha mãe dizia-me, “Olha, levas isto assim, assim”, na altura em que vínhamos a Lisboa, tínhamos que vir a Lisboa e depois voltar, a minha mãe dizia-me “Levas estas coisas e depois vais à rua dos retroseiros”, era a Rua da Conceição, a rua dos retroseiros, comprar botões, comprar fechos, os fechos não, mas por exemplo botões, carros de linha e não sei quê, e depois dizia-me assim “Olha são cinco botões deste tamanho e são dois mais pequeninos!”, para por exemplo pôr aqui assim como efeito, ou pôr no bolso e eu levava sete botões daqui, e levava logo quatro daqui que era quando caísse algum, já estava o suplente, e dizia a minha mãe “Lá vem a mulher das faturas!”, ‘tá a perceber? Porque depois a minha mãe, se caía um botão, de uma camisa, de uma blusa, de uma saia (...) “Pois, já está estragado, não tenho blusa!”, vai-se comprar outros botões que ficam muito mais caros! Eu levava para casa coisas, café e tudo e mais não sei quê e nunca lá ia pedir (...) ainda ontem estava a trabalhar, nunca estava pedir, a não ser que fosse coisas muito extraordinárias, nunca pedi! (...)

36. *[Mas quando está dentro do lar, com pessoas à volta, sente que está acompanhada]* Às vezes estou! Porque às vezes há uma pessoa ou outra com quem se pode falar! Eu por exemplo há pouco, foi de manhã, quando entrei, fui-me meter com uma das senhoras que lá estava em cima e lá estive a brincar com ela! E ela ficou toda contente e digo eu assim, “Olha, esta já ficou hoje bem-disposta!” (...) Há uma ou duas com quem a gente conversa e depois apareceram mais duas, uma vinha com uma revista ou com um jornal ou não sei quê, tivemos um bocadinho a conversar! Metade das coisas não ouvi, porque já não sei o que é que estava a fazer, e tinha coisas para fazer, e estava a fazer e estava entretida...estava acompanhada porque sabia que estavam ali pessoas que se eu quisesse, depois podia conversar com elas, ou se eu deixasse, elas conversavam comigo (...) Nisso sou capaz de me sentir com gente! (...)
37. (...) há sempre uma senhora que está ali sozinha, que se eu fosse para ao pé dela um bocadinho, ela era capaz de conversar e de se abrir e tudo, que é a D. Carminho, está sempre sozinha (...) mas se a gente for para lá e puxar pela conversa e puxar pela língua, ela também conversa! Portanto, é estar atenta também às outras pessoas que estão sozinhas, que gostam de falar, que gostam que as oiçam (...) portanto não há grandes problemas! (...)
38. (...) É mais fácil ir aqui acima ao lar aqui em cima, do que ir lá para baixo para o Centro de Dia, porque estão sempre a fazer coisas que não interessam à maior parte das pessoas, mas também depois nesse aspeto, o nível de interesse é muito diferente, as necessidades das pessoas são muito diferentes, e elas não têm imaginação muitas vezes para fazer as coisas! Eu por exemplo ainda era capaz de me pôr, mas depois há trabalhos manuais que eu não sou capaz de fazer, eu não sou capaz de fazer uma linha reta! Faço uma linha torta! Torta mesmo com régua! Fica assim, Fica assim... [Gesticula com as mãos] Eu para fazer uma linha reta, tenho aqui o cabeçalho, tenho que ir aqui, depois marcar! Eu não consigo fazer uma linha direita ou duas linhas paralelas! (...)
39. (...) E por exemplo, a nível de trabalhos manuais, a nível de outros trabalhos não vale a pena a gente estar aí a fazer! Depois eu vou fazendo assim umas brincadeirinhas, umas toalhas, umas coisas (...) depois ficam cá, quem as quiser depois que fique com elas!

ENTREVISTA N°8

Transcrição da Entrevista nº 8
Duração: 34' 39''

E: D. Ivete, estou a fazer o Mestrado em Serviço Social, na vertente de acompanhamento e inserção social, e o meu objeto de estudo é perceber, o que é a sensação de Solidão, como é que se vive a sensação de solidão dentro da instituição... e: a solidão, é triste, porque se lida só com doentes, eu sou doente, mas graças a Deus ainda tenho cabeça, ainda tenho ouvido, já não tenho o ouvido apurado, apurado, mas ainda tenho ouvido e tenho ainda cabeça e custa-me muito estar no meio da solidão, custa, mas tenho de estar, porque eu sozinha em casa já não podia... já não podia estar, por isso eu vim para aqui....a solidão é muito triste... **E: A primeira pergunta que eu lhe queria fazer, antes de mais, à D. Ivete era, quais foram os motivos que a trouxeram para o lar? Foi o facto de estar...** e: Eu vou contar à menina, tudo tal e qual como é que eu vim para aqui... Ora...estou aqui há três anos, eu estava há doze, por isso vá lá, que sejam quinze anos, quinze, quinze ou dezasseis, eu vim visitar aqui, uma senhora que já tinha cem anos, e eu...tinha falecido o meu marido, ora o meu marido faleceu há 18 anos... fez 18 anos no dia 25 de Janeiro, eee, eu vim visitar uma senhora que já tinha cem anos e depois, vim mais outra, a D. Dália, aquela forte, viemos as duas, e depois...eu vinha toda de preto, não é? E depois conversa para aqui, conversa para ali, e onde a Dra. Maria Seabra ia a entrar, já morreu a Dra. Maria Seabra, já morreu, ia a entrar e ouviu a minha conversa, eu dizer “Ah, é muito triste, agora fiquei sem o meu marido, agora estou sozinha.” Assim, essas conversas que se dizem, “Tenho muita família mas está toda espalhada”, essas conversas...e ela disse-me assim “Depois há-de ir ter comigo!” e eu, quando acabasse a visita, e eu fui ter com ela e ela disse-me assim “Ah, eu ouvi esta conversa assim, assim...porque é que não se inscreve?” disse ela, “Não sabe o dia de amanhã!” e eu disse, “Ah Sra. Dra., então obrigada! Então a Sra. Dra.”...tal é, tenho tudo gravado...”A Sra. Dra. podia-me explicar o que é preciso fazer?” diz ela assim, “olhe, uma fotografia actual...” e lá me esteve a dizer o que era preciso trazer e depois “Liga para cá, e eu marco, marca-se o dia e vêm cá e falem comigo, para a inscrever” e vim, mais a D. Dália, viemos a pé, ainda havia ali uma entrada, agora já fecharam essa entrada e viemos a pé, era perto e tínhamos, nesse tempo tínhamos ainda boa perna, tanto eu como ela, e inscreveu-me a mim e à D. Dália, “E agora aguardem!”...Eh, ía passando um ano, dois anos, três anos, quatro anos, cinco anos, seis anos, ao fim de doze anos, doze anos, mais ou menos doze anos, recebo uma carta, chega uma carta a perguntar se eu ainda estava interessada em vir para aqui e eu não sabia o que é que havia de fazer... se havia de dizer, se responder sim ou não, não sabia...pensei, tornei a pensar, tornei a pensar e eu frequentava o Centro Paroquial de São João de Brito, e dava-me muito bem com a Dra., tem ouvido falar na Dra. Sílvia, ela agora já lá não está, nem ela nem o Padre Loureiro, já foram embora e eu digo assim “Vou tomar um conselho com a Dra. Sílvia ” Eu! A pensar para mim sozinha! Cheguei lá, como era costume,

que eu passava lá as tardes, e está lá sempre o Sr. Luís Filipe, também ouviu falar nele? **E: Não..** e: ele é que atendia as pessoas, eu disse logo “Eu queria falar com a Dra. Sílvia!” Logo, diz ele assim “Então olhe, quando ela chegar, eu chamo-a!” Bem...quando ela chegou, ele chamou-me e eu fui lá acima, e disse “Oh Sra. Dra., desculpe, vir incomodá-la, mas recebi esta carta...” e depois tive-lhe a contar, passou-se isto, isto, e isto, contei-lhe tudo! O que contei à menina, e diz-me ela assim, “Eu não sei agora o que é que hei-de fazer!” e diz-me ela assim “Responda! Porque a D. Ivete é uma pessoa muito doente”, eu tinha lá estado, ainda há pouco tempo, um mês internada, porque tenho têm andares, sabe onde é o Tico Tico? **E: Não...** e: É ao pé da igreja, bem...têm lá, mas é muito caro, eu tinha lá estado, que eu estive muito mal, tive no Hospital e depois do Hospital levaram-me para lá... Ela foi muito boa para mim, mandou-me irem-me buscar a casa, mandou lá o chofer, uma empregada e trazer roupas e coisas que era preciso, tive lá um mês... “A D. Ivete, volta meia volta tem que ir parar ao Hospital, é muito doente, sendo a D. Ivete, responda, diga que sim! ”, a Dra. Silvia... eu ao outro dia, nesse dia já não que era tarde, ao outro dia peguei no telefone e telefonei e disse que tinha recebido uma carta, assim, assim e que estava interessada e então de cá disseram-me “Então, nós depois comunicamos para aí o dia que há-de vir cá falar com a Sra. Dra.” pronto... depois telefonaram-me um dia ou dois, eu isso já não posso, já na me recordo, ou três, não sei, para falar com ela, inscreveram-me, inscreveram-me, fiquei inscrita! Doze anos, doze anos e tal... e em conversa com a D. Dália às vezes dizia-mos assim “oh...nunca chamam, toda a gente, toda a gente diz que aquele lar que é uma agulha no palheiro! ” Era assim, tal e qual... diz ela assim “Pois...também é o que eu oiço!” e eu digo assim “olhe, há-de ser o que Deus quiser!” dizia eu “Há-de ser o que Deus quiser!” para algum lado hei-de ir, dizia eu, “Para algum lado hei-de ir quando já tudo não puder”, “Para algum lado hei-de ir”, dizia eu... “Para ao pé da minha irmã não posso ir, tomara ela...” eu assim em conversa, como às vezes também digo, “Tomara ela quem tratasse dela quanto mais ela tratar-me a mim!” Pronto...passado uns dias, uns meses, não sei já quanto tempo, isso já não me lembra, chamaram-me... telefonaram, que viesse cá, que queriam falar comigo foi...não me recordo, de foi a Dra. Clarisse, isso não me lembra, ou se foi a Dra. Camila que me atendeu, e foi ver o meu processo, se era verdade...foram ver e então viram, o que eu tinha dito, que era tudo verdade e então tiraram a fotografia com muito jeitinho, para aproveitar e fizeram nova inscrição, e depois disse: “Olhe, agora aguarda que dá-lhe para um ano, guarde-a bem, guarde-a por um ano” e eu respondi assim, com estas palavras “Daqui para um ano já onde é que eu estou?” tal e qual assim... nem me lembro se foi a Dra. Clarisse, se foi a Dra. Camila, “Daqui por um ano onde é que eu já estou?” pronto...e ela até fez assim um sorriso como quem diz “o que é que ela está a dizer? Quer dizer que pensa que vai morrer breve, naturalmente!” Pronto...eu aguardei, passado um mês, não sei quantos que não me lembra, porque não vou estar a mentir, se foram dois, se foram três, se foram quatro, tanto para mim como para a D. Dália, foi igual... É que telefonaram que viesse cá, que queriam falar

comigo, e então disse que havia uma vaga, duas vagas que era uma para mim e outra para ela, se eu gostava da ideia e eu disse que sim, pronto... foi assim! Que aguardasse, depois telefonaram-me, a dizer que arranjasse as minhas coisas, que tinha uma vaga para mim... mas que ainda não tinham o número, não sabiam o número, não me lembra se foi a Dra. Clarisse se foi a Dra. Camila, foi uma delas... e eu aguardei que me dessem o número, que me fossem marcando a roupa interior, e disseram-me o que era preciso trazer, e pronto...foi assim... **E: Então a decisão foi sua de vir para o lar!** e: Foi! Pois, que não tenho cá família nenhuma, a decisão foi minha, foi minha, ninguém me obrigou a vir! Nem eu disse nada á família nem nada, que estava a tratar disso, que vinha, nada... E então, a minha família que tenho no Brasil, quando o meu marido faleceu, queriam que eu fosse com eles, que eles volta, meia volta vinham cá, ainda cá estiveram há tempos, eu não sei se soube... E eu disse, não, não vou! Não vou, porque não quero desprezar o Martim, [chora] é o meu marido, no cemitério, sem ir lá...eu ía lá quase todos os dias, nós eramos muito amigos! “Podias ir, e mais isto e mais aquilo, arranjavas as coisas e ías!”, depois quando vieram cá passados, parece que foi uns três anos, ao fim de três anos “E agora não queres ir ainda?”, digo eu assim “Oh, então agora vou e fica cá a Telminha sozinha?” que é a que está doente...**E: A sua irmã...** e: Ela coitadinha não pode lá estar, que o médico já disse, só de visita, “Não, não vou, eu fico por cá!” pronto...e agora dizem-me “Nós não te dizíamos para vires? Não querias... agora olha, aguenta!” foi tal e qual assim... A minha irmã já foi duas vezes ao Brasil, mas estive lá três meses de uma vez, e da segunda vez só pode estar um mês, que o médico disse que não podia ir lá, diz porque aquilo, nós quando o calor é húmido... ela coitadinha foi anteontem, telefonou-me muito contente! Nunca vi a minha irmã assim tão contente! A dizer que tinha ido a Coimbra, fazer os exames todos e que estava tudo muito bem! E ela estava muito contente! Logo a seguir, tive um telefonema do meu irmão, muito contente, “Olha, é para te dizer que já saí do Hospital, já estou em casa, já estou melhor!” Eles não se esquecem de mim! “Nós só te queríamos ao pé de nós” **E: Agora a D. Ivete está cá...** e: Agora estou cá, agora não pode ser nada... pronto... Então eu vim para cá e pronto... e cá estou... Mas é muito triste! Deixar a minha casinha! Mas não tinha luxos, mas tinha uma casa que se podia ver, não me faltava nada, tinha tudo! Eu tinha tudo sempre um brinquinho! Nós tínhamos um restaurante... mas depois o meu marido começou a andar doente, e eu mais doente estive, que estive internada e o meu marido não sabia o que é que havia de fazer à vida dele, ele tinha uma filha e disse que entregassem o restaurante, e ela respondeu-lhe que não lhe interessava aquilo para nada, que vivia bem e o meu marido entregou a uma agência, deram-lhe o que quiseram, ele já não estava muito bem da cabeça, o que lhe quiseram dar, deram-lhe... Mas para nós, graças a Deus, nada, económico, nada...nunca soube o que foi uma falta, nem em casa dos meus pais, nem na minha! Sempre tive aquilo que eu necessitava... tanto vestir, como calçar como na alimentação, nunca soube o que foi uma falta... Deus levou-o, mas passei muito, porque avariou da cabeça, andava de noite, tinha que andar à procura dele de noite, e ía com o

chinelo calçado muitas meias, umas por cima das outras e pijama, conforme calhava... e em casa, abria-me as gavetas, deitava-me tudo para o chão, a roupa, a casa de banho, para ele não era preciso...era o quarto... abria a gaveta da mesinha de cabeceira, era para lá que urinava, depois disseram-me assim, “compre um baldinho daqueles pequeninos da praia, a ver se ele se habitua a fazer xixi!” O cócó não, isso era na casa de banho, mas era no bidé, não era na sanita! E comprei-lhe um baldinho, nada! Depois comprei-lhe um bacio de bebé, nada! E então ao meu lado vivia um senhor que era inspetor bancário, e recebia o Público, sabe o que era o jornal Público? Que tem as folhas muito grandes, e então guardava-me sempre, para eu pôr, punha o plástico do lado dele, e punha aquelas folhas por cima e todos os dias, mudava... Porque ele fazia o xixi, era no chão que fazia... Passei muito, até que um dia eu tinha que ir fazer as compras enquanto ele estava a dormir um bocadinho e quando eu vinha com as compras encontrei uma senhora que tem uma casa de bicicletas, há lá duas, conhece a Rua do Rio de Janeiro? É a do lado direito, “Isto vai acabar hoje!”, porque encontrou-me encostada ao pé do muro, ao pé do Lidl, e disse “Tem que acabar!” E então ela, mais a minha vizinha, a mulher que era do, do banco, foram as duas à procura de um lar, e foram à avenida do aeroporto e encontraram lar lá, havia uma vaga, é um prédio, é uma vivenda muito grande cor-de-rosa que há lá, a última do lado direito e então tive lá o meu marido seis meses internado, mas pagava muito...Mas olhe, o dinheiro estava fugir cada vez mais... **E: Ele faleceu lá?** e: Não, espere, já lhe conto... E depois começou a dar em bater nas empregadas... começou a dar em bater nas empregadas, então chamaram-me e disseram-me que ele tinha de se ir embora! Ele não me conhecia, eu chegava lá ao pé dele, era como abrir e apagar uma luz! Ele sempre gostou de me ver bem arranjada, gostava que eu andasse sempre bem arranjadinha, nada espampanante, umas coisinhas simples, sempre bem arranjada. E então disse-me assim um dia “Vem sempre com a mesma roupa!”, quer dizer, conheceu-me! E depois eu não sabia onde é que havia de pôr o meu marido, depois de repente lembrou-me que eu conhecia o enfermeiro ali do Júlio de Matos, e a mulher também a conhecia, era paraquedista, era tenente, paraquedista, instrumentista. Instrumentista, é, ajudava nas operações...e ela era paraquedista, mas já não fazia paraquedismo porque deu cabo de um pé a saltar. Morava lá perto, ainda me lembro quando eles andavam a namorar, cheguei lá estavam os filhos, já tinha dois miúdos, “Olha, eu queria falar com o teu pai ou com a tua mãe!”, e ele era enfermeiro ali no Júlio de Matos, era chefe e tinha um lar em Alenquer, não era bem no centro, chamam a Pucariça...tem ouvido falar? **E: Não...** e: Pois, cheguei lá e disse, “Olha, queria falar com a tua mãe ou com o teu pai!”, “Olhe, não está a minha mãe nem está o meu pai, mas quando eles vierem eu digo-lhe que esteve cá”, então passado um bocado, apareceu-me lá ele, eu assim que o vi comecei a chorar, digo-lhe “Oh Vitor, não querem o Martim no lar, diz que bate!”, “Mas para que é que está a chorar, porque é que não se lembrou de mim? Porque é que não o pôs logo lá?”, digo eu assim “É muito longe!”, “Mas de longe se fazia perto!”, começou a dizer, nisto entrou ela, Maria de Lurdes, “Oh D.

Ivete, porque é que está a chorar? Não chore! Tudo se vai arranjar de bem!”, e então arranjaram lá uma vaga no lar deles! Mas era muito longe!, “Mas amanhã a tantas horas esteja pronta, e vamos lá ao lar busca-lo, mas tem de ir ao médico primeiro!”, então fomos ao médico primeiro, para se responsabilizar, que ela não queria que ele fosse para lá sem saber as doenças que ele tinha e o que não tinha, não é? E depois teve lá um mês... Um dia, encontrei uma senhora, também do Centro Social que é a D. Maria de Lurdes, e diz-me ela assim “D. Ivete, está muito mais Magra! E Eu não tenho visto o seu marido consigo!” digo eu assim, “Oh Sra. Dra. o meu marido está internado!”, depois contei-lhe tudo, tal e qual o que estou a contar à menina! E diz ela assim, “Porque é que não falou comigo? Tanto dinheiro que tem andando a gastar! Eu tinha-lhe arranjado e pagava só sobre a reforma!”, disse-me ela e ela foi e tratou logo de me arranjar...no dia que era para entrar, o meu marido faleceu... Dra. Marida de Lurdes...**E: No dia que era para a D. Ivete entrar nesse lar?** e: Não...para o meu marido, vir para este lar... para pagar só a reforma...que ele estava a pagar muito, era particular, pagava muito... e ela disse “Porque é que não me disse?”, “Oh Sra. Dra. olhe...não calhou, andava sempre à pressa”, pronto...e eu gastei muito, muito, muito com ele... Depois tinha que poupar não é? Depois fazia as coisas sem poder, porque elas levam muito caro e depois olhe...esforçava-me demais, não devia, dava-me crises, tive uma quantidade de enfartes... lá ía eu para o Santa Maria, foi a minha vida, foi assim...Até que vim para aqui... cheguei aqui, passado pouco tempo, quase um, meses... comecei a deixar de comer, eu não comia, comia pouco... Não era que não tivesse, não me apetecia! E apanhei uma grande anemia, uma anemia muito grande, fui internada e levei oito litros, quatro litros de sangue a primeira vez, e depois vim, o médico mandou-me fazer análises urgentes, tive que tornar a ser internada e levei mais oito litros de sangue, que estava com uma anemia muito grande, porque não me apetecia comer e eu às escondidas, chorava, chorava, chorava, chorava... por ter este ambiente! Acredite em tudo o que eu lhe disse...é tal e qual assim...mais dia menos dia, foi assim... **E: D. Ivete, queria definisse, ou que me dissesse o que é que é para si a solidão... como definiria solidão?** e: A solidão é uma pessoa estar só! Só, e não ter ninguém de roda dela, a solidão...que se diz, “Ai, está na solidão! Está sozinha, está na solidão!”, mas aqui também acho que é uma solidão, porque só se lida com pessoas doentes! Porque não têm cabeça, dizem coisas que até amanhã também me pode acontecer, ou até já hoje me pode acontecer a mim! Agora sei o que digo e o que faço, mas amanhã, posso já não saber! Não é assim menina? É uma solidão muito grande, não há como uma pessoa ter uma conversa, conversar, não há, é muito triste...**E: Então para si a solidão é um sentimento bom ou um sentimento mau?** e: A solidão é triste! Muito triste! **E: A D. Ivete, alguma vez aqui, já se sentiu só ou isolada?** e: Sinto! Muita vez... Sinto-me só, porque a família está longe, o que vale é que eles são muito meus amigos e telefonam-me muita vez... telefonam-me muita vez! Gastam muito dinheiro nos telefonemas... **E: A D. Ivete, sente-se mais só agora do que se sentia há uns anos atrás?** e: quando eu estava na minha casa, sozinha?! Estive dezasseis anos

sozinha! Dezasseis anos! **E: Mas sente-se mais só agora do que....** e: Sinto-me mais triste, mais só agora! Sabe, porque eu na minha casa fazia eu as coisinhas, ía comprar as minhas coisinhas, fazia, encontrava uma pessoa conhecida, encontrava outra, encontrava outra, vinha o Sábado, que era o bilhete mais económico não sei se sabe, que havia um passe de Sábados, Domingos e Feriados, eu ía com duas senhoras, íamos passear, sempre, dar a nossa voltinha e aqui estou isolada...**E: A D. Ivete sabe lidar com este sentimento?** e: Sei! Tenho que...Guardo-a para mim! **E: Como é que a D. Ivete faz?** e: Rezo, peço a Nossa Senhora que me dê coragem para eu poder aguentar e que Deus me leve antes de perder o juízo... que Deus me leve antes de perder o juízo! **E: A sua vinda para o lar, fez com que se sentisse mais só ou com que se sentisse mais acompanhada?** e: Senti-me mais só... senti-me mais só, como eu lhe estou a dizer, vi só doentes! Da cabeça! Senti-me mais só! **E: Mesmo quando a D. Ivete está com pessoas, sente a necessidade de estar sozinha?** e: Às vezes apetece-me ir para um sítio sozinha que ninguém me visse! E falar sozinha, desabafar à minha vontade...**E: Quais são os momentos em que a D. Ivete se sente mais só?** e: Por exemplo quando alguém faz anos, ou o meu pai, ou a minha mãe, ou as minhas irmãs...é quando eu me sinto pior... **E: Porquê?** e: Porque tinha uma palavrinha de carinho, e aqui não tenho! **E: A D. Ivete quando se sente sozinha, o que é que faz para desse sentimento?** e: Eu rezo! Rezo Sozinha! **E: Não procura estar com outras pessoas?** e: Não, não! Rezo! **E: A D. Ivete aqui dentro so lar, sente-se excluída de alguma forma?** e: Não percebi o que disse... **E: A D. Ivete aqui dentro so lar, sente-se excluída de alguma forma?** e: Quer dizer, por alguma empregada? **E: Ou por alguma empregada, ou por alguma utente, ou por algum profissional, sente-se excluída por alguém?** e: Não, não, não...**E: E sente que existem pessoas aqui dentro do lar com quem a D. Ivete pode falar ou desabafar?** e: Não, eu não desabafo... Eu dou-me muito com a D. Marina, sabe quem é? Ela é uma pessoa, vou ser sincera, é boa pessoa mas não é uma pessoa para se conversar com ela...compreendeu? Não é pessoa para ter um desabafo, e dizer “É muito triste estar aqui fora da minha casa, não ter os meus irmãos, não ter os meus pais...”, quer dizer, não é pessoa para acatar...Não é pessoa para acatar! **E: E aqui dentro a D. Ivete não tem nenhum profissional com quem possa falar a Dra. Camila, a Dra. Clarisse?** e: A Dra.Camila já me tem dito “Venha ter comigo! Quando estiver muito aborrecida, venha ter comigo!” Mas eu não quero incomodar...É como eu lhe digo, a D. Marina não tenho nada que dizer dela, dou-me bem com ela, ela dá-se comigo, mas não é pessoa para conversas, não é pessoa para... **E: é a pessoa mais próxima aqui dentro da D. Ivete?** e: É! Damo-nos bem! Mas não é pessoa para conversas...Não... **E: A última pergunta que lhe quero fazer D. Ivete, mesmo estando aqui no lar com pessoas à sua volta, sente-se acompanhada?** e: Eu não tenho que dizer das Irmãs, nenhuma, tratam-me bem, não tenho que dizer, a Irmã Marta não tenho nada que dizer dela, a Irmã Florinda, Não tenho nada que dizer dela, e da Irmã Carla, então nem se fala! Ela era tão minha amiga! Tenho saudades dela... a irmã Carla era muito boa!

Muito boa, muito boa... **E: Conversava com ela?** e: Muito! Gostava muito dela! **E: A pergunta que lhe estava a tentar fazer à D. Ivete, é se mesmo com pessoas à sua volta, se se sente acompanhada...** e: Eu sentir-me acompanhada? Não! Sinto-me só... **E: Mesmo com pessoas à volta?** e: Sim! Todas doentes, todas doentes... **E: e mesmo as que não estão doentes, a D. Ivete sente que não...** e: Eu quando venho lá de baixo, às sete horas, ou seis, ou que é, preparo-me, vou lavar os dentes, vou-me lavar, vou tratar de mim e meto-me na cama, deitada, não vou lá para a sala mais, chega bem estar ali todo o dia a ouvir, quanto mais ainda à noite...vou-me embora! **E: À noite é quando...** e: Convidam-me pessoas amigas, “Vai lá passar o dia comigo!”, mas eu não vou, não vou, não vou! **E: Pessoas amigas fora do lar?** e: Sim, mas eu não quero ir! **E: Porquê?** e: Porque não me apetece! Não me apetece... ‘tou-lhe a dizer aquilo que sinto! ‘tá a perceber? Já compreendeu agora não já? Estou-lhe a dizer aquilo que sinto... Quando cá vêm, falo com elas e tudo, mas não desabafo nada, passe o que se passar, não sai nada cá de dentro! Que estou muito bem, que estou e tal, pronto...é assim que eu faço! Eu não tenho nada que dizer das Irmãs! Nada...Isto para mim o Mundo, já acabou!

1º Tratamento da Entrevista nº 8

[*O que é a sensação de Solidão*] a solidão, é triste, porque se lida só com doentes, eu sou doente, mas graças a Deus ainda tenho cabeça, ainda tenho ouvido, já não tenho o ouvido apurado, apurado, mas ainda tenho ouvido e tenho ainda cabeça e custa-me muito estar no meio da solidão, custa, mas tenho de estar, porque eu sozinha em casa já não podia... já não podia estar, por isso eu vim para aqui....a solidão é muito triste...

[*Quais foram os motivos que a trouxeram para o lar*] (...) estou aqui há três anos, eu estava há doze, por isso vá lá, que sejam quinze anos, quinze, quinze ou dezasseis, eu vim visitar aqui, uma senhora que já tinha cem anos (...) tinha falecido o meu marido, ora o meu marido faleceu (...) fez 18 anos no dia 25 de Janeiro (...) eu vim visitar uma senhora que já tinha cem anos e depois, vim mais outra, a D. Dália, aquela forte, viemos as duas, e depois...eu vinha toda de preto, não é? E depois conversa para aqui, conversa para ali (...) a Dra. Maria Seabra ia a entrar (...) e ouviu a minha conversa, eu dizer “Ah, é muito triste, agora fiquei sem o meu marido, agora estou sozinha.” Assim, essas conversas que se dizem, “Tenho muita família mas está toda espalhada” (...) e ela disse-me assim “Depois há-de ir ter comigo!” (...) e eu fui ter com ela e ela disse-me assim “Ah, eu ouvi esta conversa assim, assim...porque é que não se inscreve?” disse ela, “Não sabe o dia de amanhã!” e eu disse, “Ah Sra. Dra., então obrigada! Então a Sra. Dra. (...) podia-me explicar o que é preciso fazer?” diz ela assim, “olhe, uma fotografia atual...” e lá me esteve a dizer o que era preciso trazer e depois “Liga para cá, e eu marco, marca-se o dia e vêm cá e falem comigo, para a inscrever” e vim, mais a D. Dália, viemos a pé (...) era perto e tínhamos, nesse tempo tínhamos ainda boa perna, tanto eu como ela, e inscreveu-me a mim e à D. Dália, “E agora aguardem!” (...) ao fim de doze anos (...) chega uma carta a perguntar se eu ainda estava interessada em vir para aqui e eu não sabia o que é que havia de fazer (...) pensei, tornei a pensar, tornei a pensar e eu frequentava o Centro Paroquial de São João de Brito, e dava-me muito bem com a (...) Dra. Sílvia, (...) e eu digo assim “Vou tomar um conselho com a Dra. Sílvia ” (...) fui lá acima, e disse “Oh Sra. Dra., desculpe, vir incomodá-la, mas recebi esta carta...” e (...) contei-lhe tudo! (...) e diz-me ela assim, “Eu não sei agora o que é que hei-de fazer!” e diz-me ela assim “Responda! Porque a D. Ivete é uma pessoa muito doente”, eu tinha lá estado, ainda há pouco tempo, um mês internada, porque (...) estive muito mal, tive no Hospital e depois do Hospital levaram-me para lá... Ela foi muito boa para mim, mandou-me irem-me buscar a casa, mandou lá o chofer, uma empregada e trazer roupas e coisas que era preciso, tive lá um mês... “A D. Ivete, volta meia volta tem que ir parar ao Hospital, é muito doente, sendo a D. Ivete, responda, diga que sim! (...) eu ao outro dia (...) peguei no telefone e telefonei e disse que tinha recebido uma carta (...) e que estava interessada e então de cá disseram-me “Então, nós depois comunicamos para aí o dia que há-de vir cá falar

com a Sra. Dra.” pronto... depois telefonaram-me um dia ou dois, eu isso já não posso, já na me recorde, ou três, não sei, para falar com ela, inscreveram-me, inscreveram-me, fiquei inscrita! Doze anos, doze anos e tal... e em conversa com a D. Dália às vezes dizia-mos assim “oh...nunca chamam, toda a gente, toda a gente diz que aquele lar que é uma agulha no palheiro! ” Era assim, tal e qual... diz ela assim “Pois...também é o que eu oiço!” e eu digo assim: “olhe, há-de ser o que Deus quiser!” dizia eu “Há-de ser o que Deus quiser!” para algum lado hei-de ir, dizia eu, “Para algum lado hei-de ir quando já tudo não puder”, (...) dizia eu... “Para ao pé da minha irmã não posso ir, tomara ela...” eu assim em conversa, como às vezes também digo, “Tomara ela quem tratasse dela quanto mais ela tratar-me a mim!” Pronto...passado (...) não sei já quanto tempo (...) telefonaram, que viesse cá, que queriam falar comigo foi...não me recorde, de foi a Dra. Clarisse, isso não me lembra, ou se foi a Dra. Camila que me atendeu, e foi ver o meu processo (...) e então viram, o que eu tinha dito, que era tudo verdade e então tiraram a fotografia com muito jeitinho, para aproveitar e fizeram nova inscrição, e depois disse: “Olhe, agora aguarda que dá-lhe para um ano, guarde-a bem, guarde-a por um ano” e eu respondi assim, com estas palavras “Daqui para um ano já onde é que eu estou?” (...) e ela até fez assim um sorriso como quem diz “o que é que ela está a dizer? Quer dizer que pensa que vai morrer breve, naturalmente!” Pronto...eu aguardei, passado um mês, não sei quantos que não me lembra, (...) É que telefonaram que viesse cá, que queriam falar comigo, e então disse que havia uma vaga, duas vagas que era uma para mim e outra para ela, se eu gostava da ideia e eu disse que sim, pronto... foi assim! Que aguardasse, depois telefonaram-me, a dizer que arranjasse as minhas coisas, que tinha uma vaga para mim... mas que ainda não tinham o número (...) eu aguardei que me dessem o número, que me fossem marcando a roupa interior, e disseram-me o que era preciso trazer, e pronto...foi assim...

[*A decisão foi sua de vir para o lar*] Foi! Pois, que não tenho cá família nenhuma, a decisão foi minha, foi minha, ninguém me obrigou a vir! Nem eu disse nada á família nem nada, que estava a tratar disso, que vinha, nada... E então, a minha família que tenho no Brasil, quando o meu marido faleceu, queriam que eu fosse com eles, que eles volta, meia volta vinham cá, ainda cá estiveram há tempos (...) E eu disse, não, não vou! Não vou, porque não quero desprezar o Martim, [chora] é o meu marido, no cemitério, sem ir lá...eu ia lá quase todos os dias, nós eramos muito amigos! “Podias ir, e mais isto e mais aquilo, arranjavas as coisas e ías!”, depois quando vieram cá passados, parece que foi uns três anos, ao fim de três anos “E agora não queres ir ainda?”, digo eu assim “Oh, então agora vou e fica cá a Telminha sozinha?” que é a que está doente (...) Ela coitadinha não pode lá estar, que o médico já disse, só de visita, “Não, não vou, eu fico por cá!” pronto...e agora dizem-me “Nós não te dizíamos para vires? Não querias... agora olha, aguenta!” foi tal e qual assim... A minha irmã já foi duas vezes ao Brasil, mas esteve lá três meses de uma vez, e da segunda vez só pode estar um mês, que o médico

disse que não podia ir lá, diz porque aquilo, nós quando o calor é húmido... ela coitadinha foi anteontem, telefonou-me muito contente! Nunca vi a minha irmã assim tão contente! A dizer que tinha ido a Coimbra, fazer os exames todos e que estava tudo muito bem! E ela estava muito contente! Logo a seguir, tive um telefonema do meu irmão, muito contente, “Olha, é para te dizer que já saí do Hospital, já estou em casa, já estou melhor!” Eles não se esquecem de mim! “Nós só te queríamos ao pé de nós”

[*Agora que está cá*] Agora estou cá, agora não pode ser nada... pronto... Então eu vim para cá e pronto... e cá estou... Mas é muito triste! Deixar a minha casinha! Mas não tinha luxos, mas tinha uma casa que se podia ver, não me faltava nada, tinha tudo! Eu tinha tudo sempre um brinquinho! Nós tínhamos um restaurante... mas depois o meu marido começou a andar doente, e eu mais doente estive, que estive internada e o meu marido não sabia o que é que havia de fazer à vida dele, ele tinha uma filha e disse que entregassem o restaurante, e ela respondeu-lhe que não lhe interessava aquilo para nada, que vivia bem e o meu marido entregou a uma agência, deram-lhe o que quiseram, ele já não estava muito bem da cabeça, o que lhe quiseram dar, deram-lhe... Mas para nós, graças a Deus (...) nunca soube o que foi uma falta, nem em casa dos meus pais, nem na minha! Sempre tive aquilo que eu necessitava... tanto vestir, como calçar como na alimentação, nunca soube o que foi uma falta... Deus levou-o, mas passei muito, porque avariou da cabeça, andava de noite, tinha que andar à procura dele de noite, e ía com o chinelo calçado muitas meias, umas por cima das outras e pijama, conforme calhava... e em casa, abria-me as gavetas, deitava-me tudo para o chão, a roupa, a casa de banho, para ele não era preciso...era o quarto... abria a gaveta da mesinha de cabeceira, era para lá que urinava (...) Passei muito, até que um dia eu tinha que ir fazer as compras enquanto ele estava a dormir um bocadinho e quando eu vinha com as compras encontrei uma senhora (...) “Isto vai acabar hoje!”, porque encontrou-me encostada ao pé do muro, ao pé do Lidl, e disse “Tem que acabar!” E então ela, mais a minha vizinha, a mulher que era do, do banco, foram as duas à procura de um lar, e foram à avenida do aeroporto e encontraram lar lá, havia uma vaga (...) tive lá o meu marido seis meses internado, mas pagava muito (...) o dinheiro estava fugir cada vez mais (...) E depois começou a dar em bater nas empregadas (...) então chamaram-me e disseram-me que ele tinha de se ir embora! Ele não me conhecia, eu chegava lá ao pé dele, era como abrir e apagar uma luz! Ele sempre gostou de me ver bem arranjada, gostava que eu andasse sempre bem arranjadinha, nada espampanante, umas coisinhas simples, sempre bem arranjada. E então disse-me assim um dia “Vem sempre com a mesma roupa!”, quer dizer, conheceu-me! E depois eu não sabia onde é que havia de pôr o meu marido, depois de repente lembrou-me que eu conhecia o enfermeiro ali do Júlio de Matos, e a mulher também a conhecia (...) Morava lá perto (...) ele era enfermeiro ali no Júlio de Matos, era chefe e tinha um lar em Alenquer, não era bem no centro, chamam a Pucariça (...) e então arranjaram lá uma vaga no lar deles! Mas

era muito longe! (...) teve lá um mês... Um dia, encontrei uma senhora, também do Centro Social que é a D. Maria de Lurdes (...) E diz ela assim, “Porque é que não falou comigo? Tanto dinheiro que tem andando a gastar! Eu tinha-lhe arranjado e pagava só sobre a reforma!”, disse-me ela e ela foi e tratou logo de me arranjar...no dia que era para entrar, o meu marido faleceu...(...) ele estava a pagar muito, era particular, pagava muito (...) eu gastei muito, muito, muito com ele... Depois tinha que poupar não é? Depois fazia as coisas sem poder, porque elas levam muito caro e depois olhe...esforçava-me demais, não devia, dava-me crises, tive uma quantidade de enfartes... lá ía eu para o Santa Maria, foi a minha vida, foi assim...Até que vim para aqui... cheguei aqui, passado pouco tempo, quase um, meses... comecei a deixar de comer, eu não comia, comia pouco... Não era que não tivesse, não me apetecia! E apanhei uma grande anemia, uma anemia muito grande, fui internada (...) porque não me apetecia comer e eu às escondidas, chorava, chorava, chorava, chorava... por ter este ambiente! (...)

[*O que é que é para si a solidão*] A solidão é uma pessoa estar só! Só, e não ter ninguém de roda dela, a solidão...que se diz, “Ai, está na solidão! Está sozinha, está na solidão!”, mas aqui também acho que é uma solidão, porque só se lida com pessoas doentes! Porque não têm cabeça, dizem coisas que até amanhã também me pode acontecer, ou até já hoje me pode acontecer a mim! Agora sei o que digo e o que faço, mas amanhã, posso já não saber! (...) É uma solidão muito grande, não há como uma pessoa ter uma conversa, conversar, não há, é muito triste... (...) A solidão é triste! Muito triste!

[*Alguma vez aqui, já se sentiu só ou isolada*] Sinto! Muita vez... Sinto-me só, porque a família está longe, o que vale é que eles são muito meus amigos e telefonam-me muita vez... telefonam-me muita vez! Gastam muito dinheiro nos telefonemas...

[*Sente-se mais só agora do que se sentia há uns anos atrás*] quando eu estava na minha casa, sozinha?! Estive dezasseis anos sozinha! Dezasseis anos! (...) Sinto-me mais triste, mais só agora! Sabe, porque eu na minha casa fazia eu as coisinhas, ía comprar as minhas coisinhas, fazia, encontrava uma pessoa conhecida, encontrava outra, encontrava outra, vinha o Sábado, que era o bilhete mais económico não sei se sabe, que havia um passe de Sábados, Domingos e Feriados, eu ía com duas senhoras, íamos passear, sempre, dar a nossa voltinha e aqui estou isolada...

[*Sabe lidar com este sentimento*] Sei! (...) Guardo-a para mim!

[*Como o faz*] Rezo, peço a Nossa Senhora que me dê coragem para eu poder aguentar e que Deus me leve antes de perder o juízo... que Deus me leve antes de perder o juízo!

[*A sua vinda para o lar, fez com que se sentisse mais só ou com que se sentisse mais acompanhada*] Senti-me mais só... senti-me mais só, como eu lhe estou a dizer, vi só doentes! Da cabeça! Senti-me mais só!

[*Sente a necessidade de estar sozinha*] Às vezes apetece-me ir para um sítio sozinha que ninguém me visse! E falar sozinha, desabafar à minha vontade...

[*Quais são os momentos em que se sente mais só*] Por exemplo quando alguém faz anos, ou o meu pai, ou a minha mãe, ou as minhas irmãs...é quando eu me sinto pior... (...) Porque tinha uma palavrinha de carinho, e aqui não tenho!

[*Quando se sente sozinha, o que é que faz para desse sentimento*] Eu rezo! Rezo Sozinha!

[*Procura estar com outras pessoas*] Não, não! Rezo!

[*Aqui dentro so lar, sente-se excluída de alguma forma*] (...) Não, não, não...

[*Existem pessoas aqui dentro do lar com quem pode falar ou desabafar*] Não, eu não desabafo... Eu dou-me muito com a D. Marina (...) Ela é uma pessoa, vou ser sincera, é boa pessoa mas não é uma pessoa para se conversar com ela (...) Não é pessoa para ter um desabafo, e dizer “É muito triste estar aqui fora da minha casa, não ter os meus irmãos, não ter os meus pais...”, quer dizer, não é pessoa para acatar...Não é pessoa para acatar!

[*Não tem nenhum profissional com quem possa falar*] A Dra.Camila já me tem dito “Venha ter comigo! Quando estiver muito aborrecida, venha ter comigo!” Mas eu não quero incomodar...É como eu lhe digo, a D. Marina não tenho nada que dizer dela, dou-me bem com ela, ela dá-se comigo, mas não é pessoa para conversas (...) Damo-nos bem! Mas não é pessoa para conversas...Não...

[*Sente-se acompanhada*] Eu não tenho que dizer das Irmãs, nenhuma, tratam-me bem, não tenho que dizer, a Irmã Marta não tenho nada que dizer dela, a Irmã Florinda, Não tenho nada que dizer dela, e da Irmã Carla, então nem se fala! Ela era tão minha amiga! Tenho saudades dela... a irmã Carla era muito boa! Muito boa, muito boa (...) Gostava muito dela!

[*Mesmo com pessoas à sua volta, se se sente acompanhada*] Eu sentir-me acompanhada? Não! Sinto-me só... (...) Todas doentes, todas doentes (...) Eu quando venho lá de baixo, às sete horas, ou seis, ou que é, preparo-me, vou lavar os dentes, vou-me lavar, vou tratar de mim e meto-me na cama, deitada, não vou lá para a sala mais, chega bem estar ali todo o dia a ouvir, quanto mais ainda à noite...vou-me embora! (...) Convidam-me pessoas amigas, “Vai lá passar o dia comigo!”, mas eu não vou, não vou, não vou!

[*Pessoas amigas fora do lar*] Sim, mas eu não quero ir! (...) Porque não me apetece! Não me apetece... (...) Quando cá vêm, falo com elas e tudo, mas não desabafo nada, passe o que se passar, não sei nada cá de dentro! Que estou muito bem, que estou e tal, pronto...é assim que eu faço! Eu não tenho nada que dizer das Irmãs! Nada...Isto para mim o Mundo, já acabou!

Pré-categorização da Entrevista nº 8

1. [*O que é a sensação de Solidão*] a solidão, é triste, porque se lida só com doentes, eu sou doente, mas graças a Deus ainda tenho cabeça, ainda tenho ouvido, já não tenho o ouvido apurado, apurado, mas ainda tenho ouvido e tenho ainda cabeça e custa-me muito estar no meio da solidão, custa, mas tenho de estar, (...)
2. (...) porque eu sozinha em casa já não podia... já não podia estar, por isso eu vim para aqui....a solidão é muito triste... (...)
3. [*Quais foram os motivos que a trouxeram para o lar*] (...) estou aqui há três anos, eu estava há doze, por isso vá lá, que sejam quinze anos, quinze, quinze ou dezasseis, eu vim visitar aqui, uma senhora que já tinha cem anos (...) tinha falecido o meu marido, ora o meu marido faleceu (...) fez 18 anos no dia 25 de Janeiro (...)
4. (...) eu vim visitar uma senhora que já tinha cem anos e depois, vim mais outra, a D. Dália, aquela forte, viemos as duas, e depois...eu vinha toda de preto, não é? E depois conversa para aqui, conversa para ali (...) a Dra. Maria Seabra ia a entrar (...) e ouviu a minha conversa, eu dizer “Ah, é muito triste, agora fiquei sem o meu marido, agora estou sozinha.” Assim, essas conversas que se dizem, “Tenho muita família mas está toda espalhada” (...) e ela disse-me assim “Depois há-de ir ter comigo!” (...) e eu fui ter com ela e ela disse-me assim “Ah, eu ouvi esta conversa assim, assim...porque é que não se inscreve?” disse ela, “Não sabe o dia de amanhã!” e eu disse, “Ah Sra. Dra., então obrigada! Então a Sra. Dra. (...) podia-me explicar o que é preciso fazer?” diz ela assim, “olhe, uma fotografia atual...” e lá me estive a dizer o que era preciso trazer e depois “Liga para cá, e eu marco, marca-se o dia e vêm cá e falem comigo, para a inscrever” e vim, mais a D. Dália, viemos a pé (...) era perto e tínhamos, nesse tempo tínhamos ainda boa perna, tanto eu como ela, e inscreveu-me a mim e à D. Dália, “E agora aguardem!” (...) ao fim de doze anos (...) chega uma carta a perguntar se eu ainda estava interessada em vir para aqui e eu não sabia o que é que havia de fazer (...)
5. (...) pensei, tornei a pensar, tornei a pensar e eu frequentava o Centro Paroquial de São João de Brito, e dava-me muito bem com a (...) Dra. Sílvia, (...) e eu digo assim “Vou tomar um conselho com a Dra. Sílvia ” (...) fui lá acima, e disse “Oh Sra. Dra., desculpe, vir incomodá-la, mas recebi esta carta...” e (...) contei-lhe tudo! (...) e diz-me ela assim, “Eu não sei agora o que é que hei-de fazer!” e diz-me ela assim “Responda! Porque a D. Ivete é uma pessoa muito doente”, eu tinha lá estado, ainda há

pouco tempo, um mês internada, porque (...) estive muito mal, tive no Hospital e depois do Hospital levaram-me para lá...Ela foi muito boa para mim, mandou-me irem-me buscar a casa, mandou lá o chofer, uma empregada e trazer roupas e coisas que era preciso, tive lá um mês... “A D. Ivete, volta meia volta tem que ir parar ao Hospital, é muito doente, sendo a D. Ivete, responda, diga que sim!” (...)

6. (...) eu ao outro dia (...) peguei no telefone e telefonei e disse que tinha recebido uma carta (...) e que estava interessada e então de cá disseram-me “Então, nós depois comunicamos para aí o dia que há-de vir cá falar com a Sra. Dra.” pronto... depois telefonaram-me um dia ou dois, eu isso já não posso, já na me recordo, ou três, não sei, para falar com ela, inscreveram-me, inscreveram-me, fiquei inscrita! Doze anos, doze anos e tal... e em conversa com a D. Dália às vezes dizia-mos assim “oh...nunca chamam, toda a gente, toda a gente diz que aquele lar que é uma agulha no palheiro!” Era assim, tal e qual... diz ela assim “Pois...também é o que eu oiço!” e eu digo assim: “olhe, há-de ser o que Deus quiser!” dizia eu “Há-de ser o que Deus quiser!” para algum lado hei-de ir, dizia eu, “Para algum lado hei-de ir quando já tudo não puder”, (...) dizia eu...
7. (...) “Para ao pé da minha irmã não posso ir, tomara ela...” eu assim em conversa, como às vezes também digo, “Tomara ela quem tratasse dela quanto mais ela tratar-me a mim!” (...)
8. (...) Pronto...passado (...) não sei já quanto tempo (...) telefonaram, que viesse cá, que queriam falar comigo foi...não me recordo, de foi a Dra. Clarisse, isso não me lembra, ou se foi a Dra. Camila que me atendeu, e foi ver o meu processo (...) e então viram, o que eu tinha dito, que era tudo verdade e então tiraram a fotografia com muito jeitinho, para aproveitar e fizeram nova inscrição, e depois disse: “Olhe, agora aguarda que dá-lhe para um ano, guarde-a bem, guarde-a por um ano” e eu respondi assim, com estas palavras “Daqui para um ano já onde é que eu estou?” (...) e ela até fez assim um sorriso como quem diz “o que é que ela está a dizer? Quer dizer que pensa que vai morrer breve, naturalmente!” (...)
9. (...) Pronto...eu aguardei, passado um mês, não sei quantos que não me lembra, (...) É que telefonaram que viesse cá, que queriam falar comigo, e então disse que havia uma vaga, duas vagas que era uma para mim e outra para ela, se eu gostava da ideia e eu disse que sim, pronto... foi assim! Que aguardasse, depois telefonaram-me, a dizer que arranjasse as minhas coisas, que tinha uma vaga para mim... mas que ainda não tinham

o número (...) eu aguardei que me dessem o número, que me fossem marcando a roupa interior, e disseram-me o que era preciso trazer, e pronto...foi assim...(...)

10. [*A decisão foi sua de vir para o lar*] Foi! Pois, que não tenho cá família nenhuma, a decisão foi minha, foi minha, ninguém me obrigou a vir! Nem eu disse nada á família nem nada, que estava a tratar disso, que vinha, nada... E então, a minha família que tenho no Brasil, quando o meu marido faleceu, queriam que eu fosse com eles, que eles volta, meia volta vinham cá, ainda cá estiveram há tempos (...) E eu disse, não, não vou! Não vou, porque não quero desprezar o Martim, [chora] é o meu marido, no cemitério, sem ir lá...eu ía lá quase todos os dias, nós eramos muito amigos! “Podias ir, e mais isto e mais aquilo, arranjavas as coisas e ías!”, depois quando vieram cá passados, parece que foi uns três anos, ao fim de três anos “E agora não queres ir ainda?”, digo eu assim “Oh, então agora vou e fica cá a Telminha sozinha?” que é a que está doente (...) Ela coitadinha não pode lá estar, que o médico já disse, só de visita, “Não, não vou, eu fico por cá!” pronto...e agora dizem-me “Nós não te dizíamos para vires? Não querias... agora olha, aguenta!” foi tal e qual assim...(...)
11. A minha irmã já foi duas vezes ao Brasil, mas estive lá três meses de uma vez, e da segunda vez só pode estar um mês, que o médico disse que não podia ir lá, diz porque aquilo, nós quando o calor é húmido... ela coitadinha foi anteontem, telefonou-me muito contente! Nunca vi a minha irmã assim tão contente! A dizer que tinha ido a Coimbra, fazer os exames todos e que estava tudo muito bem! E ela estava muito contente! Logo a seguir, tive um telefonema do meu irmão, muito contente, “Olha, é para te dizer que já saí do Hospital, já estou em casa, já estou melhor!” Eles não se esquecem de mim! “Nós só te queríamos ao pé de nós”
12. [*Agora que está cá*] Agora estou cá, agora não pode ser nada... pronto... Então eu vim para cá e pronto... e cá estou...Mas é muito triste! Deixar a minha casinha! Mas não tinha luxos, mas tinha uma casa que se podia ver, não me faltava nada, tinha tudo! Eu tinha tudo sempre um brinquinho! (...)
13. (...) Nós tínhamos um restaurante... mas depois o meu marido começou a andar doente, e eu mais doente estive, que estive internada e o meu marido não sabia o que é que havia de fazer à vida dele, ele tinha uma filha e disse que entregassem o restaurante, e ela respondeu-lhe que não lhe interessava aquilo para nada, que vivia bem e o meu marido entregou a uma agência, deram-lhe o que quiseram, ele já não estava muito bem da cabeça, o que lhe quiseram dar, deram-lhe... (...)

14. (...) Mas para nós, graças a Deus (...) nunca soube o que foi uma falta, nem em casa dos meus pais, nem na minha! Sempre tive aquilo que eu necessitava... tanto vestir, como calçar como na alimentação, nunca soube o que foi uma falta... (...)
15. (...) Deus levou-o, mas passei muito, porque avariou da cabeça, andava de noite, tinha que andar à procura dele de noite, e ia com o chinelo calçado muitas meias, umas por cima das outras e pijama, conforme calhava... e em casa, abria-me as gavetas, deitava-me tudo para o chão, a roupa, a casa de banho, para ele não era preciso...era o quarto... abria a gaveta da mesinha de cabeceira, era para lá que urinava (...) Passei muito, até que um dia eu tinha que ir fazer as compras enquanto ele estava a dormir um bocadinho e quando eu vinha com as compras encontrei uma senhora (...) “Isto vai acabar hoje!”, porque encontrou-me encostada ao pé do muro, ao pé do Lidl, e disse “Tem que acabar!” E então ela, mais a minha vizinha, a mulher que era do, do banco, foram as duas à procura de um lar, e foram à avenida do aeroporto e encontraram lar lá, havia uma vaga (...) tive lá o meu marido seis meses internado, mas pagava muito (...) o dinheiro estava fugir cada vez mais (...) E depois começou a dar em bater nas empregadas (...) então chamaram-me e disseram-me que ele tinha de se ir embora! (...)
16. Ele não me conhecia, eu chegava lá ao pé dele, era como abrir e apagar uma luz! Ele sempre gostou de me ver bem arranjada, gostava que eu andasse sempre bem arranjadinha, nada espampanante, umas coisinhas simples, sempre bem arranjada. E então disse-me assim um dia “Vem sempre com a mesma roupa!”, quer dizer, conheceu-me! E depois eu não sabia onde é que havia de pôr o meu marido, depois de repente lembrou-me que eu conhecia o enfermeiro ali do Júlio de Matos, e a mulher também a conhecia (...) Morava lá perto (...) ele era enfermeiro ali no Júlio de Matos, era chefe e tinha um lar em Alenquer, não era bem no centro, chamam a Pucariça (...) e então arranjam lá uma vaga no lar deles! Mas era muito longe! (...) teve lá um mês... Um dia, encontrei uma senhora, também do Centro Social que é a D. Maria de Lurdes (...) E diz ela assim, “Porque é que não falou comigo? Tanto dinheiro que tem andando a gastar! Eu tinha-lhe arranjado e pagava só sobre a reforma!”, disse-me ela e ela foi e tratou logo de me arranjar...no dia que era para entrar, o meu marido faleceu...(...) ele estava a pagar muito, era particular, pagava muito (...) eu gastei muito, muito, muito com ele... Depois tinha que poupar não é? Depois fazia as coisas sem poder, porque elas levam muito caro e depois olhe...esforçava-me demais, não devia, dava-me crises, tive uma quantidade de enfartes...lá ia eu para o Santa Maria, (...)

17. (...) foi a minha vida, foi assim... Até que vim para aqui... cheguei aqui, passado pouco tempo, quase um, meses... comecei a deixar de comer, eu não comia, comia pouco... Não era que não tivesse, não me apetecia! E apanhei uma grande anemia, uma anemia muito grande, fui internada (...) porque não me apetecia comer e eu às escondidas, chorava, chorava, chorava, chorava... por ter este ambiente! (...)
18. [*O que é que é para si a solidão*] A solidão é uma pessoa estar só! Só, e não ter ninguém de roda dela, a solidão... que se diz, “Ai, está na solidão! Está sozinha, está na solidão!”, mas aqui também acho que é uma solidão, porque só se lida com pessoas doentes! Porque não têm cabeça, dizem coisas que até amanhã também me pode acontecer, ou até já hoje me pode acontecer a mim! Agora sei o que digo e o que faço, mas amanhã, posso já não saber! (...) É uma solidão muito grande, não há como uma pessoa ter uma conversa, conversar, não há, é muito triste...(...) A solidão é triste! Muito triste! (...)
19. [*Alguma vez aqui, já se sentiu só ou isolada*] Sinto! Muita vez... Sinto-me só, porque a família está longe, o que vale é que eles são muito meus amigos e telefonam-me muita vez... telefonam-me muita vez! Gastam muito dinheiro nos telefonemas...
20. [*Sente-se mais só agora do que se sentia há uns anos atrás*] quando eu estava na minha casa, sozinha?! Estive dezasseis anos sozinha! Dezasseis anos! (...) Sinto-me mais triste, mais só agora! Sabe, porque eu na minha casa fazia eu as coisinhas, ía comprar as minhas coisinhas, fazia, encontrava uma pessoa conhecida, encontrava outra, encontrava outra, vinha o Sábado, que era o bilhete mais económico não sei se sabe, que havia um passe de Sábados, Domingos e Feriados, eu ía com duas senhoras, íamos passear, sempre, dar a nossa voltinha e aqui estou isolada... (...)
21. [*Sabe lidar com este sentimento*] Sei! (...) Guardo-a para mim!
22. [*Como o faz*] Rezo, peço a Nossa Senhora que me dê coragem para eu poder aguentar e que Deus me leve antes de perder o juízo... que Deus me leve antes de perder o juízo! (...)
23. [*A sua vinda para o lar, fez com que se sentisse mais só ou com que se sentisse mais acompanhada*] Senti-me mais só... senti-me mais só, como eu lhe estou a dizer, vi só doentes! Da cabeça! Senti-me mais só!

24. [*Sente a necessidade de estar sozinha*] Às vezes apetece-me ir para um sítio sozinha que ninguém me visse! E falar sozinha, desabafar à minha vontade...(…)
25. [*Quais são os momentos em que se sente mais só*] Por exemplo quando alguém faz anos, ou o meu pai, ou a minha mãe, ou as minhas irmãs...é quando eu me sinto pior... (….) Porque tinha uma palavrinha de carinho, e aqui não tenho! (…)
26. [*Quando se sente sozinha, o que é que faz para desse sentimento*] Eu rezo! Rezo Sozinha! (…)
27. [*Procura estar com outras pessoas*] Não, não! Rezo! (…)
28. [*Aqui dentro so lar, sente-se excluída de alguma forma*] (….) Não, não, não...(…)
29. [*Existem pessoas aqui dentro do lar com quem pode falar ou desabafar*] Não, eu não desabafo...Eu dou-me muito com a D. Marina (….) Ela é uma pessoa, vou ser sincera, é boa pessoa mas não é uma pessoa para se conversar com ela (….) Não é pessoa para ter um desabafo, e dizer “É muito triste estar aqui fora da minha casa, não ter os meus irmãos, não ter os meus pais...”, quer dizer, não é pessoa para acatar...Não é pessoa para acatar! (…)
30. [*Não tem nenhum profissional com quem possa falar*] A Dra. Camila já me tem dito “Venha ter comigo! Quando estiver muito aborrecida, venha ter comigo!” Mas eu não quero incomodar...(…)
31. (….) É como eu lhe digo, a D. Marina não tenho nada que dizer dela, dou-me bem com ela, ela dá-se comigo, mas não é pessoa para conversas (….) Damo-nos bem! Mas não é pessoa para conversas...Não...(…)
32. [*Sente-se acompanhada*] Eu não tenho que dizer das Irmãs, nenhuma, tratam-me bem, não tenho que dizer, a Irmã Marta não tenho nada que dizer dela, a Irmã Florinda, Não tenho nada que dizer dela, e da Irmã Carla, então nem se fala! Ela era tão minha amiga! Tenho saudades dela... a irmã Carla era muito boa! Muito boa, muito boa (….) Gostava muito dela! (…)
33. [*Mesmo com pessoas à sua volta, se se sente acompanhada*] Eu sentir-me acompanhada? Não! Sinto-me só... (….) Todas doentes, todas doentes (…)

34. (...) Eu quando venho lá de baixo, às sete horas, ou seis, ou que é, preparo-me, vou lavar os dentes, vou-me lavar, vou tratar de mim e meto-me na cama, deitada, não vou lá para a sala mais, chega bem, estar ali todo o dia a ouvir, quanto mais ainda à noite...vou-me embora! (...)
35. (...) Convidam-me pessoas amigas, “Vai lá passar o dia comigo!”, mas eu não vou, não vou, não vou! [*Pessoas amigas fora do lar*] Sim, mas eu não quero ir! (...) Porque não me apetece! Não me apetece... (...) Quando cá vêm, falo com elas e tudo, mas não desabafo nada, passe o que se passar, não sai nada cá de dentro! Que estou muito bem, que estou e tal, pronto...é assim que eu faço! Eu não tenho nada que dizer das Irmãs! Nada...Isto para mim o Mundo, já acabou!

ENTREVISTA N.º 9

Transcrição da Entrevista nº 9

Duração: 44' 14''

E: Queria perguntar ao Sr. Vasco, quais foram os motivos que o trouxeram para o lar? e: Porque a vinda do lar, é porque a minha mulher, eu já estava saturado de fazer comer e de aturar uma pessoa doente, e então pensei...e como eu aqui vinha trabalhar, em carteiro, quando foi na reserva, eu vinha trabalhar e davam-me sempre o pequeno-almoço aqui, e a mais pessoas que eu conhecia até colegas! E eu vinha aqui e davam-me o pequeno-almoço e ía à minha vida, pronto...era assim aqui, e eu comecei a gostar disto! A minha filha é que andava a tratar, que a minha filha tem o poder máximo daqui! Ela nunca me disse quem era, mas eu acho que eu sei já quem é, eu acho que já descosi lá em baixo, nas doutoras que já se descoseram qualquer coisa que eu apanhei! Apanhei como isto [gravador] está a apanhar! **E: E o Sr. Vasco veio com a sua esposa?** e: vim com a minha esposa pois, se não fosse assim, eu não vinha! Quando ela me disse que sim, ela primeiro ainda esteve aqui assim, mas acho que ela ainda gostava mais do lar do que eu, por isso eu estou satisfeito para onde a trouxe! **E: A decisão foi sua de vir para o lar?** e: Foi! A minha filha ficou, benzeu-se! A minha filha benzeu-se! Como sabia que ela é que tinha o poder máximo para nos para aqui trazer, mas tinha medo que a gente a deixasse envergonhada ainda, e a minha filha não arranjou tão depressa, eu arranjei mais depressa! Ela ficou parva da vida dela! Benzeu-se! Eu tenho conhecimentos dos maiores de Lisboa todos! O último foi o Marcelo Caetano...por exemplo, quem arranjou as primeiras reformas para os pobres portugueses, foi o Sr. Presidente Marcelo Caetano, a filha do Sr. Presidente Marcelo Caetano, agora já não quero nada dela que eu estou a pagar a renda da casa já há quase cinquenta anos que estou ao dia 31 de Julho, faz cinquenta anos que eu dormi a primeira noite que eu vim do Prior Velho! E então cinquenta anos, 31 de Julho! E a filha do Marcelo, agora tem um orfanato, ou não sei quê, na Rua Grão Vasco, que é a duzentos metros a caminhar para lá para a Amadora, duzentos metros para a esquerda, Grão Vasco e ao chegar ao último prédio lá do lado direito lá no final! Que é não sei bem explicar o que é! Agora já não é como era e julga naturalmente que eu que ia para lhe pedir mais alguma coisa...ela prometeu-me uma casa, agora já nem a casa preciso, só precisava de vê-la que ela era tão querida para mim! Ela era tão querida para mim que eu não me posso esquecer da filha do Sr. Presidente Marcelo! E ela estava na Avenida de Roma, oitenta e cinco todas as semanas, muitas vezes com as filhas do Doutor... Agora não me lembro, era oitenta e cinco, rés-do-chão esquerdo, havia uma coisa de enfermeiros lá, um salão de enfermeiros no rés-do-chão esquerdo ou na cava esquerda, é na cave esquerda e o rés-do-chão esquerdo era por cima! E ela ía ali ao Sr. Doutor ver as filhas, que eram duas filhas, mas agora não está cá! Então, ela devia ter dito à empregada que lá tem, que é de confiança, que ela é dona daquilo e que ela só vai quando pode e quando precisa de lá ir e eu é preciso apanhá-la á e despacha-me sempre logo à primeira mão! Eu não quero pedir

nada, só queria ver se a conhecia! Porque ela foi tão querida para mim! Ali a Avenida de Roma, oitenta e cinco, rés-do-chão esquerdo, onde eu fui carteiro durante dezassete anos na Avenida de Roma, do Hotel Roma até ao Júlio de Matos! Também fiz mais até à praça de Londres mas isso era quando faltava algum! **E: Outra pergunta, o Sr. Vasco já me disse que a decisão tinha sido sua, e agora queria fazer-lhe uma pergunta mais geral...** e: Foi minha mas foi de vontade com ela! **E: Queria que o Sr. Vasco me dissesse o que é que é para si a solidão, se é um sentimento bom, se é um sentimento mau...** e: Solidão é o que a gente passa de triste na vida! Acho eu que é! Solidão é coisas que se passam na vida que não prestam, que acontecem de mal à gente! Como aconteceu morrer o menino meu amigo afogado, ele com cinco anos e eu com oito! O outro que está na França, ou vivo ou morto, também com a mesma idade de mim, e eu é que paguei só isso tudo que eu é que levei porrada com paus e com pedras e com as mãos e depois eu fui para ajudante de hortelão [Trabalhador de Lavoura] na quinta do Capitão Rui Azevinho, que é a quem eu rezo um Pai Nosso para a família do Sr. Capitão Rui... **E: Sr. Vasco, mas para si o que é a solidão?** e: É as coisas tristes, as coisas tristes que a gente passa na vida! Acho que é... não sei, eu tenho pouca experiência, que eu sempre tive poucas letras... fiz com vinte e quatro anos a quarta classe a alombar alvenaria, que se chamava pedra de Alcains, com um metro de comprimento, vinte e dois centímetros de grossura que és as traseiras do prédio da papelaria Semedo, de Castelo Branco que estão feitas só dessa alvenaria de Alcains! E o encarregado era o Sr. Manuel Barreto que foi fazer um lagar cooperativo que mói trinta toneladas de azeitona por dia na minha terra a quinhentos da casa que o meu pai me deixou, na mesma estrada! **E: O Sr. Vasco alguma vez se sentiu sozinho ou isolado?** e: Agora! **E: Agora porquê?** e: Porque morreu a minha mulher que a gente teve 57 anos juntos e eu namorei quatro anos e tal com ela, sessenta e quase dois anos é muita obra! É uma vida! E agora estou sozinho [começa a chorar], e choro aqui tanta vez todos dias sozinho aqui! Choro aqui! Eu às vezes quero adormecer e adormeço a chorar na cama e as lágrimas a correrem... e eu não era hábito de chorar! Só agora... A minha mulher faz-me muita falta! E a gente entendia-se muito bem, ainda fiz o comer e toda a gente se admirava campista e ela de trombose, doze anos de trombose, os primeiros anos ainda estive no campismo comigo já não sei quantos... E eu fazia tudo quanto ela queria e nunca ninguém, nadinha tenha essa consolação comigo! Eu estava aqui, ela estava além, ainda a ultima coisa que ela me disse, me chamou uma última vez: “Oh zé!”, eu num segundo eu estava além... e ela “Aii...”, lá está a marca na parede! Foi da aflição da morte! Onde ela tinha a cabeça, estava além assim revirada, estava assim revirada. Ela estava assim de frente, devia ter revirado um bocadinho a cabeça e aquilo foi a aflição que fez qualquer vômito, o que está lá, aquilo é dela! Morreu ali às quatro e meia, a Irmã, consegui deixá-la, que ela estava toda molhadinha, parecia que tinha entrado o fato num tanque de água... e assim aí vai ele, o elevador pequeno, apanhei logo a estrangeira que está aí só de noite, eu sei o nome da terra dela, mas eu não sei... veio logo com a Irmã e a Irmã mediu logo aqui ao

braço esquerdo, ela estava assim, meia curva, o corpo virado para aqui e o pescoço virado assim para cima para além... e a Irmã mediu-lhe assim, aqui no braço esquerdo, eu acho que era o esquerdo, que ela estava virada para aqui e ela consegui meter e depois disse “Oh Sr. Vasco, a senhora deu o último suspiro para mim!” Era às cinco menos um quarto, nos papeis está às cinco! Mas ela estava morta e bem morta às cinco! Aos vinte, chamou-me, e aos 30 morreu! E eu não pensava que ela morria! Nunca tive um sonho que ela me morria e morreu! Nunca vi morrer ninguém! Só a minha mulher pah! **E: O Sr. Vasco sente-se mais só agora do que se sentia há uns anos atrás?** e: Nunca me senti tão só como agora e tenho a minha filha aqui ao pé! Mas ela tem uma vida como a minha, ela faz as urgências quase todas de Lisboa! Coitadinha... ainda ontem lá fui e não contava, o meu genro disse-me “Oh Tó, agora já não, já separou o trigo!” pensei mas não lhe disse, não respondi porque eu sei muitos ditos de antigamente que são todos certos! Disse que “Em Abril ainda a velha queima o carro e o carril!”, e ele agora foi no domingo buscar uma carrada de lenha a Sintra, mais de quatrocentos quilos! E eu fui daqui com a ideia de ir levar uma carta que era da Galp, que é da eletricidade de casa e eu levo as cartas todas que eu não tenho capacidade para abrir uma carta e ler agora e chegar lá à porta e já não sei o que foi...e então é assim a vida...olhe... **E: O Sr. Vasco sabe lidar com a solidão, com esse sentimento?** e: Eu que remédio tenho eu! **E: como é que o Sr. Vasco faz para lidar com esse sentimento?** e: É andar! Não posso andar, tenho as carótidas, aqui pela ladeira acima eu noto! **E: O que é que o Sr. Vasco faz para fugir desse sentimento?** e: Vou aqui, vou ali, vou ver doentes! É o maior gosto que eu tenho é ver doentes que são meus amigos e até o meu segundo pai! Que tem medalhas, tem uma bicicleta em ouro, tem medalhas em ouro, muitas...tem dezasseis medalhas, de bicicleta e tudo que era o fiscal do cinema Lis que você não se lembra, que agora é um armazém de calçado do Porto, ao Regueirão dos Anjos! Quando volta assim, lá para trás, para o Intendente, há lá uma rua que vai assim uma descida a descer lá para baixo, de uma rua que está para trás, parte daí, do cinema Lis para cima, trinta metros, cinquenta no máximo que vai até à Graça e daí vai ao Regueirão dos anjos e depois vai sair lá em baixo ao chafariz que vai para cima para o lado do São José [Hospital], e aí é o que chamam o Regueirão dos Anjos... e o que é que íamos a dizer?... **E: eu ía perguntar ao Sr. Vasco se a sua vinda para lar fez com se sentisse mais acompanhado?** e: Acompanhado com a minha Maria! Ah! Era a maior maluqueira que eu tinha por uma mulher...foi outra, mas eu encolhi-me! Essa outra, podia-me até ter ajudado no Alcoitão, mas há coisas que é segredo e eu não conto! Segredo não conto! E ela não me ajudou, podia-me ter ajudado! Mas ela... **E: Ela quem Sr. Vasco?** e: Uma rapariga que quando eu fui ajudante de hortelão do pai dela, era duas raparigas e um rapaz, Benquerenças, Castelo Branco! Deve ter isso escrito...E ela olhou assim para mim, como quem diz “Tu é que eras o meu homem!” e afinal de contas...Não fui! E ela também não me ajudou nada e deu-me a paga que eu merecia! Não estou zangado com isso, até estou na ideia de ir ver se resolvo lá em baixo, com a senhora que está na recepção se ela me

descobre se eu consigo falar...agora a minha mulher já morreu! Se eu lhe consigo dar umas palavras...É segredo, que eu não conto os segredos! Ela está modista na casa de modistas... era, era assim... Além era a porta de onde nós comíamos, o refeitório, onde nós estávamos, e a porta das modistas era aqui, daquela porta para dentro era enorme... **E: Mas o Sr. Vasco queria ligar para essa senhora com que objetivo?** e: Objetivo de lhe pedir desculpa! **E: Mas isso passou-se há quanto tempo, o que o Sr. Vasco me estava a contar?** e: Tinha dezanove anos, tenho oitenta e três...e ela tinha quinze! Dezanove anos e ela tinha quinze, tenho bem a idade... É raro o dia que eu não rezo pelo Sr. Capitão Rui Azevinho, Sr. Ana Azevinho que era santa, que ela era santa, o filho matou-se! O mais velho é engenheiro da Agricultura, já se deve ter reformado, e era esta conta...você queria saber... Mas eu conto-lhe ele está na agricultura, o Luís é médico, o Toni, era o terceiro, eram sete... seis e uma rapariga que era Dr. Do Liceu! E, então era assim... o Capitão Rui, tinha sete, seis filhos e uma filha! Se você chegar à Praça da Figueira, é o segredo... eu não conto! Conto mas não conto! O Engenheiro, o filho mais velho do Sr. Capitão Rui, o mais velho, na Praça da Figueira de frente para a estátua, à Rua Augusta, para baixo assim, naquele corte que faz assim para o Rossio, e ali para a Rua da Madalena, naquele corte era a espingardaria M. Silva, e no sexto andar, morava um comissário da polícia, no terceiro andar, era uma casa de mulheres da vida... Mas eu também não me interesso de rebaixar porque eu não vou omitir nada... E para dizer que era um Super-Homem para mulheres, não! Não prestava! Eu achava em mim que não prestava...Esse, engenheiro agrônomo, ía parecia uma seta pelas escadas acima, ele ía morrendo quando me encontrou na escada! Estava a manter a ordem para elas não pararem na escada, ganhavam um dinheirinho. E eu disse: “Oh menino, vá tranquilo da sua vida! Se quiser seguir pode seguir, que eu fecho os olhos!” Mas eu nunca contei nada a ninguém, coisas deste género guardo para mim! O meu tio, que era o da lavandaria também deve ter uma morte triste, que o meu pai estava cá... ele teve, quando o meu pai casou, teve em casa do meu pai, numa terra pequenina chamada *Barbaído*, a freguesia é o *Freixal do Campo*. **E: Mas o Sr. Vasco estava a falar-me dessa rapariga... e:** *Essa rapariga quero pedir-lhe desculpa como é que eu conversei com ela, e ela não me ligou nenhuma, tinha razão...que desculpe! O resto não conto... O resto é o segredo!* **E: então... O que eu queria dizer é que não era grande homem, grande espingarda para mulheres! Tenho uma mulher... tinha uma mulher, tenho uma filha que é médica e tem uma filha agora... Eu não arranjei dívida nem para a minha filha, nem para a minha neta! O que eu queria chegar era aí... Não fiz dívidas para ninguém, portei-me bem, como um homem casado ou como um rapaz solteiro. O que eu vi que acabava por dar prejuízo, andou, seguiu, encolheu-se, ficou para trás, pronto... como foi essa, a única a mulher que eu mais gostei na minha vida, a segunda foi com quem estou... tive mais quatro ou cinco...** **E: Com quem está?** e: *Com quem estou portei-me bem...* **E: Mas a mulher que mais gostou na vida foi essa rapariga?** e: *Foi, era a filha do hortelão lá da quinta, naquele tempo, eu com dezanove anos nunca tinha namorado nem para*

lá caminhei, nunca ninguém me passou cartão... E: O Sr. Vasco aqui dentro do lar sente a necessidade de estar sozinho? Precisa de estar sozinho aqui dentro? e: Preciso porque há aqui muita maluca! E eu não posso perder as estribeiras... a que me tratou não é maluca! O passado dela também deve ser mais triste que o meu! A que me tratou mal deste quarto aqui ao lado, que eu vinha atender o telefone, tanto o vinte, como o dezanove, como o dezoito! E ela tem mau feitio! Batia na coisa, na parede ali do canto e eu mando-a para trás e rezo aos santos... E: Mas é uma funcionária ou é uma utente? e: É uma utente, que é muito rica, muito rica, e eu disse, foi a única coisa que lhe disse, chamou-me à sala “Quadrilheiro!”, eu não sei o que é! Eu sou quadrilheiro? Eu para mim, quadrilheiro penso que é falar da vida dos outros, eu nunca falo da dos outros, porque a minha dá-me que fazer! E ela tratou-me mal e aqui o Sr. Manuel ouviu tudo nas duas vezes! Dia dezassete de Novembro de 2010 e dia dezoito, eu ia para ir ao duchezinho pequenino, e agora até está mais a sanita, e eu todos os dias lhes dava o Bom Dia e ela e o marido também, e ela fez com que o marido me chamasse quadrilheiro! Mas ele chamou-me quadrilheiro educadamente... “Sr. Vasco”...já iam para o elevador...”Os Sr. Vasco, você é quadrilheiro?”, eu não sabia o que é que era, fiquei assim espantado a olhar para ele... “Oh Sr. Vasco”, com toda atenção e carinho com que me tratou, e ela disse a frase seguinte, voltou-se para o elevador e disse “E vá para o rrrrrrraio que o parta!”, com este «R», todo carregado...A ranger o dente assim para mim! Tratou-me mal duas vezes, dezassete e dezoito que eu ia para o duche! E: Mas agora...nestes últimos tempos, o Sr. Vasco sente a necessidade de estar sozinho? e: Eu sinto, sinto-me aqui sozinho! Porque para andar, andar eu não tenho dinheiro, e então a gente anda e eu tenho que gastar dinheiro sem querer! Eu tenho passe, tenho o cartão mas é carregado com um mínimo de quinze euros! E agora eu fui carregar... No dia que fui ao Lumiar, no Domingo, disse à senhora que me atendeu para me carregar quinze euros, ela disse-me para me ter na máquina mas eu disse que assim não sabia fazer! Ela disse: “O Sr. É que agora tem de fazer as contas, o mínimo é quinze euros! São vinte e seis e vinte e cinco o passe de todo o mês, você agora é que vê se precisa de andar, se precisa de ir ali!”, precisar, precisava para ir ver quantos doentes? Um, é na entrada do portão de Benfica, outro é o meu segundo pai que está na Rua oito, numero dois, no Bairro da Encarnação, e tenho mais por aí a fora! E eu tinha gosto de os ir ver, mas agora dinheiro é curto! Já me disseram, que eu havia de ir ali para a televisão, que havia televisão, não foi as Irmãs, foi pessoa de fora! E eu disse: “Não!”, porque há lá muitas que estão em cadeiras de rodas mas estão chanfradas da cabeça, outras não estão, andam a pé e estão malucas da cabeça! E eu estou desgostoso assim, diante desses doentes, dessa qualidade! Também me pode vir a mim! Também tenho as carótidas, também é mal! Mas sinto-me melhor aqui um bocadinho do que na televisão acompanhado com companhias doentes! Se fosse com companhias saudáveis... ‘tá a perceber? Mas ainda fico mais doente, a ver doentes mais doentes ainda do que eu! Que eu ao menos, tenho o temperamento de andar com estes ossinhos

que está a ver aqui, são o diabo! Com oitenta e três anos, eu até me admiro a mim próprio! Só não me admiro aqui [aponta para a cabeça], que a minha mulher caíu além, eu vi-a cair com a bengala para a esquerda e eu às escuras não via nada, só via um vulto no ar, e foi cair a dois metros e vinte ou e trinta com a cabeça! Coitadinha... eu choro e torno-me culpado, a minha filha diz: “Oh pai, você não teve culpa que a mãe andava a cair já, era o coração que estava fraquinho! Morreu porque tinha que morrer!”, agora lembrou-me de repente... quantos TAC’s a gente lhe fez? Já não tem nada na cabeça, o sangue já evaporou todo! Os TAC’s que lhe fizemos foi só para o sangue que ela tinha na cabeça! E ela morreu porque tinha que morrer!

E: Quais são os momentos aqui dentro do lar em que o Sr. Vasco se sente mais sozinho? e: É aqui! Lá no coiso estão uns bons, outros maus, a gente fala com os bons, e há-de reparar, já deve ter notado, não é preciso estar-lhe a dizer, isto é segredo o que lhe vou pedir a si! É o único segredo que eu lhe vou pedir a si! O Sr. Manuel não tem culpa, cá por dentro dele está podre! O mau hálito que ele deita da boca! Já viu o mau hálito que ele deita da boca? Mau hálito, mau cheiro da boca! Eu tenho um hálito que é maravilhoso, já me disseram pessoas que falam diretamente para mim! “Não se pode falar para ele diretamente, você é um hálito maravilhoso!” Agora já anda na cadeira de rodas que já há muito tempo que ele devia de andar! A filha é advogada, o marido é juiz, do Ribatejo! Os netos são muito educadinhos, já vieram aqui para me arranjar a televisão, vieram cá ontem! Em menos de três minutos meteram-me a televisão a funcionar! Só mexeu neste aparelho, no outro foi com o comando e explicou-me! [Sistema TDT] Ele mexeu aqui por baixo e em menos de três minutos ele pôs a televisão a trabalhar...

E: Mas diga-me, aqui dentro do lar quando é que se sente mais sozinho? e: Desde que a minha mulher morreu! Até aí não... A minha mulher, sessenta e dois anos é muita obra!

E: E o Sr. Vasco, quando se sente sozinho o que é que faz para se distrair? e: Mantenho-me, choro, na maior parte das vezes choro, outras vezes rezo, mas para rezar o sítio próprio é a capela é o que eu penso para mim! Mas se eu me lembrar de um amigo, que eu fosse muito amigo, eu rezo por ele!

E: É o que o Sr. Vasco faz para fugir da solidão? e: A maior parte das vezes é! E vou ali à minha mulher, já lha mostrei! Noventa quilos, ela morreu assim sequinha como eu estou! Noventa quilos, disse a minha filha, ela é que sabe quando ela foi para o Alcoitão... quando lhe deu a trombose! Ela tinha sempre dezoito, vinte de tensão! Foi por isso que ela não comia nada! Mas era uma grande cozinheira de classe para fazer tudo!

E: A sua mulher era cozinheira no restaurante onde trabalhou? e: Não, em casa tudo! Nunca foi em restaurantes.

E: Aqui dentro do lar, o Sr. Vasco sente-se excluído de alguma forma? e: Não! tratam-me muito bem! Sou mais mal interpretado por certas empregadas que há aí, do que propriamente por Irmãs, nem a enfermeira me trata mal! Tratam-me todas bem! Há aí uma agora nova, que é a Irmã Francisca, eu fui à casa da minha filha e tive lá uma hora a empilhar a lenha, a Francisca era a que lá estava e depois era outra, mas entrei em cima das oito horas mesmo! Diz que estava aberto até às oito... eu entrei nas oito mas já não estava a

Francisca...já lhe disse hoje até, lá em baixo no refeitório, “Tive uma hora a empilhar lenha!”... **E: Aqui dentro do lar, Sr. Vasco sente que existem pessoas, utentes ou profissionais com quem o Sr. Vasco pode desabafar?** e: Profissionais, agora, não sei dizer, mas profissionais só há uma! **E: com quem o Sr. Vasco pode desabafar?** e: Não desabafo com ninguém! Engulo em seco, chama-se! Fazer qualquer coisa que uma pessoa não aceita! Aceitar, esperar pela nossa vez, sim! Agora ir sempre para o mesmo sítio como algumas fazem, para ir tratar os doentes, sempre aquele mesmo sítio, não! Isso deve ter alterações! E desta vez, a gente esperar pela nossa vez! Não estar a querer atropelar ninguém! Eu fui ensinado assim, ou aprendi assim da minha memória que eu gosto, sou doido por indústria hoteleira! Que foi o que me endireitou a minha vida que fez com que a minha filha estivesse onde está! **E: Mas o Sr. Vasco está a referir-se a...** e: As empregadas que sei que trabalham aqui! Há aí uma que é especial a trabalhar, mas ela gosta mesmo de estar aqui! E ela não é do refeitório, ela vem de outro serviço! Chama-se Sara, de boa vontade! E ela adora, adora, adora trabalhar no refeitório! Agora a mais profissional que há é essa, ela agora dá uma boca a si doente, mas chega lá ao fundo da sala, vem de lá para cá já vem chamar-lhe querida ou querido! Admiro, percebe? **E: E o Sr. Vasco, quando precisa de falar fala com quem?** e: Não falo com ninguém! Eu espero, se tenho pressa... A semana passada, tinha que ir à farmácia... **E: eu estou a referir-me a falar, mas falar sobre sentimentos...** e: A semana passada pedia à Belmira [auxiliar], tinha muita pressa, que ia à farmácia, que não me aviavam em menos de uma hora, passou-me tanto cartão que eu bebo duas chávenas daquelas assim grandes de sopas, ela não me passou mais cartão e eu não lhe quis dizer mais... deitei a água do jarro e comi as sopas molhadas em água! E fui-me embora para a farmácia! E depois cheguei aqui, era meio-dia e um quarto, meio-dia e vinte, que eu não contava que chegava cá tão depressa! Corri como um maluquinho na estrada! **E: E aqui dentro do lar, o Sr. Vasco, mesmo com pessoas à sua volta sente-se acompanhado?** e: Há aí pessoas boas! Há aí pessoas doentes boas, eu conheço-as! Há aí pessoas doentes boas, muito boas! E há aí até pessoas doentes que me estimam! Olhe, há lá uma com o nome da minha mãe, Mena, parece que tem um filho médico ou uma filha, se eu não disser nada, diz-me ela a mim! Se eu passar distraído, diz-me uma, duas, ou três vezes “Sr. Vasco!”, “Menina Mena!”, fica-se toda risonha, toda risonha! Há aí uma senhora que eu, Luísa, que tem o mal do meu irmão mais velho que tem noventa anos com Alzheimer, o meu irmão mais velho tem Alzheimer, noventa anos, há dois anos fui lá em Dezembro, não me conheceu! O meu sobrinho era tropa em Abrantes ou o que é que se chamava, e o meu sobrinho ia de madrugada de bicicleta para a tropa para ao pé do Entroncamento, e estampou-se numa camioneta! Que era a coisa mais querida que podia haver, e jogador da bola! Tinha uma maluqueira todo o povo com ele! A minha cunhada, até lhe puseram uma pedra mármore lá no cemitério da terrazinha! E a minha mulher, a minha filha, eu disse que não queria, mas ela pôs! Agora tem sempre três ramos de flores, é um na cabeceira da cama, lá numa coisa de inox, e

depois é uma coroaizinha ao pé dos pés! E eu é que vou lá pôr água e lavar jarra... E: A sua mulher está num cemitério aqui em Lisboa? e: Está no Lumiar, campa mil duzentos e um, secção quatro. E: Então, o Sr. Vaz, aqui dentro do lar, de uma maneira geral sente-se acompanhado? e: Sinto! Porque as irmãs são boas, e os doentes, se não estão melhores é porque também não tem culpa muitos deles, não têm culpa de estar como estão, eu se tenho a paciência que eu tinha, porque as carótidas, não deixam passar o sangue e ali a subir a barreira é onde eu me sento, de resto eu ando aí mais ou menos à vontade, não abuso! Vou daqui em meia hora à minha casa! Aqui por trás do Júlio de Matos, aqui em volta do Júlio de Matos, vinte e cinco minutos até eu sair lá no muro da avenida Brasil, e depois é mais outros cinco até à minha casa! É lá ao cimo do Pingo Doce. O autocarro quarenta e quatro para na janela do meu quarto, do quarto da minha Maria, que ela dormia sozinha, no quarto, não é uma cama milionária mas é de corpo e meio... E eu dormia no sofá, na sala... tenho lá divãs... E: Porque é que o Sr. Vasco dormia separado da sua esposa? e: Por causa do braço, morreu com o braço teso...nunca lhe fizeram nada, da fisioterapia nunca conseguiram pôr o braço a trabalhar... E eu, para ela dormir, era o braço direito, eu não podia dormir do lado que eu tinha, do lado esquerdo, depois eu tinha que me virar para cima do coração por causa do braço... eu passei a dormir na sala, mas se ela falasse eu vinha logo, eu ouvia, há-de haver poucas pessoas com o sono mais leve que eu...vem aqui a tal estrangeira que foi chamar a irmã um dia que ela me mediu, a minha mulher estava morta já! Eu só faço assim ao braço [levanta o braço], eu tenho o sono, muito leve, muito leve, muito leve... é uma coisa fantástica o meu sono! E eu acordo sempre bem disposto, levanto-me, mesmo que esteja a dormir, qualquer coisinha que mexa eu ponho-me logo a pé! Faço tudo quanto existe que é preciso fazer...com os sapatos, estes já abriram a boca, já abriram aqui de lado, tenho aí mais coisas que colei ontem...

1º Tratamento da Entrevista nº 9

[*Quais foram os motivos que o trouxeram para o lar*] (...) a vinda do lar, é porque a minha mulher, eu já estava saturado de fazer comer e de aturar uma pessoa doente, e então pensei...e como eu aqui vinha trabalhar, em carteiro, quando foi na reserva, eu vinha trabalhar (...) e davam-me o pequeno-almoço e ía à minha vida, (...) e eu comecei a gostar disto! A minha filha é que andava a tratar, que a minha filha tem o poder máximo daqui! Ela nunca me disse quem era, mas eu acho que eu sei já quem é (...)

[*Veio com a sua esposa*] vim com a minha esposa pois, se não fosse assim, eu não vinha! Quando ela me disse que sim, ela primeiro ainda esteve aqui assim, mas acho que ela ainda gostava mais do lar do que eu, por isso eu estou satisfeito para onde a trouxe!

[*A decisão foi sua de vir para o lar*] Foi! A minha filha ficou, benzeu-se! A minha filha benzeu-se! Como sabia que ela é que tinha o poder máximo para nos para aqui trazer, mas tinha medo que a gente a deixasse envergonhada ainda, e a minha filha não arranhou tão depressa, eu arranhei mais depressa! Ela ficou parva da vida dela! Benzeu-se! Eu tenho conhecimentos dos maiores de Lisboa todos! O último foi o Marcelo Caetano (...) quem arranhou as primeiras reformas para os pobres portugueses, foi o Sr. Presidente Marcelo Caetano, a filha do Sr. Presidente Marcelo Caetano, agora já não quero nada dela que eu estou a pagar a renda da casa já há quase cinquenta anos que estou ao dia 31 de Julho, faz cinquenta anos que eu dormi a primeira noite que eu vim do Prior Velho! E então cinquenta anos, 31 de Julho! (...)

[*O que é que é para si a solidão*] Solidão é o que a gente passa de triste na vida! Acho eu que é! Solidão é coisas que se passam na vida que não prestam, que acontecem de mal à gente! Como aconteceu morrer o menino meu amigo afogado, ele com cinco anos e eu com oito! O outro que está na França, ou vivo ou morto, também com a mesma idade de mim, e eu é que paguei só isso tudo que eu é que levei porrada com paus e com pedras e com as mãos e depois eu fui para ajudante de hortelão [Trabalhador de Lavoura] na quinta do Capitão Rui Azevinho, que é a quem eu rezo um Pai Nosso para a família do Sr. Capitão Rui...(...) É as coisas tristes, as coisas tristes que a gente passa na vida! Acho que é...não sei, eu tenho pouca experiência, que eu sempre tive poucas letras... fiz com vinte e quatro anos a quarta classe a alombar alvenaria, que se chamava pedra de Alcains (...)

[*Alguma vez se sentiu sozinho ou isolado*] Agora! (...) Porque morreu a minha mulher que a gente teve 57 anos juntos e eu namorei quatro anos e tal com ela, sessenta e quase dois anos é muita obra! É uma vida! E agora estou sozinho [começa a chorar], e choro aqui tanta vez todos dias sozinho aqui! Choro aqui! Eu às vezes quero adormecer e adormeço a chorar na cama e as

lágrimas a correrem... e eu não era hábito de chorar! Só agora...A minha mulher faz-me muita falta! E a gente entendia-se muito bem, ainda fiz o comer e toda a gente se admirava campista e ela de trombose, doze anos de trombose, os primeiros anos ainda estive no campismo comigo já não sei quantos... E eu fazia tudo quanto ela queria e nunca ninguém, nadinha tenha essa consolação comigo! Eu estava aqui, ela estava além, ainda a ultima coisa que ela me disse, me chamou uma última vez: “Oh zé!”, eu num segundo eu estava além... e ela “Aii...”, lá está a marca na parede! Foi da aflição da morte! Onde ela tinha a cabeça, estava além assim revirada, estava assim revirada. Ela estava assim de frente, devia ter revirado um bocadinho a cabeça e aquilo foi a aflição que fez qualquer vômito, o que está lá, aquilo é dela! Morreu ali às quatro e meia, a Irmã, consegui deixá-la, que ela estava toda molhadinha, parecia que tinha entrado o fato num tanque de água...e assim aí vai ele, o elevador pequeno, apanhei logo a estrangeira que está aí só de noite (...) veio logo com a Irmã e a Irmã mediu logo aqui ao braço esquerdo, ela estava assim, meia curva, o corpo virado para aqui e o pescoço virado assim para cima para além... e a Irmã (...) consegui meter e depois disse “Oh Sr. Vasco, a senhora deu o último suspiro para mim!” Era às cinco menos um quarto, nos papeis está às cinco! Mas ela estava morta e bem morta às cinco! Aos vinte, chamou-me, e aos 30 morreu! E eu não pensava que ela morria! Nunca tive um sonho que ela me morria e morreu! Nunca vi morrer ninguém! Só a minha mulher pah!

[*Sente-se mais só agora do que se sentia há uns anos atrás*] Nunca me senti tão só como agora e tenho a minha filha aqui ao pé! Mas ela tem uma vida como a minha, ela faz as urgências quase todas de Lisboa! Coitadinha...ainda ontem lá fui (...) eu fui daqui com a ideia de ir levar uma carta que era da Galp, que é da eletricidade de casa e eu levo as cartas todas que eu não tenho capacidade para abrir uma carta e ler agora e chegar lá à porta e já não sei o que foi...e então é assim a vida...(.)

[*Sabe lidar com a solidão, com esse sentimento*] Eu que remédio tenho eu!

[*Como é que o faz*] É andar! Não posso andar, tenho as carótidas, aqui pela ladeira acima eu noto!

[*O que faz para fugir desse sentimento*] Vou aqui, vou ali, vou ver doentes! É o maior gosto que eu tenho é ver doentes que são meus amigos e até o meu segundo pai! (...) era o fiscal do cinema Lis (...)

[*A sua vinda para lar fez com se sentisse mais acompanhado*] Acompanhado com a minha Maria! Ah! Era a maior maluqueira que eu tinha por uma mulher...foi outra, mas eu encolhi-me! Essa outra, podia-me até ter ajudado no Alcoitão, mas há coisas que é segredo e eu não conto! Segredo não conto! E ela não me ajudou, podia-me ter ajudado! (...) quando eu fui

ajudante de hortelão do pai dela, era duas raparigas e um rapaz, Benquerenças, Castelo Branco! Deve ter isso escrito...E ela olhou assim para mim, como quem diz “Tu é que eras o meu homem!” e afinal de contas...Não fui! E ela também não me ajudou nada e deu-me a paga que eu merecia! Não estou zangado com isso, até estou na ideia de ir ver se resolvo lá em baixo, com a senhora que está na receção se ela me descobre se eu consigo falar (...) Se eu lhe consigo dar umas palavras...É segredo, que eu não conto os segredos! Ela está modista na casa de modistas... (...)

[*Ligar com que objetivo*] Objetivo de lhe pedir desculpa!

[*Passou-se há quanto tempo*] Tinha dezanove anos, tenho oitenta e três...e ela tinha quinze! Dezanove anos e ela tinha quinze, tenho bem a idade... É raro o dia que eu não rezo pelo Sr. Capitão Rui Azevinho, Sr. Ana Azevinho (...) o Capitão Rui, tinha sete, seis filhos e uma filha! (...)

[*Estava a falar-me dessa rapariga*] Essa rapariga quero pedir-lhe desculpa como é que eu conversei com ela, e ela não me ligou nenhuma, tinha razão...que desculpe! O resto não conto... O resto é o segredo! (...) O que eu queria dizer é que não era grande homem, grande espingarda para mulheres! Tenho uma mulher... tinha uma mulher, tenho uma filha que é médica e tem uma filha agora... Eu não arranjei dívida nem para a minha filha, nem para a minha neta! O que eu queria chegar era aí... Não fiz dívidas para ninguém, portei-me bem, como um homem casado ou como um rapaz solteiro. O que eu vi que acabava por dar prejuízo, andou, seguiu, encolheu-se, ficou para trás, pronto... como foi essa, a única a mulher que eu mais gostei na minha vida, a segunda foi com quem estou... tive mais quatro ou cinco...(...) Com quem estou portei-me bem...

[*A mulher que mais gostou na vida foi essa rapariga*] Foi, era a filha do hortelão lá da quinta, naquele tempo, eu com dezanove anos nunca tinha namorado nem para lá caminhei, nunca ninguém me passou cartão...

[*Sente a necessidade de estar sozinho*] Preciso porque há aqui muita maluca! E eu não posso perder as estribeiras... a que me tratou não é maluca! O passado dela também deve ser mais triste que o meu! A que me tratou mal deste quarto aqui ao lado, que eu vinha atender o telefone, tanto o vinte, como o dezanove, como o dezoito! E ela tem mau feitio! Batia na coisa, na parede ali do canto e eu mando-a para trás e rezo aos santos...(...) É uma utente, que é muito rica, muito rica, e eu disse, foi a única coisa que lhe disse, chamou-me à sala “Quadrilheiro!”, eu não sei o que é! Eu sou quadrilheiro? Eu para mim, quadrilheiro penso que é falar da vida dos outros, eu nunca falo da dos outros, porque a minha dá-me que fazer! E ela tratou-me mal e aqui o Sr. Manuel ouviu tudo nas duas vezes! Dia dezassete de Novembro

de 2010 e dia dezoito, eu ia para ir ao duchezinho pequenino, e agora até está mais a sanita, e eu todos os dias lhes dava o Bom Dia e ela e o marido também, e ela fez com que o marido me chamasse quadrilheiro! Mas ele chamou-me quadrilheiro educadamente... “Sr. Vasco”...já iam para o elevador...”Os Sr. Vasco, você é quadrilheiro?”, eu não sabia o que é que era, fiquei assim espantado a olhar para ele... “Oh Sr. Vasco”, com toda atenção e carinho com que me tratou, e ela disse a frase seguinte, voltou-se para o elevador e disse “E vá para o rrrrrrraio que o parta!”, com este «R», todo carregado...A ranger o dente assim para mim! Tratou-me mal duas vezes, dezassete e dezoito que eu ia para o duche!

[Mas agora, sente a necessidade de estar sozinho] Eu sinto, sinto-me aqui sozinho! Porque para andar, andar eu não tenho dinheiro, e então a gente anda e eu tenho que gastar dinheiro sem querer! Eu tenho passe, tenho o cartão mas é carregado com um mínimo de quinze euros! (...) No dia que fui ao Lumiar, no Domingo, disse à senhora que me atendeu para me carregar quinze euros, ela disse-me para me ter na máquina mas eu disse que assim não sabia fazer! Ela disse: “O Sr. É que agora tem de fazer as contas, o mínimo é quinze euros! São vinte e seis e vinte e cinco o passe de todo o mês, você agora é que vê se precisa de andar, se precisa de ir ali!”, precisar, precisava para ir ver quantos doentes? Um, é na entrada do portão de Benfica, outro é o meu segundo pai que está na Rua oito, numero dois, no Bairro da Encarnação, e tenho mais por aí a fora! E eu tinha gosto de os ir ver, mas agora dinheiro é curto! Já me disseram, que eu havia de ir ali para a televisão, que havia televisão, não foi as Irmãs, foi pessoa de fora! E eu disse: “Não!”, porque há lá muitas que estão em cadeiras de rodas mas estão chanfradas da cabeça, outras não estão, andam a pé e estão malucas da cabeça! E eu estou desgostoso assim, diante desses doentes, dessa qualidade! Também me pode vir a mim! Também tenho as carótidas, também é mal! Mas sinto-me melhor aqui um bocadinho do que na televisão acompanhado com companhias doentes! Se fosse com companhias saudáveis... (...) Mas ainda fico mais doente, a ver doentes mais doentes ainda do que eu! Que eu ao menos, tenho o temperamento de andar com estes ossinhos que está a ver aqui, são o diabo! Com oitenta e três anos, eu até me admiro a mim próprio! Só não me admiro aqui [aponta para a cabeça], que a minha mulher caíu além, eu vi-a cair com a bengala para a esquerda e eu às escuras não via nada, só via um vulto no ar, e foi cair a dois metros e vinte ou e trinta com a cabeça! Coitadinha... eu choro e torno-me culpado, a minha filha diz: “Oh pai, você não teve culpa que a mãe andava a cair já, era o coração que estava fraquinho! Morreu porque tinha que morrer!”, agora lembrou-me de repente...quantos TAC’s a gente lhe fez? Já não tem nada na cabeça, o sangue já evaporou todo! Os TAC’s que lhe fizemos foi só para o sangue que ela tinha na cabeça! E ela morreu porque tinha que morrer!

[Quais são os momentos aqui dentro do lar em que se sente mais sozinho] É aqui! Lá no coiso estão uns bons, outros maus, a gente fala com os bons (...)

[Aqui dentro do lar quando é que se sente mais sozinho] Desde que a minha mulher morreu! Até aí não... A minha mulher, sessenta e dois anos é muita obra!

[Quando se sente sozinho o que é que faz para se distrair] (...) choro, na maior parte das vezes choro, outras vezes rezo, mas para rezar o sítio próprio é a capela é o que eu penso para mim! Mas se eu me lembrar de um amigo, que eu fosse muito amigo, eu rezo por ele! (...) E vou ali à minha mulher, já lha mostrei! Noventa quilos, ela morreu assim sequinha como eu estou! Noventa quilos, disse a minha filha, ela é que sabe quando ela foi para o Alcoitão... quando lhe deu a trombose! Ela tinha sempre dezoito, vinte de tensão! Foi por isso que ela não comia nada! Mas era uma grande cozinheira de classe para fazer tudo!

[Aqui dentro do lar sente-se excluído de alguma forma] Não! tratam-me muito bem! Sou mais mal interpretado por certas empregadas que há aí, do que propriamente por Irmãs, nem a enfermeira me trata mal! Tratam-me todas bem! Há aí uma agora nova, que é a Irmã Francisca, eu fui à casa da minha filha e tive lá uma hora a empilhar a lenha, a Francisca era a que lá estava e depois era outra, mas entrei em cima das oito horas mesmo! Diz que estava aberto até às oito... eu entrei nas oito mas já não estava a Francisca...já lhe disse hoje até, lá em baixo no refeitório, “Tive uma hora a empilhar lenha!”...

[Sente que existem pessoas, utentes ou profissionais com quem pode desabafar] Profissionais, agora, não sei dizer, mas profissionais só há uma! (...) Não desabafo com ninguém! Engulo em seco, chama-se! Fazer qualquer coisa que uma pessoa não aceita! Aceitar, esperar pela nossa vez, sim! Agora ir sempre para o mesmo sítio como algumas fazem, para ir tratar os doentes, sempre aquele mesmo sítio, não! Isso deve ter alterações! E desta vez, a gente esperar pela nossa vez! Não estar a querer atropelar ninguém! Eu fui ensinado assim, ou aprendi assim da minha memória que eu gosto, sou doido por industria hoteleira! Que foi o que me endireitou a minha vida que fez com que a minha filha estivesse onde está!

[A quem se está a referir] As empregadas que sei que trabalham aqui! Há aí uma que é especial a trabalhar, mas ela gosta mesmo de estar aqui! E ela não é do refeitório, ela vem de outro serviço! Chama-se Sara, de boa vontade! E ela adora, adora, adora trabalhar no refeitório! Agora a mais profissional que há é essa, ela agora dá uma boca a si doente, mas chega lá ao fundo da sala, vem de lá para cá já vem chamar-lhe querida ou querido! Admiro, percebe?

[Quando precisa de falar fala com quem] Não falo com ninguém! Eu espero, se tenho pressa... (...) A semana passada pedia à Belmira [auxiliar], tinha muita pressa, que ia à farmácia, que não me aviavam em menos de uma hora, passou-me tanto cartão que eu bebo duas chávenas daquelas assim grandes de sopas, ela não me passou mais cartão e eu não lhe quis dizer mais...

deitei a água do jarro e comi as sopas molhadas em água! E fui-me embora para a farmácia! E depois cheguei aqui, era meio-dia e um quarto, meio-dia e vinte, que eu não contava que chegava cá tão depressa! Corri como um maluquinho na estrada!

[Sente-se acompanhado] Há aí pessoas boas! Há aí pessoas doentes boas, eu conheço-as! Há aí pessoas doentes boas, muito boas! E há aí até pessoas doentes que me estimam! Olhe, há lá uma com o nome da minha mãe, Mena, parece que tem um filho médico ou uma filha, se eu não disser nada, diz-me ela a mim! Se eu passar distraído, diz-me uma, duas, ou três vezes “Sr. Vasco!”, “Menina Mena!”, fica-se toda risonha, toda risonha! Há aí uma senhora que eu, Luísa, que tem o mal do meu irmão mais velho que tem noventa anos com Alzheimer, o meu irmão mais velho tem Alzheimer, noventa anos, há dois anos fui lá em Dezembro, não me conheceu! O meu sobrinho era tropa em Abrantes ou o que é que se chamava, e o meu sobrinho ia de madrugada de bicicleta para a tropa para ao pé do Entroncamento, e estampou-se numa camioneta! Que era a coisa mais querida que podia haver, e jogador da bola! Tinha uma maluqueira todo o povo com ele! A minha cunhada, até lhe puseram uma pedra mármore lá no cemitério da terrazinha! E a minha mulher, a minha filha, eu disse que não queria, mas ela pôs! Agora tem sempre três ramos de flores, é um na cabeceira da campa, lá numa coisa de inox, e depois é uma coroa zinha ao pé dos pés! E eu é que vou lá pôr água e lavar jarra... (...) Está no Lumiar, campa mil duzentos e um, secção quatro.

[De uma maneira geral sente-se acompanhado] Sinto! Porque as irmãs são boas, e os doentes, se não estão melhores é porque também não tem culpa muitos deles, não têm culpa de estar como estão, eu se tenho a paciência que eu tinha, porque as carótidas, não deixam passar o sangue e ali a subir a barreira é onde eu me sento, de resto eu ando aí mais ou menos à vontade, não abuso! Vou daqui em meia hora à minha casa! (...) O autocarro quarenta e quatro para na janela do meu quarto, do quarto da minha Maria, que ela dormia sozinha, no quarto, não é uma cama milionária mas é de corpo e meio... E eu dormia no sofá, na sala (...) Por causa do braço, morreu com o braço teso...nunca lhe fizeram nada, da fisioterapia nunca conseguiram pôr o braço a trabalhar... E eu, para ela dormir, era o braço direito, eu não podia dormir do lado que eu tinha, do lado esquerdo, depois eu tinha que me virar para cima do coração por causa do braço... eu passei a dormir na sala, mas se ela falasse eu vinha logo, eu ouvia, há-de haver poucas pessoas com o sono mais leve que eu...vem aqui a tal estrangeira que foi chamar a irmã um dia que ela me mediu, a minha mulher estava morta já! Eu só faço assim ao braço [levanta o braço], eu tenho o sono, muito leve, muito leve, muito leve... é uma coisa fantástica o meu sono! E eu acordo sempre bem-disposto, levanto-me, mesmo que esteja a dormir, qualquer coisinha que mexa eu ponho-me logo a pé! Faço tudo quanto existe que é preciso fazer

Pré-categorização da Entrevista nº 9

1. [*Quais foram os motivos que o trouxeram para o lar*] (...) a vinda do lar, é porque a minha mulher, eu já estava saturado de fazer comer e de aturar uma pessoa doente, e então pensei...e como eu aqui vinha trabalhar, em carteiro, quando foi na reserva, eu vinha trabalhar (...) e davam-me o pequeno-almoço e ia à minha vida, (...) e eu comecei a gostar disto! A minha filha é que andava a tratar, que a minha filha tem o poder máximo daqui! Ela nunca me disse quem era, mas eu acho que eu sei já quem é (...)
2. [*Veio com a sua esposa*] vim com a minha esposa pois, se não fosse assim, eu não vinha! Quando ela me disse que sim, ela primeiro ainda esteve aqui assim, mas acho que ela ainda gostava mais do lar do que eu, por isso eu estou satisfeito para onde a trouxe! (...)
3. [*A decisão foi sua de vir para o lar*] Foi! A minha filha ficou, benzeu-se! A minha filha benzeu-se! Como sabia que ela é que tinha o poder máximo para nos para aqui trazer, mas tinha medo que a gente a deixasse envergonhada ainda, e a minha filha não arranjou tão depressa, eu arranjei mais depressa! Ela ficou parva da vida dela! Benzeu-se! Eu tenho conhecimentos dos maiores de Lisboa todos! (...)
4. (...) O último foi o Marcelo Caetano (...) quem arranjou as primeiras reformas para os pobres portugueses, foi o Sr. Presidente Marcelo Caetano, a filha do Sr. Presidente Marcelo Caetano, agora já não quero nada dela que eu estou a pagar a renda da casa já há quase cinquenta anos que estou ao dia 31 de Julho, faz cinquenta anos que eu dormi a primeira noite que eu vim do Prior Velho! E então cinquenta anos, 31 de Julho! (...)
5. [*O que é que é para si a solidão*] Solidão é o que a gente passa de triste na vida! Acho eu que é! Solidão é coisas que se passam na vida que não prestam, que acontecem de mal à gente! (...)
6. (...) Como aconteceu morrer o menino meu amigo afogado, ele com cinco anos e eu com oito! O outro que está na França, ou vivo ou morto, também com a mesma idade de

mim, e eu é que paguei só isso tudo que eu é que levei porrada com paus e com pedras e com as mãos (...)

7. (...) e depois eu fui para ajudante de hortelão [Trabalhador de Lavoura] na quinta do Capitão Rui Azevinho, que é a quem eu rezo um Pai Nosso para a família do Sr. Capitão Rui...(.)
8. (...) É as coisas tristes, as coisas tristes que a gente passa na vida! Acho que é...não sei, eu tenho pouca experiência, que eu sempre tive poucas letras... fiz com vinte e quatro anos a quarta classe a alombar alvenaria, que se chamava pedra de Alcains (...)
9. [*Alguma vez se sentiu sozinho ou isolado*] Agora! (...) Porque morreu a minha mulher que a gente teve 57 anos juntos e eu namorei quatro anos e tal com ela, sessenta e quase dois anos é muita obra! É uma vida! E agora estou sozinho [começa a chorar], e choro aqui tanta vez todos dias sozinho aqui! Choro aqui! Eu às vezes quero adormecer e adormeço a chorar na cama e as lágrimas a correrem... e eu não era hábito de chorar! Só agora... A minha mulher faz-me muita falta! E a gente entendia-se muito bem, ainda fiz o comer e toda a gente se admirava campista e ela de trombose, doze anos de trombose, os primeiros anos ainda estive no campismo comigo já não sei quantos... E eu fazia tudo quanto ela queria e nunca ninguém, nadinha tenha essa consolação comigo! (...)
10. (...) Eu estava aqui, ela estava além, ainda a ultima coisa que ela me disse, me chamou uma última vez: “Oh zé!”, eu num segundo eu estava além... e ela “Aii...”, lá está a marca na parede! Foi da aflição da morte! Onde ela tinha a cabeça, estava além assim revirada, estava assim revirada. Ela estava assim de frente, devia ter revirado um bocadinho a cabeça e aquilo foi a aflição que fez qualquer vômito, o que está lá, aquilo é dela! Morreu ali às quatro e meia, a Irmã, consegui deixá-la, que ela estava toda molhadinha, parecia que tinha entrado o fato num tanque de água...e assim aí vai ele, o elevador pequeno, apanhei logo a estrangeira que está aí só de noite (...) veio logo com a Irmã e a Irmã mediu logo aqui ao braço esquerdo, ela estava assim, meia curva, o corpo virado para aqui e o pescoço virado assim para cima para além... e a Irmã (...) consegui meter e depois disse “Oh Sr. Vasco, a senhora deu o último suspiro para mim!” Era às cinco menos um quarto, nos papeis está às cinco! Mas ela estava morta e bem morta às cinco! Aos vinte, chamou-me, e aos 30 morreu! E eu não pensava que ela morria! Nunca tive um sonho que ela me morria e morreu! Nunca vi morrer ninguém! Só a minha mulher pah! (...)

11. [*Sente-se mais só agora do que se sentia há uns anos atrás*] Nunca me senti tão só como agora e tenho a minha filha aqui ao pé! Mas ela tem uma vida como a minha, ela faz as urgências quase todas de Lisboa! Coitadinha...ainda ontem lá fui (...) eu fui daqui com a ideia de ir levar uma carta que era da Galp, que é da eletricidade de casa e eu levo as cartas todas que eu não tenho capacidade para abrir uma carta e ler agora e chegar lá à porta e já não sei o que foi...e então é assim a vida...(.)
12. [*Sabe lidar com a solidão, com esse sentimento*] Eu que remédio tenho eu! (...)
13. [*Como é que o faz*] É andar! Não posso andar, tenho as carótidas, aqui pela ladeira acima eu noto! (...) Vou aqui, vou ali, vou ver doentes! É o maior gosto que eu tenho é ver doentes que são meus amigos e até o meu segundo pai! (...) era o fiscal do cinema Lis (...)
14. [*A sua vinda para lar fez com se sentisse mais acompanhado*] Acompanhado com a minha Maria! Ah! Era a maior maluqueira que eu tinha por uma mulher...foi outra, mas eu encolhi-me! (...)
15. (...) Essa outra, podia-me até ter ajudado no Alcoitão, mas há coisas que é segredo e eu não conto! Segredo não conto! E ela não me ajudou, podia-me ter ajudado! (...) quando eu fui ajudante de hortelão do pai dela, era duas raparigas e um rapaz, Benquerenças, Castelo Branco! Deve ter isso escrito...E ela olhou assim para mim, como quem diz “Tu é que eras o meu homem!” e afinal de contas...Não fui! E ela também não me ajudou nada e deu-me a paga que eu merecia! Não estou zangado com isso, até estou na ideia de ir ver se resolvo lá em baixo, com a senhora que está na receção se ela me descobre se eu consigo falar (...) Se eu lhe consigo dar umas palavras...É segredo, que eu não conto os segredos! Ela está modista na casa de modistas...[*Ligar com que objetivo*] Objetivo de lhe pedir desculpa! (...) Tinha dezanove anos, tenho oitenta e três...e ela tinha quinze! Dezanove anos e ela tinha quinze, tenho bem a idade... É raro o dia que eu não rezo pelo Sr. Capitão Rui Azevinho, Sr. Ana Azevinho (...) o Capitão Rui, tinha sete, seis filhos e uma filha! (...)
16. [*Estava a falar-me dessa rapariga*] Essa rapariga quero pedir-lhe desculpa como é que eu conversei com ela, e ela não me ligou nenhuma, tinha razão...que desculpe! O resto não conto... O resto é o segredo! (...) O que eu queria dizer é que não era grande homem, grande espingarda para mulheres! Tenho uma mulher... tinha uma mulher,

tenho uma filha que é médica e tem uma filha agora... Eu não arranjei dívida nem para a minha filha, nem para a minha neta! O que eu queria chegar era aí... Não fiz dívidas para ninguém, portei-me bem, como um homem casado ou como um rapaz solteiro. O que eu vi que acabava por dar prejuízo, andou, seguiu, encolheu-se, ficou para trás, pronto... como foi essa, a única a mulher que eu mais gostei na minha vida, a segunda foi com quem estou... tive mais quatro ou cinco...(.) Com quem estou portei-me bem... [A mulher que mais gostou na vida foi essa rapariga] Foi, era a filha do hortelão lá da quinta, naquele tempo, eu com dezanove anos nunca tinha namorado nem para lá caminhei, nunca ninguém me passou cartão...(.)

17. *[Sente a necessidade de estar sozinho] Preciso porque há aqui muita maluca! E eu não posso perder as estribeiras... (.)*

18. *(...) a que me tratou não é maluca! O passado dela também deve ser mais triste que o meu! A que me tratou mal deste quarto aqui ao lado, que eu vinha atender o telefone, tanto o vinte, como o dezanove, como o dezoito! E ela tem mau feitio! Batia na coisa, na parede ali do canto e eu mando-a para trás e rezo aos santos...(.) É uma utente, que é muito rica, muito rica, e eu disse, foi a única coisa que lhe disse, chamou-me à sala “Quadrilheiro!”, eu não sei o que é! Eu sou quadrilheiro? Eu para mim, quadrilheiro penso que é falar da vida dos outros, eu nunca falo da dos outros, porque a minha dá-me que fazer! E ela tratou-me mal e aqui o Sr. Manuel ouviu tudo nas duas vezes! Dia dezassete de Novembro de 2010 e dia dezoito, eu ia para ir ao duchezinho pequenino, e agora até está mais a sanita, e eu todos os dias lhes dava o Bom Dia e ela e o marido também, e ela fez com que o marido me chamasse quadrilheiro! Mas ele chamou-me quadrilheiro educadamente... “Sr. Vasco”...já iam para o elevador...”Os Sr. Vasco, você é quadrilheiro?”, eu não sabia o que é que era, fiquei assim espantado a olhar para ele... “Oh Sr. Vasco”, com toda atenção e carinho com que me tratou, e ela disse a frase seguinte, voltou-se para o elevador e disse “E vá para o rrrrrrrraio que o parta!”, com este «R», todo carregado...A ranger o dente assim para mim! Tratou-me mal duas vezes, dezassete e dezoito que eu ia para o duche!*

19. *[Mas agora, sente a necessidade de estar sozinho] Eu sinto, sinto-me aqui sozinho! Porque para andar, andar eu não tenho dinheiro, e então a gente anda e eu tenho que gastar dinheiro sem querer! Eu tenho passe, tenho o cartão mas é carregado com um mínimo de quinze euros! (...) No dia que fui ao Lumiar, no Domingo, disse à senhora que me atendeu para me carregar quinze euros, ela disse-me para me ter na máquina mas eu disse que assim não sabia fazer! Ela disse: “O Sr. É que agora tem de fazer as*

contas, o mínimo é quinze euros! São vinte e seis e vinte e cinco o passe de todo o mês, você agora é que vê se precisa de andar, se precisa de ir ali!”, precisar, precisava para ir ver quantos doentes? Um, é na entrada do portão de Benfica, outro é o meu segundo pai que está na Rua oito, numero dois, no Bairro da Encarnação, e tenho mais por aí a fora! E eu tinha gosto de os ir ver, mas agora dinheiro é curto! (...)

20. *(...) Já me disseram, que eu havia de ir ali para a televisão, que havia televisão, não foi as Irmãs, foi pessoa de fora! E eu disse: “Não!”, porque há lá muitas que estão em cadeiras de rodas mas estão chanfradas da cabeça, outras não estão, andam a pé e estão malucas da cabeça! E eu estou desgostoso assim, diante desses doentes, dessa qualidade! Também me pode vir a mim! Também tenho as carótidas, também é mal! Mas sinto-me melhor aqui um bocadinho do que na televisão acompanhado com companhias doentes! Se fosse com companhias saudáveis... (...) Mas ainda fico mais doente, a ver doentes mais doentes ainda do que eu! Que eu ao menos, tenho o temperamento de andar com estes ossinhos que está a ver aqui, são o diabo! Com oitenta e três anos, eu até me admiro a mim próprio! (...)*

21. *(...) Só não me admiro aqui [aponta para a cabeça], que a minha mulher caiu além, eu vi-a cair com a bengala para a esquerda e eu às escuras não via nada, só via um vulto no ar, e foi cair a dois metros e vinte ou e trinta com a cabeça! Coitadinha... eu choro e torno-me culpado, a minha filha diz: “Oh pai, você não teve culpa que a mãe andava a cair já, era o coração que estava fraquinho! Morreu porque tinha que morrer!”, agora lembrou-me de repente...quantos TAC’s a gente lhe fez? Já não tem nada na cabeça, o sangue já evaporou todo! Os TAC’s que lhe fizemos foi só para o sangue que ela tinha na cabeça! E ela morreu porque tinha que morrer! (...)*

22. *[Quais são os momentos aqui dentro do lar em que se sente mais sozinho] É aqui! Lá no coiso estão uns bons, outros maus, a gente fala com os bons (...)*

23. *[Aqui dentro do lar quando é que se sente mais sozinho] Desde que a minha mulher morreu! Até aí não... A minha mulher, sessenta e dois anos é muita obra! (...)*

24. *[Quando se sente sozinho o que é que faz para se distrair] (...) choro, na maior parte das vezes choro, outras vezes rezo, mas para rezar o sítio próprio é a capela é o que eu penso para mim! Mas se eu me lembrar de um amigo, que eu fosse muito amigo, eu rezo por ele! (...) E vou ali à minha mulher, já lha mostrei! Noventa quilos, ela morreu*

assim sequinha como eu estou! Noventa quilos, disse a minha filha, ela é que sabe quando ela foi para o Alcoitão... quando lhe deu a trombose! Ela tinha sempre dezoito, vinte de tensão! Foi por isso que ela não comia nada! Mas era uma grande cozinheira de classe para fazer tudo! (...)

25. *[Aqui dentro do lar sente-se excluído de alguma forma] Não! tratam-me muito bem! Sou mais mal interpretado por certas empregadas que há aí, do que propriamente por Irmãs, nem a enfermeira me trata mal! Tratam-me todas bem! Há aí uma agora nova, que é a Irmã Francisca, eu fui à casa da minha filha e tive lá uma hora a empilhar a lenha, a Francisca era a que lá estava e depois era outra, mas entrei em cima das oito horas mesmo! Diz que estava aberto até às oito... eu entrei nas oito mas já não estava a Francisca...já lhe disse hoje até, lá em baixo no refeitório, “Tive uma hora a empilhar lenha!”... (...)*

26. *[Sente que existem pessoas, utentes ou profissionais com quem pode desabafar] Profissionais, agora, não sei dizer, mas profissionais só há uma! (...) Não desabafo com ninguém! Engulo em seco, chama-se! (...)*

27. *(...) Fazer qualquer coisa que uma pessoa não aceita! Aceitar, esperar pela nossa vez, sim! Agora ir sempre para o mesmo sítio como algumas fazem, para ir tratar os doentes, sempre aquele mesmo sítio, não! Isso deve ter alterações! E desta vez, a gente esperar pela nossa vez! Não estar a querer atropelar ninguém! (...)*

28. *(...) Eu fui ensinado assim, ou aprendi assim da minha memória que eu gosto, sou doido por industria hoteleira! Que foi o que me endireitou a minha vida que fez com que a minha filha estivesse onde está! (...)*

29. *[A quem se está a referir] As empregadas que sei que trabalham aqui! Há aí uma que é especial a trabalhar, mas ela gosta mesmo de estar aqui! E ela não é do refeitório, ela vem de outro serviço! Chama-se Sara, de boa vontade! E ela adora, adora, adora trabalhar no refeitório! Agora a mais profissional que há é essa, ela agora dá uma boca a si doente, mas chega lá ao fundo da sala, vem de lá para cá já vem chamar-lhe querida ou querido! Admiro, percebe? (...)*

30. *[Quando precisa de falar fala com quem] Não falo com ninguém! Eu espero, se tenho pressa... (...) A semana passada pedia à Belmira [auxiliar], tinha muita pressa, que ia à farmácia, que não me aviavam em menos de uma hora, passou-me tanto cartão que*

eu bebo duas chávenas daquelas assim grandes de sopas, ela não me passou mais cartão e eu não lhe quis dizer mais... deitei a água do jarro e comi as sopas molhadas em água! E fui-me embora para a farmácia! E depois cheguei aqui, era meio-dia e um quarto, meio-dia e vinte, que eu não contava que chegava cá tão depressa! Corri como um maluquinho na estrada! (...)

31. *[Sente-se acompanhado] Há aí pessoas boas! Há aí pessoas doentes boas, eu conheço-as! Há aí pessoas doentes boas, muito boas! E há aí até pessoas doentes que me estimam! Olhe, há lá uma com o nome da minha mãe, Mena, parece que tem um filho médico ou uma filha, se eu não disser nada, diz-me ela a mim! Se eu passar distraído, diz-me uma, duas, ou três vezes “Sr. Vasco!”, “Menina Mena!”, fica-se toda risonha, toda risonha! (...)*

32. *(...) Há aí uma senhora que eu, Luísa, que tem o mal do meu irmão mais velho que tem noventa anos com Alzheimer, o meu irmão mais velho tem Alzheimer, noventa anos, há dois anos fui lá em Dezembro, não me conheceu! O meu sobrinho era tropa em Abrantes ou o que é que se chamava, e o meu sobrinho ia de madrugada de bicicleta para a tropa para ao pé do Entroncamento, e estampou-se numa camioneta! Que era a coisa mais querida que podia haver, e jogador da bola! Tinha uma malukeira todo o povo com ele! A minha cunhada, até lhe puseram uma pedra mármore lá no cemitério da terrazinha! E a minha mulher, a minha filha, eu disse que não queria, mas ela pôs! Agora tem sempre três ramos de flores, é um na cabeceira da cama, lá numa coisa de inox, e depois é uma coroaçinha ao pé dos pés! E eu é que vou lá pôr água e lavar jarra... (...) Está no Lumiar, cama mil duzentos e um, secção quatro. (...)*

33. *[De uma maneira geral sente-se acompanhado] Sinto! Porque as irmãs são boas, e os doentes, se não estão melhores é porque também não tem culpa muitos deles, não têm culpa de estar como estão, eu se tenho a paciência que eu tinha, (...)*

34. *(...) porque as carótidas, não deixam passar o sangue e ali a subir a barreira é onde eu me sento, de resto eu ando aí mais ou menos à vontade, não abuso! Vou daqui em meia hora à minha casa! O autocarro quarenta e quatro pára na janela do meu quarto, do quarto da minha Maria, que ela dormia sozinha, no quarto, não é uma cama milionária mas é de corpo e meio... E eu dormia no sofá, na sala (...) Por causa do braço, morreu com o braço teso...nunca lhe fizeram nada, da fisioterapia nunca conseguiram pôr o braço a trabalhar... E eu, para ela dormir, era o braço direito, eu não podia dormir do lado que eu tinha, do lado esquerdo, depois eu tinha que me virar*

para cima do coração por causa do braço... eu passei a dormir na sala, mas se ela falasse eu vinha logo, eu ouvia, há-de haver poucas pessoas com o sono mais leve que eu...(.)

- 35.** *(...) vem aqui a tal estrangeira que foi chamar a irmã um dia que ela me mediu, a minha mulher estava morta já! Eu só faço assim ao braço [levanta o braço], eu tenho o sono, muito leve, muito leve, muito leve... é uma coisa fantástica o meu sono! E eu acordo sempre bem-disposto, levanto-me, mesmo que esteja a dormir, qualquer coisinha que mexa eu ponho-me logo a pé! Faço tudo quanto existe que é preciso fazer (...)*

ENTREVISTA N.º 10

Transcrição da Entrevista nº 10
Duração: 5' 24''

E: Quais foram os motivos que a trouxeram para o lar? e: Falta de dinheiro! **E: Falta de dinheiro?** e: Sim! Eu não tinha dinheiro, para onde é que eu ía? **Para este lar?** e: Sim, para qualquer um! **E: E a decisão de vir para o lar? foi sua?** e: Não foi minha, e foi, pois...eu não tinha para onde ir, vim para aqui, vim para o lar! **E: Porque veio como refugiada!?** e: Sim, sou refugiada... **E: O que é que é para si a solidão?** e: O que é para mim a solidão? Sei lá o que é que é! [ri-se] Não sei responder... O que é a solidão? É estar sozinha... **E: É estar sozinha?** e: Uma pessoa que está na solidão, está sozinha! **E: Acha que a solidão é um sentimento bom ou um sentimento mau?** e: Eu acho que é um sentimento mau, a solidão... **E: E alguma vez se sentiu isolada ou sozinha?** e: Não! Como é que eu posso estar isolada?! Nos lares estou com muita gente! Nos lares?! Montes de gente! **E: Sente-se só?** e: Não...eu não me sinto só porque eu não estou só! Estou com tanta gente à volta! **E: A solidão para si é não ter pessoas à volta?** e: Não...não é nada isso...a solidão é uma pessoa que vive sozinha...em casa dela, sem ninguém... isso é que é a solidão! Agora uma pessoa que vive numa casa onde pessoas, não estão na solidão... **E: disse-me que não se sente só, mas a sua vinda para o lar, fez com que se sentisse mais acompanhada?** e: A mesma coisa...todos os lares são a mesma coisa. Têm muita gente, 'tão lá ao pé das pessoas...**E: E aqui dentro do lar? Sente necessidade de estar sozinha?** e: Necessidade não! Gosto! Eu gosto! **E: Gosta de estar sozinha?** e: gosto! **E: Porquê?** e: Porque eu gosto! Não sei explicar...Gosto de estar sozinha! **E: Alguma vez já se sentiu só aqui dentro do lar?** e: Não...pois se eu não estou só, nunca me posso sentir só... **E: Mesmo sem ter a família por perto?** e: sim, pois se eu estou com outras pessoas, não estou só... Para eu estar só, era se vivesse sozinha, estava só! **E: Aqui dentro do lar sente-se excluída de alguma forma?** e: Não...para mim é indiferente estar ou não estar...**E: Sente que existem pessoas aqui dentro do lar (utentes ou profissionais) com quem pode falar?** e: Não percebi...eu oiço tão mal... **E: Sente que existem pessoas aqui dentro do lar com quem pode falar?** e: com quem é que eu posso falar? **E: Se sente que existem pessoas com quem pode falar ou desabafar.** e: Eu posso falar com toda a gente! **E: Mas falar sobre a sua vida, sobre sentimentos...** e: a minha vida não...não dou satisfações da minha vida a ninguém... **E: Com pessoas à sua volta sente-se acompanhada?** e: Sim! Então...qualquer pessoa que tem pessoas à volta está acompanhada!

1º Tratamento da Entrevista nº 10

[*Os motivos que a trouxeram para o lar*] Falta de dinheiro! (...) Eu não tinha dinheiro, para onde é que eu ía?

[*Para este lar*] Sim, para qualquer um!

[*A decisão de vir para o lar foi sua*] Não foi minha, e foi, pois...eu não tinha para onde ir, vim para aqui, vim para o lar! (...) sou refugiada...

[*O que é que é para si a solidão*] O que é para mim a solidão? Sei lá o que é que é! [ri-se] Não sei responder... O que é a solidão? É estar sozinha... (...) Uma pessoa que está na solidão, está sozinha!

[*Acha que a solidão é um sentimento bom ou um sentimento mau*] Eu acho que é um sentimento mau, a solidão...

[*Alguma vez se sentiu isolada ou sozinha*] Não! Como é que eu posso estar isolada?! Nos lares estou com muita gente! Nos lares?! Montes de gente! (...) eu não me sinto só porque eu não estou só! Estou com tanta gente à volta!

[*A solidão para si é não ter pessoas à volta*] Não (...) a solidão é uma pessoa que vive sozinha...em casa dela, sem ninguém... isso é que é a solidão! Agora uma pessoa que vive numa casa onde pessoas, não estão na solidão...

[*A sua vinda para o lar, fez com que se sentisse mais acompanhada*] A mesma coisa...todos os lares são a mesma coisa. Têm muita gente, 'tão lá ao pé das pessoas...

[*Aqui dentro do lar, sente necessidade de estar sozinha*] Necessidade não! Gosto! Eu gosto!

[*Porquê*] Porque eu gosto! Não sei explicar...Gosto de estar sozinha!

[*Alguma vez já se sentiu só aqui dentro do lar*] Não...pois se eu não estou só, nunca me posso sentir só...(...) pois se eu estou com outras pessoas, não estou só... Para eu estar só, era se vivesse sozinha, estava só!

[*Aqui dentro do lar sente-se excluída de alguma forma*] Não...para mim é indiferente estar ou não estar...

[*Sente que existem pessoas aqui dentro do lar, utentes ou profissionais, com quem pode falar*] (...) com quem é que eu posso falar? (...) Eu posso falar com toda a gente!

[*Falar sobre a sua vida, sobre sentimentos*] a minha vida não...não dou satisfações da minha vida a ninguém...

[*Com pessoas à sua volta sente-se acompanhada*] Sim! (...) qualquer pessoa que tem pessoas à volta está acompanhada!

Pré-categorização da Entrevista nº 10

1. [*Os motivos que a trouxeram para o lar*] Falta de dinheiro! (...) Sim! Eu não tinha dinheiro, para onde é que eu ia? (...) [*Para este lar*] Sim, para qualquer um! (...)
2. [*A decisão de vir para o lar foi sua*] Não foi minha, e foi, pois...eu não tinha para onde ir, vim para aqui, vim para o lar! (...) sou refugiada... (...)
3. [*O que é que é para si a solidão*] O que é para mim a solidão? Sei lá o que é que é! [ri-se] Não sei responder... O que é a solidão? É estar sozinha...(...) Uma pessoa que está na solidão, está sozinha! (...)
4. [*Acha que a solidão é um sentimento bom ou um sentimento mau*] Eu acho que é um sentimento mau, a solidão... (...)
5. [*Alguma vez se sentiu isolada ou sozinha*] Não! Como é que eu posso estar isolada?! Nos lares estou com muita gente! Nos lares?! Montes de gente! (...) eu não me sinto só porque eu não estou só! Estou com tanta gente à volta! (...)
6. [*A solidão para si é não ter pessoas à volta*] Não (...) a solidão é uma pessoa que vive sozinha...em casa dela, sem ninguém... isso é que é a solidão! Agora uma pessoa que vive numa casa onde pessoas, não estão na solidão... (...)
7. [*A sua vinda para o lar, fez com que se sentisse mais acompanhada*] A mesma coisa... todos os lares são a mesma coisa. Têm muita gente, 'tão lá ao pé das pessoas... (...)
8. [*Aqui dentro do lar, sente necessidade de estar sozinha*] Necessidade não! Gosto! Eu gosto! [*Porquê*] Porque eu gosto! Não sei explicar...Gosto de estar sozinha! (...)
9. [*Alguma vez já se sentiu só aqui dentro do lar*] Não...pois se eu não estou só, nunca me posso sentir só... (...) pois se eu estou com outras pessoas, não estou só... Para eu estar só, era se vivesse sozinha, estava só! (...)
10. [*Aqui dentro do lar sente-se excluída de alguma forma*] Não...para mim é indiferente estar ou não estar... (...)

- 11.** [*Sente que existem pessoas aqui dentro do lar, utentes ou profissionais, com quem pode falar*] (...) com quem é que eu posso falar? (...) Eu posso falar com toda a gente! (...)
[*Falar sobre a sua vida, sobre sentimentos*] a minha vida não...não dou satisfações da minha vida a ninguém... (...)
- 12.** [*Com pessoas à sua volta sente-se acompanhada*] Sim! (...) qualquer pessoa que tem pessoas à volta está acompanhada!

ENTREVISTA N° 11

Transcrição da Entrevista nº 11
Duração: 16' 52''

E: Quais foram os motivos que a trouxeram para o lar? e: Pela... por estar só! Porque eu tinha caído da cama abaixo e é muito alta, e caí, partiu-se o banco que eu usava para subir, partiu-se e eu caí...caí e fiquei bastante magoada, mas não parti nada graças a Deus! E então fui...Um mês depois telefonam-me do lar a dizer que tinham cá uma vaga e que tinha que resolver, Sim ou não, e depois ficava em lista de espera novamente, onde estive 13 anos inscrita, segundo me disseram! De maneira que... disse logo que sim! Entrei dia 8 de Outubro, entrei...de 2010! **E: Porque é que a D. Rita tomou essa decisão de se inscrever aqui no lar?** e: Porque eu pensei! ... Depois de me reformar comecei...eu vivo sozinha, elas estão no estrangeiro [Irmã e Sobrinha], a minha mãe, falecida, a minha comadre é uma pessoa que trabalha, naquela altura não estava reformada, estava a trabalhar... Se eu tiver doente, quem é que me trata? Quem é que me chega qualquer coisa que eu...que me lave, enfim, que trate de mim? Entretanto, eu vim-me inscrever, e como vinha cá pagar uma cota, toda...em Janeiro, vinha cá pagar uma cota, uma cota que havia para aí de Nossa Senhora, enfim...eu vinha cá pagar e nessa altura, aproveitei...e estava cá a Dra. Seabra, a que faleceu... E ela era muito simpática, e queria até que eu cá ficasse para conversar com as senhoras e tal... Se não fosse tão longe da minha casa, eu vinha... Mas isso faço eu ao pé da minha casa, mais perto de outras pessoas amigas, faço o mesmo... Então, aaa, inscrevi-me...ela mesmo é que me disse para me inscrever, “Olhe, fico à espera!”, então mais tarde vim cá outra vez, diz-me ela assim “Olhe, ainda tem 80 pessoas à sua espera!”, e eu assim “Ai, tantas pessoas!”, bem... e assim passou... ao fim desses treze anos, que segundo está lá escrito... Ah!! Telefonaram-me para casa, aquilo era para ver se eu ainda era viva se calhar!! [Gargalhadas], e diz assim, a Clarisse, era a Dra. Clarisse, “Para saber se a Sra. quer continuar aqui inscrita neste lar” e não sei quê, “Sim senhor! Quero quero!”, “Então pronto! Está inscrita e tal...Isto é uma coordenação de trabalho e tal”, pronto! E assim ficou...passado um ano, foi quando me telefonaram, a dizer se queria eu não queria, digo eu assim “Quero! Quero!”, Ainda por cima tinha caído da cama abaixo, [Gargalhadas] cheia de dores...e pronto! Um mês depois estava cá! **E: Então foi a D. Rita que optou por vir...** e: Sim! Sim! Optei, eu vim de livremente! [sorri] **E: Não conversou, sobre a possibilidade de vir, com a sua prima, com a sua comadre...** e: Não! Não! Eu resolvi as minhas coisas! Eu resolvi as minhas coisas! Resolvi vir, e as pessoas ficaram todas muito admiradas! “Vais? Mas tu vais assim para um lar e tal?”, “Atão?! Pois se eu não tenho ninguém que me trate, se eu tiver doente como é que vai ser?”, Então eu parti um pé, parti um pulso, o pulso já aqui há uns anos... O pulso, arranjei uns plásticos, eu tomava o meu duchezinho todos os dias, como de costume... o pé, os pés torci-os várias vezes, o pé partido, andava com canadianas, mas custava muito a descer as escadas, porque não tenho elevador, custava-me

muito, mas pronto! A coisa arranjou-se! O médico depois mandou-me dar banhos de água salgada, todos os dias, eu dava duas vezes, ora foi um instante...depois fui para a praia, e pronto... **E: D. Rita, vamos aqui a uma pergunta mais geral, o que é que é para si a Solidão? Como a definiria?** e: Ai! A solidão é uma pessoa não ter ninguém para falar... umas das coisas é essa! Eu que gosto muito de conversar, e uma pessoa estar a olhar para as paredes e não ter ninguém que dê umas palavrinhas para mim, é muito triste! **E: A D. Rita considera a solidão como sendo um sentimento bom ou mau?** e: Ah! Para mim é mau! para mim é muito mau! Uma pessoa que tem uma solidão, é muito triste! **E: e a D. Rita, alguma vez se sentiu isolada ou só?** e: Não! Não porque tenho muita fé e como tenho muita fé e enfim, sou muito religiosa, rezo!...E a coisa, passa! **E: É a sua maneira de...** e: É a minha maneira de encarar... **E: E a D. Rita, sente-se mais só agora do que se sentia há uns anos atrás?** e: ah, com certeza, tinha a minha mãe viva, tinha muitos familiares que já faleceram! Pronto...mas agora, prá frente! É assim...é a vida! **E: E a D. Rita, sabe lidar com a solidão?** e: Sei! Sei, sei... já tive assim, depois da morte da minha mãe fiquei muito baixo... fui muito de repente, uma coisa do coração, fui muito abaixo...a minha irmã teve cá quinze dias comigo. Estava muito em baixo... foi a partir daí que o médico, eu fui ao médico com ela e o médico disse “Vai fazer análises!”, e quando fui fazer as análises, deu-me colesterol! Coisa que eu nunca tive na vida! Que até fui buscar o colesterol que era da minha mãe, que também tinha esse problema! E então fiquei com ele para mim, fui herdar o colesterol.... Eu estou sempre medicada. Tenho dieta, fiquei com uma gastrite crónica, com os nervos que se foram acumulando, não é? E, pronto! **E: Como é que a D. Rita faz para lidar com a solidão? Como faz para lidar com este sentimento?** e: olhe! Vou à igreja, vou à igreja, vou...ía muito conviver muito com as minhas colegas da... pronto...era assim! E ainda hoje, no dia 17 já vou ter um almoço com elas! Com umas que eram do meu tempo, são mais novas do que eu e ainda estão a trabalhar... **E: E a D.Rita, convive com as pessoas aqui de dentro?** e: Sim!! Pode perguntar! [Gargalhadas] Só há uma com quem eu não convivo assim muito, Agora!! Mas estou bem! **E: Se não é indiscrição, posso perguntar-lhe o nome?** e: Ahh...isso não...essa não digo, não digo porque ela... nós dávamo-nos, falávamos muito, dávamo-nos bem, não, dávamo-nos bem, conversávamos, era diferente, ser amigo e...conversávamos muito, mas os feitiços não eram...não pega comigo! **E: A vinda da D.Rita para o lar, fez com que se sentisse mais acompanhada?** e: Sim, Sim!! Sim, eu aqui tenho mais pessoas para conversar, eu em casa não tinha ninguém! Eu antes, tinha que ir à academia onde andava onde nós tínhamos o apoio de um grupo, de vez em quando ainda nos falamos e tal... E íamos tomar chá, saíamos da aula, vínhamos da aula... uma das disciplinas que eu gostava muito era História da Arte, e dentro da História da Arte, nós fazíamos...alugávamos um autocarro, os alunos, deviam ser uns cinquenta e depois íamos fazer as visitas de estudo aos locais...e uma vez estávamos em Santarém, tava muito calor e andava a televisão, a TVI a fazer uma reportagem, e como eu estava a abanar-me

com um leque, debaixo daquelas árvores, naquela esplanada em Santarém, então eu fui entrevistada pela TVI...Olhe! Não queira saber, era telefonemas lá para casa, eu nunca pensei na vida ser uma vedeta na televisão! [Gargalhadas] ainda telefonavam ainda passar de um tempo, “Ah, eu vi-te na televisão e tal...” E pronto...achei graça, porque foi logo a mim que vieram fazer perguntas! A TVI...porque estava, era a cidade mais quente do país, por isso é que eles foram lá! **E: A D. Rita quando está aqui dentro do lar, às vezes sente necessidade de estar sozinha?** e: Sim, quando estou a ler! Se leio qualquer coisa assim e tal, subo sozinha! Porque eu tenho uma companheira de lar que vem para aqui e que está sempre a queixar-se de doenças, doenças, doenças e mais doenças, e eu fico maluca, de maneira que eu...coitada, a senhora já está com uma certa idade e agora está bastante atrapalhada, e já foi ontem ao médico de maneira que a senhora, quando ela está...Eu disse-lhe ”olhe que eu hoje vou ter aqui visita! oh, mas pode estar na mesma! Porque você conhece, não é uma pessoa estranha” e ela “Mas quem é?” e eu “ah, é fulana, uma pessoa assim, assim...” e ela “ah, ‘tá bem, tá bem”, mas foi porque estava a janela aberta e podia constipar-se porque tinha tirado as meias! E ela tem um problema nas pernas! **E: quem é que dorme aqui consigo D. Rita?** e: é essa, tá ali na fotografia, você conhece-a! Mas ela ali era rapariga nova, não é? Na fotografia... Mas ela está muito em baixo! Está muito em baixo! E sabe porquê? Ai não posso dizer isto aqui... **E: Pode D. Rita...** e: Era assim, ela comia muito pouco, e tinha vergonha de pedir mais, enfraqueceu, emagreceu tanto que, até os sapatos lhe caem dos pés! E aqui a saía com alfinetes de dama, para a prender! Emagreceu muito! E aquilo de tal maneira que... Agora foi ao médico, disse à Irmã e ela...agora, ela comia um pãozinho de manhã quando os outros comem dois, “Ah, tenho vergonha de pedir mais!” E isto...era sempre a vergonha...“É, é, olha a vergonha ‘tá você! Olhe essa saía a cair!” E os sapatos é a mesma coisa, então ontem foi ao médico e o médico, parece, segundo o que ela me disse, receitou-lhe vitaminas e isso tudo... **E: Quais são os momentos, quando a D. Rita está aqui dentro do lar, em que se sente mais sozinha?** e: Mais só?? Não sei...não posso dizer.... Á noite! Porque eu gostava de ver programas da televisão que me interessavam e aqui não posso ver... Rezo o terço! Ou estou a ouvir música, tenho o coiso [aponta para as orelhas, dando a indicação de que se tratavam de uns auscultadores], para não incomodar ninguém, um radiozinho barato daqueles dos chineses que eu comprei ali e pronto... e depois oiço alguma música, oiço noticiários, oiço essas assim... É uma companhia, para mim é uma companhia, não é? Eu quando estava em casa não ouvia tanto a rádio, mas ouvia mais a televisão, os programas que me interessavam na televisão... Agora aqui, no lar, até às nove e meia há às vezes assim um ou outro que aparece assim, uma reportagem ou assim até às nove e meia...a partir das nove e meia...Ainda ontem, acabou a Catarina Furtado, aquela, os miúdos pretos e aquela cangalhada toda, tivemos assim a ver e depois cada uma de nós, as três, era eu e mais duas senhoras, fomos para a cama! **E: Deita-se muito cedo aqui dentro?** e: Atão pois claro! Então a gente assim por volta das nove e meia, dez horas, eu vim para aqui nove e meia,

como ontem por exemplo, depois vou para a casa de banho e faço a minha higiene noturna, como eles lhe chamam, e depois venho para a cama, aí por volta das dez horas estou na cama!

E: A D. Rita quando está sozinha, quando se sente sozinha, o que é que a D. Rita faz para... e: Saio! Muitas vezes saio! Vou dar uma volta ao supermercado... Olhe! Hoje era um dia em que ia ao supermercado de tarde, mas acho que há uma festa cá, não sei... **E: Festa da Páscoa!** e: É, não é? Mas eu precisava de ir, porque amanhã esta faz anos, e eu queria ir lá comprar umas amêndoas para lhe dar amanhã... **E: Então a sua forma de fugir de estar sozinha, é sair daqui do lar?** e: É...quando estou aborrecida por qualquer motivo, saio! **E: E a D. Rita, aqui dentro do lar, sente-se excluída de alguma forma?** e: Não! Não, agora é essa que não me fala, mas essa é como o outro... é um feitio muito especial e esse feitio especial não conta para mim! Não fala, não quer falar, não fale... **E: A D. rita, sente que existem pessoas aqui dentro do lar, utentes ou profissionais, com quem a D. Rita pode desabafar, confidenciar alguma coisa assim mais pessoal...** e: Talvez uma, sim... **E: Utente ou profissional?** e: Utente! É uma pessoa muito... ela também fala comigo da vida dela, também fala, essa senhora é Alentejana e que está qui coitada, nem sequer pode ir lá fora sair por causa das pernas... **E: É a D. Ângela ?** e: Exatamente! **E: É a pessoa com quem a D: Rita...** e: Sim, Sim! Conversamos muito! Temos certos gostos muito parecidos, passeámos muito, ela no tempo do marido, claro... Sítios onde ela foi eu também fui... de maneira que, conversamos muito! Ela conversa muito, eu também converso muito... **E: A D. Rita já conhecia a D. Ângela antes de vir para o lar?** e: Não! Foi aqui! **E: E a D. Rita aqui, com pessoas à sua volta sente-se acompanhada?** e: Sim! Sinto! Há aqui pessoas muito simpáticas, para mim... Eu também espero que gostem de mim ou que simpatizem! Que até gostar vai um passo, simpatizar é outra, não é? Portanto, acho que sim! As irmãs também são muito simpáticas comigo, também tenho que falar nisso! Não são só aquelas ásperas, não... São uma simpatia, comigo! Têm sido uma simpatia comigo...

1º Tratamento da Entrevista nº 11

[*Quais foram os motivos que a trouxeram para o lar*] (...) por estar só! Porque eu tinha caído da cama abaixo e é muito alta, e cá, partiu-se o banco que eu usava para subir, partiu-se e eu caí...caí e fiquei bastante magoada, mas não parti nada graças a Deus! (...) Um mês depois telefonam-me do lar a dizer que tinham cá uma vaga e que tinha que resolver, Sim ou não, e depois ficava em lista de espera novamente, onde estive 13 anos inscrita, segundo me disseram! De maneira que... disse logo que sim! Entrei dia 8 de Outubro, entrei...de 2010!

[*Porque tomou essa decisão de se inscrever aqui no lar*] Porque eu pensei! ... Depois de me reformar comecei...eu vivo sozinha, elas estão no estrangeiro [Irmã e Sobrinha], a minha mãe, falecida, a minha comadre é uma pessoa que trabalha, naquela altura não estava reformada, estava a trabalhar... Se eu tiver doente, quem é que me trata? Quem é que me chega qualquer coisa que eu...que me lave, enfim, que trate de mim? Entretanto, eu vim-me inscrever, e como vinha cá pagar uma cota (...) que havia para aí de Nossa Senhora, enfim...eu vinha cá pagar e nessa altura, aproveitei...e estava cá a Dra. Seabra, a que faleceu... E ela era muito simpática, e queria até que eu cá ficasse para conversar com as senhoras e tal... Se não fosse tão longe da minha casa, eu vinha... Mas isso faço eu ao pé da minha casa, mais perto de outras pessoas amigas, faço o mesmo... Então inscrevi-me...ela mesmo é que me disse para me inscrever, “Olhe, fico à espera!”, então mais tarde vim cá outra vez, diz-me ela assim “Olhe, ainda tem 80 pessoas à sua espera!”, e eu assim “Ai, tantas pessoas!”, bem... e assim passou... ao fim desses treze anos (...) Telefonaram-me para casa, aquilo era para ver se eu ainda era viva se calhar!! [Gargalhadas], e diz assim, a Clarisse, era a Dra. Clarisse, “Para saber se a Sra. quer continuar aqui inscrita neste lar” e não sei quê, “Sim senhor! Quero quero!”, “Então pronto! Está inscrita e tal...Isto é uma coordenação de trabalho e tal”, pronto! E assim ficou...passado um ano, foi quando me telefonaram, a dizer se queria eu não queria, digo eu assim “Quero! Quero!”, Ainda por cima tinha caído da cama abaixo, [Gargalhadas] cheia de dores...e pronto! Um mês depois estava cá!

[*Foi opção da própria*] Sim! Sim! Optei, eu vim de livremente! [sorri] (...) Eu resolvi as minhas coisas! Eu resolvi as minhas coisas! Resolvi vir, e as pessoas ficaram todas muito admiradas! “Vais? Mas tu vais assim para um lar e tal?”, “Atão?! Pois se eu não tenho ninguém que me trate, se eu tiver doente como é que vai ser?”, então eu parti um pé, parti um pulso, o pulso já aqui há uns anos... O pulso, arranjei uns plásticos, eu tomava o meu duchezinho todos os dias (...) os pés torci-os várias vezes, o pé partido, andava com canadianas, mas custava muito a descer as escadas, porque não tenho elevador, custava-me muito, mas pronto! A coisa

arranjou-se! O médico depois mandou-me dar banhos de água salgada, todos os dias, eu dava duas vezes, ora foi um instante...depois fui para a praia, e pronto...

[*O que é que é para si a Solidão*] Ai! A solidão é uma pessoa não ter ninguém para falar... umas das coisas é essa! Eu que gosto muito de conversar, e uma pessoa estar a olhar para as paredes e não ter ninguém que dê umas palavrinhas para mim, é muito triste! (...) Para mim é mau! para mim é muito mau! Uma pessoa que tem uma solidão, é muito triste!

[*Alguma vez se sentiu isolada ou só*] Não! Não porque tenho muita fé e como tenho muita fé e enfim, sou muito religiosa, rezo!...E a coisa, passa! (...) É a minha maneira de encarar...

[*Sente-se mais só agora do que se sentia há uns anos atrás*] ah, com certeza, tinha a minha mãe viva, tinha muitos familiares que já faleceram! Pronto...mas agora, prá frente! É assim...é a vida!

[*Sabe lidar com a solidão*] Sei! Sei, sei... já tive assim, depois da morte da minha mãe fiquei muito baixo... fui muito de repente, uma coisa do coração, fui muito abaixo...a minha irmã teve cá quinze dias comigo. Estava muito em baixo... foi a partir daí que o médico, eu fui ao médico com ela e o médico disse “Vai fazer análises!”, e quando fui fazer as análises, deu-me colesterol! Coisa que eu nunca tive na vida! Que até fui buscar o colesterol que era da minha mãe, que também tinha esse problema! E então fiquei com ele para mim, fui herdar o colesterol.... Eu estou sempre medicada. Tenho dieta, fiquei com uma gastrite crónica, com os nervos que se foram acumulando, não é? E, pronto!

[*Como faz para lidar com a solidão*] olhe! Vou à igreja, vou à igreja, vou...ía muito conviver muito com as minhas colegas da... pronto...era assim! E ainda hoje, no dia 17 já vou ter um almoço com elas! Com umas que eram do meu tempo, são mais novas do que eu e ainda estão a trabalhar...

[*Convive com as pessoas aqui de dentro*] Sim!! Pode perguntar! [Gargalhadas] Só há uma com quem eu não convivo assim muito, Agora!! Mas estou bem! (...) nós dávamo-nos, falávamos muito, dávamo-nos bem, não, dávamo-nos bem, conversávamos, era diferente, ser amigo e...conversávamos muito, mas os feitios não eram...não pega comigo!

[*A vinda para o lar, fez com que se sentisse mais acompanhada*] Sim, Sim!! Sim, eu aqui tenho mais pessoas para conversar, eu em casa não tinha ninguém! Eu antes, tinha que ir à academia onde andava onde nós tínhamos o apoio de um grupo, de vez em quando ainda nos falamos e tal... E íamos tomar chá, saíamos da aula, vínhamos da aula... uma das disciplinas que eu gostava muito era História da Arte, e dentro da História da Arte, nós fazíamos...alugávamos um autocarro, os alunos, deviam ser uns cinquenta e depois íamos fazer as visitas de estudo aos

locais...e uma vez estávamos em Santarém, tava muito calor e andava a televisão, a TVI a fazer uma reportagem, e como eu estava a abanar-me com um leque, debaixo daquelas árvores, naquela esplanada em Santarém, então eu fui entrevistada pela TVI...Olhe! Não queira saber, era telefonemas lá para casa, eu nunca pensei na vida ser uma vedeta na televisão! [Gargalhadas] ainda telefonavam ainda passar de um tempo, “Ah, eu vi-te na televisão e tal...” E pronto...achei graça, porque foi logo a mim que vieram fazer perguntas! A TVI...porque estava, era a cidade mais quente do país, por isso é que eles foram lá!

[*Quando está aqui dentro do lar sente necessidade de estar sozinha*] Sim, quando estou a ler! Se leio qualquer coisa assim e tal, subo sozinha! Porque eu tenho uma companheira de lar que vem para aqui e que está sempre a queixar-se de doenças, doenças, doenças e mais doenças, e eu fico maluca, de maneira que eu...coitada, a senhora já está com uma certa idade e agora está bastante atrapalhada, e já foi ontem ao médico de maneira que a senhora, quando ela está...Eu disse-lhe “olhe que eu hoje vou ter aqui visita! oh, mas pode estar na mesma! (...) mas foi porque estava a janela aberta e podia constipar-se porque tinha tirado as meias! E ela tem um problema nas pernas! (...) Está muito em baixo! (...) ela comia muito pouco, e tinha vergonha de pedir mais, enfraqueceu, emagreceu tanto que, até os sapatos lhe caem dos pés! E aqui a saia com alfinetes de dama, para a prender! Emagreceu muito! E aquilo de tal maneira que... Agora foi ao médico, disse à Irmã e ela...agora, ela comia um pãozinho de manhã quando os outros comem dois, “Ah, tenho vergonha de pedir mais!” E isto...era sempre a vergonha...“É, é, olha a vergonha ‘tá você! Olhe essa saia a cair!” E os sapatos é a mesma coisa, então ontem foi ao médico e o médico, parece, segundo o que ela me disse, receitou-lhe vitaminas e isso tudo...

[*Quais são os momentos em que se sente mais sozinha*] Mais só?? (...) Á noite! Porque eu gostava de ver programas da televisão que me interessavam e aqui não posso ver... Rezo o terço! Ou estou a ouvir música, tenho o coiso [aponta para as orelhas, dando a indicação de que se tratavam de uns auscultadores], para não incomodar ninguém, um radiozinho barato daqueles dos chineses que eu comprei ali e pronto... e depois oiço alguma música, oiço noticiários (...) É uma companhia, para mim é uma companhia, não é? Eu quando estava em casa não ouvia tanto a rádio, mas ouvia mais a televisão, os programas que me interessavam na televisão... Agora aqui, no lar, até às nove e meia há às vezes assim um ou outro que aparece assim, uma reportagem ou assim até às nove e meia...a partir das nove e meia... Ainda ontem, acabou a Catarina Furtado, aquela, os miúdos pretos e aquela cangalhada toda, tivemos assim a ver e depois cada uma de nós, as três, era eu e mais duas senhoras, fomos para a cama!

[*Deita-se muito cedo*] Atão pois claro! Então a gente assim por volta das nove e meia, dez horas, eu vim para aqui nove e meia, como ontem por exemplo, depois vou para a casa de banho

e faço a minha higiene noturna, como eles lhe chamam, e depois venho para a cama, aí por volta das dez horas estou na cama!

[*Quando se sente sozinha o que faz*] Saio! Muitas vezes saio! Vou dar uma volta ao supermercado... Olhe! Hoje era um dia em que ia ao supermercado de tarde, mas acho que há uma festa cá, não sei... (...) Mas eu precisava de ir, porque amanhã esta faz anos, e eu queria ir lá comprar umas amêndoas para lhe dar amanhã...

[*A sua forma de fugir de estar sozinha, é sair*] É...quando estou aborrecida por qualquer motivo, saio!!

[*Dentro do lar, sente-se excluída de alguma forma*] Não! Não, agora é essa que não me fala, mas essa é como o outro... é um feitio muito especial e esse feitio especial não conta para mim! Não fala, não quer falar, não fale...

[*Existem pessoas aqui dentro do lar, utentes ou profissionais, com quem pode desabafar, confidenciar alguma coisa assim mais pessoal*] Talvez uma, sim... (...) É uma pessoa muito... ela também fala comigo da vida dela, também fala, essa senhora é Alentejana e que está qui coitada, nem sequer pode ir lá fora sair por causa das pernas... (...) Conversamos muito! Temos certos gostos muito parecidos, passeámos muito, ela no tempo do marido, claro... Sítios onde ela foi eu também fui... de maneira que, conversamos muito! Ela conversa muito, eu também converso muito... !

[*Com pessoas à sua volta sente-se acompanhada*] Sim! Sinto! Há aqui pessoas muito simpáticas, para mim... Eu também espero que gostem de mim ou que simpatizem! Que até gostar vai um passo, simpatizar é outra, não é? Portanto, acho que sim! As irmãs também são muito simpáticas comigo, também tenho que falar nisso! Não são só aquelas ásperas, não... São uma simpatia, comigo! Têm sido uma simpatia comigo...

Pré-categorização da Entrevista nº 11

1. [*Quais foram os motivos que a trouxeram para o lar*] (...) por estar só! Porque eu tinha caído da cama abaixo e é muito alta, e cáí, partiu-se o banco que eu usava para subir, partiu-se e eu cáí... cáí e fiquei bastante magoada, mas não parti nada graças a Deus! (...)
2. (...) Um mês depois telefonam-me do lar a dizer que tinham cá uma vaga e que tinha que resolver, Sim ou não, e depois ficava em lista de espera novamente, onde estive 13 anos inscrita, segundo me disseram! De maneira que... disse logo que sim! Entrei dia 8 de Outubro, entrei...de 2010! (...)
3. [*Porque tomou essa decisão de se inscrever aqui no lar*] Porque eu pensei! ... Depois de me reformar comecei...eu vivo sozinha, elas estão no estrangeiro [Irmã e Sobrinha], a minha mãe, falecida, a minha comadre é uma pessoa que trabalha, naquela altura não estava reformada, estava a trabalhar... Se eu tiver doente, quem é que me trata? Quem é que me chega qualquer coisa que eu...que me lave, enfim, que trate de mim? (...)
4. (...) Entretanto, eu vim-me inscrever, e como vinha cá pagar uma cota (...) que havia para aí de Nossa Senhora, enfim...eu vinha cá pagar e nessa altura, aproveitei...e estava cá a Dra. Seabra, a que faleceu... E ela era muito simpática, e queria até que eu cá ficasse para conversar com as senhoras e tal... Se não fosse tão longe da minha casa, eu vinha... Mas isso faço eu ao pé da minha casa, mais perto de outras pessoas amigas, faço o mesmo... Então inscrevi-me...ela mesmo é que me disse para me inscrever, “Olhe, fico à espera!”, então mais tarde vim cá outra vez, diz-me ela assim “Olhe, ainda tem 80 pessoas à sua espera!”, e eu assim “Ai, tantas pessoas!”, bem... e assim passou... ao fim desses treze anos (...)
5. (...) Telefonaram-me para casa, aquilo era para ver se eu ainda era viva se calhar!! [Gargalhadas], e diz assim, a Clarisse, era a Dra. Clarisse, “Para saber se a Sra. quer continuar aqui inscrita neste lar” e não sei quê, “Sim senhor! Quero quero!”, “Então pronto! Está inscrita e tal...Isto é uma coordenação de trabalho e tal”, pronto! E assim ficou...passado um ano, foi quando me telefonaram, a dizer se queria eu não queria, digo eu assim “Quero! Quero!”, Ainda por cima tinha caído da cama abaixo, [Gargalhadas] cheia de dores...e pronto! Um mês depois estava cá! (...)

6. [*Foi opção da própria*] Sim! Sim! Optei, eu vim de livremente! [sorri] (...) Eu resolvi as minhas coisas! Resolvi vir, e as pessoas ficaram todas muito admiradas! “Vais? Mas tu vais assim para um lar e tal?”, “Atão?! Pois se eu não tenho ninguém que me trate, se eu tiver doente como é que vai ser?”, então eu parti um pé, parti um pulso, o pulso já aqui há uns anos... O pulso, arranjei uns plásticos, eu tomava o meu duchezinho todos os dias (...) os pés torci-os várias vezes, o pé partido, andava com canadianas, mas custava muito a descer as escadas, porque não tenho elevador, custava-me muito, mas pronto! A coisa arranjou-se! O médico depois mandou-me dar banhos de água salgada, todos os dias, eu dava duas vezes, ora foi um instante...depois fui para a praia, e pronto... (...)
7. [*O que é que é para si a Solidão*] Ai! A solidão é uma pessoa não ter ninguém para falar... umas das coisas é essa! Eu que gosto muito de conversar, e uma pessoa estar a olhar para as paredes e não ter ninguém que dê umas palavrinhas para mim, é muito triste! (...) Para mim é mau! Para mim é muito mau! Uma pessoa que tem uma solidão, é muito triste!
8. [*Alguma vez se sentiu isolada ou só*] Não! Não porque tenho muita fé e como tenho muita fé e enfim, sou muito religiosa, rezo!...E a coisa, passa! (...) É a minha maneira de encarar... (...)
9. [*Sente-se mais só agora do que se sentia há uns anos atrás*] ah, com certeza, tinha a minha mãe viva, tinha muitos familiares que já faleceram! Pronto...mas agora, prá frente! É assim...é a vida! (...)
10. [*Sabe lidar com a solidão*] Sei! Sei, sei... (...)
11. (...) já tive assim, depois da morte da minha mãe fiquei muito baixo... fui muito de repente, uma coisa do coração, fui muito abaixo...(...)
12. (...) a minha irmã teve cá quinze dias comigo. Estava muito em baixo... foi a partir daí que o médico, eu fui ao médico com ela e o médico disse “Vai fazer análises!”, e quando fui fazer as análises, deu-me colesterol! Coisa que eu nunca tive na vida! Que até fui buscar o colesterol que era da minha mãe, que também tinha esse problema! E então fiquei com ele para mim, fui herdar o colesterol... Eu estou sempre medicada. Tenho dieta, fiquei com uma gastrite crónica, com os nervos que se foram acumulando, não é? E, pronto! (...)

13. [*Como faz para lidar com a solidão*] olhe! Vou à igreja, vou à igreja, vou...ia muito conviver muito com as minhas colegas da... pronto...era assim! E ainda hoje, no dia 17 já vou ter um almoço com elas! Com umas que eram do meu tempo, são mais novas do que eu e ainda estão a trabalhar... (...)
14. [*Convive com as pessoas aqui de dentro*] Sim!! Pode perguntar! [Gargalhadas] Só há uma com quem eu não convivo assim muito, Agora!! Mas estou bem! (...) nós dávamo-nos, falávamos muito, dávamo-nos bem, não, dávamo-nos bem, conversávamos, era diferente, ser amigo e...conversávamos muito, mas os feitios não eram...não pega comigo! (...)
15. [*A vinda para o lar, fez com que se sentisse mais acompanhada*] Sim, Sim!! Sim, eu aqui tenho mais pessoas para conversar, eu em casa não tinha ninguém! Eu antes, tinha que ir à academia onde andava onde nós tínhamos o apoio de um grupo, de vez em quando ainda nos falamos e tal... E íamos tomar chá, saíamos da aula, vínhamos da aula... uma das disciplinas que eu gostava muito era História da Arte, e dentro da História da Arte, nós fazíamos...alugávamos um autocarro, os alunos, deviam ser uns cinquenta e depois íamos fazer as visitas de estudo aos locais...(...)
16. (...) e uma vez estávamos em Santarém, tava muito calor e andava a televisão, a TVI a fazer uma reportagem, e como eu estava a abanar-me com um leque, debaixo daquelas árvores, naquela esplanada em Santarém, então eu fui entrevistada pela TVI...Olhe! Não queira saber, era telefonemas lá para casa, eu nunca pensei na vida ser uma vedeta na televisão! [Gargalhadas] ainda telefonavam ainda passar de um tempo, “Ah, eu vi-te na televisão e tal...” E pronto...achei graça, porque foi logo a mim que vieram fazer perguntas! A TVI...porque estava, era a cidade mais quente do país, por isso é que eles foram lá! (...)
17. [*Quando está aqui dentro do lar sente necessidade de estar sozinha*] Sim, quando estou a ler! Se leio qualquer coisa assim e tal, subo sozinha! Porque eu tenho uma companheira de lar que vem para aqui e que está sempre a queixar-se de doenças, doenças, doenças e mais doenças, e eu fico maluca, de maneira que eu...coitada, a senhora já está com uma certa idade e agora está bastante atrapalhada, e já foi ontem ao médico de maneira que a senhora, quando ela está...Eu disse-lhe ”olhe que eu hoje vou ter aqui visita! oh, mas pode estar na mesma! (...)

18. (...) mas foi porque estava a janela aberta e podia constipar-se porque tinha tirado as meias! E ela tem um problema nas pernas! (...) Está muito em baixo! (...) ela comia muito pouco, e tinha vergonha de pedir mais, enfraqueceu, emagreceu tanto que, até os sapatos lhe caem dos pés! E aqui a saia com alfinetes de dama, para a prender! Emagreceu muito! E aquilo de tal maneira que... Agora foi ao médico, disse à Irmã e ela... agora, ela comia um pãozinho de manhã quando os outros comem dois, “Ah, tenho vergonha de pedir mais!” E isto...era sempre a vergonha...“É, é, olha a vergonha ‘tá você! Olhe essa saia a cair!” E os sapatos é a mesma coisa, então ontem foi ao médico e o médico, parece, segundo o que ela me disse, receitou-lhe vitaminas e isso tudo... (...)
19. [*Quais são os momentos em que se sente mais sozinha*] Mais só?? (...) Á noite! Porque eu gostava de ver programas da televisão que me interessavam e aqui não posso ver... (...)
20. (...) Rezo o terço! Ou estou a ouvir música, tenho o coiso [aponta para as orelhas, dando a indicação de que se tratavam de uns auscultadores], para não incomodar ninguém, um radiozinho barato daqueles dos chineses que eu comprei ali e pronto... e depois oiço alguma música, oiço noticiários (...) É uma companhia, para mim é uma companhia, não é? Eu quando estava em casa não ouvia tanto a rádio, mas ouvia mais a televisão, os programas que me interessavam na televisão... Agora aqui, no lar, até às nove e meia há às vezes assim um ou outro que aparece assim, uma reportagem ou assim até às nove e meia...a partir das nove e meia... (...)
21. (...) Ainda ontem, acabou a Catarina Furtado, aquela, os miúdos pretos e aquela cangalhada toda, tivemos assim a ver e depois cada uma de nós, as três, era eu e mais duas senhoras, fomos para a cama! [*Deita-se muito cedo*] Atão pois claro! Então a gente assim por volta das nove e meia, dez horas, eu vim para aqui nove e meia, como ontem por exemplo, depois vou para a casa de banho e faço a minha higiene noturna, como eles lhe chamam, e depois venho para a cama, aí por volta das dez horas estou na cama! (...)
22. [*Quando se sente sozinha o que faz*] Saio!! Muitas vezes saio! Vou dar uma volta ao supermercado... Olhe! Hoje era um dia em que ia ao supermercado de tarde, mas acho que há uma festa cá, não sei... (...) Mas eu precisava de ir, porque amanhã esta faz anos, e eu queria ir lá comprar umas amêndoas para lhe dar amanhã...(...)

23. [*A sua forma de fugir de estar sozinha, é sair*] É...quando estou aborrecida por qualquer motivo, saio! (...)
24. [*Dentro do lar, sente-se excluída de alguma forma*] Não! Não, agora é essa que não me fala, mas essa é como o outro... é um feitio muito especial e esse feitio especial não conta para mim! Não fala, não quer falar, não fale... (...)
25. [*Existem pessoas aqui dentro do lar, utentes ou profissionais, com quem pode desabafar, confidenciar alguma coisa assim mais pessoal*] Talvez uma, sim...(...) É uma pessoa muito... ela também fala comigo da vida dela, também fala, essa senhora é Alentejana e que está qui coitada, nem sequer pode ir lá fora sair por causa das pernas... (...) Conversamos muito! Temos certos gostos muito parecidos, passeámos muito, ela no tempo do marido, claro... Sítios onde ela foi eu também fui... de maneira que, conversamos muito! Ela conversa muito, eu também converso muito... ! (...)
26. [*Com pessoas à sua volta sente-se acompanhada*] Sim! Sinto! Há aqui pessoas muito simpáticas, para mim... Eu também espero que gostem de mim ou que simpatizem! Que até gostar vai um passo, simpatizar é outra, não é? Portanto, acho que sim! (...)
27. (...) As irmãs também são muito simpáticas comigo, também tenho que falar nisso! Não são só aquelas ásperas, não... São uma simpatia, comigo! Têm sido uma simpatia comigo...

ENTREVISTA N° 12

Transcrição da Entrevista nº 12

Duração: 14' 17''

E: Quais foram os motivos que a trouxeram para o lar? e: Não me trouxeram, fui eu que vim! Vim sem ninguém saber, inscrevi-me cá sem ninguém saber... Eu vim porque estava sozinha, a minha filha é médica, e ia todos os dias para o hospital e eu ficava sozinha em casa e depois eu comecei, a minha filha disse “Há um centro de dia aqui!”, havia aqui e há outro lá ao pé da igreja e depois eu disse: “Então vamos ver!”, e então viemos ver e eu fiquei no Centro de Dia. Fiz muitas coisas! Muitas coisas, eu fazia muitos trabalhos... Depois, a dona M^a José, que era a diretora disto, apareceu lá um quarto com casa de banho e assim um quarto bom, e nisto telefonou lá para casa. O meu genro é que atendeu o telefone, que eu não estava em casa, eu não estava tempo nenhum em casa, ia sair, ia... E depois, telefonou para lá e disse: “Está cá um quarto muito bom!”, mas o meu genro não sabia de nada, nem que eu me tinha inscrito, nem nada, disse: “Deve ser engano!”, “Não é engano, não é! Quando a senhora chegar, o senhor faça o favor de lhe dizer!”, depois eu cheguei e ele disse-me. Cheguei com a minha filha, e a minha filha e então eu disse “Pois eu, fui ver lá, fui falar com a D. M^a José, para quando tivesse um quarto jeitoso para deixar para mim!”. **E: E falou sem a sua filha saber?** e: Sim! Sem ninguém saber! Só souberam naquele dia quando telefonaram para lá! Depois a minha filha veio e o meu genro, até trouxeram coisas para a casa de banho que não tinha, que era para eu estar bem! E eu ia todas as semanas a casa, ia a pé, porque ela mora ali no Lumiar, e eu ia a pé e vinha, e aquilo para mim era um desporto! E eu estava contente! E depois fui ficando, pois está claro que ficava! Agora, há p'rai dois anos ou três, que eu não, que eu estou pior... Não posso nada, têm que me vestir, têm que me deitar, têm que me levantar, têm que tudo! [Suspiro] **E: Então a decisão de vir para o lar foi sua...** e: Fui eu! Fui eu, pois a minha filha não queria que eu viesse, nem o meu genro! Mas eu quis vir! Eu tinha tido uma dor ciática, e tinha estado muito mal, e eu pensei: “Deixa estar, que eu hei-de inscrever-me lá, posso ter qualquer coisa assim e a minha filha não pode...” E eu, inscrevi-me sem ninguém saber! **E: consegue dizer-me o que é para si a solidão?** e: Olhe, eu gosto disto assim, gosto de sossego! Porque tenho muita dor, e aborrece-me tudo e então nunca vou para ali, gosto de estar aqui! E a Irmã faz-me uma grande favor em me deixar ter estas coisinhas aqui em cima da mesa, porque eu não posso, se preciso de uma coisa não me posso levantar e ir tirar! **E: E consegue descrever-me pelas suas palavras o que é a solidão?** e: A solidão é uma pessoa viver sozinha! Penso eu que é assim... aquela senhora está aqui comigo mas eu não tenho conversa porque eu só tenho dores, que conversa tenho eu? Não tenho nenhuma! Não converso, e ela também não conversa! Pronto, estamos aí... Oiço a telefonia, que é bonito, coisas bonitas e pronto... **E: Alguma vez se sentiu isolada ou sozinha?** e: Não... Não, antes de vir para cá, primeiro estive, estava em Monchique, depois o meu marido morreu e eu fiquei muito mal! Fiquei muito mal, que a minha filha trouxe-

me para cá para o hospital, ela, elas tudo com as análises na mão, que eu não tinha quinze dias de vida! Se não fosse a minha filha eu tinha morrido lá! Deitava-me, eu sentia-me tão, tão farta, iam dar comigo morta! **E: Então nunca se sentiu isolada ou sozinha!** e: Não...porque eu tenho a minha filha! Se não tivesse a minha filha, aí isso, com certeza sentia, mas eu tenho-a! É muito minha amiga e muito boa! Assim como o meu filho era! Depois de o meu filho morrer, é que eu estou pior! Mais desanimada, mais tudo, porque lembro-me dele e tenho muita pena! Que ele era também muito bom, muito bom! Muito meu amigo! E é por isso que eu tenho um grande desgosto dele! **E: Sente-se mais sozinha agora do que se sentia há uns anos atrás?** e: ah, olhe, há uns anos atrás, saía para a rua, dava a volta, e sentia-me mais... agora não posso! A minha filha já me disse: “Sábado, eu levo-a! Que é para ir à cabeleireira e depois dorme lá e depois vem no Domingo!”, mas ela tem que me deitar, tem o marido que vir ajudar, que ela não pode! Que ela está também com os ombros todos escangalhados de fazer tanto parto! **E: Quando se sente sozinha, sabe lidar com a Solidão?** e: Sei! Olhe, é com estes livros [um livro de sopa de letras que segurava na mão], isto é a minha sorte! **E: Como faz para lidar com a solidão, é com o fazer a sopa de letras?** e: Pois! **E: A sua vinda para o lar, fez com que se sentisse mais acompanhada?** e: Ah...mais acompanhada, porque ela saía de manhã e vinha à tarde! **E: A sua filha?** e: Pois, ia para o hospital e vinha à tarde, e o marido também não estava, estava empregado, estava sozinha, por isso aqui tinha companhia! Estava lá, estava no Centro de dia a trabalhar, e eu gostava de estar! **E: E agora, que não vai para o Centro de Dia?** e: Não me posso sentar em todas as cadeiras, não posso fazer nada que as senhoras fazem, eu não faço nada disso, não faço nada de maneira que não vou! **E: E quando está aqui, dentro de lar, sente a necessidade de estar sozinha?** e: Não, mesmo que estejam pessoas eu não me importo! Não me importo de estar com pessoas, com alguém que venha aqui, que esteja aqui...Não me importo... **E: Dentro do lar, quais são os momentos em que se sente mais sozinha?** e: Eu nunca me sinto sozinha! Tenho sempre esta senhora para me acompanhar e nunca me sinto sozinha... Não me importo. Eu olho para isto [sopa de letras], isto não é fácil e estou entretida e oiço a telefonia. **E: Mas se em algum momento se sente só, o que faz para se distrair?** e: Nunca me sinto sozinha... **E: aqui dentro lar, sente-se excluída de alguma forma?** e: Não, não... todos me querem bem, eu também quero bem a toda a gente, não ponho de parte ninguém! Nem esta, nem aquela, não... eu falo bem com todas e dou-me bem com todas porque eu estou sempre aqui, vou comer, passo e falo e tudo... não há uma única pessoa que eu diga que não gosto! **E: e dentro do lar, sente que existem pessoas, utentes ou profissionais com quem pode falar ou desabafar?** e: Não, eu nunca falo com ninguém! **E: Não tem pessoas com quem fale ou desabafe?** e: Com ninguém, para quê contar a minha vida? para quê? **E: E falar sobre os seus sentimentos?** e: Não falo, mesmo essa senhora que está aí, não falo nada da minha vida... **E: Dentro do lar, sente-se acompanhada?** e: Sinto-me! Estranhei muito quando vim para aqui para este quarto, porque no outro quarto via a porta e fez-me um grande mal não

ver a porta... **E: Porque é que precisava de ver a porta?** e: Podia alguém entrar e eu via! Mas calcula lá o que eu passei, e a minha filha dizia-me que este era um quarto melhor, mas eu, agora já me vou habituando! Mas estou sempre aqui e quando elas saem à noite, digo: “Feche a porta!”, não sei porquê, não gosto de ter a porta aberta quando estou deitada...

1º Tratamento da Entrevista nº 12

[*Quais foram os motivos que a trouxeram para o lar*] Não me trouxeram, fui eu que vim! Vim sem ninguém saber, inscrevi-me cá sem ninguém saber... Eu vim porque estava sozinha, a minha filha é médica, e ia todos os dias para o hospital e eu ficava sozinha em casa e depois eu comecei, a minha filha disse “Há um centro de dia aqui!”, havia aqui e há outro lá ao pé da igreja e depois eu disse: “Então vamos ver!”, e então viemos ver e eu fiquei no Centro de Dia. Fiz muitas coisas! Muitas coisas, eu fazia muitos trabalhos... Depois, a dona M^a José, que era a diretora disto, apareceu lá um quarto com casa de banho e assim um quarto bom, e nisto telefonou lá para casa. O meu genro é que atendeu o telefone, que eu não estava em casa, eu não estava tempo nenhum em casa, ia sair, ia... E depois, telefonou para lá e disse: “Está cá um quarto muito bom!”, mas o meu genro não sabia de nada, nem que eu me tinha inscrito, nem nada, disse: “Deve ser engano!”, “Não é engano, não é! Quando a senhora chegar, o senhor faça o favor de lhe dizer!”, depois eu cheguei e ele disse-me. Cheguei com a minha filha, e a minha filha e então eu disse “Pois eu, fui ver lá, fui falar com a D. M^a José, para quando tivesse um quarto jeitoso para deixar para mim!”.

[*Falou sem a sua filha saber*] Sim! Sem ninguém saber! Só souberam naquele dia quando telefonaram para lá! Depois a minha filha veio e o meu genro, até trouxeram coisas para a casa de banho que não tinha, que era para eu estar bem! E eu ia todas as semanas a casa, ia a pé, porque ela mora ali no Lumiar, e eu ia a pé e vinha, e aquilo para mim era um desporto! E eu estava contente! E depois fui ficando, pois está claro que ficava! Agora, há p’rai dois anos ou três, que eu não, que eu estou pior... Não posso nada, têm que me vestir, têm que me deitar, têm que me levantar, têm que tudo! [Suspiro]

[*A decisão de vir para o lar foi sua*] Fui eu! Fui eu, pois a minha filha não queria que eu viesse, nem o meu genro! Mas eu quis vir! Eu tinha tido uma dor ciática, e tinha estado muito mal, e eu pensei: “Deixa estar, que eu hei-de inscrever-me lá, posso ter qualquer coisa assim e a minha filha não pode...” E eu, inscrevi-me sem ninguém saber!

[*O que é para si a solidão*] Olhe, eu gosto disto assim, gosto de sossego! Porque tenho muita dor, e aborrece-me tudo e então nunca vou para ali, gosto de estar aqui! E a Irmã faz-me uma grande favor em me deixar ter estas coisinhas aqui em cima da mesa, porque eu não posso, se preciso de uma coisa não me posso levantar e ir tirar! (...) A solidão é uma pessoa viver sozinha! Penso eu que é assim... aquela senhora está aqui comigo mas eu não tenho conversa porque eu só tenho dores, que conversa tenho eu? Não tenho nenhuma! Não converso, e ela

também não conversa! Pronto, estamos aí... Oiço a telefonia, que é bonito, coisas bonitas e pronto...

[*Alguma vez se sentiu isolada ou sozinha*] Não... Não, antes de vir para cá, primeiro estive, estava em Monchique, depois o meu marido morreu e eu fiquei muito mal! Fiquei muito mal, que a minha filha trouxe-me para cá para o hospital, ela, elas tudo com as análises na mão, que eu não tinha quinze dias de vida! Se não fosse a minha filha eu tinha morrido lá! Deitava-me, eu sentia-me tão, tão farta, íam dar comigo morta!

[*Nunca se sentiu isolada ou sozinha*] Não... porque eu tenho a minha filha! Se não tivesse a minha filha, aí isso, com certeza sentia, mas eu tenho-a! É muito minha amiga e muito boa! Assim como o meu filho era! Depois de o meu filho morrer, é que eu estou pior! Mais desanimada, mais tudo, porque lembro-me dele e tenho muita pena! Que ele era também muito bom, muito bom! Muito meu amigo! E é por isso que eu tenho um grande desgosto dele!

[*Sente-se mais sozinha agora do que se sentia há uns anos atrás*] ah, olhe, há uns anos atrás, saía para a rua, dava a volta, e sentia-me mais... agora não posso! A minha filha já me disse: “Sábado, eu levo-a! Que é para ir à cabeleireira e depois dorme lá e depois vem no Domingo!”, mas ela tem que me deitar, tem o marido que vir ajudar, que ela não pode! Que ela está também com os ombros todos escangalhados de fazer tanto parto!

[*Sabe lidar com a Solidão*] Sei! Olhe, é com estes livros [um livro de sopa de letras que segurava na mão], isto é a minha sorte!

[*A sua vinda para o lar, fez com que se sentisse mais acompanhada*] Ah...mais acompanhada, porque ela saía de manhã e vinha à tarde! (...) e o marido também não estava, estava empregado, estava sozinha, por isso aqui tinha companhia! Estava lá, estava no Centro de dia a trabalhar, e eu gostava de estar!

[*E agora, que não vai para o Centro de Dia*] Não me posso sentar em todas as cadeiras, não posso fazer nada que as senhoras fazem, eu não faço nada disso, não faço nada de maneira que não vou!

[*Sente a necessidade de estar sozinha*] Não, mesmo que estejam pessoas eu não me importo! Não me importo de estar com pessoas, com alguém que venha aqui, que esteja aqui...Não me importo...

[*Quais são os momentos em que se sente mais sozinha*] Eu nunca me sinto sozinha! Tenho sempre esta senhora para me acompanhar e nunca me sinto sozinha... Não me importo. Eu olho para isto [sopa de letras], isto não é fácil e estou entretida e oiço a telefonia.

[*Se em algum momento se sente só, o que faz para se distrair*] Nunca me sinto sozinha...

[*Aqui dentro lar, sente-se excluída de alguma forma*] Não, não... todos me querem bem, eu também quero bem a toda a gente, não ponho de parte ninguém! Nem esta, nem aquela, não... eu falo bem com todas e dou-me bem com todas porque eu estou sempre aqui, vou comer, passo e falo e tudo... não há uma única pessoa que eu diga que não gosto!

[*Sente que existem pessoas, utentes ou profissionais com quem pode falar ou desabafar*] Não, eu nunca falo com ninguém! (...) para quê contar a minha vida? para quê? (...) Não falo, mesmo essa senhora que está aí, não falo nada da minha vida...

[*Dentro do lar, sente-se acompanhada*] Sinto-me! Estranhei muito quando vim para aqui para este quarto, porque no outro quarto via a porta e fez-me um grande mal não ver a porta... (...) Podia alguém entrar e eu via! Mas calcula lá o que eu passei, e a minha filha dizia-me que este era um quarto melhor, mas eu, agora já me vou habituando! Mas estou sempre aqui e quando elas saem à noite, digo: “Feche a porta!”, não sei porquê, não gosto de ter a porta aberta quando estou deitada...

Pré-categorização da Entrevista nº 12

1. [*Quais foram os motivos que a trouxeram para o lar*] Não me trouxeram, fui eu que vim! Vim sem ninguém saber, inscrevi-me cá sem ninguém saber... Eu vim porque estava sozinha, a minha filha é médica, e ia todos os dias para o hospital e eu ficava sozinha em casa e depois eu comecei, a minha filha disse “Há um centro de dia aqui!”, havia aqui e há outro lá ao pé da igreja e depois eu disse: “Então vamos ver!”, e então viemos ver e eu fiquei no Centro de Dia. Fiz muitas coisas! Muitas coisas, eu fazia muitos trabalhos... (...)
2. (...) Depois, a dona M^a José, que era a diretora disto, apareceu lá um quarto com casa de banho e assim um quarto bom, e nisto telefonou lá para casa. O meu genro é que atendeu o telefone, que eu não estava em casa, eu não estava tempo nenhum em casa, ia sair, ia... E depois, telefonou para lá e disse: “Está cá um quarto muito bom!”, mas o meu genro não sabia de nada, nem que eu me tinha inscrito, nem nada, disse: “Deve ser engano!”, “Não é engano, não é! Quando a senhora chegar, o senhor faça o favor de lhe dizer!”, depois eu cheguei e ele disse-me. Cheguei com a minha filha, e a minha filha e então eu disse “Pois eu, fui ver lá, fui falar com a D. M^a José, para quando tivesse um quarto jeitoso para deixar para mim!”. (...)
3. [*Falou sem a sua filha saber*] Sim! Sem ninguém saber! Só souberam naquele dia quando telefonaram para lá! Depois a minha filha veio e o meu genro, até trouxeram coisas para a casa de banho que não tinha, que era para eu estar bem! E eu ia todas as semanas a casa, ia a pé, porque ela mora ali no Lumiar, e eu ia a pé e vinha, e aquilo para mim era um desporto! E eu estava contente! E depois fui ficando, pois está claro que ficava! Agora, há p’rai dois anos ou três, que eu não, que eu estou pior... Não posso nada, têm que me vestir, têm que me deitar, têm que me levantar, têm que tudo! [Suspiro] (...)
4. [*A decisão de vir para o lar foi sua*] Fui eu! Fui eu, pois a minha filha não queria que eu viesse, nem o meu genro! Mas eu quis vir! Eu tinha tido uma dor ciática, e tinha estado muito mal, e eu pensei: “Deixa estar, que eu hei-de inscrever-me lá, posso ter qualquer coisa assim e a minha filha não pode...” E eu, inscrevi-me sem ninguém saber! (...)

5. [*O que é para si a solidão*] Olhe, eu gosto disto assim, gosto de sossego! Porque tenho muita dor, e aborrece-me tudo e então nunca vou para ali, gosto de estar aqui! E a Irmã faz-me uma grande favor em me deixar ter estas coisinhas aqui em cima da mesa, porque eu não posso, se preciso de uma coisa não me posso levantar e ir tirar! (...) A solidão é uma pessoa viver sozinha! Penso eu que é assim... (...)
6. (...) aquela senhora está aqui comigo mas eu não tenho conversa porque eu só tenho dores, que conversa tenho eu? Não tenho nenhuma! Não converso, e ela também não conversa! (...)
7. (...) Pronto, estamos aí... Oiço a telefonia, que é bonito, coisas bonitas e pronto... (...)
8. [*Alguma vez se sentiu isolada ou sozinha*] Não... Não, antes de vir para cá, primeiro estive, estava em Monchique, depois o meu marido morreu e eu fiquei muito mal! Fiquei muito mal, que a minha filha trouxe-me para cá para o hospital, ela, elas tudo com as análises na mão, que eu não tinha quinze dias de vida! Se não fosse a minha filha eu tinha morrido lá! Deitava-me, eu sentia-me tão, tão farta, iam dar comigo morta! (...)
9. [*Nunca se sentiu isolada ou sozinha*] Não...porque eu tenho a minha filha! Se não tivesse a minha filha, aí isso, com certeza sentia, mas eu tenho-a! É muito minha amiga e muito boa! Assim como o meu filho era! Depois de o meu filho morrer, é que eu estou pior! Mais desanimada, mais tudo, porque lembro-me dele e tenho muita pena! Que ele era também muito bom, muito bom! Muito meu amigo! E é por isso que eu tenho um grande desgosto dele! (...)
10. [*Sente-se mais sozinha agora do que se sentia há uns anos atrás*] ah, olhe, há uns anos atrás, saía para a rua, dava a volta, e sentia-me mais... agora não posso! (...)
11. (...) A minha filha já me disse: “Sábado, eu levo-a! Que é para ir à cabeleireira e depois dorme lá e depois vem no Domingo!”, mas ela tem que me deitar, tem o marido que vir ajudar, que ela não pode! Que ela está também com os ombros todos escangalhados de fazer tanto parto! (...)
12. [*Sabe lidar com a Solidão*] Sei! Olhe, é com estes livros [um livro de sopa de letras que segurava na mão], isto é a minha sorte! (...)

13. [*A sua vinda para o lar, fez com que se sentisse mais acompanhada*] Ah...mais acompanhada, porque ela saía de manhã e vinha à tarde! (...) e o marido também não estava, estava empregado, estava sozinha, por isso aqui tinha companhia! Estava lá, estava no Centro de dia a trabalhar, e eu gostava de estar! (...)
14. [*E agora, que não vai para o Centro de Dia*] Não me posso sentar em todas as cadeiras, não posso fazer nada que as senhoras fazem, eu não faço nada disso, não faço nada de maneira que não vou! (...)
15. [*Sente a necessidade de estar sozinha*] Não, mesmo que estejam pessoas eu não me importo! Não me importo de estar com pessoas, com alguém que venha aqui, que esteja aqui...Não me importo... (...)
16. [*Quais são os momentos em que se sente mais sozinha*] Eu nunca me sinto sozinha! Tenho sempre esta senhora para me acompanhar e nunca me sinto sozinha... Não me importo. Eu olho para isto [sopa de letras], isto não é fácil e estou entretida e oiço a telefonia. (...)
17. [*Se em algum momento se sente só, o que faz para se distrair*] Nunca me sinto sozinha... (...)
18. [*Aqui dentro lar, sente-se excluída de alguma forma*] Não, não... todos me querem bem, eu também quero bem a toda a gente, não ponho de parte ninguém! Nem esta, nem aquela, não... eu falo bem com todas e dou-me bem com todas porque eu estou sempre aqui, vou comer, passo e falo e tudo... não há uma única pessoa que eu diga que não gosto! (...)
19. [*Sente que existem pessoas, utentes ou profissionais com quem pode falar ou desabafar*] Não, eu nunca falo com ninguém! (...) para quê contar a minha vida? para quê? (...) Não falo, mesmo essa senhora que está aí , não falo nada da minha vida... (...)
20. [*Dentro do lar, sente-se acompanhada*] Sinto-me! Estranhei muito quando vim para aqui para este quarto, porque no outro quarto via a porta e fez-me um grande mal não ver a porta... (...) Podia alguém entrar e eu via! Mas calcula lá o que eu passei, e a minha filha dizia-me que este era um quarto melhor, mas eu, agora já me vou habituando! Mas estou sempre aqui e quando elas saem à noite, digo: “Feche a porta!”, não sei porquê, não gosto de ter a porta aberta quando estou deitada...

ENTREVISTA N° 13

Transcrição da Entrevista nº13

Duração: 47' 56''

Nota: Por dificuldades de percepção, algumas afirmações em discurso direto do entrevistado, não foram transcritas na íntegra, contudo o sentido das respostas não foi alterado.

E: Quais foram os motivos que o trouxeram para o lar? e: Foi ter-me dado um AVC, foi ter estado durante treze dias e vim para aqui assim de cadeira de rodas...

E: E a sua esposa já cá estava? e: estava já, com problemas de saúde, do coração e depois já andava na hemodiálise...

E: A decisão de vir para o lar do Sr. Manuel? e: Foi por minha causa, porque não tinha quem tratasse dela em casa! A minha filha trabalhava nessa altura, os miúdos iam para a escola, eram pequenos! Andavam aqui no colégio, o pai de manhã trazia-os, porque ele trabalhava no tribunal da Boa-Hora...vinham com o pai e iam para cima com o pai...

E: A decisão de vir para o lar foi tomada em conjunto pelo Sr. Manuel e pela sua mulher? e: Pela minha filha, que vendo a situação, foi falar com a Irmã Provincial, agora chama-lhe outra coisa, não sei se nesse tempo ainda era provincial, a Irmã disse que... A Irmã (...) não podia dizer que não, nem que fosse daquele lado, tinham que arranjar lugar para ela... (...) E pronto...Depois ficámos aqui, eu tratei-me, fui para a fisioterapia, davam-me de comer, faziam-me a barba, davam-me de banho, é que eu não estava capaz...eu vim para aqui ainda não estava bom, bom, mas eles queriam mandar-me embora porque tinham mais gente para pôr lá (Hospital), e até me deram alta dois dias antes, dois ou três (...) A minha mulher já não me via há treze dias nem eu a ela, porque a minha filha não queria que a mãe fosse ver o estado em que eu estava...(...)

E: E porque é que a sua mulher veio para aqui? e: Por ter o problema nos rins...não funcionavam e ela teve que ir fazer a hemodiálise, nas clinicas duma empresa Alemã que tinha ambulância própria para isso, para a vir buscar... ela ia fazer a hemodiálise e as irmãs é que tratavam do resto que ela precisava e estávamos um em cada cama, e eu ia de cadeira de rodas, depois fiquei bom por causa da fisioterapia, e tive a sorte de ter uma fisioterapeuta muito boa, e melhorei...às tantas já escrevia, já passava cheques e tudo para o Banco e o Banco pagava, e depois de estar aqui, segundo a Irmã diz, tornei a ter outro AVC, mas de menor intensidade... e por isso, já comecei a andar por aí e ia à minha casa daqui, para o metro e para o comboio, ia a Massamá à minha casa e procurei... e fui aos serviços de viação, ali ao pé do Campo Pequeno, na Avenida da República, é uma ruazinha pequena onde estão os serviços de viação, trouxe os impressos, preenchi, e deram-me logo aaa...primeiro fui ao médico, médico de família, passou um atestado, que está apto a conduzir, e eles deram-me... carimbaram e deram-me o original e a fotocópia carimbada, fui lá com eles...uma coisa ou outra e comecei a conduzir o carro, às tantas, em vez da ambulância, levava a eu a minha mulher. Eu perguntei e a ADSE, pagavam

por quilómetro, de maneira que ela ia mais confortável no carro particular e eu estava lá em cima com ela ou saía... (...) A minha cunhada era [nome da cunhada], estava doente no Hospital Santa Maria, já estava... não, ela não estava aqui, estava no lado da Estrela no Sagrado Coração de Jesus, depois também adoeceu, e já no fim, tempo depois, muito tempo, eu deixava a minha mulher nas portas de Benfica, numa clinica que há lá, na hemodiálise, vinha visitar a minha cunhada durante aquelas horas, e depois ia para lá levá-la para casa às nove e meia, dez horas. Chegava a casa e dava o jantar à minha mulher, e rezávamos o terço e ficávamos a ver televisão até à meia-noite, onze horas, meia-noite depois íamos para a cama. Ela começou a levar Insulina e eu é que lhe dava a insulina, isto antes de vir para aqui. (...) Eu é que lhe dava a insulina, picava, para ver o açúcar, e dava-lhe a insulina, que era umas canetas que a gente carregava e picava conforme... levava dezoito unidades de insulina de manhã e seis à noite, e se estivesse muito alta, acima de 200, dava-lhe insulina rápida, para baixar... havia duas qualidades de insulina diferentes, uma normal de manhã à noite e em caso de estar acima de duzentos... o médico dos diabetes (...) regulou aquela coisa e continuei a dar insulina até ela vir para aqui. Cheguei aqui, as irmãs ficaram com as canetas, eles tinham uma máquina de ver o sangue. Picava e conforme estava, de manhã dava-lhe dezoito e à noite dava-lhe seis (...) E entretanto, a coisa foi-se agravando, e com o esforço do trabalho e da preocupação, deu-me o AVC, que eu andava muito sobrecarregado e a minha filha trabalhava, estava no banco, no Milenium, e ela não podia tratar da mãe, então lembrou-se, que mãe dizia sempre que em caso de problemas que queria vir para o lar daqui! E então veio, a Irmã atendeu, e depois só tivemos aí uns dias à espera porque a senhora que estava aqui tinha contrato até ao fim do mês e não saía sem acabar... Eu fiquei no hospital mais dois dias ou três, para poder entrar aqui quando ela saiu. Quando ela passou lá para dentro e eu cheguei aqui... aquela senhora encontrava-a, passava por ela várias vezes, dizia bom dia e boa tarde, e ela nunca me abriu a boca, até hoje em dez anos! Nunca me abriu a boca. Mas acho que ela também é um pouco não sei... mas ela fala com as outras pessoas, mas depois às tantas «mas então estou eu aqui a falar para o boneco? A dar bom dia e boa tarde para o boneco? Vou parar com isto» E disse à Assistente Social na altura, a D. Maria José (...) eu não tinha nada contra a Irmã Superiora, aceitava quem ela quisesse... (...) A D. Maria José não fazia uma espécie de contrato formal como agora é, agora fizeram um regulamento interno e já em Julho alteraram devido às situações estarem preocupantes e elas com obras e não sei quê, mas só nos deram conhecimento agora e o regulamento diz que (...) agora são mais rigorosos (...) dizem que a pessoa é obrigada a aceitar aquilo que as Irmãs determinarem, se disser “Vai para aqui, vai para aqui ou vai para acolá” mas eu só soube disto agora, falei com a Assistente Social e ela disse que o regulamento tinha sido alterado e aumentaram as pensões, o custo da estadia (...) Nós fomos aceites numas condições diferentes, que haviam na altura! Até está lá em baixo um papel ao pé do telefone, naquele placar que dizia que a mensalidade mínima era dois escudos e a máxima, setenta contos... (...)

Esta coordenadora fez mesmo um contrato a sério, mas continuo a pagar a mesma coisa embora lá dissesse que era mais... (...) **E: O que é que é para o Sr. Manuel a solidão?** e: Ora a solidão é estar sozinho! Eu nessa altura eu tinha os netos aqui no colégio, de maneira que todos os dias os vinha! De manhã ia para a janela vê-los chegarem que eles vinham cedo, tinham que estar aqui às oito e um quarto e durante o dia, reunia-me lá em baixo com eles, falava um bocadinho ou brincava ou conversava ou ia ao café para lancharem, se eles por acaso não tivessem lanche, eles traziam lanche de casa, a mãe arranjava! Mas uma vez ou outra, a mãe demorava, mais tarde, ou o pai, e eles ficavam ali ao pé do telefone à espera! De maneira que estava feliz porque estava em família, porque todos os dias os via, agora, durante a semana, nem eu posso telefonar à minha filha, porque durante o serviço ela tem o telefone desligado! Ela já me quis dar o número para uma urgência... Era para ser no Sábado, mas ela não vinha, depois diz que me dava no Domingo, no Domingo ela veio porque o filho tinha uma festa de anos de uma colega da escola, era aqui perto, não sei onde, mas aqui perto e depois veio cá comigo um pedaço! Ía busca-lo às oito horas! (...) Mas teve que sair daqui antes... (...) Ela é que me comprava tudo o que eu preciso, os medicamentos, as irmãs aqui compram... (...) Eu ia daqui ao hospital ali em cima, ali em cima, o hospital que fica aqui para cima, não me lembro do nome agora, tem lá uma estátua do D. João IV, ou do... já não sei quem é, e eu às vezes ía a pé daqui. Já andava bem, comecei a andar bem... A clinica também era lá perto, eu aproveitava e ía hora do lanche, tomava um garoto e ía esperar pela minha mulher, para vir com ela próximo, vinha na ambulância com ela... e a ambulância era cara, era mil e tal euros cada mês, mil e cem, mil e duzentos euros conforme os quilómetros. E aquilo tinha umas taxas da saída, aquilo lá era a central da recolha das ambulâncias, na Abóboda, lá em Cascais, para o lado da serra. A abóboda é acima do Estoril, ou de Carcavelos, e os homens são motoristas e tinham que vir cedo para estar lá, vinha a irmã superiora aqui buscar a minha mulher (...) A minha mulher fazia o turno da tarde, depois da hora do almoço... a minha mulher tinha que almoçar mais cedo e tal (...) era um madeirense que conduzia a ambulância, era sempre o mesmo, eram mais ou menos os mesmos, mudavam de vez em quando. (...) E então passou, a minha filha vinha de manhã, e eles vinham à tarde. Porque o marido mudou para o tribunal de Sintra, que ele é Juiz, e vinha cá buscá-la (...) de maneira que eu estava em família todos os dias. Agora estou aqui só, quando eu andava aqui á volta, todos os dias dava uma volta, dava umas voltas a isso, falava com toda a gente, brincava com os meus netos (...) bem, estava acompanhado e agora sinto-me só, estou rodeado da minha mulher e dos meus familiares [Refere-se às fotografias que tem no quarto], e praticamente passo aqui o dia, que não saio daqui... a pessoa sente-se isolada de tudo e estou sem poder fazer nada. Não posso ir a casa, tenho lá as minhas coisas que eu preciso, tenho lá livros bons, posso trazer os livros mas também aqui não tenho onde ponha, mas tenho aí alguns e leio e passo aqui o dia assim a pensar na morte da bezerra, como se costuma dizer... **E: Mas como é que o Sr. Manuel define a solidão?** e: É eu sentir-me só e rodeado de problemas... **E:**

A solidão para si é um sentimento bom, ou um sentimento mau? e: A solidão, eu já estou habituado, já não me faz nada assim nada de mal, mas é a pessoa sentir-se isolada e sem poder alterar a sua posição... **E: E o Sr. Manuel já se sentiu só ou isolado?** e: Sinto-me! Sinto-me, porque estou a pensar nos problemas, nos nossos problemas familiares que surgiram ultimamente (...) a solidão é uma tristeza, é a pessoa sentir-se realmente, incapaz, pode reagir, conversar com as pessoas e tal, mas eu, como tenho que andar acompanhado, não vou estar sempre a tocar às campainhas, para me levarem para aqui ou para acolá... E às vezes querem-me levar, mas eu não posso, não tenho força! **E: O senhor Manuel, sente-se mais só agora do que se sentia há uns anos atrás?** e: Sim, sim! (...) Uma semana, não estar com os netos, eles estão disponíveis à tarde e na hora de almoço, mas não sei bem a hora deles, mas eu telefono sempre aos netos, à minha filha quando posso, ela tem o telefone baixo e só ouve à tarde, mas ela todos os dias me telefona também, às vezes até a dizer a hora que está lá e que o filho está em casa sozinho, à segunda-feira acabam as aulas às 14:30h e a mãe só chega depois das 20:00h, 20:30h, 21:00h, ele coitadinho está em casa só, é um martírio saber que ele está sozinho, tem a televisão, tem os brinquedos, e ele é espertinho, é bom rapaz, é muito meu amigo e eu sou dele e do outro também! Mas o outro já está numa idade, dezoito, dezassete anos, domingo de Páscoa, faz dezassete, e é escuteiro, toca viola e vai nos fins-de-semana para passeios dos escuteiros, o outro também teve nos escuteiros, mas desistiu (...) o mais velho é que fez com que o outro fizesse as pazes com o pai e com o avô (...) levava o mais velho e o outro ficava na casa da mãe sozinho com a mãe, ao domingo e ao sábado e ele sofria também com isso porque estavam lá primos e gosta dos avós de lá e todos esses problemas, para quem está só...mas ele tem um colega em frente, ele trouxe trabalhos para fazer, faz e...mas a solidão é terrível... **E: Mas porque é que o Sr. Manuel diz que se sente mais só agora do que se sentia há uns anos atrás, é por causa dos problemas familiares?** e: Não é por causa disso, é por causa da família! Que a minha filha vinha cá muitas vezes, quando era feriado e podia vir, também entrava cedo para o banco, entrava às oito e saía mais cedo, saía às quatro, conforme, às vezes ficava mais horas lá dentro, mas o banco era bom para ela, foi pena terem-na aldrabado... **E: O Sr. Manuel sabe lidar com a solidão?** e: sei lidar, vejo as notícias geralmente e leio, quando podia sempre...e agora há vezes que nem...A irmã Marta proibiu-me de andar só, que é perigoso, posso cair e tal...mas por outro lado, não me manda buscar por exemplo para o terço, para a missa...eu tenho que ir e ela não me manda, eu também tenho de fazer o esforço de ir, até para mim, para andar e tal... e pronto, de maneira que a solidão é terrível! Para mim não é, que eu rezo o terço aqui mesmo e leio, vêm revistas que eu até assinava...porque eu com uma coisa daquelas, está fechada a se estragar e não temos uma maneira boa de resolver neste momento que é difícil arranjar inclino ou é difícil vender que da maneira que as coisas estão, as pessoas também não têm dinheiro para ajudar, e tudo isto me preocupa, mas a solidão é terrível! Para mim, eu ainda vou olhando para as famílias... **E: Para as famílias?** e: As fotografias que tenho

aqui dos familiares, aqui e na mesa-de-cabeceira e eu sou muito agarrado à família e até um primo que me vinha aí buscar de vez em quando para ir até ali à Quinta das Conchas, passava lá o dia e tomava lá um cafezinho com ele, eles moram aqui perto mas eles também tem problemas, a mulher tem problemas, é doente, mas ela tem princípio de Alzheimer, é professora, é espera e canta coisas da Madeira e tal, é muito ativa, e lê, gosta de ler, e falamos, mas eu tenho medo que me dê qualquer coisa, que eu fiz o TAC, deixei de poder ir e eles tiveram problemas de saúde, tanto ele como ela, e não tem vindo, mas ele já telefonou, mas eu não atendi, que às vezes toca o telefone, tiro-o do bolso e desligo sem saber que telefone era, daí a nada telefonou à minha filha a dizer o motivo porque não tinha aparecido, ele vinha sempre...mas as visitas são muito importantes, para quem está assim na solidão e eu tinha maneira para passar, que era ir para o Centro de Dia, mas também não me vêm buscar, vão buscar as senhoras lá dentro e não me veem aqui buscar e eu às vezes não quero ir porque estou com dores nas costas ou não sei quê... e uma maneira onde eu passeio é no corredor agarrado ao corrimão e ando ali para trás e para diante...**E: a sua vinda para o lar fez com que o Sr. Manuel se sentisse mais acompanhado?** e: É igual, porque eu antes estava acompanhado da minha mulher, estava preocupado com o tratamento da minha mulher, nós tínhamos uma mulher-a-dias, tivemos dezasseis anos, mas depois casou-lhe uma filha, foi para Inglaterra, teve um bebé e quis que a mãe fosse para lá cuidar dele e nós ficámos os dois, entretanto a minha mulher começou a ter problemas e eu tinha que cuidar de tudo, ía buscar comida, sopa já feita, era em frente, e eram umas senhoras de confiança, a comida era muito boa e eu perguntava o que havia e trazia e a minha mulher podia comer, almoçava com ela, jantava com ela, andava entretido com ela, ía ao médico com ela...**E: Fazia tudo com a sua mulher...** e: Fazia tudo na casa! De maneira que passava a vida ocupado com ela e até aos fins-de-semana a família ia à minha casa jantava connosco ou passava o dia, os netos ficavam lá de Sábado para Domingo, e gostava muito deles também, fazer brincadeiras e passava o tempo só preocupado da minha mulher que entretanto foi piorando e depois vir para aqui, para ela foi um Inferno...que havia aí empregadas, algumas às vezes... há de todas, cada uma tem a sua maneira e a que havia nessa altura, havias umas que deviam ser comunistas, penso eu, diziam que isto aqui era tudo igual... nós gostamos de loiça, chávenas da Vista Alegre, e trouxemos para os dois, uma para cada um e partiram num instante, porque a máquina partia, mas agora vejo aí pessoas que têm loiça de casa e que não se parte, copos e tudo, tinha também copos, um copo para cada um, mas os copos aqui eram todos iguais nessa altura, e elas qualquer coisa... mas não era só com a minha mulher, aquelas que elas viam que eram mais fidalgas, vamos lá... (...) a Irmã Marta, era uma delas, a superiora era boazinha, a Irmã Marta também é boa, mas é “repentista” e maltrata quando também já está saturada de aturar isto tudo, mas diziam “Isto aqui é tudo igual!”, e quando me partiram, substituí, vi que tinha em casa, mas depois deixei de trazer, comecei a usar o que elas punham, geralmente, havia uma senhora que era mãe, que tinha um filho, que vinha cá sempre com a mulher visitá-la aos

domingos (...) quer dizer, mas elas nessa altura perseguiam aquelas que eram mais fidalgas e maltratavam, isso é um mal dos lares, mas este lar é muito bom, eu não estou a dizer isto, eu gosto... **E: O Sr. Manuel, quando veio para aqui para o lar, pelo que percebi passava mais tempo com a sua mulher, porque estava acompanhado pela sua mulher...** e: Pois... tratava dela, o que fosse preciso... **E: E o Sr. Manuel...** e: Sabe? Quando ela morreu, foi pior agora... da emoção mesmo...e a Irmã manda as empregadas me dar banho mas eu quando vejo que tenho força para, “Vou só tomar banho”, mas irmã não gostava disso (...) no outro dia fiquei cama, há pouco tempo levantei-me e vi que não podia, elas vêm, a empregada aqui toda à pressa porque têm outras para lavar e secam mal várias vezes...há aí uma, que me sem secar bem, a água saía daqui das cuecas, das calças, chegava à almofada, quando eu estava sentado em cima da almofada, quer dizer, elas têm de despachar porque são poucas e agora pior, têm menos empregadas e mais senhoras... **E: O Sr. Manuel, aqui dentro do lar sente a necessidade de estar sozinho?** e: Não, não tenho necessidade... sinto quando tenho coisas a fazer, que aproveito sempre o tempo e falo coisas... ou tenho botões para pregar ou qualquer coisa assim pequena, por exemplo do robe, aquelas “asilhas” de meter o cinto e adapto-me a coser, não faço outras coisas... **E: Quais são os momentos aqui dentro do lar em que o Sr. Manuel se sente mais só? Quando é que se sente mais só?** e: Quando me sinto, quando penso na minha mulher que era a minha grande companhia, sempre nos demos bem e que agora não tenho! Estou aqui e estou a pensar onde ela está... Estou a vê-la acolá... [Olha para a fotografia], e não me deito dia nenhum que não lhe dê um beijinho... **E: E o Sr. Manuel, quando se sente sozinho, o que faz para fugir desse sentimento?** e: Leio ou escrevo, mas já há muito tempo que eu deixei de escrever, que eu escrevia muito para o jornal daqui que agora acabou... quando mudou de superiora, acabou, e já foi na altura da crise, se calhar para poupar o papel ou não sei o que se passou, com esta, com a doutora que está agora, a coordenadora, até ela incentivava que eu escrevesse, que eu escrevia duas, três quatro artigos para o jornal e obrigava-me a procurar coisas e a pensar, portanto, ajudava a estar a desenvolver a cachimónia... **E: E é assim que faz, lê escreve...** e: Pois... **E: E aqui dentro do lar, o Sr. Manuel, sente-se excluído de alguma forma?** e: Excluído não! (...) que elas têm a sua vida, as empregadas têm horário, e têm horário para descanso e para ir à rua fumar e tal, mesmo dentro da hora de descanso, vão à rua fumam e voltam para dentro...mas eu não tenho razão de queixa, porque elas fazem o serviço, está a ver agora? Isto nem precisa ser lavado todos os dias, ela lavou ontem e há coisa mais ou menos de oito dias os vidros foram lavados...é para estar tudo limpo, realmente o lar é assim... **E: O Sr. Manuel, sente que existem pessoas, utentes ou profissionais com quem o Sr. Manuel pode desabafar ou falar?** e: Pois, tem, a Dra. Camila, que é psicóloga, ela sabe da minha vida toda... sobretudo que ela está ausentada (...) ela tomava conta do poder mesmo, mas está dependente das irmãs, que lá em baixo quem mandava era, no tempo da D. Maria José que já morreu, era ela...(...) A Irmã Passos, que era a superiora anterior, caiu e ficou desempregada,

sem poder fazer muito... ela incentivava... já não sei o que estava a dizer... incentivava, era... punha-se na mão dos empregados, era nessa altura e ele com a ofensa da Irmã Marta, que é boa, quando vê um doente faz tudo para... ainda agora domingo, veio aqui trazer-me medicamentos para o almoço... eu tinha pensado de manhã pedir-lhe, mas como não tinha caixa, levado caixa e não podia, quando tive que pedir, “olha, já agora espera lá...” (...) mas eu vou também, o que é que é “repentiça” e diz coisas e ainda aqui há dias, me chamou, proibiu de andar de cadeira de rodas no elevador mais pequeno quando a Irmã Guida, pôs-me na capela só de cadeira, e quando eu vinha a andar com a cadeira, veio-me ajudar a trazer á porta e ela depois apercebeu-se, a Irmã com boa vontade, veio pôr-me no elevador mais pequeno, a minha ideia era vir pela cozinha (...) e veio pôr-me no elevador, a Irmã Marta viu aquilo (...) e chamou-me teimoso e quem era mais teimosa era ela, eu não disse mais nada e depois proibiu-me de andar no elevador... quem anda de cadeira está proibido de andar de elevador, oito dias antes e quinze dias, tinha havido duas festas, que era as cadeiras pelo elevador mais pequeno, cadeiras grandes que há aí, que a minha é pequenina (...) “repentiça”, mas pronto... **E: Mas a pessoa com quem conversa aqui dentro do lar é com...** e: Eu converso com quem me aparece... **E: conversa com quem lhe aparece?** E: Converso com pessoas que encontro, que eu... geralmente é com este daqui [Sr. Vasco], eu aqui neste lado, ninguém vem para aqui, eu não posso ir lá para dentro, não posso ir... Às vezes vou... **E: quando o Sr. Manuel sente a necessidade de desabafar, procura essas pessoas?** e: Nem sempre procuro, porque eu já vi que não adianta falar com as pessoas... **E: Com pessoas à sua volta, o Sr. Manuel sente-se acompanhado?** e: Sinto! (...) normalmente com as empregadas, eu falo... **E: E nessas alturas sente-se acompanhado?** e: Pois... não, eu não tenho problemas nenhuns, eu sou por natureza calado, quando me picam, às vezes eu também digo coisas que não devo dizer, mas se eu vir que não tem razão, também fico mal disposto... eu quando tive o AVC, e isso afeta a cabeça, o AVC e eu já no refeitório, tinha ido de cadeira (...) e saí do refeitório mal disposto, mas depois até a Sara me chamou a atenção que não gostou e vi-me embora, e depois o vizinho que já morreu é que trouxe a cadeira da minha mulher e eu fiquei a massacrar a cabeça (...) eu comprei depois uma série, comprei esse e depois ainda mandei vir os outros que saíram, mas eles andam a chatear-me toda a vida, mandam-me sempre papeis para eu comprar coisas e eu nunca mais comprei que agora já não me adianta comprar...então eu tenho obras em casa que nunca li, e está em casa, até enciclopédias, tenho lá coisas da madeira que me interessava muito...

1º Tratamento da Entrevista nº13

[*Motivos que o trouxeram para o lar*] Foi ter-me dado um AVC, foi ter estado durante treze dias e vim para aqui assim de cadeira de rodas...

[*A sua esposa já cá estava*] estava já, com problemas de saúde, do coração e depois já andava na hemodiálise...

[*A decisão de vir para o lar*] Foi por minha causa, porque não tinha quem tratasse dela em casa! A minha filha trabalhava nessa altura, os miúdos iam para a escola, eram pequenos! Andavam aqui no colégio, o pai de manhã trazia-os, porque ele trabalhava no tribunal da Boa-Hora...vinham com o pai e iam para cima com o pai...

[*A decisão foi em conjunto com a sua mulher*] Pela minha filha, que vendo a situação, foi falar com a Irmã Provincial (...) A Irmã (...) não podia dizer que não, nem que fosse daquele lado, tinham que arranjar lugar para ela... (...) E pronto...Depois ficámos aqui, eu tratei-me, fui para a fisioterapia, davam-me de comer, faziam-me a barba, davam-me de banho, é que eu não estava capaz...eu vim para aqui ainda não estava bom, bom, mas eles queriam mandar-me embora porque tinham mais gente para pôr lá (Hospital), e até me deram alta dois dias antes, dois ou três (...) A minha mulher já não me via há treze dias nem eu a ela, porque a minha filha não queria que a mãe fosse ver o estado em que eu estava...(.)

[*Porque é que a sua mulher veio para aqui*] Por ter o problema nos rins...não funcionavam e ela teve que ir fazer a hemodiálise (...) ela ia fazer a hemodiálise e as irmãs é que tratavam do resto que ela precisava e estávamos um em cada cama, e eu ia de cadeira de rodas, depois fiquei bom por causa da fisioterapia, e tive a sorte de ter uma fisioterapeuta muito boa, e melhorei...às tantas já escrevia, já passava cheques e tudo para o Banco (...) já comecei a andar por aí e ia à minha casa daqui, para o metro e para o comboio, ia a Massamá à minha casa e procurei... e fui aos serviços de viação, (...) trouxe os impressos, preenchi (...) médico de família, passou um atestado, que está apto a conduzir (...) e comecei a conduzir o carro, às tantas, em vez da ambulância, levava a eu a minha mulher. (...) a ADSE, pagavam por quilómetro, de maneira que ela ia mais confortável no carro particular e eu estava lá em cima com ela ou saía... (...) A minha cunhada era [nome da cunhada], estava doente (...) no Sagrado Coração de Jesus, depois também adoeceu (...) eu deixava a minha mulher (...) na hemodiálise, vinha visitar a minha cunhada durante aquelas horas (...) Chegava a casa e dava o jantar à minha mulher, e rezávamos o terço e ficávamos a ver televisão até à meia-noite, onze horas, meia-noite depois íamos para a cama. Ela começou a levar Insulina e eu é que lhe dava a insulina, isto antes de vir para aqui. (...) que era umas canetas que a gente carregava e picava conforme (...) continuei a

dar insulina até ela vir para aqui. Cheguei aqui, as irmãs ficaram com as canetas (...) entretanto, a coisa foi-se agravando, e com o esforço do trabalho e da preocupação, deu-me o AVC, que eu andava muito sobrecarregado e a minha filha trabalhava (...) ela não podia tratar da mãe, então lembrou-se, que mãe dizia sempre que em caso de problemas que queria vir para o lar daqui! E então veio, a Irmã atendeu, e depois só tivemos aí uns dias à espera porque a senhora que estava aqui tinha contrato até ao fim do mês e não saía sem acabar... Eu fiquei no hospital mais dois dias ou três, para poder entrar aqui quando ela saiu. (...) aquela senhora encontrava-a, passava por ela várias vezes, dizia bom dia e boa tarde, e ela nunca me abriu a boca, até hoje em dez anos! Nunca me abriu a boca. Mas acho que ela também é um pouco não sei...mas ela fala com as outras pessoas, mas depois às tantas «mas então estou eu aqui a falar para o boneco? A dar bom dia e boa tarde para o boneco? Vou parar com isto» E disse à Assistente Social na altura, a D. Maria José (...) eu não tinha nada contra a Irmã Superiora, aceitava quem ela quisesse... (...) A D. Maria José não fazia uma espécie de contrato formal como agora é, agora fizeram um regulamento interno e já em Julho alteraram (...) mas só nos deram conhecimento agora e o regulamento diz (...) que a pessoa é obrigada a aceitar aquilo que as Irmãs determinarem, se disser “Vai para aqui, vai para aqui ou vai para acolá” mas eu só soube disto agora, falei com a Assistente Social e ela disse que o regulamento tinha sido alterado e aumentaram as pensões, o custo da estadia (...) Nós fomos aceites numas condições diferentes, que haviam na altura! Até está lá em baixo um papel ao pé do telefone, naquele placar que dizia que a mensalidade mínima era dois escudos e a máxima, setenta contos... (...) Esta coordenadora fez mesmo um contrato a sério, mas continuo a pagar a mesma coisa embora lá dissesse que era mais... (...)

[*O que é que é para o Sr. Manuel a solidão*] Ora a solidão é estar sozinho! Eu nessa altura eu tinha os netos aqui no colégio, de maneira que todos os dias os vinha! De manhã ia para a janela vê-los chegarem que eles vinham cedo, tinham que estar aqui às oito e um quarto e durante o dia, reunia-me lá em baixo com eles, falava um bocadinho ou brincava ou conversava ou ia ao café para lancharem (...) De maneira que estava feliz porque estava em família, porque todos os dias os via, agora, durante a semana, nem eu posso telefonar à minha filha, porque durante o serviço ela tem o telefone desligado! (...) no Domingo ela veio porque o filho tinha uma festa de anos de uma colega da escola, era aqui perto (...) veio cá comigo um pedaço! (...) Mas teve que sair daqui antes... (...) Ela é que me comprava tudo o que eu preciso, os medicamentos, as irmãs aqui compram... (...) Eu ia daqui ao hospital ali em cima (...) Já andava bem, comecei a andar bem... A clinica também era lá perto, eu aproveitava e ia hora do lanche, tomava um garoto e ia esperar pela minha mulher, para vir com ela próximo, vinha na ambulância com ela... (...) A minha mulher fazia o turno da tarde, depois da hora do almoço... a minha mulher tinha que almoçar mais cedo e tal (...) então (...) a minha filha vinha de manhã, e eles vinham à tarde. (...) de maneira que eu estava em família todos os dias. Agora estou aqui só, quando eu

andava aqui á volta, todos os dias dava uma volta, dava umas voltas a isso, falava com toda a gente, brincava com os meus netos (...) bem, estava acompanhado e agora sinto-me só, estou rodeado da minha mulher e dos meus familiares [Refere-se às fotografias que tem no quarto], e praticamente passo aqui o dia, que não saio daqui...a pessoa sente-se isolada de tudo e estou sem poder fazer nada. Não posso ir a casa, tenho lá as minhas coisas que eu preciso, tenho lá livros bons, posso trazer os livros mas também aqui não tenho onde ponha, mas tenho aí alguns e leio e passo aqui o dia assim a pensar na morte da bezerra, como se costuma dizer...

[*Como define a solidão*] É eu sentir-me só e rodeado de problemas...

[*A solidão é um sentimento bom, ou um sentimento mau*] A solidão, eu já estou habituado, já não me faz nada assim nada de mal, mas é a pessoa sentir-se isolada e sem poder alterar a sua posição...

[*Já se sentiu só ou isolado*] Sinto-me! Sinto-me, porque estou a pensar nos problemas, nos nossos problemas familiares que surgiram ultimamente (...) a solidão é uma tristeza, é a pessoa sentir-se realmente, incapaz, pode reagir, conversar com as pessoas e tal, mas eu, como tenho que andar acompanhado, não vou estar sempre a tocar às campainhas, para me levarem para aqui ou para acolá... E às vezes querem-me levar, mas eu não posso, não tenho força!

[*Sente-se mais só agora do que se sentia há uns anos atrás*] Sim, sim! (...) Uma semana, não estar com os netos, eles estão disponíveis à tarde e na hora de almoço, mas não sei bem a hora deles, mas eu telefono sempre aos netos, à minha filha quando posso (...) ela todos os dias me telefona também, às vezes até a dizer a hora que está lá e que o filho está em casa sozinho (...) a mãe só chega depois das 20:00h, 20:30h, 21:00h, ele coitadinho está em casa só, é um martírio saber que ele está sozinho (...) é bom rapaz, é muito meu amigo e eu sou dele e do outro também! Mas o outro já está numa idade, (...) faz dezassete, e é escuteiro, toca viola e vai nos fins-de-semana para passeios dos escuteiros, o outro também teve nos escuteiros, mas desistiu (...) mas a solidão é terrível...

[*Porque se sente mais só agora do que se sentia há uns anos atrás*] (...) é por causa da família! Que a minha filha vinha cá muitas vezes, quando era feriado e podia vir, também entrava cedo para o banco, entrava às oito e saía mais cedo (...)

[*Sabe lidar com a solidão*] sei lidar, vejo as notícias geralmente e leio, quando podia sempre...e agora há vezes que nem...A irmã Marta proibiu-me de andar só, que é perigoso, posso cair e tal...mas por outro lado, não me manda buscar por exemplo para o terço, para a missa...eu tenho que ir e ela não me manda, eu também tenho de fazer o esforço de ir, até para mim, para andar e tal... e pronto, de maneira que a solidão é terrível! Para mim não é, que eu rezo o terço aqui mesmo e leio, vêm revistas que eu até assinava...porque eu com uma coisa daquelas, está

fechada a se estragar e não temos uma maneira boa de resolver neste momento que é difícil arranjar inclino ou é difícil vender que da maneira que as coisas estão, as pessoas também não têm dinheiro para ajudar, e tudo isto me preocupa, mas a solidão é terrível! Para mim, eu ainda vou olhando para (...) fotografias que tenho aqui dos familiares, aqui e na mesa-de-cabeceira e eu sou muito agarrado à família e até um primo que me vinha aí buscar de vez em quando para ir até ali à Quinta das Conchas, passava lá o dia e tomava lá um cafezinho com ele (...) deixei de poder ir e eles tiveram problemas de saúde, tanto ele como ela, e não tem vindo (...) ele vinha sempre...mas as visitas são muito importantes, para quem está assim na solidão e eu tinha maneira para passar, que era ir para o Centro de Dia, mas também não me vêm buscar, vão buscar as senhoras lá dentro e não me veem aqui buscar e eu às vezes não quero ir porque estou com dores nas costas ou não sei quê... e uma maneira onde eu passeio é no corredor agarrado ao corrimão e ando ali para trás e para diante...

[*A vinda para o lar fez com que se sentisse mais acompanhado*] É igual, porque eu antes estava acompanhado da minha mulher, estava preocupado com o tratamento da minha mulher (...) a minha mulher começou a ter problemas e eu tinha que cuidar de tudo, ia buscar comida (...) almoçava com ela, jantava com ela, andava entretido com ela, ía ao médico com ela... (...) Fazia tudo na casa! De maneira que passava a vida ocupado com ela e até aos fins-de-semana a família ia à minha casa jantava connosco ou passava o dia, os netos ficavam lá de Sábado para Domingo, e gostava muito deles também, fazer brincadeiras e passava o tempo só preocupado da minha mulher que entretanto foi piorando e depois vir para aqui, para ela foi um Inferno...que havia aí empregadas (...) que deviam ser comunistas, penso eu, diziam que isto aqui era tudo igual... nós gostamos de loiça, chávenas da Vista Alegre, e trouxemos para os dois, uma para cada um e partiram num instante, porque a máquina partia, mas agora vejo aí pessoas que têm loiça de casa e que não se parte (...) mas não era só com a minha mulher, aquelas que elas viam que eram mais fidalgas, vamos lá... (...) a Irmã Marta, era uma delas, a superiora era boazinha, a Irmã Marta também é boa, mas é “repentiça” e maltrata quando também já está saturada de aturar isto tudo, mas diziam “Isto aqui é tudo igual!”, e quando me partiram, substituí, vi que tinha em casa, mas depois deixei de trazer, comecei a usar o que elas punham (...) mas elas nessa altura perseguiam aquelas que eram mais fidalgas e maltratavam, isso é um mal dos lares, mas este lar é muito bom, eu não estou a dizer isto, eu gosto...

[*Quando veio para aqui para o lar passava mais tempo com a sua mulher*] Pois... tratava dela, o que fosse preciso... (...) Quando ela morreu, foi pior agora... da emoção mesmo... (...) a Irmã manda as empregadas me dar banho mas eu quando vejo que tenho força para, “Vou só tomar banho”, mas irmã não gostava disso (...) no outro dia fiquei cama, há pouco tempo levantei-me e vi que não podia, elas vêm, a empregada aqui toda à pressa porque têm outras para lavar e secam mal várias vezes...há aí uma, que me sem secar bem, a água saía daqui das

cuecas, das calças, chegava à almofada, quando eu estava sentado em cima da almofada, quer dizer, elas têm de despachar porque são poucas e agora pior, têm menos empregadas e mais senhoras...

[*Sente a necessidade de estar só*] Não, não tenho necessidade... sinto quando tenho coisas a fazer, que aproveito sempre o tempo e falo coisas... ou tenho botões para pregar ou qualquer coisa assim pequena, por exemplo do robe, aquelas “asilhas” de meter o cinto e adapto-me a coser, não faço outras coisas...

[*Quais são os momentos aqui dentro do lar em que se sente mais só*] Quando (...) penso na minha mulher que era a minha grande companhia, sempre nos demos bem e que agora não tenho! Estou aqui e estou a pensar onde ela está... Estou a vê-la acolá... [Olha para a fotografia], e não me deito dia nenhum que não lhe dê um beijinho...

[*O que faz para fugir desse sentimento*] Leio ou escrevo, mas já há muito tempo que eu deixei de escrever, que eu escrevia muito para o jornal daqui que agora acabou... (...) eu escrevia duas, três quatro artigos para o jornal e obrigava-me a procurar coisas e a pensar, portanto, ajudava a estar a desenvolver a cachimónia...

[*Dentro do lar sente-se excluído de alguma forma*] Excluído não! (...) que elas têm a sua vida, as empregadas têm horário, e têm horário para descanso e para ir à rua fumar e tal, mesmo dentro da hora de descanso, vão à rua fumam e voltam para dentro...mas eu não tenho razão de queixa, porque elas fazem o serviço, está a ver agora? Isto nem precisa ser lavado todos os dias, ela lavou ontem e há coisa mais ou menos de oito dias os vidros foram lavados...é para estar tudo limpo, realmente o lar é assim...

[*Sente que existem pessoas, utentes ou profissionais com quem o Sr. Manuel pode desabafar ou falar*] Pois, tem, a Dra. Camila, que é psicóloga, ela sabe da minha vida toda... (...) A Irmã Passos, que era a superiora anterior, caiu e ficou desempregada, sem poder fazer muito... (...) punha-se na mão dos empregados, era nessa altura e ele com a ofensa da Irmã Marta, que é boa, quando vê um doente faz tudo (...) o que é que é “repentiça” e diz coisas e ainda aqui há dias, me chamou, proibiu de andar de cadeira de rodas no elevador mais pequeno (...)a Irmã Guida, pôs-me na capela só de cadeira, e quando eu vinha a andar com a cadeira (...) veio pôr-me no elevador mais pequeno, a minha ideia era vir pela cozinha (...) e veio pôr-me no elevador, a Irmã Marta viu aquilo (...) e chamou-me teimoso e quem era mais teimosa era ela, eu não disse mais nada e depois proibiu-me de andar no elevador... (...)

[*Com quem conversa aqui dentro do lar*] Eu converso com quem me aparece (...) Converso com pessoas que encontro, que eu... geralmente é com este daqui [Sr. Vasco], eu aqui neste lado, ninguém vem para aqui, eu não posso ir lá para dentro, não posso ir... Às vezes vou...

[*Quando sente a necessidade de desabafar, procura essas pessoas*] Nem sempre procuro, porque eu já vi que não adianta falar com as pessoas...

[*Com pessoas à sua volta, sente-se acompanhado*] Sinto! (...) normalmente com as empregadas, eu falo... (...) eu não tenho problemas nenhuns, eu sou por natureza calado, quando me picam, às vezes eu também digo coisas que não devo dizer, mas se eu vir que não tem razão, também fico mal disposto... (...)

Pré-categorização da Entrevista nº13

1. [*Motivos que o trouxeram para o lar*] Foi ter-me dado um AVC, foi ter estado durante treze dias e vim para aqui assim de cadeira de rodas...
2. [*A sua esposa já cá estava*] estava já, com problemas de saúde, do coração e depois já andava na hemodiálise...
3. [*A decisão de vir para o lar*] Foi por minha causa, porque não tinha quem tratasse dela em casa! A minha filha trabalhava nessa altura, os miúdos iam para a escola, eram pequenos! Andavam aqui no colégio, o pai de manhã trazia-os, porque ele trabalhava no tribunal da Boa-Hora...vinham com o pai e iam para cima com o pai...
4. [*A decisão foi em conjunto com a sua mulher*] Pela minha filha, que vendo a situação, foi falar com a Irmã Provincial (...) A Irmã (...) não podia dizer que não, nem que fosse daquele lado, tinham que arranjar lugar para ela... (...) E pronto... Depois ficámos aqui, eu tratei-me, fui para a fisioterapia, davam-me de comer, faziam-me a barba, davam-me de banho, é que eu não estava capaz...eu vim para aqui ainda não estava bom, bom, mas eles queriam mandar-me embora porque tinham mais gente para pôr lá (Hospital), e até me deram alta dois dias antes, dois ou três (...) A minha mulher já não me via há treze dias nem eu a ela, porque a minha filha não queria que a mãe fosse ver o estado em que eu estava...(...)
5. [*Porque é que a sua mulher veio para aqui*] Por ter o problema nos rins...não funcionavam e ela teve que ir fazer a hemodiálise (...) ela ia fazer a hemodiálise e as irmãs é que tratavam do resto que ela precisava e estávamos um em cada cama, e eu ia de cadeira de rodas, depois fiquei bom por causa da fisioterapia, e tive a sorte de ter uma fisioterapeuta muito boa, e melhorei...às tantas já escrevia, já passava cheques e tudo para o Banco (...) já comecei a andar por aí e ia à minha casa daqui, para o metro e para o comboio, ia a Massamá à minha casa e procurei... e fui aos serviços de viação, (...) trouxe os impressos, preenchi (...) médico de família, passou um atestado, que está apto a conduzir (...) e comecei a conduzir o carro, às tantas, em vez da ambulância, levava a eu a minha mulher. (...) a ADSE, pagavam por quilómetro, de maneira que ela ia mais confortável no carro particular e eu estava lá em cima com ela ou saía...(...)

6. (...) A minha cunhada era [nome da cunhada], estava doente (...) no Sagrado Coração de Jesus, depois também adoeceu (...) eu deixava a minha mulher (...) na hemodiálise, vinha visitar a minha cunhada durante aquelas horas (...) Chegava a casa e dava o jantar à minha mulher, e rezávamos o terço e ficávamos a ver televisão até à meia-noite, onze horas, meia-noite depois íamos para a cama. Ela começou a levar Insulina e eu é que lhe dava a insulina, isto antes de vir para aqui. (...) que era umas canetas que a gente carregava e picava conforme (...) continuei a dar insulina até ela vir para aqui. (...)
7. (...) Cheguei aqui, as irmãs ficaram com as canetas (...) entretanto, a coisa foi-se agravando, e com o esforço do trabalho e da preocupação, deu-me o AVC, que eu andava muito sobrecarregado e a minha filha trabalhava (...) ela não podia tratar da mãe, então lembrou-se, que mãe dizia sempre que em caso de problemas que queria vir para o lar daqui! E então veio, a Irmã atendeu, e depois só tivemos aí uns dias à espera porque a senhora que estava aqui tinha contrato até ao fim do mês e não saía sem acabar... Eu fiquei no hospital mais dois dias ou três, para poder entrar aqui quando ela saiu. (...)
8. (...) aquela senhora encontrava-a, passava por ela várias vezes, dizia bom dia e boa tarde, e ela nunca me abriu a boca, até hoje em dez anos! Nunca me abriu a boca. Mas acho que ela também é um pouco não sei...mas ela fala com as outras pessoas, mas depois às tantas «mas então estou eu aqui a falar para o boneco? A dar bom dia e boa tarde para o boneco? Vou parar com isto» E disse à Assistente Social na altura, a D. Maria José (...) eu não tinha nada contra a Irmã Superiora, aceitava quem ela quisesse... (...)
9. (...) A D. Maria José não fazia uma espécie de contrato formal como agora é, agora fizeram um regulamento interno e já em Julho alteraram (...) mas só nos deram conhecimento agora e o regulamento diz (...) que a pessoa é obrigada a aceitar aquilo que as Irmãs determinarem, se disser “Vai para aqui, vai para aqui ou vai para acolá” mas eu só soube disto agora, falei com a Assistente Social e ela disse que o regulamento tinha sido alterado e aumentaram as pensões, o custo da estadia (...) Nós fomos aceites numa condições diferentes, que haviam na altura! Até está lá em baixo um papel ao pé do telefone, naquele placar que dizia que a mensalidade mínima era dois escudos e a máxima, setenta contos... (...) Esta coordenadora fez mesmo um contrato a sério, mas continuo a pagar a mesma coisa embora lá dissesse que era mais... (...)

10. [*O que é que é para o Sr. Manuel a solidão*] Ora a solidão é estar sozinho! Eu nessa altura eu tinha os netos aqui no colégio, de maneira que todos os dias os vinha! De manhã ia para a janela vê-los chegarem que eles vinham cedo, tinham que estar aqui às oito e um quarto e durante o dia, reunia-me lá em baixo com eles, falava um bocadinho ou brincava ou conversava ou ia ao café para lancharem (...) De maneira que estava feliz porque estava em família, porque todos os dias os via, agora, durante a semana, nem eu posso telefonar à minha filha, porque durante o serviço ela tem o telefone desligado! (...)
11. (...) no Domingo ela veio porque o filho tinha uma festa de anos de uma colega da escola, era aqui perto (...) veio cá comigo um pedaço! (...) Mas teve que sair daqui antes... (...) Ela é que me comprava tudo o que eu preciso, os medicamentos, as irmãs aqui compram... (...)
12. (...) Eu ia daqui ao hospital ali em cima (...) Já andava bem, comecei a andar bem... A clinica também era lá perto, eu aproveitava e ia hora do lanche, tomava um garoto e ia esperar pela minha mulher, para vir com ela próximo, vinha na ambulância com ela... (...) A minha mulher fazia o turno da tarde, depois da hora do almoço... a minha mulher tinha que almoçar mais cedo e tal (...) então (...) a minha filha vinha de manhã, e eles vinham à tarde. (...) de maneira que eu estava em família todos os dias. (...)
13. (...) Agora estou aqui só, quando eu andava aqui à volta, todos os dias dava uma volta, dava umas voltas a isso, falava com toda a gente, brincava com os meus netos (...) bem, estava acompanhado e agora sinto-me só, estou rodeado da minha mulher e dos meus familiares [Refere-se às fotografias que tem no quarto], e praticamente passo aqui o dia, que não saio daqui...a pessoa sente-se isolada de tudo e estou sem poder fazer nada. Não posso ir a casa, tenho lá as minhas coisas que eu preciso, tenho lá livros bons, posso trazer os livros mas também aqui não tenho onde ponha, mas tenho aí alguns e leio e passo aqui o dia assim a pensar na morte da bezerra, como se costuma dizer...
14. [*Como define a solidão*] É eu sentir-me só e rodeado de problemas...
15. [*A solidão é um sentimento bom, ou um sentimento mau*] A solidão, eu já estou habituado, já não me faz nada assim nada de mal, mas é a pessoa sentir-se isolada e sem poder alterar a sua posição...

16. [*Já se sentiu só ou isolado*] Sinto-me! Sinto-me, porque estou a pensar nos problemas, nos nossos problemas familiares que surgiram ultimamente (...) a solidão é uma tristeza, é a pessoa sentir-se realmente, incapaz, pode reagir, conversar com as pessoas e tal, mas eu, como tenho que andar acompanhado, não vou estar sempre a tocar às campainhas, para me levarem para aqui ou para acolá... E às vezes querem-me levar, mas eu não posso, não tenho força!
17. [*Sente-se mais só agora do que se sentia há uns anos atrás*] Sim, sim! (...) Uma semana, não estar com os netos, eles estão disponíveis à tarde e na hora de almoço, mas não sei bem a hora deles, mas eu telefono sempre aos netos, à minha filha quando posso (...) ela todos os dias me telefona também, às vezes até a dizer a hora que está lá e que o filho está em casa sozinho (...) a mãe só chega depois das 20:00h, 20:30h, 21:00h, ele coitadinho está em casa só, é um martírio saber que ele está sozinho (...) é bom rapaz, é muito meu amigo e eu sou dele e do outro também! Mas o outro já está numa idade, (...) faz dezassete, e é escuteiro, toca viola e vai nos fins-de-semana para passeios dos escuteiros, o outro também teve nos escuteiros, mas desistiu (...) mas a solidão é terrível...
18. [*Porque se sente mais só agora do que se sentia há uns anos atrás*] (...) é por causa da família! Que a minha filha vinha cá muitas vezes, quando era feriado e podia vir, também entrava cedo para o banco, entrava às oito e saía mais cedo (...)
19. [*Sabe lidar com a solidão*] sei lidar, vejo as notícias geralmente e leio, quando podia sempre...e agora há vezes que nem...(...)
20. (...) A irmã Marta proibiu-me de andar só, que é perigoso, posso cair e tal...mas por outro lado, não me manda buscar por exemplo para o terço, para a missa...eu tenho que ir e ela não me manda, eu também tenho de fazer o esforço de ir, até para mim, para andar e tal... e pronto, de maneira que a solidão é terrível! Para mim não é, que eu rezo o terço aqui mesmo e leio, vêm revistas que eu até assinava...(...)
21. (...) porque eu com uma coisa daquelas, está fechada a se estragar e não temos uma maneira boa de resolver neste momento que é difícil arranjar inclino ou é difícil vender que da maneira que as coisas estão, as pessoas também não têm dinheiro para ajudar, e tudo isto me preocupa, mas a solidão é terrível! (...)

22. (...) Para mim, eu ainda vou olhando para (...) fotografias que tenho aqui dos familiares, aqui e na mesa-de-cabeceira e eu sou muito agarrado à família e até um primo que me vinha aí buscar de vez em quando para ir até ali à Quinta das Conchas, passava lá o dia e tomava lá um cafezinho com ele (...) deixei de poder ir e eles tiveram problemas de saúde, tanto ele como ela, e não tem vindo (...) ele vinha sempre...mas as visitas são muito importantes, (...)
23. (...) para quem está assim na solidão e eu tinha maneira para passar, que era ir para o Centro de Dia, mas também não me vêm buscar, vão buscar as senhoras lá dentro e não me veem aqui buscar e eu às vezes não quero ir porque estou com dores nas costas ou não sei quê... e uma maneira onde eu passeio é no corredor agarrado ao corrimão e ando ali para trás e para diante...
24. *[A vinda para o lar fez com que se sentisse mais acompanhado]* É igual, porque eu antes estava acompanhado da minha mulher, estava preocupado com o tratamento da minha mulher (...) a minha mulher começou a ter problemas e eu tinha que cuidar de tudo, ia buscar comida (...) almoçava com ela, jantava com ela, andava entretido com ela, ia ao médico com ela...(...) Fazia tudo na casa! De maneira que passava a vida ocupado com ela (...)
25. (...) e até aos fins-de-semana a família ia à minha casa jantava connosco ou passava o dia, os netos ficavam lá de Sábado para Domingo, e gostava muito deles também, fazer brincadeiras e passava o tempo só preocupado da minha mulher que entretanto foi piorando e (...)
26. (...) depois vir para aqui, para ela foi um Inferno...que havia aí empregadas (...) que deviam ser comunistas, penso eu, diziam que isto aqui era tudo igual... nós gostamos de loiça, chávenas da Vista Alegre, e trouxemos para os dois, uma para cada um e partiram num instante, porque a máquina partia, mas agora vejo aí pessoas que têm loiça de casa e que não se parte (...) mas não era só com a minha mulher, aquelas que elas viam que eram mais fidalgas, vamos lá... a Irmã Marta, era uma delas, a superiora era boazinha, a Irmã Marta também é boa, mas é “repentiça” e maltrata quando também já está saturada de aturar isto tudo, mas diziam “Isto aqui é tudo igual!”, e quando me partiram, substituí, vi que tinha em casa, mas depois deixei de trazer, comecei a usar o que elas punham (...) mas elas nessa altura perseguiam aquelas que eram mais fidalgas e maltratavam, isso é um mal dos lares, mas este lar é muito bom, eu não estou a dizer isto, eu gosto...

27. [*Quando veio para aqui para o lar passava mais tempo com a sua mulher*] Pois... tratava dela, o que fosse preciso... (...) Quando ela morreu, foi pior agora... da emoção mesmo... (...)
28. (...) a Irmã manda as empregadas me dar banho mas eu quando vejo que tenho força para, “Vou só tomar banho”, mas irmã não gostava disso (...) no outro dia fiquei cama, há pouco tempo levantei-me e vi que não podia, elas vêm, a empregada aqui toda à pressa porque têm outras para lavar e secam mal várias vezes...há aí uma, que me sem secar bem, a água saía daqui das cuecas, das calças, chegava à almofada, quando eu estava sentado em cima da almofada, quer dizer, elas têm de despachar porque são poucas e agora pior, têm menos empregadas e mais senhoras...
29. [*Sente a necessidade de estar só*] Não, não tenho necessidade... sinto quando tenho coisas a fazer, que aproveito sempre o tempo e falo coisas... ou tenho botões para pregar ou qualquer coisa assim pequena, por exemplo do robe, aquelas “asilhas” de meter o cinto e adapto-me a coser, não faço outras coisas...
30. [*Quais são os momentos aqui dentro do lar em que se sente mais só*] Quando (...) penso na minha mulher que era a minha grande companhia, sempre nos demos bem e que agora não tenho! Estou aqui e estou a pensar onde ela está... Estou a vê-la acolá... [Olha para a fotografia], e não me deito dia nenhum que não lhe dê um beijinho...
31. [*O que faz para fugir desse sentimento*] Leio ou escrevo, mas já há muito tempo que eu deixei de escrever, que eu escrevia muito para o jornal daqui que agora acabou... (...) eu escrevia duas, três quatro artigos para o jornal e obrigava-me a procurar coisas e a pensar, portanto, ajudava a estar a desenvolver a cachimónia...
32. [*Dentro do lar sente-se excluído de alguma forma*] Excluído não! (...) que elas têm a sua vida, as empregadas têm horário, e têm horário para descanso e para ir à rua fumar e tal, mesmo dentro da hora de descanso, vão à rua fumam e voltam para dentro...mas eu não tenho razão de queixa, porque elas fazem o serviço, está a ver agora? Isto nem precisa ser lavado todos os dias, ela lavou ontem e há coisa mais ou menos de oito dias os vidros foram lavados...é para estar tudo limpo, realmente o lar é assim...

33. [*Sente que existem pessoas, utentes ou profissionais com quem o Sr. Manuel pode desabafar ou falar*] Pois, tem, a Dra. Camila, que é psicóloga, ela sabe da minha vida toda... (...)
34. (...) A Irmã Passos, que era a superiora anterior, caiu e ficou desempregada, sem poder fazer muito... (...) punha-se na mão dos empregados, era nessa altura e ele com a ofensa da Irmã Marta, que é boa, quando vê um doente faz tudo (...) o que é que é “repentiça” e diz coisas e ainda aqui há dias, me chamou, proibiu de andar de cadeira de rodas no elevador mais pequeno (...) a Irmã Guida, pôs-me na capela só de cadeira, e quando eu vinha a andar com a cadeira (...) veio pôr-me no elevador mais pequeno, a minha ideia era vir pela cozinha (...) e veio pôr-me no elevador, a Irmã Marta viu aquilo (...) e chamou-me teimoso e quem era mais teimosa era ela, eu não disse mais nada e depois proibiu-me de andar no elevador... (...)
35. [*Com quem conversa aqui dentro do lar*] Eu converso com quem me aparece (...) Converso com pessoas que encontro, que eu... geralmente é com este daqui [Sr. Vasco], eu aqui neste lado, ninguém vem para aqui, eu não posso ir lá para dentro, não posso ir... Às vezes vou...
36. [*Quando sente a necessidade de desabafar, procura essas pessoas*] Nem sempre procuro, porque eu já vi que não adianta falar com as pessoas...
37. [*Com pessoas à sua volta, sente-se acompanhado*] Sinto! (...) normalmente com as empregadas, eu falo...(...) eu não tenho problemas nenhuns, eu sou por natureza calado, quando me picam, às vezes eu também digo coisas que não devo dizer, mas se eu vir que não tem razão, também fico mal disposto... (...)

**ANÁLISE DE CONTEÚDO DAS ENTREVISTAS AOS
UTENTES**

Grelha de dimensões e categorias

Dimensões	Categorias	Subcategorias
1. Ingresso no Lar	1.1. Motivação	1.1.1. Prevenção
		1.1.2. Financeira
		1.1.3. Situação de isolamento
		1.1.4. Ligação com o lar por questões profissionais ou por presença de familiar
		1.1.5. Questões de Saúde
		1.1.6. Sentimento de sobrecarga de familiares
	1.2. Decisão	1.2.1. Preferencial
		1.2.2. Estratégica
		1.2.3. Relutante
		1.2.4. Passiva
	1.3. Processo	1.3.1. Inscrição
		1.3.2. Entrevista
		1.3.3. Acolhimento
2. Referências Biográficas	2.1. Percurso Profissional	2.1.1. Escolaridade
		2.1.2. Ocupação
		2.1.3. Reforma
	2.2. Relações Significativas	2.2.1. Amorosas
		2.2.2. Familiares
		2.2.3. Amizades
	2.3. Antiga Habitação	
	2.4. Perdas	2.4.1. Do ponto de vista afetivo
		2.4.2. Do ponto de vista biológico
3. Institucionalização	3.1. Familiarização	3.1.1. Com as rotinas
		3.1.2. Com os Utentes / Profissionais
		3.1.3. Com o ambiente físico
		3.1.4. Com os Serviços
	3.2. Ocupação dos tempos livres	3.2.1. No Lar
		3.2.2. No Centro de Dia
	3.3. Integração	
	3.4. Relações Humanas dentro da Instituição	3.4.1. Utente - Utente
		3.4.2. Utente - Profissionais
		3.4.3. Utente - Família
		3.4.4. Utente- Outros
4. Solidão	4.1. Perceção sobre o conceito	4.1.1. Associada à presença ou ausência de outrem
		4.1.2. Associada a acontecimentos marcantes
		4.1.3. Associada à falta de objetivos
		4.1.4. Associada a um desajustamento
	4.2. Sentimentos de solidão	4.2.1. Associados a perdas

	no passado	4.2.2. Associados à ausência /presença de relações Significativas
	4.3. Agudização do sentimento de solidão com a idade	4.3.1. Associada à diminuição da rede social
		4.3.2. Associada à perda da autonomia
		4.3.3. Associada à perda de objetivos
5. A solidão e a Institucionalização	5.1. Sentimentos de solidão dentro do lar	5.1.1. Associados à falta de autonomia
		5.1.2. Associados ao desajustamento do utente
		5.1.3. Associados à sociabilização com os restantes utentes
		5.1.4. Associados à falta de apoio emocional
		5.1.5. O ingresso no lar, como fator na diminuição / agudização da sensação de solidão
	5.2. Estratégias adotadas na fuga à solidão	5.2.1. Procura de atividades ocupacionais
		5.2.2. Procura de convívio
		5.2.3. Procura de conforto espiritual
	5.3. Existência de relações significativas dentro do lar, às quais o utente recorre, na necessidade de falar ou desabafar	5.3.1. Utente- Utente
		5.3.2. Utente - Profissionais
	5.4. Isolamento / Exclusão	5.4.1. Sabe lidar com o sentimento
		5.4.2. Sentir-se acompanhado
		5.4.3. Necessidade de estar só
		5.4.4. Momentos em que se sente só
		5.4.5. Sentimentos de exclusão dentro da instituição

Grelha de categorização do conteúdo das entrevistas

Dimensões	Categorias	Subcategorias	Unidades de Sentido
2. Ingresso no Lar	2.1. Motivação	5.4.6. Prevenção	<p>[A decisão de vir para o lar foi sua] Foi minha e do meu marido, como já disse... foi a situação, ver o procedimento dela [filha], essa coisa toda, dá-me qualquer coisa, não posso fazer nada, não tenho quem me dê um prato de sopa e aqui ao menos sempre tenho quem me dê de comer...(...) (E5, U.S.1)</p> <p>[Quais foram os motivos que a trouxeram para o lar] Porque, olhe...só tinha sobrinhos, os filhos não tenho, os filhos também às vezes dão um pontapé no traseiro quando recebem as heranças e acabou-se! E também não tinha gente, se me desse alguma coisa de ficar na cama, eu não tinha ninguém! Os meus irmãos também não estavam assim com grande vontade (...) qualquer dia estão eles todos num lar! Era para ter quem me tratasse...enfim! Se eu tivesse uma coisa para ficar na cama...nem tinha dinheiro para (...) estar em casa e ter pessoal de enfermagem e pessoal...não tinha dinheiro para isso! De maneira que o mais cómodo era isto! (E7, U.S.1)</p>
		5.4.7. Financeira	<p>[Tinha mais companhia aqui] Tenho! E foi essa a razão por que vim para o lar e mudei para este porque a minha reforma não chegava (...) para pagar o outro e tinha que sacrificar os meus filhos e aqui com a minha reforma, paga e não os sacrifico, porque o outro era muito bom, o que era, era caro (...) a reforma não chegava para pagar, tudo o que era necessário para pagar ali e os meus filhos tinham que me ajudar e eu não queria sacrificá-los e então vim para este... (E2, U.S.7)</p> <p>[Os motivos que a trouxeram para o lar] Falta de dinheiro! (...) Sim! Eu não tinha dinheiro, para onde é que eu ia? (...) [Para este lar] Sim, para qualquer um! (...) (E10, U.S.1)</p>
		5.4.8. Situação de isolamento	<p>[Os motivos que a trouxeram para o lar] Falta de saúde, por não poder andar e fazer a minha vida normal, porque eu estava só na minha casa, morreu o meu marido e eu fiquei só...os filhos estão cá em Lisboa e eu estava no Alentejo, de maneira que eu fiquei só...(...) (E2, U.S. 1)</p>

			<p>(...) só senti depois quando deixei de poder trabalhar, e então nessa altura resolvi vir para ao pé dos meus filhos! Para não me sentir tão isolada e não sentir a solidão... (E2, U.S.16)</p> <p>[<i>Os motivos que a trouxeram para o lar</i>] falta de saúde e saber que estava só (...) eu vim do hospital diretamente para aqui quando eu tive essa (...) crise urinária depois fui para o hospital e depois do hospital é que eu não podia ir para casa sozinha por isso tive na ideia de vir ficar aqui...já conhecia a casa (...) (E3, U.S.1)</p> <p>[<i>Quais foram os motivos que trouxeram a para o lar</i>] O que é que me trouxe para o lar foi eu gostar de experimentar, tive numa quinta aqui ao pé, perto e diziam-me tão bem deste que foi por isso que eu vim...(...) estava sozinha, era nova, eu vim com dezanove anos, tive ali, não chegou a meia dúzia de meses, talvez...e vim para aqui, depois aqui aconteceu-me tudo, trabalhei, trabalhei, trabalhei, depois...tenho uma perna inchada, tenho um ferro em cada perna...(...) (E6, U.S.1)</p> <p>(...) porque eu sozinha em casa já não podia... já não podia estar, por isso eu vim para aqui....a solidão é muito triste... (...) (E8, U.S.2)</p> <p>[<i>Quais foram os motivos que a trouxeram para o lar</i>] (...) por estar só! Porque eu tinha caído da cama abaixo e é muito alta, e caí, partiu-se o banco que eu usava para subir, partiu-se e eu caí... caí e fiquei bastante magoada, mas não parti nada graças a Deus! (...) (E11, U.S.1)</p> <p>[<i>Quais foram os motivos que a trouxeram para o lar</i>] Não me trouxeram, fui eu que vim! Vim sem ninguém saber, inscrevi-me cá sem ninguém saber... Eu vim porque estava sozinha, a minha filha é médica, e ía todos os dias para o hospital e eu ficava sozinha em casa e depois eu comecei, a minha filha disse “Há um centro de dia aqui!”, havia aqui e há outro lá ao pé da igreja e depois eu disse: “Então vamos ver!”, e então viemos ver e eu fiquei no Centro de Dia. Fiz muitas coisas! Muitas coisas, eu fazia muitos trabalhos... (...) (E12, U.S.1)</p>
		5.4.9. Ligação com o lar por questões profissionais ou por	<p>[<i>Motivos que a trouxeram para o lar</i>] Comecei a pensar que ficava muito longe no outro lar, e como estava cá a minha irmã, ainda estou no mesmo quarto (...) são três senhoras, faleceu uma lá, e depois a Irmã que estava cá mandou-me vir</p>

		presença de familiar	<p>porque, eu já me tinha inscrito há três anos (...) e eu vim para a cama dessa senhora. (...) (E4, U.S.1)</p> <p>[<i>Quais foram os motivos que trouxeram a para o lar</i>] O que é que me trouxe para o lar foi eu gostar de experimentar, tive numa quinta aqui ao pé, perto e diziam-me tão bem deste que foi por isso que eu vim...(...) estava sozinha, era nova, eu vim com dezanove anos, tive ali, não chegou a meia dúzia de meses, talvez...e vim para aqui, depois aqui aconteceu-me tudo, trabalhei, trabalhei, trabalhei, depois...tenho uma perna inchada, tenho um ferro em cada perna...(...) (E6, U.S.1)</p> <p>[<i>Veio aqui para o lar trabalhar</i>] Trabalhar (...) E depois fiquei aqui (...) e mesmo que adoecesse trabalhava à mesma, estava aqui (...) como há aí algumas...(...) (E6, U.S.2)</p> <p>[<i>Quais foram os motivos que o trouxeram para o lar</i>] (...) a vinda do lar, é porque a minha mulher, eu já estava saturado de fazer comer e de aturar uma pessoa doente, e então pensei...e como eu aqui vinha trabalhar, em carteiro, quando foi na reserva, eu vinha trabalhar (...) e davam-me o pequeno-almoço e ía à minha vida, (...) e eu comecei a gostar disto! A minha filha é que andava a tratar, que a minha filha tem o poder máximo daqui! Ela nunca me disse quem era, mas eu acho que eu sei já quem é (...) (E9, U.S.1)</p> <p>[<i>Veio com a sua esposa</i>] vim com a minha esposa pois, se não fosse assim, eu não vinha! Quando ela me disse que sim, ela primeiro ainda esteve aqui assim, mas acho que ela ainda gostava mais do lar do que eu, por isso eu estou satisfeito para onde a trouxe! (...) (E9, U.S.2)</p> <p>[<i>A sua esposa já cá estava</i>] estava já, com problemas de saúde, do coração e depois já andava na hemodiálise... (E13, U.S.2)</p>
		5.4.10. Questões de Saúde	<p>[<i>Os motivos que a trouxeram para o lar</i>] Falta de saúde, por não poder andar e fazer a minha vida normal, porque eu estava só na minha casa, morreu o meu marido e eu fiquei só...os filhos estão cá em Lisboa e eu estava no Alentejo, de maneira que eu fiquei só...(...) (E2, U.S. 1)</p>

			<p>O que me trouxe para o lar foi eu perder o movimento das minhas pernas, ainda ando mas com muita dificuldade e não poder estar sozinha em casa... e como tinha cá os meus filhos, eram eles que tinham que me dar apoio, eu podia ter uma pessoa de fora em casa (...) pagava a uma pessoa que me tratasse mas estava longe dos meus filhos. (...) (E2, U.S.3)</p> <p>[<i>Os motivos que a trouxeram para o lar</i>] falta de saúde e saber que estava só (...) eu vim do hospital diretamente para aqui quando eu tive essa (...) crise urinária depois fui para o hospital e depois do hospital é que eu não podia ir para casa sozinha por isso tive na ideia de vir ficar aqui...já conhecia a casa (...) (E3, U.S.1)</p> <p>(...) mas enquanto me mexia bem, fui ficando em casa...agora sinto que já não me mexo bem, que preciso ser ajudada. Também precisava de alguém que me ajude a lavar-me a ajudar. (...) (E3, U.S.5)</p> <p>(...) pensei, tornei a pensar, tornei a pensar e eu frequentava o Centro Paroquial de São João de Brito, e dava-me muito bem com a (...) Dra. Sílvia, (...) e eu digo assim “Vou tomar um conselho com a Dra. Sílvia ” (...) fui lá acima, e disse “Oh Sra. Dra., desculpe, vir incomodá-la, mas recebi esta carta...” e (...) contei-lhe tudo! (...) e diz-me ela assim, “Eu não sei agora o que é que hei-de fazer!” e diz-me ela assim “Responda! Porque a D. Ivete é uma pessoa muito doente”, eu tinha lá estado, ainda há pouco tempo, um mês internada, porque (...) estive muito mal, tive no Hospital e depois do Hospital levaram-me para lá...Ela foi muito boa para mim, mandou-me irem-me buscar a casa, mandou lá o chofer, uma empregada e trazer roupas e coisas que era preciso, tive lá um mês... “A D. Ivete, volta meia volta tem que ir parar ao Hospital, é muito doente, sendo a D. Ivete, responda, diga que sim! ” (...) (E8, U.S.5)</p> <p>[<i>Quais foram os motivos que a trouxeram para o lar</i>] (...) por estar só! Porque eu tinha caído da cama abaixo e é muito alta, e caí, partiu-se o banco que eu usava para subir, partiu-se e eu caí... caí e fiquei bastante magoada, mas não parti nada graças a Deus! (...) (E11, U.S.1)</p> <p>[<i>A decisão de vir para o lar foi sua</i>] Fui eu! Fui eu, pois a minha filha não queria que eu viesse, nem o meu genro! Mas eu quis vir! Eu tinha tido uma dor ciática, e tinha estado muito mal, e eu pensei: “Deixa estar, que eu hei-de inscrever-me lá,</p>
--	--	--	--

			<p>posso ter qualquer coisa assim e a minha filha não pode...” E eu, inscrevi-me sem ninguém saber! (...) (E12, U.S.4)</p> <p>[<i>Motivos que o trouxeram para o lar</i>] Foi ter-me dado um AVC, foi ter estado durante treze dias e vim para aqui assim de cadeira de rodas... (E13, U.S.1)</p> <p>[<i>A decisão foi em conjunto com a sua mulher</i>] Pela minha filha, que vendo a situação, foi falar com a Irmã Provincial (...) A Irmã (...) não podia dizer que não, nem que fosse daquele lado, tinham que arranjar lugar para ela... (...) E pronto... Depois ficámos aqui, eu tratei-me, fui para a fisioterapia, davam-me de comer, faziam-me a barba, davam-me de banho, é que eu não estava capaz...eu vim para aqui ainda não estava bom, bom, mas eles queriam mandar-me embora porque tinham mais gente para pôr lá (Hospital), e até me deram alta dois dias antes, dois ou três (...) A minha mulher já não me via há treze dias nem eu a ela, porque a minha filha não queria que a mãe fosse ver o estado em que eu estava...(E13, U.S.4)</p> <p>[<i>Porque é que a sua mulher veio para aqui</i>] Por ter o problema nos rins...não funcionavam e ela teve que ir fazer a hemodiálise (...) ela ia fazer a hemodiálise e as irmãs é que tratavam do resto que ela precisava e estávamos um em cada cama, e eu ia de cadeira de rodas, depois fiquei bom por causa da fisioterapia, e tive a sorte de ter uma fisioterapeuta muito boa, e melhorei...às tantas já escrevia, já passava cheques e tudo para o Banco (...) já comecei a andar por aí e ia à minha casa daqui, para o metro e para o comboio, ia a Massamá à minha casa e procurei... e fui aos serviços de viação, (...) trouxe os impressos, preenchi (...) médico de família, passou um atestado, que está apto a conduzir (...) e comecei a conduzir o carro, às tantas, em vez da ambulância, levava a eu a minha mulher. (...) a ADSE, pagavam por quilómetro, de maneira que ela ia mais confortável no carro particular e eu estava lá em cima com ela ou saía...(E13, U.S.5)</p>
		5.4.11. Sentimento de sobrecarga nos familiares	<p>(...) Eles têm muita dificuldade para ir ter comigo, porque cada um tem a sua vida...Ela é professora, nas férias tem que aproveitar o tempo em casa (...) nas férias grandes vai de férias com o marido e a filha, ela tem um marido e uma filha a tratar, tem de ir...quando está de férias precisa de descansar (...) e eu ia-lhe dar trabalho porque eu não a podia ajudar em casa, (...) (E2, U.S.4)</p>

			<p>[A decisão de vir para o lar foi sua] Sim, eu comecei logo a pensar em vir para o lar, porque não tinha filhos e não queria ir para a casa de sobrinho nenhum, tinha que ir para o lar, os sobrinhos não tinham obrigação de me aturar (...) Não ia para casa dos sobrinhos para lhe dar trabalho a eles e (...) pensei sempre em ir para um lar... (...) (E4, U.S. 2)</p> <p>(...) “Para ao pé da minha irmã não posso ir, tomara ela...” eu assim em conversa, como às vezes também digo, “Tomara ela quem tratasse dela quanto mais ela tratar-me a mim!” (...) (E8, U.S.7)</p> <p>[A decisão de vir para o lar foi sua] Fui eu! Fui eu, pois a minha filha não queria que eu viesse, nem o meu genro! Mas eu quis vir! Eu tinha tido uma dor ciática, e tinha estado muito mal, e eu pensei: “Deixa estar, que eu hei-de inscrever-me lá, posso ter qualquer coisa assim e a minha filha não pode...” E eu, inscrevi-me sem ninguém saber! (...) (E12, U.S.4)</p>
	5.5. Decisão	5.5.1. Preferencial	<p>(...) Tenho lá uma irmã mas ela está mais doente que eu, porque já cortou um peito (...) tem mais problemas que eu, apesar de ser mais nova que eu, tem mais problemas ainda. E queríamos ajudar-nos uma á outra e não podíamos e isso era um sofrimento para ela e para mim e então eu resolvi vir para ao pé dos meus filhos. (...) (E2, U.S. 2)</p> <p>(...) se (...) não fosse a falta de força nas pernas, eu até lhe servia, porque ela ía trabalhar e eu ficava em casa e fazia aquilo que fosse preciso, mas eu não podia estar só, não resolvíamos o problema e então eu resolvi vir para um lar por falta de saúde! (E2, U.S. 5)</p> <p>[A decisão de vir para o lar foi da própria] Foi minha foi, a decisão foi minha! Ninguém me forçou nem ninguém se negou a tratar-me, eu é que decidi que não queria dar trabalho a ninguém e decidi vir para um lar. Eu tinha lá um lar! Mas eu quis vir para ao pé dos meus filhos, para eles me darem apoio... Além de ter cá mais família, porque tenho cá uma irmã, e tenho família, cá! E tenho os meus filhos! (E2, U.S. 6)</p> <p>(...) quando vi que já não podia trabalhar e que não podia fazer nada em casa, porque eu fazia tudo na minha casa e isso ajudava-me a vencer o meu desgosto e a</p>

			<p>minha solidão, ia trabalhar, fazia tudo na minha casa (...) (E2, U.S. 14)</p> <p>[<i>A opção de vir para o lar foi sua</i>] Foi...foi minha foi, não tive ninguém a dizer que faça ou deixe de fazer...(.) (E3, U.S.2)</p> <p>[<i>Os seus sobrinhos concordaram com a sua vinda para aqui</i>] São indiferentes...o que a tia fazer para eles está bem...Acham que está bem só que agora um dos meus sobrinhos acha que isto é grande demais para mim e que continuo aqui sem convivência. (...) (E3, U.S.3)</p> <p>[<i>A decisão de vir para o lar foi sua</i>] Fui, fui! (...) Ninguém tomou a decisão.(...) (E6, U.S.3)</p> <p>(...) pensei, tornei a pensar, tornei a pensar e eu frequentava o Centro Paroquial de São João de Brito, e dava-me muito bem com a (...) Dra. Silvia, (...) e eu digo assim “Vou tomar um conselho com a Dra. Silvia ” (...) fui lá acima, e disse “Oh Sra. Dra., desculpe, vir incomodá-la, mas recebi esta carta...” e (...) contei-lhe tudo! (...) e diz-me ela assim, “Eu não sei agora o que é que hei-de fazer!” e diz-me ela assim “Responda! Porque a D. Ivete é uma pessoa muito doente”, eu tinha lá estado, ainda há pouco tempo, um mês internada, porque (...) estive muito mal, tive no Hospital e depois do Hospital levaram-me para lá...Ela foi muito boa para mim, mandou-me irem-me buscar a casa, mandou lá o chofer, uma empregada e trazer roupas e coisas que era preciso, tive lá um mês... “A D. Ivete, volta meia volta tem que ir parar ao Hospital, é muito doente, sendo a D. Ivete, responda, diga que sim! ” (...) (E8, U.S.5)</p> <p>[<i>A decisão foi sua de vir para o lar</i>] Foi! Pois, que não tenho cá família nenhuma, a decisão foi minha, foi minha, ninguém me obrigou a vir! Nem eu disse nada á família nem nada, que estava a tratar disso, que vinha, nada... E então, a minha família que tenho no Brasil, quando o meu marido faleceu, queriam que eu fosse com eles, que eles volta, meia volta vinham cá, ainda cá estiveram há tempos (...) E eu disse, não, não vou! Não vou, porque não quero desprezar o Martim, [chora] é o meu marido, no cemitério, sem ir lá...eu ía lá quase todos os dias, nós eramos muito amigos! “Podias ir, e mais isto e mais aquilo, arranjavas as coisas e ías!”, depois quando vieram cá passados, parece que foi uns três anos, ao fim de três anos “E agora não queres ir ainda?”, digo eu assim “Oh, então agora vou e fica cá</p>
--	--	--	---

			<p>a Telminha sozinha?” que é a que está doente (...) Ela coitadinha não pode lá estar, que o médico já disse, só de visita, “Não, não vou, eu fico por cá!” pronto...e agora dizem-me “Nós não te dizíamos para vires? Não querias... agora olha, aguenta!” foi tal e qual assim...(E8, U.S.10)</p> <p>[A decisão foi sua de vir para o lar] Foi! A minha filha ficou, benzeu-se! A minha filha benzeu-se! Como sabia que ela é que tinha o poder máximo para nos para aqui trazer, mas tinha medo que a gente a deixasse envergonhada ainda, e a minha filha não arranhou tão depressa, eu arranhei mais depressa! Ela ficou parva da vida dela! Benzeu-se! Eu tenho conhecimentos dos maiores de Lisboa todos! (...) (E9, U.S.3)</p> <p>[A decisão de vir para o lar] Foi por minha causa, porque não tinha quem tratasse dela em casa! A minha filha trabalhava nessa altura, os miúdos iam para a escola, eram pequenos! Andavam aqui no colégio, o pai de manhã trazia-os, porque ele trabalhava no tribunal da Boa-Hora...vinham com o pai e iam para cima com o pai... (E13, U.S.3)</p> <p>[A decisão foi em conjunto com a sua mulher] Pela minha filha, que vendo a situação, foi falar com a Irmã Provincial (...) A Irmã (...) não podia dizer que não, nem que fosse daquele lado, tinham que arranjar lugar para ela... (...) E pronto... Depois ficámos aqui, eu tratei-me, fui para a fisioterapia, davam-me de comer, faziam-me a barba, davam-me de banho, é que eu não estava capaz...eu vim para aqui ainda não estava bom, bom, mas eles queriam mandar-me embora porque tinham mais gente para pôr lá (Hospital), e até me deram alta dois dias antes, dois ou três (...) A minha mulher já não me via há treze dias nem eu a ela, porque a minha filha não queria que a mãe fosse ver o estado em que eu estava...(E13, U.S.4)</p>
		5.5.2. Estratégica	<p>[Já tinha planeado a sua vinda para aqui] Há um tempo, depois da morte da minha irmã, quando fiquei sozinha, foi quando comecei a pensar em vir para um lar (...) (E3, U.S.4)</p> <p>[A decisão de vir para o lar foi sua] Sim, eu comecei logo a pensar em vir para o lar, porque não tinha filhos e não queria ir para a casa de sobrinho nenhum, tinha que ir para o lar, os sobrinhos não tinham obrigação de me aturar (...) Não ia para</p>

			<p>casa dos sobrinhos para lhe dar trabalho a eles e (...) pensei sempre em ir para um lar... (...) (E4, U.S. 2)</p> <p>[<i>A decisão de vir para o lar foi sua</i>] Foi minha e do meu marido, como já disse... foi a situação, ver o procedimento dela [filha], essa coisa toda, dá-me qualquer coisa, não posso fazer nada, não tenho quem me dê um prato de sopa e aqui ao menos sempre tenho quem me dê de comer... (...) (E5, U.S.1)</p> <p>[<i>Quais foram os motivos que a trouxeram para o lar</i>] Porque, olhe...só tinha sobrinhos, os filhos não tenho, os filhos também às vezes dão um pontapé no traseiro quando recebem as heranças e acabou-se! E também não tinha gente, se me desse alguma coisa de ficar na cama, eu não tinha ninguém! Os meus irmãos também não estavam assim com grande vontade (...) qualquer dia estão eles todos num lar! Era para ter quem me tratasse...enfim! Se eu tivesse uma coisa para ficar na cama...nem tinha dinheiro para (...) estar em casa e ter pessoal de enfermagem e pessoal...não tinha dinheiro para isso! De maneira que o mais cómodo era isto! (E7, U.S.1)</p> <p>[<i>A Decisão foi sua</i>] A decisão foi minha, embora um dos meus irmãos, ajudava a empurrar um bocadinho e queria que eu fosse para outro sítio que ele conhecia, porque havia lá pessoas conhecidas (...) E eu neguei-me! Ou vou para ali ou não vou para parte nenhuma! (...) Eu, coisas com gente conhecida, dá sempre asneira! De maneira que vim para aqui, até porque aqui eu conhecia as pessoas, mas quer dizer, eu quando vim para aqui (...) só vim encontrar duas pessoas conhecidas do tempo em que eu era estudante! (...) De maneira que foi por causa disso que eu vim para aqui! Mais por prever o futuro do que propriamente por uma questão de solidão! (...) (E7, U.S. 2)</p> <p>[<i>Porque tomou essa decisão de se inscrever aqui no lar</i>] Porque eu pensei! ... Depois de me reformar comecei...eu vivo sozinha, elas estão no estrangeiro [Irmã e Sobrinha], a minha mãe, falecida, a minha comadre é uma pessoa que trabalha, naquela altura não estava reformada, estava a trabalhar... Se eu tiver doente, quem é que me trata? Quem é que me chega qualquer coisa que eu...que me lave, enfim, que trate de mim? (...) (E11, U.S.3)</p> <p>[<i>Foi opção da própria</i>] Sim! Sim! Optei, eu vim de livremente! [sorri] (...) Eu</p>
--	--	--	---

			<p>resolvi as minhas coisas! Resolvi vir, e as pessoas ficaram todas muito admiradas! “Vais? Mas tu vais assim para um lar e tal?”, “Atão?! Pois se eu não tenho ninguém que me trate, se eu tiver doente como é que vai ser?”, então eu parti um pé, parti um pulso, o pulso já aqui há uns anos... O pulso, arranji uns plásticos, eu tomava o meu duchezinho todos os dias (...) os pés torci-os várias vezes, o pé partido, andava com canadianas, mas custava muito a descer as escadas, porque não tenho elevador, custava-me muito, mas pronto! A coisa arranjou-se! O médico depois mandou-me dar banhos de água salgada, todos os dias, eu dava duas vezes, ora foi um instante...depois fui para a praia, e pronto... (...) (E11, U.S.6)</p>
		5.5.3. Relutante	Não Verificado
		5.5.4. Passiva	<p>[A decisão de vir para o lar foi sua] Não foi minha, e foi, pois...eu não tinha para onde ir, vim para aqui, vim para o lar! (...) sou refugiada... (...) (E10, U.S.2)</p>
	5.6.Processo	5.6.1. Inscrição	<p>(...) eu vim visitar uma senhora que já tinha cem anos e depois, vim mais outra, a D. Dália, aquela forte, viemos as duas, e depois...eu vinha toda de preto, não é? E depois conversa para aqui, conversa para ali (...) a Dra. Maria Seabra ia a entrar (...) e ouviu a minha conversa, eu dizer “Ah, é muito triste, agora fiquei sem o meu marido, agora estou sozinha.” Assim, essas conversas que se dizem, “Tenho muita família mas está toda espalhada” (...) e ela disse-me assim “Depois há-de ir ter comigo!” (...) e eu fui ter com ela e ela disse-me assim “Ah, eu ouvi esta conversa assim, assim...porque é que não se inscreve?” disse ela, “Não sabe o dia de amanhã!” e eu disse, “Ah Sra. Dra., então obrigada! Então a Sra. Dra. (...) podia-me explicar o que é preciso fazer?” diz ela assim, “olhe, uma fotografia atual...” e lá me esteve a dizer o que era preciso trazer e depois “Liga para cá, e eu marco, marca-se o dia e vêm cá e falem comigo, para a inscrever” e vim, mais a D. Dália, viemos a pé (...) era perto e tínhamos, nesse tempo tínhamos ainda boa perna, tanto eu como ela, e inscreveu-me a mim e à D. Dália, “E agora aguardem!” (...) ao fim de doze anos (...) chega uma carta a perguntar se eu ainda estava interessada em vir para aqui e eu não sabia o que é que havia de fazer (...) (E8, U.S.4)</p> <p>(...) eu ao outro dia (...) peguei no telefone e telefonei e disse que tinha recebido uma carta (...) e que estava interessada e então de cá disseram-me “Então, nós depois comunicamos para aí o dia que há-de vir cá falar com a Sra. Dra.” pronto... depois telefonaram-me um dia ou dois, eu isso já não posso, já na me recordo, ou</p>

			<p>três, não sei, para falar com ela, inscreveram-me, inscreveram-me, fiquei inscrita! Doze anos, doze anos e tal... e em conversa com a D. Dália às vezes dizia-mos assim “oh...nunca chamam, toda a gente, toda a gente diz que aquele lar que é uma agulha no palheiro!” Era assim, tal e qual... diz ela assim “Pois...também é o que eu oiço!” e eu digo assim: “olhe, há-de ser o que Deus quiser!” dizia eu “Há-de ser o que Deus quiser!” para algum lado hei-de ir, dizia eu, “Para algum lado hei-de ir quando já tudo não puder”, (...) dizia eu... (E8, U.S.6)</p> <p>(...) Pronto...passado (...) não sei já quanto tempo (...) telefonaram, que viesse cá, que queriam falar comigo foi...não me recordo, de foi a Dra. Clarisse, isso não me lembra, ou se foi a Dra. Camila que me atendeu, e foi ver o meu processo (...) e então viram, o que eu tinha dito, que era tudo verdade e então tiraram a fotografia com muito jeitinho, para aproveitar e fizeram nova inscrição, e depois disse: “Olhe, agora aguarda que dá-lhe para um ano, guarde-a bem, guarde-a por um ano” e eu respondi assim, com estas palavras “Daqui para um ano já onde é que eu estou?” (...) e ela até fez assim um sorriso como quem diz “o que é que ela está a dizer? Quer dizer que pensa que vai morrer breve, naturalmente!” (...) (E8, U.S. 8)</p> <p>(...) Um mês depois telefonam-me do lar a dizer que tinham cá uma vaga e que tinha que resolver, Sim ou não, e depois ficava em lista de espera novamente, onde estive 13 anos inscrita, segundo me disseram! De maneira que... disse logo que sim! Entrei dia 8 de Outubro, entrei...de 2010! (...) (E11, U.S. 2)</p> <p>(...) Entretanto, eu vim-me inscrever, e como vinha cá pagar uma cota (...) que havia para aí de Nossa Senhora, enfim...eu vinha cá pagar e nessa altura, aproveitei...e estava cá a Dra. Seabra, a que faleceu... E ela era muito simpática, e queria até que eu cá ficasse para conversar com as senhoras e tal... Se não fosse tão longe da minha casa, eu vinha... Mas isso faço eu ao pé da minha casa, mais perto de outras pessoas amigas, faço o mesmo... Então inscrevi-me...ela mesmo é que me disse para me inscrever, “Olhe, fico à espera!”, então mais tarde vim cá outra vez, diz-me ela assim “Olhe, ainda tem 80 pessoas à sua espera!”, e eu assim “Ai, tantas pessoas!”, bem... e assim passou... ao fim desses treze anos (...) (E11, U.S.4)</p> <p>(...) Depois, a dona Mª José, que era a diretora disto, apareceu lá um quarto com</p>
--	--	--	--

			<p>casa de banho e assim um quarto bom, e nisto telefonou lá para casa. O meu genro é que atendeu o telefone, que eu não estava em casa, eu não estava tempo nenhum em casa, ia sair, ia... E depois, telefonou para lá e disse: “Está cá um quarto muito bom!”, mas o meu genro não sabia de nada, nem que eu me tinha inscrito, nem nada, disse: “Deve ser engano!”, “Não é engano, não é! Quando a senhora chegar, o senhor faça o favor de lhe dizer!”, depois eu cheguei e ele disse-me. Cheguei com a minha filha, e a minha filha e então eu disse “Pois eu, fui ver lá, fui falar com a D. M^a José, para quando tivesse um quarto jeitoso para deixar para mim!”. (...) (E12, U.S.2)</p>
		5.6.2. Entrevista	<p>(...) Pronto...eu aguardei, passado um mês, não sei quantos que não me lembra, (...) É que telefonaram que viesse cá, que queriam falar comigo, e então disse que havia uma vaga, duas vagas que era uma para mim e outra para ela, se eu gostava da ideia e eu disse que sim, pronto... foi assim! Que aguardasse, depois telefonaram-me, a dizer que arranjasse as minhas coisas, que tinha uma vaga para mim... mas que ainda não tinham o número (...) eu aguardei que me dessem o número, que me fossem marcando a roupa interior, e disseram-me o que era preciso trazer, e pronto...foi assim...(...) (E8, U.S.9)</p> <p>(...) Telefonaram-me para casa, aquilo era para ver se eu ainda era viva se calhar!! [Gargalhadas], e diz assim, a Clarisse, era a Dra. Clarisse, “Para saber se a Sra. quer continuar aqui inscrita neste lar” e não sei quê, “Sim senhor! Quero quero!”, “Então pronto! Está inscrita e tal...Isto é uma coordenação de trabalho e tal”, pronto! E assim ficou...passado um ano, foi quando me telefonaram, a dizer se queria eu não queria, digo eu assim “Quero! Quero!”, Ainda por cima tinha caído da cama abaixo, [Gargalhadas] cheia de dores...e pronto! Um mês depois estava cá! (...) (E11, U.S.5)</p>
		5.6.3. Acolhimento	<p>(...) Pronto...eu aguardei, passado um mês, não sei quantos que não me lembra, (...) É que telefonaram que viesse cá, que queriam falar comigo, e então disse que havia uma vaga, duas vagas que era uma para mim e outra para ela, se eu gostava da ideia e eu disse que sim, pronto... foi assim! Que aguardasse, depois telefonaram-me, a dizer que arranjasse as minhas coisas, que tinha uma vaga para mim... mas que ainda não tinham o número (...) eu aguardei que me dessem o número, que me fossem marcando a roupa interior, e disseram-me o que era preciso trazer, e pronto...foi assim...(...) (E8, U.S.9)</p>

			<p>(...) Um mês depois telefonam-me do lar a dizer que tinham cá uma vaga e que tinha que resolver, Sim ou não, e depois ficava em lista de espera novamente, onde estive 13 anos inscrita, segundo me disseram! De maneira que... disse logo que sim! Entrei dia 8 de Outubro, entrei...de 2010! (...) (E11, U.S. 2)</p> <p>[<i>Falou sem a sua filha saber</i>] Sim! Sem ninguém saber! Só souberam naquele dia quando telefonaram para lá! Depois a minha filha veio e o meu genro, até trouxeram coisas para a casa de banho que não tinha, que era para eu estar bem! E eu ia todas as semanas a casa, ía a pé, porque ela mora ali no Lumiar, e eu ia a pé e vinha, e aquilo para mim era um desporto! E eu estava contente! E depois fui ficando, pois está claro que ficava! Agora, há p'rai dois anos ou três, que eu não, que eu estou pior... Não posso nada, têm que me vestir, têm que me deitar, têm que me levantar, têm que tudo! [Suspiro] (...) (E12, U.S.3)</p> <p>(...) Cheguei aqui, as irmãs ficaram com as canetas (...) entretanto, a coisa foi-se agravando, e com o esforço do trabalho e da preocupação, deu-me o AVC, que eu andava muito sobrecarregado e a minha filha trabalhava (...) ela não podia tratar da mãe, então lembrou-se, que mãe dizia sempre que em caso de problemas que queria vir para o lar daqui! E então veio, a Irmã atendeu, e depois só tivemos aí uns dias à espera porque a senhora que estava aqui tinha contrato até ao fim do mês e não saía sem acabar... Eu fiquei no hospital mais dois dias ou três, para poder entrar aqui quando ela saiu. (...) (E13, U.S.7)</p> <p>(...) A D. Maria José não fazia uma espécie de contrato formal como agora é, agora fizeram um regulamento interno e já em Julho alteraram (...) mas só nos deram conhecimento agora e o regulamento diz (...) que a pessoa é obrigada a aceitar aquilo que as Irmãs determinarem, se disser “Vai para aqui, vai para aqui ou vai para acolá” mas eu só soube disto agora, falei com a Assistente Social e ela disse que o regulamento tinha sido alterado e aumentaram as pensões, o custo da estadia (...) Nós fomos aceites numas condições diferentes, que haviam na altura! Até está lá em baixo um papel ao pé do telefone, naquele placar que dizia que a mensalidade mínima era dois escudos e a máxima, setenta contos... (...) Esta coordenadora fez mesmo um contrato a sério, mas continuo a pagar a mesma coisa embora lá dissesse que era mais... (...) (E13, U.S.9)</p>
--	--	--	---

6. Referências Biográficas	6.1. Percurso Profissional	6.1.1. Escolaridade	(...) É as coisas tristes, as coisas tristes que a gente passa na vida! Acho que é... não sei, eu tenho pouca experiência, que eu sempre tive poucas letras... fiz com vinte e quatro anos a quarta classe a alombar alvenaria, que se chamava pedra de Alcains (...) (E9, U.S.8)
		6.1.2. Ocupação	<p>[<i>Veio aqui para o lar trabalhar</i>] Trabalhar (...) E depois fiquei aqui (...) e mesmo que adoecesse trabalhava à mesma, estava aqui (...) como há aí algumas... (...) (E6, U.S.2)</p> <p>(...) o meu irmão era médico, a minha irmã era médica (...) e eu também trabalhei durante trinta anos num hospital como assistente social, portanto, a gente acabava por fazer a mesma coisa! Mas isso não, por amor de Deus! (...) (E7, U.S.14)</p> <p>(...) Porque a gente vinha habituada de um hospital em que chegávamos às enfermarias e a gente tinha que saber a vida quase deles e o que é que se passava a nível clínico... (...) No outro dia, houve aqui há tempos aí uma senhora, em que diziam assim “tinha um sinalzinho e afinal é um cancro!”, mas diziam “O problema dela não é esse, é muito mais grave que isso!”, e eu perguntei logo “Qual é o problema de saúde que ela tem?” (...) (E7, U.S.24)</p> <p>(...) Nós tínhamos um restaurante... mas depois o meu marido começou a andar doente, e eu mais doente estive, que estive internada e o meu marido não sabia o que é que havia de fazer à vida dele, ele tinha uma filha e disse que entregassem o restaurante, e ela respondeu-lhe que não lhe interessava aquilo para nada, que vivia bem e o meu marido entregou a uma agência, deram-lhe o que quiseram, ele já não estava muito bem da cabeça, o que lhe quiseram dar, deram-lhe... (...) (E8, U.S.13)</p> <p>(...) e depois eu fui para ajudante de hortelão [Trabalhador de Lavoura] na quinta do Capitão Rui Azevinho, que é a quem eu rezo um Pai Nosso para a família do Sr. Capitão Rui... (...) (E9, U.S.7)</p> <p>(...) <i>Eu fui ensinado assim, ou aprendi assim da minha memória que eu gosto, sou doido por industria hoteleira! Que foi o que me endireitou a minha vida que fez com que a minha filha estivesse onde está!</i> (...) (E9, U.S.28)</p>

		6.1.3. Reforma	<p>(...) nós para resolver o problema daquela pessoa, tínhamos que saber qual era, a nível hospitalar, qual era o problema e quais eram as soluções médicas que eles apontavam... Desde falar com a família, e ver quais eram as melhores maneiras e as possibilidades que tinham, não é? Não estava nada habituada a dizerem “Você não tem nada com isso! A gente não diz!”, aqui, eu não tenho que resolver os problemas graves das pessoas, porque há a diretora, a enfermeira cá do lar e depois há todo o resto do pessoal, pessoal técnico que tem obrigações (...) (E7, U.S.25)</p> <p>(...) Tenho algum dinheiro, mas eu gostava de poder chegar a certa altura, e dizer assim “Olha aquela instituição...”, dar mil euros, para a outra mil e quinhentos, para a outra dar não sei quanto! Estas coisas também não posso fazer, (...) não chega! As reformas, depois você vai ver quando se reformar, ou ter um pé-de-meia! (...) (E7, U.S.34)</p>
	6.2. Relações Significativas	6.2.1. Amorosas	<p>[<i>Sente-se mais só agora do que se sentia há uns anos atrás</i>] Não, porque eu nunca me senti só porque eu tinha um marido muito bom, enquanto tive marido sempre, fui feliz! (E2, U.S. 12)</p> <p>(...) Deus levou-o, mas passei muito, porque avariou da cabeça, andava de noite, tinha que andar à procura dele de noite, e ía com o chinelo calçado muitas meias, umas por cima das outras e pijama, conforme calhava... e em casa, abria-me as gavetas, deitava-me tudo para o chão, a roupa, a casa de banho, para ele não era preciso...era o quarto... abria a gaveta da mesinha de cabeceira, era para lá que urinava (...) Passei muito, até que um dia eu tinha que ir fazer as compras enquanto ele estava a dormir um bocadinho e quando eu vinha com as compras encontrei uma senhora (...) “Isto vai acabar hoje!”, porque encontrou-me encostada ao pé do muro, ao pé do Lidl, e disse “Tem que acabar!” E então ela, mais a minha vizinha, a mulher que era do, do banco, foram as duas à procura de um lar, e foram à avenida do aeroporto e encontraram lar lá, havia uma vaga (...) tive lá o meu marido seis meses internado, mas pagava muito (...) o dinheiro estava fugir cada vez mais (...) E depois começou a dar em bater nas empregadas (...) então chamaram-me e disseram-me que ele tinha de se ir embora! (...) (E8, U.S.15)</p> <p>(...) Ele não me conhecia, eu chegava lá ao pé dele, era como abrir e apagar uma luz! Ele sempre gostou de me ver bem arranjada, gostava que eu andasse sempre</p>

			<p>bem arranjadinha, nada espampanante, umas coisinhas simples, sempre bem arranjada. E então disse-me assim um dia “Vem sempre com a mesma roupa!”, quer dizer, conheceu-me! E depois eu não sabia onde é que havia de pôr o meu marido, depois de repente lembrou-me que eu conhecia o enfermeiro ali do Júlio de Matos, e a mulher também a conhecia (...) Morava lá perto (...) ele era enfermeiro ali no Júlio de Matos, era chefe e tinha um lar em Alenquer, não era bem no centro, chamam a Pucariça (...) e então arranjaram lá uma vaga no lar deles! Mas era muito longe! (...) teve lá um mês... Um dia, encontrei uma senhora, também do Centro Social que é a D. Maria de Lurdes (...) E diz ela assim, “Porque é que não falou comigo? Tanto dinheiro que tem andando a gastar! Eu tinha-lhe arranjado e pagava só sobre a reforma!”, disse-me ela e ela foi e tratou logo de me arranjar...no dia que era para entrar, o meu marido faleceu...(...) ele estava a pagar muito, era particular, pagava muito (...) eu gastei muito, muito, muito com ele... Depois tinha que poupar não é? Depois fazia as coisas sem poder, porque elas levam muito caro e depois olhe...esforçava-me demais, não devia, dava-me crises, tive uma quantidade de enfartes...lá ia eu para o Santa Maria, (...) (E8, U.S.16)</p> <p>[<i>Alguma vez se sentiu sozinho ou isolado</i>] Agora! (...) Porque morreu a minha mulher que a gente teve 57 anos juntos e eu namorei quatro anos e tal com ela, sessenta e quase dois anos é muita obra! É uma vida! E agora estou sozinho [começa a chorar], e choro aqui tanta vez todos dias sozinho aqui! Choro aqui! Eu às vezes quero adormecer e adormeço a chorar na cama e as lágrimas a correrem... e eu não era hábito de chorar! Só agora... A minha mulher faz-me muita falta! E a gente entendia-se muito bem, ainda fiz o comer e toda a gente se admirava campista e ela de trombose, doze anos de trombose, os primeiros anos ainda estive no campismo comigo já não sei quantos... E eu fazia tudo quanto ela queria e nunca ninguém, nadinha tenha essa consolação comigo! (...) (E9, U.S. 9)</p> <p>(...) Essa outra, podia-me até ter ajudado no Alcoitão, mas há coisas que é segredo e eu não conto! Segredo não conto! E ela não me ajudou, podia-me ter ajudado! (...) quando eu fui ajudante de hortelão do pai dela, era duas raparigas e um rapaz, Benquerenças, Castelo Branco! Deve ter isso escrito...E ela olhou assim para mim, como quem diz “Tu é que eras o meu homem!” e afinal de contas...Não fui! E ela também não me ajudou nada e deu-me a paga que eu merecia! Não estou zangado com isso, até estou na ideia de ir ver se resolvo lá em baixo, com a</p>
--	--	--	--

			<p>senhora que está na recepção se ela me descobre se eu consigo falar (...) Se eu lhe consigo dar umas palavras...É segredo, que eu não conto os segredos! Ela está modista na casa de modistas...[Ligar com que objetivo] Objetivo de lhe pedir desculpa! (...) Tinha dezanove anos, tenho oitenta e três...e ela tinha quinze! Dezanove anos e ela tinha quinze, tenho bem a idade... É raro o dia que eu não rezo pelo Sr. Capitão Rui Azevinho, Sr. Ana Azevinho (...) o Capitão Rui, tinha sete, seis filhos e uma filha! (...) (E9, U.S.15)</p> <p><i>[Estava a falar-me dessa rapariga] Essa rapariga quero pedir-lhe desculpa como é que eu conversei com ela, e ela não me ligou nenhuma, tinha razão...que desculpe! O resto não conto... O resto é o segredo! (...) O que eu queria dizer é que não era grande homem, grande espingarda para mulheres! Tenho uma mulher... tinha uma mulher, tenho uma filha que é médica e tem uma filha agora... Eu não arranjei dívida nem para a minha filha, nem para a minha neta! O que eu queria chegar era aí... Não fiz dívidas para ninguém, portei-me bem, como um homem casado ou como um rapaz solteiro. O que eu vi que acabava por dar prejuízo, andou, seguiu, encolheu-se, ficou para trás, pronto... como foi essa, a única a mulher que eu mais gostei na minha vida, a segunda foi com quem estou... tive mais quatro ou cinco...(.) Com quem estou portei-me bem... [A mulher que mais gostou na vida foi essa rapariga] Foi, era a filha do hortelão lá da quinta, naquele tempo, eu com dezanove anos nunca tinha namorado nem para lá caminhei, nunca ninguém me passou cartão...(.) (E9, U.S.16)</i></p> <p>(...) A minha cunhada era [nome da cunhada], estava doente (...) no Sagrado Coração de Jesus, depois também adoeceu (...) eu deixava a minha mulher (...) na hemodiálise, vinha visitar a minha cunhada durante aquelas horas (...) Chegava a casa e dava o jantar à minha mulher, e rezávamos o terço e ficávamos a ver televisão até à meia-noite, onze horas, meia-noite depois íamos para a cama. Ela começou a levar Insulina e eu é que lhe dava a insulina, isto antes de vir para aqui. (...) que era umas canetas que a gente carregava e picava conforme (...) continuei a dar insulina até ela vir para aqui. (...) (E13, U.S.6)</p> <p>(...) Eu ia daqui ao hospital ali em cima (...) Já andava bem, comecei a andar bem... A clínica também era lá perto, eu aproveitava e ia hora do lanche, tomava um garoto e ia esperar pela minha mulher, para vir com ela próximo, vinha na ambulância com ela... (...) A minha mulher fazia o turno da tarde, depois da hora</p>
--	--	--	---

			<p>do almoço... a minha mulher tinha que almoçar mais cedo e tal (...) então (...) a minha filha vinha de manhã, e eles vinham à tarde. (...) de maneira que eu estava em família todos os dias. (...) (E13, U.S.12)</p> <p>[<i>A vinda para o lar fez com que se sentisse mais acompanhado</i>] É igual, porque eu antes estava acompanhado da minha mulher, estava preocupado com o tratamento da minha mulher (...) a minha mulher começou a ter problemas e eu tinha que cuidar de tudo, ia buscar comida (...) almoçava com ela, jantava com ela, andava entretido com ela, ia ao médico com ela...(…) Fazia tudo na casa! De maneira que passava a vida ocupado com ela (...) (E13, U.S.24)</p> <p>[<i>Quais são os momentos aqui dentro do lar em que se sente mais só</i>] Quando (...) penso na minha mulher que era a minha grande companhia, sempre nos demos bem e que agora não tenho! Estou aqui e estou a pensar onde ela está... Estou a vê-la acolá... [Olha para a fotografia], e não me deito dia nenhum que não lhe dê um beijinho... (E13, U.S.30)</p>
		6.2.2. Familiares	<p>[<i>Mantém contacto com essa família</i>] tenho contacto com elas... mas agora quero castigá-las! (...) as de Colares...elas não vêm cá! (...) São sobrinhas... (...) agora pela Páscoa não digo nada... [<i>Mantém contacto com essas sobrinhas</i>] Mantinha, agora já há muito tempo que não... (E6, U.S. 16)</p> <p>(...) por exemplo (...) Prendas para os miúdos! Acabava muitas vezes por fazer isso, dar “X” (...) dava aos pais, e eles optavam ou por dar mesmo o dinheiro, ou por comprar uma coisa com o dinheiro todo junto! (...) davam o dinheiro para comprar as prendas (...) eu tenho uma sobrinha, que tem um piadão, damos os dinheiros aos pais, e depois por exemplo, levei um pacote de bombons, e a melhor prenda que ela teve foi aquele pacote de bombons! Mas também não se pode passar a vida toda a gastar um dinheirão (...) depois estava uma tia dela, que era minha sobrinha também, casou com um dos meus sobrinhos, “A Matilde recebeu agora a melhor prenda que podia ter!”, foi aquilo que eu dei (...) Nisto não me sinto sozinha, é uma opção, os pais e as coisas, às vezes preferem que a gente dê uma coisa pequenina, assim...(…) (E7, U.S.7)</p> <p>(...) Incomoda-me, porque eu sei o que passei, quando tive aos onze, doze anos, se não fosse o meu pai, que enfim, apoiou-me muito, quando tive a psoríase! (...)</p>

			<p>Porque foi nos anos cinquenta, as pessoas estavam muito menos educadas a nível da psoríase, a psoríase vinha-me assim à testa, e as pessoas olhavam (...) no Verão, a gente tínhamos que atravessar o Terreiro do Passo, com o calor, eu ficava muito vermelha, e as pessoas ficavam com medo e eu tinha absolutamente a sensação que estavam com medo que eu tivesse Lepra! Tá a perceber? (...) (E7, U.S. 17)</p> <p>(...) Por exemplo, a Irmã Marta e a Irmã Florinda, a Irmã Florinda é preciso...”Olhe, hoje não saia porque está muito frio!”, por causa dos problemas de saúde! E a isso nunca fui habituada, nós lá em casa nunca fomos habituados assim a ter muito cuidado com as coisas! Mas, quando foi daquela ulcera, “Vê lá se tens juízo, se ficas em casa! Quem é que te trata? quem é que faz as ligaduras?”, isso o meu pai a esse nível...E depois, está a correr tudo bem, não vale a pena! (...) cuidados demais, nunca tivemos de ter... (...) (E7, U.S.31)</p> <p>(...) Eu nunca fui capaz de fazer, a minha mãe dizia-me muita vez, eu vinha para Lisboa, e a minha mãe dizia-me, “Olha, levás isto assim, assim”, na altura em que vínhamos a Lisboa, tínhamos que vir a Lisboa e depois voltar, a minha mãe dizia-me “Levas estas coisas e depois vais à rua dos retroseiros”, era a Rua da Conceição, a rua dos retroseiros, comprar botões, comprar fechos, os fechos não, mas por exemplo botões, carros de linha e não sei quê, e depois dizia-me assim “Olha são cinco botões deste tamanho e são dois mais pequeninos!”, para por exemplo pôr aqui assim como efeito, ou pôr no bolso e eu levava sete botões daqui, e levava logo quatro daqui que era quando caísse algum, já estava o suplente, e dizia a minha mãe “Lá vem a mulher das faturas!”, ‘tá a perceber? Porque depois a minha mãe, se caía um botão, de uma camisa, de uma blusa, de uma saia (...) “Pois, já está estragado, não tenho blusa!”, vai-se comprar outros botões que ficam muito mais caros! Eu levava para casa coisas, café e tudo e mais não sei quê e nunca lá ia pedir (...) ainda ontem estava a trabalhar, nunca estava pedir, a não ser que fosse coisas muito extraordinárias, nunca pedi! (...) (E7, U.S.35)</p> <p>A minha irmã já foi duas vezes ao Brasil, mas estive lá três meses de uma vez, e da segunda vez só pode estar um mês, que o médico disse que não podia ir lá, diz porque aquilo, nós quando o calor é húmido... ela coitadinha foi anteontem, telefonou-me muito contente! Nunca vi a minha irmã assim tão contente! A dizer</p>
--	--	--	--

			<p>que tinha ido a Coimbra, fazer os exames todos e que estava tudo muito bem! E ela estava muito contente! Logo a seguir, tive um telefonema do meu irmão, muito contente, “Olha, é para te dizer que já saí do Hospital, já estou em casa, já estou melhor!” Eles não se esquecem de mim! “Nós só te queríamos ao pé de nós” (E8, U.S.11)</p> <p>(...) Mas para nós, graças a Deus (...) nunca soube o que foi uma falta, nem em casa dos meus pais, nem na minha! Sempre tive aquilo que eu necessitava... tanto vestir, como calçar como na alimentação, nunca soube o que foi uma falta... (...) (E8, U.S.14)</p> <p>(...) a minha irmã teve cá quinze dias comigo. Estava muito em baixo... foi a partir daí que o médico, eu fui ao médico com ela e o médico disse “Vai fazer análises!”, e quando fui fazer as análises, deu-me colesterol! Coisa que eu nunca tive na vida! Que até fui buscar o colesterol que era da minha mãe, que também tinha esse problema! E então fiquei com ele para mim, fui herdar o colesterol... Eu estou sempre medicada. Tenho dieta, fiquei com uma gastrite crónica, com os nervos que se foram acumulando, não é? E, pronto! (...) (E11, U.S.12)</p> <p>(...) A minha cunhada era [nome da cunhada], estava doente (...) no Sagrado Coração de Jesus, depois também adoeceu (...) eu deixava a minha mulher (...) na hemodiálise, vinha visitar a minha cunhada durante aquelas horas (...) Chegava a casa e dava o jantar à minha mulher, e rezávamos o terço e ficávamos a ver televisão até à meia-noite, onze horas, meia-noite depois íamos para a cama. Ela começou a levar Insulina e eu é que lhe dava a insulina, isto antes de vir para aqui. (...) que era umas canetas que a gente carregava e picava conforme (...) continuei a dar insulina até ela vir para aqui. (...) (E13, U.S.6)</p> <p>[<i>Sente-se mais só agora do que se sentia há uns anos atrás</i>] Sim, sim! (...) Uma semana, não estar com os netos, eles estão disponíveis à tarde e na hora de almoço, mas não sei bem a hora deles, mas eu telefono sempre aos netos, à minha filha quando posso (...) ela todos os dias me telefona também, às vezes até a dizer a hora que está lá e que o filho está em casa sozinho (...) a mãe só chega depois das 20:00h, 20:30h, 21:00h, ele coitadinho está em casa só, é um martírio saber que ele está sozinho (...) é bom rapaz, é muito meu amigo e eu sou dele e do outro também! Mas o outro já está numa idade, (...) faz dezassete, e é escuteiro, toca</p>
--	--	--	---

			<p>viola e vai nos fins-de-semana para passeios dos escuteiros, o outro também teve nos escuteiros, mas desistiu (...) mas a solidão é terrível... (E13, U.S.17)</p> <p>(...) Para mim, eu ainda vou olhando para (...) fotografias que tenho aqui dos familiares, aqui e na mesa-de-cabeceira e eu sou muito agarrado à família e até um primo que me vinha aí buscar de vez em quando para ir até ali à Quinta das Conchas, passava lá o dia e tomava lá um cafezinho com ele (...) deixei de poder ir e eles tiveram problemas de saúde, tanto ele como ela, e não tem vindo (...) ele vinha sempre...mas as visitas são muito importantes, (...) (E13, U.S.22)</p> <p>(...) e até aos fins-de-semana a família ia à minha casa jantava connosco ou passava o dia, os netos ficavam lá de Sábado para Domingo, e gostava muito deles também, fazer brincadeiras e passava o tempo só preocupado da minha mulher que entretanto foi piorando e (...) (E13, U.S.25)</p>
		6.2.3. Amizades	<p>Eu estava só em casa (...) mas ia lá uma senhora trabalhar à minha casa quase todos os dias e tinha lá uma irmã que de vez em quando (...) ia à minha casa, a minha irmã ou eu ia à casa dela e amizades! Tinha pessoas amigas, com quem convivia, porque no Alentejo convive-se muito (...) convive-se com as pessoas amigas, as pessoas amigas iam ter comigo, eu saía pouco, mas as pessoas amigas iam ter comigo e eu estava sempre acompanhada (...) (E2, U.S. 15)</p> <p>(...) e uma vez estávamos em Santarém, tava muito calor e andava a televisão, a TVI a fazer uma reportagem, e como eu estava a abanar-me com um leque, debaixo daquelas árvores, naquela esplanada em Santarém, então eu fui entrevistada pela TVI...Olhe! Não queira saber, era telefonemas lá para casa, eu nunca pensei na vida ser uma vedeta na televisão! [Gargalhadas] ainda telefonavam ainda passar de um tempo, “Ah, eu vi-te na televisão e tal...” E pronto...achei graça, porque foi logo a mim que vieram fazer perguntas! A TVI...porque estava, era a cidade mais quente do país, por isso é que eles foram lá! (...) (E11, U.S.16)</p>
	6.3. Antiga Habitação		<p>(...) Por exemplo, uma das coisas que eu acho graça, é que elas têm muito medo que eu vá a casa, esteja lá dois dias ou três, não faça refeições e não coma! (...) E às vezes não faço comida porque não estou para isso! O que é, é que a gente ali tem uma série de casas onde (...) pode ir buscar e resolve o problema e fica com</p>

			<p>comida em casa! Naquela zona só não come quem não quiser, porque há lá sítios onde a comida fica barata! Se a gente souber, for capaz de fazer uma sopa, ou ferver não sei quê, não se gasta muito dinheiro, e as pessoas também, o que fica caro é ter duas casas! Porque eu aqui já tenho tudo pago, e o que gasto em casa é tudo a dobrar! E às vezes tem de se fazer contas! Enfim, é das coisas que me chateia é ter de pagar, é não ter dinheiro suficiente para poder dar aos outros, para poder fazer isto, para poder fazer macacadas, para fazer...isso chateia-me! E chateia-me mais isso que outras coisas! (...) (E7, U.S. 33)</p> <p>[<i>Agora que está cá</i>] Agora estou cá, agora não pode ser nada... pronto... Então eu vim para cá e pronto... e cá estou...Mas é muito triste! Deixar a minha casinha! Mas não tinha luxos, mas tinha uma casa que se podia ver, não me faltava nada, tinha tudo! Eu tinha tudo sempre um brinquinho! (...) (E8, U.S.12)</p> <p>(...) O último foi o Marcelo Caetano (...) quem arranjou as primeiras reformas para os pobres portugueses, foi o Sr. Presidente Marcelo Caetano, a filha do Sr. Presidente Marcelo Caetano, agora já não quero nada dela que eu estou a pagar a renda da casa já há quase cinquenta anos que estou ao dia 31 de Julho, faz cinquenta anos que eu dormi a primeira noite que eu vim do Prior Velho! E então cinquenta anos, 31 de Julho! (...) (E9, U.S.4)</p> <p><i>(...) porque as carótidas, não deixam passar o sangue e ali a subir a barreira é onde eu me sento, de resto eu ando aí mais ou menos à vontade, não abuso! Vou daqui em meia hora à minha casa! O autocarro quarenta e quatro pára na janela do meu quarto, do quarto da minha Maria, que ela dormia sozinha, no quarto, não é uma cama milionária mas é de corpo e meio... E eu dormia no sofá, na sala (...)</i> Por causa do braço, morreu com o braço teso...nunca lhe fizeram nada, da fisioterapia nunca conseguiram pôr o braço a trabalhar... E eu, para ela dormir, era o braço direito, eu não podia dormir do lado que eu tinha, do lado esquerdo, depois eu tinha que me virar para cima do coração por causa do braço... eu passei a dormir na sala, mas se ela falasse eu vinha logo, eu ouvia, há-de haver poucas pessoas com o sono mais leve que eu...(...) (E9, U.S.34)</p> <p>(...) porque eu com uma coisa daquelas, está fechada a se estragar e não temos uma maneira boa de resolver neste momento que é difícil arranjar inclino ou é difícil vender que da maneira que as coisas estão, as pessoas também não têm</p>
--	--	--	---

			dinheiro para ajudar, e tudo isto me preocupa, mas a solidão é terrível! (...) (E13, U.S.21)
	6.4. Perdas	6.4.1. Do ponto de vista afetivo	<p>(...) Porque eu ainda estive só muitos anos, o meu marido já morreu há onze anos! E Eu, há agora quê? Três anos?! Que estou fora de casa (...) eu só saí da minha casa porque estava muito só e queria estar mais próxima dos meus filhos... (E2, U.S.11)</p> <p>[<i>E depois de o perder</i>] Depois de o perder, sofri muito, a falta dele, ficou fazendo muita falta! Mas...fui suportando enquanto tive saúde...(E2, U.S.13)</p> <p>[<i>Já tinha planeado a sua vinda para aqui</i>] Há um tempo, depois da morte da minha irmã, quando fiquei sozinha, foi quando comecei a pensar em vir para um lar (...) (E3, U.S.4)</p> <p>[<i>Quais foram os motivos que a trouxeram para o lar</i>] (...) estou aqui há três anos, eu estava há doze, por isso vá lá, que sejam quinze anos, quinze, quinze ou dezasseis, eu vim visitar aqui, uma senhora que já tinha cem anos (...) tinha falecido o meu marido, ora o meu marido faleceu (...) fez 18 anos no dia 25 de Janeiro (...) (E8, U.S.3)</p> <p>(...) Como aconteceu morrer o menino meu amigo afogado, ele com cinco anos e eu com oito! O outro que está na França, ou vivo ou morto, também com a mesma idade de mim, e eu é que paguei só isso tudo que eu é que levei porrada com paus e com pedras e com as mãos (...) (E9, U.S.6)</p> <p>[<i>Alguma vez se sentiu sozinho ou isolado</i>] Agora! (...) Porque morreu a minha mulher que a gente teve 57 anos juntos e eu namorei quatro anos e tal com ela, sessenta e quase dois anos é muita obra! É uma vida! E agora estou sozinho [começa a chorar], e choro aqui tanta vez todos dias sozinho aqui! Choro aqui! Eu às vezes quero adormecer e adormeço a chorar na cama e as lágrimas a correrem... e eu não era hábito de chorar! Só agora... A minha mulher faz-me muita falta! E a gente entendia-se muito bem, ainda fiz o comer e toda a gente se admirava campista e ela de trombose, doze anos de trombose, os primeiros anos ainda estive no campismo comigo já não sei quantos... E eu fazia tudo quanto ela queria e nunca ninguém, nadinha tenha essa consolação comigo! (...) (E9, U.S. 9)</p>

			<p>(...) Eu estava aqui, ela estava além, ainda a ultima coisa que ela me disse, me chamou uma última vez: “Oh zé!”, eu num segundo eu estava além... e ela “Aii...”, lá está a marca na parede! Foi da aflição da morte! Onde ela tinha a cabeça, estava além assim revirada, estava assim revirada. Ela estava assim de frente, devia ter revirado um bocadinho a cabeça e aquilo foi a aflição que fez qualquer vômito, o que está lá, aquilo é dela! Morreu ali às quatro e meia, a Irmã, consegui deixá-la, que ela estava toda molhadinha, parecia que tinha entrado o fato num tanque de água...e assim aí vai ele, o elevador pequeno, apanhei logo a estrangeira que está aí só de noite (...) veio logo com a Irmã e a Irmã mediu logo aqui ao braço esquerdo, ela estava assim, meia curva, o corpo virado para aqui e o pescoço virado assim para cima para além... e a Irmã (...) consegui meter e depois disse “Oh Sr. Vasco, a senhora deu o último suspiro para mim!” Era às cinco menos um quarto, nos papeis está às cinco! Mas ela estava morta e bem morta às cinco! Aos vinte, chamou-me, e aos 30 morreu! E eu não pensava que ela morria! Nunca tive um sonho que ela me morria e morreu! Nunca vi morrer ninguém! Só a minha mulher pah! (...) (E9, U.S.10)</p> <p><i>[Estava a falar-me dessa rapariga] Essa rapariga quero pedir-lhe desculpa como é que eu conversei com ela, e ela não me ligou nenhuma, tinha razão...que desculpe! O resto não conto... O resto é o segredo! (...) O que eu queria dizer é que não era grande homem, grande espingarda para mulheres! Tenho uma mulher... tinha uma mulher, tenho uma filha que é médica e tem uma filha agora... Eu não arranjei divida nem para a minha filha, nem para a minha neta! O que eu queria chegar era aí... Não fiz dividas para ninguém, portei-me bem, como um homem casado ou como um rapaz solteiro. O que eu vi que acabava por dar prejuízo, andou, seguiu, encolheu-se, ficou para trás, pronto... como foi essa, a única a mulher que eu mais gostei na minha vida, a segunda foi com quem estou... tive mais quatro ou cinco...(...) Com quem estou portei-me bem... [A mulher que mais gostou na vida foi essa rapariga] Foi, era a filha do hortelão lá da quinta, naquele tempo, eu com dezanove anos nunca tinha namorado nem para lá caminhei, nunca ninguém me passou cartão...(...) (E9, U.S.16)</i></p> <p>(...) Só não me admiro aqui [aponta para a cabeça], que a minha mulher caiu além, eu vi-a cair com a bengala para a esquerda e eu às escuras não via nada, só via um vulto no ar, e foi cair a dois metros e vinte ou e trinta com a cabeça!</p>
--	--	--	---

			<p><i>Coitadinha... eu choro e torno-me culpado, a minha filha diz: “Oh pai, você não teve culpa que a mãe andava a cair já, era o coração que estava fraquinho! Morreu porque tinha que morrer!”, agora lembrou-me de repente... quantos TAC’s a gente lhe fez? Já não tem nada na cabeça, o sangue já evaporou todo! Os TAC’s que lhe fizemos foi só para o sangue que ela tinha na cabeça! E ela morreu porque tinha que morrer! (...) (E9, U.S.21)</i></p> <p><i>(...) Há aí uma senhora que eu, Luísa, que tem o mal do meu irmão mais velho que tem noventa anos com Alzheimer, o meu irmão mais velho tem Alzheimer, noventa anos, há dois anos fui lá em Dezembro, não me conheceu! O meu sobrinho era tropa em Abrantes ou o que é que se chamava, e o meu sobrinho ia de madrugada de bicicleta para a tropa para ao pé do Entroncamento, e estampou-se numa camioneta! Que era a coisa mais querida que podia haver, e jogador da bola! Tinha uma maluqueira todo o povo com ele! A minha cunhada, até lhe puseram uma pedra mármore lá no cemitério da terrazinha! E a minha mulher, a minha filha, eu disse que não queria, mas ela pôs! Agora tem sempre três ramos de flores, é um na cabeceira da campa, lá numa coisa de inox, e depois é uma corozinha ao pé dos pés! E eu é que vou lá pôr água e lavar jarra... (...) Está no Lumiar, campa mil duzentos e um, secção quatro. (...) (E9, U.S.32)</i></p> <p><i>(...) já tive assim, depois da morte da minha mãe fiquei muito baixo... fui muito de repente, uma coisa do coração, fui muito abaixo... (...) (E11, U.S.11)</i></p> <p><i>[Alguma vez se sentiu isolada ou sozinha] Não... Não, antes de vir para cá, primeiro estive, estava em Monchique, depois o meu marido morreu e eu fiquei muito mal! Fiquei muito mal, que a minha filha trouxe-me para cá para o hospital, ela, elas tudo com as análises na mão, que eu não tinha quinze dias de vida! Se não fosse a minha filha eu tinha morrido lá! Deitava-me, eu sentia-me tão, tão farta, iam dar comigo morta! (...) (E12, U.S.8)</i></p> <p><i>[Nunca se sentiu isolada ou sozinha] Não... porque eu tenho a minha filha! Se não tivesse a minha filha, aí isso, com certeza sentia, mas eu tenho-a! É muito minha amiga e muito boa! Assim como o meu filho era! Depois de o meu filho morrer, é que eu estou pior! Mais desanimada, mais tudo, porque lembro-me dele e tenho muita pena! Que ele era também muito bom, muito bom! Muito meu amigo! E é por isso que eu tenho um grande desgosto dele! (...) (E12, U.S.9)</i></p>
--	--	--	--

			[Quando veio para aqui para o lar passava mais tempo com a sua mulher] Pois... tratava dela, o que fosse preciso... (...) Quando ela morreu, foi pior agora... da emoção mesmo... (...) (E13, U.S.27)
		6.4.2. Do ponto de vista biológico	<p>(...) O que me trouxe para o lar foi eu perder o movimento das minhas pernas, ainda ando mas com muita dificuldade e não poder estar sozinha em casa... e como tinha cá os meus filhos, eram eles que tinham que me dar apoio, eu podia ter uma pessoa de fora em casa (...) pagava a uma pessoa que me tratasse mas estava longe dos meus filhos. (...) (E2, U.S. 3)</p> <p>[Quando se sente sozinha, o que é que faz para não se sentir sozinha] Eu não me sinto sozinha, sozinha, nunca! Por exemplo, agora quero ir a um lado qualquer e tenho de pedir! Vão-me levar! Mas quando andava (...) de canadianas, corria tudo de canadianas, agora tenho que pedir... (...) (E6, U.S. 17)</p>
7. Institucionalização	7.1. Familiarização	7.1.1. Com as rotinas	(...) Ainda ontem, acabou a Catarina Furtado, aquela, os miúdos pretos e aquela cangalhada toda, tivemos assim a ver e depois cada uma de nós, as três, era eu e mais duas senhoras, fomos para a cama! [Deita-se muito cedo] Atão pois claro! Então a gente assim por volta das nove e meia, dez horas, eu vim para aqui nove e meia, como ontem por exemplo, depois vou para a casa de banho e faço a minha higiene noturna, como eles lhe chamam, e depois venho para a cama, aí por volta das dez horas estou na cama! (...) (E11, U.S.21)
		7.1.2. Com os Utentes / Profissionais	Não Verificado
		7.1.3. Com o ambiente	<p>(...) foi a minha vida, foi assim... Até que vim para aqui... cheguei aqui, passado pouco tempo, quase um, meses... comecei a deixar de comer, eu não comia, comia pouco... Não era que não tivesse, não me apetecia! E apanhei uma grande anemia, uma anemia muito grande, fui internada (...) porque não me apetecia comer e eu às escondidas, chorava, chorava, chorava, chorava... por ter este ambiente! (...) (E8, U.S.17)</p> <p>[Dentro do lar, sente-se acompanhada] Sinto-me! Estranhei muito quando vim para aqui para este quarto, porque no outro quarto via a porta e fez-me um grande mal não ver a porta... (...) Podia alguém entrar e eu via! Mas calcula lá o que eu</p>

			<p>passsei, e a minha filha dizia-me que este era um quarto melhor, mas eu, agora já me vou habituando! Mas estou sempre aqui e quando elas saem à noite, digo: “Feche a porta!”, não sei porquê, não gosto de ter a porta aberta quando estou deitada... (E12, U.S.20)</p>
		7.1.4. Com os Serviços	<p>(...) eu emagreci já cinco quilos, eu tenho passado sem comer quase nada...e se me perguntar se a comida é boa ou má, eu digo que até será boa, mas eu não a posso ver, uma falta de apetite terrível... (...) (E3, U.S. 21)</p> <p>(...) A comida enfim...também já estou farta da comida, mas lá fora ainda era pior! (...) (E7, U.S.32)</p>
	7.2. Ocupação dos tempos livres	7.2.1. No Lar	<p>(...) E por exemplo, a nível de trabalhos manuais, a nível de outros trabalhos não vale a pena a gente estar aí a fazer! Depois eu vou fazendo assim umas brincadeirinhas, umas toalhas, umas coisas (...) depois ficam cá, quem as quiser depois que fique com elas! (E7, U.S.39)</p> <p>(...) Rezo o terço! Ou estou a ouvir música, tenho o coiso [aponta para as orelhas, dando a indicação de que se tratavam de uns auscultadores], para não incomodar ninguém, um radiozinho barato daqueles dos chineses que eu comprei ali e pronto... e depois oiço alguma música, oiço noticiários (...) É uma companhia, para mim é uma companhia, não é? Eu quando estava em casa não ouvia tanto a rádio, mas ouvia mais a televisão, os programas que me interessavam na televisão... Agora aqui, no lar, até às nove e meia há às vezes assim um ou outro que aparece assim, uma reportagem ou assim até às nove e meia...a partir das nove e meia... (...) (E11, U.S.20)</p> <p>(...) Pronto, estamos aí... Oiço a telefonia, que é bonito, coisas bonitas e pronto... (...) (E12, U.S.7)</p> <p>[<i>Sabe lidar com a Solidão</i>] Sei! Olhe, é com estes livros [um livro de sopa de letras que segurava na mão], isto é a minha sorte! (...) (E12, U.S.12)</p> <p>[<i>Sabe lidar com a solidão</i>] sei lidar, vejo as notícias geralmente e leio, quando podia sempre...e agora há vezes que nem...(.) (E13, U.S.19)</p>

			[<i>O que faz para fugir desse sentimento</i>] Leio ou escrevo, mas já há muito tempo que eu deixei de escrever, que eu escrevia muito para o jornal daqui que agora acabou... (...) eu escrevia duas, três quatro artigos para o jornal e obrigava-me a procurar coisas e a pensar, portanto, ajudava a estar a desenvolver a cachimónia... (E13, U.S.31)
		7.2.2. No Centro de Dia	<p>(...) É mais fácil ir aqui acima ao lar aqui em cima, do que ir lá para baixo para o Centro de Dia, porque estão sempre a fazer coisas que não interessam à maior parte das pessoas, mas também depois nesse aspeto, o nível de interesse é muito diferente, as necessidades das pessoas são muito diferentes, e elas não têm imaginação muitas vezes para fazer as coisas! Eu por exemplo ainda era capaz de me pôr, mas depois há trabalhos manuais que eu não sou capaz de fazer, eu não sou capaz de fazer uma linha reta! Faço uma linha torta! Torta mesmo com régua! Fica assim, Fica assim... [Gesticula com as mãos] Eu para fazer uma linha reta, tenho aqui o cabeçalho, tenho que ir aqui, depois marcar! Eu não consigo fazer uma linha direita ou duas linhas paralelas! (...) (E7, U.S.38)</p> <p>[<i>E agora, que não vai para o Centro de Dia</i>] Não me posso sentar em todas as cadeiras, não posso fazer nada que as senhoras fazem, eu não faço nada disso, não faço nada de maneira que não vou! (...) (E12, U.S.14)</p> <p>(...) para quem está assim na solidão e eu tinha maneira para passar, que era ir para o Centro de Dia, mas também não me vêm buscar, vão buscar as senhoras lá dentro e não me veem aqui buscar e eu às vezes não quero ir porque estou com dores nas costas ou não sei quê... e uma maneira onde eu passeio é no corredor agarrado ao corrimão e ando ali para trás e para diante... (E13, U.S.23)</p>
	7.3. Integração		[<i>Aqui dentro do lar, sente-se excluída de alguma forma</i>] Não, talvez não inteiramente, mas também não me sinto aceite (...) Pelas pessoas que estão cá..."Olha esta está cá há pouco!", "Olha esta veio agora", é os comentários que eu oíço, mas também não se aproximam, falam para os lados...[<i>Sente-se excluída pelas pessoas a verem como uma pessoa nova dentro do lar</i>] É... (E3, U.S.20)
	7.4. Relações Humanas dentro da	7.4.1. Utente - Utente	[<i>Aqui dentro do lar</i>] Aqui dentro lar, convivo com todas as pessoas, não tenho ninguém com quem não consiga conviver... eu dou-me bem com todas as pessoas, consigo conviver com qualquer pessoa...(E2, U.S. 19)

	Instituição		<p>(...) Mesmo agora cheguei, ia sentar-me no meu lugar para lanchar, mas o lugar já estava ocupado e houve uma senhora que se ia sentar e me deu o lugar, logo ao pé do meu lugar porque eu já estava ali e ela tinha ido buscar uma cadeira, porque não havia ali cadeiras por causa das cadeiras de rodas, tiram as cadeiras, e então ela foi buscar uma cadeira para se sentar e deu-me a cadeira para eu me sentar na minha mesa, já é uma amiga! (E2, U.S. 23)</p> <p>(...) Ela não sabe porque chora, não sossega nem me deixa sossegar e enerva-me! Aquele choro é enervante, ela não chora, ela guincha! E parte das vezes sem lágrimas! É só para fazer barulho, e para meter pena! Ela quer que tenham pena dela! Ela até tem razão, porque ela não tem ninguém! Até tem razão, coitada para se sentir (...) como se sente só...é assim a maneira de ela se expressar, porque ela não é uma pessoa normal... (E2, U.S. 26)</p> <p>[<i>Dentro do lar sente necessidade de estar sozinha</i>] Ouça, sinto, eu sinto, sinto até porque, repare, às vezes há aí discussões e conversas, e eu vou-me embora porque as pessoas estão todas engalfinhadas, ainda no outro dia, aconteceu aí com a D. Esmeralda (...) aquela história do pescoço (...) acabei por dar descompostura a duas, há coisas que não se dizem... Ouve uma que ficou... “Está-me a chamar a atenção?”, e eu disse assim, “Olhe, esta senhora tem epilepsia, é preciso ter cuidado! E Ela quando tem epilepsia, isto pode ser um processo!” apareceu passado um bocado a Irmã Florinda, e mando-a deitar! E ela quando eu lhe disse da epilepsia, é preciso ter cuidado, ficou um bocado... (...) Opah! Mas a gente incomoda-se! E depois ainda à frente daquela gente toda (...) (E7, U.S. 13)</p> <p>(...) há aí pessoas, a D. Nelinha (...) Há aí uma outra senhora que eu não sei como é que ela se chama, que tem óculos, é muito surda (...) elas estão sozinhas e elas sentem-no (...) uma delas, a Nelinha é que me disse uma vez “Mas precisa de alguma coisa?” “Preciso que goste de mim!” (...) Já cá estávamos as duas em baixo, ela esteve aqui a dormir e depois eu sentia-a “Ai, Ai”, e eu “Precisa de alguma coisa, o que é que tem? O que é que não sei quê...”, “eu sou a pessoa que dorme aqui no quarto consigo”, foi quando ela me disse... (...) Ou com a outra, nunca falei, mas também deve ser do mesmo género de pessoa, absolutamente sozinha! E então com esta ninguém fala! Porque a D. Nelinha, raramente tem visitas, às vezes tem, da filha, e aquela D. Rosa nunca tem...vem aí uma senhora,</p>
--	-------------	--	---

			<p>que de boa vontade, que fala com ela (...) mas que não lhe é nada (...) Isso incomoda-me! (E7, U.S. 21)</p> <p>(...) Há algumas coisas, desde que não sejam assim muito complicadas, a gente vai ouvindo daqui e d'acoli, porque há muito pouca gente de bom senso... não é que não tenham bom senso, mas que resolvam as coisas... há muito pouca gente! Pois, cada um tem a sua vivência e a gente sabe muito pouco umas das outras... a vida que tiveram... lá vão havendo umas ou outras que vão contando coisas (...) mas por exemplo falam muito pouco, muito pouco, muito pouco das coisas que acontecem...e há pessoas que falam demais (...) (E7, U.S. 27)</p> <p>[<i>Sente-se acompanhada</i>] Posso sentir e posso não sentir (...) depende das pessoas! (...) há pessoas que, enfim, para ter uma conversa e para estar aí bem disposta e não sei quê... Mas as pessoas ou se dão todas umas com as outras, ou não vale a pena ter grandes conversas! Não vale a pena ter grandes conversas, porque as pessoas andam todas à batatada...até à mesa isso se nota! (...) As pessoas são todas muito diplomáticas! E é giríssimo...eu, acho giríssimo as pessoas conversarem umas com as outras muito bem, e depois quando as pessoas não estão fazem os comentários! (...) (E7, U.S.28)</p> <p>(...) É das pessoas mais esquisitas cá da casa, a nível de comida, fala dos outros e ela é das pessoas mais... os comentários que depois fazem... Não vale a pena ter grandes conversas não é? A gente conversa, ouve, não repete! Porque põe aí as pessoas todas à zaragata! (...) (E7, U.S. 29)</p> <p>(...) há sempre uma senhora que está ali sozinha, que se eu fosse para ao pé dela um bocadinho, ela era capaz de conversar e de se abrir e tudo, que é a D. Carminho, está sempre sozinha (...) mas se a gente for para lá e puxar pela conversa e puxar pela língua, ela também conversa! Portanto, é estar atenta também às outras pessoas que estão sozinhas, que gostam de falar, que gostam que as oiçam (...) portanto não há grandes problemas! (...) (E7, U.S. 37)</p> <p><i>(...) a que me tratou não é maluca! O passado dela também deve ser mais triste que o meu! A que me tratou mal deste quarto aqui ao lado, que eu vinha atender o telefone, tanto o vinte, como o dezanove, como o dezoito! E ela tem mau feitio! Batia na coisa, na parede ali do canto e eu mando-a para trás e rezo aos</i></p>
--	--	--	--

			<p>santos...(…) É uma utente, que é muito rica, muito rica, e eu disse, foi a única coisa que lhe disse, chamou-me à sala “Quadrilheiro!”, eu não sei o que é! Eu sou quadrilheiro? Eu para mim, quadrilheiro penso que é falar da vida dos outros, eu nunca falo da dos outros, porque a minha dá-me que fazer! E ela tratou-me mal e aqui o Sr. Manuel ouviu tudo nas duas vezes! Dia dezassete de Novembro de 2010 e dia dezoito, eu ia para ir ao duchezinho pequenino, e agora até está mais a sanita, e eu todos os dias lhes dava o Bom Dia e ela e o marido também, e ela fez com que o marido me chamasse quadrilheiro! Mas ele chamou-me quadrilheiro educadamente... “Sr. Vasco”...já iam para o elevador...”Os Sr. Vasco, você é quadrilheiro?”, eu não sabia o que é que era, fiquei assim espantado a olhar para ele... “Oh Sr. Vasco”, com toda atenção e carinho com que me tratou, e ela disse a frase seguinte, voltou-se para o elevador e disse “E vá para o rrrrrraio que o parta!”, com este «R», todo carregado...A ranger o dente assim para mim! Tratou-me mal duas vezes, dezassete e dezoito que eu ia para o duche! (E9, U.S.18)</p> <p>[Convive com as pessoas aqui de dentro] Sim!! Pode perguntar! [Gargalhadas] Só há uma com quem eu não convivo assim muito, Agora!! Mas estou bem! (...) nós dávamo-nos, falávamos muito, dávamo-nos bem, não, dávamo-nos bem, conversávamos, era diferente, ser amigo e...conversávamos muito, mas os feitios não eram...não pega comigo! (...) (E11, U.S.14)</p> <p>(...) mas foi porque estava a janela aberta e podia constipar-se porque tinha tirado as meias! E ela tem um problema nas pernas! (...) Está muito em baixo! (...) ela comia muito pouco, e tinha vergonha de pedir mais, enfraqueceu, emagreceu tanto que, até os sapatos lhe caem dos pés! E aqui a saia com alfinetes de dama, para a prender! Emagreceu muito! E aquilo de tal maneira que... Agora foi ao médico, disse à Irmã e ela...agora, ela comia um pãozinho de manhã quando os outros comem dois, “Ah, tenho vergonha de pedir mais!” E isto...era sempre a vergonha...“É, é, olha a vergonha ‘tá você! Olhe essa saia a cair!” E os sapatos é a mesma coisa, então ontem foi ao médico e o médico, parece, segundo o que ela me disse, receitou-lhe vitaminas e isso tudo... (...) (E11, U.S.18)</p> <p>(...) aquela senhora está aqui comigo mas eu não tenho conversa porque eu só tenho dores, que conversa tenho eu? Não tenho nenhuma! Não converso, e ela também não conversa! (...) (E12, U.S.6)</p>
--	--	--	---

			<p>(...) aquela senhora encontrava-a, passava por ela várias vezes, dizia bom dia e boa tarde, e ela nunca me abriu a boca, até hoje em dez anos! Nunca me abriu a boca. Mas acho que ela também é um pouco não sei...mas ela fala com as outras pessoas, mas depois às tantas «mas então estou eu aqui a falar para o boneco? A dar bom dia e boa tarde para o boneco? Vou parar com isto» E disse à Assistente Social na altura, a D. Maria José (...) eu não tinha nada contra a Irmã Superiora, aceitava quem ela quisesse... (...) (E13, U.S.8)</p>
		<p>7.4.2. Utente - Profissionais</p>	<p>[<i>Profissionais</i>] com os profissionais, há pouco convívio, andam ocupadas e há pouco convívio. (...) não tenho queixas a fazer de ninguém, as pessoas tratam-se bem, mesmo os profissionais, não tenho queixas a fazer, só que não há tempo para convívio com as pessoas que trabalham aqui... falo com todas da mesma maneira, e todas me têm tratado bem desde que aqui estou, não tenho que me queixar de ninguém...(...) (E2, U.S. 31)</p> <p>(...) as pessoas ainda que eu gosto mais, é quem está à frente dos serviços, como vocês, como a Ana, como a senhora cá de baixo (...) as assistentes sociais, com este pessoal até gosto de falar, de resto, tudo se isola...(...) [<i>Sente que não consegue falar com ninguém sobre os seus sentimentos</i>] É...exatamente... (E3, U.S. 23)</p> <p>[<i>Quais são os momentos em que se sente mais sozinha</i>] Olhe, quando há discussões e esse tipo de coisas...pois, não dá! Custa-me mais isso, do que por exemplo vir uma Irmã Florinda ou uma Irmã Marta, e descompor-me porque eu fiz isto, porque eu fiz aquilo, porque não fiz assim, porque não fiz assado, ou que me venha uma empregada chamar a atenção, “olhe, que aconteceu isto...”, porque às vezes chamam a atenção, o chamar a atenção, eu não ligo assim muito, mas então este tipo de coisas, as pessoas estar a ofender as outras, porque não querem ser incomodadas com a doença que os outros têm, confrontadas com elas, isso incomoda-me muito! (...) (E7, U.S. 16)</p> <p>(...) Por exemplo, a Irmã Marta e a Irmã Florinda, a Irmã Florinda é preciso...”Olhe, hoje não saia porque está muito frio!”, por causa dos problemas de saúde! E a isso nunca fui habituada, nós lá em casa nunca fomos habituados</p>

			<p>assim a ter muito cuidado com as coisas! Mas, quando foi daquela ulcera, “Vê lá se tens juízo, se ficas em casa! Quem é que te trata? quem é que faz as ligaduras?”, isso o meu pai a esse nível...E depois, está a correr tudo bem, não vale a pena! (...) cuidados demais, nunca tivemos de ter... (...) (E7, U.S.31)</p> <p>[<i>Não tem nenhum profissional com quem possa falar</i>] A Dra. Camila já me tem dito “Venha ter comigo! Quando estiver muito aborrecida, venha ter comigo!” Mas eu não quero incomodar... (...) (E8, U.S.30)</p> <p>[<i>Sente-se acompanhada</i>] Eu não tenho que dizer das Irmãs, nenhuma, tratam-me bem, não tenho que dizer, a Irmã Marta não tenho nada que dizer dela, a Irmã Florinda, Não tenho nada que dizer dela, e da Irmã Carla, então nem se fala! Ela era tão minha amiga! Tenho saudades dela... a irmã Carla era muito boa! Muito boa, muito boa (...) Gostava muito dela! (...) (E8, U.S. 32)</p> <p>[<i>Aqui dentro do lar sente-se excluído de alguma forma</i>] Não! tratam-me muito bem! Sou mais mal interpretado por certas empregadas que há aí, do que propriamente por Irmãs, nem a enfermeira me trata mal! Tratam-me todas bem! Há aí uma agora nova, que é a Irmã Francisca, eu fui à casa da minha filha e tive lá uma hora a empilhar a lenha, a Francisca era a que lá estava e depois era outra, mas entrei em cima das oito horas mesmo! Diz que estava aberto até às oito... eu entrei nas oito mas já não estava a Francisca...já lhe disse hoje até, lá em baixo no refeitório, “Tive uma hora a empilhar lenha!” ... (...) (E9, U.S.25)</p> <p>[<i>A quem se está a referir</i>] As empregadas que sei que trabalham aqui! Há aí uma que é especial a trabalhar, mas ela gosta mesmo de estar aqui! E ela não é do refeitório, ela vem de outro serviço! Chama-se Sara, de boa vontade! E ela adora, adora, adora trabalhar no refeitório! Agora a mais profissional que há é essa, ela agora dá uma boca a si doente, mas chega lá ao fundo da sala, vem de lá para cá já vem chamar-lhe querida ou querido! Admiro, percebe? (...) (E9, U.S.29)</p> <p>[<i>Quando precisa de falar fala com quem</i>] Não falo com ninguém! Eu espero, se tenho pressa... (...) A semana passada pedia à Belmira [auxiliar], tinha muita pressa, que ia à farmácia, que não me aviavam em menos de uma hora, passou-me tanto cartão que eu bebo duas chávenas daquelas assim grandes de sopas, ela não me passou mais cartão e eu não lhe quis dizer mais... deitei a água do jarro e</p>
--	--	--	--

			<p><i>comi as sopas molhadas em água! E fui-me embora para a farmácia! E depois cheguei aqui, era meio-dia e um quarto, meio-dia e vinte, que eu não contava que chegava cá tão depressa! Corri como um maluquinho na estrada! (...) (E9, U.S.30)</i></p> <p><i>(...) vem aqui a tal estrangeira que foi chamar a irmã um dia que ela me mediu, a minha mulher estava morta já! Eu só faço assim ao braço [levanta o braço], eu tenho o sono, muito leve, muito leve, muito leve... é uma coisa fantástica o meu sono! E eu acordo sempre bem-disposto, levanto-me, mesmo que esteja a dormir, qualquer coisinha que mexa eu ponho-me logo a pé! Faço tudo quanto existe que é preciso fazer (...) (E9, U.S.35)</i></p> <p><i>(...) mas foi porque estava a janela aberta e podia constipar-se porque tinha tirado as meias! E ela tem um problema nas pernas! (...) Está muito em baixo! (...) ela comia muito pouco, e tinha vergonha de pedir mais, enfraqueceu, emagreceu tanto que, até os sapatos lhe caem dos pés! E aqui a saia com alfinetes de dama, para a prender! Emagreceu muito! E aquilo de tal maneira que... Agora foi ao médico, disse à Irmã e ela...agora, ela comia um pãozinho de manhã quando os outros comem dois, “Ah, tenho vergonha de pedir mais!” E isto...era sempre a vergonha...“Ê, é, olha a vergonha ‘tá você! Olhe essa saia a cair!” E os sapatos é a mesma coisa, então ontem foi ao médico e o médico, parece, segundo o que ela me disse, receitou-lhe vitaminas e isso tudo... (...) (E11, U.S.18)</i></p> <p><i>(...) As irmãs também são muito simpáticas comigo, também tenho que falar nisso! Não são só aquelas ásperas, não... São uma simpatia, comigo! Têm sido uma simpatia comigo... (E11, U.S.27)</i></p> <p><i>(...) A irmã Marta proibiu-me de andar só, que é perigoso, posso cair e tal...mas por outro lado, não me manda buscar por exemplo para o terço, para a missa...eu tenho que ir e ela não me manda, eu também tenho de fazer o esforço de ir, até para mim, para andar e tal... e pronto, de maneira que a solidão é terrível! Para mim não é, que eu rezo o terço aqui mesmo e leio, vêm revistas que eu até assinava...(...) (E13, U.S. 20)</i></p> <p><i>(...) depois vir para aqui, para ela foi um Inferno...que havia aí empregadas (...) que deviam ser comunistas, penso eu, diziam que isto aqui era tudo igual... nós</i></p>
--	--	--	--

			<p>gostamos de loiça, chávenas da Vista Alegre, e trouxemos para os dois, uma para cada um e partiram num instante, porque a máquina partia, mas agora vejo aí pessoas que têm loiça de casa e que não se parte (...) mas não era só com a minha mulher, aquelas que elas viam que eram mais fidalgas, vamos lá... a Irmã Marta, era uma delas, a superiora era boazinha, a Irmã Marta também é boa, mas é “repentiça” e maltrata quando também já está saturada de aturar isto tudo, mas diziam “Isto aqui é tudo igual!”, e quando me partiram, substituí, vi que tinha em casa, mas depois deixei de trazer, comecei a usar o que elas punham (...) mas elas nessa altura perseguiam aquelas que eram mais fidalgas e maltratavam, isso é um mal dos lares, mas este lar é muito bom, eu não estou a dizer isto, eu gosto... (E13, U.S.26)</p> <p>(...) a Irmã manda as empregadas me dar banho mas eu quando vejo que tenho força para, “Vou só tomar banho”, mas irmã não gostava disso (...) no outro dia fiquei cama, há pouco tempo levantei-me e vi que não podia, elas vêm, a empregada aqui toda à pressa porque têm outras para lavar e secam mal várias vezes...há aí uma, que me sem secar bem, a água saía daqui das cuecas, das calças, chegava à almofada, quando eu estava sentado em cima da almofada, quer dizer, elas têm de despachar porque são poucas e agora pior, têm menos empregadas e mais senhoras... (E13, U.S.28)</p> <p>(...) A Irmã Passos, que era a superiora anterior, caiu e ficou desempregada, sem poder fazer muito... (...) punha-se na mão dos empregados, era nessa altura e ele com a ofensa da Irmã Marta, que é boa, quando vê um doente faz tudo (...) o que é que é “repentiça” e diz coisas e ainda aqui há dias, me chamou, proibiu de andar de cadeira de rodas no elevador mais pequeno (...) a Irmã Guida, pôs-me na capela só de cadeira, e quando eu vinha a andar com a cadeira (...) veio pôr-me no elevador mais pequeno, a minha ideia era vir pela cozinha (...) e veio pôr-me no elevador, a Irmã Marta viu aquilo (...) e chamou-me teimoso e quem era mais teimosa era ela, eu não disse mais nada e depois proibiu-me de andar no elevador... (...) (E13, U.S. 34)</p>
		7.4.3. Utente - Família	<p>(...) E tenho a minha família, tenho a minha filha que vem todas as semanas ver-me, o meu filho vem quando pode, o meu filho tem uma vida ocupada, ontem liguei eu pensando que ele estivesse cá, como era Domingo, e ele estava em Nova Iorque, quando liguei ele estava fora (...) está agora a fazer um curso, porque vai</p>

			<p>para um avião novo, ele é piloto da força aérea, e então vai... está a estudar, porque vai pegar num aparelho novo, num avião novo! (E2, U.S. 33)</p> <p>[<i>Mantém contacto com essa família</i>] tenho contacto com elas... mas agora quero castigá-las! (...) as de Colares...elas não vêm cá! (...) São sobrinhas... (...) agora pela Páscoa não digo nada... [<i>Mantém contacto com essas sobrinhas</i>] Mantinha, agora já há muito tempo que não... (E6, U.S. 16)</p> <p>A minha irmã já foi duas vezes ao Brasil, mas estive lá três meses de uma vez, e da segunda vez só pode estar um mês, que o médico disse que não podia ir lá, diz porque aquilo, nós quando o calor é húmido... ela coitadinha foi anteontem, telefonou-me muito contente! Nunca vi a minha irmã assim tão contente! A dizer que tinha ido a Coimbra, fazer os exames todos e que estava tudo muito bem! E ela estava muito contente! Logo a seguir, tive um telefonema do meu irmão, muito contente, “Olha, é para te dizer que já saí do Hospital, já estou em casa, já estou melhor!” Eles não se esquecem de mim! “Nós só te queríamos ao pé de nós” (E8, U.S.11)</p> <p>(...) A minha filha já me disse: “Sábado, eu levo-a! Que é para ir à cabeleireira e depois dorme lá e depois vem no Domingo!”, mas ela tem que me deitar, tem o marido que vir ajudar, que ela não pode! Que ela está também com os ombros todos escangalhados de fazer tanto parto! (...) (E12, U.S.11)</p> <p>(...) no Domingo ela veio porque o filho tinha uma festa de anos de uma colega da escola, era aqui perto (...) veio cá comigo um pedaço! (...) Mas teve que sair daqui antes... (...) Ela é que me comprava tudo o que eu preciso, os medicamentos, as irmãs aqui compram... (...) (E13, U.S.11)</p> <p>[<i>Porque se sente mais só agora do que se sentia há uns anos atrás</i>] (...) é por causa da família! Que a minha filha vinha cá muitas vezes, quando era feriado e podia vir, também entrava cedo para o banco, entrava às oito e saía mais cedo (...) (E13, U.S.18)</p> <p>(...) Para mim, eu ainda vou olhando para (...) fotografias que tenho aqui dos familiares, aqui e na mesa-de-cabeceira e eu sou muito agarrado à família e até um primo que me vinha aí buscar de vez em quando para ir até ali à Quinta das</p>
--	--	--	--

			Conchas, passava lá o dia e tomava lá um cafezinho com ele (...) deixei de poder ir e eles tiveram problemas de saúde, tanto ele como ela, e não tem vindo (...) ele vinha sempre...mas as visitas são muito importantes, (...) (E13, U.S.22)
		7.4.4. Utente- Outros	(...) Convidam-me pessoas amigas, “Vai lá passar o dia comigo!”, mas eu não vou, não vou, não vou! [<i>Pessoas amigas fora do lar</i>] Sim, mas eu não quero ir! (...) Porque não me apetece! Não me apetece... (...) Quando cá vêm, falo com elas e tudo, mas não desabafo nada, passe o que se passar, não sai nada cá de dentro! Que estou muito bem, que estou e tal, pronto...é assim que eu faço! Eu não tenho nada que dizer das Irmãs! Nada...Isto para mim o Mundo, já acabou! (E8, U.S.35)
8. Solidão	8.1. Perceção sobre o conceito	8.1.1. Associada à presença ou ausência de outrem	<p>[<i>O que é que é para si esse sentimento, como define esse sentimento</i>] Defino como (...) A falta de convívio (...) Prejudica as pessoas, a memória, a saúde, tudo! (...) a Solidão torna-nos ainda mais doentes, nós não estamos bem e ainda ficamos pior... (E2, U.S. 9)</p> <p>[<i>Que é para si a solidão, como a descreve</i>] (...) É muito má, a solidão muito má! (...) A solidão é uma pessoa estar muito só (...) e até há pessoas que, agora tem morrido tanta pessoa sozinha (...) estar sozinha também não é bom, não é? Penso eu! (E4, U.S. 3)</p> <p>[<i>Consegue explicar-me o que é para si a solidão</i>] Não, não sei explicar...(E5, U.S.3)</p> <p>[<i>Com pessoas à sua volta sente-se acompanhada</i>] Sinto-me, sinto! [Pausa breve] solidão, é estar sozinho! (E5, U.S. 11)</p> <p>[<i>O que é para si a solidão</i>] a solidão é uma coisa, muito, muito má... A solidão é uma pessoa sozinha, não é? É uma pessoa sozinha, não tem uma fala com ninguém (...) não é isso que é a solidão? (...) para mim a solidão é esta, solidão é uma pessoa estar sozinha, não ter ninguém.(...) (E6, U.S.4)</p> <p>(...) Agora, a solidão para mim é muito má... uma pessoa isolada, a solidão, não é? É isso que eu às vezes, choro, choro, e agora chorei, mas não é por isso, é por falar na minha mãe (...) mal a conheci, e ‘tou aqui, tenho um ferro em cada perna,</p>

			<p>e tenho esta perna inchada aqui em cima, e (...) não me sinto bem e elas às vezes são más, as empregadas são más, são más para mim! (...) A Irmã Florinda, se eu lhe dissesse, ela castigava-as, mas eu não quero fazer mal, eu não quero castigá-las (...) se eu me dou bem com as superiores, para que é que as que são menos, do que elas...fazem isso à gente? Não é verdade? (...) (E6, U.S.7)</p> <p>[<i>O que é que é para si a solidão</i>] O que é para mim a solidão? Sei lá o que é que é! [ri-se] Não sei responder... O que é a solidão? É estar sozinha...(...) Uma pessoa que está na solidão, está sozinha! (...) (E10, U.S.3)</p> <p>[<i>Acha que a solidão é um sentimento bom ou um sentimento mau</i>] Eu acho que é um sentimento mau, a solidão... (...) (E10, U.S. 4)</p> <p>[<i>A solidão para si é não ter pessoas à volta</i>] Não (...) a solidão é uma pessoa que vive sozinha...em casa dela, sem ninguém... isso é que é a solidão! Agora uma pessoa que vive numa casa onde há pessoas, não estão na solidão... (...) (E10, U.S.6)</p> <p>[<i>Com pessoas à sua volta sente-se acompanhada</i>] Sim! (...) qualquer pessoa que tem pessoas à volta está acompanhada! (E10, U.S.12)</p> <p>[<i>O que é que é para si a Solidão</i>] Ai! A solidão é uma pessoa não ter ninguém para falar... umas das coisas é essa! Eu que gosto muito de conversar, e uma pessoa estar a olhar para as paredes e não ter ninguém que dê umas palavrinhas para mim, é muito triste! (...) Para mim é mau! Para mim é muito mau! Uma pessoa que tem uma solidão, é muito triste! (E11, U.S.7)</p> <p>[<i>O que é para si a solidão</i>] Olhe, eu gosto disto assim, gosto de sossego! Porque tenho muita dor, e aborrece-me tudo e então nunca vou para ali, gosto de estar aqui! E a Irmã faz-me uma grande favor em me deixar ter estas coisinhas aqui em cima da mesa, porque eu não posso, se preciso de uma coisa não me posso levantar e ir tirar! (...) A solidão é uma pessoa viver sozinha! Penso eu que é assim... (...) (E12, U.S.5)</p> <p>[<i>O que é que é para o Sr. Manuel a solidão</i>] Ora a solidão é estar sozinho! Eu nessa altura eu tinha os netos aqui no colégio, de maneira que todos os dias os</p>
--	--	--	--

			vinha! De manhã ia para a janela vê-los chegarem que eles vinham cedo, tinham que estar aqui às oito e um quarto e durante o dia, reunia-me lá em baixo com eles, falava um bocadinho ou brincava ou conversava ou ia ao café para lancharem (...) De maneira que estava feliz porque estava em família, porque todos os dias os via, agora, durante a semana, nem eu posso telefonar à minha filha, porque durante o serviço ela tem o telefone desligado! (...) (E13, U.S.10)
		8.1.2. Associada a acontecimentos marcantes	<p>[<i>O que é que é para si a solidão</i>] Solidão é o que a gente passa de triste na vida! Acho eu que é! Solidão é coisas que se passam na vida que não prestam, que acontecem de mal à gente! (...) (E9, U.S.5)</p> <p>[<i>Como define a solidão</i>] É eu sentir-me só e rodeado de problemas... (E13, U.S.14)</p>
		8.1.3. Associada à falta de objetivos	[<i>O que é para si a solidão</i>] A solidão tem fases, há alturas em que a gente necessita dessa solidão, para viver dentro de nós, para nos encontrarmos a nós mesmos, mas depois durante a vida e durante a idade, já não temos projetos, a solidão é a coisa mais triste que há... (...) (E3, U.S.6)
		8.1.4. Associada a um desajustamento	<p>[<i>O que é para si é a solidão</i>] É triste! (...) Não ajuda ninguém! A solidão não ajuda ninguém (...) É triste! É deprimente! (E2, U.S. 8)</p> <p>[<i>O que é que é para si a solidão</i>] Olhe, sabe que isso tudo é muito engraçado essa coisa da solidão...a solidão é tudo! Não é por estarmos acompanhados ou estarmos sozinhas que sentimos a solidão! Aí há imensas pessoas que são absolutamente solitárias! É uma questão de feitio das pessoas! (...) Eu no outro dia encontrei aqui uma pessoa, estive a falar com ela, e eu disse-lhe assim, “Mas ouça lá, precisa de alguma coisa minha?”, e ela diz-me assim, “Preciso que goste muito de mim!” (...) Há aí uma pessoa, que saio do quarto, ela vê-me porque tem o quarto do outro lado, eu passo pelo quarto dela e ela chama-me sempre, nem que seja só para lhe dar um Bom dia! (...) Portanto as pessoas sentem-se muitas vezes solitárias no meio de toda a gente! Depende do feitio das pessoas! Viverem em sociedade ou não viverem em sociedade (...) eu mesmo em casa conseguia estar sozinha no meio da família toda reunida, que eram 30 pessoas! Contanto com os avós, com este, com aquele, eu estava... eu consigo estar sozinha! (...) (E7, U.S.3)</p>

			<p>[<i>O que é a sensação de Solidão</i>] a solidão, é triste, porque se lida só com doentes, eu sou doente, mas graças a Deus ainda tenho cabeça, ainda tenho ouvido, já não tenho o ouvido apurado, apurado, mas ainda tenho ouvido e tenho ainda cabeça e custa-me muito estar no meio da solidão, custa, mas tenho de estar, (...) (E8, U.S.1)</p> <p>[<i>O que é que é para si a solidão</i>] A solidão é uma pessoa estar só! Só, e não ter ninguém de roda dela, a solidão...que se diz, “Ai, está na solidão! Está sozinha, está na solidão!”, mas aqui também acho que é uma solidão, porque só se lida com pessoas doentes! Porque não têm cabeça, dizem coisas que até amanhã também me pode acontecer, ou até já hoje me pode acontecer a mim! Agora sei o que digo e o que faço, mas amanhã, posso já não saber! (...) É uma solidão muito grande, não há como uma pessoa ter uma conversa, conversar, não há, é muito triste...(...) A solidão é triste! Muito triste! (...) (E8, U.S.18)</p> <p>[<i>A solidão é um sentimento bom, ou um sentimento mau</i>] A solidão, eu já estou habituado, já não me faz nada assim nada de mal, mas é a pessoa sentir-se isolada e sem poder alterar a sua posição... (E13, U.S.15)</p>
	8.2. Sentimentos de solidão no passado	8.2.1. Associados a perdas	<p>[<i>Alguma vez se sentiu isolada ou sozinha</i>] Não... Não, antes de vir para cá, primeiro estive, estava em Monchique, depois o meu marido morreu e eu fiquei muito mal! Fiquei muito mal, que a minha filha trouxe-me para cá para o hospital, ela, elas tudo com as análises na mão, que eu não tinha quinze dias de vida! Se não fosse a minha filha eu tinha morrido lá! Deitava-me, eu sentia-me tão, tão farta, iam dar comigo morta! (...) (E12, U.S.8)</p> <p>[<i>Nunca se sentiu isolada ou sozinha</i>] Não...porque eu tenho a minha filha! Se não tivesse a minha filha, aí isso, com certeza sentia, mas eu tenho-a! É muito minha amiga e muito boa! Assim como o meu filho era! Depois de o meu filho morrer, é que eu estou pior! Mais desanimada, mais tudo, porque lembro-me dele e tenho muita pena! Que ele era também muito bom, muito bom! Muito meu amigo! E é por isso que eu tenho um grande desgosto dele! (...) (E12, U.S.9)</p>
		8.2.2. Associados à ausência /presença	<p>[<i>Alguma vez se sentiu isolada</i>] Não! Eu sou uma pessoa que tinha amizades e que tinha...nunca senti isolamento, não queria era senti-lo! Se ficasse só...(...) (E2, U.S. 10)</p>

		de relações Significativas	<p>[<i>Alguma vez já se sentiu isolada ou sozinha</i>] Pensando bem...houve alguns momentos, mas poucos...de resto tenho sempre convivido não sendo a família, com pessoas amigas, convivendo com os outros, fazendo algum voluntariado e assim evito a solidão...(E3, U.S.9)</p> <p>[<i>Alguma vez se sentiu sozinha ou isolada</i>] Não, eu não me importava de estar sozinha! (...) Não, nunca me senti sozinha...(E4, U.S. 4)</p> <p>[<i>Sente-se mais sozinha agora do que se senti há uns anos atrás</i>] É diferente, a gente com a família podemos estar mais à vontade (...) (E4, U.S. 5)</p> <p>(...) Nunca fui pessoa de andar com camaradagem assim muito de companhias, nunca fui (...) lá está a tal coisa, também por causa de eu ter este feitio, se calhar também foi por causa disso que não me casei, sei lá, nem sei explicar (...) (E4, U.S.8)</p> <p>[<i>Alguma vez de sentiu sozinha ou isolada</i>] Não, não, eu não estou sozinha, Deus está comigo! (...) (E5, U.S. 4)</p> <p>[<i>Alguma vez se sentiu só ou isolada</i>] Não, não, não senti (...) mas quando sinto, choro! Quando sinto, choro e pronto...e às vezes dá-me vontade é de não sei de quê... por exemplo, elas, as empregadas, para mim algumas são boas, outras são más... mas são assim mesmo. (...) (E6, U.S. 5)</p>
	8.3. Agudização do sentimento de solidão com a idade	8.3.1. Associada à diminuição da rede social	<p>[<i>Sente-se mais só agora do que se sentia há uns anos atrás</i>] Não, porque eu nunca me senti só porque eu tinha um marido muito bom, enquanto tive marido sempre, fui feliz! (E2, U.S. 12)</p> <p>(...) Agente às tantas farta-se dessa vida de café, e acha muito giro! (...) enquanto tive nos escuteiros, muitas vezes era num café que a gente resolvia, eu e mais duas pessoas ou assim, resolvíamos os problemas e fazíamos o programa das reuniões e tudo nos cafés! Aqueles cafés de bairro! E quando era aos sábados e aos Domingos absolutamente, porque cada um vai para a sua vida, têm os respetivos maridos e tudo e a gente sente-se a mais quando estão com os maridos! (...) eu normalmente</p>

			<p>ao Sábado e ao Domingo não ía para a casa de ninguém, a maior parte das vezes estava na minha casa! (...) Portanto (...) a gente chega a uma certa altura, então se está a chover e não posso sair e que não posso fazer não sei quê e não posso fazer não sei que mais, é de estoírar! (...)</p> <p>(E7, U.S.5)</p> <p><i>[Era quando estava em casa que sentia que não podia fazer nada aos Domingos e Sábados]</i> Não! Porque estava tudo fechado! (...) Eu cá, eu não sou pessoa, eu não conheço quase nenhuns centros comerciais (...) Eu não sou capaz de ir para um centro comercial ver montras (...) tudo o que é ver montras, tudo o que é ver essas coisas todas, além de ser caríssimo, além de serem caras, não me servem!! Não sou muito elegante! Portanto (...) roupas nem pensar nisso! E livros, a gente chega a uma certa altura também que os livros são um bocado pó caros! (...) nos escuteiros (...) era capaz de ir ver e procurar coisas (...) Quando deixei os escuteiros e deixei ter essas coisas (...) (E7, U.S.6)</p> <p><i>[Sente-se mais só agora do que se sentia há uns anos atrás]</i> Não! Não, há uns anos atrás também tinha...mesmo com a família tinha muito...eu conseguia isolar-me de tudo (...) Eu conseguia sentir-me só e absolutamente isolada! Aliás, isso, tenho impressão que é um bocado genético, do meu pai, o meu se pudesse estar sempre num canto e não falar nisso, ele estava...(...) é mais ou menos a mesma coisa! Isso é mais ou menos a mesma coisa! (...) (E7, U.S. 9)</p> <p><i>[Alguma vez se sentiu sozinho ou isolado]</i> Agora! (...) Porque morreu a minha mulher que a gente teve 57 anos juntos e eu namorei quatro anos e tal com ela, sessenta e quase dois anos é muita obra! É uma vida! E agora estou sozinho [começa a chorar], e choro aqui tanta vez todos dias sozinho aqui! Choro aqui! Eu às vezes quero adormecer e adormeço a chorar na cama e as lágrimas a correrem... e eu não era hábito de chorar! Só agora... A minha mulher faz-me muita falta! E a gente entendia-se muito bem, ainda fiz o comer e toda a gente se admirava campista e ela de trombose, doze anos de trombose, os primeiros anos ainda estive no campismo comigo já não sei quantos... E eu fazia tudo quanto ela queria e nunca ninguém, nadinha tenha essa consolação comigo! (...) (E9, U.S. 9)</p> <p><i>[Sente-se mais só agora do que se sentia há uns anos atrás]</i> Nunca me senti tão só como agora e tenho a minha filha aqui ao pé! Mas ela tem uma vida como a minha,</p>
--	--	--	--

			<p>ela faz as urgências quase todas de Lisboa! Coitadinha...ainda ontem lá fui (...) eu fui daqui com a ideia de ir levar uma carta que era da Galp, que é da eletricidade de casa e eu levo as cartas todas que eu não tenho capacidade para abrir uma carta e ler agora e chegar lá à porta e já não sei o que foi...e então é assim a vida...(E9, U.S.11)</p> <p><i>[Aqui dentro do lar quando é que se sente mais sozinho] Desde que a minha mulher morreu! Até aí não... A minha mulher, sessenta e dois anos é muita obra! (...)</i> (E9, U.S.23)</p> <p><i>[Sente-se mais só agora do que se sentia há uns anos atrás]</i> ah, com certeza, tinha a minha mãe viva, tinha muitos familiares que já faleceram! Pronto...mas agora, prá frente! É assim...é a vida! (...) (E11, U.S.9)</p> <p><i>[O que é que é para o Sr. Manuel a solidão]</i> Ora a solidão é estar sozinho! Eu nessa altura eu tinha os netos aqui no colégio, de maneira que todos os dias os vinha! De manhã ia para a janela vê-los chegarem que eles vinham cedo, tinham que estar aqui às oito e um quarto e durante o dia, reunia-me lá em baixo com eles, falava um bocadinho ou brincava ou conversava ou ia ao café para lancharem (...) De maneira que estava feliz porque estava em família, porque todos os dias os via, agora, durante a semana, nem eu posso telefonar à minha filha, porque durante o serviço ela tem o telefone desligado! (...) (E13, U.S.10)</p>
		8.3.2. Associada à perda da autonomia	<p><i>[Sente-se mais só agora do que se sentia há uns anos atrás]</i> Ah sinto! (...) Porque estou doente, e, eu quando tinha saúde andava aqui por aqui, por ali, conhecia isto tudo a passos! Eu regava o jardim, eu tratava dos periquitos, eu limpava a e lavava a capoeira, aquela casinha deles (...) Essa capoeirazinha, eu limpava-a, eu trabalhei muito, trabalhei no jardim e fora do jardim e em casa e, servia, enquanto a Irmã andava a servir, a pôr a comida nos pratos eu ia pôr lá às pessoas...(E6, U.S.9)</p> <p>(...) Eu não me importava nada de ir dar um passeio sozinha, só aqui nos hospitais! Eu tenho imensas saudades! Tenho muita pena de não poder ir a casa, mas agora com este frio a casa está fechada! Admito que digam “Você não vá porque...” (...) no outro dia, uma das ultimas vezes que lá fui, eram três horas da manhã, tive eu que chamar a ambulância para ir para o hospital porque já não</p>

			<p>conseguia respirar! (...) [<i>É complicado estar sozinha</i>] É complicado estar sozinha, portanto, percebo, mas... Aqui a gente sempre a hipótese de chamar alguém! Mas (...) é muito complicado! (E7, U.S. 15)</p> <p>[<i>Sente-se mais sozinha agora do que se sentia há uns anos atrás</i>] ah, olhe, há uns anos atrás, saía para a rua, dava a volta, e sentia-me mais... agora não posso! (...) (E12, U.S.10)</p>
		8.3.3. Associada à perda de objetivos	<p>[<i>Não encara a solidão como um sentimento bom</i>] Não na idade (...) porque em jovem gostava da solidão, de ter a cabeça ocupada com os nossos trabalhos, com as nossas coisas...até gostava de estar sozinha. (E3, U.S.8)</p> <p>[<i>Sente-se mais só agora do que se sentia há uns anos atrás</i>] ah...muito mais, agora sinto-me muito mais só do que há uns anos atrás, há uns anos atrás ocupava-me com várias coisas (...) uma das coisas com que eu me ocupava, frequentava (...) o Centro Social de Telheiras, onde temos muitas atividades, geralmente, Segunda, Quarta e Quinta ia para lá, desde a ginástica, a trabalhos manuais que nós fazíamos, agora sinto que não posso fazer, é uma altura (...) na minha vida em que não faço... (...) (E3, U.S.11)</p> <p>[<i>Quando veio aqui para o lar sentiu-se mais acompanhada</i>] Ah, isso eu corria aqui a casa toda, eu corria o jardim, eu lavava a capoeira como já disse, varria o jardim, regava o jardim (...) (E6, U.S. 12)</p> <p>[<i>Sente-se mais só agora do que se sentia há uns anos atrás</i>] quando eu estava na minha casa, sozinha?! Estive dezasseis anos sozinha! Dezasseis anos! (...) Sinto-me mais triste, mais só agora! Sabe, porque eu na minha casa fazia eu as coisinhas, ía comprar as minhas coisinhas, fazia, encontrava uma pessoa conhecida, encontrava outra, encontrava outra, vinha o Sábado, que era o bilhete mais económico não sei se sabe, que havia um passe de Sábados, Domingos e Feriados, eu ía com duas senhoras, íamos passear, sempre, dar a nossa voltinha e aqui estou isolada... (...) (E8, U.S.20)</p>
9. A solidão e a Institucionalização	9.1.Sentimentos de solidão dentro do	9.1.1. Associados à perda de saúde /	<p>[<i>A sua maneira de lidar com a solidão é rezar</i>] [Risos] Rezo agora muito! (...) Mas eu agora sofro tanto das pernas, dói-me tanto as pernas que de noite não</p>

	lar	autonomia	<p>durmo (...) não consigo dormir (...) agora às vezes mal me sento, chega-me o sono quando estou sentada, mas na cama não durmo! (...) (E4, U.S. 9)</p> <p><i>[Mas sente-se acompanhada]</i> (...) De uma maneira geral, também neste momento, não tenho grandes problemas! (...) só tenho problemas com a saída e tenho um problema que é não me deixarem ir para casa, mas eu também compreendo que (...) elas tenham medo, não é terem medo de que eu vá fazer alguma asneira ou que me vá atirar da janela abaixo, ou mais não sei quê, o que é, é.... Pois! Que piore a situação! Enquanto puder andar um bocadinho a pé e mexer-me, mas sou capaz de andar... (...) (E7, U.S.30)</p> <p><i>[Mas agora, sente a necessidade de estar sozinho]</i> Eu sinto, sinto-me aqui sozinho! Porque para andar, andar eu não tenho dinheiro, e então a gente anda e eu tenho que gastar dinheiro sem querer! Eu tenho passe, tenho o cartão mas é carregado com um mínimo de quinze euros! (...) No dia que fui ao Lumiar, no Domingo, disse à senhora que me atendeu para me carregar quinze euros, ela disse-me para me ter na máquina mas eu disse que assim não sabia fazer! Ela disse: “O Sr. É que agora tem de fazer as contas, o mínimo é quinze euros! São vinte e seis e vinte e cinco o passe de todo o mês, você agora é que vê se precisa de andar, se precisa de ir ali!”, precisar, precisava para ir ver quantos doentes? Um, é na entrada do portão de Benfica, outro é o meu segundo pai que está na Rua oito, numero dois, no Bairro da Encarnação, e tenho mais por aí a fora! E eu tinha gosto de os ir ver, mas agora dinheiro é curto! (...) (E9,U.S.19)</p> <p>(...) Agora estou aqui só, quando eu andava aqui à volta, todos os dias dava uma volta, dava umas voltas a isso, falava com toda a gente, brincava com os meus netos (...) bem, estava acompanhado e agora sinto-me só, estou rodeado da minha mulher e dos meus familiares [Refere-se às fotografias que tem no quarto], e praticamente passo aqui o dia, que não saio daqui...a pessoa sente-se isolada de tudo e estou sem poder fazer nada. Não posso ir a casa, tenho lá as minhas coisas que eu preciso, tenho lá livros bons, posso trazer os livros mas também aqui não tenho onde ponha, mas tenho aí alguns e leio e passo aqui o dia assim a pensar na morte da bezerra, como se costuma dizer... (E13, U.S.13)</p> <p><i>[Já se sentiu só ou isolado]</i> Sinto-me! Sinto-me, porque estou a pensar nos problemas, nos nossos problemas familiares que surgiram ultimamente (...) a</p>
--	-----	-----------	--

			solidão é uma tristeza, é a pessoa sentir-se realmente, incapaz, pode reagir, conversar com as pessoas e tal, mas eu, como tenho que andar acompanhado, não vou estar sempre a tocar às campainhas, para me levarem para aqui ou para acolá... E às vezes querem-me levar, mas eu não posso, não tenho força! (E13, U.S.16)
		9.1.2. Associados ao desajustamento do utente	<p>[<i>Alguma vez se sentiu só ou isolada</i>] Não, não, não senti (...) mas quando sinto, choro! Quando sinto, choro e pronto...e às vezes dá-me vontade é de não sei de quê... por exemplo, elas, as empregadas, para mim algumas são boas, outras são más... mas são assim mesmo. (...) (E6, U.S.5)</p> <p>(...) Agora, a solidão para mim é muito má... uma pessoa isolada, a solidão, não é? É isso que eu às vezes, choro, choro, e agora chorei, mas não é por isso, é por falar na minha mãe (...) mal a conheci, e ‘tou aqui, tenho um ferro em cada perna, e tenho esta perna inchada aqui em cima, e (...) não me sinto bem e elas às vezes são más, as empregadas são más, são más para mim! (...) A Irmã Florinda, se eu lhe dissesse, ela castigava-as, mas eu não quero fazer mal, eu não quero castigá-las (...) se eu me dou bem com as superiores, para que é que as que são menos, do que elas...fazem isso à gente? Não é verdade? (...) (E6, U.S.7)</p> <p>[<i>Sente-se só porque elas não a tratam bem</i>] Eu pedi umas meias de manhã, não mas deram, depois pedi-as mais tarde deram-mas, mas não foi a que eu pedi de manhã... foi outra! Eu sou boa para elas, eu não falo mal, eu não digo às irmãs, porque se eu dissesse às Irmãs, as Irmãs castigavam-nas...(E6, U.S. 8)</p> <p>[<i>Alguma vez se sentiu isolada ou só</i>] Até aqui me sinto muitas vezes isso! Falo com as pessoas mas estou absolutamente a léguas de distância...e umas das razões porque eu saía um bocado era por causa dos Sábados e dos Domingos em que está tudo fechado! Eu não sou pessoa para ir para um café, já fui! Quando era rapariguinha nova ía para os cafés! Agora, eu ir para um café, passar uma tarde num café, dá-me a sensação de que estou á espera de algum homem para casar! [risos] É! É! Você observe as pessoas... é a coisa mais gira desta vida! (...) (E7, U.S. 4)</p> <p>[<i>Já se sentiu só</i>] Eu já vivi só! Já! (...) Até aqui, de vez em quando sinto-me absolutamente sozinha, porque eu também não sou pessoa muito para estar...meto-</p>

			<p>me aqui no quarto! Agora não, porque estava a descansar, mas até podem estar pessoas, absolutamente sozinha, absolutamente só... Sim porque eu também não sou muito pessoa de relações, de estar assim, eu vou para uma sala e não estou acompanhada! (...) (E7, U.S. 8)</p> <p><i>[Quais são os momentos em que se sente mais sozinha]</i> Olhe, quando há discussões e esse tipo de coisas...pois, não dá! Custa-me mais isso, do que por exemplo vir uma Irmã Florinda ou uma Irmã Marta, e descompor-me porque eu fiz isto, porque eu fiz aquilo, porque não fiz assim, porque não fiz assado, ou que me venha uma empregada chamar a atenção, “olhe, que aconteceu isto...”, porque às vezes chamam a atenção, o chamar a atenção, eu não ligo assim muito, mas então este tipo de coisas, as pessoas estar a ofender as outras, porque não querem ser incomodadas com a doença que os outros têm, confrontadas com elas, isso incomoda-me muito! (...) (E7, U.S. 16)</p> <p><i>[São os momentos em que se sente mais só aqui dentro do lar]</i> (...) e não é contra mim, percebe? No dia em que for contra mim, levam duas parelhas, levam duas respostas tortas e acabou! (...) Se eu descomponho as pessoas, se as outras estão presentes, eu não posso fazer fitas! Posso fazer fitas, se falar baixo! “Vocês tenham cuidado porque isto não se pode fazer à frente, e não se pode dizer à frente de uma pessoa!”. Não se pode excluir, pôr uma pessoa sozinha ou então vai passar a vida na cama! Eu tive a explicar o que era o ataque epilético, porque isto nunca se sabe quando é que há um ataque epilético! Mas sobretudo, é quando é contra os outros...(...) fico muito magoada (...) Eu fico muito magoada! E depois digo eu assim “Esta gente não serve para conversas!” E no entanto, sou a rapariga mais extraordinária (...) eu sou quase o suprasumo, algumas, é claro que nem toda a gente gosta de mim! (...) (E7, U.S. 18)</p>
		<p>9.1.3. Associados à sociabilização com os restantes utentes</p>	<p><i>[Isso fazia senti-la menos sozinha]</i> Sim! Agora, agora ‘tou ali, só conheço as pessoas que estão ao pé de mim! Não é? As outras conheço por estar há muito tempo, eu sou a mais antiga aqui da casa! (...) (E6, U.S. 10)</p> <p><i>[O que é que é para si a solidão]</i> A solidão é uma pessoa estar só! Só, e não ter ninguém de roda dela, a solidão...que se diz, “Ai, está na solidão! Está sozinha, está na solidão!”, mas aqui também acho que é uma solidão, porque só se lida com pessoas doentes! Porque não têm cabeça, dizem coisas que até amanhã também me</p>

			<p>pode acontecer, ou até já hoje me pode acontecer a mim! Agora sei o que digo e o que faço, mas amanhã, posso já não saber! (...) É uma solidão muito grande, não há como uma pessoa ter uma conversa, conversar, não há, é muito triste...(...) A solidão é triste! Muito triste! (...) (E8, U.S.18)</p> <p>[<i>Mesmo com pessoas à sua volta, se se sente acompanhada</i>] Eu sentir-me acompanhada? Não! Sinto-me só... (...) Todas doentes, todas doentes (...) (E8, U.S.33)</p> <p>(...) <i>Já me disseram, que eu havia de ir ali para a televisão, que havia televisão, não foi as Irmãs, foi pessoa de fora! E eu disse: “Não!”</i>, porque há lá muitas que estão em cadeiras de rodas mas estão chanfradas da cabeça, outras não estão, andam a pé e estão malucas da cabeça! E eu estou desgostoso assim, diante desses doentes, dessa qualidade! Também me pode vir a mim! Também tenho as carótidas, também é mal! Mas sinto-me melhor aqui um bocadinho do que na televisão acompanhado com companhias doentes! Se fosse com companhias saudáveis... (...) Mas ainda fico mais doente, a ver doentes mais doentes ainda do que eu! Que eu ao menos, tenho o temperamento de andar com estes ossinhos que está a ver aqui, são o diabo! Com oitenta e três anos, eu até me admiro a mim próprio! (...) (E9, U.S.20)</p>
		9.1.4. Associados à falta de apoio emocional	<p>(...) há aí pessoas, a D. Nelinha (...) Há aí uma outra senhora que eu não sei como é que ela se chama, que tem óculos, é muito surda (...) elas estão sozinhas e elas sentem-no (...) uma delas, a Nelinha é que me disse uma vez “Mas precisa de alguma coisa?” “Preciso que goste de mim!” (...) Já cá estávamos as duas em baixo, ela esteve aqui a dormir e depois eu sentia-a “Ai, Ai”, e eu “Precisa de alguma coisa, o que é que tem? O que é que não sei quê...”, “eu sou a pessoa que dorme aqui no quarto consigo”, foi quando ela me disse... (...) Ou com a outra, nunca falei, mas também deve ser do mesmo género de pessoa, absolutamente sozinha! E então com esta ninguém fala! Porque a D. Nelinha, raramente tem visitas, às vezes tem, da filha, e aquela D. Rosa nunca tem...vem aí uma senhora, que de boa vontade, que fala com ela (...) mas que não lhe é nada (...) Isso incomoda-me! (E7, U.S. 21)</p> <p>[<i>Alguma vez aqui, já se sentiu só ou isolada</i>] Sinto! Muita vez... Sinto-me só, porque a família está longe, o que vale é que eles são muito meus amigos e</p>

			telefonam-me muita vez... telefonam-me muita vez! Gastam muito dinheiro nos telefonemas... (E8, U.S.19)
		9.1.5. O ingresso no lar, como fator na diminuição / agudização da sensação de solidão	<p>[<i>A sua vinda para o lar, fez com que se sentisse mais acompanhada</i>] Sim! Sinto! (...) Sinto-me acompanhada! (E2, U.S. 20)</p> <p>[<i>Acha que a sua vinda para aqui não fez sentir de nenhuma forma isolada</i>] Não! Não estou isolada! Porque eu não me isolo! Tanto que veja, que eu não me meto no quarto, raramente estou no quarto, para conviver com as pessoas! (...) (E2, U.S. 21)</p> <p>[<i>Sente-se acompanhada</i>] Sinto! Sinto-me acompanhada (...) Sinto, não vim forçada! E como não vim forçada, sinto que é um lugar onde estou acompanhada, porque se estivesse em casa estava só, e sentia-me isolada, e aqui não sinto! (...) (E2, U.S. 32)</p> <p>[<i>E agora, sente-se sozinha</i>] Aqui senti-me mais (...) porque fiquei num quarto sozinha, com um corredor muito grande, toco à campainha, ninguém aparece, nunca vejo ninguém...(E3, U.S.10)</p> <p>[<i>A sua vinda para o lar fez com que se sentisse mais acompanhada</i>] talvez não fizesse, como eu sou um bocado fechada...depois quero conversar com umas ou com outras e encontro só gente muito surda, tenho que gritar, não posso....também acham-me nova cá na casa...[<i>Sente-se mais retraída</i>] Sinto-me mais retraída... isolo-me mais... (E3, U.S.16)</p> <p>(...) a gente aqui tem muita companhia (...) Aqui temos muita companhia, não são pessoas da família, mas pronto... Também temos muita companhia, também não estamos nada sós! (...) (E4, U.S. 6)</p> <p>[<i>De que forma a faz sentir acompanhada</i>] Então eu, por exemplo vou ao refeitório, temos muita gente, no quarto também são mais duas senhoras (...) também vou à capela (...) rezar, às vezes vou ali para a sala grande [3º piso], e às vezes sento-me lá (...) e depois quando estou lá chega-me o sono porque não durmo de noite (...) d'antes não era nada assim! Agora é que estou assim...(E4, U.S. 12)</p>

			<p>[<i>A sua vinda para o lar fez com que se sentisse mais acompanhada</i>] ah, sinto, sinto, sinto! Estou acompanhada, pois estou...Não se compara nada! (...) estou com as pessoas, convivo com elas, pois, sinto-me mais acompanhada! Sinto-me melhor! (...) (E5, U.S.7)</p> <p>[<i>Quando veio aqui para o lar sentiu-se mais acompanhada</i>] Ah, isso eu corria aqui a casa toda, eu corria o jardim, eu lavava a capoeira como já disse, varria o jardim, regava o jardim (...) (E6, U.S. 12)</p> <p>[<i>A sua vinda para o lar, fez com que se sentisse mais acompanhada</i>] Ouça, na medida de estarmos mais acompanhadas, não quer dizer que eu não tenha crises de solidão! Mas estamos mais acompanhadas (...) eu por exemplo se quiser sair, até porque tenho problemas respiratórios, quem faz a cama sempre sou eu (...) Mas chego ali á empregadas e digo, “Hoje vou sair!”, já me tem acontecido estar a começar a fazer a cama e a certa altura (...) chamar as pessoas e dizer “Vocês vão acabar de me fazer a cama porque eu vou descansar por causa da respiração!”, e elas sabem que, quando eu lhes peço para fazer, por exemplo, a cama, é porque estou absolutamente de rastos... (E7, U.S. 12)</p> <p>[<i>A sua vinda para o lar, fez com que se sentisse mais só ou com que se sentisse mais acompanhada</i>] Senti-me mais só... senti-me mais só, como eu lhe estou a dizer, vi só doentes! Da cabeça! Senti-me mais só! (E8, U.S.23)</p> <p>[<i>A sua vinda para o lar fez com se sentisse mais acompanhado</i>] Acompanhado com a minha Maria! Ah! Era a maior maluqueira que eu tinha por uma mulher...foi outra, mas eu encolhi-me! (...) (E9, U.S.14)</p> <p>[<i>Alguma vez se sentiu isolada ou sozinha</i>] Não! Como é que eu posso estar isolada?! Nos lares estou com muita gente! Nos lares?! Montes de gente! (...) eu não me sinto só porque eu não estou só! Estou com tanta gente à volta! (...) (E10, U.S.5)</p> <p>[<i>A sua vinda para o lar, fez com que se sentisse mais acompanhada</i>] A mesma coisa... todos os lares são a mesma coisa. Têm muita gente, ‘tão lá ao pé das pessoas... (...) (E10, U.S.7)</p>
--	--	--	---

			<p>[A vinda para o lar, fez com que se sentisse mais acompanhada] Sim, Sim!! Sim, eu aqui tenho mais pessoas para conversar, eu em casa não tinha ninguém! Eu antes, tinha que ir à academia onde andava onde nós tínhamos o apoio de um grupo, de vez em quando ainda nos falamos e tal... E íamos tomar chá, saíamos da aula, vínhamos da aula... uma das disciplinas que eu gostava muito era História da Arte, e dentro da História da Arte, nós fazíamos...alugávamos um autocarro, os alunos, deviam ser uns cinquenta e depois íamos fazer as visitas de estudo aos locais...(E11, U.S.15)</p> <p>[A sua vinda para o lar, fez com que se sentisse mais acompanhada] Ah...mais acompanhada, porque ela saía de manhã e vinha à tarde! (...) e o marido também não estava, estava empregado, estava sozinha, por isso aqui tinha companhia! Estava lá, estava no Centro de dia a trabalhar, e eu gostava de estar! (...) (E12, U.S.13)</p> <p>[Sente-se mais só agora do que se sentia há uns anos atrás] Sim, sim! (...) Uma semana, não estar com os netos, eles estão disponíveis à tarde e na hora de almoço, mas não sei bem a hora deles, mas eu telefono sempre aos netos, à minha filha quando posso (...) ela todos os dias me telefona também, às vezes até a dizer a hora que está lá e que o filho está em casa sozinho (...) a mãe só chega depois das 20:00h, 20:30h, 21:00h, ele coitadinho está em casa só, é um martírio saber que ele está sozinho (...) é bom rapaz, é muito meu amigo e eu sou dele e do outro também! Mas o outro já está numa idade, (...) faz dezassete, e é escuteiro, toca viola e vai nos fins-de-semana para passeios dos escuteiros, o outro também teve nos escuteiros, mas desistiu (...) mas a solidão é terrível... (E13, U.S.17)</p> <p>[A vinda para o lar fez com que se sentisse mais acompanhado] É igual, porque eu antes estava acompanhado da minha mulher, estava preocupado com o tratamento da minha mulher (...) a minha mulher começou a ter problemas e eu tinha que cuidar de tudo, ia buscar comida (...) almoçava com ela, jantava com ela, andava entretido com ela, ia ao médico com ela...(E13, U.S.24)</p>
	9.2. Estratégias adotadas na fuga à solidão	9.2.1. Procura de atividades ocupacionais	<p>[Aqui dentro do lar, quando se sente sozinha, o que é que faz para fugir desse sentimento] Eu poucas vezes me sinto só, eu pouco venho para o quarto para estar só, estou nos momentos em que venho, para rezar, enfim! Tenho momentos em</p>

			<p>que me meto aqui no quarto, ou para fazer qualquer coisa que precise de fazer aqui no quarto, mas não me sinto só, rezo, faço as minhas orações, e leio, faço um trabalhinho, estou a fazer uma toalha...em crochet! Enfim! Entretenho-me assim...Mas eu pouco me meto no quarto, tenho poucos momentos de...isolada! Estou pouco, não gosto me isolar! Gosto de conviver! (...) (E2, U.S. 27)</p> <p>[<i>Como é que lida com a solidão</i>] olha, ponho-me a pensar muitas vezes em coisas que não devo, outras vezes vou ler um bocadinho, mas canso-me de ler, porque se não encontro uma coisa que gosto, também não leio, se posso dou uma volta, dou um passeio, é assim que eu tento evitar...(...) (E3, U.S. 13)</p> <p>[<i>Aqui dentro do lar</i>] ah, vou vendo a televisão (...) é a minha forma aqui de evitar a solidão, é ver a televisão...(...) (E3, U.S. 14)</p> <p>[<i>Quando se sente sozinha o que é que faz para fugir desse sentimento</i>] olhe...vou-me deitar...(...) (E3, U.S.19)</p> <p>[<i>Quando se sente sozinha, o que faz para se distrair</i>] Não faço nada, eu às vezes convidam-me para vários passeios e tudo e eu não vou porque me sinto já a dar trabalho às pessoas, eu já não posso andar sozinha, quando vou ali à secretaria pagar a mensalidade tenho que ir encostada à parede com esta mão, com a bengala e com esta mão a segurar a parede! Não, eu não posso...às vezes há passeios que me convidam cá no lar e eu não vou! (...) sinto-me muito incapaz, a dar maçada às outras pessoas e é por isso que eu não me sinto bem, já estou muito velha! [risos] (E4, U.S.20)</p> <p>[<i>Quando está sozinha, sem ser os passeios o que faz</i>] Eu dantes trabalhava muito em crochet, fazia rendas muito bonitas, agora não posso fazer nada por causa da vista! Não posso...é o que eu digo, rezo! Rezo, vou para a capela e agora tenho tido muitas coisas lá em baixo vou à fisioterapia... [<i>Á ginástica</i>] Á ginástica (...) [<i>À Dra. Camila às quintas</i>] também, de maneira que tenho o tempo mais ou menos sempre ocupado, a gente vai ao lanche, vai ao almoço (...) estamos muito tempo dentro do refeitório, eu tenho o tempo mais ou menos ocupado nem preciso estar a pensar se estou sozinha, não costumo estar a pensar nisso, eu tenho o tempo muito ocupado, é verdade... (E4, U.S.21)</p>
--	--	--	---

			<p>(...) ainda agora, uma das coisas que eu estive a fazer hoje (...) foi arranjar duas casas que, e ninguém percebeu, para medir o oxigénio no sangue, e encontrei duas casas, e não eram capazes de encontrar e fui eu que encontrei duas, para irem comprar esse aparelho! Não quer dizer que depois a gente diga “Olha valeu a pena! Sim senhora, há duas casas, vão comprar!” (...) sou capaz de me sentir absolutamente sozinha depois disso, não tenho mais nada para fazer, já está tudo feito! Não era o caso de hoje, já está feito, mas não era o caso de hoje, porque eu sabia que mais tarde ou mais cedo você aparecia! [sorriu] (...) (E7, U.S.11)</p> <p>[<i>O que é que faz para fugir desse sentimento</i>] Ouça, também não tenho muito tempo...olhe, quando é à noite, adormeço num estante e nunca mais penso nisso! Também não deixo de dormir (...) começo a arrumar as coisas, a mexer nisto e não sei quê, agora tenho uma série de contas para fazer, porque tenho coisas para pagar e tenho (...) os trabalhos, aqueles trabalhos manuais...(...) (E7, U.S. 19)</p> <p>[<i>Como é que o faz</i>] É andar! Não posso andar, tenho as carótidas, aqui pela ladeira acima eu noto! (...) Vou aqui, vou ali, vou ver doentes! É o maior gosto que eu tenho é ver doentes que são meus amigos e até o meu segundo pai! (...) era o fiscal do cinema Lis (...) (E9, U.S.13)</p> <p>(...) Rezo o terço! Ou estou a ouvir música, tenho o coiso [aponta para as orelhas, dando a indicação de que se tratavam de uns auscultadores], para não incomodar ninguém, um radiozinho barato daqueles dos chineses que eu comprei ali e pronto... e depois oiço alguma música, oiço noticiários (...) É uma companhia, para mim é uma companhia, não é? Eu quando estava em casa não ouvia tanto a rádio, mas ouvia mais a televisão, os programas que me interessavam na televisão... Agora aqui, no lar, até às nove e meia há às vezes assim um ou outro que aparece assim, uma reportagem ou assim até às nove e meia...a partir das nove e meia... (...) (E11, U.S.20)</p> <p>[<i>Quando se sente sozinha o que faz</i>] Saio!! Muitas vezes saio! Vou dar uma volta ao supermercado... Olhe! Hoje era um dia em que ia ao supermercado de tarde, mas acho que há uma festa cá, não sei... (...) Mas eu precisava de ir, porque amanhã esta faz anos, e eu queria ir lá comprar umas amêndoas para lhe dar amanhã...(...) (E11, U.S.22)</p>
--	--	--	--

			<p>[<i>A sua forma de fugir de estar sozinha, é sair</i>] É...quando estou aborrecida por qualquer motivo, saio! (...) (E11, U.S.23)</p> <p>[<i>Sabe lidar com a Solidão</i>] Sei! Olhe, é com estes livros [um livro de sopa de letras que segurava na mão], isto é a minha sorte! (...) (E12, U.S.12)</p> <p>[<i>Sabe lidar com a solidão</i>] sei lidar, vejo as notícias geralmente e leio, quando podia sempre...e agora há vezes que nem...(E13, U.S.19)</p> <p>(...) para quem está assim na solidão e eu tinha maneira para passar, que era ir para o Centro de Dia, mas também não me vêm buscar, vão buscar as senhoras lá dentro e não me veem aqui buscar e eu às vezes não quero ir porque estou com dores nas costas ou não sei quê... e uma maneira onde eu passeio é no corredor agarrado ao corrimão e ando ali para trás e para diante... (E13, U.S.23)</p> <p>[<i>O que faz para fugir desse sentimento</i>] Leio ou escrevo, mas já há muito tempo que eu deixei de escrever, que eu escrevia muito para o jornal daqui que agora acabou... (...) eu escrevia duas, três quatro artigos para o jornal e obrigava-me a procurar coisas e a pensar, portanto, ajudava a estar a desenvolver a cachimónia... (E13, U.S.31)</p>
		9.2.2. Procura de convívio	<p>[<i>Como é que faz para lidar com esse sentimento</i>] Convivo com as pessoas que tenho próximo de mim, arranjo amizades...(E2, U.S. 18)</p> <p>[<i>De que forma a faz sentir acompanhada</i>] Então eu, por exemplo vou ao refeitório, temos muita gente, no quarto também são mais duas senhoras (...) também vou à capela (...) rezar, às vezes vou ali para a sala grande [3º piso], e às vezes sento-me lá (...) e depois quando estou lá chega-me o sono porque não durmo de noite (...) d'antes não era nada assim! Agora é que estou assim...(E4, U.S.12)</p> <p>(...) pronto, muitas vezes vou até lá a cima [3º piso do Lar], e a gente sempre dá dois dedos de conversa, muda-se de ambiente do segundo para o terceiro, que são absolutamente diferentes (...) Ai isso são, até as pessoas, até as pessoas são absolutamente diferentes e estamos todas juntas! Não conheço todas lá de cima, nem conheço todas cá de baixo, embora lá em cima, não tenha confiança com toda a gente (...) faz-me muita impressão, isso é uma das coisas que me faz muita</p>

			<p>impressão... (...) (E7, U.S.20)</p> <p>[<i>Procura estar com outras pessoas</i>] Não, não! Rezo! (...) (E8, U.S.27)</p> <p>[<i>Como é que o faz</i>] É andar! Não posso andar, tenho as carótidas, aqui pela ladeira acima eu noto! (...) Vou aqui, vou ali, vou ver doentes! É o maior gosto que eu tenho é ver doentes que são meus amigos e até o meu segundo pai! (...) era o fiscal do cinema Lis (...) (E9, U.S.13)</p> <p>[<i>Como faz para lidar com a solidão</i>] olhe! Vou à igreja, vou à igreja, vou...ía muito conviver muito com as minhas colegas da... pronto...era assim! E ainda hoje, no dia 17 já vou ter um almoço com elas! Com umas que eram do meu tempo, são mais novas do que eu e ainda estão a trabalhar... (...) (E11, U.S.13)</p>
		9.2.3. Procura de conforto espiritual	<p>[<i>Sabe lidar com a solidão</i>] Rezo muito! [risos] (E4, U.S.7)</p> <p>[<i>De que forma a faz sentir acompanhada</i>] Então eu, por exemplo vou ao refeitório, temos muita gente, no quarto também são mais duas senhoras (...) também vou à capela (...) rezar, às vezes vou ali para a sala grande [3º piso], e às vezes sento-me lá (...) e depois quando estou lá chega-me o sono porque não durmo de noite (...) d'antes não era nada assim! Agora é que estou assim... (...) (E4, U.S.12)</p> <p>[<i>Quando está sozinha, sem ser os passeios o que faz</i>] Eu dantes trabalhava muito em crochet, fazia rendas muito bonitas, agora não posso fazer nada por causa da vista! Não posso...é o que eu digo, rezo! Rezo, vou para a capela e agora tenho tido muitas coisas lá em baixo vou à fisioterapia... (E4, U.S.21)</p> <p>[<i>Como o faz</i>] Rezo, peço a Nossa Senhora que me dê coragem para eu poder aguentar e que Deus me leve antes de perder o juízo... que Deus me leve antes de perder o juízo! (...) (E8, U.S.22)</p> <p>[<i>Quando se sente sozinha, o que é que faz para desse sentimento</i>] Eu rezo! Rezo Sozinha! (...) (E8, U.S.26)</p> <p>[<i>Quando se sente sozinho o que é que faz para se distrair</i>] (...) choro, na maior parte das vezes choro, outras vezes rezo, mas para rezar o sítio próprio é a capela</p>

			<p><i>é o que eu penso para mim! Mas se eu me lembrar de um amigo, que eu fosse muito amigo, eu rezo por ele! (...) E vou ali à minha mulher, já lha mostrei! Noventa quilos, ela morreu assim sequinha como eu estou! Noventa quilos, disse a minha filha, ela é que sabe quando ela foi para o Alcoitão... quando lhe deu a trombose! Ela tinha sempre dezoito, vinte de tensão! Foi por isso que ela não comia nada! Mas era uma grande cozinheira de classe para fazer tudo! (...) (E9, U.S.24)</i></p> <p>[<i>Alguma vez se sentiu isolada ou só</i>] Não! Não porque tenho muita fé e como tenho muita fé e enfim, sou muito religiosa, rezo!...E a coisa, passa! (...) É a minha maneira de encarar... (...) (E11, U.S. 8)</p> <p>[<i>Como faz para lidar com a solidão</i>] olhe! Vou à igreja, vou à igreja, vou...ia muito conviver muito com as minhas colegas da... pronto...era assim! E ainda hoje, no dia 17 já vou ter um almoço com elas! Com umas que eram do meu tempo, são mais novas do que eu e ainda estão a trabalhar... (...) (E11, U.S.13)</p> <p>(...) A irmã Marta proibiu-me de andar só, que é perigoso, posso cair e tal...mas por outro lado, não me manda buscar por exemplo para o terço, para a missa...eu tenho que ir e ela não me manda, eu também tenho de fazer o esforço de ir, até para mim, para andar e tal... e pronto, de maneira que a solidão é terrível! Para mim não é, que eu rezo o terço aqui mesmo e leio, vêm revistas que eu até assinava...(E13, U.S. 20)</p>
	9.3. Existência de relações significativas dentro do lar, às quais o utente recorre, na necessidade de falar ou desabafar	9.3.1. Utente - Utente	<p>(...) Já tenho pessoas amigas aqui no lar com quem convivo, as que estão melhores, não é? Com quem se pode conviver, porque há pessoas, coitadas, que já não têm condições (...) Mas tenho pessoas com quem convivo, de quem já sou amiga, que me ajudam bastante! (...) (E2, U.S. 22)</p> <p>[<i>Existem pessoas aqui dentro do lar, utentes ou profissionais com quem pode falar ou desabafar</i>] Não! Para desabafar não é fácil, e eu gosto pouco de desabafar (...) de falar da minha vida com pessoas desconhecidas (...) o tempo que aqui estou não dá, não é para estar a falar, mas eu falo normalmente mesmo na minha vida, gosto pouco de falar da vida dos outros! Falo da minha, com as pessoas com quem convivo! (...) (E2, U.S. 29)</p>

			<p>[Quando sente necessidade de desabafar, falar de assuntos mais pessoais, sente que existem alguém com quem pode falar] Tenho! Aqui dentro, às vezes falo! Com as pessoas amigas que aqui tenho! [utentes] sim, utentes! (...) (E2, U.S. 30)</p> <p>[Procura estar com outras pessoas] Não vejo grande abertura da parte delas também, tirando agora uma ou duas que conheço à pouco, não vejo...uma que está ao meu lado na mesa... não vejo ninguém com quem posso comunicar... [Quem está ao seu lado na mesa] Uma senhora que trabalha cá na costura...(...) (E3, U.S.15)</p> <p>[Aqui dentro do lar, sente que existem pessoas, utentes ou profissionais com quem pode desabafar] Não...não encontro cá ninguém...tirando a D. Lia, a única pessoa com quem posso falar, dizer que me sinto mal ou sinto-me bem...(...) (E3, U.S. 20)</p> <p>[Não sente falta de estar com pessoas] Não sinto falta (...) A D. Adelaide, às vezes (...) hoje não almoça cá, acho que não almoça cá, porque vai almoçar com o irmão. A outra senhora, essa nunca sai, é muito raro sair... Agora a D. Adelaide uma vez por semana vai almoçar com o irmão...(...) (E4, U.S. 15)</p> <p>[Sente que existem pessoas com quem pode desabafar, utentes ou profissionais] Não sei... (...) (E4, U.S.17)</p> <p>[Quando precisa falar sobre os seu sentimentos, tem alguém aqui dentro com quem possa falar ou desabafar] É com a D. Adelaide, mas ela já não está bem da cabeça, coitadinha...mas, só com ela...(...) (E4, U.S. 18)</p> <p>[Dentro do lar sente que existem utentes ou profissionais com quem pode desabafar] desabafar, o que é que eu tenho para desabafar? Não desabafo, não sou assim pessoa de desabafar, as pessoas estão a conversar, estão na conversa mas eu não, não sou dessas coisas... (...) (E5, U.S. 10)</p> <p>[Às vezes sente-se sozinha à noite] Ah, á noite! Á noite, olhe, sabe quem é que eu tenho no quarto? Como companheira? É a D. Mena, a gente as duas dá-se bem! (...) e falamos... (...) (E6, U.S. 18)</p>
--	--	--	--

			<p>[<i>Sente que existem pessoas aqui dentro do lar, utentes ou profissionais, com quem pode falar ou desabafar</i>] (...) eu não sou muito de desabafar! Isso, não sou muito de desabafar, agora conversar, eu converso com quase toda a gente! Ai isso eu converso com quase toda a gente! Também, como é que lhe digo? É uma conversa que fica assim a um nível, muito parado...porque se eu conhecer bem as pessoas, depois até vou sendo capaz de falar, assim de uma maneira geral... sou capaz de falar absolutamente à vontade (...) Mas não deixo de falar com as pessoas, de facto depois a uma certa altura, começo a fazer as perguntas, mas as pessoas “Isso não é nada consigo! Não é nada consigo! Quando houver algumas novidades a gente diz!”, ‘tá a perceber? (...) (E7, U.S.23)</p> <p>[<i>Mas quando está dentro do lar, com pessoas à volta, sente que está acompanhada</i>] Às vezes estou! Porque às vezes há uma pessoa ou outra com quem se pode falar! Eu por exemplo há pouco, foi de manhã, quando entrei, fui-me meter com uma das senhoras que lá estava em cima e lá estive a brincar com ela! E ela ficou toda contente e digo eu assim, “Olha, esta já ficou hoje bem-disposta!” (...) Há uma ou duas com quem a gente conversa e depois apareceram mais duas, uma vinha com uma revista ou com um jornal ou não sei quê, tivemos um bocadinho a conversar! Metade das coisas não ouvi, porque já não sei o que é que estava a fazer, e tinha coisas para fazer, e estava a fazer e estava entretida...estava acompanhada porque sabia que estavam ali pessoas que se eu quisesse, depois podia conversar com elas, ou se eu deixasse, elas conversavam comigo (...) Nisso sou capaz de me sentir com gente! (...) (E7, U.S.36)</p> <p>(...) há sempre uma senhora que está ali sozinha, que se eu fosse para ao pé dela um bocadinho, ela era capaz de conversar e de se abrir e tudo, que é a D. Carminho, está sempre sozinha (...) mas se a gente for para lá e puxar pela conversa e puxar pela língua, ela também conversa! Portanto, é estar atenta também às outras pessoas que estão sozinhas, que gostam de falar, que gostam que as oiçam (...) portanto não há grandes problemas! (...) (E7, U.S. 37)</p> <p>[<i>Existem pessoas aqui dentro do lar com quem pode falar ou desabafar</i>] Não, eu não desabafo...Eu dou-me muito com a D. Marina (...) Ela é uma pessoa, vou ser sincera, é boa pessoa mas não é uma pessoa para se conversar com ela (...) Não é pessoa para ter um desabafo, e dizer “É muito triste estar aqui fora da minha casa, não ter os meus irmãos, não ter os meus pais...”, quer dizer, não é pessoa para</p>
--	--	--	---

			<p>acatar...Não é pessoa para acatar! (...) (E8, U.S.29)</p> <p>(...) É como eu lhe digo, a D. Marina não tenho nada que dizer dela, dou-me bem com ela, ela dá-se comigo, mas não é pessoa para conversas (...) Damo-nos bem! Mas não é pessoa para conversas...Não...(...) (E8, U.S.31)</p> <p>[<i>Sente que existem pessoas aqui dentro do lar, utentes ou profissionais, com quem pode falar</i>] (...) com quem é que eu posso falar? (...) Eu posso falar com toda a gente! (...) [<i>Falar sobre a sua vida, sobre sentimentos</i>] a minha vida não...não dou satisfações da minha vida a ninguém... (...) (E10, U.S.11)</p> <p>[<i>Existem pessoas aqui dentro do lar, utentes ou profissionais, com quem pode desabafar, confidenciar alguma coisa assim mais pessoal</i>] Talvez uma, sim...(...) É uma pessoa muito... ela também fala comigo da vida dela, também fala, essa senhora é Alentejana e que está qui coitada, nem sequer pode ir lá fora sair por causa das pernas... (...) Conversamos muito! Temos certos gostos muito parecidos, passeámos muito, ela no tempo do marido, claro... Sítios onde ela foi eu também fui... de maneira que, conversamos muito! Ela conversa muito, eu também converso muito... ! (...) (E11, U.S.25)</p> <p>[<i>Sente que existem pessoas, utentes ou profissionais com quem pode falar ou desabafar</i>] Não, eu nunca falo com ninguém! (...) para quê contar a minha vida? para quê? (...) Não falo, mesmo essa senhora que está aí , não falo nada da minha vida... (...) (E12, U.S.19)</p> <p>[<i>Com quem conversa aqui dentro do lar</i>] Eu converso com quem me aparece (...) Converso com pessoas que encontro, que eu... geralmente é com este daqui [Sr. Vasco], eu aqui neste lado, ninguém vem para aqui, eu não posso ir lá para dentro, não posso ir... Às vezes vou... (E13, U.S.35)</p> <p>[<i>Quando sente a necessidade de desabafar, procura essas pessoas</i>] Nem sempre procuro, porque eu já vi que não adianta falar com as pessoas... (E13, U.S.36)</p>
		9.3.2. Utente - Profissionais	<p>(...) as pessoas ainda que eu gosto mais, é quem está à frente dos serviços, como vocês, como a Ana, como a senhora cá de baixo (...) as assistentes sociais, com este pessoal até gosto de falar, de resto, tudo se isola...(...) [<i>Sente que não</i></p>

			<p><i>consegue falar com ninguém sobre os seus sentimentos</i>] É...exatamente... (E3, U.S.23)</p> <p><i>[Aqui dentro do lar, sente que existem pessoas com quem pode desabafar]</i> Isso acho que não! (...) Acho que não porque, por exemplo, eu pedi as meias hoje, pedi umas meias que não mas davam, tinha os pés gelados pedi, tive que pedir segunda vez, e terceira vez, mas não digo quem foi nem, nem nada... (...) <i>[Quando precisa de desabafar, falar de sentimentos mais pessoais]</i> Ai não! (...) <i>[Profissionais aqui dentro]</i> Profissionais, não... Porque eu não vou dizer às superiores o que é! (...) (E6, U.S.20)</p> <p><i>[Mas consegue falar com essas pessoas à sua volta]</i> Consigo! Consigo porque não quero fazer mal a ninguém... (E6, U.S. 22)</p> <p><i>[Quando sente ou precisa de desabafar, qualquer coisa mais pessoal, sente que tem aqui pessoas que a possam ouvir]</i> (...) a Irmã Marta, para certas coisas é capaz de ouvir e ajudar a resolver, mas (...) é preciso escolher as alturas e a Irmã Florinda também é pessoa para ajudar a resolver. (...) (E7, U.S. 26)</p> <p><i>[Não tem nenhum profissional com quem possa falar]</i> A Dra. Camila já me tem dito “Venha ter comigo! Quando estiver muito aborrecida, venha ter comigo!” Mas eu não quero incomodar... (...) (E8, U.S.30)</p> <p><i>[Sente que existem pessoas, utentes ou profissionais com quem pode desabafar]</i> Profissionais, agora, não sei dizer, mas profissionais só há uma! (...) Não desabafo com ninguém! Engulo em seco, chama-se! (...) (E9, U.S.26)</p> <p><i>[Sente que existem pessoas, utentes ou profissionais com quem o Sr. Manuel pode desabafar ou falar]</i> Pois, tem, a Dra. Camila, que é psicóloga, ela sabe da minha vida toda... (...) (E13, U.S.33)</p> <p><i>[Com pessoas à sua volta, sente-se acompanhado]</i> Sinto! (...) normalmente com as empregadas, eu falo... (...) eu não tenho problemas nenhuns, eu sou por natureza calado, quando me picam, às vezes eu também digo coisas que não devo dizer, mas se eu vir que não tem razão, também fico mal disposto... (...) (E13, U.S. 37)</p>
--	--	--	---

	9.4. Isolamento / Exclusão	9.4.1. Sabe lidar com o sentimento	<p>[<i>Sabe lidar com esse sentimento</i>] Sei! Até agora tenho conseguido... (E2, U.S. 17)</p> <p>[<i>Sabe lidar com a solidão</i>] Que remédio é que eu tenho senão lidar com ela...(…) (E3, U.S.12)</p> <p>[<i>Sabe lidar com a solidão</i>] Rezo muito! [risos] (E4, U.S.7)</p> <p>[<i>Sabe lidar com a solidão</i>] Eu não sei...pois eu habituei-me a viver assim...(…) (E4, U.S. 10)</p> <p>[<i>Sabe lidar com a solidão</i>] Eh, não sei se sei lidar se não, isso é que eu não lhe sei dizer...(…) (E5, U.S. 5)</p> <p>[<i>Sabe lidar com este sentimento</i>] Eu não sei lidar com a solidão, eu só sei, é por exemplo, eu sei lidar com a solidão nessa coisa...eu estou aqui, tenho solidão, mas não dou a mostrar isso, portanto não me importo da solidão, não é? (...) porque não vou dizer à menina que tenho solidão, porque não, não tenho! Porque não tenho, porque não quero! Porque não, não digo nada! (...) (E6, U.S.11)</p> <p>[<i>Sabe lidar com a solidão</i>] Relativamente! Relativamente... porque eu quando começo a ver que é demais (...) eu consigo ultrapassar essa coisa da solidão, a fazer trabalhos! (...) se estiver a fazer aquela coisa, estou a fazer uma coisa para poder dar a alguém, para poder fazer isto, para poder fazer aquilo (...) (E7, U.S. 10)</p> <p>[<i>Sabe lidar com este sentimento</i>] Sei! (...) Guardo-a para mim! (E8, U.S.21)</p> <p>[<i>Sabe lidar com a solidão, com esse sentimento</i>] Eu que remédio tenho eu! (...) (E9, U.S.12)</p> <p>[<i>Sabe lidar com a solidão</i>] Sei! Sei, sei... (...) (E11, U.S.10)</p> <p>[<i>Sabe lidar com a Solidão</i>] Sei! Olhe, é com estes livros [um livro de sopa de letras que segurava na mão], isto é a minha sorte! (...) (E12, U.S.12)</p>

			<p>[<i>Sabe lidar com a solidão</i>] sei lidar, vejo as notícias geralmente e leio, quando podia sempre...e agora há vezes que nem...(E13, U.S.19)</p>
		9.4.2. Sentir-se acompanhado	<p>[<i>A sua vinda para o lar, fez com que se sentisse mais acompanhada</i>] Sim! Sinto! (...) Sinto-me acompanhada! (E2, U.S. 20)</p> <p>[<i>Sente-se acompanhada</i>] Sinto! Sinto-me acompanhada (...) Sinto, não vim forçada! E como não vim forçada, sinto que é um lugar onde estou acompanhada, porque se estivesse em casa estava só, e sentia-me isolada, e aqui não sinto! (...) (E2, U.S. 32)</p> <p>[<i>Com pessoas à sua volta, sente-se acompanhada</i>] Não... (...) (E3, U.S. 22)</p> <p>[<i>Com pessoas à sua volta sente-se acompanhada</i>] Sinto-me, sinto-me acompanhada sim! (...) (E4, U.S. 19)</p> <p>[<i>Com pessoas à sua volta sente-se acompanhada</i>] Sinto-me, sinto! [Pausa breve] solidão, é estar sozinho! (E5, U.S. 11)</p> <p>[<i>Não se sente só</i>] Não, porque eu falo com esta, falo com aquela e eu tenho muita família em Colares...(E6, U.S. 15)</p> <p>[<i>Com pessoas à volta, aqui dentro do lar sente-se acompanhada</i>] Sinto! Se não sentisse também não dizia às superiores (...) Sinto acompanhada, mas não sinto aquele acompanhamento de beleza! (...) (E6, U.S. 21)</p> <p>[<i>Sente-se acompanhada</i>] Posso sentir e posso não sentir (...) depende das pessoas! (...) há pessoas que, enfim, para ter uma conversa e para estar aí bem disposta e não sei quê... Mas as pessoas ou se dão todas umas com as outras, ou não vale a pena ter grandes conversas! Não vale a pena ter grandes conversas, porque as pessoas andam todas à batatada...até à mesa isso se nota! (...) As pessoas são todas muito diplomáticas! E é giríssimo...eu, acho giríssimo as pessoas conversarem umas com as outras muito bem, e depois quando as pessoas não estão fazem os comentários! (...) (E7, U.S.28)</p> <p>[<i>Mas quando está dentro do lar, com pessoas à volta, sente que está</i></p>

			<p><i>acompanhada</i>] Às vezes estou! Porque às vezes há uma pessoa ou outra com quem se pode falar! Eu por exemplo há pouco, foi de manhã, quando entrei, fui-me meter com uma das senhoras que lá estava em cima e lá estive a brincar com ela! E ela ficou toda contente e digo eu assim, “Olha, esta já ficou hoje bem-disposta!” (...) Há uma ou duas com quem a gente conversa e depois apareceram mais duas, uma vinha com uma revista ou com um jornal ou não sei quê, tivemos um bocadinho a conversar! Metade das coisas não ouvi, porque já não sei o que é que estava a fazer, e tinha coisas para fazer, e estava a fazer e estava entretida...estava acompanhada porque sabia que estavam ali pessoas que se eu quisesse, depois podia conversar com elas, ou se eu deixasse, elas conversavam comigo (...) Nisso sou capaz de me sentir com gente! (...) (E7, U.S.36)</p> <p><i>[Sente-se acompanhado]</i> Há aí pessoas boas! Há aí pessoas doentes boas, eu conheço-as! Há aí pessoas doentes boas, muito boas! E há aí até pessoas doentes que me estimam! Olhe, há lá uma com o nome da minha mãe, Mena, parece que tem um filho médico ou uma filha, se eu não disser nada, diz-me ela a mim! Se eu passar distraído, diz-me uma, duas, ou três vezes “Sr. Vasco!”, “Menina Mena!”, fica-se toda risonha, toda risonha! (...) (E9, U.S.31)</p> <p><i>[De uma maneira geral sente-se acompanhado]</i> Sinto! Porque as irmãs são boas, e os doentes, se não estão melhores é porque também não tem culpa muitos deles, não têm culpa de estar como estão, eu se tenho a paciência que eu tinha, (...) (E9, U.S.33)</p> <p><i>[Alguma vez se sentiu isolada ou sozinha]</i> Não! Como é que eu posso estar isolada?! Nos lares estou com muita gente! Nos lares?! Montes de gente! (...) eu não me sinto só porque eu não estou só! Estou com tanta gente à volta! (...) (E10, U.S.5)</p> <p><i>[Alguma vez já se sentiu só aqui dentro do lar]</i> Não...pois se eu não estou só, nunca me posso sentir só... (...) pois se eu estou com outras pessoas, não estou só... Para eu estar só, era se vivesse sozinha, estava só! (...) (E10, U.S.9)</p> <p><i>[Com pessoas à sua volta sente-se acompanhada]</i> Sim! (...) qualquer pessoa que tem pessoas à volta está acompanhada! (E10, U.S.12)</p>
--	--	--	--

			<p>[Com pessoas à sua volta sente-se acompanhada] Sim! Sinto! Há aqui pessoas muito simpáticas, para mim... Eu também espero que gostem de mim ou que simpatizem! Que até gostar vai um passo, simpatizar é outra, não é? Portanto, acho que sim! (...) (E11, U.S.26)</p> <p>[Com pessoas à sua volta, sente-se acompanhado] Sinto! (...) normalmente com as empregadas, eu falo...(...) eu não tenho problemas nenhuns, eu sou por natureza calado, quando me picam, às vezes eu também digo coisas que não devo dizer, mas se eu vir que não tem razão, também fico mal disposto... (...) (E13, U.S. 37)</p>
		9.4.3. Necessidade de estar só	<p>[Sente necessidade de estar sozinha aqui dentro do lar] Sim! Quando sinto necessidade, venho para o meu quarto um bocado, e estou no meu quarto, faço as minhas orações, tenho muita fé em Deus, e isso ajuda-me muito! (E2, U.S. 24)</p> <p>[Sente necessidade de estar sozinha] Não, aqui não, não me importo de ter companhia, mas o que é que, não se encontra...está tudo muito deficiente...(...) (E3, U.S.17)</p> <p>[Sente necessidade de estar sozinha] Não, tanto me faz... não, é-me indiferente! (...) (E4, U.S. 13)</p> <p>[O que é que é para si a solidão] olhe, a solidão para mim até é bom! Ao menos não estamos com barulhentos e barulhos e essa coisa toda, não tenho nada a ver com isso...Gosto mais de estar sozinha do que mal acompanhada [Risos] (...) (E5, U.S. 2)</p> <p>[Quando se sente sozinha sabe lidar com isso] Eu não, eu sinto-me bem sozinha! [Sente-se bem sozinha] Sinto! (...) (E5, U.S. 6)</p> <p>[Aqui dentro do lar, sente necessidade de estar sozinha] Não, não, não! Quando estou sozinha choro, e não sei quê... e às vezes “Estás aborrecida?”, “Não...” (...) [Esconde] Escondo sempre, não digo nada, porque se eu dissesse às Irmãs, pelo menos à Irmã Florinda, e antes da Irmã Florinda, umas que cá estavam, elas castigavam-nas... mas eu não quero fazer mal a ninguém. (...) (E6, U.S.13)</p>

			<p>[<i>Dentro do lar sente necessidade de estar sozinha</i>] Ouça, sinto, eu sinto, sinto até porque, repare, às vezes há aí discussões e conversas, e eu vou-me embora porque as pessoas estão todas engalfinhadas, ainda no outro dia, aconteceu aí com a D. Esmeralda (...) aquela história do pescoço (...) acabei por dar descompostura a duas, há coisas que não se dizem... Ouve uma que ficou... “Está-me a chamar a atenção?”, e eu disse assim, “Olhe, esta senhora tem epilepsia, é preciso ter cuidado! E Ela quando tem epilepsia, isto pode ser um processo!” apareceu passado um bocado a Irmã Florinda, e mando-a deitar! E ela quando eu lhe disse da epilepsia, é preciso ter cuidado, ficou um bocado... (...) Opah! Mas a gente incomoda-se! E depois ainda à frente daquela gente toda (...) (E7, U.S. 13)</p> <p>[<i>Sente a necessidade de estar sozinha</i>] Às vezes apetece-me ir para um sítio sozinha que ninguém me visse! E falar sozinha, desabafar à minha vontade...(E8, U.S.24)</p> <p>(...) Eu quando venho lá de baixo, às sete horas, ou seis, ou que é, preparo-me, vou lavar os dentes, vou-me lavar, vou tratar de mim e meto-me na cama, deitada, não vou lá para a sala mais, chega bem, estar ali todo o dia a ouvir, quanto mais ainda à noite...vou-me embora! (...) (E8, U.S.34)</p> <p>[<i>Sente a necessidade de estar sozinho</i>] Preciso porque há aqui muita maluca! E eu não posso perder as estribeiras... (...) (E9, U.S.17)</p> <p>[<i>Aqui dentro do lar, sente necessidade de estar sozinha</i>] Necessidade não! Gosto! Eu gosto! [<i>Porquê</i>] Porque eu gosto! Não sei explicar...Gosto de estar sozinha! (...) (E10, U.S.8)</p> <p>[<i>Quando está aqui dentro do lar sente necessidade de estar sozinha</i>] Sim, quando estou a ler! Se leio qualquer coisa assim e tal, subo sozinha! Porque eu tenho uma companhia de lar que vem para aqui e que está sempre a queixar-se de doenças, doenças, doenças e mais doenças, e eu fico maluca, de maneira que eu...coitada, a senhora já está com uma certa idade e agora está bastante atrapalhada, e já foi ontem ao médico de maneira que a senhora, quando ela está...Eu disse-lhe ”olhe que eu hoje vou ter aqui visita! oh, mas pode estar na mesma! (...) (E11, U.S.17)</p> <p>[<i>Sente a necessidade de estar sozinha</i>] Não, mesmo que estejam pessoas eu não</p>
--	--	--	--

			<p>me importo! Não me importo de estar com pessoas, com alguém que venha aqui, que esteja aqui...Não me importo... (...) (E12, U.S.15)</p> <p>[<i>Sente a necessidade de estar só</i>] Não, não tenho necessidade... sinto quando tenho coisas a fazer, que aproveito sempre o tempo e falo coisas... ou tenho botões para pregar ou qualquer coisa assim pequena, por exemplo do robe, aquelas “asilhas” de meter o cinto e adapto-me a coser, não faço outras coisas... (E13, U.S.29)</p>
		9.4.4. Momentos em que se sente só	<p>[<i>Quais são os momentos em que se sente mais só aqui dentro do lar</i>] É à noite! Tenho que vir cedo para a cama, e a pessoa que tenho ao pé de mim, não é normal, de maneira que não posso conviver com ela, ainda tenho muitas vezes que me aborrecer, o que é muito chato não é? Mas ela não se pode, nem a posso tratar como eu queria trata-la porque ela chora por tudo e por nada! (...) (E2, U.S. 25)</p> <p>[<i>Quais são os momentos em que se sente mais só</i>] Geralmente depois do jantar, o jantar é muito cedo, é cedo demais, e depois desaparece toda a gente, a partir das oito horas não há ninguém, acabo por me deitar, coisa que nunca faço, às nove, não se vê ninguém...(...) (E3, U.S.18)</p> <p>[<i>Quais são os momentos em que se sente mais sozinha</i>] Hum...não sei, mesmo que esteja sozinha no quarto, não sinto falta... (...) (E4, U.S. 14)</p> <p>[<i>Quais são os momentos em que se sente mais sozinha</i>] Não, eu nunca me sinto sozinha! Não, não tenho esses problemas... (...) (E5, U.S.8)</p> <p>[<i>Quando é que se sente só</i>] Eu sinto-me só quando elas me fazem mal ou assim... eu choro, choro, choro...(...) Porque quando a gente fala bem com uma pessoa e a pessoa para nós também é boa, a gente somos boas umas para as outras... não é? (...) (E6, U.S. 6)</p> <p>[<i>Quais são os momentos em que se sente mais sozinha</i>] Ah, eu não me sinto bem sozinha em parte nenhuma... (...) Eu sinto-me sozinha quando elas me traem... quando atiram comigo, mas não é só comigo, à noite para nos deitar, atiram com a gente para a cama! E não é só comigo! Portanto não tenho nada contra isso e não vou dizer nada a ninguém! Digo-lhe a si, porque estamos nesta conversa (...) (E6,</p>

			<p>U.S. 14)</p> <p>[<i>Quando se sente sozinha, o que é que faz para não se sentir sozinha</i>] Eu não me sinto sozinha, sozinha, nunca! Por exemplo, agora quero ir a um lado qualquer e tenho de pedir! Vão-me levar! Mas quando andava (...) de canadianas, corria tudo de canadianas, agora tenho que pedir... (...) (E6, U.S. 17)</p> <p>[<i>Quais são os momentos em que se sente mais sozinha</i>] Olhe, quando há discussões e esse tipo de coisas...pois, não dá! Custa-me mais isso, do que por exemplo vir uma Irmã Florinda ou uma Irmã Marta, e descompor-me porque eu fiz isto, porque eu fiz aquilo, porque não fiz assim, porque não fiz assado, ou que me venha uma empregada chamar a atenção, “olhe, que aconteceu isto...”, porque às vezes chamam a atenção, o chamar a atenção, eu não ligo assim muito, mas então este tipo de coisas, as pessoas estar a ofender as outras, porque não querem ser incomodadas com a doença que os outros têm, confrontadas com elas, isso incomoda-me muito! (...) (E7, U.S. 16)</p> <p>[<i>São os momentos em que se sente mais só aqui dentro do lar</i>] (...) e não é contra mim, percebe? No dia em que for contra mim, levam duas parelhas, levam duas respostas tortas e acabou! (...) Se eu descomponho as pessoas, se as outras estão presentes, eu não posso fazer fitas! Posso fazer fitas, se falar baixo! “Vocês tenham cuidado porque isto não se pode fazer à frente, e não se pode dizer à frente de uma pessoa!”. Não se pode excluir, pôr uma pessoa sozinha ou então vai passar a vida na cama! Eu tive a explicar o que era o ataque epilético, porque isto nunca se sabe quando é que há um ataque epilético! Mas sobretudo, é quando é contra os outros...(...) fico muito magoada (...) Eu fico muito magoada! E depois digo eu assim “Esta gente não serve para conversas!” E no entanto, sou a rapariga mais extraordinária (...) eu sou quase o supassumo, algumas, é claro que nem toda a gente gosta de mim! (...) (E7, U.S. 18)</p> <p>[<i>Quais são os momentos em que se sente mais só</i>] Por exemplo quando alguém faz anos, ou o meu pai, ou a minha mãe, ou as minhas irmãs...é quando eu me sinto pior... (...) Porque tinha uma palavrinha de carinho, e aqui não tenho! (...) (E8, U.S.25)</p> <p>[<i>Quais são os momentos aqui dentro do lar em que se sente mais sozinho</i>] É aqui!</p>
--	--	--	---

			<p><i>Lá no coiso estão uns bons, outros maus, a gente fala com os bons(...)</i> (E9, U.S.22)</p> <p><i>[Quais são os momentos em que se sente mais sozinha]</i> Mais só?? (...) Á noite! Porque eu gostava de ver programas da televisão que me interessavam e aqui não posso ver... (...) (E11, U.S.19)</p> <p><i>[Quais são os momentos em que se sente mais sozinha]</i> Eu nunca me sinto sozinha! Tenho sempre esta senhora para me acompanhar e nunca me sinto sozinha... Não me importo. Eu olho para isto [sopa de letras], isto não é fácil e estou entretida e oiço a telefonia. (...) (E12, U.S.16)</p> <p><i>[Se em algum momento se sente só, o que faz para se distrair]</i> Nunca me sinto sozinha... (...) (E12, U.S.17)</p> <p><i>[Quais são os momentos aqui dentro do lar em que se sente mais só]</i> Quando (...) penso na minha mulher que era a minha grande companhia, sempre nos demos bem e que agora não tenho! Estou aqui e estou a pensar onde ela está... Estou a vê-la acolá... [Olha para a fotografia], e não me deito dia nenhum que não lhe dê um beijinho... (E13, U.S.30)</p>
		9.4.5. Sentimentos de exclusão dentro da instituição	<p><i>[Aqui dentro do lar sente-se excluída ou isolada de alguma forma]</i> Não! Não! Nunca fui mal tratada aqui nem me sinto excluída, não! (...) (E2, U.S. 28)</p> <p><i>[Aqui dentro do lar, sente-se excluída de alguma forma]</i> Não, talvez não inteiramente, mas também não me sinto aceite (...) Pelas pessoas que estão cá..."Olha esta está cá há pouco!", "Olha esta veio agora", é os comentários que eu oiço, mas também não se aproximam, falam para os lados...[<i>Sente-se excluída pelas pessoas a verem como uma pessoa nova dentro do lar</i>] É... (E3, U.S.20)</p> <p><i>[Aqui dentro do lar sente-se excluída de alguma forma]</i> Excluída? Não acho que sou tal como outra qualquer, não sei... talvez seja [risos] (...) mas não faz mal... (E4, U.S. 16)</p> <p><i>[Aqui dentro do lar sente-se excluída de alguma forma]</i> Excluída?! Não, eu acho que não, eu penso que não... (...) (E5, U.S. 9)</p>

			<p>[<i>Dentro do lar sente-se excluída</i>] Não, sinto-me excluída é delas, das auxiliares, das empregadas (...) Porque elas são, algumas são más! Há aí uma ou duas que...mas eu faço que não...não digo nada (...) aquela forte, diz uma frase, quando eu passo por ela digo-lhe assim, a gente ri-se as duas! (...) (E6, U.S. 19)</p> <p>[<i>Aqui dentro do lar, sente-se excluída de alguma forma</i>] Excluída não! Excluída, excluída, não! (...) Só me sinto excluída quando não me deixam sair lá para fora! [Risos] É verdade! (...) os cuidados são tantos, para não me constipar (...) Eu disse à Irmã Florinda, “Oh senhora, olhe que galinha de campo não quer capoeira!”, e nós fomos sempre habituadas, estava chover não estava? A gente tinha aulas, “El-rei manda marchar, não manda chover!”(...) (E7, U.S.22)</p> <p>[<i>Aqui dentro so lar, sente-se excluída de alguma forma</i>] (...) Não, não, não...(...) (E8, U.S.28)</p> <p>[<i>Aqui dentro do lar sente-se excluído de alguma forma</i>] Não! tratam-me muito bem! Sou mais mal interpretado por certas empregadas que há aí, do que propriamente por Irmãs, nem a enfermeira me trata mal! Tratam-me todas bem! Há aí uma agora nova, que é a Irmã Francisca, eu fui à casa da minha filha e tive lá uma hora a empilhar a lenha, a Francisca era a que lá estava e depois era outra, mas entrei em cima das oito horas mesmo! Diz que estava aberto até às oito... eu entrei nas oito mas já não estava a Francisca...já lhe disse hoje até, lá em baixo no refeitório, “Tive uma hora a empilhar lenha!”... (...) (E9, U.S.25)</p> <p>(...) Fazer qualquer coisa que uma pessoa não aceita! Aceitar, esperar pela nossa vez, sim! Agora ir sempre para o mesmo sítio como algumas fazem, para ir tratar os doentes, sempre aquele mesmo sítio, não! Isso deve ter alterações! E desta vez, a gente esperar pela nossa vez! Não estar a querer atropelar ninguém! (...) (E9, U.S.27)</p> <p>[<i>Aqui dentro do lar sente-se excluída de alguma forma</i>] Não...para mim é indiferente estar ou não estar... (...) (E10, U.S.10)</p> <p>[<i>Dentro do lar, sente-se excluída de alguma forma</i>] Não! Não, agora é essa que não me fala, mas essa é como o outro... é um feitio muito especial e esse feitio</p>
--	--	--	--

			<p>especial não conta para mim! Não fala, não quer falar, não fale... (...) (E11, U.S.24)</p> <p><i>[Aqui dentro lar, sente-se excluída de alguma forma]</i> Não, não... todos me querem bem, eu também quero bem a toda a gente, não ponho de parte ninguém! Nem esta, nem aquela, não... eu falo bem com todas e dou-me bem com todas porque eu estou sempre aqui, vou comer, passo e falo e tudo... não há uma única pessoa que eu diga que não gosto! (...) (E12, U.S.18)</p> <p>(...) para quem está assim na solidão e eu tinha maneira para passar, que era ir para o Centro de Dia, mas também não me vêm buscar, vão buscar as senhoras lá dentro e não me veem aqui buscar e eu às vezes não quero ir porque estou com dores nas costas ou não sei quê... e uma maneira onde eu passeio é no corredor agarrado ao corrimão e ando ali para trás e para diante... (E13, U.S.23)</p> <p><i>[Dentro do lar sente-se excluído de alguma forma]</i> Excluído não! (...) que elas têm a sua vida, as empregadas têm horário, e têm horário para descanso e para ir à rua fumar e tal, mesmo dentro da hora de descanso, vão à rua fumam e voltam para dentro...mas eu não tenho razão de queixa, porque elas fazem o serviço, está a ver agora? Isto nem precisa ser lavado todos os dias, ela lavou ontem e há coisa mais ou menos de oito dias os vidros foram lavados...é para estar tudo limpo, realmente o lar é assim... (E13, U.S.32)</p>
--	--	--	--

ANEXO D

Guião de Entrevista à Coordenação Técnica do Lar Santa Catarina Labouré

Blocos	Objetivos específicos	Tópicos	Questões	Questões de Ajuda
Legitimação do Estudo	<ul style="list-style-type: none"> - Apresentação - Informar as entrevistada do que se pretende com a entrevista 	<ul style="list-style-type: none"> -Apresentação do tema a estudar -Objetivo: compreender o papel desempenhado dentro do lar, bem como os modelos de intervenção utilizados. 		
1. Papel desempenhado	<ul style="list-style-type: none"> -Compreender o papel desempenhado pela Coordenação Técnica 		<p>P1 – Há quanto tempo trabalham nesta instituição?</p> <p>P2 – Durante o tempo que aqui trabalharam desempenharam sempre a função de psicólogas?</p> <p>P3 – Uma vez que o trabalho da Assistente Social é absorvido pelo SAD, acabam por ser vocês a desempenhar esse papel. Quais são as funções que lhes foram delegadas?</p> <p>P4 – Como funciona a articulação do vosso trabalho com o da Assistente Social?</p>	

2. Intervenção e Acompanhamento	-Qual o Modelo de Intervenção adotado		<p>P5 – A vossa intervenção tem por base algum Modelo do Serviço Social?</p> <p>P6 – Enquanto profissionais, pensam que o acompanhamento prestado aos utentes é o suficiente?</p>	<p>Se sim, qual?</p> <p>Se não? O que seria necessário fazer, que neste momento não lhe é possível fazer?</p>
3. Objeto de Estudo	-Perceber qual a perspectiva enquanto profissionais, do tema a ser apresentado no relatório de estágio.		<p>P7- O combate à solidão e isolamento das pessoas idosas em meio rural e urbano, tem sido um tema muito debatido frequentemente. Pensam ser importante discutir este problema tendo no entanto, uma instituição (Lar) como contexto de intervenção?</p> <p>P8 – Na vossa opinião, que medidas ou estratégias deveriam ser adotadas, no combate à solidão dos utentes?</p>	

ENTREVISTA N° 1

Transcrição da Entrevista nº1

Entrevistados:

e[a]: Psicóloga do Lar e Centro de Dia

e[b]: Coordenadora Técnica do Lar e Centro de Dia

E: Há quanto tempo trabalham na instituição? e[a]: Eu fiz o estágio do último ano da faculdade em dois mil e dois, dois mil e três, depois fui-me embora e depois fui convidada a ficar a trabalhar em Setembro de dois mil e quatro, portanto trabalho cá desde Setembro de dois mil e quatro...

e[b]: E eu desde dois mil...

E: E durante o tempo em que trabalharam aqui sempre desempenharam a função de psicólogas? e[a]: Eu sim! E depois a partir de dois mil e oito...

e[b]: Quando nasceu a Lena...

e[a]: Sim, a partir de Março de dois mil e oito acumulei à função de psicóloga a função de assessoria da coordenação técnica, digamos assim...

e[b]: e Eu desde dois mil e oito que tenho funções de direção técnica e anteriormente foi sempre como psicóloga...

E: E uma vez que o trabalho da Assistente Social é absorvido pelo Serviço de apoio ao domicílio, acabam por ser vocês, que desempenham o papel da Assistente Social? e[b]:

Direção técnica, não de Assistente Social, é diferente...eu estou como diretora técnica e a Camila está como minha assessora, daí que o trabalho com mais visibilidade seja exatamente o nosso porque as coisas passam todas por aqui, ainda que no lar não seja propriamente direção técnica porque isso é a Irmã Florinda, contudo a Irmã Florinda delega em nós toda a parte vamos lá, burocrática/administrativa do lar, seja...

e[a]: Recolha de documentação...

e[b]: Recolha de documentação, cálculos de comparticipações, entrevistas dos candidatos, de admissão, articulação com as famílias, toda essa parte a Irmã Florinda delega em nós, ainda que seja em articulação com a Irmã Florinda, sempre... A Irmã Florinda é que aprova, a palavra final é sempre da Irmã Florinda, o que acontece é que a Vanessa [Assistente Social], atendendo a que no lar também não há tantas admissões como no apoio domiciliário que é muito mais variável, a Vanessa está, e vai inclusivamente quando as entrevistas são no exterior, por exemplo pessoas que estão dependentes para vir para o lar, porque as entrevistas de avaliação são feitas no domicílio, a Vanessa vai! e[a]: Ou no Hospital...

e[b]: Ou no Hospital, a Vanessa também vai e também participa no cálculo das comparticipações...houve agora uma situação com o Sr. Manuel, foi a Vanessa que resolveu...

A Vanessa também vai! O que acontece é que aqui o número de utentes, a proporção mesmo do número de utentes do apoio domiciliário que são duzentos, acaba por absorver efetivamente uma grande parte do tempo, mas a Vanessa continua a estar presente... É diferente, só que nós como estamos já, porque nós já cá estávamos quando a Vanessa veio! A Assistente Social que estava cá anteriormente saiu e durante algum tempo não houve Assistente Social, fui eu e a Camila que estivemos cá e as coisas foram-se encaminhando e fomos, não havia mais ninguém e tínhamos de ser nós a fazer e fomos fazendo... Entretanto a Irmã que cá estava, a diretora anterior delegou em nós estas funções técnicas, porque eramos nós que fazíamos... Com a vinda da Vanessa, a Vanessa acabou por nos apoiar e fazer parte, mas a verdade é que uma grande parte do trabalho sou eu e a Camila que fazemos, não sei se isso responde à sua pergunta... **E: Sim, responde, e como funciona a articulação do vosso trabalho com o trabalho da Vanessa?** e[b]: É com reuniões, para já porque temos uma relação relativamente informal, porque os gabinetes...temos a grande vantagem dos utentes descerem, grande parte deles desce, estão aqui no Centro de Dia, depois temos, agora também está aí a Inês como estagiária, mas temos um grupo de voluntários, temos as Irmãs lá em cima, temos a animadora, a auxiliar e a fisioterapeuta que se acontecer alguma situação anómala sinalizam-nos para nós, tanto sinalizam para mim como para a Camila como para a Vanessa, pronto... É um bocadinho aí, não há hierarquia, no fundo é quem está mais disponível ou quem está cá acaba por intervir! Depois temos reuniões semanais, que aí sim, se discute, Centro de Dia, Apoio Domiciliário e lar, o funcionamento do lar... paralelamente a isto tentamos, tem sido difícil, calendarizar com a Irmã Florinda estas tais reuniões, pronto... Mas ainda assim, a Irmã Florinda sinaliza também, normalmente é para “apagar fogos”, sinaliza cá para baixo e aí, também é um bocadinho indiferente... Há coisas que é mais com a Camila, como Psicóloga, e aí a Irmã socorre-se da Camila como Psicóloga, coisas que tenham mais a ver às vezes, por exemplo a relação pré-estabelecida quer com utentes quer com familiares, como somos nós muitas vezes que damos mais a cara, a Vanessa faz parte da entrevista de seleção, mas depois todo o processo de admissão é connosco, a ponte com a família acaba por ser connosco, depois comunicamos a participação que é calculada em conjunto, mas comunicamos, somos nós mais uma vez, as pessoas acabam por estabelecer uma relação connosco, e é um ciclo vicioso e depois acabam por vir ter connosco quando há questões, depois também tem a ver com preferências, os utentes também têm preferências das pessoas com quem gostam mais de falar, preferem falar mais com uma do que com outra, depois temos as reuniões com o Centro de Dia também, que agora estão um bocadinho paradas... mas tínhamos as reuniões como o Centro de Dia, este ano realizámos poucas, mas normalmente até é a Camila, porque como o Centro de Dia é uma valência à parte, é a Camila que acompanha mais de perto e a Irmã Cláudia, o Centro de Dia, mas basicamente é por e-mails... trocamos muita informação por e-mail sim!

e[a]: Mesmo de umas para as outras porque é mais fácil do que às vezes “Ah, tenho de dizer à Vanessa que...” e depois esqueço-me!

e[b]: Trocamos muitos e-mails por dia!

e[a]: Só para não esquecer trocamos muitos e-mails, até entre nós, enviamos uma pra a outra...

e[b]: Sim, sim...

e[a]: Para ficar registado porque ao menos ali sabemos que não...

e[b]: Fazemos uma impressão do e-mail e pomos no processo... Quem fez ooo, recebeu uma queixa, ou recebeu qualquer coisa, fica logo lá, mas basicamente é através das reuniões, distribuímos o trabalho, é muito através das reuniões...

e[a]: Ainda agora a Vanessa, me deu um caso de Centro de Dia e, um caso novo de um senhor para entrar no Centro de Dia, deu-me os contactos e pediu-me para eu ligar á filha porque ela está a fazer as guias do Apoio Domiciliário, pediu-me se podia ligar à filha para marcar para virem cá, portanto temos sempre essa articulação diária...

e[b]: A Vanessa já fez a recolha da informação...

e[a]: Sim, Sim!

e[b]: Já fez ela a recolha, descreve a situação, sinaliza e depois traz para aqui!

e[a]: Sim!

E: A vossa intervenção tem por base algum modelo do Serviço Social?

e[a]: Não foi propriamente uma situação combinada, mas acabamos por utilizar um Modelo Sistémico, preocupamo-nos com tudo o que diga respeito aos utentes, tudo o que envolva o utente, a família, o meio de onde veio, tentamos enquadrar muito bem as pessoas nesse sentido, portanto acabamos por utilizar um Modelo Sistémico todas nós, acho que é um modelo da instituição...não só nós, mas da instituição que tem esse cuidado de abordar os vários aspetos do utente... **E: E enquanto profissionais, vocês pensam que o acompanhamento prestado aos utentes, é o suficiente?**

e[b]: Nunca é...

e[a]: Com esta população nunca é suficiente porque as pessoas têm muitas necessidades, muitas limitações, e portanto...

E: E o que é que vocês acham que seria necessário fazer, que neste momento não se esteja a fazer?

e[a]: Era preciso termos uma bolsa de voluntários, por exemplo maior que nos permitisse que houvesse um acompanhamento de um para um, mais frequente com os utentes... porque no dia-a-dia e com tantas coisas que temos para tratar, às vezes, não temos...nós técnicos, tanto tempo para assim para estar com os utentes um a um, no dia-a-dia, portanto, tendo uma bolsa de voluntários, que pudesse acompanhar as pessoas! Temos os estagiários também, como a Inês que são uma mais-valia porque têm mais tempo, como não têm de se preocupar com estas coisas burocráticas, acabam por ter mais tempo só para a pessoa, não é?...

e[b]: A Terapeuta Ocupacional...

e[a]: Gostávamos de ter um Terapeuta Ocupacional, sim... Temos a Fisioterapeuta que faz, começou agora a fazer umas classes de terapia ocupacional, mas gostávamos de ter um técnico dessa área, com mais disponibilidade para os utentes, que estão muito limitados de facto... também não temos a Terapia da Fala que gostávamos de ter e não temos uma carrinha por exemplo, que nos permitiria muitas saídas ao exterior que sabemos que é uma falha muito grande que temos... E principalmente com a localização geográfica aqui do nosso Lar, está no centro da cidade, mas há aqui nada à volta, não há um café, não há um supermercadinho, não há uma loja onde uma pessoa possa ir comprar qualquer coisa, o acesso é muito difícil, isso isola aqui muitas pessoas nesta ilha, têm aqui o bar e o jardim, mas isola-as muito e como não temos um transporte nosso acaba por prejudicar, entre outras, as pessoas! Limita-as, limita-as muito! É um projeto que temos...

E: E essas limitações têm a ver com o facto de não existir o financiamento?

e[a]: Sim, Sim...

E: E Agora uma pergunta, que tem mais a ver com o meu estágio, o combate à solidão e o isolamento das pessoas idosas em meio rural e urbano tem sido um tema muito debatido frequentemente, mesmo na televisão, têm-se focado muito na questão da solidão dos idosos, e a questão que coloco é, se pensam ser importante discutir este problema tendo uma instituição como contexto de intervenção?

e[b]: Estar sozinho no meio de tanta gente, é isso? Se calhar até é mais pertinente do que a primeira questão que abordou, se calhar é muito mais pertinente o que é que se pode fazer dentro das instituições para que as pessoas não se sintam sozinhas do que lá fora, porque lá fora já há muita gente a estudar isso, e é mais preciso dentro das instituições, eu acho que sim, que seria muito mais pertinente...

e[a]: Acho que é importante quando se estuda a solidão, acho que é importante estudá-la de uma forma individual porque o que é para mim estar sozinho, não tem o mesmo significado da minha colega de quarto no lar, não é? O conceito de solidão para um idoso, não é o mesmo para o idoso que partilha com ele o quarto... Portanto, dentro da instituição, sim, acho que é muito pertinente todas as discussões sobre o isolamento no meio rural, no meio urbano e é das discussões que nascem novas ideias mas acho que para nós enquanto instituição que é mais interessante e que é no fundo o que a Inês tem estado a fazer, o que é o conceito de solidão para aquela pessoa, e tentarmos, era a nossa, o ideal era tentarmos uma intervenção a nível individual, a D. Ivete quer estar sozinha e o que é que nós podemos fazer? Acho que mais importante dentro das instituições não é trabalhar só no grupo, porque todas as intervenções são para o grupo praticamente e o que falha muitas vezes, não só na nossa, mas em todas as instituições é uma intervenção mais individual...e se calhar o que eu posso fazer, a solução que eu posso encontrar para uma pessoa uma e para a pessoa do lado é outra...

e[b]: Exactamente!

e[a]: E umas vezes tentar resolver uma e quando podermos tentar resolver as outras...

E: E na vossa opinião que medidas ou estratégias deveriam ser adotadas no combate à solidão dos utentes aqui dentro do lar?

e[b]: Há coisas muita giras que não combatem diretamente a solidão, não é tomar um Benurum para uma dora de cabeça, é ao contrário, é desligar o rádio para não doer a cabeça! Eu acho que passava muito por fazer uma coisa que nós temos um projeto, haja financiamento! Que tem a ver com trabalhar as famílias! Não é? Trabalhar as famílias! A ideia não é, eu não vejo as coisas assim, aquela sensibilizaçãozinha de explicar o que é um Alzheimer, não! Trabalhar emoções! Trabalhar sentimentos, frustrações, angustias, medos! Agora já não acontece tanto, não temos tido, mas havia situações em que estava a esposa no lar e o marido sozinho em casa ou situações como uma filha que veio cá hoje, a filha está pior que a mãe, como é que a filha presta assistência à mãe se a filha precisa de mais assistência que a mãe? Esse tipo de coisas... A própria filha esteve aqui a conversar connosco e expressava uma série de sentimentos complicados de gerir, porque ela própria não sabe, não é gerir a mãe que se sente sozinha, mas ela própria precisa de ajuda para cuidar dela...

e[a]: E a própria filha já é de idade, se a mãe tem quase cem anos, a filha deve ter quase oitenta ou setenta e cinco...

e[b]: Sim, temos outra situação de uma filha que tem não só a mãe, agora já não tem o pai, mas tinha a mãe num lar e o pai noutro, agora o pai faleceu, tem a mãe só e ainda tem a sogra! Então chegava, leva por vezes a mãe e a sogra, são dois idosos dependentes, que têm alguma dependência ainda que possa não ser física, mas em termos cognitivos, muito desorientados, não é uma coisa fácil! Tem filhos! Como dizia no outro dia, a geração entalada! Que tem de cuidar dos filhos que estão desempregados, não têm emprego, alguns têm de cuidar dos filhos e dos netos, e dos pais que têm reformas pequenas, têm que ajudar financeiramente os pais, mas depois também têm os filhos que têm que ajudar os netos! Os filhos dos filhos, quer dizer... Esta geração que neste momento que deveria dar apoio e suporte aos nossos idosos, uma boa parte, ela própria não consegue! Não é? E por muito suporte que se dê, lá está o que a Camila dizia, só no lar nós temos, agora está um bocadinho desfalcado, mas são cinquenta, quarenta e muitos, para si é mais o lar, mas há o lar, o Centro de Dia e o Apoio Domiciliário, e no Apoio Domiciliário há situações também muito, muito, muito graves de falta de suporte, isolamento, solidão, risco de suicídio e por aí fora! O que é que depois acaba por acontecer a nós técnicas? No lar mal ou bem, há um ou outro voluntário, há uma animadora, há uma fisioterapeuta, há não sei quantas funcionárias, há as Irmãs, a intervenção não é direcionada mas fisicamente não estão sozinhas! Nós temos que apagar fogos, o mais urgente, o mais necessário... Uma senhora ontem ou anteontem, muito desorientada, perdeu as chaves e ela tem por hábito vir para a rua! Se ela viesse para a rua, ela não voltava a entrar! E se isto acontecesse a meio da noite? Tivemos que ir

daqui, bombeiros, mandar fazer uma chave, ir lá, ver como é que... Ela queria ir para a rua atrás da gata, e perdeu uma chave a mais não sei o quê... Isto para dizer o quê? Em termos de lei, eu acho que era muito importante o trabalho com as famílias, eu acho que era essencial...

e[a]: Dotar as famílias de estratégias muitas vezes de poderem lidar com...

e[b]: Lidar com a morte, com a perda de capacidades, com os comportamentos desajustados que algumas pessoas têm e tentar ir por aí, mas obviamente que era uma psicoterapia de acompanhamento a estas pessoas não é? Psicoterapia de apoio, porque na maior parte são depressões, uma grande parte são depressões, portanto trabalhar um bocadinho esta questão! E até porque é um espaço muito individualizado! Em termos de saúde, eu penso que os cuidados, porque também depois acaba por, a perda da audição, não é? Que faz com que o isolamento seja maior e a solidão maior, porque a pessoa não ouve, sente-se excluída, não percebe, uma pessoa não percebe porque é que está toda a gente a rir! Porque não ouviu... Em termos de cuidados de saúde, temos a fisioterapia alargada neste momento, que é de manhã e passou a ser á tarde, em termos de cuidados de enfermagem, o médico, mas não acho que seja por aí e depois era um trabalho de fundo com as funcionárias que tem de ir muito para além de formação, e de Alzheimers isso já não, isso estão elas fartas de ter e fartas de ouvir, posicionamentos, estimulação cognitiva, animação, isso elas, isso.... É ao contrário, é trabalha-las a elas...

e[a]: Porque se a própria pessoa, a própria funcionária não estiver bem consigo própria, porque muitas têm problemas com a família, não estão bem com elas, como é que vão conseguir estar bem com os idosos? Portanto, a nossa intervenção, nós gostávamos...

e[b]: E é uma pescadinha de rabo na boca, porque é uma profissão extremamente mal paga, muitíssimo mal paga para o trabalho físico, mental, além de que é por turnos, uma boa parte delas é por turnos, Sábados, Domingos, feriados, Natal, Páscoa, isto não fecha o lar, o salário desta categoria são 507€, fora os descontos, a alimentação nem sequer recebem subsídio, recebem a alimentação, se calhar algumas preferiam trazer uma sandes e receber mais qualquer coisa, pronto...têm filhos muitas delas, elas próprias precisam de ajuda, portanto colocamos sistematicamente pessoas que precisam de ajuda a cuidar de pessoas precisam de ajuda, logo aí... depois eu acho, agora apareceu um processo giríssimo que é o dos RVCC's, que vão iniciar em breve se Deus quiser, e achamos que pode ser uma maneira delas se valorizarem, tentar irmos por aí, a Irmã Florinda disponibilizou uma sala, disponibilizou essa sala porque muitas não têm computador em casa ou internet, e nós todas disponibilizámo-nos para dar assistência, porque muitas nunca trabalharam com um computador, não fazem ideia de como fazer uma pesquisa no Google, o que é um Word, não sabem nada disso! Então elas são livres! Ou fazemos uma escala e elas marcam, reservam, no dia tal está a Camila, no outro dia estou eu, está a Vanessa, estamos todas...isto é transversal, Lar, Centro de Dia e Apoio Domiciliário, apanha as funcionárias todas ou então simplesmente elas marcam com quem quiserem, porque há simpatias! Se já é difícil expor-me porque eu não sei, expor-me a uma pessoa por quem eu

não tenho grande simpatia, a coisa piora. Então, acho que os eixos de intervenção eram no pessoal, e nas famílias e porque se mudarmos à volta, o idoso vai sentir a mudança, não é? E isso vai fazer com que ele se sinta melhor e menos isolado. Além do mais, eu puxo a brasa à minha sardinha, a psicologia, não é? A questão do luto, quando morre os filhos, os irmãos, não é? As pessoas muitas delas, uma senhora que me dizia “Viver muito não é bom porque já não tenho ninguém, perdi-os todos!”, tinha cem anos, era alguém que dizia, tinha noventa e muitos...

e[a]: Até há uma frase muito gira que diz “Toda a gente quer viver muito, mas ninguém quer ser velho”, não é? E o viver muito implica que perdem...

E: Capacidades...

e[a]: Para além das capacidades físicas, uma pessoa que viva quase cem anos, perde toda a gente...

e[b]: Os irmãos, os sobrinhos, filhos, marido, os amigos...

e[a]: Todas as pessoas de referência...

e[b]: A casa, depois vem para o lar, perde a casa, perde as coisas dela, perde a privacidade, perde a autonomia muitas vezes, as rotinas, quase tudo a perder e é difícil trabalhar isto, é muito difícil encontrar...é engraçado, há um estudo muito giro que eu estive a ler no outro dia, aquilo não é bem um estudo, é um livro de um psicólogo/psiquiatra, a tradução era brasileira, aquilo era alemão, que esteve num campo de concentração, e a história é como é que ele conseguiu sobreviver, ele também perdeu toda a gente, eu acho que ele era casado, não tenho a certeza se ele tinha filhos, foram separados, ele foi para um campo de concentração, e ele diz que por uma série de felizes coincidências, várias vezes escapou às câmaras de gás...

e[a]: Ele era Psiquiatra porque era médico, porque uma vez o chamaram para ir socorrer alguém...

e[b]: Como médico sim, mas era médico psiquiatra sim, e então ele a dada altura, primeiro descreve e depois faz uma análise à luz da teoria que ele segue, o que nos faz não desistir é ter um objetivo, é manter um objetivo! E ele a dada altura fala disso, como é que se conseguia diariamente redefinir objetivos e eu acho que o que muitas vezes acontece é que nós não conseguimos chegar aí com essas pessoas, não conseguimos que elas tenham objetivos, e às vezes podem ser coisas muito pequeninas, mas isto exigia uma atenção quase de um para um assim como a estimulação cognitiva de grande dependentes, uma Judite por exemplo, uma intervenção, apesar da Judite não ser um idoso, que a Judite nem sequer é idosa, não tem idade para ser considerada idosa, tinha de ser diário, repetitivo, diário...

e[a]: Não temos pessoal suficiente para o que era ideal, para o que nós sabemos que devia ser mas não conseguimos porque não temos tempo nós, somos muito poucas se formos a ver...

e[b]: Sim, mapas da Segurança Social, relatórios, admissões... [mostra mapa de férias das funcionárias] É daí que o que fazemos não é de Assistente Social, não é de gestoras, no fundo eu e a Camila, tenho dividido sempre com a Camila, a Camila foi minha estagiária na parte da formação e temos vindo a trabalhar sempre juntas e isto acabou por...

e[a]: Isto não é de Psicóloga, nem de Assistente Social...

e[b]: É de Assistente social, se tiver na posição de Diretora Técnica, nós chamamos-lhe coordenação, no fundo é coordenar os sectores e a parte burocrática, as férias, as faltas, as participações acabam por vir, porque acabo por ser eu a pessoa responsável não é? O que é que anda a fazer e isso passa por aqui, uma supervisão... as Assistentes Sociais mesmo no Apoio domiciliário, calculam, fazem um parecer, o porquê daquele valor e submetem à consideração e depois daqui leva sim ou não... muitas vezes é sim! Porque elas é que conhecem as situações, elas é que têm a sensibilidade de estar lá e ver, como a Inês foi... Mas este nosso trabalho não é, é de Assistente Social no sentido em que tradicionalmente o cargo de Diretora Técnica era das Assistentes Sociais, tradicionalmente, pronto... Assistentes Sociais, homens ou mulheres tem sido, a escolha de sermos nós, quero acreditar que por mérito, e também por antiguidade, não é? Já cá estamos à muitos anos, viemos para cá no último ano da faculdade, a Camila ainda fez uma interrupção mas eu nunca fiz, estive aqui, estive no Lar da Estrela, passei para o Apoio Domiciliário, e é natural que as pessoas já conhecessem o meu trabalho, já me conhecessem muito bem, as colegas que estavam cá, já não estão todas, mas também me conheciam, também me validavam a minha intervenção e daí estar num cargo de Direcção Técnica, não de Assistente Social, até porque eu não meto a foice em ceara alheia... não sei se respondi...

E: Respondeu sim, obrigada!

1º Tratamento da entrevista nº1

Entrevistados:

e[a]: Psicóloga do Lar e Centro de Dia

e[b]: Coordenadora Técnica do Lar e Centro de Dia

[*Há quanto tempo trabalham na instituição*] e[a]: Eu fiz o estágio do último ano da faculdade em dois mil e dois, dois mil e três, depois fui-me embora e depois fui convidada a ficar a trabalhar em Setembro de dois mil e quatro, portanto trabalho cá desde Setembro de dois mil e quatro...

e[b]: E eu desde dois mil...

[*Sempre desempenharam a função de psicólogas*] e[a]: Eu sim! E depois a partir de dois mil e oito (...) a partir de Março de dois mil e oito acumulei à função de psicóloga a função de assessoria da coordenação técnica, digamos assim...

e[b]: e Eu desde dois mil e oito que tenho funções de direção técnica e anteriormente foi sempre como psicóloga...

[*Desempenham o papel da Assistente Social*] e[b]: Direção técnica, não de Assistente Social, é diferente...eu estou como diretora técnica e a Camila está como minha assessora, daí que o trabalho com mais visibilidade seja exatamente o nosso porque as coisas passam todas por aqui, ainda que no lar não seja propriamente direção técnica porque isso é a Irmã Florinda, contudo a Irmã Florinda delega em nós toda a parte vamos lá, burocrática/administrativa do lar, seja(...) Recolha de documentação, cálculos de comparticipações, entrevistas dos candidatos, de admissão, articulação com as famílias, toda essa parte a Irmã Florinda delega em nós, ainda que seja em articulação com a Irmã Florinda, sempre... A Irmã Florinda é que aprova, a palavra final é sempre da Irmã Florinda, o que acontece é que a Vanessa [Assistente Social], atendendo a que no lar também não há tanta admissões como no apoio domiciliário que é muito mais variável, a Vanessa está, e vai inclusivamente quando as entrevistas são no exterior, por exemplo pessoas que estão dependentes para vir para o lar, porque as entrevistas de avaliação são feitas no domicílio (...) Ou no Hospital, a Vanessa também vai e também participa no cálculo das comparticipações...houve agora uma situação com o Sr. Manuel, foi a Vanessa que resolveu... A Vanessa também vai! O que acontece é que aqui o número de utentes, a proporção mesmo do número de utentes do apoio domiciliário que são duzentos, acaba por absorver

efetivamente uma grande parte do tempo, mas a Vanessa continua a estar presente... É diferente, só que nós como estamos já, porque nós já cá estávamos quando a Vanessa veio! A Assistente Social que estava cá anteriormente saiu e durante algum tempo não houve Assistente Social, fui eu e a Camila que estivemos cá e as coisas foram-se encaminhando e fomos, não havia mais ninguém e tínhamos de ser nós a fazer e fomos fazendo... Entretanto a Irmã que cá estava, a diretora anterior delegou em nós estas funções técnicas, porque eramos nós que fazíamos... Com a vinda da Vanessa, a Vanessa acabou por nos apoiar e fazer parte, mas a verdade é que uma grande parte do trabalho sou eu e a Camila que fazemos (...)

[*Articulação do vosso trabalho com o trabalho da Assistente Social*] e[b]: É com reuniões, para já porque temos uma relação relativamente informal, porque os gabinetes...temos a grande vantagem dos utentes descenderem, grande parte deles desce, estão aqui no Centro de Dia, depois temos, agora também está aí a Inês como estagiária, mas temos um grupo de voluntários, temos as Irmãs lá em cima, temos a animadora, a auxiliar e a fisioterapeuta que se acontecer alguma situação anómala sinalizam-nos para nós, tanto sinalizam para mim como para a Camila como para a Vanessa, pronto... É um bocadinho aí, não há hierarquia, no fundo é quem está mais disponível ou quem está cá acaba por intervir! Depois temos reuniões semanais, que aí sim, se discute, Centro de Dia, Apoio Domiciliário e lar, o funcionamento do lar... paralelamente a isto tentamos, tem sido difícil, calendarizar com a Irmã Florinda estas tais reuniões, pronto... Mas ainda assim, a Irmã Florinda sinaliza também, normalmente é para “apagar fogos”, sinaliza cá para baixo e aí, também é um bocadinho indiferente... Há coisas que é mais com a Camila, como Psicóloga, e aí a Irmã socorre-se da Camila como Psicóloga, coisas que tenham mais a ver às vezes, por exemplo a relação pré-estabelecida quer com utentes quer com familiares, como somos nós muitas vezes que damos mais a cara, a Vanessa faz parte da entrevista de seleção, mas depois todo o processo de admissão é connosco, a ponte com a família acaba por ser connosco, depois comunicamos a participação que é calculada em conjunto, mas comunicamos, somos nós mais uma vez, as pessoas acabam por estabelecer uma relação connosco, e é um ciclo vicioso e depois acabam por vir ter connosco quando há questões, depois também tem a ver com preferências, os utentes também têm preferências das pessoas com quem gostam mais de falar, preferem falar mais com uma do que com outra, depois temos as reuniões com o Centro de Dia também, que agora estão um bocadinho paradas... mas tínhamos as reuniões como o Centro de Dia, este ano realizámos poucas, mas normalmente até é a Camila, porque como o Centro de Dia é uma valência à parte, é a Camila que acompanha mais de perto e a Irmã Cláudia, o Centro de Dia, mas basicamente é por e-mails... trocamos muita informação por e-mail sim!

e[a]: Mesmo de umas para as outras porque é mais fácil do que às vezes “Ah, tenho de dizer à Vanessa que...” e depois esqueço-me! (...) Só para não esquecer trocamos muitos e-mails, até

entre nós, enviamos uma pra a outra(...) Para ficar registado porque ao menos ali sabemos que não...

e[b]: Fazemos uma impressão do e-mail e pomos no processo... Quem (...) recebeu uma queixa, ou recebeu qualquer coisa, fica logo lá, mas basicamente é através das reuniões, distribuímos o trabalho, é muito através das reuniões...

e[a]: Ainda agora a Vanessa, me deu um caso de Centro de Dia e, um caso novo de um senhor para entrar no Centro de Dia, deu-me os contactos e pediu-me para eu ligar á filha porque ela está a fazer as guias do Apoio Domiciliário, pediu-me se podia ligar à filha para marcar para virem cá, portanto temos sempre essa articulação diária...

e[b]: A Vanessa já fez a recolha da informação (...) descreve a situação, sinaliza e depois traz para aqui! (...)

[*Intervenção baseada num modelo do Serviço Social*] e[a]: Não foi propriamente uma situação combinada, mas acabamos por utilizar um Modelo Sistémico, preocupamo-nos com tudo o que diga respeito aos utentes, tudo o que envolva o utente, a família, o meio de onde veio, tentamos enquadrar muito bem as pessoas nesse sentido, portanto acabamos por utilizar um Modelo Sistémico todas nós, acho que é um modelo da instituição...não só nós, mas da instituição que tem esse cuidado de abordar os vários aspetos do utente...

[*É suficiente o acompanhamento prestado aos utentes*] (...) Com esta população nunca é suficiente porque as pessoas têm muitas necessidades, muitas limitações, e portanto...

[*O que falta ser feito de momento*] e[a]: Era preciso termos uma bolsa de voluntários, por exemplo maior que nos permitisse que houvesse um acompanhamento de um para um, mais frequente com os utentes... porque no dia-a-dia e com tantas coisas que temos para tratar, às vezes, não temos...nós técnicos, tanto tempo para assim para estar com os utentes um a um, no dia-a-dia, portanto, tendo uma bolsa de voluntários, que pudesse acompanhar as pessoas! Temos os estagiários também, como a Inês que são uma mais-valia porque têm mais tempo, como não têm de se preocupar com estas coisas burocráticas, acabam por ter mais tempo só para a pessoa, não é?... (...)

e[a]: Gostávamos de ter um Terapeuta Ocupacional (...) Temos a Fisioterapeuta que faz, começou agora a fazer umas classes de terapia ocupacional, mas gostávamos de ter um técnico dessa área, com mais disponibilidade para os utentes, que estão muito limitados de facto... também não temos a Terapia da Fala que gostávamos de ter e não temos uma carrinha por exemplo, que nos permitiria muitas saídas ao exterior que sabemos que é uma falha muito grande que temos... E principalmente com a localização geográfica aqui do nosso Lar, está no centro da cidade, mas há aqui nada à volta, não há um café, não há um supermercadozinho, não

há uma loja onde uma pessoa possa ir comprar qualquer coisa, o acesso é muito difícil, isso isola aqui muitas pessoas nesta ilha, têm aqui o bar e o jardim, mas isola-as muito e como não temos um transporte nosso acaba por prejudicar, entre aspas, as pessoas! Limita-as, limita-as muito! É um projeto que temos...

[*Limitações a nível do financiamento*] e[a]: Sim, Sim...

[*Importância da discussão da temática, Solidão, num contexto de institucionalização*]

e[b]: Estar sozinho no meio de tanta gente, é isso? Se calhar até é mais pertinente do que a primeira questão que abordou, se calhar é muito mais pertinente o que é que se pode fazer dentro das instituições para que as pessoas não se sintam sozinhas do que lá fora, porque lá fora já há muita gente a estudar isso, e é mais preciso dentro das instituições, eu acho que sim, que seria muito mais pertinente...

e[a]: Acho que é importante quando se estuda a solidão, acho que é importante estudá-la de uma forma individual porque o que é para mim estar sozinho, não tem o mesmo significado da minha colega de quarto no lar, não é? O conceito de solidão para um idoso, não é o mesmo para o idoso que partilha com ele o quarto... Portanto, dentro da instituição, sim, acho que é muito pertinente todas as discussões sobre o isolamento no meio rural, no meio urbano e é das discussões que nascem novas ideias mas acho que para nós enquanto instituição que é mais interessante e que é no fundo o que a Inês tem estado a fazer, o que é o conceito de solidão para aquela pessoa (...) o ideal era tentarmos uma intervenção a nível individual, a D. Ivete quer estar sozinha e o que é que nós podemos fazer? Acho que mais importante dentro das instituições não é trabalhar só no grupo, porque todas as intervenções são para o grupo praticamente e o que falha muitas vezes, não só na nossa, mas em todas as instituições é uma intervenção mais individual...e se calhar o que eu posso fazer, a solução que eu posso encontrar para uma pessoa uma e para a pessoa do lado é outra (...) E umas vezes tentar resolver uma e quando podermos tentar resolver as outras...

[*Medidas ou estratégias a ser adotadas no combate à solidão dos utentes institucionalizados*]

e[b]: Há coisas muita giras que não combatem diretamente a solidão, não é tomar um Benurom para uma dor de cabeça, é ao contrário, é desligar o rádio para não doer a cabeça! Eu acho que passava muito por fazer uma coisa que nós temos um projeto, haja financiamento! Que tem a ver com trabalhar as famílias! (...) A ideia não é, eu não vejo as coisas assim, aquela sensibilizaçãozinha de explicar o que é um Alzheimer, não! Trabalhar emoções! Trabalhar sentimentos, frustrações, angustias, medos! Agora já não acontece tanto, não temos tido, mas havia situações em que estava a esposa no lar e o marido sozinho em casa ou situações como uma filha que veio cá hoje, a filha está pior que a mãe, como é que a filha presta assistência à

mãe se a filha precisa de mais assistência que a mãe? Esse tipo de coisas... A própria filha esteve aqui a conversar connosco e expressava uma série de sentimentos complicados de gerir, porque ela própria não sabe, não é gerir a mãe que se sente sozinha, mas ela própria precisa de ajuda para cuidar dela (...) temos outra situação de uma filha que tem não só a mãe, agora já não tem o pai, mas tinha a mãe num lar e o pai noutro, agora o pai faleceu, tem a mãe só e ainda tem a sogra! Então chegava, leva por vezes a mãe e a sogra, são dois idosos dependentes, que têm alguma dependência ainda que possa não ser física, mas em termos cognitivos, muito desorientados, não é uma coisa fácil! Tem filhos! Como dizia no outro dia, a geração entalada! Que tem de cuidar dos filhos que estão desempregados, não têm emprego, alguns têm de cuidar dos filhos e dos netos, e dos pais que têm reformas pequenas, têm que ajudar financeiramente os pais, mas depois também têm os filhos que têm que ajudar os netos! Os filhos dos filhos, quer dizer... Esta geração que neste momento que deveria dar apoio e suporte aos nossos idosos, uma boa parte, ela própria não consegue! Não é? E por muito suporte que se dê, lá está o que a Camila dizia, só no lar nós temos, agora está um bocadinho desfalcado, mas são cinquenta, quarenta e muitos, para si é mais o lar, mas há o lar, o Centro de Dia e o Apoio Domiciliário, e no Apoio Domiciliário há situações também muito, muito, muito graves de falta de suporte, isolamento, solidão, risco de suicídio e por aí fora! O que é que depois acaba por acontecer a nós técnicas? No lar mal ou bem, há um ou outro voluntário, há uma animadora, há uma fisioterapeuta, há não sei quantas funcionárias, há as Irmãs, a intervenção não é direcionada mas fisicamente não estão sozinhas! Nós temos que apagar fogos, o mais urgente, o mais necessário... Uma senhora ontem ou anteontem, muito desorientada, perdeu as chaves e ela tem por hábito vir para a rua! Se ela viesse para a rua, ela não voltava a entrar! E se isto acontecesse a meio da noite? Tivemos que ir daqui, bombeiros, mandar fazer uma chave, ir lá, ver como é que... Ela queria ir para a rua atrás da gata, e perdeu uma chave a mais não sei o quê... Isto para dizer o quê? Em termos de lei, eu acho que era muito importante o trabalho com as famílias, eu acho que era essencial...

e[a]: Dotar as famílias de estratégias muitas vezes de poderem lidar com...

e[b]: Lidar com a morte, com a perda de capacidades, com os comportamentos desajustados que algumas pessoas têm e tentar ir por aí, mas obviamente que era uma psicoterapia de acompanhamento a estas pessoas não é? Psicoterapia de apoio, porque na maior parte são depressões, uma grande parte são depressões, portanto trabalhar um bocadinho esta questão! E até porque é um espaço muito individualizado! Em termos de saúde, eu penso que os cuidados, porque também depois acaba por, a perda da audição, não é? Que faz com que o isolamento seja maior e a solidão maior, porque a pessoa não ouve, sente-se excluída, não percebe, uma pessoa não percebe porque é que está toda a gente a rir! Porque não ouviu... Em termos de cuidados de saúde, temos a fisioterapia alargada neste momento, que é de manhã e passou a ser á tarde, em termos de cuidados de enfermagem, o médico, mas não acho que seja por aí e depois era um

trabalho de fundo com as funcionárias que tem de ir muito para além de formação, e de Alzheimers isso já não, isso estão elas fartas de ter e fartas de ouvir, posicionamentos, estimulação cognitiva, animação, isso elas, isso.... É ao contrário, é trabalha-las a elas...

e[a]: Porque se a própria pessoa, a própria funcionária não estiver bem consigo própria, porque muitas têm problemas com a família, não estão bem com elas, como é que vão conseguir estar bem com os idosos? Portanto, a nossa intervenção, nós gostávamos...

e[b]: E é uma pescadinha de rabo na boca, porque é uma profissão extremamente mal paga, muitíssimo mal paga para o trabalho físico, mental, além de que é por turnos, uma boa parte delas é por turnos, Sábados, Domingos, feriados, Natal, Páscoa, isto não fecha o lar, o salário desta categoria são 507€, fora os descontos, a alimentação nem sequer recebem subsídio, recebem a alimentação, se calhar algumas preferiam trazer uma sandes e receber mais qualquer coisa, pronto...têm filhos muitas delas, elas próprias precisam de ajuda, portanto colocamos sistematicamente pessoas que precisam de ajuda a cuidar de pessoas precisam de ajuda, logo aí... depois eu acho, agora apareceu um processo giríssimo que é o dos RVCC's, que vão iniciar em breve se Deus quiser, e achamos que pode ser uma maneira delas se valorizarem, tentar irmos por aí, a Irmã Florinda disponibilizou uma sala, disponibilizou essa sala porque muitas não têm computador em casa ou internet, e nós todas disponibilizámo-nos para dar assistência, porque muitas nunca trabalharam com um computador, não fazem ideia de como fazer uma pesquisa no Google, o que é um Word, não sabem nada disso! Então elas são livres! Ou fazemos uma escala e elas marcam, reservam, no dia tal está a Camila, no outro dia estou eu, está a Vanessa, estamos todas...isto é transversal, Lar, Centro de Dia e Apoio Domiciliário, apanha as funcionárias todas ou então simplesmente elas marcam com quem quiserem, porque há simpatias! Se já é difícil expor-me porque eu não sei, expor-me a uma pessoa por quem eu não tenho grande simpatia, a coisa piora. Então, acho que os eixos de intervenção eram no pessoal, e nas famílias e porque se mudarmos à volta, o idoso vai sentir a mudança, não é? E isso vai fazer com que ele se sinta melhor e menos isolado. Além do mais, eu puxo a brasa à minha sardinha, a psicologia, não é? A questão do luto, quando morre os filhos, os irmãos, não é? As pessoas muitas delas, uma senhora que me dizia “Viver muito não é bom porque já não tenho ninguém, perdi-os todos!”, tinha cem anos, era alguém que dizia, tinha noventa e muitos...

e[a]: Até há uma frase muito gira que diz “Toda a gente quer viver muito, mas ninguém quer ser velho”, não é? E o viver muito implica que perdem...

[Capacidades] e[a]: Para além das capacidades físicas, uma pessoa que viva quase cem anos, perde toda a gente (...) Todas as pessoas de referência...

e[b]: A casa, depois vem para o lar, perde a casa, perde as coisas dela, perde a privacidade, perde a autonomia muitas vezes, as rotinas, quase tudo a perder e é difícil trabalhar isto, é muito

difícil encontrar...é engraçado, há um estudo muito giro que eu estive a ler no outro dia, aquilo não é bem um estudo, é um livro de um psicólogo/psiquiatra, a tradução era brasileira, aquilo era alemão, que esteve num campo de concentração, e a história é como é que ele conseguiu sobreviver, ele também perdeu toda a gente, eu acho que ele era casado, não tenho a certeza se ele tinha filhos, foram separados, ele foi para um campo de concentração, e ele diz que por uma série de felizes coincidências, várias vezes escapou às câmaras de gás (...) então ele a dada altura, primeiro descreve e depois faz uma análise à luz da teoria que ele segue, o que nos faz não desistir é ter um objetivo, é manter um objetivo! E ele a dada altura fala disso, como é que se conseguia diariamente redefinir objetivos e eu acho que o que muitas vezes acontece é que nós não conseguimos chegar aí com essas pessoas, não conseguimos que elas tenham objetivos, e às vezes podem ser coisas muito pequeninas, mas isto exigia uma atenção quase de um para um assim como a estimulação cognitiva de grande dependentes, uma Judite por exemplo, uma intervenção, apesar da Judite não ser um idoso, que a Judite nem sequer é idosa, não tem idade para ser considerada idosa, tinha de ser diário, repetitivo, diário...

e[a]: Não temos pessoal suficiente para o que era ideal, para o que nós sabemos que devia ser mas não conseguimos porque não temos tempo nós, somos muito poucas se formos a ver...

e[b]: Sim, mapas da Segurança Social, relatórios, admissões... [mostra mapa de férias das funcionárias] É daí que o que fazemos não é de Assistente Social, não é de gestoras, no fundo eu e a Camila, tenho dividido sempre com a Camila, a Camila foi minha estagiária na parte da formação e temos vindo a trabalhar sempre juntas e isto acabou por...

e[a]: Isto não é de Psicóloga, nem de Assistente Social...

e[b]: É de Assistente social, se tiver na posição de Diretora Técnica, nós chamamos-lhe coordenação, no fundo é coordenar os sectores e a parte burocrática, as férias, as faltas, as participações acabam por vir, porque acabo por ser eu a pessoa responsável não é? O que é que anda a fazer e isso passa por aqui, uma supervisão... as Assistentes Sociais mesmo no Apoio domiciliário, calculam, fazem um parecer, o porquê daquele valor e submetem à consideração e depois daqui leva sim ou não...muitas vezes é sim! Porque elas é que conhecem as situações, elas é que têm a sensibilidade de estar lá e ver (...) Mas este nosso trabalho não é, é de Assistente Social no sentido em que tradicionalmente o cargo de Diretora Técnica era das Assistentes Sociais, tradicionalmente, pronto... Assistentes Sociais, homens ou mulheres tem sido, a escolha de sermos nós, quero acreditar que por mérito, e também por antiguidade, não é? Já cá estamos há muitos anos, viemos para cá no último ano da faculdade, a Camila ainda fez uma interrupção mas eu nunca fiz, estive aqui, estive no Lar da Estrela, passei para o Apoio Domiciliário, e é natural que as pessoas já conhecessem o meu trabalho, já me conhecessem muito bem, as colegas que estavam cá, já não estão todas, mas também me conheciam, também

me validavam a minha intervenção e daí estar num cargo de Direção Técnica, não de Assistente Social, até porque eu não meto a foice em ceara alheia... (...)

Pré-Categorização da entrevista nº1

Entrevistados:

e[a]: Psicóloga do Lar e Centro de Dia

e[b]: Coordenadora Técnica do Lar e Centro de Dia

1. [*Há quanto tempo trabalham na instituição*] e[a]: Eu fiz o estágio do último ano da faculdade em dois mil e dois, dois mil e três, depois fui-me embora e depois fui convidada a ficar a trabalhar em Setembro de dois mil e quatro, portanto trabalho cá desde Setembro de dois mil e quatro...
2. e[b]: E eu desde dois mil...
3. [*Sempre desempenharam a função de psicólogas*] e[a]: Eu sim! E depois a partir de dois mil e oito (...) a partir de Março de dois mil e oito acumulei à função de psicóloga a função de assessoria da coordenação técnica, digamos assim...
4. e[b]: e Eu desde dois mil e oito que tenho funções de direcção técnica e anteriormente foi sempre como psicóloga...
5. [*Desempenham o papel da Assistente Social*] e[b]: Direcção técnica, não de Assistente Social, é diferente...eu estou como directora técnica e a Camila está como minha assessora, daí que o trabalho com mais visibilidade seja exactamente o nosso porque as coisas passam todas por aqui, ainda que no lar não seja propriamente direcção técnica porque isso é a Irmã Florinda, contudo a Irmã Florinda delega em nós toda a parte vamos lá, burocrática/administrativa do lar, seja (...) Recolha de documentação, cálculos de comparticipações, entrevistas dos candidatos, de admissão, articulação com as famílias, toda essa parte a Irmã Florinda delega em nós, ainda que seja em articulação com a Irmã Florinda, sempre... A Irmã Florinda é que aprova, a palavra final é sempre da Irmã Florinda, (...)
6. (...) o que acontece é que a Vanessa [Assistente Social], atendendo a que no lar também não há tanta admissões como no apoio domiciliário que é muito mais variável, a Vanessa está, e vai inclusivamente quando as entrevistas são no exterior, por exemplo pessoas que estão dependentes para vir para o lar, porque as entrevistas de avaliação são feitas no domicílio (...) Ou no Hospital, a Vanessa também vai e também participa no

cálculo das comparticipações...houve agora uma situação com o Sr. Manuel, foi a Vanessa que resolveu... A Vanessa também vai! (...)

7. (...) O que acontece é que aqui o número de utentes, a proporção mesmo do número de utentes do apoio domiciliário que são duzentos, acaba por absorver efetivamente uma grande parte do tempo, mas a Vanessa continua a estar presente... É diferente, só que nós como estamos já, porque nós já cá estávamos quando a Vanessa veio! A Assistente Social que estava cá anteriormente saiu e durante algum tempo não houve Assistente Social, fui eu e a Camila que estivemos cá e as coisas foram-se encaminhando e fomos, não havia mais ninguém e tínhamos de ser nós a fazer e fomos fazendo... Entretanto a Irmã que cá estava, a diretora anterior delegou em nós estas funções técnicas, porque eramos nós que fazíamos... Com a vinda da Vanessa, a Vanessa acabou por nos apoiar e fazer parte, mas a verdade é que uma grande parte do trabalho sou eu e a Camila que fazemos (...)
8. [*Articulação do vosso trabalho com o trabalho da Assistente Social*] e[b]: É com reuniões, para já porque temos uma relação relativamente informal, porque os gabinetes...temos a grande vantagem dos utentes descenderem, grande parte deles desce, estão aqui no Centro de Dia, depois temos, agora também está aí a Inês como estagiária, mas temos um grupo de voluntários, temos as Irmãs lá em cima, temos a animadora, a auxiliar e a fisioterapeuta que se acontecer alguma situação anómala sinalizam-nos para nós, tanto sinalizam para mim como para a Camila como para a Vanessa, pronto... (...)
9. É um bocadinho aí, não há hierarquia, no fundo é quem está mais disponível ou quem está cá acaba por intervir! Depois temos reuniões semanais, que aí sim, se discute, Centro de Dia, Apoio Domiciliário e lar, o funcionamento do lar... paralelamente a isto tentamos, tem sido difícil, calendarizar com a Irmã Florinda estas tais reuniões, pronto... Mas ainda assim, a Irmã Florinda sinaliza também, normalmente é para “apagar fogos”, sinaliza cá para baixo e aí, também é um bocadinho indiferente... (...)
10. (...) Há coisas que é mais com a Camila, como Psicóloga, e aí a Irmã socorre-se da Camila como Psicóloga, coisas que tenham mais a ver às vezes, por exemplo a relação pré-estabelecida quer com utentes quer com familiares, como somos nós muitas vezes que damos mais a cara, (...)
11. (...) a Vanessa faz parte da entrevista de seleção, mas depois todo o processo de admissão é connosco, a ponte com a família acaba por ser connosco, depois

comunicamos a comparticipação que é calculada em conjunto, mas comunicamos, somos nós mais uma vez, as pessoas acabam por estabelecer uma relação connosco, e é um ciclo vicioso e depois acabam por vir ter connosco quando há questões, (...)

12. (...) depois também tem a ver com preferências, os utentes também têm preferências das pessoas com quem gostam mais de falar, preferem falar mais com uma do que com outra, depois temos as reuniões com o Centro de Dia também, que agora estão um bocadinho paradas... mas tínhamos as reuniões como o Centro de Dia, este ano realizámos poucas, mas normalmente até é a Camila, porque como o Centro de Dia é uma valência à parte, é a Camila que acompanha mais de perto e a Irmã Cláudia, o Centro de Dia, mas basicamente é por e-mails... trocamos muita informação por e-mail sim!
13. e[a]: Mesmo de umas para as outras porque é mais fácil do que às vezes “Ah, tenho de dizer à Vanessa que...” e depois esqueço-me! (...) Só para não esquecer trocamos muitos e-mails, até entre nós, enviamos uma pra a outra (...) Para ficar registado porque ao menos ali sabemos que não...
14. e[b]: Fazemos uma impressão do e-mail e pomos no processo... Quem (...) recebeu uma queixa, ou recebeu qualquer coisa, fica logo lá, mas basicamente é através das reuniões, distribuímos o trabalho, é muito através das reuniões...
15. e[a]: Ainda agora a Vanessa, me deu um caso de Centro de Dia e, um caso novo de um senhor para entrar no Centro de Dia, deu-me os contactos e pediu-me para eu ligar à filha porque ela está a fazer as guias do Apoio Domiciliário, pediu-me se podia ligar à filha para marcar para virem cá, portanto temos sempre essa articulação diária...
16. e[b]: A Vanessa já fez a recolha da informação (...) descreve a situação, sinaliza e depois traz para aqui! (...)
17. *[Intervenção baseada num modelo do Serviço Social]* e[a]: Não foi propriamente uma situação combinada, mas acabamos por utilizar um Modelo Sistémico, preocupamo-nos com tudo o que diga respeito aos utentes, tudo o que envolva o utente, a família, o meio de onde veio, tentamos enquadrar muito bem as pessoas nesse sentido, portanto acabamos por utilizar um Modelo Sistémico todas nós, acho que é um modelo da instituição... não só nós, mas da instituição que tem esse cuidado de abordar os vários aspetos do utente...

18. [*É suficiente o acompanhamento prestado aos utentes*] (...) Com esta população nunca é suficiente porque as pessoas têm muitas necessidades, muitas limitações, e portanto...
19. [*O que falta ser feito de momento*] e[a]: Era preciso termos uma bolsa de voluntários, por exemplo maior que nos permitisse que houvesse um acompanhamento de um para um, mais frequente com os utentes... porque no dia-a-dia e com tantas coisas que temos para tratar, às vezes, não temos... nós técnicos, tanto tempo para assim para estar com os utentes um a um, no dia-a-dia, portanto, tendo uma bolsa de voluntários, que pudesse acompanhar as pessoas! Temos os estagiários também, como a Inês que são uma mais-valia porque têm mais tempo, como não têm de se preocupar com estas coisas burocráticas, acabam por ter mais tempo só para a pessoa, não é?...(...)
20. e[a]: Gostávamos de ter um Terapeuta Ocupacional (...) Temos a Fisioterapeuta que faz, começou agora a fazer umas classes de terapia ocupacional, mas gostávamos de ter um técnico dessa área, com mais disponibilidade para os utentes, que estão muito limitados de facto... também não temos a Terapia da Fala que gostávamos de ter e não temos uma carrinha por exemplo, que nos permitiria muitas saídas ao exterior que sabemos que é uma falha muito grande que temos... (...)
21. (...) E principalmente com a localização geográfica aqui do nosso Lar, está no centro da cidade, mas há aqui nada à volta, não há um café, não há um supermercadinho, não há uma loja onde uma pessoa possa ir comprar qualquer coisa, o acesso é muito difícil, isso isola aqui muitas pessoas nesta ilha, têm aqui o bar e o jardim, mas isola-as muito e como não temos um transporte nosso acaba por prejudicar, entre aspas, as pessoas! Limita-as, limita-as muito! É um projeto que temos...
22. [*Limitações a nível do financiamento*] e[a]: Sim, Sim...
23. [*Importância da discussão da temática, Solidão, num contexto de institucionalização*] e[b]: Estar sozinho no meio de tanta gente, é isso? Se calhar até é mais pertinente do que a primeira questão que abordou, se calhar é muito mais pertinente o que é que se pode fazer dentro das instituições para que as pessoas não se sintam sozinhas do que lá fora, porque lá fora já há muita gente a estudar isso, e é mais preciso dentro das instituições, eu acho que sim, que seria muito mais pertinente...

24. e[a]: Acho que é importante quando se estuda a solidão, acho que é importante estudá-la de uma forma individual porque o que é para mim estar sozinho, não tem o mesmo significado da minha colega de quarto no lar, não é? O conceito de solidão para um idoso, não é o mesmo para o idoso que partilha com ele o quarto... Portanto, dentro da instituição, sim, acho que é muito pertinente todas as discussões sobre o isolamento no meio rural, no meio urbano e é das discussões que nascem novas ideias mas acho que para nós enquanto instituição que é mais interessante e que é no fundo o que a Inês tem estado a fazer, o que é o conceito de solidão para aquela pessoa (...)
25. (...) o ideal era tentarmos uma intervenção a nível individual, a D. Ivete quer estar sozinha e o que é que nós podemos fazer? Acho que mais importante dentro das instituições não é trabalhar só no grupo, porque todas as intervenções são para o grupo praticamente e o que falha muitas vezes, não só na nossa, mas em todas as instituições é uma intervenção mais individual...e se calhar o que eu posso fazer, a solução que eu posso encontrar para uma pessoa uma e para a pessoa do lado é outra (...) E umas vezes tentar resolver uma e quando podermos tentar resolver as outras...
26. *[Medidas ou estratégias a ser adotadas no combate à solidão dos utentes institucionalizados]* e[b]: Há coisas muita giras que não combatem diretamente a solidão, não é tomar um Benurion para uma dor de cabeça, é ao contrário, é desligar o rádio para não doer a cabeça! Eu acho que passava muito por fazer uma coisa que nós temos um projeto, haja financiamento! Que tem a ver com trabalhar as famílias! (...) A ideia não é, eu não vejo as coisas assim, aquela sensibilizaçãozinha de explicar o que é um Alzheimer, não! Trabalhar emoções! Trabalhar sentimentos, frustrações, angústias, medos! (...)
27. (...) Agora já não acontece tanto, não temos tido, mas havia situações em que estava a esposa no lar e o marido sozinho em casa ou situações como uma filha que veio cá hoje, a filha está pior que a mãe, como é que a filha presta assistência à mãe se a filha precisa de mais assistência que a mãe? Esse tipo de coisas... A própria filha esteve aqui a conversar connosco e expressava uma série de sentimentos complicados de gerir, porque ela própria não sabe, não é gerir a mãe que se sente sozinho, mas ela própria precisa de ajuda para cuidar dela (...) temos outra situação de uma filha que tem não só a mãe, agora já não tem o pai, mas tinha a mãe num lar e o pai noutro, agora o pai faleceu, tem a mãe só e ainda tem a sogra! Então chegava, leva por vezes a mãe e a sogra, são dois idosos dependentes, que têm alguma dependência ainda que possa não ser física, mas em termos cognitivos, muito desorientados, não é uma coisa fácil! Tem

filhos! Como dizia no outro dia, a geração entalada! Que tem de cuidar dos filhos que estão desempregados, não têm emprego, alguns têm de cuidar dos filhos e dos netos, e dos pais que têm reformas pequenas, têm que ajudar financeiramente os pais, mas depois também têm os filhos que têm que ajudar os netos! Os filhos dos filhos, quer dizer... Esta geração que neste momento que deveria dar apoio e suporte aos nossos idosos, uma boa parte, ela própria não consegue! Não é? (...)

28. (...) E por muito suporte que se dê, lá está o que a Camila dizia, só no lar nós temos, agora está um bocadinho desfalcado, mas são cinquenta, quarenta e muitos, para si é mais o lar, mas há o lar, o Centro de Dia e o Apoio Domiciliário, e no Apoio Domiciliário há situações também muito, muito, muito graves de falta de suporte, isolamento, solidão, risco de suicídio e por aí fora! O que é que depois acaba por acontecer a nós técnicas? (...)

29. (...) No lar mal ou bem, há um ou outro voluntário, há uma animadora, há uma fisioterapeuta, há não sei quantas funcionárias, há as Irmãs, a intervenção não é direcionada mas fisicamente não estão sozinhas! Nós temos que apagar fogos, o mais urgente, o mais necessário... Uma senhora ontem ou anteontem, muito desorientada, perdeu as chaves e ela tem por hábito vir para a rua! Se ela viesse para a rua, ela não voltava a entrar! E se isto acontecesse a meio da noite? Tivemos que ir daqui, bombeiros, mandar fazer uma chave, ir lá, ver como é que... Ela queria ir para a rua atrás da gata, e perdeu uma chave a mais não sei o quê... Isto para dizer o quê? Em termos de lei, eu acho que era muito importante o trabalho com as famílias, eu acho que era essencial...

30. e[a]: Dotar as famílias de estratégias muitas vezes de poderem lidar com...

31. e[b]: Lidar com a morte, com a perda de capacidades, com os comportamentos desajustados que algumas pessoas têm e tentar ir por aí, mas obviamente que era uma psicoterapia de acompanhamento a estas pessoas não é? Psicoterapia de apoio, porque na maior parte são depressões, uma grande parte são depressões, portanto trabalhar um bocadinho esta questão! E até porque é um espaço muito individualizado! (...)

32. (...) Em termos de saúde, eu penso que os cuidados, porque também depois acaba por, a perda da audição, não é? Que faz com que o isolamento seja maior e a solidão maior, porque a pessoa não ouve, sente-se excluída, não percebe, uma pessoa não percebe porque é que está toda a gente a rir! Porque não ouviu... Em termos de cuidados de

saúde, temos a fisioterapia alargada neste momento, que é de manhã e passou a ser á tarde, em termos de cuidados de enfermagem, o médico, mas não acho que seja por aí e (...)

33. (...) depois era um trabalho de fundo com as funcionárias que tem de ir muito para além de formação, e de Alzheimers isso já não, isso estão elas fartas de ter e fartas de ouvir, posicionamentos, estimulação cognitiva, animação, isso elas, isso.... É ao contrário, é trabalha-las a elas...

34. e[a]: Porque se a própria pessoa, a própria funcionária não estiver bem consigo própria, porque muitas têm problemas com a família, não estão bem com elas, como é que vão conseguir estar bem com os idosos? Portanto, a nossa intervenção, nós gostávamos...

35. e[b]: E é uma pescadinha de rabo na boca, porque é uma profissão extremamente mal paga, muitíssimo mal paga para o trabalho físico, mental, além de que é por turnos, uma boa parte delas é por turnos, Sábados, Domingos, feriados, Natal, Páscoa, isto não fecha o lar, o salário desta categoria são 507€, fora os descontos, a alimentação nem sequer recebem subsídio, recebem a alimentação, se calhar algumas preferiam trazer uma sandes e receber mais qualquer coisa, pronto...têm filhos muitas delas, elas próprias precisam de ajuda, portanto colocamos sistematicamente pessoas que precisam de ajuda a cuidar de pessoas precisam de ajuda, logo aí... (...)

36. (...) depois eu acho, agora apareceu um processo giríssimo que é o dos RVCC's, que vão iniciar em breve se Deus quiser, e achamos que pode ser uma maneira delas se valorizarem, tentar irmos por aí, a Irmã Florinda disponibilizou uma sala, disponibilizou essa sala porque muitas não têm computador em casa ou internet, e nós todas disponibilizámo-nos para dar assistência, porque muitas nunca trabalharam com um computador, não fazem ideia de como fazer uma pesquisa no Google, o que é um Word, não sabem nada disso! Então elas são livres! Ou fazemos uma escala e elas marcam, reservam, no dia tal está a Camila, no outro dia estou eu, está a Vanessa, estamos todas...isto é transversal, Lar, Centro de Dia e Apoio Domiciliário, apanha as funcionárias todas ou então simplesmente elas marcam com quem quiserem, porque há simpatias! Se já é difícil expor-me porque eu não sei, expor-me a uma pessoa por quem eu não tenho grande simpatia, a coisa piora. (...)

37. (...) Então, acho que os eixos de intervenção eram no pessoal, e nas famílias e porque se mudarmos à volta, o idoso vai sentir a mudança, não é? E isso vai fazer com que ele

se sinta melhor e menos isolado. Além do mais, eu puxo a brasa à minha sardinha, a psicologia, não é? A questão do luto, quando morre os filhos, os irmãos, não é? As pessoas muitas delas, uma senhora que me dizia “Viver muito não é bom porque já não tenho ninguém, perdi-os todos!”, tinha cem anos, era alguém que dizia, tinha noventa e muitos...

38. e[a]: Até há uma frase muito gira que diz “Toda a gente quer viver muito, mas ninguém quer ser velho”, não é? E o viver muito implica que perdem...
39. [Capacidades] e[a]: Para além das capacidades físicas, uma pessoa que viva quase cem anos, perde toda a gente (...) Todas as pessoas de referência...
40. e[b]: A casa, depois vem para o lar, perde a casa, perde as coisas dela, perde a privacidade, perde a autonomia muitas vezes, as rotinas, quase tudo a perder e é difícil trabalhar isto, é muito difícil encontrar...é engraçado, há um estudo muito giro que eu estive a ler no outro dia, aquilo não é bem um estudo, é um livro de um psicólogo/psiquiatra, a tradução era brasileira, aquilo era alemão, que esteve num campo de concentração, e a história é como é que ele conseguiu sobreviver, ele também perdeu toda a gente, eu acho que ele era casado, não tenho a certeza se ele tinha filhos, foram separados, ele foi para um campo de concentração, e ele diz que por uma série de felizes coincidências, várias vezes escapou às câmaras de gás (...) então ele a dada altura, primeiro descreve e depois faz uma análise à luz da teoria que ele segue, o que nos faz não desistir é ter um objetivo, é manter um objetivo! E ele a dada altura fala disso, como é que se conseguia diariamente redefinir objetivos (...)
41. (...) e eu acho que o que muitas vezes acontece é que nós não conseguimos chegar aí com essas pessoas, não conseguimos que elas tenham objetivos, e às vezes podem ser coisas muito pequeninas, mas isto exigia uma atenção quase de um para um assim como a estimulação cognitiva de grande dependentes, uma Judite por exemplo, uma intervenção, apesar da Judite não ser um idoso, que a Judite nem sequer é idosa, não tem idade para ser considerada idosa, tinha de ser diário, repetitivo, diário...
42. e[a]: Não temos pessoal suficiente para o que era ideal, para o que nós sabemos que devia ser mas não conseguimos porque não temos tempo nós, somos muito poucas se formos a ver...

43. e[b]: Sim, mapas da Segurança Social, relatórios, admissões... [mostra mapa de férias das funcionárias] É daí que o que fazemos não é de Assistente Social, não é de gestoras, no fundo eu e a Camila, tenho dividido sempre com a Camila, a Camila foi minha estagiária na parte da formação e temos vindo a trabalhar sempre juntas e isto acabou por...
44. e[a]: Isto não é de Psicóloga, nem de Assistente Social...
45. e[b]: É de Assistente social, se tiver na posição de Diretora Técnica, nós chamamos-lhe coordenação, no fundo é coordenar os sectores e a parte burocrática, as férias, as faltas, as participações acabam por vir, porque acabo por ser eu a pessoa responsável não é? O que é que anda a fazer e isso passa por aqui, uma supervisão... as Assistentes Sociais mesmo no Apoio domiciliário, calculam, fazem um parecer, o porquê daquele valor e submetem à consideração e depois daqui leva sim ou não... muitas vezes é sim! Porque elas é que conhecem as situações, elas é que têm a sensibilidade de estar lá e ver (...) Mas este nosso trabalho não é, é de Assistente Social no sentido em que tradicionalmente o cargo de Diretora Técnica era das Assistentes Sociais, tradicionalmente, pronto... Assistentes Sociais, homens ou mulheres tem sido, a escolha de sermos nós, quero acreditar que por mérito, e também por antiguidade, não é? Já cá estamos há muitos anos, viemos para cá no último ano da faculdade, a Camila ainda fez uma interrupção mas eu nunca fiz, estive aqui, estive no Lar da Estrela, passei para o Apoio Domiciliário, e é natural que as pessoas já conhecessem o meu trabalho, já me conhecessem muito bem, as colegas que estavam cá, já não estão todas, mas também me conheciam, também me validavam a minha intervenção e daí estar num cargo de Direção Técnica, não de Assistente Social, até porque eu não meto a foice em ceara alheia... (...)

**ANÁLISE DE CONTEÚDO DA ENTREVISTA À
COORDENAÇÃO TÉCNICA**

Grelha de Categorização da Entrevista nº1

Dimensões	Categorias	Subcategorias
1. Coordenação técnica	1.1. Funções	1.1.1. Apoio Psicológico
		1.1.2. Coordenação Técnica
	1.2. Serviço Social	1.2.1. Articulação com a Assistente Social
		1.2.2. Funções da Assistente Social
		1.2.3. Modelo de Intervenção
	1.3. Expectativas	
	1.4. Constrangimentos	1.4.1. Organizacionais
		1.4.2. Financeiros
		1.4.3. Espaço Físico
2. Solidão	2.1. Relevância do estudo	
	2.2. Solidão da pessoa institucionalizada	
	2.3. Intervenção	2.3.1. Com os utentes
		2.3.2. Com as famílias
		2.3.3. Com os profissionais

Grelha de Categorização da Entrevista nº1

Dimensões	Categorias	Subcategorias	Unidades de Sentido
3. Coordenação técnica	3.1. Funções	3.1.1. Tempo na instituição	<p>[<i>Há quanto tempo trabalham na instituição</i>] e[a]: Eu fiz o estágio do último ano da faculdade em dois mil e dois, dois mil e três, depois fui-me embora e depois fui convidada a ficar a trabalhar em Setembro de dois mil e quatro, portanto trabalho cá desde Setembro de dois mil e quatro... (e[a], U.S.1)</p> <p>(...) E eu desde dois mil... (...) (e[b], U.S. 2)</p>
		3.1.2. Apoio Psicológico	<p>[<i>Sempre desempenharam a função de psicólogas</i>] Eu sim! E depois a partir de dois mil e oito (...) a partir de Março de dois mil e oito acumulei à função de psicóloga a função de assessoria da coordenação técnica, digamos assim... (...) (e[a], U.S. 3)</p> <p>(...) e Eu desde dois mil e oito que tenho funções de direção técnica e anteriormente foi sempre como psicóloga... (...) (e[b], U.S. 4)</p> <p>(...) Há coisas que é mais com a Camila, como Psicóloga, e aí a Irmã socorre-se da Camila como Psicóloga, coisas que tenham mais a ver às vezes, por exemplo a relação pré-estabelecida quer com utentes quer com familiares, como somos nós muitas vezes que damos mais a cara, (...) (e[b], U.S. 10)</p>
		3.1.3. Coordenação Técnica	<p>[<i>Desempenham o papel da Assistente Social</i>] Direção técnica, não de Assistente Social, é diferente...eu estou como diretora técnica e a Camila está como minha assessora, daí que o trabalho com mais visibilidade seja exatamente o nosso porque as coisas passam todas por aqui, ainda que no lar não seja propriamente direção técnica porque isso é a Irmã Florinda, contudo a Irmã Florinda delega em nós toda a parte vamos lá, burocrática/administrativa do lar, seja (...) Recolha de documentação, cálculos de participações, entrevistas dos candidatos, de admissão, articulação com as famílias, toda essa parte a Irmã Florinda delega em nós, ainda que seja em articulação com a Irmã Florinda,</p>

			<p>sempre... A Irmã Florinda é que aprova, a palavra final é sempre da Irmã Florinda, (...) (e[b], U.S. 5)</p> <p>(...) O que acontece é que aqui o número de utentes, a proporção mesmo do número de utentes do apoio domiciliário que são duzentos, acaba por absorver efetivamente uma grande parte do tempo, mas a Vanessa continua a estar presente... É diferente, só que nós como estamos já, porque nós já cá estávamos quando a Vanessa veio! A Assistente Social que estava cá anteriormente saiu e durante algum tempo não houve Assistente Social, fui eu e a Camila que estivemos cá e as coisas foram-se encaminhando e fomos, não havia mais ninguém e tínhamos de ser nós a fazer e fomos fazendo... Entretanto a Irmã que cá estava, a diretora anterior delegou em nós estas funções técnicas, porque eramos nós que fazíamos... Com a vinda da Vanessa, a Vanessa acabou por nos apoiar e fazer parte, mas a verdade é que uma grande parte do trabalho sou eu e a Camila que fazemos (...) (e[b], U.S. 7)</p> <p>(...) a Vanessa faz parte da entrevista de seleção, mas depois todo o processo de admissão é connosco, a ponte com a família acaba por ser connosco, depois comunicamos a comparticipação que é calculada em conjunto, mas comunicamos, somos nós mais uma vez, as pessoas acabam por estabelecer uma relação connosco, e é um ciclo vicioso e depois acabam por vir ter connosco quando há questões, (...) (e[b], U.S. 11)</p> <p>(...) Sim, mapas da Segurança Social, relatórios, admissões... [mostra mapa de férias das funcionárias] É daí que o que fazemos não é de Assistente Social, não é de gestoras, no fundo eu e a Camila, tenho dividido sempre com a Camila, a Camila foi minha estagiária na parte da formação e temos vindo a trabalhar sempre juntas e isto acabou por...() (e[b], U.S. 43)</p> <p>(...) Isto não é de Psicóloga, nem de Assistente Social...() (e[a], U.S. 44)</p> <p>(...) É de Assistente social, se tiver na posição de Diretora Técnica, nós chamamos-lhe coordenação, no fundo é coordenar os sectores e a parte burocrática, as férias, as faltas, as comparticipações acabam por vir, porque acabo por ser eu a pessoa responsável não é? O que é que anda a fazer e isso</p>
--	--	--	--

			<p>passa por aqui, uma supervisão... as Assistentes Sociais mesmo no Apoio domiciliário, calculam, fazem um parecer, o porquê daquele valor e submetem à consideração e depois daqui leva sim ou não... muitas vezes é sim! Porque elas é que conhecem as situações, elas é que têm a sensibilidade de estar lá e ver (...) Mas este nosso trabalho não é, é de Assistente Social no sentido em que tradicionalmente o cargo de Diretora Técnica era das Assistentes Sociais, tradicionalmente, pronto... Assistentes Sociais, homens ou mulheres tem sido, a escolha de sermos nós, quero acreditar que por mérito, e também por antiguidade, não é? Já cá estamos há muitos anos, viemos para cá no último ano da faculdade, a Camila ainda fez uma interrupção mas eu nunca fiz, estive aqui, estive no Lar da Estrela, passei para o Apoio Domiciliário, e é natural que as pessoas já conhecessem o meu trabalho, já me conhecessem muito bem, as colegas que estavam cá, já não estão todas, mas também me conheciam, também me validavam a minha intervenção e daí estar num cargo de Direção Técnica, não de Assistente Social, até porque eu não meto a foice em ceara alheia... (...) (e[b], U.S. 45)</p>
	3.2. Serviço Social	3.2.1. Articulação com a Assistente Social	<p>[<i>Articulação do vosso trabalho com o trabalho da Assistente Social</i>] e[b]: É com reuniões, para já porque temos uma relação relativamente informal, porque os gabinetes...temos a grande vantagem dos utentes descenderem, grande parte deles desce, estão aqui no Centro de Dia, depois temos, agora também está aí a Inês como estagiária, mas temos um grupo de voluntários, temos as Irmãs lá em cima, temos a animadora, a auxiliar e a fisioterapeuta que se acontecer alguma situação anómala sinalizam-nos para nós, tanto sinalizam para mim como para a Camila como para a Vanessa, pronto... (...) (e[b], U.S. 8)</p> <p>(...) É um bocadinho aí, não há hierarquia, no fundo é quem está mais disponível ou quem está cá acaba por intervir! Depois temos reuniões semanais, que aí sim, se discute, Centro de Dia, Apoio Domiciliário e lar, o funcionamento do lar... paralelamente a isto tentamos, tem sido difícil, calendarizar com a Irmã Florinda estas tais reuniões, pronto... Mas ainda assim, a Irmã Florinda sinaliza também, normalmente é para “apagar fogos”, sinaliza cá para baixo e aí, também é um bocadinho indiferente... (...) (e[b], U.S. 9)</p> <p>(...) depois também tem a ver com preferências, os utentes também têm preferências das pessoas com quem gostam mais de falar, preferem falar mais</p>

			<p>com uma do que com outra, depois temos as reuniões com o Centro de Dia também, que agora estão um bocadinho paradas... mas tínhamos as reuniões como o Centro de Dia, este ano realizámos poucas, mas normalmente até é a Camila, porque como o Centro de Dia é uma valência à parte, é a Camila que acompanha mais de perto e a Irmã Cláudia, o Centro de Dia, mas basicamente é por e-mails... trocamos muita informação por e-mail sim! (...) (e[b], U.S. 12)</p> <p>(...) Mesmo de umas para as outras porque é mais fácil do que às vezes “Ah, tenho de dizer à Vanessa que...” e depois esqueço-me! (...) Só para não esquecer trocamos muitos e-mails, até entre nós, enviamos uma pra a outra (...) Para ficar registado porque ao menos ali sabemos que não...(e[a], U.S. 13)</p> <p>(...) Fazemos uma impressão do e-mail e pomos no processo... Quem (...) recebeu uma queixa, ou recebeu qualquer coisa, fica logo lá, mas basicamente é através das reuniões, distribuimos o trabalho, é muito através das reuniões... (e[b], U.S. 14)</p>
		3.2.2. Funções da Assistente Social	<p>(...) o que acontece é que a Vanessa [Assistente Social], atendendo a que no lar também não há tanta admissões como no apoio domiciliário que é muito mais variável, a Vanessa está, e vai inclusivamente quando as entrevistas são no exterior, por exemplo pessoas que estão dependentes para vir para o lar, porque as entrevistas de avaliação são feitas no domicílio (...) Ou no Hospital, a Vanessa também vai e também participa no cálculo das participações...houve agora uma situação com o Sr. Manuel, foi a Vanessa que resolveu... A Vanessa também vai! (...) (e[b], U.S. 6)</p> <p>(...) a Vanessa faz parte da entrevista de seleção, mas depois todo o processo de admissão é connosco, a ponte com a família acaba por ser connosco, depois comunicamos a participação que é calculada em conjunto, mas comunicamos, somos nós mais uma vez, as pessoas acabam por estabelecer uma relação connosco, e é um ciclo vicioso e depois acabam por vir ter connosco quando há questões, (...) (e[b], U.S. 11)</p> <p>(...) Ainda agora a Vanessa, me deu um caso de Centro de Dia e, um caso novo de um senhor para entrar no Centro de Dia, deu-me os contactos e pediu-me</p>

			<p>para eu ligar á filha porque ela está a fazer as guias do Apoio Domiciliário, pediu-me se podia ligar à filha para marcar para virem cá, portanto temos sempre essa articulação diária... (...) (e[a], U.S. 15)</p> <p>(...) A Vanessa já fez a recolha da informação (...) descreve a situação, sinaliza e depois traz para aqui! (...) (e[b], U.S. 16)</p>
		3.2.3. Modelo de Intervenção	<p>[<i>Intervenção baseada num modelo do Serviço Social</i>] Não foi propriamente uma situação combinada, mas acabamos por utilizar um Modelo Sistémico, preocupamo-nos com tudo o que diga respeito aos utentes, tudo o que envolva o utente, a família, o meio de onde veio, tentamos enquadrar muito bem as pessoas nesse sentido, portanto acabamos por utilizar um Modelo Sistémico todas nós, acho que é um modelo da instituição... não só nós, mas da instituição que tem esse cuidado de abordar os vários aspetos do utente... (...) (e[a], U.S. 17)</p>
	3.3. Expectativas		<p>[<i>O que falta ser feito de momento</i>] Era preciso termos uma bolsa de voluntários, por exemplo maior que nos permitisse que houvesse um acompanhamento de um para um, mais frequente com os utentes... porque no dia-a-dia e com tantas coisas que temos para tratar, às vezes, não temos... nós técnicos, tanto tempo para assim para estar com os utentes um a um, no dia-a-dia, portanto, tendo uma bolsa de voluntários, que pudesse acompanhar as pessoas! Temos os estagiários também, como a Inês que são uma mais-valia porque têm mais tempo, como não têm de se preocupar com estas coisas burocráticas, acabam por ter mais tempo só para a pessoa, não é?... (...) (e[a], U.S. 19)</p> <p>(...) Gostávamos de ter um Terapeuta Ocupacional (...) Temos a Fisioterapeuta que faz, começou agora a fazer umas classes de terapia ocupacional, mas gostávamos de ter um técnico dessa área, com mais disponibilidade para os utentes, que estão muito limitados de facto... também não temos a Terapia da Fala que gostávamos de ter e não temos uma carrinha por exemplo, que nos permitiria muitas saídas ao exterior que sabemos que é uma falha muito grande que temos... (...) (e[a], U.S. 20)</p>
	3.4. Constrangimentos	3.4.1. Organizacionais	<p>[<i>O que falta ser feito de momento</i>] Era preciso termos uma bolsa de voluntários, por exemplo maior que nos permitisse que houvesse um acompanhamento de um para um, mais frequente com os utentes... porque no dia-a-dia e com tantas</p>

			<p>coisas que temos para tratar, às vezes, não temos...nós técnicos, tanto tempo para assim para estar com os utentes um a um, no dia-a-dia, portanto, tendo uma bolsa de voluntários, que pudesse acompanhar as pessoas! Temos os estagiários também, como a Inês que são uma mais-valia porque têm mais tempo, como não têm de se preocupar com estas coisas burocráticas, acabam por ter mais tempo só para a pessoa, não é?...(...) (e[a], U.S. 19)</p> <p>(...) Não temos pessoal suficiente para o que era ideal, para o que nós sabemos que devia ser mas não conseguimos porque não temos tempo nós, somos muito poucas se formos a ver...(...) (e[a], U.S. 42)</p>
		3.4.2. Financeiros	[<i>Limitações a nível do financiamento</i>] Sim, Sim... (e[a], U.S. 22)
		3.4.3. Espaço Físico	(...) E principalmente com a localização geográfica aqui do nosso Lar, está no centro da cidade, mas há aqui nada à volta, não há um café, não há um supermercadozinho, não há uma loja onde uma pessoa possa ir comprar qualquer coisa, o acesso é muito difícil, isso isola aqui muitas pessoas nesta ilha, têm aqui o bar e o jardim, mas isola-as muito e como não temos um transporte nosso acaba por prejudicar, entre aspas, as pessoas! Limita-as, limita-as muito! É um projeto que temos...(e[a], U.S. 21)
4. Solidão	4.1. Relevância do estudo		<p>[<i>Importância da discussão da temática, Solidão, num contexto de institucionalização</i>] Estar sozinho no meio de tanta gente, é isso? Se calhar até é mais pertinente do que a primeira questão que abordou, se calhar é muito mais pertinente o que é que se pode fazer dentro das instituições para que as pessoas não se sintam sozinhas do que lá fora, porque lá fora já há muita gente a estudar isso, e é mais preciso dentro das instituições, eu acho que sim, que seria muito mais pertinente...(e[b], U.S. 23)</p> <p>(...) Acho que é importante quando se estuda a solidão, acho que é importante estudá-la de uma forma individual porque o que é para mim estar sozinho, não tem o mesmo significado da minha colega de quarto no lar, não é? O conceito de solidão para um idoso, não é o mesmo para o idoso que partilha com ele o quarto... Portanto, dentro da instituição, sim, acho que é muito pertinente todas as discussões sobre o isolamento no meio rural, no meio urbano e é das discussões que nascem novas ideias mas acho que para nós enquanto instituição</p>

			que é mais interessante e que é no fundo o que a Inês tem estado a fazer, o que é o conceito de solidão para aquela pessoa (...) (e[a], U.S. 24)
	2.2. Solidão da pessoa institucionalizada		<p>(...) Até há uma frase muito gira que diz “Toda a gente quer viver muito, mas ninguém quer ser velho”, não é? E o viver muito implica que perdem...(...) (e[a], U.S. 38)</p> <p>(...) [<i>Capacidades</i>] Para além das capacidades físicas, uma pessoa que viva quase cem anos, perde toda a gente (...) Todas as pessoas de referência...(...) (e[a], U.S. 39)</p> <p>(...) A casa, depois vem para o lar, perde a casa, perde as coisas dela, perde a privacidade, perde a autonomia muitas vezes, as rotinas, quase tudo a perder e é difícil trabalhar isto, é muito difícil encontrar...é engraçado, há um estudo muito giro que eu estive a ler no outro dia, aquilo não é bem um estudo, é um livro de um psicólogo/psiquiatra, a tradução era brasileira, aquilo era alemão, que esteve num campo de concentração, e a história é como é que ele conseguiu sobreviver, ele também perdeu toda a gente, eu acho que ele era casado, não tenho a certeza se ele tinha filhos, foram separados, ele foi para um campo de concentração, e ele diz que por uma série de felizes coincidências, várias vezes escapou às câmaras de gás (...) então ele a dada altura, primeiro descreve e depois faz uma análise à luz da teoria que ele segue, o que nos faz não desistir é ter um objetivo, é manter um objetivo! E ele a dada altura fala disso, como é que se conseguia diariamente redefinir objetivos (...) (e[b], U.S. 40)</p>
	2.3. Intervenção	2.3.1. Com os utentes	<p>(...) o ideal era tentarmos uma intervenção a nível individual, a D. Ivete quer estar sozinha e o que é que nós podemos fazer? Acho que mais importante dentro das instituições não é trabalhar só no grupo, porque todas as intervenções são para o grupo praticamente e o que falha muitas vezes, não só na nossa, mas em todas as instituições é uma intervenção mais individual...e se calhar o que eu posso fazer, a solução que eu posso encontrar para uma pessoa uma e para a pessoa do lado é outra (...) E umas vezes tentar resolver uma e quando podermos tentar resolver as outras...(...) (e[a], U.S. 25)</p> <p>(...) E por muito suporte que se dê, lá está o que a Camila dizia, só no lar nós</p>

			<p>temos, agora está um bocadinho desfalcado, mas são cinquenta, quarenta e muitos, para si é mais o lar, mas há o lar, o Centro de Dia e o Apoio Domiciliário, e no Apoio Domiciliário há situações também muito, muito, muito graves de falta de suporte, isolamento, solidão, risco de suicídio e por aí fora! O que é que depois acaba por acontecer a nós técnicas? (...) (e [b], U.S. 28)</p> <p>(...) No lar mal ou bem, há um ou outro voluntário, há uma animadora, há uma fisioterapeuta, há não sei quantas funcionárias, há as Irmãs, a intervenção não é direcionada mas fisicamente não estão sozinhas! Nós temos que apagar fogos, o mais urgente, o mais necessário... Uma senhora ontem ou anteontem, muito desorientada, perdeu as chaves e ela tem por hábito vir para a rua! Se ela viesse para a rua, ela não voltava a entrar! E se isto acontecesse a meio da noite? Tivemos que ir daqui, bombeiros, mandar fazer uma chave, ir lá, ver como é que... Ela queria ir para a rua atrás da gata, e perdeu uma chave a mais não sei o quê... Isto para dizer o quê? Em termos de lei, eu acho que era muito importante o trabalho com as famílias, eu acho que era essencial... (e[b], U.S. 29)</p> <p>(...) Em termos de saúde, eu penso que os cuidados, porque também depois acaba por, a perda da audição, não é? Que faz com que o isolamento seja maior e a solidão maior, porque a pessoa não ouve, sente-se excluída, não percebe, uma pessoa não percebe porque é que está toda a gente a rir! Porque não ouviu... Em termos de cuidados de saúde, temos a fisioterapia alargada neste momento, que é de manhã e passou a ser á tarde, em termos de cuidados de enfermagem, o médico, mas não acho que seja por aí e (...) (e[b], U.S. 32)</p> <p>(...) Então, acho que os eixos de intervenção eram no pessoal, e nas famílias e porque se mudarmos à volta, o idoso vai sentir a mudança, não é? E isso vai fazer com que ele se sinta melhor e menos isolado. Além do mais, eu puxo a brasa à minha sardinha, a psicologia, não é? A questão do luto, quando morre os filhos, os irmãos, não é? As pessoas muitas delas, uma senhora que me dizia “Viver muito não é bom porque já não tenho ninguém, perdi-os todos!”, tinha cem anos, era alguém que dizia, tinha noventa e muitos... (...) (e[b], U.S. 37)</p> <p>(...) e eu acho que o que muitas vezes acontece é que nós não conseguimos</p>
--	--	--	--

			<p>chegar aí com essas pessoas, não conseguimos que elas tenham objetivos, e às vezes podem ser coisas muito pequeninas, mas isto exigia uma atenção quase de um para um assim como a estimulação cognitiva de grande dependentes, uma Judite por exemplo, uma intervenção, apesar da Judite não ser um idoso, que a Judite nem sequer é idosa, não tem idade para ser considerada idosa, tinha de ser diário, repetitivo, diário...(...) (e[b], U.S. 41)</p>
		2.3.2. Com as famílias	<p>[<i>Medidas ou estratégias a ser adotadas no combate à solidão dos utentes institucionalizados</i>] Há coisas muita giras que não combatem diretamente a solidão, não é tomar um Benurom para uma dor de cabeça, é ao contrário, é desligar o rádio para não doer a cabeça! Eu acho que passava muito por fazer uma coisa que nós temos um projeto, haja financiamento! Que tem a ver com trabalhar as famílias! (...) A ideia não é, eu não vejo as coisas assim, aquela sensibilizaçãozinha de explicar o que é um Alzheimer, não! Trabalhar emoções! Trabalhar sentimentos, frustrações, angustias, medos! (...) (e[b], U.S. 26)</p> <p>(...) Agora já não acontece tanto, não temos tido, mas havia situações em que estava a esposa no lar e o marido sozinho em casa ou situações como uma filha que veio cá hoje, a filha está pior que a mãe, como é que a filha presta assistência à mãe se a filha precisa de mais assistência que a mãe? Esse tipo de coisas... A própria filha esteve aqui a conversar connosco e expressava uma série de sentimentos complicados de gerir, porque ela própria não sabe, não é gerir a mãe que se sente sozinha, mas ela própria precisa de ajuda para cuidar dela (...) temos outra situação de uma filha que tem não só a mãe, agora já não tem o pai, mas tinha a mãe num lar e o pai noutro, agora o pai faleceu, tem a mãe só e ainda tem a sogra! Então chegava, leva por vezes a mãe e a sogra, são dois idosos dependentes, que têm alguma dependência ainda que possa não ser física, mas em termos cognitivos, muito desorientados, não é uma coisa fácil! Tem filhos! Como dizia no outro dia, a geração entalada! Que tem de cuidar dos filhos que estão desempregados, não têm emprego, alguns têm de cuidar dos filhos e dos netos, e dos pais que têm reformas pequenas, têm que ajudar financeiramente os pais, mas depois também têm os filhos que têm que ajudar os netos! Os filhos dos filhos, quer dizer... Esta geração que neste momento que deveria dar apoio e suporte aos nossos idosos, uma boa parte, ela própria não consegue! Não é? (...) (e[b], U.S. 27)</p>

			<p>(...) Dotar as famílias de estratégias muitas vezes de poderem lidar com...(e[a], U.S. 30)</p> <p>(...) Lidar com a morte, com a perda de capacidades, com os comportamentos desajustados que algumas pessoas têm e tentar ir por aí, mas obviamente que era uma psicoterapia de acompanhamento a estas pessoas não é? Psicoterapia de apoio, porque na maior parte são depressões, uma grande parte são depressões, portanto trabalhar um bocadinho esta questão! E até porque é um espaço muito individualizado! (...) (e[b], U.S. 31)</p>
		2.3.3. Com os profissionais	<p>(...) depois era um trabalho de fundo com as funcionárias que tem de ir muito para além de formação, e de Alzheimers isso já não, isso estão elas fartas de ter e fartas de ouvir, posicionamentos, estimulação cognitiva, animação, isso elas, isso.... É ao contrário, é trabalha-las a elas...(e[b], U.S. 33)</p> <p>(...) Porque se a própria pessoa, a própria funcionária não estiver bem consigo própria, porque muitas têm problemas com a família, não estão bem com elas, como é que vão conseguir estar bem com os idosos? Portanto, a nossa intervenção, nós gostávamos... (...) (e[a], U.S. 34)</p> <p>(...) E é uma pescadinha de rabo na boca, porque é uma profissão extremamente mal paga, muitíssimo mal paga para o trabalho físico, mental, além de que é por turnos, uma boa parte delas é por turnos, Sábados, Domingos, feriados, Natal, Páscoa, isto não fecha o lar, o salário desta categoria são 507€, fora os descontos, a alimentação nem sequer recebem subsídio, recebem a alimentação, se calhar algumas preferiam trazer uma sandes e receber mais qualquer coisa, pronto...têm filhos muitas delas, elas próprias precisam de ajuda, portanto colocamos sistematicamente pessoas que precisam de ajuda a cuidar de pessoas precisam de ajuda, logo aí... (...) (e[b], U.S. 35)</p> <p>(...) depois eu acho, agora apareceu um processo giríssimo que é o dos RVCC's, que vão iniciar em breve se Deus quiser, e achamos que pode ser uma maneira delas se valorizarem, tentar irmos por aí, a Irmã Florinda disponibilizou uma sala, disponibilizou essa sala porque muitas não têm computador em casa ou internet, e nós todas disponibilizámo-nos para dar assistência, porque muitas nunca trabalharam com um computador, não fazem ideia de como fazer uma</p>

			<p>pesquisa no Google, o que é um Word, não sabem nada disso! Então elas são livres! Ou fazemos uma escala e elas marcam, reservam, no dia tal está a Camila, no outro dia estou eu, está a Vanessa, estamos todas...isto é transversal, Lar, Centro de Dia e Apoio Domiciliário, apanha as funcionárias todas ou então simplesmente elas marcam com quem quiserem, porque há simpatias! Se já é difícil expor-me porque eu não sei, expor-me a uma pessoa por quem eu não tenho grande simpatia, a coisa piora. (...) (e[b], U.S. 36)</p>
--	--	--	--

ANEXO E



FICHA DE AVALIAÇÃO

NOME: _____ Data de avaliação: ____ / ____ / ____

AUTONOMIA I	INDEPENDENTE (0)	DEPENDÊNCIA PARCIAL LIGEIRA (1)	DEPENDÊNCIA PARCIAL MODERADA (2)	DEPENDENTE (3)		TOTAL	PONDERAÇÃO (10%)
AVD (básicas)							
AUTONOMIA II	INDEPENDENTE (0)	DEPENDÊNCIA PARCIAL LIGEIRA (1)	DEPENDÊNCIA PARCIAL MODERADA (2)	DEPENDENTE (3)		TOTAL	PONDERAÇÃO (5%)
AVD (instrumentais)							
CRITÉRIOS SÓCIO- ECONOMICOS	MUITO FRACO (5)	FRACO (4)	RAZOAVEL (3)	BOM (2)	MT BOM (1)	TOTAL	PONDERAÇÃO (10%)
SITUAÇÃO ECONÓMICA							
CONDIÇÕES HABITACIONAIS							
REDE DE SUPORTE	SEM RELAÇÃO (4)	PARTICIPAÇÃO LIGEIRA (3)	PARTICIPAÇÃO SIGNIFICATIVA (2)	COM INTEGRAÇÃO (1)		TOTAL	PONDERAÇÃO (10%)
SUPORTE FAMILIAR							
SUPORTE SOCIAL							
CRITÉRIOS PESSOAIS	FRACA (1)	RAZOAVEL (2)	BOA (3)	MUITO BOA (4)		TOTAL	PONDERAÇÃO (25%)
MOTIVAÇÃO PARA O INTERNAMENTO							
CRITÉRIOS INSTITUCIONAIS	NÃO (0)	SIM (3)	ONDE? QUEM?			TOTAL	PONDERAÇÃO (10%)
É OU FOI UTENTE DE OUTRO SERVIÇO DA INSTITUIÇÃO?							
TEM OU TEVE OUTROS FAMILIARES NA INSTITUIÇÃO?							
INSCRIÇÃO	< 1 ANO (1)	1 A 5 ANOS (2)	> 5 ANOS (3)			TOTAL	PONDERAÇÃO (10%)
DATA DE INSCRIÇÃO							
OUTROS CRITÉRIOS RELEVANTES	COD. 1 (1)	COD. 2 (1)	COD. 3 (1)	COD. 4 (1)	COD. 5 (1)	TOTAL	PONDERAÇÃO (20%)

TOTAL MÁXIMO	42	TOTAL FINAL	
PONTUAÇÃO MÁXIMA	5.15	PONTUAÇÃO FINAL	